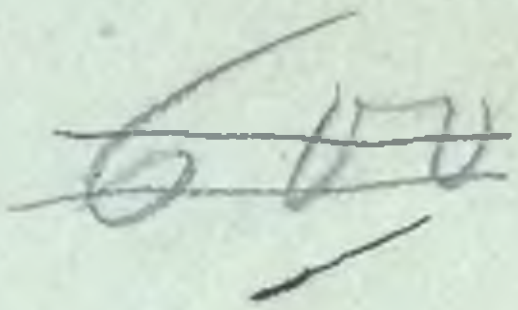
2800



1800
11.
27002

PRIMICIAS EVANGELICAS,

DO PADRE

D. RAFAEL BLVTEAV,

CLERIGO REGVLAR THEATINO

da diuina Prouidẽcia, Calificador do S. Officio.

OFFERECIDAS AO

GRAM DVQVE DE TOSCANA.

ARQUIVO DAS CONGREGAÇÕES LISBOA

BIBLIOTHECA COLLEGII CAMPOLIDENSIS

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

LISBOA.

Na Officina de JOAM DA COSTA.

M.DC.LXXVI.

Com todas as licenças necessarias, & Priuilegio Real.

LISBOA

A SERENISSIMA ALTEZA
DE
COSMO TERCEIRO
Gram Duque de Toſcana.

SERENISSIMO PRINCEPE.

A DEOS, & aos Princepes (que ſam os ſubſtitutos de Deos na adminiſtraçaõ dos Imperios) conuem, que ſe offereçaõ todas as primicias. Ià conſagrei a Deos eſtas Primicias Euangelicas, quando as recitei nos pulpitos, agora que com viſiueis caracteres ſaem à luz do mundo, as offereço victimas de ob-

ſequio, ao trono de V. A. fiado em que a Mageſtade de tam ſoberano aſilo, lhes communique aquella ſingular prerogatiua, que antigamente participauam todas as primicias, que ſe offereciam no Tẽplo de Ceres: Eſcreue Pauſanias, que no Templo daquella fabuloſa Deoſa dos campos, todas as primicias dos frutos, que no principio do Outono ſe lançauam aos pés do ſimulacro de Hercoles, perſeuerauam verdes, & incorruptas: leuado da eſperança de hum ſemelhante prodigio (ſem nota de idolatria, & de ſuperſtiçam) lanço aos pés de V. A. eſtas primicias dos frutos, que colhi nos campos da Luſitana eloquencia, que ſuposto que ſam partos informes, & abortiuas producçoens, ſam

Pauſan. in Bæotic.

pri-

primicias, que illustram a vileza de seu ser com a primazia do seu nacimento. Na Republica dos Elementos, mais suaues sam ao gosto as agoas dos rios no berço da sua fonte, do que na pomposa affluencia das suas correntes, & na Monarquia dos Astros celestes, mais agradaueis sam aos olhos, os resplandores do Sol no gremio da Aurora, que no soberbo trono do Meio dia; com este vniuersal agrado acredita a natureza todas as primicias das suas operaçoens, & com grandeza m, porque as primicias da natureza, sam os primeiros alentos do seu poder, os primeiros lineamentos da sua belleza, anticipadas demonstraçoens da sua actiuidade, annuncios da sua perfeiçam, preludios da sua

grandeza, preſagios da ſua opulencia, & como profecias da ſua fecundidade. Atè o meſmo Deos, no antigo Teſtamento mostrou, que dignas eram da eſtimaçam dos homens as primicias, ordenando, que nas veſtiduras do Summo Sacerdote, os nomes dos filhos de Iſrael ſe eſcreueſſem com tal ordem, que ſempre os primogenitos occupaſſem o primeiro lugar, como aquelles, que preſeruam aos pays do opprobrio da eſterilidade, & que no meſmo inſtante que nacem, fazem conceber aos que os gerarão vi-

Exod. 28.

uas eſperanças dos acrecentamentos da ſua proſapia.

Tenho dado principio a huma obra de muitos volumes ſobre toda a ſagrada Eſcritura, com o titulo de Oraculum

vtri-

vtriusque Testamenti, *mas reparando na vagarosa dilaçam, que pede o dilatado desta obra, & nam querendo ficar todo este interuallo de tempo, sem dar a V. A. alguma demonstraçam da minha vassallagem, determinei de preuenir os futuros sacrificios com este pequeno tributo, que como parto primogenito madruga pera a aceitaçam, & agrado de V. A. pondo na precedencia do tempo, todo o valor do seu merecimento. Demais do que, justo era, se visse o augusto nome de V. A. no frontispicio de huma obra composta no Idioma Portuguez, pera que saiba a Europa, como ainda hoje conserua Portugal, viua a memoria das heroicas virtudes, cõ que V. A. amanheceo nestas prayas Occidentaes,*

mais

mais luminoſo, que o Sol, nas portas do Oriente.

Que larga materia pera glorioſos encomios me offerece eſta agradauel lembrança da peregrinaçam de V. A.? No peito de V. A. aſſentaram o ſeu Trono todas as virtudes de hũ Princepe Chriſtam, a piedade, a juſtiça, a fortaleza, & a clemencia, a piedade pera cõ Deos, a juſtiça pera com os vaſſallos, a fortaleza pera com os eſtranhos, & a clemencia pera com todos; com eſtes Reaes attributos gouerna V. A. o mais florente Eſtado de Italia (que sò â flor dos Princepes, competia a flor dos Principados) porém no auge de tam ſoberanas virtudes, que coroam a Sereniſſima Peſſoa de V. A. ſempre me pareceo a peregri-

naçam

naçam a virtude mais peregrina; que parece saõ os Principes como os Rios, que quanto mais andam, mais se augmentão, & do mesmo modo, que o Planeta nocturno, entam forma a coroa das suas luzes, quando se vai afastando do Sol, assim os Planetas das Monarchias, ao mesmo passo que com a peregrinaçam se vam apartando do paterno solio, sobẽ ao Zenith do maior luzimento.

Reparou Tertulliano, que emquãto Saturno se detem nos limites da Patria, fora julgado dos seus naturaes por homem, mas quetanto que começara a andar por terras estranhas, & climas incognitos, leuantara em toda a gentilidade opiniam de diuino; bem sei,

que V. A. ainda que encerrado na esfe-
ra dos seus Estados, possuia todas as ex-
cellencias que os mais illustres Plane-
tas logram na circumferencia dos seus
orbes, a prudencia de Saturno, o esfor-
ço de Marte, a soberania de Iupiter,
& a sabedoria de Mercurio; porem lo-
go que V. A. fabio dos limites, em que
nam cabia a sua grandeza: chegou a
participarem certo modo, o atributo da
diuina immensidade, enchendo com a
sua presença, as Prouincias, & os Im-
perios, que já estauam cheos da sua
fama; & se a maior parte dos Prince-
pes sam como os montes, que nunca se
apartão das terras, que a sua altura se-
nhorea, emulou V. A aos Astros cele-
stes, que como seu mouimento, & a sua

pere-

peregrinaçam, vàm espalhãdo as suas luzes por todas as partes do Vniuerso: logo, se aquelle sabio Rey do Egipto, desejando que na posteridade ficassem perpetuas lembranças das suas gloriosas peregrinaçoens, mandou esculpir nas columnas do seu mausoleo este emfatico Epitaphio, Nullum orbis locum reliqui, ad quem non penetraue- Diodor. Sicul. lib. 1.
rim; *No Trono de V. A. escreuera a fama com caracteres de ouro hum encomio semelhante, se jâ nam ficou esculpido no coraçaõ de todas as Naçoens, & sobre todas da Naçam Portugueza, que como teue a gloria de correr as quatro paries do mundo, sempre peregrina, & sempre victoriosa, força he venere as memorias de hum Prince-*

pe, como V. A. a quem toda a Europa admirou na variedade das virtudes, & na diuersidade dos climas igualmẽte peregrino; nesta obra pois composta em lingoa Portugueza, peregrinam em certo modo os coraçoens dos Portuguezes agradecidos, & saudosos, & porque na pessoa de V. A. a Toscana veio a Portugal, & Florença a Lisboa, nos caracteres deste liuro vai Lisboa para Florença, & Portugal para a Toscana.

Estas, Serenissimo Principe, sam as causas da Dedicatoria destas minhas Primicias Portuguezas; como Primicias, solicitam o agrado de V. A. & como Portuguezas, merecem o seu abono; nosso Senhor guarde a Serenissima Pes-

soa

soa de V. A. por tam felices, & tam dilatados annos, quantos sam, os que a Deos pede

De V. Sereniſſima A.

o mais humilde, & obediente ſeruo

D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular Theatino da diuina Prouidencia.

LICENÇAS.

NOs hic ſubſcripti, juſſu admodum R. P. D. Caroli Pignatelli Congregationis noſtræ Præpoſiti Generalis, perlegimus librum qui inſcribitur, *Primicias Euangelicas*, Luſitanicè ſcriptum, à P. D. Raphaele Bluteau, Clerico Regulari, & nihil in eo reperimus, vel fidei, vel morum probitati diſſonum, ideoque luce dignum cenſemus. Vlyſippon. in Cõuentu noſtro Sanctæ Mariæ de diuina Prouidentia 7. Februarij. 1675.

D. Antonius Sennius Sacræ Theol. Profeſſ.
D. Aloyſius Maria Sacchius. Sacræ Theolog. Profeſſ.

D. CAROLVS PIGNA-
tellus Præpositus Generalis
Clericorum Regularium.

HOc opus inscriptum *Primicias Euangelicas* a P. D. Raphaele Bluteau Theologo nostræ Congregationis Lusitanicé elucubratum, & juxta assertionem patrum, quibus id commisimus, approbatum, vt Typis mandetur, quoad nos spectat, facultatem concedimus, Romæ 4. Ianuarij 1676.

D. Carolus Pignatellus Præpositus Generalis
Clericorum Regularium.

VIstas as informaçoens que se houuerão, pòdemse imprimir estes Sermoens, & impressos tornaraõ ao Conselho para se conferirem

ferirem, & dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Lisboa 8. de Setembro de 1675.

Manoel de Magalhaens de Menezes. Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel. Fr. Valerio de S. Raymundo.

POdemse imprimir. Lisboa 9. de Setembro de 675.

Fr. C. Bisto de Martiria

SENHOR.

POr ordem de V. A. li estes Sermoens do R. P. M. D. Raphael, & considero serem dignos de V. A. lhe conceder licença para se imprimirem. Porque alem de não encontrarem a pureza da Fé Catholica, pódem seruir de credito à Nação Portugueza, porque censurando imperceptiuel a pronunciação do seu Idioma alguns estrangeiros, sendoo em Portugal o Autor destes Sermoens, desuane-

ceo

ceo a dificuldade com à demonſtração que faz nos diſcurſos, que exprime com acentos tão proprios, & naturaes, que ſendo Frances por natureza, moſtraſe Portuguez na lingoa. Mas como a patria dos varoens Apoſtolicos, he, ou deue ſer a terra em que inſinão a palaura de Deos, confirma o Autor deſtes Sermoẽs na propriedade com que fala, o eſpirito com que prẽga nos pulpitos deſta corte de V. A. Iſto he o que me parece. S. Franciſco de Xabregas 7. de Setembro de 675.

Fr. Antonio dos Archanjos.

POdemſe imprimir viſtas as licenças do Ordinario, & S. Officio, & informação, & não correra ſem tornarem â meſa para ſe taxarem. Liſboa 29. de Outubro de 675.

Magalhaens de Menezes. Miranda.
Carneiro. Baſto.

VIsto estarem estes Sermoens conformes com o original pódem correr. Lisboa 7. de Feuereiro de 1676.

Magalhaens de Menezes. Manoel Pimentel de Souza. Manoel de Moura Manoel. Fr. Valerio de S. Raymundo.

TAixão este tomo de Sermoens em tres toſtoens em papel. Lisboa 8. de Feuereiro de 1676.

Marquez Presidente. Carneiro. Basto.

INDEX

DOS SERMOENS QVE SE contém neſte Liuro.

SErm. I. *Da Santiſſima Trindade, prègado no ſeu meſmo dia, & no ſeu Conuento de Lisboa. pag.* 1.

Serm. II *Do glorioſo Patriarcha dos pobres S. Ioão de Deos, prègado no dia da ſua Feſta no Conuento dos Religioſos da meſma Ordem. p.* 24.

Serm. III. *No dia do Nacimento de S. Ioão Bautiſta, prègado no Conuento das Religioſas de Santa Monica p.* 43.

Serm. IV. *Na Feſta do Corpo de Deos, em Odiuellas. p.* 80.

Serm. V. *Das lagrimas da Magdalena, prègado no Recolhimento das Conuertidas. p.* 97.

Serm. VI. *Do Mandato, prègado na ſanta Caſa da Miſericordia de Lisboa. p.* 112.

Serm. VII. *Do Mandato, prègado no Moſteiro da Eſperança. p.* 128.

Serm. VIII. *Na Profiſſaõ de Dona Violante Maria Gaetana de Caſtro, no dia da Viſitaçam no Moſteiro de Odiuelas. p.* 147.

Serm. IX. *Da Paixaõ, prègado na Capella Real. p.* 162.

Serm. X. *Na Profiſſam de duas irmaãs em dia de S. Antonio prègado no Moſteiro de Santa Clara, eſtando expoſto o Santiſſimo Sacramento. p.* 176.

Serm. XI. *Prègado na Profiſſaõ de huma Religioſa em dia do Eſpirito Santo no Moſteiro do Caluario eſtando expoſto o Santiſſimo Sacramento. p.* 195.

Serm. XII. *Prègado na Capella Real na terceira quarta feira da Quaresma. p.* 213.
Serm. XIII. *Prègado na Capella Real na quarta quarta feira da Quaresma. p.* 228.
Serm. XIV. *Prègado na Capella Real na quinta sexta feira da Quaresma. p.* 244.
Escola do Caluario repartida em cinco Classes, em que Christo Senhor nosso nos cinco passos da sua sagrada morte, & Paixão ensina aos homens as artes; & as sciencias de que necessitaõ pera a saluaçaõ. p. 263.
I. Classe. *O Horto de Getsemanì em que Christo fazendo oraçaõ ao Eterno Pay, ensina aos homens a Retorica do Ceo. p.* 265.
II. Classe. *O Pretorio em que Christo preso a huma columna, ensina aos virtuosos a Architectura do Palacio da Santidade. p.* 2.
III. Classe. *A varanda de Pilatos, em que Christo apparecendo com as insignias de Rey, ensina aos Palacianos os documentos da verdadeira Politica. p.* 304.
IV. Classe. *A Cidade de Jerusalem, por onde Christo leuando hum pczado madeiro por hum mar de sangue, ensina aos predestinados a Arte da nauegaçam para chegarem ao porto da Bemauenturança. p.* 325.
V. & vlt. Classe. *O Monte Caluario em que Christo na cadeira da Cruz ensina aos Christãos a Theologia do Amor. p.* 346.

Prègou o Author estes vltimos cinco Sermoens da Paixão no seu Conuento da Diuina Prouidencia, no anno de 1675.

AO LEITOR

Curioſo de ſaber os defeitos alheos.

OS defeitos, que aqui determino de te deſcobrir ſem eſcrupulo de conſciencia, ſaõ os erros da Impreſſaõ, letras trocadas, caracteres improprios, palauras diminutas, ſyllabas redundantes, & todas aquellas faltas, a que chamo, ſolecíſmos da Officina, Barbariſmos da eſtampa, equiuocaçoens do Ortographia, inaduertencias do Compoſitor, affrontas do exemplar, & eſcandalos para os Leitores que duuidaõ da cãpacidade do Impreſſor, ou da ſufficiencia do Author. Fulgo porem eſtes erros dignos de perdaõ, pois todos vaõ geralmente confeſſados nas folhas ſeguintes, que como diz o vulgo, peccado confeſſado, he meio perdoado.

ERRATAS.

Fol.	Reg.	
4.	*vltim.*	*Redempaõ*
11.	8.	*deſpiaõ*
12.	31.	*& iſto,*
18.	4.	*contrarios*
19.	32.	*ſe coñſiderar*
21.	3.	*as propoſiçois,*
29.	11.	*codicia*
ibid.	31.	*conſtituhio*
31.	14.	*entre*
33.	23.	*fez*
34.	14.	*nos alimenta*
ibid.	21.	*recrber*
50.	2.	*entendiaõ*
51.	28.	*agregou*
56.	6.	*eſpelhando*
ibid.	12.	*as caras*
ibid.	18.	*aſſumpo*
60.	18.	*he a mais*
64.	6.	*da verdade*
ibid.	9.	*da fee*
ibid.	11.	*da juſtiça,*
65.	3.	*Rubins*
ibid.	14.	*teeram*
70.	18.	*derrubo*

EMMENDAS.

Redempçaõ,
deſpediaõ
& he iſto,
contagios
ſe ſe conſiderar
a Propoſiçaõ
cobiça
conſtituio
entra
faz
Chriſto nos alimenta
receber
naõ entendiaõ
apregoou
eſpalhando
as coſtas
aſſumpto
a mais
de verdade
de fee
de juſtiça
Rubis
terram
derrubou

ibid.

Fol.	reg.	Erratas.	Emmendas.
ibid.	23.	*& ſegundo*	& o ſegundo
76.	1.	*a juſtiça*	juſtiça
77.	17.	*eſte Sol, pois*	eſte Sol pois,
79.	8.	*Aos tronos*	ao trono
90.	*vlt.*	*á batalha*	a batalha
92.	15.	*o*	os
93.	26.	*leuana*	leuara
94.	16.	*do meſmo*	no meſmo
100.	8.	*fexaõ*	fixaõ
ibid.	13.	*Palpetræ*	Palpebræ
101.	15.	*fechemos*	fechamos
103.	18.	*copiſas*	copioſas
104.	8.	*quæ*	quia
106.	*penult.*	*eraõ por ventura impedimen-*	era por ventura impedimen-
107.	21.	*arteficios* (*tos*	artificios (to
ibid.	22.	*ceda a ternura das lagrimas, á violencia das ſettas*	ceda â ternura das lagrimas, a violencia das ſettas.
ibid.	29.	*aquella que*	aquella de que
109.	11.	*era fonte*	era a fonte
ibid.	24.	*pœnas luant, quæ*	pœnas luunt, quia
110.	4.	*Geſſemani*	Getſemani
116.	4.	*em final*	era final
124.	*antepenult.*	*por todos*	porque em todos
136.	20.	*encende*	acende
138.	*penult.*	*da*	de
139.	14.	*aos*	os
140.	29	*encorrer*	concorrer
143.	*vltim.*	*deſcanço*	o deſcanço
144.	15.	*coraçaõ capaz, que*	coraçaõ, que
154.	8.	*Eis a primeira*	Eis aqui a primeira
172.	16.	*derribaõ*	derrubaõ
160.	15.	*no Ceo*	no ſeyo
163.	4.	*cabedal*	cabal
166.	25.	*cortaõ*	cortaõ.
168.	25.	*nenhnma*	nenhuma
180.	*vltim.*	*eleuando*	& leuando
182.	17.	*pedebus*	pedibus
187.	26.	*dos Empireo*	do Empireo
189.	27.	*aduirtimos*	aduirtirmos

a ſuas

Fol,	reg.	Erratas.	Emmendas.
190.	22.	*a ſuas*	as ſuas
192.	29.	*luz*	Lua
194.	2.	*aos*	oś
201.	2.	*ſe naceo*	ſe nāo naceo
204.	*penult.*	*da terras*	da terra
206.	3	*commnicaçaõ*	communicaçaõ
207.	2is	*cabe.*	cahe
219.	9.	*ambicioſos*	ambicioſos
ibid.	3	*requere*	requer
223.	18.	*& a ſegunda*	& ſegunda
224.	23.	*do Ar*	no Ar
225.	1.	*ſoblunares*	ſublunares
226.	1.	*para oſtentaçaõ*	para a oſtentaçaõ
227.	1.	*da*	de
231.	17.	*desforme*	deforme
235.	4.	*Tiberiades*	Tiberiadis
236	7.	*veriedade*	variedade
241.	26,	*â força*	a força
247.	5.	*eſta*	eſtâ
255.	28	*objectos*	ſobejos
ibid.	23.	*â cinzas*	a cinzas
257.	3.	*ſer*	o ſerem
ibid.	21.	*deſcomponhaõ*	deſcompunhaõ.
267.	8.	*nuẽns*	nuuens
270.	2.	*a Arte, a natureza*	a arte, & a natureza
272.	1.	*mais realça*	que mais realça
ibid.	17.	*nos*	vos
275.	20.	*bens que*	bens de que
280.	20.	*mas porque*	mas que
285.	*penultim.*	*& columna*	a columna
291.	21.	*de huma columma*	da columna
293.	7.	*Eſcolas*	Eſcola
295.	2.	*tirou*	retirou
ibid.	18.	*muitos*	muitas
297.	31.	*morte.*	corrente
305.	15.	*ſua*	ſua
310.	30.	*ſcepto*	ſceptro
311.	34.	*mageſtuoſo*	mageſtoſo
314.	27.	*coraraõ*	coraçaõ

poſtas

Erratas.			Emmendas.
Fol.	reg.		
318.	1.	*poſtas*	poſtos
ibid.	2.	*exire*	exiere
319.	8.	*infeliee*	infelice
ibid.	12.	*ao que*	aque
323	24.	*Almas, & Almas Chriſtãas*	Almas Chriſtãas
313.	18.	*cheio*	cheo
332.	7.	*ſe o Ieroboaõ*	ſe Jeroboaõ.
ibid.	34.	*exhorbitante*	exorbitante
346.	6.	*riqtude*	virtude
350.	13.	*cum*	inj
364.	24.	*tenertudinem*	teneritudinem.

SERMAM
DA
Sma TRINDADE
PREGADO
NO SEV MESMO DIA, E NO SEV Conuento de Lisboa.

Euntes ergo docete omnes gentes. Baptizantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti. Matthæi cap. 28.

Mais ſublime myſterio da Fee Catholica; hum sò Deos na Eſſencia, & Trino nas Peſſoas, celebrão hoje todos os Imperios da Chriſtandade, & com mayor obrigação que todos o pijſſimo Reyno de Portugal, q̃ ſendo a Santiſſima Trindade o mayor amparo da Monarchia Luſitana, deue a Luſitana Monarchia à Santiſſima Trindade o mayor agradecimento. Reparo que ha mais de mil & ſeiſcẽtos annos que o Reyno de Portugal eſtà debaixo do patrocinio da Santiſſima Trindade, porque como as armas de Portugal ſaõ as Chagas de Chriſto, deſde o

dia da Aſcenção, em que Chriſto com os ſinaes das ſuas Chagas ſe aſſentou à mão direita do Eterno Pay : *Sedet ad dexteram Patris.* Parece poz Chriſto debaixo da protecção da Santiſſima Trindade o Reyno de Portugal, repreſentado nas ſuas Chagas ; logo deue Portugal a ſua conſeruação, & a ſua gloria âs Tres Peſſoas da Santiſſima Trindade, ao Filho porque o repreſenta, ao Pay porque o ampara, & ao Eſpirito Santo porque o alumea : o Filho repreſenta a Portugal nos ſinaes das ſuas Chagas, o Eterno Pay cõ a ſua mão direita o ampara : *Sedet ad dexteram Patris* : & o Eſpiritu Santo com a ſua aſſiſtencia o alumea. Mas que proporção tem eſte ſoberano myſterio com a ſagrada Ordem da Redempção dos catiuos ? que correſpondencia pòde hauer entre grilhoens, & Coroas, entre prizoens, & Imperios ? & com que razão ſe celebra a eterna independencia das tres Peſſoas diuinas, no gremio de huma Religião deſtinada de Deos para o reſgate dos eſcrauos ; no myſterio da Santiſſima Trindade não pòde hauer catiueiros, porque nas tres diuinas Peſſoas não ha dependencia. Que independente he o Eterno Pay no trono da ſua gloria ? Gera o Eterno Pay a outra Peſſoa, que he Deos, mas não gera a outro Deos, gera neceſſariamente ao Filho, mas ſem prejuizo da ſua liberdade dà tudo o que poſſue, & não ſe deſapoſſa de nada, não reſerua nada para ſi no dar, & com tudo guarda para ſi tudo o que dà, prodigioſamente liberal ſem alienação dos bens q̃ communica, fecundo ſem diminuição da propria ſubſtancia, eterno ſem moſtras de antiguidade, antigo ſem veſtigios de velhice, fonte ſem origem, Sol ſem Aurora, rico ſem herança, nobre ſem aſcendencia, & Pay ſem progenitores. Não he menos independente a Peſſoa do Filho nos luzimentos de ſeu eterno nacimento. He eſta ſegunda Peſſoa parto, mas não he parte do Eterno Pay, ſempre eſtà nacendo, & naceo deſde a eternidade. He eſpelho que repreſenta ao Pay, & he a meſma couſa com o Pay que repreſenta, idea, & imagẽ, imagem, & exemplar, retrato, & modelo, treslado, & prototipo,

totipo, copia, & original. He palaura que não soa, & tudo exprime, vnica no ser, mas na significação infinita, originada, mas sem imperfeição de partes, produzida, mas sem interuallos de tempo. Tambem logra o Espirito Santo as prerogatiuas da mesma independencia; he o Espirito Santo distincto do Pay, & do Filho, porèm he huma mesma cousa com o filho, & com o Pay, saõ o Pay, & o Filho principio do Espirito Santo, mas não se pòde dizer que o Espirito Sãto foi principiado pello Pay, & pello Filho; ao Espirito Sãto communicão o Pay, & o Filho a natureza diuina, porèm do Pay, & do Filho nunca necessitou o Espirito Santo. Em conclusaõ saõ estas tres diuinas Pessoas hum Deos trino, & hum, com tão prodigiosa independencia, que sendo este Deos trino, não he diuiso, & sendo hum, não he solitario; he trino, & he singular, he hum, & he numeroso; trino mas não composto, hum mas acompanhado, trino que se não communica a outros, hum que a tres se communica, trino que não he mais que hum, hum em que tres se encerrão, trino com huma vnidade indiuisa, hum com huma Trindade distincta. Supposta esta soberana igualdade com que as tres Pessoas diuinas estão naturalmente izentas de toda a dependencia, & catiueiro, porque a dependencia fora afrõta da sua natureza, & o catiueiro destruição da sua essencia. Pergunto, porque razão a Santissima Trindade com prodigiosas appariçoens se declarou Fũdadora de huma Religião instituîda para a Redempção dos catiuos? Respondo. As tres Pessoas diuinas (se bem aduertirdes) obrarão prodigiosas Redempçoens em tres differentes mundos, no mundo material, no mundo espiritual, & no mundo moral. O mundo material saõ os elementos, o mundo espiritual saõ as almas, & o mundo moral he a Igreja. O Eterno Pay, a quẽ se attribuem as obras da criação, tirou ao mundo material, que saõ os elementos do catiueiro do nada; o Filho, a quem se appropria a Redempção do genero humano, tirou ao mundo espiritual, que saõ as almas do catiueiro da morte; &

o Eſpirito Santo, a quem ſe attribuem as obras da ſanctificação, preſeruou ao mundo moral, que he a Igreja, do catiueiro do peccado, dando aos Apoſtolos lingoas de fogo, para deſterrarem os peccados do mundo : *Cum venerit paraclitus arguet mundum de peccato.* De maneira que nas tres Peſſoas da Trindade temos tres generos de Redemptores, o Eterno Pay Redemptor do mundo material na criação dos elementos, o Filho Redemptor do mundo eſpiritual na ſaluação das almas, & o Eſpirito Santo Redemptor do mundo moral na ſanctificação da Igreja. Vamos appropriando cõ as palauras do Euangelho a myſterioſa Redempção deſtes tres mundos, à ſagrada Ordem da Redempção dos catiuos: *Euntes docete omnes gentes*, eſcreue S. Matheos, & S. Marcos, mais ao meu intento, *euntes in mundum vniuerſum.* Todo o fiel Chriſtão he parte dos tres mundos, de que ſe compoem o mundo vniuerſo; em quanto ao corpo he parte do mundo material, em quanto à alma, he parte do mundo eſpiritual, & em quanto filho da Igreja, he parte do mundo moral; por onde a Redempção de hum sò Chriſtão captiuo, he huma Redempção de tres mundos, do mundo material ſignificado no corpo, do mundo eſpiritual repreſentado na alma, & do mundo moral figurado na Igreja. Com as palauras do noſſo Euangelho chamamos a eſta Redempção, Bautiſmo : *Baptizantes eos*, porque o Bautiſmo he huma eſpecie de Redempção, & a Redempção huma eſpecie de Bautiſmo. Diz S. Paulo eſcreuendo aos Romanos, que todos fomos bautizados na morte de Chriſto : *In morte ipſius baptiſati ſumus*: chama o Apoſtolo bautizados aos que houuera de chamar remidos: *Baptiſati ſumus*, que parece hũa meſma couſa o bautizar, & o remir, porque o Bautiſmo não he outra couſa mais que huma redempção do catiueiro do peccado original, & por eſta Baptiſmal redempção ſe fazem filhos de Deos os que dantes eraõ catiuos do demonio, donde eu infiro para os tres aſſumptos do Sermão, que a Redẽpão dos Chriſtãos catiuos, he huma eſpecie de Bautiſmo, cõ

Roman. 6 n. 3.

que

que a Religião da Santissima Trindade, à imitação das tres Pessoas diuinas restitue a liberdade a tres mundos, ao mundo material, ao mundo espiritual, & ao mundo moral: *Euntes in mundum vniuersum.* Em primeiro lugar dà esta sagrada Religião liberdade ao mundo material, que he o corpo, tirandoo do catiueiro da pobreza que lhe impossibilita o resgate, & nisto se conforma com a Pessoa do Eterno Pay, que na criação do mundo tirou aos elementos do catiueiro, & da pobreza do nada. Este he o primeiro assumpto. Em segũdo lugar dà esta sagrada Religião liberdade ao mũdo espiritual, que sãó as almas, tirandoas do catiueiro da morte, originada da priuação dos Sacramentos em terras de Mouros, & com isto imita a Pessoa do Filho, que com a instituição dos Sacramentos tirou as nossas almas do catiueiro da morte para a vida da graça. Este he o segundo assumpto. Em terceiro lugar dà esta sagrada Religião liberdade ao mũdo moral, que he a Igreja, preseruando os seus filhos do catiueiro do peccado, que a infernal companhia dos infieis podera occasionar, & inda mal que tantas vezes occasiona, & nisto se conforma com a Pessoa do Espirito Santo, que enfinando aos Apostolos as verdades Euãgelicas, apartou a Igreja das sombras da Synagoga, & das superstiçoens da Gentilidade. Estes sãó os tres Bautismos da Redempção de tres mundos, & juntamente as tres semelhanças da Ordem da Santissima Trindade com as tres Pessoas diuinas: *Docete omnes gentes. Baptisantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti.*

Aue Maria.

I. PARTE.

PRimeiramente o Eterno Pay (a quem se attribuem as obras da criação) tirou ao mundo material do catiueiro do nada. Antes da criação do mundo, o nada era o tyrãno da natureza, porque debaixo do seu inuisiuel dominio

eſtauão deſde a eternidade todas as criaturas ſem ſer, ſem exiſtencia, ſem mouimento, & ſem vida; nas eſcuras prizoens daquelle até então inexorauel tyranno, não ſe admitia hum ſô rayo de luz, hum aſſôpro de àr, nem huma faiſca de fogo. Eſtendiaſe a ſua chimerica Monarchia nos eſpaços imaginarios de huma interminauel ſoledade, os ſeus cortezãos erão as ſombras, o ſilencio era o ſeu interprete, a eſterilidade a ſua prozapia, impenetraueis abiſmos o ſeu trono, & perpetuas negaçoens a ſua razão de eſtado, quando finalmente depois de tantos ſeculos quantos cabem em huma eternidade, *à parte ante*, deliberou o Eterno Pay de tirar ao mundo deſte antigo mas imperceptiuel catiueiro, & para eſte effeito, diz o Propheta Rey que Deos mandou, & que logo ſe executarão as ſuas ordens: *Ipſe mandauit, & creata ſunt*, notauel dizer, Deos antes da criação mandou: *Ipſe mandauit, & creata ſunt*, & a quem poderia Deos mandar, quando ainda não hauia ninguem capaz de ouuir, & de executar os ſeus mandamentos. Deos não mandou aos Anjos, porque ainda não eſtauão criados, o Eterno Pay não mãdou ao Filho, nem o Filho com o Eterno Pay mandarão ao Eſpirito Santo, porque entre iguaes ninguem tem authoridade para mandar. Logo quem ſeria eſte ſogeito a quem Deos mandou? Mandou Deos ao nada: *Mandauit nihilo ex quo omnia facta ſunt*. Antes da criação do mundo, não hauia ſenão Deos, & o nada, Deos era o Monarcha, & o nada era o Tyranno, porèm tanto que o nada ouuio a voz de Deos imperioſamente ſoberana, lançou dos ſeus carceres, nunca de antes abertos, tudo o que hoje admiramos de ameno nas flores, de faboroſo nos frutos, de precioſo nos metaes, de ſaudauel nas influencias, de brilhante nos Aſtros, de ſublime nas Eſferas, & de prodigioſo no mundo: *Mandauit nihilo ex quo omnia facta ſunt*. Exahi como o Eterno Pay tirou ao mundo material do catiueiro do nada; vejamos agora como os filhos da Santiſſima Trindade à imitação do Eterno Pay, tirão aos catiuos do nada da ſua pobreza, & da

Chaluet tom. 1. lib. 10. q. 1. c. 17. p. 587. col. 1.

ſua

sua miseria. Não ha cousa no mundo mais pobre que o nada, nem ha cousa mais semelhante ao nada, que hum catiuo; não ha cousa no mundo mais pobre que o nada, porque o nada não tem sustancia, nem materia, nem forma; não tem o nada accidentes que o vistão, nem partes que o componhão, nem propriedades que o especifiquem; na duração da eternidade, não logra o nada hum instante de vida, no theatro da natureza não tem o nada hum ponto de lugar em que se recolha, & no espelho do mundo, não tem o nada hũa imagem que o represente: em conclusaõ, não ha nada no mundo mais pobre, & mais necessitado que o nada; que semelhante he o nada a hum catiuo; que cousa propriamente tem hum catiuo? nada; nada de descanço, pella continuação dos trabalhos, nada de socego pella assistencia dos cuidados, nada de aliuio pella ausencia dos amigos, nada de vida pellos receyos da morte, & muitas vezes nada de esperança pellos motiuos da desesperação; & para tudo rezumir em duas palauras, he tão semelhante o ser do catiuo com o não ser, que o mesmo he ser catiuo, que ser morto.

Os irmãos de Ioseph, injustamente accusados de hauerem roubado o calix, que o mesmo Ioseph mandára pôr occultamente no saco de Benjamim, justificandose com o ministro de Ioseph que os accusára, disserão: qualquer de nòs que tiuer o calix que buscas, perca a vida: *Apud quemcumque fuerit inuentum, moriatur*: seja assim, respondeo o accuzador, aquelle que tiuer o calix, será escrauo: *Fiat juxta vestram sententiam, ipse erit seruus meus*. Não sei se reparais na implicação desta sentença? A sentença he de morte: *morte moriatur*, & com tudo não fulmina esta sentença outro castigo mais que o catiueiro: *Ipse erit seruus meus*. Sabeis porque? porque o mesmo catiueiro he morte; perder a liberdade, he perder a vida, & por isso os irmãos de Ioseph ao catiueiro são condenados quando se offerecem à morte: que parece não ha nenhuma differença de hũ catiuo a hum morto:

Genes. 44. 10.

Ibid.

Veig. in Iud. tom. 1 p. 237. c. 2. n. 651.

to: *Fratres morti addicunt reum, œconomus autem seruitutì condemnat, quasi seruitus à morte non distingueretur.* Desta tão grande semelhança do catiueiro com a morte, se collige que dar a liberdade a hum catiuo, he o mesmo que dar a vida a hum morto, & que outra cousa he dar a hum morto a vida, senão dar a o ser, & a existencia ao nada, do mesmo modo pois que a mayor gloria da Omnipotencia diuina, foi tirar aos elementos do catiueiro do nada, assim a mayor excellẽcia desta sagrada Religião he tirar aos homẽs do nada do seu catiueiro. Na Historia sagrada o primeiro encomio da Diuindade, he a criação do mundo: *In principio creauit Deus Cælum, & terram.* estas são as primeiras palauras com que Moises celebra a gloria de Deos na Escritura. Falla o sagrado Chronista na criação do mundo, primeiro que declare a essencia de Deos que o criou, manifesta a obra, & dissimula o Artifice, celebra a fabrica, & cala o Architecto, mas não era mais conueniente, que declarasse Moises as excellencias do Criador, primeiro que se empenhasse em descreuer as obras da criação? *Nonne præstaret vt prius Moises diceret quis esset hic Deus, & deinde doceret mundum fabricasse.* Diga Moises quem he este Deos que criou ao mundo, & declare aos mortaes as prerogatiuas da diuina Essencia, como em huma sò natureza se achão dous principios, tres pessoas, quatro relaçoens, cinco noçoens, muitos attributos, infinitas excellencias, & hum sò Deos. Manifeste Moises ao mũdo como Deos he hum todo sem partes, hum indiuiduo sem especie, huma substancia sem accidentes, hum principio sem termo, huma entidade sem principio, & huma essencia sem definição. Ensine Moises aos Theologos, como em Deos todas as cousas se encerrão, não hauẽdo em Deos outra cousa mais que elle mesmo, como este Deos se indigna, & não se apaixona, como se parte, & não se diuide, como se communica, & não se diminue, como he immouel, & tudo moue, inuisiuel, & he mais claro que a luz, inmudauel, & he causa de todas as mudanças, sempre actiuo, & sempre quieto,

Celad. in Iudith. p. 220. c 1. n. 83.

sempre

sempre escondido, & sempre manifesto, sempre presente, & sempre retirado. Em conclusaõ celebre Moisés as prerogatiuas da diuina Essencia, primeiro que exalte a grandeza de suas obras, que parece não he rezão publicar as excellencias do artificio, & deixar o Artifice encuberto. Mas ô que discreto anda Moisés nos encomios da Diuindade. Para manifestar ao mũdo a gloria de Deos, basta dizer que Deos criou ao mundo, porque a criação he huma especie de Redempção, com que Deos tirou todas as criaturas do catiueiro do nada, abrio Deos os thezouros do seu ser, dando o ser ao mundo, mostrou que era Senhor de tudo, senhoreando ao nada, & porque sô Deos he sufficiente pera soltar os grilhoens deste inuisiuel catiueiro, entendeo Moisés, que pera os homens conhecerem as grandezas da Diuindade, bastaua lhes representasse a Deos libertador do mundo nas obras da criação: *Noluit Moises, vt prius conciperemus Deum, quã audiremus operantem.* E o Lyrano neste mesmo lugar: *Creauit Deus Cælum, & terram, creauit Deus, idest de nihilo produxit, quod est proprium ipsius Dei.*

Celad. in Iudith. p. 220. *c.* 1. *n.* 83. *Lyra in c.* 1. *Genes.*

Nos encomios desta sagrada Religião sigo o estylo com que Moisés celebrou as grandezas da Diuindade, por tanto não me detenho em ponderar os prodigiosos principios, & estupendos progressos deste diuino Instituto; remetto ao silencio os singulares priuilegios que os Summos Pontifices lhe concederão; não fallo no credito que alcançou nas Cortes dos Princepes Christãos, & na veneração em que está nas mais incultas, & agrestes pouoaçoens da Barbaria. Não me detenho em numerar os seus Doutores, assombros das Vniuersidades, os seus Bispos, & Arcebispos, Astros da Igreja, os seus Martyres, Athlantes da Fee, & os seus Santos, resplandecentes luminarias do Ceo; que se Moisés cifrou toda a gloria da Diuindade na liberdade que deu ao mundo, tirandoo do catiueiro do nada; entendo que a mayor gloria desta sagrada Religião se encerra no incançauel zelo cõ que ha mais de quatrocentos & sessenta annos que seus filhos se

desuelão em tirar os escrauos de todos aquelles crueis nadas que no catiueiro se experimentão, nada de descanço, nada de aliuio, nada de liberdade; nada de vida, & muitas vezes nada de esperança, que se o Eterno Pay tirou ao mundo de hum so nada, os filhos da Santissima Trindade, como competidores da diuina Omnipotencia, tirão infinitos homens, que saõ pequenos mundos, do catiueiro de muitos nadas: *Creauit Deus, idest ex nihilo produxit, quod est propriũ ipsius Dei.* Contra esta verdade vejo que se me arma huma grande objecção. Para o Eterno Pay dar ao mundo o ser, & a liberdade, não necessitou a sua Omnipotencia do auxilio de sogeitos extrinsecos, antecedentes à existencia do mundo. Para Deos formar ao mundo, não se valeo de huma materia ingenita, como se persuadio Platão; nem dos quatro elemẽtos, como imaginou Empedocles; não se seruio do fogo, como sonhou Parmenides; nem do ár, como foi opinião de Archelao; nem da terra, como ensinou Xenophanes; nem das agoas, como escreue Tales Milesio; nem do concurso dos atomos, como fingio Epicuro: porque antes da criação não hauia materia ingenita, nem fogo, nem àr, nem agoa, nẽ terra, nem atomos, nem elementos; mas com nada tirou Deos ao mundo do catiueiro do nada: Pello contrario dirà alguem, os Religiosos da Santissima Trindade, não fazem os seus resgates, senão por meyo dos cabedaes, & das esmolas que leuão. A prata he a chaue com que abrem as portas das prizoens, & o ouro he o instrumento com que rompem os ferros dos catiuos? Respondo, tambem se pode dizer, que estes prodigiosos Redemptores fazem os seus resgates com nada: porque? porque o dinheiro que dão pera os resgates que fazem, não he nada em comparação da liberdade que comprão. Todo o ouro do mundo comparado com o thezouro da liberdade, he hum nada. Là disse Salamão, que não estimaua nada todas as riquezas da terra em comparação da sabedoria, & parece ser a razão, porque a sabedoria he a verdadeira liberdade com que o animo humano se liura da ty-

tyrannia das paixoens: *Diuitiás nihil esse duxi in comparatione illius.* Nada tem no mundo quem não tem liberdade, mas quem tiuer liberdade, tem tudo. Isso significárão a meu ver antigamente os Romanos, dando aos catiuos que libertauão huma palha por prenda: *Romani*, escreue Plutarco, *quos in libertatem vindicant, eorum corporibus exilem festucam injiciunt.* De maneira que os Romanos não dauão aos libertos que despião outro cabedal mais que huma palha, para que entendessem, que a liberdade que se lhe concedia era hum tam grande bem, que em sua comparação todos os bẽs do mundo erão huma palha, & hum nada: *Diuitias nihil esse duxi in comparatione illius.* Quando Deos tratou de liurar aos Israelitas do catiueiro em que viuião no Egypto, não mandou a Pharaô que restituisse os bens que vsurpára, & os salarios que deuia aos tão dilatados trabalhos desta infelice nação; sò ordenou Deos a Pharaô, que puzesse ao seu pouo em liberdade: *Dimitte populum meum.* Tão obrigado estaua Pharaô à restituição dos bens do pouo de Israel, como à restituição da liberdade daquelle pouo, porém não lhe poz Deos preceito da restituição dos bens, senão da restituição da liberdade: *Dimitte populum meum*, porque quem dà a liberdade, dà tudo, & todos os bens do mundo postos em paralelo com este bem, não saõ nada: *Diuitias nihil esse duxi, in comparatione illius.* E assim fica prouado, que se o Eterno Pay com nada tirou todas as criaturas do catiueiro do nada, tambem os Religiosos da Santissima Trindade, com nada liurão aos catiuos do nada da sua pobreza. E esta he a semelhança desta sagrada Religião com a Pessoa do Eterno Pay na Redempção do mundo material: *Baptizantes eos in nomine Patris.* Vejamos na segunda parte a semelhança que tem com a Pessoa do Filho, tirando ao mũdo espiritual, que saõ as almas, do catiueiro da morte, originada da priuação dos Sacramentos nas terras dos infieis: *Baptizantes eos in nomine Filij.*

Sap. 7. 8.

Plutarc. de tarda Dei vindicta.

II. PARTE.

HVma das mayores penas que os Chriſtãos experimentão nas terras dos infieis, he a priuação dos Sacramẽtos, & ſobre todos do Sacramento da Euchariſtia, verdadeira vida das noſſas almas, que do meſmo modo que no ſangue das veas eſtà a vida do corpo, aſſim eſtà a vida da alma no ſangue de Chriſto ſacramentado. Quando o Anjo exterminador matou os primogenitos do Egypto, cada caſa foi hum ſepulchro em que amanheceo hum morto, & o final da morte foi não eſtarem as portas daquella caſa tintas com o ſangue do cordeiro. São os noſſos corpos as portas do edificio humano, as almas ſaõ as moradoras, & o final de eſtar huma alma viua, ou morta, he o ſangue de Chriſto ſacramentado, de que o ſangue do cordeiro era figura. Se o corpo, que he o frontiſpicio deſta fabrica humana, eſtà tinto com o ſangue de Chriſto na communhão, eſtà viua a alma, & ſenão, morreo: *Erit vobis ſanguis in ſignum, nec erit in vobis plaga diſperdens.* Nas terras da Barbaria (ſanguinolẽtos theatros da crueldade) não ſe acha o ſangue do cordeiro nas portas dos Chriſtãos, que por conſequencia trazem em corpos viuos as almas mortas, & tão ſantamente ſequioſas do ſangue de Chriſto ſacramentado, que ſe puderão lograr as delicias deſte diuino alimento, não ſentirião os rigores do ſeu catiueiro.

Exod.12. n.13.

Temos a proua nas tres Peſſoas da Santiſſima Trindade. Em tres differentes tempos as tres Peſſoas diuinas, ſe offerecerão a huma eſpecie de catiueiro no mundo. Lá nos primeiros dias da criação appareceo ó Eterno Pay no Paraiſo terreal, & ainda que andaſſe paſſeando de huma parte para a outra, encontrauão as anguſtias do lugar o attributo da ſua immenſidade, & para huma tão ſoberana mageſtade como a do Eterno Pay, era huma grande prizão, hum tão pequeno Paraiſo. Na Redempção do genero humano, entrou o Verbo

o Verbo encarnado no catiueiro; quando na Villa de Belem tomou o Preſepio por carcere, & as mantilhas por cadeas, & o cenaculo foi hũa eſpecie de prizão em que o Eſpirito Santo catiuou em certo modo a imperioſa actiuidade das ſuas diuinas lauaredas. Ex ahi as tres diuinas Peſſoas voluntariamente catiuas, o Eterno Pay nos limites do Paraiſo terreal, o Filho na Villa de Belem, & o Eſpirito Santo nas anguſtias do cenaculo. Mas que delicioſos me parecẽ os apertos deſtas tres myſterioſas prizoens? no Paraiſo terreal vejo o Sacramento do altar repreſentado na aruore da vida, que foi a primeira figura da Euchariſtia: *Lignum vitæ Chriſtus eſt, cujus corpore animæ reficiuntur*, eſcreue o Abbade Ruperto. Na Villa de Belem vejo outra figura do Sacramento, porque a palaura Belem ſignifica caſa de pão, figura do báquete Euchariſtico: *Bethlehem domus panis eſt, vtique panis qui confirmet cor, ibi oritur, ibi apparet*: ſaõ palauras de S. Bernardo. E no cenaculo, em que deceo o Eſpirito Santo, eſtauão ainda viuas as memorias da inſtituição do Sacramento, porque neſte ſagrado domicilio commungou Chriſto aos Apoſtolos nas veſporas da ſua Paixão. Hauendo pois as tres diuinas Peſſoas de paſſar do centro da ſua gloria pera as prizoẽs deſte mundo inferior, eſcolherão aquelles lugares em que eſtaua mais viua a repreſentação do Sacramento, não por outra razão (a meu ver) ſenão pera que entendeſſemos, q̃ a preſença de Chriſto ſacramentado he o mayor aliuio de hũ catiuo, como pello contrario não póde o Chriſtão catiuo ſentir mayor pena, do que as ſaudades deſta diuina preſença. S. Ioão Chriſoſtomo: *Vnus ſit nobis dolor, hac eſcâ priuari.*

Rupert. Gen. 7.

Bern. ſerm. 6. in Vig. Natiuit. Domini.

Chriſoſt. in Areſ. Trib. p. 1. p 140 c. 7.

Logo bem dizia eu, que o mayor martyrio da Chriſtandade catiua, he a priuação do Sacramento da Euchariſtia; & iſto tanto aſſim, que os Redemptores deſta ſagrada Religião ſolicitão os reſgates dos Chriſtãos catiuos, mais pera lhe facilitarem a frequentação dos Sacramentos, do que pera os conſolarem com a recuperação da perdida liberdade.

Pedio Moiſes a Pharaô a liberdade do pouo de Iſrael, mas qual era o fim deſta tão ſuſpirada liberdade? o deſcanço da vida? a izenção dos tributos? ou a ſatisfação da propria vóntade? Não, mas antes o principal intento de Moiſes era ver ao pouo de Iſrael com liberdade, pera que não houueſſe impedimento pera os ſacrificios da Ley: *Hæc dicit Dominus, dimitte populum meum, vt ſacrificet mihi*: como ſe diſſera Moiſes a Pharaô, não peço a liberdade deſte pouo pera alliuio dos ſeus trabalhos, ſenão pera a celebração dos diuinos ſacrificios, deſejo que ſe abrão as prizoens sò a effeito de ſe abrirem os Templos, quero que ſe ſoltem as cadeas, pera que ſe atem as victimas, & o intẽto que me leua, he tirar eſte pouo do catiueiro em que eſtà, pera o conſagrar ao culto da Diuindade: *Dimitte populum meum, vt ſacrificet mihi.* Eſte fieis he o mayor empenho dos filhos da Santiſſima Trindade; entrão eſtes zeloſos Redemptores do pouo de Deos nas maſmorras de Argel, nas prizoens de Tunes, & nos ergaſtulos da Barbaria, & com eloquente ſilencio dizem dentro de ſi aos Potentados da Africa, obſtinados Pharaôes da Chriſtandade, ſacrilegos adoradores de Maſoma: não viemos a eſtes barbaros climas a ſolicitar a liberdade dos corpos, tanto como a procurar a liberdade das almas: largai das voſſas impias mãos os Sacerdotes, pera que ſe vão poſtrar aos pés dos Altares, chamai da cultura dos campos os Religioſos, pera que encerrados nos ſeus clauſtros, ſe occupem na cultura das virtudes, & não detenhais no ſeruil exercicio de affrontoſos miniſterios aos Chriſtãos, piamente ambicioſos de ſe vnirem com Deos na participação dos Sacramẽtos: *Dimitte populum meum, vt ſacrificet mihi.* Huma Religião pois como eſta, tão zeloza da gloria de Deos, & da reſtauração da Chriſtandade, he tão neceſſaria pera a conſeruação do mundo, que até o fim do mundo ſe ha de eſtender a ſua duração. No Euangelho de hoje temos o fundamento deſta prophecia. Aos Apoſtolos promete Chriſto a ſua aſſiſtencia atè o fim do mundo: *Ecce ego vobiſcum ſum, vſque ad conſu-*

Exod. 7. n. 16.

Matth. cap. 28.

consumationem sæculi: & esta promessa do Senhor he huma recompensa do zelo com que os Apostolos hauião de solicitar em todas as naçoens do mundo os augmentos da Fè, pera a gloria da Diuindade: *Docete omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti; & ecce ego vobiscum sum vsque ad consumationem sæculi.* No zelo, & na dilatação da Fè, forão os Patriarchas de todas as Religioens imitadores dos Apostolos; & nesta promessa do Senhor parece se pòde assegurar a perpetua duração dos Institutos que fundàrão; porêm (na minha opinião) nenhuma Religião pode conceber mayores esperanças da eternidade da sua duração, do que a Religião da Santissima Trindade. Exaqui a razão: os Fundadores das mais Religioens forão homens, mas o Fundador da Religião da Santissima Trindade foi o mesmo Deos, como consta de huma prodigiosa reuelação, declarada pello Papa Innocencio Terceiro com estas emphaticas palauras: *Hic est Ordo approbatus, non à Sanctis fabricatus, sed á solo summo Deo:* que parece se quiz Deos fazer Fundador deste glorioso Instituto, pera o sustentar atè o fim do mundo: *Hic ego vobiscum sum vsque ad consummationem sæculi.*

Mas perguntarà alguem, a que fim quererà Deos conseruar a Ordem da Redẽpção dos catiuos atè o fim do mundo, quando com os vltimos alentos da natureza desmayarà a violencia dos tyrannos, & que catiuos hauerà naquelle tẽpo, que por meyo desta sagrada Religião solicitem a sua liberdade? Respondo, no fim do mundo, Christo sacramentado se verà nos apertos de hum riguroso catiueiro. Notauel acontecimento! Christo sacramentado, catiuo no fim do mundo? Sim, porque naquelle tempo, o Antechristo, conforme a prophecia de Daniel, tanto que se vir absoluto Monarcha do mundo, prohibirà a todos os Christãos o Sacramento da Eucharistia: *Cum ablatum fuerit juge sacrificium:* Daniel. 11. 12.
saõ palauras de Daniel, que S. Hyeronimo, & Santo Ireneo entendem da suspensaõ do sacrificio do Altar: *Antichristus*

A Lapid. in Dan. 12 n. 11. p. 1396. c. 2.

cum plenus fuerit Monarcha, auferet sacrificium Eucharistiæ, ita vt nullus publice hoc facere audeat. No tempo do Antechristo não se consagrarà o corpo de Christo publicamente nas Igrejas, ficarão os Templos despouoados, os Altares despidos, os Sacerdotes desterrados, a piedade suspensa, & a communhão interdita, nas cauernas da terra se guardarà occultamente o Sacramento, sem pompa, sem luzimento, sem magestade; a quem tocarà pois tirar a Christo sacramentado as ignominias deste catiueiro, senão à illustre Ordem da Redempção dos catiuos? & a quem pertencerà vingar os agrauos de Christo no Sacramento; senão à Religião da santissima Trindade, conseruada pera este effeito atè o fim do mundo? *Hic ego vobiscũ sum vsque ad consummationem sæculi.*

Tres prodigiosas Trindades obseruo no mundo, a primeira nas tres Pessoas diuinas no Ceo, à segunda na Pessoa de Christo no Sacramento, & a terceira na Religião da santissima Trindade. Deos, no Ceo, he hum na substancia, & trino nas Pessoas: Christo no Sacramento, he hum na Pessoa, & trino nas substancias, porque na pessoa de Christo sacramentado tres substancias se encerraõ, o corpo, a alma, & a Diuindade. Tambem a Religião da Trindade he trina, & vnica, trina no mysterioso do apellido, & vnica na singularidade do merecimento. Deos hum na essencia, & trino nas Pessoas, tirou ao mundo material, que saõ os elementos, do catiueiro do nada: *In principio creauit Deus Cælum, & terram.* Christo sacramentado hum na Pessoa, & trino nas substancias, tirou ao mundo espiritual, que saõ as almas do catiueiro da morte pera a vida da graça: *Qui manducat hunc panem, viuet in æternum.* E a sagrada Religião da Trindade, trina no apellido, & vnica no merecimento, resgata a tres mundos de tres diferentes catiueiros, resgata ao mũdo material, q̃ he o corpo, do catiueiro da pobreza, como temos visto na primeira parte: resgata ao mũdo espiritual, q̃ saõ as almas, do catiueiro da morte, originada da priuação dos Sacramentos,

em

em terras de Mouros, como acabamos de ver na segunda. Finalmente resgata ao moral, que he a Igreja, preseruando aos Christãos do catiueiro do peccado, que a companhia dos inficis podera occasionar. Este he o terceiro assumpto do Sermão, & a semelhãça da Ordem da Redempção dos catiuos com a Pessoa do Espirito Santo: *Baptizantes eo sin nomine Spiritus Sancti.*

III. PARTE.

O Espirito Santo, que no Ceo he o sagrado vinculo com que o Pay, & o Filho se vnem no centro do amor, na terra he o amoroso laço com que os homens se vnem com Deos na fragoa da caridade: *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum qui datus est nobis.* Com esta differença, que como o Pay, & o Filho tem a mesma essencia, não depende a sua vnião da separação, & da destruição de contrarias calidades, mas como a natureza humana he essencialmente diuersa da natureza diuina, para o Espirito Santo vnir aos homens cõ Deos, he preciso os aparte, & os liure da materialidade, & da corrupção da sua propria natureza. Esta, a meu ver, he a rezão, porque o Espirito Santo pera vnir aos Apostolos inseparauelmente com Deos, deceo sobre elles transfigurado em lingoas de fogo, produzindo nos seus coraçoens aquelles effeitos que a discreta actiuidade do fogo obra nos elementos. Todos os elementos (se bem aduertirdes) estão naturalmentes catiuos nos corpos que compoem, mas o fogo he o Redemptor, que com a generosa vehemencia das suas lauaredas, os liberta: Declarome cõ hum exemplo. Pega o fogo em hum verde madeiro, & logo parte daquella substancia se resolue em escuma, parte se leuanta em fumo, & parte se conuerte em cinzas; o que se resolue em escuma he agoa, o que se leuanta em fumo, he ar, & o que se conuerte em cinzas, he terra: deue pois esta agoa, este ar, & esta terra a sua liberdade ao fogo, que desfazendo

Rom. 5. 5.

o composto em que estauão encerrados, ós solta da sua prizão, & com ardentes impulsos os manda pera a sua esfera. Esta mesma propriedade tem o fogo do Espirito Sãto, aparta os coraçoens humanos dos contrarios da terra, do mesmo modo que o fogo material separa os elementos superiores da companhia dos mais baixos elementos. São as terras da Barbaria hum monstruoso chaos, em que as luzes do Ceo estão infelicemente misturadas com as treuas do Inferno, porque naquellas desgraciadas Regioens habitão os Christãos com os infeis, viuem os professores do Euangelho, com os defensores do Alcorão, os filhos da Igreja com os discipulos de Mafoma, & os sequazes de Christo com os Antagonistas do Christianismo. Mas graças a Deos, & aos Religiosos da Sãtissima Trindade, que com o fogo do Espirito Santo, & com os ardores do seu zelo tirão as almas Christaãs daquelles infernaes labyrintos, preseruandoas do catiueiro do peccado, que a diabolica cõmunicação com os inimigos da Fee lhes poderà occasionar, que a companhia dos maos he tão venenosa, & tão pegadiça, que he capaz para inficionar, não sò aos homens, mas tambem aos mesmos Anjos, se com huma antecipada separação se não preuenir a sua ruina. Escreue o sagrado Chronista, que Deos no principio do mundo separára a luz das treuas: *Diuisit lucem â tenebris*: contra esta proposição podera hum Philosopho argumentar assim: separar he o mesmo que diuidir o que estaua vnido, mas não pòde a luz andar vnida com as treuas, porque as treuas sam huma priuação, & huma ausencia de luzes; ha luz, logo não ha treuas, ha treuas, logo não ha luz; logo como póde hauer separação de sogeitos, que nũca tiuerão entre si nenhum genero de vnião: *Diuisit lucem à tenebris*: demais do que pera hum sogeito ficar separado do outro, he precizo que hum, & ourro tenha entidade, mas nenhuma entidade tem as treuas, porque saõ huma mera negação sem essencia, & sem exiftencia: logo como se ha de entender, que Deos poz de hũa parte a luz, & da outra parte as treuas: *Diuisit lucem à tenebris*-

Gen. 1. 4.

Santo.

Santo Agostinho, recorrendo ao sentido mistico, diz que pella luz se significão os Anjos: *Creauit Deus lucem, idest Angelos*; mas preuendo Deos que daquelles celestes espiritos, huns ficarião constantes na obseruancia dos seus decretos, & que outros se rebellarião às suas diuinas leys, separou huns dos outros: *Diuisit lucem à tenebris*: & esta separação dos Anjos foi feita no primeiro instante da sua criação, pera consolação dos Anjos predestinados, não querendo Deos tiuessem estas santas intelligencias a pena de ver a sua innocencia arriscada na contagiosa companhia dos prescitos: Sãto Agostinho: *Diuisit lucem à tenebris, hoc est, Angelos bonos à malis, ad maximam consolationem bonorum, solus quippe ista discernere potuit, qui potuit etiam prius quam caderent præscire casuros.* *S. Aug. lib. 11. de Ciuit. Dei cap. 7. & 19.*

Oh quem podera explicar com palauras a excessiua consolação dos Christãos, quando no dia do seu resgate se apartão daquella infernal companhia em que perigaua a sua saluação. Neste glorioso trimpho da charidade, & da misericordia, não sei determinar qual he mayor alegria, se a dos fieis, vendose restituidos ao gremio da Igreja, se a da mesma Igreja, vendo seus filhos em certo modo resucitados no emisphcrio da Christandade, & liures daquella pestifera cõmunicação em que sô a pureza, & a santidade de hum Deos se podera conseruar illeza, & intacta. Que mysteriosas saõ as palauras, com que o Eterno Pay, por boca do Real Propheta applaude ao Filho no dia da sua glorioſa Ascensaõ: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*: Entrai Filho a tomar posse da gloria, que hoje verdadeiramente conheço que sois meu Filho: *Filius meus es tu*, & este propriamente he o dia do vosso nacimento: *Ego hodie genui te.* Mas com que propriedade se pòde chamar o dia da entrada de Christo no Ceo, dia do seu nacimento? Porque se considerar o nacimento de Christo em quanto Deos, naceo desde a eternidade quando o Eterno Pay contemplando a sua diuina Essencia, Enotropio, & Narcizo de si mesmo, gerou ao Verbo; & *Psal. 2.7.*

ſe fallar no nacimento de Chriſto em quanto homem, naceo Chriſto trinta & tres annos primeiro que ſobiſſe ao Ceo? Admirauelmente Santo Ambroſio: no dia da Aſcenſaó, não naceo o Senhor em quanto à participação do ſer diuino, ſenão em quanto às prouas, & demonſtraçoens da ſua diuindade; porque naquelle dia leuou o Senhor ao Ceo a ſua innocencia illeza, & preſeruada dos contagios da culpa. Bem ſei, que Chriſto era impeccauel, porque era Deos; porèm como eſte Deos humanado conuerſou trinta & tres annos na terra com peccadores, parece ſe não oſtentou Filho de Deos, ſenão quando no dia da Aſcenſaó ſe retirou da conuerſação dos peccadores, ſem peccado: Santo Ambroſio:

S. Ambr. in Pſalm. 45. *Ego hodie genui te, ſcilicet generationis meæ priuilegium in te recognoſco, quem nulla macula potuit coinquinare peccati.*

Appliquemos eſta conſideração ao noſſo intento. A cada Chriſtão catiuo, & reſgatado póde a Igreja appropriar as palauras com que o Eterno Pay applaudio ao Filho no dia em que das corrupçoens da terra ſe remontou incorrupto ao Empireo: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*: tornai Filho pera o gremio de voſſa máy a Igreja, que eſte he propriamẽte o dia de voſſo nacimento, & da voſſa Reſurreição. Nas terras dos infieis eſtiueſtes atégora morto, & ſepultado, ſem confiſſaó, ſem communhão, ſem Sacramentos, arriſcado a apoſtatares da Fee, com eſcandalo dos voſſos irmãos, com ſentimento dos Anjos, com eſcarneo dos demonios, & com perpetua ignominia do nome Chriſtão; mas vejo eſtas ruinas victorioſamente preuenidas pellos filhos da Santiſſima Trindade, que preſeruando-vos do catiueiro do peccado, vos tornárão a pôr nos meus braços, pera que vos reſtituiſſe â vida com os alentos da graça: *Filius meus es tu, ego hodie genui te.*

Segueſe agora, ſegundo a ordem que leuamos, ponderar com mayor aduertencia os intereſſes que o Eſpirito Santo tem na redempção dos catiuos, & com iſto dou remate ao Sermão. Pellos filhos da Santiſſima Trindade reſtitue o Eſpirito

pirito Sento ao mundo todos aquelles furtos innocentes, q̃ continuamente lhe está fazendo por meyo das outras Religioens. Declaro as proposiçoens. A vocação pera o estado Religioso, he effeito dos impulsos do Espirito Santo, que do mesmo modo que o Espirito Santo leuou ao Senhor pera as asperezas do deserto: *Ductus est in desertum à Spiritu*, lê a versaõ Syriaca, *à Spiritu Sanctitatis, idest*, cõmenta o A Lapide, *à Spiritu Sancto.* Assim vai este diuino Espirito continuamente leuãdo infinitas almas pera o deserto da penitencia na Religião. De maneira que por meyo das mais Religioens, com sagrados latrocinios rouba o Espirito Santo os filhos às mãys, os pays aos filhos, os Soldados à milicia, os ministros à Republica, os vassallos aos Princepes, & tal vez os mesmos Princepes aos vassallos, despouoando as casas, & extinguindo as familias, pera encher os Conuentos, & acrecentar o estado da Hierarchia Religiosa. Mas pera que não ficasse queixoso o mundo de tantas, & tão continuas perdas, compensa o Espiritu Santo todos estes damnos por meyo dos filhos da Santissima Trindade; porque com o resgate dos catiuos, restitue esta sagrada Religião os filhos aos pays, os pays aos filhos, os maridos ás mulheres, os lauradores ao campo, os officiais ao officio, os Ministros á Republica, & os vassallos ao Reyno, com tão excessiuo numero, que se podera formar hum nouo mundo com os Christãos resgatados; porque sô o Reyno de França conta mais de trezentos mil, & se me dera o tempo lugar pera lançar a conta das antigas, & modernas Redempçoens feitas pellos Religiosos da Santissima Trindade das Prouincias de Portugal, & Castella, Italia, Polonia, das Prouincias de Alemanha, Inglaterra, Scocia, Hibernia, & Hollanda, como tambem daquellas da Lituania, Grecia, Bohemia, Russia, Saxonia, Hungaria, Dalmacia, & Palestina [que em todas estas partes teue antigamente esta sagrada Ordem insignes Conuentos, que os Hereges, & os Turcos barbaramente destruirão, quando conquistàrão aquellas terras] se pudera digo breue-

A Lap. in Math. c. 14 p. 98. c. 1. & 2.

mente ponderar os effeitos de todas eſtas antigas, & modernas Redempçoens, achàra milhoens, & milhares de Chriſtãos reſgatados, & reſtituidos à patria, à Igreja, & à participação dos Sacraméos, cõ exceſſiua conſolação de todos os Imperios da Chriſtandade. Glorioſos imitadores das tres Peſſoas diuinas, aos deſuelos do voſſo zello deuem tres mũdos a recuperação da ſua liberdade ; o mundo material, o mundo eſpiritual, & o mundo moral, o mũdo material, porque deſcatiuais os corpos, o mundo eſpiritual, porque libertais as almas , & o mundo moral, porque reſtituis os Chriſtãos ao gremio da Igreja. Reſgatais aos corpos do catiueiro da pobreza, libertais as almas do catiueiro da morte , & preſeruais os filhos da Igreja do catiueiro do peccado: reſgatando aos corpos do catiueiro da pobreza, imitais a Peſſoa do Eterno Pay, que na criação do mundo tirou aos elementos do catiueiro do nada: *Baptizantes eos in nomine Patris.* Reſgatãdo as almas do catiueiro da morte originada da priuação dos Sacramentos, imitais a Peſſoa do Filho, que com a inſtituição dos Sacramentos titou as noſſas almas do catiueiro da morte para a vida da graça: *Baptizantes eos in nomine Filij*, & preſeruando aos filhos da Igreja do catiueiro do peccado que a infernal companhia dos infeis podera occaſionar, imitais a Peſſoa do Eſpirito Santo, que com luzes do Ceo, & com lingoas de fogo, apartou a Igreja das ſombras da ſinagoga, & das ſuperſticoens da Gentilidade: *Baptizantes eos in nomine Spiritus Sancti.*

Eſtas ſaõ as tres prodigioſas ſemelhanças da Religião da Santiſſima Trindade com as tres Peſſoas diuinas: no myſterio da Santiſſima Trindade adoramos tres Peſſoas em huma ſô ſubſtancia, na Religião da Santiſſima Trindade reconhecemos tres generos de liberdade em huma ſô Redẽção, a liberdade do corpo, a liberdade da alma, & a liberdade da Igreja : a liberdade do corpo pera a conſeruação das Monarchias na reſtituição dos ſeus vaſſallos ; a liberda-

de

de da alma pera a participação dos Sacramentos, & a liberdade dos filhos da Igreja pera a Exaltação da Fee: tudo pera gloria da Santissima Trindade: *Euntes docete omnes gentes. Baptizantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti. Amen.*

SER-

SERMAM

do glorioſo Patriarcha dos pobres

S. IOAM DE DEOS,

PREGADO

NO DIA DA SVA FESTA NO Conuento dos Religioſos da meſma Ordem.

Lucernæ ardentes in manibus veſtris.
Lucæ 12. num 35.

Tè na fantazia dos Gentios ſe debuxàrão antigamente os myſterios da ley Euangelica, Diuina, & humana Mageſtade, Atè na fantazia dos Gentios ſe debuxàrão antigamente os myſterios da ley Euangelica: & na verdade que ſignifica aquella diſcreta Pallas nacida da cabeça do fabuloſo Iupiter ¿ ſenão a diuina Sabedoria, fecundo parto do entendimento do Eterno Pay, que ſe não naceo como Pallas com as armas nas mãos, foi porque não eſtando os dictames daquella infinita Sapiencia ſogeitos ao engano, não lhe foi precizo armarſe contra os exames

da

da cenſura , & os inſultos da detracção. Que ſe ſimboliza naquelle Iano de dous roſtos, ſenão a Peſſoa do Verbo com duas naturezas, humana, & diuina, com eſta differença porèm, que não merecendo a eſtimação dos homens, hum homem de dous roſtos, muito menos merecia diuinas adoraçoeus hum idolo de duas caras ; mas na Peſſoa do Verbo ficão as duas naturezas tão intimamente vnidas, que conſtituindo huma ſô peſſoa , não admittem variedades no ſemblante, & não conſentem inconſtancias no coração. Que ſe repreſenta naquelle tão celebrado Hercules, aſſombro da valentia, & terror da natureza, que ſojugou a fereza dos monſtros, & deſpedaçou as portas do inferno , ſenão o Saluador do mundo Antigoniſta do demonio, deſtruidor do peccado, & glorioſo triunfador dos infernaes exercitos. Em concluſaõ, que ſe figura naquelle deſgraciado Apollo , que por hauer reſtituido hum defunto à vida, foi deſterrado da Corte celeſtial, & opprobrioſamente deſpido das inſignias da ſua imaginaria grandeza, ſenão o Redemptor do genero humano, que pera ſarar as noſſas almas do contagio da culpa, ſe deixou pregar em huma Cruz afrontoſaméte, expoſto aos inſultos da Iudaica barbaridade. Suppoſtas todas eſtas myſterioſas confrontaçoens das fabulas com a verdade, he certo, no ſentir dos Padres, que atè nas ſombras da infidelidade transluzirão os reſplandores do Euangelho , & que nos meſmos delirios dos antigos, pòdem os Prégadores aſſegurar os acertos de ſeu juizo, apropriando à gloria de Deos, & à veneração dos Santos as chimericas ideas, que a ceguceira dos Gentios formou no labyrinto da ſua treſuariada imaginação: não tenho para abonadores deſta verdade menos q̃ a Clemente Alexandrino: *Eorum enim quæ ob imbecillitatẽ ſuam humana intueri perſpicuè nequit natura , ſpecioſior interpres eſt fabula.* Dous motiuos me obrigão a que cõ eſta preambula doutrina dêſſe principio ao Sermão ; o primeiro foi querer aliuiar a conſciencia de hũs eſcrupuloſos criticos, que condenão nos Sermoens a moralidade das fabulas, & as

Clem. Alexand. in Strom.

allegorias da Poesia ; & o segundo foi, querer authorizar hũa engenhosa especulação da antiga Philosophia , em que determino de estribar os louuores do glorioso Patriarcha Sam Ioaõ de Deos, sem me apartar das palauras do meu Thema: *Lucernæ ardentes in manibus vestris.*

Esiod. in Theogon. Orpheus in Argonaut. Parmen. in lib. de natur. Plato in conuiuio sapient.

Tem pera si os sabios da antiguidade, Esiodo , Parmenides, & Platão, que o amor foi a luminoza fonte donde emanarão os rayos com que o Sol , & os mais Planetas alumeão o theatro do vniuerso. Lá no principio dos seculos, as sombras de huma profunda noite erão as mantilhas, com que o mundo se enuoluia no berço da sua infancia, & estando todos os elementos amortalhados com esta funebre vestidura, parecia a natureza hum cadauer , & o mundo todo hum sepulchro. Sahio pois o Amor com a tocha na mão, & lançando o voo pera as Espheras Celestes, alumeou ao Sol, que repartindo as suas luzes com a Lua , & as Estrellas, derramou sobre a terra hum diluuio de resplandores pera naufragio das sombras: *Amor chaos comitatus , torpentia suscitat, obscura illuminat.* Isto que na profana Philosophia foi fingimento, he no Euangelho de hoje , & na Festa que celebramos manifesta verdade. Manda Christo aos Apostolos, & juntamente a todos os Santos, que com tochas acezas nas mãos desterrem as treuas do mundo : *Lucernæ ardentes in manibus vestris* ; mas se he proprio do Amor despender luzes, & pegar incendios, quem hauia de sair desta illustre empreza com mais felice successo que S. João de Deos, a quem se a Igreja concede o nome de Deos, he na minha opinião, porque Deos (como affirma o Apostolo S. João) he o mesmo Amor, *Deus charitas est* ; & assim S. João de Deos vem a ser o mesmo que S. João do Amor. Na pessoa de S. João de Deos communicou o Amor diuino as suas luzes a tres Espheras, à Esphera do Sol, à Esphera da Lua , & à Esphera das Estrellas ; no Sol se significa Deos ; & S. João de Deos alumiou em certo modo esta diuina Esphera , remediando aos apparentes descuidos da diuina Prouidencia no desem-

Ma. fil. Ficin. in cõmentar. Platon.

Ioan. 4. 16

paro

paro dos pobres ; na Lua se significa a Igreja, & S. João de Deos, ill ustrou a Igreja com os resplandores de todas as virtudes ; nas Estrellas se significão os Santos , & S. João de Deos, excede em certo modo a todos os Santos no triumpho da Bemauenturança. Ex aqui toda a materia do Sermão, os luminosos tropheos de S. João de Deos, em tres Espheras, na Esphera do Sol, que he Deos, na Esphera da Lua, que he a Igreja, & na Esphera das Estrellas, que saõ os Santos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris.*

Aue Maria.

I. PARTE.

PRimeiramente alumiou S. João de Deos , a Esphera do Sol diuino , porque com a tocha da caridade desterrou aquellas sombras , que parecião eclypsar a gloria da diuina Iustiça, no gouerno do mundo. A justiça, conforme a definição dos Theologos, & dos Iurisconsultos , he huma constante, & perpetua repartição dos premios, & castigos que a cada hum competem: *Iustitia est constans , & perpetua voluntas, jus suum unicuique tribuens.* Mas com tãta desigualdade, repartio Deos os bens precizos pera o sustento da vida humana, que alargando para huns a mão , com prodiga liberalidade, pera outros apertou a mão , com huma apparente nota de auareza ; & he isto tanto assim, q̃ parece se poderião os pobres queixar do lamentauel desemparo em que estão, com este, ou outro semelhante requerimento. Supremo Author da natureza , que com soberbas galas vestistes as mais humildes flores do campo , & com precioſos alimentos sustẽtais os mais despreziueis habitadores do âr , porque rezão deixais andar nûs, & famintos os pobres , que como criaturas, saõ producçoens da vossa Omnipotencia ; & como homens, saõ retratos da vossa belleza ? Que todos os homens viuaõ sogeitos à tyrannia da morte , he castigo do peccado, em que todos igualmente cahirão , & nisto se acredita a in-

In Panthcolog. tom. 2. 740.

reireza da voſſa juſtiça, pois o rayo da morte, ſem fazer diſtinção de peſſoas, nem differença de calidades, igualmente fere a eminencia dos tronos, que a humildade dos arados, mas ſendo os ricos, não menos peccadores, que os pobres, mas antes ſendo tal vez os pobres mais innocentes que os ricos, com que juſtiça podeis permittir, que a huns falte o ſuſtento para viuer, & que a outros ſobejem os cabedaes pera deſperdiçar, que huns morrão â mingoa, & que a outros enfaſtie a ſua propria abundancia? Sè os ricos, & os neceſſitados ſaõ todos filhos de Adão, vòs que foſtes ſeu legitimo teſtamenteiro, porque rezão fizeſtes tam deſiguaes as partilhas, que a huns coubeſſem ſumptuoſos edificios, em que atè as paredes eſtão ricamente enroupadas contra os rigores do Inuerno, & que a outros apenas ſe cõcedeſſe huma vil choupana por habitação, em que mayores eſtragos publicão, as lagrimas, que nella ſe derramão, do que as intrudaçoens, que a ſouertem? Com que prerogatiuas nacerão aquelles pera pizarem as ruas, aſſentados em carros triunfantes, com mayor pompa da que os Planetas oſtentão na circunferencia dos ſeus orbes; & que delicto cometerão eſtes pera andarem debaixo das rodas da fortuna, aluo dos deſacatos, & triſte depoſito das deſgraças? Finalmente ſe tudo dais a huns, & aos outros nada, ſe aquelles ſaõ ſenhores dos thezouros da terra, & ſe eſtes nam tem outra moeda que trocar, mais que os ſeus gemidos com luctuoſas mudanças alternados, que muito, que piamente atreuidos tomem confiãça pera pedirẽ contra a voſſa meſma juſtiça, juſtiça? *Quare Deus ſicut diuiti dedit, non æque pauperi dedit?* São palauras de S. João Chriſoſtomo em fauor dos pobres, porèm a eſtas queixas da pobreza, reſponde o meſmo Santo, que eſta meſma deſigualdade, com que Deos repartio os bens da terra, he o mayor credito da ſua juſtiça; & a razão he manifeſta: Depoſitou Deos nas mãos dos ricos, o patrimonio dos pobres, & do meſmo modo que por diuina prouidencia, o Sol coroa os Aſtros com os brilhantes deſperdiços da ſua luz, &

Chriſoſt. tom. 5. homil. 5. de penitent.

com

com a fluctuante exorbitancia das suas agoas forma o mar nas veas da terra aos rios ; assim quer Deos que os sobejos dos ricos sejão o morgado dos pobres, para que huns,& outros alcancem mayor merecimento ; os pobres pedindo cõ humildade o que lhe falta para o sustento, & os ricos repartindo com liberalidade o que possuem com abundancia. S. João Chrisostomo: *Poterat quidem sicut & tibi, pauperi dare, sed noluit, ne tuas diuitias infructuosas faceret, neque illius sine merito efficeret paupertatem.* *Chrisost. ibidem.*

Mas oh que cruelmente quebrantarão os ricos as leys desta caritatiua administração, pois com insaciauel codicia vsurparão os bens dos pobres, & com desmedida profusaõ os dissipão nos pomposos apparatos da sua vaidade. Para remediar pois a este tão pernicioso desconcerto, nestes vltimos seculos, mandou Deos â terra hum vice-Deos, quero dizer S. João de Deos, que sô hum Deos, ou hum substituto da Diuindade pòde alcançar que os ricos não dissipem os bens dos pobres nas superfluas ostentaçoens da sua ambição. Là no Egypto viuia o pouo de Israel auexado com tributos, opprimido com trabalhos, & atormentado com todas aquellas penalidades que acompanhão huma extrema pobreza : determinou Deos de tirar aquelle pouo das angustias em que passaua miseruelmente a vida, & para este effeito chamou a Moises, & com soberano decreto o declarou Deos de Pharaô : *Constitui te Deum Pharaonis*, reparo que a palaura Pharaô em lingoa Hebraica quer dizer dissipador, por onde o mesmo foi intitularse Moises Deos de Pharaô, que Deos do dissipador, que como Pharaô vsurpara os bens dos Israelitas para os dissipar na fastuosa magnificencia das Cidades que fabricaua à custa do suor, & do sangue daquella desgraciada nação, constituhio Deos a Moises vice-Deos do Egypto para obrigar a Pharaô a que restituisse a poder de prodigiosos castigos os bens do pouo de Israel vsurpados cõ violencia, & com cega prodigalidade dissipados : *Pharaô iaẽst dissipator, constitui te Deum Pharaonis*. Pareceme fieis *Exod. 7. 1.*

S. Ioão de Deos vice-Deos da terra, & Deos dos Pharaôes do seu tempo, quero dizer dos ricos, crueis dissipadores do patrimonio dos pobres, que ainda que as historias celebrem o zelo daquelles Santos que nos seculos antepassados se desuelarão em obrigar aos ricos a esta tão racionauel repartição entendo que desde a criação do mundo nenhum Santo se empenhou com tanto zelo, & com tanto esforço nesta ardua empreza, pois com feruorosas exhortaçoens, & com suaues violencias, com rogos, com ameaços, com traças, cõ estratagemas, com pias importunaçoens, & com inesperados prodigios, obrigaua aos ricos a que se desapossassem dos seus thesouros para a fabrica dos hospitaes, & para a prouisaõ das enfermarias, recolhendo nos hospicios da charidade todas aquellas riquezas que o luxo dos Grandes andaua dissipando nos profanos entretenimentos do mundo: *Pharaô ideſt dissipator, constitui te Deum Pharaonis.* Com este mesmo zelo com que S. Ioão de Deos se mostrou fiel ministro da diuina justiça, repartindo com os pobres os cabedaes dos ricos, acodio juntamente aos creditos da diuina Omnipotencia. Hum dos mayores empenhos da Omnipotencia diuina, he a conseruação do mundo, & entendendo S. Ioão de Deos q̃ os pobres saõ as columnas, em que se estriba a grande maquina do vniuerso, para ter ao mundo em pè, todo o seu cuidado poz em ter mão na pobreza. Nestas mysteriosas palauras do primeiro dos Reys: *Domini sunt cardines terræ & posuit super eos orbem*, entende o Abbade Ruperto, com o Author das questoens Hebraicas, que os pobres, & os necessitados saõ os alicerses em que se assenta a fabrica do mundo: *Cardines terræ pauperes spiritu Hebræi intelligunt, super quos dominus orbem posuisse dicunt, quia eorum meritis terram stare autumant*: de maneira que no sentir de Ruperto os merecimentos dos pobres saõ os alicerses deste grande edificio da natureza, do mesmo modo pois que a permanencia dos edificios depende da conseruação dos alicerses, assim do sustẽto dos pobres depende a conseruação do mundo. Prouo esta pro-

1. *Reg.* 2. 8.

Rupert. lib. 1. *Reg. cap* 5.

propoſição com hum lugar muitas vezes repetido nos pulpitos, mas nunca, a meu ver, trazido a eſte intento.

Na Eſtatua de Nabuco, ao graue pezo dos metaes de que era compoſta, ſeruia o barro de alicerſe ; foi a Eſtatua de Nabuco o retrato da Eſtatua do mundo; na cabeça de ouro ſe repreſentão os Emperadores, os Reys, os Princepes, & os Potentados da terra; na prata ſe ſignifica a Fidalguia, & a Nobreza; no bronze a ſoldadeſca, no ferro a plebe ; & nos pés de barro os pobres: ſeruem pois os pobres de pès, & de columnas à eſtatua do mundo, porque ? porque os pobres ſaõ as imagens de Chriſto, que he a baſe do vniuerſo. Logo para a eſtatua do mundo ficar em pè, tenha S. Ioão de Deos mão no barro da pobreza, empenheſe na conſeruação dos alicerſes, para que não padeça ruînas o edificio. Entre Sam Ioão de Deos com o meſmo Deos no gouerno do mundo, & ſe o mundo he o Palacio que Deos edificou para a habitação dos homens, nos altos deſte Palacio preſide Deos como ſupremo Architecto da fabrica, & aſſiſte S. Ioão de Deos aos fundamentos, como reparador das ruînas. Na eſtatua do mundo gouerna Deos as cabeças de ouro como Arbitro dos Monarchas, & neſta meſma eſtatua ſe abraça Sam Ioão de Deos com os pès de barro como pay dos pobres. Grande gloria fora a de hum ſubdito a quem o Princepe cometera a reſtauração da vacillante Monarchia! No tempo de S. Ioão de Deos exhalaua o Imperio da natureza os vltimos alentos nas queixas dos pobres, & nos gemidos dos enfermos; viãoſe em todas as Cidades, & Reynos da Europa os deſtroços da pobreza, & os eſtragos da enfermidade, chagas incuraueis, feridas mortaes, febres contagioſas, neceſſitados ſem ſocorro, famintos ſem alimento, doentes ſem remedio, moribundos ſem aſſiſtencia, & mortos ſem ſepultura ; mas alegrate mundo triſte, mundo miſerauel, que jà o Ceo eſcolheo a S. Ioão de Deos para reſtaurador das tuas ruínas, de que andaua como deſcuidada, & eſquecida a proüidencia do teu criador : *Magnum æſtimares honorem, ſi collapſam*

Rem-

Chrisost. homil. 14. in fine.

Respublicam Rex tibi committeret restituendam, pauperis igitur cura demandata magnus honor est: disse S. Joã o Chrisostomo, como profetizando a gloria de S. Ioão de Deos, tomando pois o noſſo Santo ſobre ſi o cuidado deſta reſtauração da natureza, eſtaua Deos em certo modo mais deſcançado do gouerno do mundo. Bem ſei que não ſendo Deos capaz de trabalho, não neceſſita de deſcanço, porèm eſtà Deos tão ſatisfeito dos aliuios que ſe dão à pobreza, que aõde a pobreza ſe aliuia, lâ parece que Deos deſcança. No penhaſco donde hauião de manar aquellas agoas milagroſas q̃ apagarão a ſede do pouo de Iſrael, diſſe Deos que eſtaria immouel, & deſcançado: *Strabo ibi ſuper petram, & exibit ex ea aqua vt bibat populus*, pois buſca Deos deſcanços nas aſperezas de hum penhaſco? Si, porque aquelle penhaſco ſe hauia de desfazer em criſtalinas correntes para aliuio dos ſequioſos, & não ha para Deos trono de mayor deſcanço, que a criatura que ſe emprega nos aliuios de hum pouo neceſſitado: *Cur petra hæc adeò allexit Deum, vt in ea regale ſoliũ collocaret, niſi dixeris hanc petram ſitientes Hebræos ſaturaſſe?* Suppoſto iſto, entendo a razão porq̃ o Minino Ieſus apareceo hũ dia nos braços de S. Ioão de Deos: deſcançou Deos naquelles braços em q̃ a pobreza achaua o ſeu deſcãço, & como ſe Deos quizeſſe desfazerſe do gouerno do mundo, tomou figura de minino izẽto de todo o cuidado, q̃ parece não era preciſo ſe occupaſſe Deos em remediar os deſcõcertos da natureza, quãdo ſe moſtraua S. Ioão de Deos tão ſollicito em acodir ao deſẽparo dos pobres, & aos achaques dos enfermos. E com iſto tenho prouado que o noſſo Santo alumiou com a tocha da charidade a eſphera do Sol, que he Deos, deſterrando aquellas ſombras com que a humana deſconfiança pretendia deſluſtrar os creditos da diuina juſtiça, na deſigual repartição das riquezas. Vejamos agora como S. Ioão de Deos alumiou com a meſma tocha do amor diuino a eſphera da Lua, que he a Igreja: *Lucernæ ardentes in manibus veſtris.*

Exod. 17. 6.

Viegas in Ioannes tom 3. p. 33.

In ejus vita cap. 21.

II. PAR.

II. PARTE.

OS reſplandores com que a Igreja ſe coroa, ſaõ as virtudes dos Santos, & como S. Ioão de Deos chegou ao auge de todas as virtudes, vioſe a Igreja no ſeu tempo toda chea de reſplandores. Sabida he a diuiſaõ que os Theologos fazem das virtudes, chamando a humas Theologicas, & a outras Cardeaes. São as Theologicas Fee, Eſperança, & Charidade. E as Cardeaes, em que todas as mais ſe encerrão, vem a ſer Prudencia, Fortaleza, Iuſtiça, & Temperança. Em todas eſtas virtudes ſe aſſinalou S. Ioão de Deos cõ o exercicio de huma ſõ virtude. Notauel dizer! Pois qual foi eſta virtude tão vniuerſal, & tão ſoberana, que poz na cabeça de Sam Ioão de Deos a coroa de todas as virtudes? A Charidade; com eſta ſuprema, & hieroica virtude apurou S. Ioão de Deos a Fee, aſſegurou a Eſperança, exercitou a Iuſtiça, acreditou a Prudencia, oſtentou a Fortaleza, & fomẽtou a Temperança. Em primeiro lugar cõ a virtude da Charidade apurou S. Ioão de Deos a Fee, porque não ſatisfeito de adorar a Chriſto na Cruz, & no Sacramento, adorou a Chriſto na peſſoa dos pobres. Fundauaſe eſta prodigioſa fee de S. Ioão de Deos nas palauras do Euangelho com que o Senhor affirma que elle aſſiſte na peſſoa do pobre neceſſitando com elle, & recebendo pella ſua mão a eſmola que ſe lhe fez: *Eſuriui, & dediſtis mihi manducare, ſitiui, & dediſtis mihi bibere.* Daqui tomo motiuo para reparar que Chriſto anda hoje no mundo em dous differentes ſogeitos, diſfarçado no Sacramento, & no pobre; no Sacramento eſtà Chriſto eſcondido debaixo dos accidentes da Euchariſtia, & no pobre eſtà Chriſto ſofrendo os accidentes da vida; no Sacramento não permanece a ſubſtancia do pão com o corpo de Chriſto, & na peſſoa do pobre falta ao corpo de Chriſto a ſubſtancia dos alimentos. Verdade he, que a preſença de Chriſto no Sacramento he real, & ſõ he myſterioſa a preſença

Math. 25. n. 35.

Maxim. Monachus in Exposition. Liturg. c.25.

sença de Christo no pobre: *In pauperis corpore Christus mysticè patitur.* Mas pergunto eu, que mysterio tem esta mysteriosa assistencia de Christo no pobre, quando pera aliuio das nossas saudades, & para o bem da Igreja, parece era sufficiente a assistencia de Christo no Sacramento. Respondo, era preciza esta duplicada assistencia de Christo no Sacramento, & no pobre, porque no Sacramento assiste Christo para os desuelos do seu amor, & assiste Christo no pobre para os desempenhos do nosso agradecimento. No Sacramẽto dà Christo aos homens o seu corpo, & o seu sangue nas especies do pão, & do vinho, & para os homens pagarem a Christo na mesma moeda, assiste Christo no pobre, comendo mysteriosamente com elle o pão que lhe damos, & bebendo a agoa que lhe offerecemos. No Sacramento nos alimenta a nòs, & nòs na pessoa do pobre alimentamos a Christo; & assim Christo realmente sacramentado na Hostia ostenta a sua fineza, & mysteriosamente sacramentado no pobre sollicita a nossa correspondencia: vede que precizas sam estas duas presenças de Christo, a primeira no Sacramento, para nos dar os alimentos da graça; & a segunda no pobre, para recrber de nòs o sustento da natureza. Esforça S. Ioão Chrisostomo este meu pensamento, dando ao Esmoler o titulo de Sacerdote, porque se o Sacerdote realmente conuerte o pão, & o vinho no corpo, & no sangue de Christo, tambem o Esmoler faz que mysteriosamente se conuerta o pão & a agoa na substancia de Christo que assiste no pobre: *Cogita*, diz S. Ioão Chrisostomo, *quod Sacerdos Christi fias, cum propria manu offeras carnem, & sanguinem, hoc est panem, & aquæ frigidæ calicem.* Supposta esta doutrina, dous generos de Sacerdotes acho na Igreja, huns que na communhão repartem com os fieis o pão do Ceo, & outros que cõ a esmola dão ao mesmo Christo que assiste no pobre o pão da terra. Com grande conueniencia logo podemos dizer q̃ S. Ioão de Deos foi Sacerdote, & o mesmo se pode affirmar de todos os seus filhos, glorioſos imitadores da sua charidade.

Chrisst. in Matth. hom. 47.

de. Si, todos os filhos de S. I[illegible]ão de Deos, no sentir de Sam Ioão Chriſoſtomo, ſaõ Sacerdotes : *Cogita quod Sacerdos Chriſti fias* ; & iſto em que maneira? já o diſſe, & o torno a dizer: os Sacerdotes transformão huma ſubſtancia terrena, que he o pão, em huma diuina ſubſtancia, que he o corpo de Chriſto ; o meſmo fazem myſterioſamente os filhos de Sam Ioão de Deos, porque os corruptiueis manjares que elles dão a Chriſto na peſſoa dos pobres, myſterioſamente ſe trãſformão em celeſtes eſſencias. Notai bem a palaura myſterioſamente, que a conuerſaõ do pão no corpo de Chriſto ſacramentado na Hoſtia, he verdadeira , & a conuerſaõ do pão no corpo de Chriſto repreſentado na peſſoa do pobre , não he verdadeira, mas myſterioſa : *In pauperis corpore Chriſtus miſticè patitur.* Era pois tão viua a fee com que S. Ioão de Deos adoraua a Deos na peſſoa dos pobres , que mereceo agaſalhar huma vez ao meſmo Deos nos deſpreziueis diſfarces de hum mendigo. Bemafortunado Santo, que ſe não teue a coroa do Sacerdocio, poz ao meſmo Sacerdocio a coroa, dando com ſuas mãos alimentos àquelle Senhor , que pellas mãos dos Sacerdotes nos alimenta, & ſendo o Sacramento huma eſpecie de eſmola que Chriſto faz de ſi meſmo ao corpo da Igreja, por parte de toda a Igreja agradeceo S. Ioão de Deos eſta diuina eſmola, com os regalos que elle fez à propria peſſoa de Chriſto : *Cogita quod Sacerdos Chriſti fias cum propria manu offeras carnem, & ſanguinem, hoc eſt panem, & aquæ frigidæ calicem.*

In ejus vita cap. 22. p. 75.

Em ſegundo lugar com a virtude da charidade aſſegurou S. Ioão de Deos a eſperança, porque nenhuma acção virtuoſa dà penhores mais certos da gloria , do que a eſmola. Na transfiguração deſembargou Chriſto a gloria da ſua diuindade, & he muito para aduertir, que ſendo o Senhor neſta vida mortal tão inclinado aos deſprezos, & aos abatimẽtos, chegaſſe a communicar ao corpo, ainda que mortal, os reſplandores da futura bemauenturança. Que o corpo de Chriſto deſpois de reſucitado logre os dotes dos corpos glo-

riosos, não me admiro, o que me espanta he que Christo se antecipe com tãta pressa aos triumphos da sua Resurreição. Mas já entendo a razão; foi a transfiguração o retrato do Sacramento, porque no Sacramento Christo em certo modo se transfigura nas especies em que se representa, na transfiguração do Tabor se cõuerterão as sombras do corpo nos resplandores da Diuindade, & na transfiguração do Altar ficão os resplandores da Diuindade occultados com a sombra dos accidentes: *Transfiguratus est Christus in Eucharistia, vbi latens sub speciebus panis, & vini, in eas quasi transfigurari videtur, transsubstantiatio enim, est quasi accidentium transfiguratio.* Demais do que tratandose no Tabor dos excessos de Christo: *Loquebantur de excessu*, entendo que não se fallaua sô no excesso das penas de Christo na Cruz, senão tambem no excesso das suas finezas no Sacramento; porque estauão com Christo Moises, & Elias, que forão os primeiros interpretes deste soberano mysterio, Moises com o mañâ com que alimentou ao pouo de Israel, & Elias com o pão que o Anjo lhe trouxe no deserto. Esta pois, a meu ver, he toda a razão, porque o corpo de Christo se vio naquelle dia com milagrosa preuenção coroado com as luzes da esperada bemaucnturança. Naquelle tempo trataua o Senhor de fazer no banquete Eucharistico huma esmola de todos os seus cabedaes aos pobres, que ainda que Christo no Sacramento se entregue aos opulentos igualmente que aos necessitados, entendo com Santo Ambrosio, que este sagrado thezouro se abrio mais por amor dos pobres q̃ não possuem nada, que por amor dos ricos, que de tudo se apoderão, compensando Deos com as riquezas da Eucharistia as faltas da pobreza: *Christianus qui mundum non possidet, hic totum possidet Saluatorem.*

A Lap. in Euang. Matt. 6. 17 p 330.

S. Ambr. serm. 51.

Supposta pois esta grandiosa esmola de Christo no Sacramento para aliuio dos pobres, justo era se visse o corpo de Christo com todos os luzimentos da gloria: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*, que os lanços da esmola saõ os penhores

da

da bemauenturança, & quem dà aos pobres os thezouros que possue, assegura para si as glorias que espera: *Loquebantur de excessu, resplenduit facies ejus sicut Sol.* Agora entendo a razão, porque se vio huma vez o hospital em que Sam João de Deos assistia todo transfigurado em luzes: cuidarão os enfermos que o fogo pegara no edificio, & lançandose das suas camas, confusamente gritarão, fogo, fogo, queimase o hospital; mas logo socegarão as ansias vendo a illustre modestia daquellas innocentes lauaredas, & que outra cousa erão aquellas luzes; mas que as esmolas de Sam João de Deos conuertidas em resplandores para prefagios da sua bemauenturança? Estaua jà o Ceo como impaciente de remunerar o zelo do nosso Santo, deceo a gloria no hospital, equiuocada em luzes, & espalhando rayos attractiuos por todas as partes daquella funebre habitação, mostrou de querer arrebatar a S. João de Deos para as cadeiras do Empireo; tão seguros saõ os premios da eternidade, para os que com copiosas esmolas depositão nas mãos dos pobres a sua esperança. *In ejus vita cap. 22.*

Em terceiro lugar com a virtude da Charidade acreditou S. João de Deos a Fortaleza, viuendo nos hospitaes entre moribundos, & mortos, que não ha mayor proua de hum coração esforçado, que conseruar os alentos da vida entre os horrores da morte. Chamão os Philosophos ao Sol, coração do mundo, porque assim como no coração està todo o vigor, & a valentia do homem, assim estão todos os alentos da natureza no Sol; porèm em vesporas do dia do juizo desmayarà o Sol com mortaes parocismos: *Sol obscurabitur*; porque? porque naquelle vniuersal estrago da natureza todos os homens se acharám ou mortos, ou moribundos, & para assistir a tam lamentaueis ruînas, parece não terà o mûdo coração, pois no eclypse do Sol desmayarà o coração do mundo. Não assim S. João de Deos, que andaua entre mil mortes sem horror da morte, confortando agonizantes, amortalhando cadaueres, enterrando defuntos, & cobrando

nouas forças com aquelles meſmos desfalecimentos, cõ que os enfermos acabauão o vltimo conflicto da vida. Em quarto lugar com a virtude da Charidade acreditou S. Ioão de Deos a prudencia, porque hum dos mayores empenhos da prudencia humana, he conuerter em meyos para a ſaluação os inſtrumentos da propria ruina, & para eſte effeito andaua S. Ioão de Deos incançauelmente pella Cidade de Granada exhortando aos ſeus moradores a que deixando os gaſtos ſuperfluos, & criminoſos, procuraſſem de ſe ſaluar com aquellas meſmas riquezas com que ſe condenauão, conſagrando aos pobres, que ſaõ as imagens de Chriſto, aquelles bens que cegamente deſperdiçauão na idolatria do mundo. Para a fabrica do Tabernaculo ſe valeo Moiſes das joyas dos Iſraelitas, porque os Iſraelitas para a fabrica do bezerro de ouro ſe valerão das ſuas joyas, & querendo Moiſes conuerter a peçonha em remedio, obrigou ao pouo de Iſrael a que applicaſſe ao culto da diuindade aquelles profanos inſtrumentos da ſua idolatria. Aſſim com ſoberana diſcrição, & com ſagrada Alchimia conuerteo S. Ioão de Deos o veneno em antidoto, exhortando aos grandes a que tomaſſem para incentiuo da ſua miſericordia aquelles bens que dantes erão motiuo da ſua vaidade. Tambem com a virtude da Charidade calificou S. Ioão de Deos a Temperança, porque conſiderando que não era menos perniciosa às almas a abundãcia das riquezas, do que a repleção de maos humores aos corpos, perſuadio aos ricos a que ſe ſangraſſem na vea da arca, tirando das ſuas arcas aquellas nociuas ſuperfluidades, que com ſecreto contagio inficionão o temperamento da virtude. Finalmente com a virtude da Charidade exercitou S. Ioão de Deos a juſtiça, porque o alimentar aos pobres não he graça, he diuida, tendo os pobres huma eſpecie de juriſdição nos ſobejos dos ricos, como jà tenho prouado na primeira parte, logo para não gaſtar o tempo em ſuperfluas repetiçoens, remato eſte ſegundo diſcurſo com aquelle tam celebrado encomio, com que o Santiſſimo Padre Pio Quinto

applau-

applaudio a Sam Ioão de Deos, & o seu sagrado Instituto. Graças a Deos, disse o Santissimo Padre, graças a Deos, que vejo na Igreja huma Religião tam preciza para a consolação do mundo, & para ornamento da Christandade. Nestes dous primeiros assumptos temos visto os ardores do zelo de S. Ioão de Deos na esphera do Sol, que he Deos, & os resplandores da sua charidade na esphera da Lua, que he a Igreja, resta que vejamos nesta terceira parte os assombros de sua gloria na esphera das Estrellas, que saõ os Santos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris.*

III. PARTE.

QVe S. Ioão de Deos exceda a todos os Santos nos resplandores da gloria, he tam verisimel, que antes parece verdade Euangelica, que exageração oratoria. No juizo vniuersal quando Deos assentado no Tribunal da sua justiça repartirá a gloria dos Santos conforme à medida dos seus merecimentos: quem imaginais que será chamado primeiro que todos para o Trono da bemauenturança, pello que consta do Euangelho; os Santos que alcançarâm primeiro que todos a coroa da gloria, serão aquelles que com mayor desuelo sollicitârão os aliuios da pobreza. Ex aqui as palauras do Senhor no dia do juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete Regnum, esuriui enim, & dedistis mihi manducare, sitiui, & dedistis mihi bibere*: Vinde cà, dirâ Christo aos justos, tomai posse do Reyno do Ceo: *percipite Regnum*, & sabei, que a razão desta glorioſa precedencia com que hoje leuais ventajem a todos os predestinados, he porque andando eu despido, & faminto na pessoa dos pobres, acudistes às necessidades que estaua padecendo naquelle mysterioso abatimento: *Esuriui enim, & dedistis mihi manducare, sitiui, & dedistis mihi bibere*: Notauel sentença (diz S. Pedro Chrisologo) ponderando esta escritura, de maneira que no dia do juizo, deixadas todas as façanhas dos Santos, & não

fazendo

fazendo menção da fee dos Patriarchas, do zelo dos Apoſtolos, da penitencia dos Confeſſores, da pureza das Virgens, & da conſtancia dos Martyres, não celebrarâ o Senhor outra couſa mais que as eſmolas que ſe lhe fizerão: *Quod Abel paſſus ſit, quod mundum reſtaurauerit Noe, quod Abraham fidem incæpit, quod Moiſes legem tulit, & quod Petrus reſupinus crucem aſcendit, ante Deum tacet, & clamabit tãtum, quod comedit.* E ſe iſto aſſim he, ſe os q̃ tiuerão mayor cuidado dos pobres terão o primeiro lugar no Cathalogo dos bemauenturados, que muito que S. Ioão de Deos exceda a todos os Santos nos triumphos da gloria, pois ſobrepujou a todos nas profuſoens da eſmola.

Chriſ. log. Serm. 14.

Pello que tenho lido, & pellas contas que lancei, entendo, que no grande numero de hoſpitaes que eſta ſagrada Religião tem em França, Alemanha, Caſtella, Polonia, nos Reynos de Napoles, & Sicilia, na Lombardia, & em toda Italia, no Perû, & na noua Eſpanha, hoje ſe alimentão, & ſe curão actualmente pellas mãos dos filhos de Sam Ioão de Deos mais de cem mil pobres enfermos; perſeuerando pois eſte ſagrado Inſtituto com os progreſſos cõ que principiou ha mais de cento & trinta annos, milhoens, & milhares de pobres reſuscitados ſe acharàm no dia do juizo irrefragaueis teſtemunhas da charidade que S. Ioão de Deos vſou com elles na vida, & eſtà continuando depois de morto pello miniſterio dos ſeus Religioſos, que do meſmo modo que o Sol em chegando ao Occaſo, deixa ao mundo hum mundo de Eſtrellas agradaueis ſubſtitutos da ſua claridade, aſſim Sam Ioão de Deos em ſe auſentando do mundo, deu a todos os Imperios da Chriſtandade infinitos Religioſos, herdeiros do ſeu zelo, & glorioſos imitadores das ſuas heroicas virtudes. Mas ponderemos mais de aſſento, o motiuo que Deos tem para no dia do juizo chamar a S. Ioão de Deos primeiro que todos ao Trono da bemauenturança: *Percipite, Regnum, eſuriui enim, & dediſtis mihi manducare.* Duas razoens, a meu ver, tem Deos para conceder ao noſſo Santo

Pa-

Patriarcha eſta ſoberana preferencia : a primeira he diuina, & a ſegunda humana. Razão diuina. Na opinião de S. Gregorio Niſſeno, nenhuma couſa faz ao homem mais ſemelhãte a Deos , do que o dar a quem neceſſita. A proua he do meſmo Santo. Quando Deos criou a Adam , diz a Eſcritura que Deos o fez à ſua ſemelhança : *Fecit Deus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem ſuam.* E não diz a Eſcritura, que Deos fez a Eua ſemelhante a ſi ? pois não era Eua tam ſemelhante a Deos como Adam ? Não , diz Gregorio Niſſeno, porque Adam deu huma coſta do lado para a fabrica de Eua : *Dedit coſtam ex qua ædificaretur mulier* ; Mas Eua não deu nada para a fabrica de Adam : *Mulier nihil Adamo dedit.* Deſtes dous progenitores do genero humano , ſô aquelle que deu, pareceo mais ſemelhante a Deos , porque Deos (ſe bem reparardes) na energia litteral das palauras, chamaſe Deos, porque deu , & como S. Ioão de Deos deu aos pobres tudo o que a ſua caritatiua induſtria pode grangear na terra, juſto he que S. Ioão de Deos exceda a todos na gloria, como o Santo mais parecido com Deos.

Geneſ 1. 26.

Gregor. Niſſeno in 1. Geneſ

Razão humana. Nas leys humanas pede a juſtiça, que primeiro ſe paguem as diuidas , do que ſe concedão graças, porque o fazer graças, he arbitrario ; & o pagar diuidas he deuido, & o deuido ſempre ſe ha de executar primeiro que o arbitrario. Daqui tiro eſta conſequencia. No dia do juizo, aos Santos darà Deos o Ceo, como effeito de huma merce q̃ lhe faz : *Merces veſtra copioſa eſt in Cælis* ; porèm a S. Ioão de Deos dara Deos o Ceo, como em ſatisfação de hũa diuida q̃ lhe paga : fauorecem o meu penſamento eſtas palauras de S. Ioão Chriſoſtomo : *In eleemoſyna Deum habes debitorem.* Quiz Deos ficar deuedor aos homẽs das eſmolas que delles recebeo na peſſoa dos pobres , com ninguem pois contrahio Deos mayores diuidas que com S. Ioão de Deos , porque ninguem, a meu ver, fez a Deos na peſſoa dos pobres mayores eſmolas : logo ſe no dia do juizo Deos deſpacha merces, & paga diuidas, pague Deos a S. Ioão de Deos as diuidas,

Math. 5. n. 12.

Chriſoſt. homil. 36. ad popũl.

primeiro que deſpache merces aos Santos: *Percipe Regnũ, eſuriui enim, & dediſti mihi manducare, in eleemoſyna Deũ habes debitorem.*

Glorioſo Patriarcha dos pobres, que de reſplandores lançou das voſſas mãos a tocha do amor diuino, & que claramente ſe vem effectuadas em vòs aquellas palauras do Euãgelho, com que o Senhor manda aos Apoſtolos, que com tochas acezas alumeem ao mundo: *Lucernæ ardentes in manibus veſtris*, pois com a tocha da charidadc alumiaſtes a circumferencia de tres ſublimes Eſpheras, alumiaſtes a Eſphera do Sol, que he Dèos, remediando aos apparentes deſcuidos da diuina Prouidencia no deſemparo dos pobres, alumiaſtes a Eſphera da Lua, que he a Igreja, derramando no ſeu gremio o reſplandor de todas as virtudes; alumiaſtes finalmente a Eſphera das Eſtrellas, que ſaõ os Santos, pois parece excedeis a todos nos triũphos da beamenturança. Reſta agora para remate da voſſa gloria, & para complemento da noſſa felicidade, que vòs que na terra foſtes o amparo dos pobres enfermos, enriqueçais a noſſa pobreza com o thezouro das virtudes que poſſuiſtes, & acudais às enfermidades das noſſas almas com os auxilios da graça, para que cheguemos a lograr as delicias daquella vida, que por diuina não tem achaques, & não padece neceſſidades por bemauẽturada. *Ad quam nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM

no dia do Nacimento de

SIOAMBAVTISTA,

PREGADO

NO CONVENTO DAS RELIGIOSAS de Santa Monica

Quis putas puer iſte erit ? Lucæ 1.

NO Templo em que a armonia das vozes cõ ſonoros encantos ſuſpende os ſentidos, & arrebata as almas, entro hoje a celebrar as conſonancias da voz de Deos, o grãde Bautiſta. Poderoſa voz ! que não deu como a voz de Amphion mouimento às pedras, para fabricas materiaes, mas deu traça às almas para celeſtes edificios, & com diuina architectura leuantou ſobre as ruinas do peccado o Palacio da ſantidade: deleitoſa voz ! que não aplacou como a cytara de Orpheo a braueza das feras, mas com ſuaues accentos abrandou a fereza dos homens, conuertendo as cauernas do deſerto em eſcolas do Euangelho, & os retiros da ſoledade em Academias da innocencia. Voz prodigioſa, que quando préga as aſperezas

da penitencia, he ſuaue, & parece aſpera quando promete as delicias da bemauenturança, quando ſe eſconde, ſe publica, brâda quando emmudece, & então falla, quando obra. E com grande razão ſe chama o Bautiſta voz de Deos, pois do meſmo modo que a voz de Deos formou em ſeis dias ao mundo material, aſſim o Bautiſta reformou ao mundo miſtico da Igreja com ſeis notaueis circunſtancias. No primeiro dia, à formidauel energia da voz de Deos as treuas ſe apartârão da luz, & com agradauel diuorcio ſe deſunio o luminoſo imperio do dia, da funebre juriſdição da noite; & o Bautiſta apartou a ſinagoga da Chriſtandade, & as ſombras do antigo teſtamento dos reſplandores do nouo: *Diuiſit lucem à tenebris*: no ſegundo dia, colocou Deos parte das agoas elementaes ſobre o conuexo do firmaméto; & o Bautiſta nas correntes do Iordão poz ao elemento da agoa ſobre a cabeça de Chriſto, inuariauel firmamento de todos os Aſtros da Igreja: *Diuiſit aquas ab aquis*; no terceiro dia, à ſoberana efficacia da voz de Deos, rebentou a terra em plãtas, as plantas em flores, & as flores em frutos, com appraziuel competencia das galas da Primauera, com os tropheos do Outono; & o Bautiſta eſmaltou ao jardim da Igreja com a flor da ſua pureza, & com os frutos da ſua penitencia. No quarto dia, ſahio o Sol, & a Lua, illuſtrando a natureza, & alegrando ao mundo; & eſtando o Bautiſta encerrado na eſcura prizão das entranhas maternas, veyo o Sol, & a Lua na peſſoa de Chriſto, & Maria, a deſterrar as ſombras do peccado original, preuenindo com a Aurora da graça os crepuſculos da ſua infancia. No quinto dia, ao imperio da voz de Deos, ſe formàrão do elemento da agoa as aues; & o Bautiſta com as agoãs do Bautiſmo transformou os homens em Aguias, dandolhe com os auxilios deſte Sacramento azas para voarem ao Ceo. Finalmente no ſexto dia, tirou Deos Adam, & Eua do lodo, em que depois tornarão a cair pella cegueira da ſua ambição; & o Bautiſta tratou de tirar Herodes, & Herodias do lodo dos ſeus impuros amores, & do meſ-

Geneſ. 1.

Geneſ. 1.

meſmo modo que Adam, ainda que Monarcha do vniuerſo, ſe atemorizou aos eccos da voz de Deos: *Cumque audiſſet vocem Domini Dei, abſcondit ſe Adam*: aſſim Herodes na eminencia do Trono ſe entimidou às intrepidas reprehẽſoens do Bautiſta: *Herodes enim metuebat Joannem.* Supoſtos todos eſtes prodigios da voz de Deos na criação do mundo, entendo com o Abbade Ruperto, que o mayor encomio que ſe pòde dar ao Bautiſta, he chamarlhe voz de Deos: *Magnum hoc eſt præconium Joannis, quia eſt vox Dei,* & tanto ſe preza o diuino Precurſor deſte compendioſo Panegirico, que ſe perguntardes com as palauras do meu Thema, quem elle he, *quis putas puer iſte erit*, reſponderà, que não he outra couſa mais que voz: *Ego vox clamãtis in deſerto*, porque aſſim como Chriſto com ſer Deos, não poſſue outra gloria mayor, que a de ſer a palaura métal do Eterno Pay; aſſim o Bautiſta cõ ſer ſuperior a todos os Santos, não logra outra excellencia mayor que a de ſer voz deſta diuina palaura; ſendo pois o Bautiſta a voz de Deos, não ſe podia feſtejar eſta diuina voz com mayor acerto, que neſte lugar em que ſe ouuem as vozes dos Anjos, que aonde ſe deſuelão melodias Angelicas, ahi acodem diuinas harmonias. Em tres choros differentes ſoa a voz do Bautiſta, no choro dos Prophetas, no choro dos Apoſtolos, & no choro de todos os Santos; no primeiro choro annuncia o Bautiſta o fim da ley eſcrita, no ſegundo choro apregoa o Bautiſta o principio da ley da graça, & no terceiro choro celebra o Bautiſta os triũphos da bemauenturança, & como as perfeiçoens de huma boa voz ſaõ tres, o claro, o ſuaue, & o ſonoro, nos tres aſſumptos do Sermão, moſtrarei como a voz do Bautiſta no choro dos Prophetas, he a mais clara, no choro dos Apoſtolos, a mais attractiua, & no choro de todos os Santos, a mais ſonora: *Quis putas puer iſte erit? Ego vox.*

Marc. 6. n. 20.

Rupert. in cap. 2. Matth.

Aue Maria.

I. PARTE.

PRimeiramẽte no choro dos Prophetas he a voz do Bautiſta a mais clara, porque manifeſtou aos homens o nacimento de Chriſto, que os mais Prophetas enuoluerão nas ſombras dos ſeus myſterioſos enigmas. Por onde obſeruo entre o Bautiſta, & os Prophetas do antigo Teſtamento a meſma differença que S. Paulo aduirtio entre nòs, & os bemauenturados; nòs que habitamos eſte mundo inferior, nam conhecemos os attributos da diuina Eſſencia ſenão pellos ſuperficiaes reflexos da ſua grandeza nas calidades das criaturas. Aſſim diuiſamos a eternidade de Deos no perpetuo mouimento dos orbes, & na inalterauel ſubſtácia dos Aſtros; no reſplandor da luz contemplamos a ſua pureza, na actiuidade dos rayos o ſeu poder, na concordia dos elementos o ſeu amor, nas producçoens da terra a ſua fecundidade, no gouerno do vniuerſo a ſua ſabedoria, & na innumerauel multidão dos Entes, a ſua inhexauſta infinidade; mas no Ceo os bemauenturados conhecem eſta diuina eternidade no ſeu centro, eſta pureza na ſua fonte, eſte poder na ſua origem, eſte amor na ſua eſphera, eſta fecundidade no ſeu berço, & eſta infinita ſabedoria nos luminoſos Orizontes do ſeu eterno nacimento: *Videmus nunc per ſpeculum in ænigmate,*
1. Corinth. 13. 12. *tunc autem facie ad faciem.* Não de outra ſorte o Bautiſta, & os Prophetas; os Prophetas que ſô com figuras ſignificarão a Encarnação do Verbo, nos derão a conhecer eſte ſoberano myſterio com a meſma imperfeição, com que as criaturas nos repreſentão neſte mundo as excellencias da Diuindade. Repreſentou Jacob o myſterio da Encarnação com huma eſcada lançada do Ceo à terra, em final do ſagrado cõmercio da natureza diuina vnida com a humana: *Vidit Iacob ſcalam, ſummitas ejus Cœlos tangebat.* Pintou Iſaias o nacimento de Chriſto pello brotar de huma flor: *Flos de radice*
Iſai. 11. 1. *ejus aſcendet*, & outros ſymbolizarão eſte diuino nacimẽto

nos

nós matutinos albores de huma Estrella : *Orietur Stella ex Iacob* ; mas o Bautista emulando aos bemauenturados , que pello lume da gloria, claramente descobrem a Essencia diuina, deixadas todas as metaphoras, os hyeroglificos, & as amphibologias, enleyos do entendimento, eclypses da sciencia, & mortalhas da verdade, com tanta cuidencia conheceo a diuindade humanada ; que a assinalou cõ o dedo, & fez em certo modo palpauel aos sentidos huma verdade, a que ainda não chegara a agudeza da humana intelligẽcia : *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi : maior autem prophetis est,* escreue Cesario : *quod ipsum de quo illi vaticinabantur, vidit in carne, illiusque verticem tetigit , quem omnes Patriarchæ, & Prophetæ per somnia imaginati sunt.* *Cæsar. Dialog. 3.*

Huma notauel circunstancia , califica as prophecias do Bautista, & he esta : Deos antigamente não concedeo o dom da prophecia, senão a pessoas de idade já madura , & prouecta , como aconteceo a Moyses, & a outros Prophetas , & o Bautista prophetizou primeiro que nacesse, porque como discretamente reparou Theophilato, tudo o que com espirito prophetico, Santa Izabel disse à Senhora, naquella tão celebrada visita, forão prophecias do Oraculo , que lhe fallaua nas entranhas ; dizia a mãy , o que o mesmo minino dictaua, as palauras erão de Izabel, & os conceitos erão do Bautista , intelligente primeiro que nacido, & Propheta primeiro que homem : *Quæcunque dixit Elizabeth prophetice ad Mariam , non fuerunt verba Elizabeth , sed infantis , os autem Elizabeth tantum ministrauit.* Illustremos este encomio do Bautista com huma curiosa difficuldade, Não sei, que sympatia tem a prophecia com a morte ; prophetizou Isaac as desgraças de Esaù , & as venturas de Iacob ; prophetizou Iacob os delitos , & as façanhas dos seus filhos ; prophetizou Ioseph os augmentos ; & as grandezas de seus irmãos, & quãdo Isaac prophetizou , era decrepito , Iacob caduco , Ioseph moribundo , & consta da Escritura , que outros Varoens do antigo Testamento, não alcançarão o dom da prophecia, se- *Theophil. in Lucam cap. 3.* *Isaac. Genes. 27.* *Iacob Genes. 49.* *Ioseph. Genes. 50.*

não

não quando eſtauão nas vltimas rayas da vida. A rezão pois deſte prodigioſo esforço do entendimento, no deſmayo das forças do corpo, enueſtiguei em todos os eſcriturarios, & não a pude achar, quando reuoluendo a caſo as obras de Platão, achei huma doutrina muy propria à ſolução da propoſta difficuldade; diz Platão, que o prophetizar he mais proprio dos moribundos, que dos viuos, porque nos viuos, a materialidade dos ſentidos offuſca as luzes do entendimento, & nos moribundos, aquella alma que ſe vai apartando do corpo, em que a viueza das ſuas potencias eſtaua como extincta, & morta, ſe leuanta ao conhecimento de ſucceſſos futuros, & participando já nos preludios da ſua ſeparação, á perſpicacia dos eſpiritos, com que ſe vai vnir, prophetiza: *Quo magis mens ſeparatur à corpore, eò melius intelligit, vnde nonnulli prope mortem futura prædicunt, quaſi tunc ſi permis numinibus propiores.* Suppoſta eſta doutrina, entendo que coſtumando Deos conformarſe com a diſpoſição das cauſas ſegundas, concedeo aos Patriarchas o dom da prophecia na hora da morte, como no tempo em que ſua alma rompendo os laços da humanidade, ſe encaminhaua pera a Região dos eſpiritos; por onde não me admiro, que aquelles antigos prophetizaſſem quando eſtauão pera morrer: o que me aſſombra he que o Bautiſta chegaſſe a prophetizar quando eſtaua pera nacer, porque ſe a prophecia, he huma graça, que a alma alcança em ſe apartando do corpo, em que eſtaua mais ſepultada que viua, como podia o Bautiſta prophetizar no ventre materno em que a ſua alma ſe achaua em dous corpos como em duplicadas prizoens encerrada, na prizão do proprio corpo nouamente organizado, & na prizão do corpo de Iſabel, em que andaua. Excellente repoſta dera eu a eſta pergunta com a doutrina de Origenes, ſe não fora condenada da Igreja; chegou Origenes a dizer, que o Bautiſta era Anjo por natureza, & que o corpo, com que ſe fez viſiuel aos homens, era fantaſtico, & apparente; de modo que na opinião deſte Doutor, naceo o Bautiſta deſapegado de toda a mate-

Plato in Criton. & Apolog.

materia, & por consequencia constituido no auge da mais apurada intelligencia; faz S. Cyrillo mençáo desta opinião de Origenes com estas palauras: *Jam enim rumores fuerunt, non natura hominem, sed de numero Angelorum Baptistam fuisse, quod inde affirmabant, quia scriptum est, ecce ego mitto Angelum meum*; mas deixemos a opiniaõ de Origenes, que não quero dizer heregias por comprazer às Bautistas, quanto mais que a gloria do Bautista como solida, genuina, & verdadeira, não mendiga applausos dos encarecimentos da rhetorica, & das extrauagancias da imaginaçaõ.

Cyrill. Alexãd. lib. 1. in Ioan. cap. 7.

O que me atreuo a dizer, he que o corpo do Bautista estaua organizado com taõ perfeita harmonia das partes que o compunhão, que nelle estaua a sua alma engastada como huma joya em hum cristal, em que desterradas as sombras da humana ignorancia, transluzião os mais occultos mysterios da natureza, & da graça; & he isto tanto assim, que aos seis mezes de concebido teue o Bautista vso da razão como se pòde claramente arguir daquelles racionaueis mouimentos, com que festejou nas entranhas maternas a recuperada innocencia original: *Habebat intelligẽdi sensum*, diz S. Ambrosio, *qui exultandi habebat affectum*, & se os meninos, como escreue Aristoteles, no ventre materno tem o rosto virado para a mãy, he opinião de muitos, que o Bautista com aquelle salto improuiso deu huma volta, & virandose para Christo, adorou com espirito profetico aquella inuisiuel magestade, que roubandose aos olhos, lhe roubaua os affectos, & no mesmo tempo que se escondia à sua vista, autenticaua a sua profecia; deste antecipado conhecimento da verdade encuberta, se origina a ventagem que o Bautista leua aos mais Prophetas, porque como doutamente obseruou S. Augustinho, o realce da profecia não està em annunciar futuros, consiste a perfeição da profecia em ter conhecimento dos futuros que se annuncião: *Non est propheta qui signa videt nisi ea intelligat*. Por onde reparo que os Prophetas comparados com o Bautista não erão Prophetas, porque não sabião

Ambros. lib. 2. in Lucam.

Arist. lib. 2. de Animalibus. de Baptista id asserit Ioan. Raulin. Doctor Parisiens. Serm. 1. de Visitat. Decip. in Barrad. Euang. tom 1. p. 317. c. 1. n. 27.

bião o que dizião; notauel proposição! não sabião os Prophetas o que dizião? não: porque? porque entendião o q̃ prophetizauão, & nisto me conformo com o parecer dos Padres Santo Ambrosio, S. Cyrillo, & Santo Agostinho no liuro 7. da Cidade de Deos cap. 33. *Prophetæ quædam intelligebant, quædam non intelligebant*; muitas vezes ignorauão os Prophetas a explicação das suas mysteriosas visoens, & senão perguntai ao Propheta Daniel se elle entendia o q̃ significauão aquelles quatro animaes que vio sair do mar, o primeiro semelhante à Lioa com azas de Aguia, o segundo que se parecia com o Vrso com tres fileiras de dentes na boca, o terceiro semelhante a hum Leopardo de quatro cabeças, & o quarto mais terriuel que todos com dez pontas na cabeça, olhos de homem, & dentes de ferro, que tudo fazião em pô; que he isto Daniel que vedes; entendeis vòs o que por esta visaõ se significa; não o entendo responde Daniel; & claro està que não o entendia, pois foi obrigado a pedir a hum dos Espiritos que assistião ao Trono de Deos a interpretação do seu sonho: *Accessi ad vnum de assistentibus, & veritatem quærebam de omnibus his, qui dixit mihi interpretationem sermonum.* Vio o Propheta Zacharias hum castiçal de ouro com sete candeas, & duas oliueiras; vio o mesmo Propheta em outra occasião quatro carros tirados por cauallos de varias cores, que a redeas soltas rõpião do meyo de dous montes de cobre; que he isto Zacharias? alcançais vòs o sentido do que vedes; não o alcanço, confessa o Propheta, & bem o deixa ver, pois pede a hum Anjo a significação destes embaraçados enigmas: *Quid sunt hæc Domine mi?* E vòs, ô discreto Euangelista, que tiuestes tantas, & tão profundas reuelaçoens, dizei o que vistes. Vi, diz o Euangelista, hum mar de vidro misturado com fogo; vi hum Anjo que poz hum pé no mar, & outro na terra, com huma nuuem por vestido, & o arco celeste por Coroa; vi huma Estrella, que despenhada dos orbes celestes, conuerteo a doçura das agoas em venenosos amargores; vi o socego dos Elementos

Aug. lib. 12. de Genesi ad litter. c. 9. in A Lap. præl. ad Prophet. maior. p. 9. cap. 1

D. Ambr. lib. 1. de Abraham c. 8. Cyrill. vel potius Clictouæus Doctor Parisiẽs. Hic enim 8. medios S. Cyrilli libros in Ioan. deperditos suppleuit, lib. 8. in Ioan. c. 3. A Lap. Ib. supra.

Daniel 7. v. 16.

Zachar. cap. 4. v. 5.

Zachar. 6. n. 1. & 2. Ibid. in Zach. 4. & 6.

lementos perturbado ao formidauel eſtrondo de ſete impetuoſos trouoens? que mais? vi hum exercito de gafanhotos que nacerão com coroas na cabeça, com cabellos de mulher, roſtos de homem, dentes de leão, malhas de ferro, & caudas de eſcorpião; mas pergunto eu, entendieis vòs tudo o q̃ ſe vos offerecia à viſta (que ver tudo, & não entender nada, he o meſmo que não ver): Reſpondo com a doutrina dos Padres; não conſta da Eſcritura, nem he de Fee, que o Euangeliſta entendeſſe tudo o que ſe lhe repreſentaua; mas antes tem para ſi o A Lapide, fundado na authoridade de S. Ieronymo, que o Euãgeliſta ignorou a ſignificação daquellas myſterioſas monſtruoſidades, porque elle meſmo que as vio não as explicou, ficando o ſeu Apocalipſe inextricauel labyrintho de difficuldades, eſcuro chaos de ſagradas confuſoens, & perpetuo naufragio dos mais eſpeculatiuos entendimentos: *An hæc omnia intellexerit Ioannes, non conſtat, nihil enim horum explicat; quæ cauſa eſt cur tam obſcura ſit Apocalipſis, adeoque interpretes in ejus explicatione, & conjectent, & varient.* Não aſſim o Bautiſta: entendeo o Bautiſta o que prophetizou, & manifeſtou a todos o que entendeo; entẽdeo no ventre materno que Chriſto com ſua preſença o ſoltàra dos grilhoens da culpa, & com ſaltos de prazer feſtejou os triumphos da graça: *Exultauit infans in vtero ejus*, entendeo o Bautiſta, que Chriſto era Deos em corpo humano, & com reuerentes obſequios ſe humilhou à diſfarçada Mageſtade: *Non ſum dignus ſoluere corrigiam calceamẽtorum*; entendeo o Bautiſta que Chriſto vinha remir ao mundo, & com publicos applauſos agregou a certeza deſta tam ſuſpirada Redempção: *Ecce, qui tollit peccatum mũdi*; & não conhecendo os Iudeos ao Meſſias no meſmo tempo que o vião, eſtendeo o Bautiſta a mão, & o aſſinalou cõ o dedo, para que não pudeſſem allegar ignorancias da ſua vinda: *Ego vidi, & teſtimonium perhibui, qui hic eſt Filius Dei.* Concluamos logo para remate deſte primeiro diſcurſo, que a voz do Bautiſta no choro dos Propheras he a mais

A Lap. in præfat. ad prophet. maior. p. 9. cap. 1. D.

Ioan 1. v. ;;

clara, & no choro dos Apoſtolos a mais attractiua, eſte he o ſegundo aſſumpto do Sermão, & a ſegunda excellencia deſta diuina voz: *Quis putas puer iſte erit? Ego vox.*

II PARTE.

ENtre os penedos do deſerto, foi o Bautiſta a pedra Iman dos coraçoens, todos os attrahio para ſi, & ſe os Apoſtolos, como Eſtrellas errantes, correrão as quatro partes do mundo para a dilatação da Fee, o Bautiſta, como Eſtrella fixa, em ſolitarios Epiciclos, chamou ao conhecimẽto da Fee os moradores de Ieruſalem, os habitadores da Iudea, com todos os pouos do Iordão: *Exibat ad eum Hyeroſolima, & omnis Iudæa, & omnis Regio circa Iordanem.* Forão os Apoſtolos como os rios, que para fertilizarem as terras, andão em perpetuas peregrinaçoens; mas o Bautiſta foi huma fonte viua, em que todos vierão a beber o nectar da graça no domicilio da Penitencia; correrão os Apoſtolos as Prouincias, correrão as meſmas Prouincias para o Bautiſta, & ſe no deſerto em que prègaua, coubera o mundo, entendo que todo o mundo hauia de correr para eſte deſerto. Iſto pois que he, fallar em hum deſerto, & attrair para ſi todo o mundo, he hum priuilegio tam ſingular, & tam leuantado ſobre a eſphera da humana capacidade, que com elle chegou o Bautiſta, não ſó a ſobrepujar os Apoſtolos, mas a competir em certo modo com a diuina Omnipotencia. Deos (como diſcretamente notou Philo Alexandrino) Deos antes da criação do mundo eſtaua em hum deſerto, & ainda que lograſſe naquella felice ſolidão as delicias da mais agradauel companhia (q̃ Deos ainda que ſô, faz companhia a ſi meſmo) ao noſſo modo de entender, viuia Deos ſolitario nos impenetraueis retiros da ſua atè então não conhecida Mageſtade. Naquelle deſerto pois começou Deos a fallar, & com a ſuaue conſonáncia das ſuas palauras, attrahio para ſi dos abiſmos do nada todas as criaturas. Grande ſemelháça tem com a voz de Deos

Matth. 3. num. 5.

Philo Alexandrin. lib. de Abraham.

no

no deſerto do nada, a voz do Bautiſta no deſerto de Paleſtina; no deſerto do nada fallou Deos, & logo ſe apreſentarão ao Trono da ſua Omnipotencia os quatro Elementos, primeiros alicerſes da grande fabrica do mundo, a Agoa, o Ar, a Terra, & o Fogo; no deſerto de Paleſtina fallou o Bautiſta, & logo ſe lhe offerecerão para fundamentos de hum celeſte edificio os quatro Elementos miſterioſamente transformados, o Elemento do fogo conuertido em chamas de amor, o Elemento da agoa deſtillado em lagrimas, o Elemento do ar equiuocado em ſuſpiros, & o Elemento da terra reſoluto nas cinzas da penitencia: *Exibat ad eum omnis Judea, & Ieroſolyma, confitentes peccata ſua.* Huma voz pois tão ſuaue, & tão attractiua como eſta do Bautiſta, com tanta perfeição imitou a voz de Deos, que para entendermos que era voz humana, foi preciſo eſpecificar no Euangelho, que o Bautiſta que a formou, era homem: *Fuit homo*: tão proprio, he da diuindade fallar em hum dezerto, & attrahir para ſi todo o mundo.

Em tres diferentes dezertos, moſtrou Chriſto noſſo Senhor, que era Deos; no preſepio, no Cenaculo, & no Caluario: chamo ao Preſepio, dezerto, porque no Preſepio Chriſto nacco expoſto às injurias dos Elementos; & aos deſabrigos de huma eſtrema neceſſidade; chamo ao Cenaculo dezerto, porque no Cenaculo Chriſto ſacramentado ſe eſcondeo debaixo da ſombra das eſpecies Euchariſticas, & não ſe acha a minima ſubſtancia de pão neſte ſagrado dezerto; finalmente chamo ao Caluario dezerto; porque no Caluario Chriſto morreo coroado de eſpinhos, attormentado da ſede, & aſſaltado por hum ladraõ que lhe roubou no caminho os Theſouros do Ceo; no dezerto do Preſepio os homens deſempararaõ a Chriſto: *In propria venit, & ſui eum non receperunt*, no dezerto do Sacramento Chriſto ſe deſemparou a ſi meſmo eclypſando a ſua gloria, & anniquilando a ſua grandeza; & no dezerto do Caluario, o Eterno pay o deſemparou, & naõ ha dezerto mais ſolitario,

que o lugar em que Deos nos desempara: *Deus, Deus meus, vt quid me dereliquisti?* Fallou pois o Senhor nestes tres misteriosos dezertos; no Presepio fallou com os gemidos da infancia: *Vagit infans inter arcta conditus præsepia*, no Cenaculo fallou com as palauras da consagração: *Hoc est corpus meum*, & no Caluario fallou com aquelle brado fatal com que exhalou a a alma: *Clamans voce magna expirauit*. Mas (se bem aduirtirdes) foraõ estes tres dezertos, os Theatros em que com maior pompa luzio a diuindade de Christo, porque no Presepio os Reys o reconhecerão como Deos, no incenso que lhe offerecerão: *Thus Deo offerunt*, escreue S. Leão Papa, no Cenaculo foi a instituição do Sacramento cõsequencia do conhecimento que Christo teue do seu diuino ser: *Sciens quia à Deo exiuit*, & no Caluario o mesmo soldado, que lhe poz a lãça no peito, confessou que era Deos: *Vere filius Dei erat iste*: pois que rezão houue para os homẽs entenderem que Christo era Deos no Presepio em que o virão chorar como menino; no Cenaculo em que o tomaraõ como alimento, & no Caluario em que o virão morrer como homem: não acho outra razão mais propria ao nosso intento que esta; nestes tres dezertos fallou Christo, & com a doce melodia de sua voz, attrahio para si todo o mundo, no Presepio attrahio para o seu berço os Potentados do Oriente; no Cenaculo se attrahio a si mesmo para si, tomando nas proprias maõs o pão sacramentado: *Accepit panem in manus suas*, & no Caluario attrahio para si atè os mortos, que ao funebre som da voz, com que expirou, recuscitarão: *Corpora quæ dormierant, surrexerunt*; huma pessoa pois como Christo que fallando nos dezertos attrahio para si os Reys, os mortos, & o mesmo Deos, não podia deixar de ser reconhecida como Deos no Presepio, no Cenaculo, & no Caluario: *Verè filius Dei erat iste*: que como ja tenho dito, he propriedade diuina fallar em hum dezerto, & attrahir para si todo o mundo; supposto isto demos alguma desculpa aos Escribas, & aos Fariseos, que se imaginaraõ que o Bautista

Leo Papa Serm. 1. Epiphan.

era

era Deos, foi, a meu ver, porque o Bautista fez no dezerto da Palestina semelhantes prodigios, aos que Deos antigamente obrou no dezerto do nada, no dezerto do nada fallou Deos, & com a suaue efficacia da sua voz attrahio para si a grande maquina do Vniuerso: *Dixit, & facta sunt*: no deserto da Palestina fallou o Bautista, & se não attrahio para si todo o mundo, foi porque o mundo não cabia todo no dezerto.

Daqui nasce a razão porque obrando os Apostolos tantos, & tão estupendos prodigios, nenhum delles chegou a ser acclamado Deos, como aconteceo ao Bautista; morauão os Apostolos nas Cidades, entrauão nos Palacios, prêgauão nos Templos, conuersauão com os pouos, mas o Bautista retirado aos olhos do mundo, do mesmo modo que as inuisiueis Intelligencias do Ceo mouem os orbes, & arrebatão as Esferas, commouia as Cidades, & abalaua as prouincias, quanto mais fugitiuo mais appetecido, & quãto mais escondido mais adorado: *Scribæ, & Fariſæi Joannẽ tanto honore digniorem putarunt, quia in ſeceſſu ſolitudinis procul à curia degebat*: grande documento para os sequazes do mundo, se buscais ao mundo ainda com tenção de o conuertter, como fazião os Apostolos, o mundo foge de vòs, & se fogis do mundo o mundo vos busca; quando Christo fugio para o monte, os Iudeos o quizerão fazer Rey, & quãdo Christo se apresentou aos Tribunaes da Synagoga, sahio com sentença de morte, vede o extrauagante genio, & a cruel instabilidade do mundo, foge Christo para o monte, & todos o querem trazer para a Cidade para o pôr em hum Trono, volta Christo para a Cidade, & todos o leuão a hum monte para o pôr em huma Cruz; o mesmo succedeo aos Apostolos, & ao Bautista: aos Apostolos que andauão pello mundo, leuantou o mundo ignominiosos patibulos, & ao Bautista que andaua por hum dezerto offereceo o mundo supremas adoraçoens; mas não attribuamos esta glorioſa preferencia do Bautista aos Apostolos tanto à esquiua condição

Vegas in Iudices tom. 3. 98 c. 1. n. 654

dição do mundo, quanto à poderosa influencia das palauras do Bautista; que sendo o Bautista a voz de Deos, não forão os Apostolos outra couza mais que os Eccos desta diuina voz, buscauão os Apostolos quem quizesse ouuir a sua doutrina, & todos buscauão ao Bautista para ter a ventura de o ouuir, andaua o Bautista espelhando a sua voz por aquellas descampadas soledades, & todos a vinhaõ recolher com ansiosos desuellos no centro do coração; trespassaua o Bautista as almas com os clamores com que feria os penhascos, ensinaua naquelles solitarios desuios o caminho do Ceo, semeaua a palaura de Deos nas areas para que frutificassem os campos da Igreja, & virando ao mundo as caras, leuaua apoz si todo o mundo: *Non in templis*, diz S. Jeronimo: *Non in plateis loquitur, multitudinem horrescit, multitudini profuturus*: & com isto tenho prouado que a voz do Bautista foi no choro dos Apostolos a mais attractiua, vejamos agora como a voz do Bautista foi no choro de todos os Santos a mais sonora, este he o terceiro assumpo do Sermão, & a terceira excellencia desta diuina voz: *Quis putas puer iste erit? Ego vox.*

Hieronim in Epiph. de Verbi circumcisione tom. 9.

III. PARTE.

NO Ceo formão todos os Santos hum choro em que cõ vozes vniformes, em reciprocas consonancias cantão os louuores de Deos, & com eterna harmonia festejão os triumfos da gloria que logrão; que o Bautista pois seja a mais sonora voz daquelle choro celestial, consta do Capitulo quarto do Apocalipse, em que o Espiritu Santo faz menção de huma voz que a todas as mais que no Ceo se ouuem, leua a ventagem, & S. Pedro Damião affirma que esta he a voz do Bautista: *Hæc est illa vox, de qua maximus contemplator cælestium visionum ait, & vox prima quam audiui.* Mas que razão hauera para o Bautista ser a primeira voz do choro do Ceo? direi, o caminho por onde se vai ao Ceo he a penitencia,

S. Petr. Dam. Serm 1. de Ioan. Baptist. Apoc. 4.

cia, & o primeiro que com o exemplo, & a prẽgação abrio aos homens eſte atê então ignorado caminho foi o Bautiſta: *Veni ergo ad Joannem*, diz S.Pedro Damião: *Et audi vocem nouitatis, quam celauerat Deus, tacuerat Angelus, latuerat patriarchas, prophetæ neſcierunt, pœnitentiam, inquit, agite, appropinquauit enim Regnum Cælorum*: No dezerto deſte mundo foi o Bautiſta a primeira voz do choro dos penitentes, logo ſeja o Bautiſta no Ceo a primeira voz do choro dos Bemauenturados: *Vox prima quam audiui*, que quem foi o primeiro na execução de hum acto heroico, merece ſer o primeiro na ſingularidade do premio; temos a proua no Geneſis. Ao Patriarcha Abraham, por ter offerecido á Deos ſeu filho Iſaac em ſacrificio, prometeo Deos grandes recompenſas: *Quia feciſti hanc rem benedicam tibi, & multiplicabo ſemen tuum ſicut Stellas Cæli*; & ao famoſo Iephte General dos Iſraelitas, que ſacrificou a Deos a propria filha, não prometeo Deos nenhum genero de recompenſa. Notauel reſolução foi eſta de Jephte! vendoſe eſte varão nos apertos de huma perigoſa batalha fez voto, que ſe ſahia victorioſo do conflicto, ſacrificaria a Deos a primeira peſſoa de ſua caſa com que ſe encontraſſe no caminho. A primeira peſſoa que lhe ſahio ao encontro, foi a filha vnica, vnica nas prendas, & vnica nas penas. Deſembainhou Iephte a eſpada, & cortando pellas ternuras do amor paterno, treſpaſſou com pia crueldade o peito daquella innocente victima, luctuoſo deſempenho de huma generoſa promeſſa, & lamentauel lẽbrança de huma celebre victoria. Bem ſei que alguns condenão o complemento deſte voto como homicidio, porèm Santo Anſelmo, S. Ieronymo, & Santo Agoſtinho, o aplaudem como acção heroica, & o reconhecem como effeito de huma diuina inſpiração, por affirmar a Eſcritura que o Eſpirito Santo eſtaua em Iephte quando Iephte ſe obrigou ao voto: *Factus eſt ergo ſuper Iephte Spiritus Domini, & votũ vouit Domino.* Mas ſe Iephte, & Abraham forão iguaes no heroico da empreza, porque razão não forão iguaes na ſa-

S. Petr. Damian. lib. ſupra

Geneſ. 22.

Iudic. 11. v. 29.

tisfação do premio ; & com que juſtiça remunerou Deos cõ tam ſingulares priuilegios o ſacrificio de Abraham , & não deu a Iephte nenhuma remuneração pello offerecido ſacrificio ? Solta Philo Alexandrino a difficuldade com eſtas breues, mas enfaticas palauras : *Abraham primus Author futurus erat noui, & inuſitati exempli* : foi Abraham o Author de huma rara, & nunca de antes acometida façanha ; pello contrario tinha Iephte diante dos olhos o exemplo de Abraham, & como Abraham ſe adiantou a Iephte na precedencia do ſacrificio, precedeo ao meſmo Iephte na ſingularidade da recompenſa, que aos que ſaõ os primeiros na execução de heroicos intentos, he deuida a preferencia no logro dos premios ; logo a vós, ô diuino Bautiſta, que foſtes o primeiro mouel da eſphera dos penitentes , era deuido o primeiro trono na gloria dos Santos, a vós que na terra entoaſtes a letra da penitencia, compete o primeiro papel na ſolpha da bemauenturança : *Primæ chordæ locum tenet in cythara cæleſti Ioannis vox, quæ prima in hujus mundi deſerto pœnitentiam intonuit.* Tres generos de primazia obſeruo na peſſoa do Bautiſta, a primazia do nacimento, a primazia da virtude, & a primazia da gloria ; a primazia do nacimento o fez precurſor de Chriſto, a primazia da virtude precurſor dos Santos neſte mundo , & a primazia da gloria precurſor dos bemauenturados no outro ; o Bautiſta, ainda que precurſor de Chriſto, riguroſamente fallando, não o precedeo, porque ſe Chriſto naceo depois do Bautiſta, em quanto Deos naceo primeiro que o Bautiſta : *Qui poſt me venit ante me factus eſt* ; mas o Bautiſta como precurſor dos Santos neſte mundo, ſe adiantou a todos nos exercicios da virtude, porque foi o primeiro que adorou a Diuindade humanada , o primeiro que pronoſticou a extinção da ley eſcrita , o primeiro que annunciou o principio da ley Euangelica , o primeiro que foi encarcerado por amor da Fè , & o primeiro que por amor da Fè derramou o ſangue ; ſupoſtas pois todas eſtas precedencias do Bautiſta na carreira da ſantidade, que

Philo lib. de Abraham

Veiga in Iudic 3. p. 55. cap. 1.

muito

muito que o Bautiſta ſobrepuje a todos nos triumphos da gloria: *Vox prima quam audiui.*

Reparo, que na Confiſſaõ, & nas Ladainhas a Igreja cõ ſingular priuilegio ſepara ao Bautiſta do commum dos Prophetas, dos Apoſtolos, dos Euangeliſtas, dos Confeſſores, & dos Martyres, & com eſpecial veneração o inuoca primeiro que todos; ſabeis porque, porque o Bautiſta faz claſſe particular, & quem com a ſingularidade das prendas ſe aparta do commum, não entra no numero dos que em commum ſe venerão. No ſegundo liuro da Hiſtoria dos Reys, faz o ſagrado Chroniſta menção dos mais inclitos Varoés que floreceraõ no reynado de Dauid, nomeando a cada hum delles pello nome, mas entre todos eſtes homens não ſe nomea Ioab, aquelle famoſo Joab que poz o primeiro a eſcada aos muros de Sion, & paſſou todos os ſeus moradores ao fio da eſpada; aquelle Ioab que empregou tres lanças no peito de Abſalon, temerario vſurpador do Reyno paterno; aquelle Ioab, que nos mais euidentes perigos oſtentou a valentia do ſeu braço, os acertos da ſua prudencia nos mais trabalhoſos embaraços, & nas mayores reuoluçoens a ſua incorruptiuel fidelidade; mas quereis ſaber, pergunta o Lyrano, porque não ſe nomea Ioab entre os Varoens de Iſrael, porque Ioab os ſobrepujou a todos, & não conuem aſſentar no vulgo dos esforçados aquelle que ſempre ſe ſingularizou nas demonſtraçoens do esforço: *Inter prædictos fortes non nominatur Ioab, quia erat ſuper omnes Principes primus.* Do meſmo modo pois que Ioab entre os heroes do ſeu tempo faz claſſe particular, digo que o Bautiſta entre os Santos da Igreja conſtitue por ſi ſô huma hyerarchia, ſolitaria ſim, mas por iſſo ſolitaria, porque incomparauel: & eſſa he a razão porq̃ a Igreja não o poem no numero dos Prophetas, não o conta entre os Apoſtolos, não o nomea entre os Euangeliſtas, não o celebra entre os Confeſſores, & não o applaude entre os Martyres, porque o Bautiſta he mais que Propheta, mais que Apoſtolo, mais que Euangeliſta, mais que Confeſſor, mais

Lyran. in fin capitis 23 lib. 2. Reg.

que Martyr, & mais que todos, & ſe me não quizerem dar credito,oução a Santo Ambroſio: *Ioannes præcellit cunctis, eminet vniuerſis, antecedit Prophetas ſupergreditur Apoſtolos, & quisquis de muliere natus eſt, inferior eſt Ioanne.* Diz S. João Damaſceno, que no Ceo hauemos de ver com os olhos corporaes tres peſſoas que não tem igual, a primeira he Chriſto Senhor noſſo, a ſegunda he a Virgem Noſſa Senhora, & a terceira qual he? qual he a terceira ? & quem hauia de ſer ſenão o Bautiſta? no primeiro lugar eſtà Chriſto como Deos, no ſegundo lugar eſtá Maria como Mãy de Deos, & no terceiro eſtà o Bautiſta como a peſſoa mais chegada a Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo*; S. Ioão Damaſceno: *Tria fecit Deus ſine ſecundo, Chriſtum, Mariam, & Ioannem Baptiſtam*; mas ſe eſtais tão perto do trono da Diuindade, ô incomparauel Bautiſta, & ſe á voſſa voz (como temos viſto nos tres aſſumptos do Sermão) no choro dos Prophetas he a mais clara, no choro dos Apoſtolos he a mais attractiua, & no choro de todos os Santos a mais ſonora, tornai a reſtaurar as ruînas deſte mundo com o claro, o ſuaue, & o ſonoro da voſſa voz; com o claro alumiai as cegueiras do noſſo entendimento,com o ſuaue abrandai as durezas do noſſo coração, & com o ſonoro deſpertai as tibiezas da noſſa vontade, para que imitando neſta vida a armonia das voſſas virtudes, logremos na outra a conſonancia das eternas felicidades. *Ad quam nos perducat, &c.*

Ambr ſ. Serm. 64

Ioan. Damaſc. Serm. in vener. Sanctorum.

SER-

SERMAM

no dia da Degolação de

S. IOAM BAVTISTA

PREGADO

NO CONVENTO DAS RELIGIOSAS
de Sinta Monica.

Decollauit eum. Marci 6.

DA ſoterranea priſaõ dos voſſos ſepulchros, leuantai as veneraueis cabeças, affamados Prègadores do antigo teſtamento, & fixando os olhos no ſanguinolento trofeo da cabeça do grande Bautiſta; recebei os vltimos alentos da ſua lingoa palpitante, que ſendo viua, não reſpeitou a mageſtade dos Tronos, & com Apoſtolica confiança, inculcou aos potentados de Galileá as verdades, que tanto receaſtes de prègar aos voſſos mais criminoſos Monarchas. A Pharaò, ſoberbo Monarca do Egipto, prègou Moyſes a verdade, em fauor dos Iſraelitas injuſtamente oprimidos, mas pera Moyſes ſe empenhar neſta tão arriſcada empreza, foi neceſſario que o Ceo o declaraſſe Deos de Pharaò, que parece, que ſo quẽ

 lograr

lograr as independencias de hum Deos, se atreuerà a reprender as culpas de hum Rey: *Constitui te Deum Pharaonis*;& o Bautista reprendendo ao Rey Herodes com maior confiança, que se fora seu Vassallo, mostrou, que ainda que não passasse da Esfera de homem, *Fuit Homo*, tinha confiança pera acometer as emprezas de hum Deos. Ao impio Achab, Rey de Israel, prègou Elias a verdade, & como todos os Elementos estauão armados pera a defensa deste Propheta, não he muito que com a vehemencia do seu dizer, se opuzesse aos crueis intentos de hum Tiranno; mas o Bautista, que não trazia outras armas mais que o seu cilicio, nem outro escudo mais que a sua innocencia, moueo guerra aos incestuosos amores de hum soberano, & como sahia das solitarias cauernas do seu dezerto, entrou com huma generosidade de Leão, no Paço: A Dauid, Rey da Palestina, prègou o Propheta Nathão a verdade, temperando o rigor da reprensaõ, com o lenitiuo de huma parabola (que jà naquelle tempo, as verdades na Corte, se tinhão em conta de parabolas) mas o Bautista, deixando os enigmas da Philosophia, & não se valendo das metaphoras da Rhetorica, condenou na pureza do seu estylo, as torpezas de Herodes, que hauendo de reprender os illicitos amores de hum adultero, não lhe conuinha adulterar o candor da verdade, com os artificios da eloquencia. Mas pera que vos desuelais, ô diuino Bautista, em reformares os costumes do Paço, quando os Paços (na minha opinião) não por outra rezão, se chamão Cortes, senão porque de ordinario nas Cortes, por todas as leys humanas, & diuinas, se corta. E que premio pódem esperar nas cortes, as mayores cabeças de hum Reyno, quando na Corte de hum Herodes, se chega a cortar a cabeça do mayor homem do mundo? *Inter natos mulierum, non surrexit maior Ioanne Baptista.* Não me admiro pois, que os lasciuos bailes da filha de Herodias, occasionassem a Herodes este precipicio de culpas, que de ordinario, os saltos, saõ preludios pera os precipicios, senão quizermos dizer, que pera esta

eſta bailadora igualmente deshumana, que deſenuolta, conſeguir hum premio proporcionado à ligeireza dos ſeus mouimentos, quiz que a cabeça do Bautiſta deſſe hum ſalto ao vibrante talho da eſpada : *Volo vt des mihi in diſco caput Ioannis Baptiſtæ.* Naquella tão celebrada eſtatua de Nabuco, parece ſe figurou o tragico ſucceſſo deſta degolaçam, porque ſe a cabeça de ouro da meſma eſtatua cahio aos improuizos abalos dos ſeus pès de barro; aos artificioſos mouimentos dos pès deſta mulher [por iſſo eſtatua, porque cruelmente inſenſiuel] cahio a cabeça do Bautiſta, mais precioſa que o ouro, pois foi aualiada em mais que a ametade de hũ Reyno, & não he marauilha que ſe viſſe o valor de hũ Reyno tributado aos pés de huma mulher, que atropellaua ao ..imo Rey opprobrioſaméte auaſſallado ao tyrannico imperio do ſeu amor. Suppoſto eſte tão laſtimoſo acontecimẽto, parece q̃ a degolação do Bautiſta houuera de ſer o aſſumpto deſte Sermão, porèm trocando eu as ſortes, & attribuindo à gloria do Bautiſta as palauras que o Euãgeliſta appropriou à crueldade de Herodes; digo que o Bautiſta foi aquelle que degolou a Herodes: *Decollauit eum.* O aſſumpto do Sermão não he a degolação do Bautiſta, a degolação de Herodes he o aſſumpto do Sermão, porque (ſe bem aduertirdes) o meſmo golpe com que Herodes mandou tirar a cabeça ao Bautiſta, deu na cabeça do meſmo Herodes: *Decollauit eum.* E para que vejais, que ſolido he o fundamento deſta minha propoſição, digo que Herodes era hũ monſtro de tres cabeças (& nem com ter tãtas, tinha mais juizo) porque todas erão cabeças de hum monſtro. A primeira cabeça, era a lizonja, com que Herodes deſejaua ver coroada a enormidade de ſeus delictos; a ſegunda cabeça, era a infidelidade, com que Herodes conſpirando contra a voz do Senhor, ſolicitou a extincção da ley Euangelica; & a terceira cabeça, era a injuſtiça com que Herodes ſentenciou ao innocente Bautiſta à morte. Mas que felizmente degolou o Bautiſta eſtas tres monſtruoſas cabeças? degolou a lizonja

com

com a eſpada da verdade, degolou a infidelidade com as armas da Fee, degolou a injuſtiça com as armas da innocẽcia: *Decollauit eum.* E com muita razão aſſiſte hoje Chriſto ſacramentado à myſterioſa degolação deſtas infernaes cabeças. Aſſiſte Chriſto ſacramentado à degolação da lizõja, porque o Sacramento he hum myſterio da verdade, *Caro mea vere eſt cibus.* Aſſiſte Chriſto ſacramentado à degolação da infidelidade, porque o Sacramento he hum myſterio da Fee: *Myſterium Fidei.* Finalmente aſſiſte Chriſto ſacramentado à degolação da injuſtiça, porque o Sacramento he hum myſterio da juſtiça: *Qui enim manducat indigne, judicium ſibi manducat.* Neſtas tres fataes degolaçoens tem o Bautiſta tres coroas, o Sacramento tres tropheos, & eu tres aſſumptos para o Sermão.

℣. *Aue Maria.*

I. PARTE.

D*Ecollauit eum.* O primeiro monſtro que o Bautiſta degolou na Corte de Herodes, foi a lizonja; cortou o Bautiſta pella peſſoa de Herodes, porque Herodes cortaua pellos decoros da purpura, & que ſegura eſtaua neſte cõbate a gloria do Bautiſta, que como trazia a eſpada da verdade na boca, naõ lhe podião faltar coroas na cabeça, na cabeça do Senhor vio S. João muitas coroas: *In capite ejus diademata multa*, & no meſmo tempo, diz que lhe vira huma eſpada na boca: *de ore ejus procedit gladius*, pois huma sò eſpada alcançou tantas coroas? Si, que neſta miſterioſa eſpada, que ſahia da boca do Senhor ſe repreſenta a verdade das ſuas palauras, & da boca da verdade cada palaura que ſahe, ſe transforma em coroa; temos a proua no Bautiſta; tomou o Bautiſta a eſpada da verdade na boca: *Non licet tibi*, & logo ſe achou com a coroa do martirio na cabeça, *Decollauit eum*, ha hũs rayos (eſcreue Plinio) que produzem perolas nos lugares em que dão; rayos erão as

Apocal. 19 12.

pa-

palauras, com que o Bautista reprendia a Herodes, porêm rebatendo o emperdenido coração de Herodes estes rayos na pessoa do Bautista, se formarão os rubins do seu sangue, com que ficou a sua cabeça no mesmo instante coroada que degolada *de ore ejus procedit gladius, & in capite ejus diademata multa.* Não me admiro pois que o Bautista reprendesse os deprauados costumes de Herodes com tanta liberdade, pois era o Bautista tão superior aos rendimentos da lizonja. Dous saõ os motiuos da lizonja nos homens, o interesse, & o medo: anhela o interesse às riquezas, & aonde as riquezas se ostentão; là se esmerão as lizonjas, entre os quatro rios do Paraizo terreal, o rio Phison era aquelle que banhaua as terras de Heluiat, em que nacia o ouro: *Nomen vni Phison, ipse est qui circuit teeram Heluiath, vbi nascitur aurum*, & esta palaura Phison conforme interpreta S. Ambrosio, significa os artificios da boca, & os enganos da lizonja: *Phison idem latinis dicitur ac oris commutatio.* Logo se Phison he o rio das lizonjas, corra o rio Phison as terras de Heluiath, aonde nacem as riquezas, que sempre os lizonjeiros dirigirão o curso da sua enganoza eloquencia, para onde abundão os bens da fortuna: *Merito autem os illi commutatur, vt in ore ejus sit dolus, vbi est aurum*: diz neste mesmo lugar S. Ambrosio. Não assim o rio Iordão, cujas prayas correo o Bautista; o Iordão no sentir dos Escripturarios, vê a ser o mesmo que o rio do Iuizo: *Jordanis, fluuius Judicij.* Deste rio do Iuizo sahio o Bautista como Iuiz incorrupto, para fulminar sentenças contra os criminosos procedimentos de hum Monarcha, & não era necessario que o Bautista com o artificio das suas palauras, solicitasse o augmento das suas riquezas, porque sendo o Bautista a voz do Senhor, erão bocados douro as suas palauras, o segundo motiuo da lizonja nos homens, he o medo; que ha verdades de tão grande valor, que não custão menos que a vida. Isto sem duuida nos quis ensinar aquelle Anjo q̃ por decreto da diuina justiça intimou ao Rey Balthazar a sentença da sua condenação:

Genes. 2. 11.

Ambros. in Psalm.

reparai nas circunſtancias deſta terriuel Enbaixada, & todas vos parecerão cautelas de que vſou o Anjo, para dar a eſte Rey ſacrilego hum auizo, que atẽ os Anjos ainda que immortaes por natureza, parece tem medo ſe lhe tire a vida, quando dizem aos Reys a verdade. Primeiramente não entrou o Anjo pellas portas do Paço, mas com imperceptiuel ſutileza penetrou as paredes, que as portas dos Paços, tão cerradas coſtumão eſtar á verdade, que he neceſſario furar as paredes para lhe agencear a entrada; em ſegundo lugar não eſtendeo o braço, por lhe parecer que lho hauião de cortar, nem menos quiz que ſe lhe viſſe a mão, como entendendo, que em ſemelhantes empenhos, o mais ſeguro he, tirar a pedra, & eſconder a mão; mas ſomente apareceo a ſombra dos ſeus dedos *apparuerunt digiti*. Que não hauendo entre os homẽs, & não ſe achando entre os Anjos quem ſe atreua a dizer a verdade aos Potentados da terra, ſe reſeruou eſte tão odioſo emprego para as fantaſmas, & as ſombras: *Apparuerunt digiti quaſi manus hominis ſcribentis*.

Dan. 5. 5.

Só o Bautiſta foi hum Anjo ſuperior às vilezas deſta puſilanime Politica, & por iſſo Deos o chamou com ſingularidade ſeu Anjo: *Ecce ego mitto Angelum meum*, que Deos ſó conhece por ſeus aos Anjos; que ſem medo dos homens, dizem as verdades. Lançou o Bautiſta o rayo da verdade, & não eſcondeo a mão, que como a mão do Bautiſta eſtaua pegada com a mão do Senhor: *Manus Domini erat cum illo*, não era para eſcondida huma tão diuina mão como aquella do Bautiſta, não ſe acautelou dos perigos da morte, offereceo a cabeça ao cutello, & he opinião de Victor Antiocheno, de S. Ioão Chriſoſtomo, & do Abulenſe, que o Bautiſta piamente atreuido inueſtira na publica praça com Herodes, & de roſto a roſto o reprendera dos illicitos amores, em que andaua cegamente empenhado, com diſcredito da purpura, com eſcandalo dos vaſſallos, & com perpetua ignominia do Talamo Real: *Joannes publicè arguebat Herodem*. Aos mayores Monarchas do mundo prègarão os Apoſtolos as verdades

Victor Antioch. D. Chriſ. homil. 1. ad populum. & Abulẽſ. Matth. 14. li. 15.

dades Euangelicas, porque estauão cheyos do Espirito Santo, que na Escritura se chama por antonomazia o espirito da verdade: *Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatẽ.* Daqui nacem duas difficuldades, a primeira he Theologica: sendo as tres pessoas diuinas igualmente verdadeiras, como o enfina a Fee, porque razão destas tres pessoas sô o Espirito Santo se chama o Espirito da verdade: *Spiritus veritatis.* Respondem os Theologos com hũa distinção: nas tres pessoas diuinas póde o entendimento humano considerar tres generos de verdade; a verdade do ser, a verdade do entender, & a verdade do dizer; a verdade do ser, he propria do Eterno Pay, porque o Eterno Pay communica ao Filho, & ao Espirito Santo o ser diuino; a verdade do entender, he propria do Filho, porque o Filho procede do Pay por hum acto do entendimento; mas a verdade do dizer he propria do Espirito Santo, porque ao Espirito Santo se attribue o amor, & quem verdadeiramente amou, nunca dissimulou a verdade. Ao Pay se attribue o poder, ao Filho o saber, & ao Espirito Santo o amor; & fallando ao modo humano, os poderosos embargão a verdade, os sabios a dissimulão, mas os amantes a manifestão, & esta he a razão porque o Espirito Santo se chama Espirito de verdade: *Spiritus veritatis.* A segunda difficuldade he esta; morreo o Bautista, primeiro que o Espirito da verdade decesse em fórma de lingoas sobre os Apostolos, logo como teue o Bautista confiãça para prègar a verdade a hum Tyranno? Respondo: o Espirito Santo (se bem aduertirdes) deceo sobre o Bautista primeiro q̃ decesse sobre os Apostolos, porque no Iordão quãdo o Bautista poz a mão sobre a cabeça do Senhor para o bautizar, o Espirito Santo deceo sobre a mão do Bautista: *Imposuit dexteram*, diz Seuero Patriacha na Bibliotheca dos Padres, *imposuit dexteram super caput Domini, & Spiritus veritatis descendit.* Bem sei que da historia Euangelica se collige, que o Espirito Santo não se fez visuel, senão depois de o Bautista ter bautizado ao Senhor, porém não se póde

Seuer. Patriarc. in Bibliotheca Patrũm. 6.

negar que este diuino Espirito não prezidisse inuisiuelmente às sagradas ceremonias deste bautismo desde o primeiro instante em que o Bautista poz a mão sobre a cabeça do Senhor: & he muito para se crer que o Espirito Santo influisse nas mãos do Bautista, muito antes que decesse sobre as cabeças dos Apostolos em forma de lingoas, porque se nas mãos se significão as obras, & nas lingoas as palauras, saiba o mũdo, que o Espirito Santo calificou as suas obras nas mãos do Bautista, primeiro que acreditasse nas bocas dos Apostolos as suas palauras, & para remate do conceito, digamos, que só o Bautista parece teue mão para prégar a verdade com espirito, pois o Bautista foi o vnico que chegou a ter o Espirito da verdade na mão: *Imposuit dexteram super caput Domini, & Spiritus veritatis descendit.*

Mas oh! jà não teme Herodes as reprensoens do Bantista, pois vejo a lingoa do Bautista afogada em sangue, & a sua cabeça nas mãos de hum Algoz, porèm a espada que lhe cortou a cabeça, não lhe embargou a voz, no Paço de Herodes prega o Bautista ainda depois de morto, antes por isso mesmo se sogeitou à morte, que a verdade só quando jà parece morta, & extincta, acha nos Paços dos Grãdes a entrada. Do Propheta Micheas conta a Historia dos Reys, que desejando entrar no Paço del Rey Achab para o reprender de huma injustiça que cometera, pedira a hum soldado que lhe desse huma ferida: *Percute me*; obedeceo o soldado a este riguroso preceito, arrancou a espada, ferio ao Propheta, & logo o Propheta com o sangue que lhe corria das veas, tingio o rosto, & assim cruelmente disfarçado, rompeo pellos guardas, chegou à pessoa del Rey, & com zelosa indinação o reprendeo da sua injustiça; pois que necessidade tinha Micheas de se disfarçar para entrar no Paço de Achab. Oh! era Micheas conhecido por Propheta, & os Palacianos receando que viesse a dizer a verdade ao seu Rey, não o deixarião chegar, se o tiuessem conhecido; demais do que era necessario que este Propheta não só disfarçado, senão ferido, & en-

3. Reg. 20.

ſangoentado manifeſtaſſe a elRey Achab a verdade, que as verdades não chegão aos ouuidos dos Reys, ſenão ou deſmayadas, ou mortas. Ah diuino Bautiſta, pareceme que deſejando de paſſar do carcere em que eſtais prezo para o Paço de Herodes, prouocais ao Algoz com as palauras do Propheta: *Percute me*; empunha a eſpada, fiel executor dos Regios decretos, deſcarrega o golpe, tira eſta cabeça dos hóbros, para que leuada das correntes do ſeu ſangue, chegue ao trono de Herodes, que não ha objecto mais agradauel aos olhos de hum Tyranno, que o ſacrificio da innocencia, & o ſilencio da verdade. Mas que fruſtrados ſaõ os teus intentos, ô Herodes! & que enganadas ſaõ as tuas eſperanças! não emmudeceo, não, a voz do Bautiſta, por lhe ter poſto o Algoz o cutello na garganta, mas antes não cabendo huma tão grande voz nas anguſtias da boca, para que ſahiſſe cõ mayor liberdade, foi neceſſario troncarlhe o peſcoço; todas as circunſtancias deſta degolação ſaõ ſentenças que te condenão, a cabeça do Bautiſta em hum prato condena a tua intemperança; a modeſtia dos ſeus olhos, condena as tuas laſciuias; todas as gotas do ſeu ſangue, ſaõ vozes que te condenão: *Vox occidi non poteſt*, diz S. Pedro Chriſologo, *ſed magis clamat de anguſtijs corporis abſoluta*. Por eſte modo o Bautiſta ainda depois de morto degolou no Paço de Herodes, o monſtro da lizonja, & ſendo o Sacramento hum myſterio de verdade: *Caro mea vere eſt cibus*, juſto era ſe viſſe aos pès de Chriſto ſacramentado a lizonja degolada: *Decollauit eum*. Chama Alberto Magno ao Sacramento do Altar, Sacramẽto da verdade: *Sacramentum veritatis*. Por ventura não ſaõ os mais Sacramentos da Igreja, Sacramentos da verdade? Si, porque ſaõ verdadeiros Sacramentos: porèm entre todos os Sacramentos, o Sacramento do Altar he hum viuo retrato da verdade. A verdade não he outra couſa mais que hũa ſuaue conſonancia dos penſamenros com as palauras, & hũa perfeita conformidade do coração com a boca. De hum homem que ſempre falla verdade, dizemos que tem o coraçam

Criſolog. Serm. 175.

na boca, & a boca no coração. Ora notai huma circunstancia no Sacramento, em que (a meu ver) ninguem atè agora reparou: no Sacramento do Altar està o corpo de Christo com o vbi diffinitiuo, que he proprio dos Espiritos, & por consequencia este diuino corpo de Christo sacramẽtado, está todo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte della; no mesmo ponto indiuisiuel da Hostia consagrada em que está a boca de Christo, està o seu coração, & no mesmo lugar do coração està a boca: sendo pois Christo a mesma verdade: *Christus est veritas.* Parece quiz fazer no Sacramento do Altar o seu retrato; que quem quizera retratar em hũ painel a imagem da verdade, houuera de pintar hum coração n'huma boca, ou huma boca n'hum coração, & isto he o que Christo fez com o pincel do amor no Sacramento do Altar, para que os homens tiuessem diante dos olhos a Imagem da verdade neste sagrado compendio de todas as verdades: *Sacramentum veritatis*, diz Alberto Magno. *Quia continet omnem veritatem.* Ao Trono da verdade sacramental derrubo hoje o Bautista o idolo da lizonja, como temos visto nesta primeira parte, & porque o Sacramento he hum mysterio de Fé: *Misterium fidei.* Vejamos como o mesmo Bautista derruba aos pès de Christo sacramentado o idolo da infidelidade, està he a segunda parte do Sermão, & segundo golpe cõ que o Bautista degolou a Herodes: *Decollauit eum.*

Ioan. Epist. 1. cap. 5. v. 14.

II. PARTE.

A Segunda cabeça de Herodes, era a infidelidade, porque na morte do Bautista, Herodes se fez cabeça dos maiores inimigos da Fè: os maiores inimigos da Fè, erão os Escribas, & os Phariseos, & estes, na opinião de Dionisio Cartusiano, & de Nicolao de Lyra, forão os que empenharão a Herodes, a que se constituisse cabeça da sua conjuração contra o Bautista: *Herodes de consensu, & consilio, Scribarum, & Phariseorum, Joannem incarcerauit ac decollauit.*

Dion. Carthus. Matth. 17. & Lyranus Matth. 17.

coſſauit. Porem ſe a infidelidade degolou ao Bautiſta, tambem o Bautiſta degolou a meſma infidelidade, & o myſtico corpo da Igreja, então ſe vio mais crecido, quando ſe vio mais diminuido o corpo do Bautiſta. Agora entendo a razão, porque o Bautiſta diſſe aos Fariſeos, que para Chriſto crecer, importaua que elle diminuiſſe: *Illum oportet creſcere me autem minui*. Na doutrina de S. Hilario, crece Chriſto, quando a Igreja crece, crece Chriſto na veneração dos homens, quando a Igreja crece na extenſão da Fê: *Creſcit Chriſtus quando multiplicatur fides in Eccleſia*. E para o corpo da Igreja crecer na extenſão da Fê, neceſſario he, que o corpo do Bautiſta diminua aos golpes do cutelo, porque como notou S. Auguſtinho, morrerão os martyres ao mundo, para que naceſſem fieis à Igreja: *Occiſi ſunt martyres, ad multiplicandam Eccleſiam*, E Tertuliano no ſeu Apologetico: *Sanguis martyrum, ſemen eſt chriſtianorum*. O ſangue dos martyres, he a ſementeira dos Chriſtãos, & ainda acrecento, o ſangue de hum martyr, he a ſementeira de muitos martyres; ſendo pois o Bautiſta o primeiro martyr, q̃ cõ o proprio ſangue regou a terra, todas as palmas que os mais martyres colheraõ ſaõ frutos do ſangue do Bautiſta; ao ſangue da ſua fingida Deoſa attribuio a antiguidade o encarnado das rozas, (ignorancia foi dos Gentios, pois para cortarem purpuras a huma flor, admitiraõ feridas n'huma diuindade, por iſſo ficticia porque paſſiuel) ſaõ os martyres as roſas do jardim da Igreja, mas o Bautiſta foi a primeira roza deſte jardim, porque às ſagradas reuerberaçoens do ſeu ſangue, todas as mais rozas da Igreja ſe tingiraõ, logo no Bautiſta degolado, fica Chriſto engrandecido: *Illum oportet creſcere, me autem minui*. Entre os alicerſes daquelle famoſo Capitolio dos Romanos, dizem os hiſtoriadores que ſe achara a cabeça de hũ homem, & no Capitolio da Igreja militante, lançou o Bautiſta a ſua cabeça por alicerſe, logo os abatimentos do Bautiſta ſaõ triunfos para o ſenhor: *Illum oportet creſcere, me autem minui*. No barbaro furor com que o Emperador Nero degolou

Ioan. 3.

Hilar. S. Matthæ. cap. 13. in Sylua Allegor verbo creſcere

Auguſtin. in Pſ. 14.

Tertul. in Apologet. in fine.

degolou nos Templos de Roma todas as estatuas dos Cesares, preuio o Senado a morte do mesmo Nero, & a breue duraçaõ do seu Imperio; & a sacrilega impiedade, com que Herodes mandou degolar ao Bautista, foi o prefagio da breue vida deste Tiranno, & da ineuitauel destruição da Synagoga, para exaltação da Fê; logo naõ podia o Bautista diminuir ao corte da espada, sem que Christo crecesse pellos augmentos da Igreja: *Illum oportet crescere, me autem minui.* Para el-Rey de Niniue induzir os subditos â penitencia, cobrio a cabeça com cinzas, & o Bautista com a cabeça afogada em sangue, anima todos os Christaõs ao martirio; antes para se fazer cabeça dos martyres fica o mesmo Bautista sem cabeça, mas que lingoa será sufficiente para exagerar as grandezas de hum Santo que atè nas diminuiçoens de sua pessoa, ostenta os crecimentos do seu Deos, que ainda que Deos por ser infinito naõ pode crecer nas perfeiçoens da sua essencia, por ser limitado o entendimento humano pode crecer na estimaçaõ dos homens, *Illum oportet crescere, me autem minui.*

Eu me enganei, fieis, não diminuio o Bautista debaixo da espada do Algoz, mas antes o Bautista se duplicou neste genero de martirio, & se primeiro que Herodes o mandasse degolar, não hauia mais que hum sò Bautista no mundo, no mesmo acto da degolação, teue o mundo dous Bautistas; abona este meu pensamento o grande Bispo de Verona S. Zeno. Por sentença del-Rey Manasses, foi o Propheta Isaias serrado pello meio, mas neste genero de martirio diz S. Zeno, que se duplicara o Propheta Isaias para maior confuzaõ del-Rey Manasses; Eis aqui a razão; o intento de Manasses era que não houuesse no mundo hum Isaias zeloso reprensor dos seus delitos; porêm o mesmo ferro que partio ao corpo do Propheta pello meio; de hum sò Isaias, fez dous, duplicouse a gloria do Profeta nesta partição do seu corpo, porque cada parte merecia a sua coroa, tambem a confuzaõ do tirano se duplicou, pois jà naõ hauia hum sò Isaias, senaõ dous que o condenauaõ: *Propheta egregius, & illustris inter*

S. Zeno Serm. de Isaia Martyri.

resu-

reſupinatos ſectores tamdiu immobili inconcuſſi corporis perdurauit ſtatu, quandiu duo eſſe inciperent, qui figuras gentium cum ſuo perſecutore damnarent. O meſmo ſuccedeo, & com maior propriedade na degolação do Bautiſta por ſentença de Herodes foi o Bautiſta degolado; no carcere ficou o corpo do Bautiſta, & a cabeça foi leuada para o Paço; duplicouſe pois neſta degolação a gloria do Bautiſta, & a confuzão de Herodes: duplicouſe a gloria do Bautiſta porque ſe duplicaraõ as ſuas coroas; huma coroa, para a cabeça degolada; & para o corpo troncado, outra coroa; tambem ſe duplicou a confuzão de Herodes, porque dous Bautiſtas eſtauão condenando a ſua infidelidade, hum Bautiſta no carcere, & outro Bautiſta no Paço; que não era neceſſario menos que o zelo de dous Bautiſtas, para a condenação de hum Herodes. E ſe algum eſcrupuloſo critico replicar que eſtes dous Bautiſtas não formauão mais que hum sò, pois no carcere ficou o corpo do Bautiſta ſem cabeça, & para o Paço foi leuada a cabeça do Bautiſta ſem corpo. Reſpondo que ſem embargo deſta cruel ſeparação, erão dous Bautiſtas inteiros, porque no carcere ficou o Bautiſta com a ſua cabeça, & naquella meſma cabeça que foi leuada ao Paço, eſtaua todo o Bautiſta: primeiramente no carcere ficou o Bautiſta com a ſua cabeça, porque ſe na doutrina de S. Paulo Chriſto he cabeça da Igreja: *Chriſtus eſt caput Eccleſiæ*, no meſmo inſtãte que o Bautiſta para defenſa da Igreja entregou a cabeça ao Algoz, tomou ao meſmo Chriſto por cabeça: *Abſciſſo capite, æterno capiti jungitur*, diſſe em ſemelhante acto Sancto Agoſtinho, & he opinião de varios Doutores, allegados no quarto tomo da Hiſtoria Euangelica, que Chriſto aſſiſtira inuiſiuelmente à degolação do Bautiſta, para moſtrar (a meu ver) que naquelle dia ambos trocauão a cabeça, & que no meſmo tempo que o Bautiſta daua a Chriſto a ſua cabeça em ſacrificio, offerecia Chriſto a ſua cabeça ao Bautiſta por coroa: *Abſciſſo capite, æterno capiti jungitur*: digo em ſegundo lugar, que naquella cabeça que foi leuada ao Paço, eſtaua todo o Bautiſta,

Salmeron. Hiſtor. Euãgel. tom. 4 p. 2. tract. 18. ſub finem.

sta, porque na doutrina de Platão, toda a perfeição do homem está recopilada na cabeça, que do mesmo modo que o homem he o compendio do mundo, assim a cabeça he o cõpendio do homem: *Quid est homo sine capite, cum totus in capite sit.* Estaua pois todo o Bautista na breue esphera da sua cabeça, porque na cabeça do Bautista estaua todo o valor da sua pessoa, tanto assim, que desejando a filha de Herodias q̃ lhe entregassem o Bautista, não pedio outra cousa mais que a sua cabeça, como entendendo que naquella preciosa cabeça, estaua todo o Bautista: *Damihi in disco caput Joannis Baptistæ.*

Tenho prouado (se me não engano) que para a exaltação da Fee, houue no mundo dous Bautistas, mas porque esta multiplicação podera prejudicar à sua singularidade, quero agora mostraruos hum sô Bautista em dous mundos; o Bautista degolado, em dous mundos exaltou a Fee, neste, & no outro, na Terra, & no Limbo; na terra exaltou a Fee com a effusaõ do seu sangue, & no Limbo com a noua que elle leuou aos Patriarchas do tão suspirado nacimento de Christo, & este na opinião de S. Gregorio Nazianzeno, foi hum euidente castigo da infidelidade de Herodes, pois no mesmo dia que o Bautista degolado se ausentou dos viuos, passou para o outro mundo a prẽgar a vinda do Messias aos mortos: *Illum furor Herodis transmisit, vt apud patres aduentum Messiæ prædicaret.* Tambem ficou o Bautista neste mũdo para a exaltação da Fee, porque com a voz do seu sangue, sollicitou ao Senhor a que derramasse o sangue pella Redẽpção dos homens. Não tenho para abonadores desta verdade menos que S. Pedro Chrisologo, & S. Basilio: morreo Abel, & diz a Escritura, que a voz do seu sangue, penetrando aos Orbes, & trespassando as Espheras, retumbàra no Empireo, & com improuisos clamores perturbara o sagrado silencio daquelles claustros celestes: *Vox sanguinis Abel clamat ad me de terra.* Pois que pretende esta voz lastimosa no cẽtro da gloria? & para que soão os eccos da morte no templo

Gregor. Nazianz. in Paneg. Bapt. pag. 222. col. 3.

da

da immortalidade? S. Pedro Chriſologo : *Vox ſanguinis Abel, diuinum Verbum ad necem amore hominum ſuſtinendã incitabat.* Eſtes brados de Abel no Ceo, eraõ deprecaçoens, & rogatiuas com que elle ſollicitaua ao Verbo diuino, a que apreſſaſſe a Redempçaõ dos homens; ſuſpiraua o ſangue de Abel pello ſangue de Chriſto, repreſentando ao Tribunal da diuina Iuſtiça, que jà que hauião homens na terra que por amor de Deos padeciáo a morte, parece era jà tempo ſe dignaſſe Deos de morrer por amor dos homens. Oh! com quanta mayor razão, ſe podera dizer que o ſangue do Bautiſta ſuſpira pello ſangue de Chriſto: *Ioannes ad Abel ſimilitudinem etiam mortuus adhuc loquitur* ; affirma S. Baſilio: torna hoje o ſangue do Bautiſta a fazer as meſmas inſtancias, que antigamente fez o ſangue de Abel, & formando dous rios, hum no carcere, com que banha a terra, & outro no Paço em que ſe congela em hum prato, parece ſe anticipa aos dous ſacrificios do ſangue de Chriſto, ao ſacrificio do ſangue de Chriſto na Cruz, & ao ſacrificio do ſangue de Chriſto no Sacramento ; o ſangue do Bautiſta derramado no carcere, prouoca a Chriſto a que derrame ao ſeu ſangue na Cruz, & o ſangue do Bautiſta congelado em hũ prato, ſolicita a Chriſto a que ſacramente ao ſeu ſangue em hum caliz: *Vox ſanguinis Baptiſtæ clamat ad me de terra.* Sendo pois eſtes dous ſacrificios da Cruz, & do Altar os maiores myſterios da Fee, juſto era ſe fizeſſem eſtes ſacrificios a inſtancias do Bautiſta, pois o Bautiſta foi o primeiro, que com as armas da Fee degolou a infidelidade, como temos viſto neſta ſegunda parte; reſta agora que vejamos a injuſtiça de Herodes, degolada pella innocẽcia do Bautiſta, & eſta he a terceira parte do Sermão, & a terceira cabeça que o Bautiſta degolou a Herodes: *Decollauit eum.*

S. Pet. Chriſologus. Serm. 174.

Baſil orat. ad Virgin. Lapſam.

III. PARTE.

O Principal motiuo que obrigou aos ponos a que ſe ſogeitaſſem à ſuprema authoridade dos Reys, foi para

que os Reys administassem aos pouos a justiça: *Fruendæ justitiæ causa videntur olim bene morati Reges constituti*, disse lá o Orador Romano; & o exercicio desta virtude he tão auinculado à gloria do ceptro, que quem não he justo não he Rey. Era Saul Rey de Israel, & com tudo chegoulhe Samuel a dizer, que não era Rey. *Abjecit te dominus ne sis Rex*; que razão pois teria Samuel para negar a Saul o titulo de Rey, no mesmo tempo que Saul possuia ao Reyno de Israel: *Vide quid sit justitiam contemnere*. Responde hum moderno, possuia Saul o Reyno, mas atropellaua a justiça, perseguia a innocencia, & patrocinaua a impiedade, & não se compadece a calidade de Rey, com semelhantes injustiças; na opinião de S. Ioão Chrisostomo, & de outros Padres da Igreja, foi Saul Rey atê à morte, & com tudo cessou de ser Rey antes de morrer, foi Rey atê á morte, porque sempre logrou a coroa, cessou de ser Rey antes de morrer, porque como não administraua justiça, não podia lograr a calidade de Rey, que sò a justiça he a coroa dos Reys, & a gloria das coroas: *Hoc Regem honorabilem reddit, quod justitiam diligat*, diz S. Cirillo Alexandrino, foi Herodes o Saul do nouo testamento, porque foi o amparo da impiedade, & o verdugo da innocencia, & para fomentar os impuros amores de Herodias, sabio com sentença de morte contra o Bautista; mas que gloriosamente triumfou a innocencia do Bautista da injustiça de Herodes, pois Deos tirou a Herodes o Reyno, para vingar a innocencia do Bautista; por onde obseruo que o castigo de Herodes foi maior que o de Saul, porque ainda que Saul perdesse o titulo de Rey, não perdeo o Reyno: morreo Saul com o ceptro de Israel nas mãos, & não lhe foi tirada a coroa, senão quando se lhe acabou a vida, mas Herodes alem de perder o titulo de Rey, perdeo o Reyno, porque como escreue o Cardeal Baronio, o Emperador Caligula o condenou à priuação da Tetrarquia, à confiscação de todos os seus bens, & aos irreparaueis opprobios de hum perpetuo desterro.

Cicero in libris officiorum.

Velasquez de Principe p. 285.

Cornel. a Lap. in lib. Reg. 1. cap. 15.

Cyril. Alexãdrin. in Psal. 98

Baron. tom. 10. fol. 274.

Todos

Todos eſtes eſtragos merecia, quem chegou a degolar a cabeça a hum Bautiſta, & a meſma cabeça do Bautiſta degolado, foi (na minha opinião) hum fatal pronoſtico deſtes eſtragos; diz o Profeta Ioel, que no Sol, & na Lua ſe verão os preſagios do fim do mundo, o Sol ſe amortalhará em ſombras, & a Lua, que he o Sol da noite, ſe conuerterâ em ſangue: *Sol conuertetur in tenebras, & Luna in ſanguinem*; & q̃ outra couza he a cabeça do Bautiſta degolado, mais que hũ Sol, que commmunica luzes à Igreja. O Sol (ſe bem aduirtirdes) ou por engano da viſta, ou por myſterio da natureza, tem a figura, de huma cabeça ſem corpo; ponde os olhos na esfera do Sol, & vos parecerà ver huma cabeça cortada, ou hum Planeta degolado; eſte he o retrato da cabeça do Bautiſta; a cabeça do Bautiſta he hum Sol, a ſua luz he a verdade, o ſeu ardor he o zelo, o ſeu Orizonte he o martirio, & o prato em que o leuão he a eſphera em que anda eſte Sol, pois amortalhado nas ſombras da morte, & afogado nos rios do ſeu ſangue, he o verdadeiro pronoſtico do deſgraciado fim de Herodes, do meſmo modo que os Eclipſes, & o ſangue dos principes dos Planetas ſerão os preſagios do fim do mundo; & ſe os ſinaes do fim do mundo, ſaõ retratos da morte do Bautiſta, he porque a perda de hum Bautiſta, não he menos para ſe ſentir que a ruina de hum mundo; Que grande foi o ſentimento que Chriſto moſtrou da morte do Bautiſta; logo que os Diſcipulos trouxerão a noua da ſua degolação, diz S. Matheus que Chriſto ſe retirara para o dezerto: *Quod cum audiſſet Jeſus, ſeceſſit in deſertum*, & que de myſterios acho neſte ſolitario retiro do Senhor depois da morte do Bautiſta: *Seceſſit in deſertum.* Retirouſe o Senhor para o dezerto, porque faltãdolhe a aſiſtencia do ſeu Bautiſta, todo mundo era para elle hum dezerto: *Seceſſit in deſertum.* Retirouſe para o dezerto, porque não hauendo nos Paços, quem ſe laſtimaſſe da morte do Bautiſta, era neceſſario que eſta morte ſe choraſſe nos dezertos; *Seceſſit in deſertum.* Retirouſe para o dezerto, porque aos

Ioel. 2 32.

Matth. 14

ſuſpiros de hum coração ſaudoſo, sò ſabem reſponder os Ecos de hum dezerto: *Seceſſit in deſertum.* Retirouſe para o dezerto, porque como a ſua pena era exceſſiua, ninguem lhe podia fazer companhia na ſua pena; *Seceſſit in deſertum.* Retirouſe para o dezerto, porque na morte do Bautiſta, parece acabaua o mundo; que o mundo nunca ſe vio mais acabado, que quando ſe achou o Bautiſta em hum ſepulcro, & o meſmo Deos em hum dezerto, *Quod cum audiſſet Jeſus; ſeceſſit in deſertum.*

Para remate do Sermão, reſta [fieis) que conſideremos, que ſe a degolação do Bautiſta foi o maior credito da ſua innocencia, para nos deue ſer a degolação do Bautiſta, a maior diſpoſição para o Sacramento; que para chegarmos ao Sacramento, he tão neceſſaria a degolação de nos meſmos, que sò hum Chriſtão degolado ſe pode vnir com Deos no Sacramento: não he eſta propoſição, arrojamento da fantaſia, he oraculo do Eſpiritu Santo, no Capitulo 23. dos Prouerbios, diz o Eſpiritu Santo pella boca de Salamão, q̃ quẽ ſe quizer aſſẽtar à meſa de hũ Princepe, primeiro ha de pôr hum cutelo na ſua garganta: *Quando ſederis, vt comedas cum Principe, ſtatue cultrum in gutture tuo.* Cruel conſelho na verdade, porem; como o Eſpiritu Santo he o que o dâ, tem eſte conſelho grande myſterio; porque como agudamente notou Hugo Cardeal, não falla Salamão dos princepes da terra, nem dos banquetes do mundo; o princepe de quẽ falla Salamão, he Chriſto Senhor noſſo, a meſa he o Altar, o banquete he o Sacramento, o conuidado he o Chriſtão, & a faca com que ſe ha de ferir, antes de ſe aſſentar a eſta diuina meſa, he o cutello da penitencia: para o homem ſe vnir com Deos no Sacramento, neceſſario he corte o homem por ſi meſmo; corte o ſoberbo pellas ſuas preſumpçoens, corte o laſciuo pellos ſeus apetites, corte o mundano pello amor do mundo, corte o cobiçoſo pello amor das riquezas, que a degolação do peccado, he a melhor preparação para o Sacramento: *Statue cultrum in gutture tuo*, diz Hugo Cardeal,

Prou. 23.

deal, *vt juguletur ſcilicet vetus homo in te, ac nouus hoc eſt Chriſtus viuat.* Tudo forão degolaçoens neſte Sermão, para que tudo foſſem triumfos para o Sacramento; degolou o Bautiſta a lizonja com a eſpada da verdade; degolou a infidelidade com as armas da Fè, degolou a injuſtiça com as maõs da innocencia; aos pès de Chriſto ſacramentado ficou derrubado o idolo da lizonja, porque o Sacramento he hum myſterio de verdade: *Caro mea vere eſt cibus.* Aos tronos de Chriſto ſacramentado, ficou proſtrado o idolo da infidelidade porque o Sacramento he hum myſterio de Fè, *myſterium fidei.* Ao ſolio de Chriſto ſacramentado ficou abatido o idolo da injuſtiça porque o Sacramento he hum myſterio de juſtiça; *Qui enim manducat indignè, judicium ſibi manducat.* Eſtes ſaõ os tres trofeos do Sacramento, & as tres coroas do Bautiſta, a verdade, a Fè, & a innocencia, & eſtas tres virtudes vos pedimos ô diuino Bautiſta, a verdade para cõ o proximo, a Fé para com Deos, & a innocencia para com nos meſmos; com a verdade ſe coroarà a noſſa fè, a fè ſe coroarà com a noſſa innocencia, & com a innocencia alcançaremos a coroa da Gloria. *Ad quam nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM

Na Festa do

CORPO DE DEOS

Em Odiuellas.

Caro mea vere est cibus. Ioann. 6.

CElebrão as memorias da antiguidade o costume com que os Romanos festejauão o dia do seu triumpho. No dia em que os Emperadores entrauão triumphantes em Roma, entre os apparatos daquella magestosa pompa, leuauão retratados em payneis os successos em que se hauia assinalado o seu valor, renouandose com os prodigios da Arte, as emprezas de que se assombrára a natureza. No triumpho de Pompeo viãose retratados em varios payneis as Prouincias que sojugára, a Armenia, a Capadocia, a Syria, & a Mesopotamia, mil Fortalezas vencidas, nouecentas Cidades desmanteladas, outocentos nauios tomados, com as riquezas das tres partes do mundo tributadas aos pés do Capitolio. No triumpho de Cesar estaua pintada em hum paynel a guerra de Farsalia, a victoria que alcãçára de Scipião em Africa, as palmas que colhera no Egypto, com

Alexand. ab Alexandr. lib. 6. dier. Genial. cap. 6.

com todas aquellas Cidades, que com suas ruinas fabricarão os degraos, por onde subio à eminencia do Trono, & com suas cinzas compuzerão os caracteres, com que ficou o seu nome eternizado nos Annaes da fama. No triumpho de Octauiano Augusto viãose retratados em hum paynel os tropheos da guerra, & as insignias da paz com agradauel competencia da fereza de Marte com a clemencia de Minerua. Assim illustrárão os Romanos o dia do seu triumpho com as sombras da pintura, o talho da sua espada com os rasgos do pinsel, & com as apparentes distancias da perspectiua, a immensa extensaõ das suas conquistas. Celebrase hoje neste Real Mosteiro o triumpho de Christo sacramentado, na pompa pois deste sagrado triumpho determino de formar hum paynel, em que se verão retratados os tropheos do Sacramento, & como Christo sacramentado he o Sol das nossas almas na esphera da graça, para exemplar desta mysteriosa representação, tomarei o engenhoso retrato em que hum antigo delineou os triumphos do Sol no imperio da natureza. Pintou hum antigo ao Sol de maneira, que do brilhante diadema das suas luzes, sahião tres rayos de mayor grandeza que os outros, os quaes dirigindo a sua luminosa actiuidade para tres objectos differentes, produzião tres differentes effeitos; daua o primeiro rayo em hum globo de neue, & o dissoluia, lançauase o segundo rayo em hum penedo, & o abalaua, despediase o terceiro para o cadauer de hum defunto, & lhe restituía a vida; no globo de neue triumphaua o Sol como principio do calor, no penedo como principio do monimento, & no cadauer como principio da vida. Prodigioso retrato dos triumphos do Sol Eucharistico; tres generos de coraçoens sentem a efficacia de suas victoriosas influẽcias, coraçoens congelados, coraçoens empedernidos, & coraçoens sepultados, & resolutos em cinza; nos coraçoens congelados acende este diuino Sol as chamas do amor, nos coraçoens empedernidos rende as durezas da obstinação, & nos sepultados anima as cinzas da morte; aos primeiros cõ-

 munica

munica o calor, aos ſegundos o mouimento, & aos terceiros a vidá. Eſta pois (a meu ver) he a rezão, porque diz Chriſto nas palauras do meu Thema, que o ſeu corpo he verdadeiro manjar : *Caro mea vere eſt cibus* , porque o manjar verdadeiro produz nos corpos humanos eſtes tres effeitos , calor, mouimento, & vida, calor pera a concocção do ſangue, mouimento pera as operaçoens da vidá, & vida pera a vnião da alma com o corpo ; não de outra ſorte eſte diuino alimẽto : *Caro mea vere eſt cibus*, he o corpo de Chriſto ſacramentado verdadeiro alimento do miſtico corpo da Igreja , porque lhe communica o calor, o mouimento, & a vida, o calor, pera os incendios da charidade, o mouimento pera os impulſos da graça, & a vida pera os logros da gloria ; com o calor deſperta as noſſas tibiezas , com o mouimento vence as noſſas reziſtencias, & com a vida anîma as noſſas cinzas; eſtes ſaõ os tres triumphos do Sol ſacramentado , os tres rayos da ſua luz , as tres luzes deſte paynel , & os tres aſſumptos do Sermão.

Aue Maria.

I. PARTE.

CAro mea vere eſt cibus. Primeiramente deſperta o Sol ſacramentado a noſſa tibieza, porque deſperta a noſſa lembrança , que a lembrança dos beneficios he o incentiuo do amor , aſſim como o eſquecimento he o pay da ingratidão , & o verdugo da fineza ; o maior exceſſo da ingratidão dos homens para com Deos , he a idolatria , porque os idolatras tributão a huma vil criatura , os obſequios que competem ao criador , & com injuriozas preferencias conſtituem no lugar do verdadeiro Deos huma ficticia deidade : no liuro da Sapiencia eſcreue Salamão que naquelles primeiros ſeculos depois da criação do homem não hauia idolos no mundo : *Neque enim ab initio erant idola.* E Santo Iſidoro affirma que os homens perſeuerarão no culto

Sap. 14. n. 13.

culto do verdadeiro Deos, deſde Adam atè Noe, deſde a criação do mundo atê o diluuio, & em todo eſte interuallo de tempo que durou não menos que mil, & ſeis centos, & cincoenta, & ſeis annos, ſe dedicarão a Deos todos os ſacrificios, ſe lhe offerecerão todas as victimas, & conſagrarão todos os holocauſtos, não hauendo na terra quem chegaſſe a transferir em fabuloſas entidades a vaſſalagem deuida ao ſupremo arbitro da natureza; qual ſeria pois a razão porque aquelles primeiros homens não cahirão nas ſacrilegas ſuperſtiçoẽs com que os ſeus deſcendentes profanarão ſucceſſiuamente todas as idades? qual foi o preſeruatiuo deſte taõ pegadiço achaque, & o antidoto deſte tão embebido veneno? foi, diz Santo Thomas, a lembrança dos beneficios que Deos pouco dantes hauia feito ao mundo; naquella primeira idade era ainda viua a memoria da diuina munificencia nas obras da criação, & por conſequencia eſtaua ainda viuo nos homens o affecto que deuião ao ſeu diuino bemfeitor, que a lembrança dos beneficios he o alimento com que o amor fomenta o efimero ardor das ſuas impermanentes lauaredas, & não podião os coraçoens humanos conceber penſamentos afrontoſos â gloria da diuindade, perſeuerando na ſua memoria os motiuos do ſeu agradecimento. Santo Thomas: *In prima ætate non fuit idolatria propter recentem memoriam creationis mundi, ex qua adhuc vigebat cognitio vnius Dei in mente hominum.* Notauel antipatia da lembrança com a ingratidão! em quanto os homens ſe lembrarão que Deos criara ao Sol, não atarão ao carro do Sol a roda da ſua fortuna, em quanto conhecerão que Deos diſpuzera em ordenança militar o luminoſo exercito das Eſtrellas, não aruorarão debaixo das inſignias de Marte os ſeus ſanguinolentos eſtandartes, não atribuirão a Iupiter o gouerno dos Aſtros, por entenderem que Deos era o que formara os orbes; não cometerão ao Tridente de Neptuno a ſuperintendencia dos mares, por lhes lembrar que Deos tirára dos abiſmos do nada os fluctuantes abiſmos daquelle ele-

Iſidor. lib. 8 Etimolog. cap. vltimo, & Tertullian lib. de Idolat. cap. 2.

S. Thomas 2.2. quaſt. 94. art. 4. ad 2.

mento, & não appropriarão a Saturno a reuolução dos annos, por conſiderarem que Deos regulaua o curſo da noſſa vida no centro da ſua eternidade, porem tanto que ſe foi apagando na memoria humana a lembrança dos beneficios diuinos, ao meſmo paſſo ſe extinguirão as chamas do amor, & as luzes da verdade; das ſombras do eſquecimento naceo o monſtro da idolatria, & negando os homens ao legitimo Monarca do Mundo as adoraçoens que conuinhão à ſua grandeza, começarão a venerar poſtiças diuindades, partos da ignorancia, chimeras da imaginação, illuſoens da fantaſia, delirios do entendimento, & eſcandalos da razão; Nào me canço pois em apontar o numero de todos aquelles fabuloſos Deoſes, que ſegundo as hiſtorias chegarão a mais de trinta mil, não baſtando jà os marmores da Numidia para a fabrica dos Templos, os cheiros da Sabea para perfume dos Altares, & as riquezas do oriente para ornamento das eſtatuas; ſo digo que todos eſtes deſatinos obrou o eſquecimento de hum beneficio, eſqueceràoſe os homens do beneficio da criação, & logo ſe introduzio no mundo a idolatria capital inimiga da diuindade; mas graças a Deos que inſtituio eſte diuino Sacramento para deſpertador da noſſa lembrança, & para incentiuo das noſſas finezas; com eſpiritu profetico chama Dauid ao Sacramento do Altar, memorial dos prodigios que Deos fez por noſſa ſaluação: *Memoriam fecit mirabilium ſuorum, eſcam dedit timentibus ſe.* Por onde aduirto de paſſagem que não he marauilha de que ſe eſqueção os beneficios dos homens, quando o meſmo Deos eſtà em certo modo obrigado a apreſentar memoriaes para conſeruar a lembrança dos ſeus beneficios: *Memoriam fecit mirabilium ſuorum.* Chamaſe pois o Sacramento memorial dos beneficios diuinos, porque os maiores beneficios que Deos fez aos homens, ſe repreſentão no Sacramento; os mayores beneficios de Deos ſaõ tres, a Criação, a Encarnação, & a Paixão; Deos na Criação, de nada fez tudo, na Encarnação de tudo fez nada, & na Paixão vnio o nada com o tudo;

tudo ; na criação, de nada fez tudo, porque de nada fez hum mundo ; na Encarnação, de tudo fez nada , porque de hum Deos fez hum homem ; & na Paixão vnio o nada com o tudo, porque reconciliou ao homem com Deos ; todos eſtes prodigioſos beneficios torna Deos a repetir no Sacramento ; no Sacramento Deos de nada faz tudo , ſubſtituindo à ſubſtancia do pão aniquilada a Mageſtade de hum Deos ; de tudo faz nada, pondo a ſubſtancia diuina debaixo dos accidentes do pão, & no Sacramento vne Deos o nada com o tudo, porque vne ao homem com Deos, & aſſim temos a Deos no Sacramento com poderes de Criador , com finezas de Encarnado, & com repreſentaçoens de morto, pera que ſempre tenhamos diãte dos olhos os prodigios do ſeu poder na criação do mundo, os deſuelos do ſeu amor, na Encarnaçam do Verbo, & na imagem da ſua Paixão, a conſtancia do ſeu ſofrimento ; com eſte ſoberano myſterio deſperta Chriſto a noſſa lembrança, pera ſollicitar a noſſa correſpondencia, traz à memoria os beneficios pera dar alimento aos affectos : *Caro mea vere eſt cibus*, que não ha ſuſtento mais proprio a hũ amor abrazado, que a memoria de hum beneficio recebido. Se nas tres Peſſoas diuinas houuera beneficios, diſſera que o Eſpirito Santo, a quem ſe attribue o amor, he produzido por memoria de hum beneficio ; géra o Eterno Pay ao Filho , & ao noſſo rudo modo de entender , deue o Filho ao Eterno Pay o beneficio do ſer que recebe ; & como o Filho continuamente repreſenta ao Eterno Pay o ſer diuino que eſtà recebendo, produz com o Eterno Pay ao Eſpirito Santo, que he o meſmo amor.

Para a cabal intelligencia deſta Theologia , quero ſoltar huma difficuldade, que ſempre me deu em que reparar. Chama Salamão ao Filho de Deos Eſpelho : *Speculum Majeſtatis Dei*, & no Apocalipſe, diz S. Ioão, que o Ceo logra as excellencias do criſtal : *Lumen ejus ſicut criſtallum*. Aqui eſtà a duuida, o criſtal por todas as partes he tranſparente, & o eſpelho por huma parte he luminoſo, & por outra eſcuro ; *Sap. 7.* *Apoc. 21. n. 11.*

ſendo pois a claridade do criſtal maior que a do eſpelho, por que rezão ſe não aproprião ao Filho de Deos as prerogatiuas do criſtal, antes que as do eſpelho: *Speculum Majeſtatis Dei.* A rezão he tão clara como o criſtal; no eſpelho ſe ſimboliza a lembrança dos agradecidos, & no criſtal ſe ſignifica o eſqueeimento dos ingratos. Recebe o criſtal as luzes do Sol, & não as agradeçe, porque não as reuerbera; na ſua meſma tranſparencia ſe deſcobre a ſua ingratidão, porque lança de ſi os rayos que o coroão, & tão fóra eſtà de agradecer os primores do Sol, que os conuerte em agrauos, pois os meſmos reſplandores que no criſtal transluzem, parecem ſettas que o treſpaſſaõ, cruel deſprezador dos thezouros de que o Sol o faz depoſitario illuſtre. Não aſſim o eſpelho, logo que o Sol ſe poem no eſpelho, fórma o eſpelho dentro de ſi o retrato do Sol, reſtitue as luzes no meſmo inſtante que as recebe, & com eſte brilhante retorno duplica os ardores, zeloſo adorador do Aſtro que o alumea. Aplico ao meu intento eſta metaforica comparação. Na geração diuina o Filho recebe o ſer da ſubſtancia do Pay, & repreſentando o ſer que recebe, produz juntamente com o Pay ao Eſpirito Sãto, que he o Amor. Admirauel correſpondencia das tres Peſſoas diuinas, dá o Pay, recebe o Filho, & nace o Amor, porque? porque o Filho reuerbera como eſpelho o que o Pay lhe dâ, iſto ſem duuida quiz dizer o grande Triſmegiſto com eſta Theologica ſentença: *Monas genuit monadem, & in ſe ſuum reflexit ardorem.* Aprendamos daqui, que os noſſos coraçoens hão de ſer eſpelhos em que o Sol ſacramentado conheça na permanencia da ſua luz a firmeza do noſſo agradecimento, & na reflexão das ſuas lauaredas, os retornos da noſſa fineza, & não hauemos de imitar ao criſtal por onde a luz do Sol entra, & não volta, paſſa, & não reuerbera. Primeiro que Chriſto puzeſſe os olhos em Pedro, era o coração de Pedro como o criſtal, que nas ſuas deſprimoroſas tranſparencias hoſpeda ao eſquecimento, & a ingratidão, tanto aſſim, que perguntãdolhe os Iudeos ſe era diſcipulo de Chriſto,

Triſmeg. in Pimãd. Dialog. 4.

pro-

proteſtou que não o conhecia: *Non noui hominem*, mas logo que Chriſto poz os olhos em Pedro, fez-ſe o coração de Pedro eſpelho em que ſe formou o retrato de Chriſto: *Reſpexit Petrum, & recordatus eſt Petrus*, pera deſpertar a noſſa lembrança não ſe contéta Chriſto com pôr os olhos em nôs, poem dentro de nôs meſmos o ſeu ſangue, o ſeu corpo, a ſua alma, & a ſua diuindade, & diſſoluendo com os ſeus rayos as neues dos coraçoens congelados, faz deſtes meſmos rayos, rayos contra as durezas dos coraçoens mais empedernidos, & eſte he o ſegundo triumpho do Sol ſacramentado, o ſegundo lineamento deſte paynel, & o ſegundo effeito deſte celeſte manjar, que dando calor às almas pera os incendios da charidade, como temos viſto no primeiro diſcurſo, dâ aos mais endurecidos peccadores mouimento pera as operaçoens da graça, como veremos no ſegundo: *Caro mea vere eſt cibus.*

Matt. 14. 72.

II PARTE.

NAõ ha maior dureza que a de hum coração cegamente obſtinado: cede o marmore aos golpes do ferro, rendeſe o ferro aos ardores do fogo, & o meſmo diamante generoſo ſymbolo da fortaleza no ſangue de hum cordeiro amollece; mas hum coração endurecido, he inſenſiuel às feridas, & impenetrauel às chamas, não ſe ganha a fauores, não ſe rende a ameaços, deſpreza os caſtigos, & atropella os beneficios: *Cor durum*, eſcreue S. Bernardo, *ipſum eſt, quod nec compunctione ſcinditur, nec pietate mollitur, precibus non cedit, flagellis duratur.* Quereis ſaber, que ardua he a victoria de hum coração obſtinado? a victoria de hum coração obſtinado, he hum dos maiores empenhos da diuina omnipotencia: todos os mais prodigios coſtuma Deos obrar pello miniſterio das criaturas: formidaueis ſuſtitutos do ſeu poder infinito, mas iſto que he render a dureza de hum coração porfiadamente rebelde, he huma empreza tão ſuperior às forças humanas, & Angelicas, que para a executar, parece

Bernard. lib. 1. de cõſiderat.

parece preciso empenharse o mesmo Deos pessoalmente, & trauar a peleja para assegurar a conquista: dous coraçoẽs endurecidos acho na escritura, o coração de Farao, & o coração de Paulo; o primeiro na ley de Moyses, & o segundo na ley de Christo: contra Farao se armarão todas as criaturas, as insensiueis, as humanas, & as Angelicas, as insensiueis na conspiração dos elementos, as humanas com a força dos discursos, & as Angelicas com a morte dos Primogenitos; parecião tres mundos anhelantes à conquista de hũ coração, o mundo elemental com as agoas do Nilo que se conuerterão em sangue, o mundo racional com as zelosas reprensoens de Moyses, & de Arão, & o mundo celeste com a fulminadora espada daquelle Anjo que occasionou irreparaueis estragos a todas as familias do Egypto. Mas crecião as contumacias de Farao, assim como se multiplicauão os castigos, & as mesmas ruinas que derrubauão os fundamentos da sua Monarquia, estribauão nas durezas do seu coração os alicerses da sua impiedade: *Induratum est cor Pharaonis.*

Exod. 7. 13. Não se estendeo a menores excessos a cruel obstinação de Paulo: assistio este primeiro tirano da Christandade à morte do primeiro Martyr, S. Estevão, & ainda que o Ceo se abrisse, & se rompesse como de sentimento à vista de hum sangue barbaramente derramado, não se moueo Paulo a estas ansiozas commoçoens da natureza: mas antes tinha o coração tão duro, que se o podera arrancar do peito, o lançara por pedra entre as que os Judeos arremeçauão ao paciente Protomartyr: *Induratum est cor Pauli.* Em conclusaõ foi Farao o Paulo da ley escrita, foi Paulo o Farao da ley Euangelica, com esta diferença, que o coração de Farao se endureceo sempre de obstinado, & o coração de Paulo se abrandou finalmẽte de amoroso: pois valhame o Ceo, porque razão triunfou Deos das durezas de Paulo, & porque não venceo as resistencias de Farao. A razão a meu ver he esta; quando Deos quiz reduzir a Farao, não empregou mais que o poder das criaturas, & as forças dos elementos,

mas

mas quando Deos quiz conuerter a Paulo, entrou o meſmo Deos peſſoalmente no conflicto, deceo â terra, leuantou a voz, oſtentou a Mageſtade, & para falar com o Anjo das eſcolas, aplicou o filho de Deos todas as ſuas potencias, na execuçaõ de huma tão difficultoza empreza: *Totus Chriſtus Paulum conuertit*, que a conquiſta de hum coração cegamente rebellado, he hum trofeo reſeruado para a preſença da diuindade.

E he iſto tanto aſſim, que Paulo ainda que ſe viſſe derrubado do cauallo, proſtrado em terra, & ameaçado de huma voz imperioſamente ſoberana, primeiro que ſe deſſe por vencido, inſtou em ſaber de quem era a voz que lhe falaua: *Quis es?* como ſe diſſera, quem he o que preſume atalhar o victorioſo curſo dos meus intentos, he homem, ou he Anjo? que nem âs forças dos homens me rendo, nem ao poder dos Anjos me ſometo: *Quis es?* mas Chriſto que eſtaua reſoluto de alcançar a victoria, deu ſelhe a conhecer com palauras capazes de desfazer os diamantes, & enternecer os penedos: *Ego ſum Jeſus.* Eu ſou Ieſu Chriſto, teu Deos, & teu Redemptor; Oh! logo ſe rendeo Paulo â preſença da diuina Mageſtade, concebeo ternuras aquelle peito que dantes era o hoſpicio da fereza, & o aſilo da impiedade; admittio branduras, experimentou ardores, euaporouſe em lagrimas, exhalouſe em ſuſpiros, deteſtou ingratidoens, & proteſtou rendimentos: *Domine quid me vis facere*, de maneira que não era neceſſario menos que a preſença de hũ Deos para desfazer eſte penhaſco de durezas, que quando o coração humano cegamente ſe endurece, ſô aos rayos do Sol diuino milagroſamente ſe abranda. Temos a experiencia deſta verdade no Sacramento; pera ſojugar ao coração humano rebellado jà às leys do ſeu criador deſde a infancia do mũdo, empregou Deos o poder dos tres eſtados da natureza, a ſaber dos Elementos, dos Homens, & dos Anjos; valeo-ſe Deos dos Elementos quando as agoas do diluuio vniuerſal ſepultárão as quatro partes do mundo em hum ſô naufragio,

valeoſe dos Anjos quando ao vibrante talho da ſua eſpada entregou em huma ſô noite cento & oitenta & ſinco mil Aſſirios, valeoſe dos homens na peſſoa dos Patriarchas, & Prophetas, que ſollicitárão a obſeruancia da ſua ley, & preſagirão os caſtigos da ſua juſtiça; mas nem os diluuios da agoa occaſionárão huma lagrima de penitencia, nem os incendios do Ceo huma faiſca de amor, deſprezarão os homens os ameaços dos Anjos, & não fizerão caſo dos annuncios dos Prophetas, quando empregados já inutilmente todos eſtes remedios, determinou Deos de empenhar neſte tão porfiado cõbate a propria peſſoa, & pera eſte effeito deceo do Ceo, & disfarçado em figura humana, ſahio a campo, preſidiado de graças, & armado de finezas; mas ay meu Deos, que ainda ſe opoem a eſquiuança dos homens ao ſuaue imperio do voſſo amor: *In propria venit, & ſui eum non receperunt*; vieſtes meu Deos ao mundo, & o mundo não vos conheceo, fechou o mundo os olhos à euidencia dos voſſos milagres, tapou os ouuidos à conſonancia dos voſſos documentos, porèm alcãçaſtes meu Deos a victoria no vltimo esforço da voſſa fineza, porque communicandouos aos homens no Sacramento, tomaſtes poſſe dos coraçoens humanos. O que deu motiuo a Santo Eligio pera dizer que o Sacramẽto do corpo de Chriſto ſojugára ao mundo: *Sacramento corporis Domini ſubjugatus eſt mundus*; & a proua he manifeſta, porque na meſma noite em que os homens tratauão de deſterrar a Chriſto do mundo: *In qua nocte tradebatur*, entrou Chriſto ſacramentado dentro dos meſmos homens pera eſtar com elles até o fim do mundo: *Hic ego vobiſcũ ſum vſque ad conſummationem ſæculi*, & rebatendo o peito humano as ſettas do amor diuino, no Sacramento fez-ſe o meſmo Chriſto ſetta contra as durezas do humano peito.

Ioan. 11. 1.

Math. c. vltim.

Fauorece eſte meu penſamento a engenhoſa eſpeculação de hum Antigo. Eſcreue Anacreonte, que o Amor deſejando de auaſſallar às leys do ſeu imperio hum coração deſamorauel, ſaîra com elle à batalha; empunhou o Amor o arco,

co, apertou a corda, apontou o tiro, lançou a primeira ſetta, deſpedio a ſegunda, ſegundou com a terceira, atirou outra, outra,& outra, & vazia finalmente a aljaua, vio todas as ſettas rebatidas, & a valentia do ferro deſmayada aos pès do aduerſario. A que ſe reſolueria o Amor agrauado deſta afrontoſa inſufficiencia das ſuas armas; a deſeſperação excogitou o remedio; transformouſe o meſmo Amor em ſetta, & de frecheiro feito frecha, irreparauel porque animada, treſpaſſou o peito do inimigo, & com a ſuaue communicaçaõ de ſi meſmo,tornou em doce centro de ternuras,o que d'antes era cruel depoſito de ingratidoens. Iſto meſmo que o Amor profano emprendeo para triumphar de hum coraçaõ eſquiuo, executa o Amor diuino no Sacramento pera reduzir os mais obſtinados peccadores; porque conſiderando Chriſto todos os ſeus tiros perdidos nos dictames da ſua ley que ſe não obſeruão, nas acçoens da ſua vida que ſe não imitão, & na affluencia das ſuas graças que a noſſa mà correſpondencia faz infructuoſas, dâ finalmente de mão ao vltimo remedio, & porque a vltima, & a mais penetrante ſetta do Amor, he o meſmo Amor, transformaſe Chriſto ſacramentado em hũa ſetta, que ſe o pão ſe forma das eſpigas, & ſe as eſpigas tem figura de ſettas, dem-me licença pera dizer, que o corpo de Chriſto nos accidentes do pão he huma ſetta deſpedida do Ceo para o aluo do coração humano : *Hic eſt panis qui de Cœlo deſcendit*, donde eu infiro para remate deſte ſegundo diſcurſo, que o tiro mais bem acertado do Amor diuino he o Sacramento, em que o meſmo Deos he ſetta, ſuaue inſtrumento de ſaudaueis feridas, doce eſtimulo de affectuoſos rẽdimentos; & he tão notoria ao demonio a força deſta arma Euchariſtica, que quando ſe apodera de hum coração, empenha todos os ſeus eſforços em o apartar da Euchariſtia pera fomentar a ſua perfidia. Tem pera ſi Theofilacto,que na vltima Cea Iudas não recebera o corpo de Chriſto, màs que furtára o pão ſacramentado, & o leuára aos Iudeos : *Iudas panem accepit, & non comedit, ſed occultauit, vt monſtraret*

Iudæis; acrecenta pois Origenes, que o Demonio perſuadira a Iudas a que não commungaſſe, & dâ a rezão: *Anticipauit in Iuda offulæ eſum, ne telum immiſſum aberraret*, eſtaua o coração de Iudas nas mãos do Demonio, & receando eſte violento vſurpador, que o coração de Iudas ſe não abrãdaſſe às ſuaues violencias do Sacramento, todo o ſeu cabedal meteu em que Judas não commungaſſe, que ao penetrante deſta diuina ſetta, he força ſe renda a mais obſtinada dureza. Imaginou Antiſtenes, que a primeira Eſtrella que luzio no firmamento, nacera de hum rayo que deſpedido da Eſphera do Sol pera o inſenſiuel corpo de hum penedo, o transformou em Aſtro, & da terra o arrebatou pera o Ceo. São os coraçoens humanos mais duros que pedras, & as eſpecies ſacramentaes ſaõ a nuuem donde ſe deſpede o rayo do Amor diuino pera o transformar em Eſtrellas. Felices penedos, q̃ conuertidos em Aſtros celeſtes, tem ao Altar por Eſphera, o corpo de Chriſto por Polo, o veo da Fee por Eclipſe, a graça por Influencia, & os affectos por Mouimentos. Eſte ſieis, he o ſegundo triumpho do Sol ſacramentado, vencer as reziſtencias da noſſa obſtinação. Paſſemos pera o terceiro, em que veremos, como o Sol Euchariſtico anîma as cinzas da noſſa mortalidade, terceiro, & vltimo effeito deſte diuino alimento: *Caro mea vere eſt cibus.*

III. PARTE.

NO corpo de Chriſto reſuſcitado funda Santo Thomas as eſperanças da noſſa reſurreição: *Dum Chriſtum reſurgere videmus, qui eſt caput noſtrum, ſperamus, & nos reſurrecturos.* E eu na minha opinião entendo que a eſperança da noſſa reſurreição ſe funda no corpo de Chriſto ſacramentado; não tenho para abonador deſta verdade menos que ao meſmo Chriſto que primeiro que morreſſe, & reſuſcitaſſe prometeo a coroa da immortalidade aos que ſe alimentarem com eſte pão celeſte: *Qui manducat meam carnẽ,*

S. Thom. 3. part. quæſt. 35. art. 1.

&

& bibit meum ſanguinem, habet vitam æternam, & ego reſſuſcitabo eum in nouiſſimo die. Deſta infaliuel promeſſa de Chriſto tomo motiuo para a ſolução de huma grande difficuldade. Todos ſabem que pello peccado de Adão ſe introduzio no mundo o tiranico imperio da morte; morreo Adão em caſtigo do ſeu peccado, & da morte deſte progenitor do genero humano, ſe ſeguio a morte de toda a ſua infelice poſteridade, *in Adam omnes moriuntur*, diz S. Paulo eſcreuendo aos Corinthios, do meſmo modo pois que a noſſa morte he huma fatal conſequencia da morte de Adão, da reſurreição de Adão depende a noſſa reſurreição: mas ſe a reſurreição dos corpos, he effeito da virtude do ſacramento; & ſe muito antes que o ſacramento ſe inſtituiſſe, eſtaua Adão reduzido a cinzas, & por conſequencia incapaz de ſe alimentar com eſte diuino ſangue, com que razão poſſo eu attribuir ao ſacramento a reſurreição de Adão, & juntamẽte a vniuerſal reſurreição dos ſeus deſcendentes? Reſpondo. Adão ainda que morto, & ſepultado muitos ſeculos primeiro que Chriſto naceſſe, ſentio debaixo da terra a virtude do ſangue de Chriſto, & a efficacia do Sacramento, proua? Si, he opinião dos Padres, Santo Athanaſio, Epiphanio, & Auguſtinho quẽ no meſmo lugar do Caluarioem que os Iudeos aruorarão a Cruz de Chriſto, eſtaua enterrada a cabeça de Adaõ, fundaſe eſta opiniaõ na authoridade dos antigos hiſtoriadores, que eſcreuem que o Patriarca Noe leuaua para a arca os oſſos de Adaõ, & que depois do diluuio, repartira com ſeus filhos eſtas memoraueis teliquias do primeiro habitador do mundo, deu Noe aquella veneraueł caboça que o meſmo Deos formara com ſuas maõs a ſeu filho Primogenito chamado Sem, que paſſando pella Iudea a enterrou por ſecreta diſpoſiçaõ diuina no meſmo lugar em que dahi a muitos annos foi crucificado o Author da vida: ſuppoſto iſto, he certo que da ferida do lado que Chriſto recebeo na Cruz ſahio ſangue, & agoa: neſta agoa, & neſte ſangue, reconhecem os Padres os dous maiores Sacramen-

Ioann. 4. 455.

1. Corinth. 15. 22.

Iacobus Orrobaita ſiue S. Edeſſenus Magiſter. S. Ephrem. teſte Andrea Maſio in Ioſue cap. 11. verſ. 32.

tos da Igreja, o Sacramento do Bautiſmo,& o Sacramẽto do Altar, o Sacramẽto do Bautiſmo na agoa, & o Sacramẽto do Altar no ſangue: *De latere Chriſti exierunt Sacramenta.* Dõde eu infiro que eſte diuino ſangue, em que ſe encerra a eſſencia do Sacramento, rompendo da veas do Senhor, & penetrando as entranhas da terra, chegou à cabeça de Adão para lhe communicar nas ſombras da propria ſepultura os reſplandores da imortalidade: o que parece entende o grande Tertulliano com eſta emfatica Poeſia.

Golgotha locus eſt Capitis, Caluaria quondam;
Hic patitur Chriſtus, pia ſanguine terra madeſcit,
Puluis Adæ vt poſſit veteris, cum ſanguine Chriſti
Commixtus, ſtillantis aquæ virtute lauari.

Lauou o ſangue de Chriſto a cabeça de Adão, tirou daquellas antigas cinzas a enueterada ferrugem da morte, & he muito para aduirtir, que do meſmo tempo que do lado de Chriſto corria eſte diuino liquor, eſtaua Chriſto com a cabeça inclinada para a terra, como ſe olhara para Adão, & com imperceptiueis acentos lhe diſſera: deſperta Adão, do profundo letargo da morte, bebe eſſe ſangue que o ſagrado Caliz do meu peito te offerece no Altar da Cruz, infunde nos teus oſſos eſte precioſo antidoto, & derrama eſte nectar ſobre as cinzas da tua poſteridade, que da reſurreição do pay depende a reſurreição dos filhos, & ja que a tua morte foi origem da morte dos teus decendentes, ſerà a tua reſurreição principio da ſua immortalidade: *De latere Chriſti exierunt Sacramenta, vt tam diuino liquore madefacta oſſa arentia certam ſpem reſurrectionis conciperent.* Concebe-
Sherlog. in cantic. tom. 1. p. 321. n. 182
rão pois as Almas dos defuntos taõ grandes eſperanças da immortalidade dos ſeus corpos, em virtude do corpo de Chriſto ſacramentado, que para alcançarem a gloria da reſurreição entenderão era ſufficiente, ſe puzeſſem à ſagrada ſombra do Sacramento.

Apoc. 6. 9.
No Apocalipſe vio S. Ioão as almas dos martyres debaixo de hum Altar: *Vidi ſub altari animas interfectorum,*

&

& juntamente ouuio que todas com repetidos clamores pedião a Deos que tomaſſe vingãça dos tyrannos que lhe tirarão a vida: *Clamabant voce magna dicentes: vſquequo domine non vindicas ſanguinem noſtrum, de his qui habitant in terra.* Padece eſta vizão duas notaueis difficuldades; a primeira que as almas dos martyres eſpelhos da conſtancia, & exemplares da caridade, procurem vinganças, & ſolicitem caſtigos: *Vſquequo non vindicas ſanguinem noſtrum*, & a ſegunda que ſendo eſtes martyres, os Soes da Chriſtandade, & as luminarias do mundo, ſe eſcondão debaixo das ſotterraneas ſombras de hum Altar: *Vidi ſub altari animas interfectorum.* Solta S. Gregorio Papa a primeira difficuldade dizendo que eſta petição dos martyres não eſtà ordenada ao caſtigo dos tyrãnos que os perſeguirão, ſenão à reſurreição dos ſeus corpos, que ficarão debaixo da juriſdição da morte: *Quid eſt animas vindictæ petitionem dicere, niſi reſurrectionem extinctorum corporum deſiderare.* Vingai, exclamão os martyres, o noſſo ſangue: *vindica ſanguinem noſtrum*, querem dizer, tirai os noſſos corpos do catiueiro da morte, & deſafrontai as noſſas cinzas das ignominias da ſepultura, tornemſe a vnir eſſes corpos com ſuas almas, conſortes da ſua gloria, & companheiros da ſua immortalidade; formão pois as almas eſta petição debaixo do Altar, diz S. Auguſtinho, porque ſobre o Altar ſe conſagra o corpo de Chriſto, & como o Sacramento he o que communica aos corpos a immortalidade, pedem as almas a immortalidade dos ſeus corpos no lugar em que ſe logrão as aſſiſtencias do Sacramẽto: *Rectè ſub Altari animæ juſtorum requieſcunt, quia ſuper Altare corpus Domini conſecratur*: pera as almas alcançarem a reſurreição dos ſeus corpos, não ſe apreſentão ao Tribunal da diuina juſtiça, & naó imploraõ os auxilios da diuina Omnipotencia, poemſe debaixo do Altar em que o corpo de Chriſto ſe ſacramenta, como entendendo que eſte corpo ſacramentado por ſer hypoſtaticamente vnido com a Diuindade, influe nos corpos humanos os ſuſpirados luzimentos

Gregor. moral. lib. 4. cap. 4.

da

da ſua reſurreição, & os reſplandores da ſua futura immortalidade: *Non prope ſedentem in tromo ſedent, ſed cum reſurrectionem corporum concupiuerint, illa adamauerunt loca, quæ cum immortalitate germanitatem habent, talia ſunt Altariũ penetralia, quando in ipſis conſecratur Domini corpus, quod præſtat incorruptionem.* Temos acabado o Sermão, & com elle os triumphos do Sol ſacramentado, ſendo que nunca haõ de acabar os triumphos do Sacramento; logo ſe o corpo de Chriſto como verdadeiro manjar: *Caro mea vere eſt cibas*, influe no corpo myſtico da Igreja, calor, mouimento, & vida, perſeuere em nós eſte calor, eſte mouimento, & eſta vida; perſeuere o calor pera os incendios da charidade, continue o mouimento pera as operaçoens da graça, & perpetue-ſe a vida pera os premios da bemauenturança, deſpertarà o calor as tibiezas do noſſo coração, vencerà o mouimento as reziſtencias da noſſa vontade, & a vida tornarà a animar as noſſas cinzas pera as coroar com o diadema da gloria. *Ad quam nos perducat, &c.*

Sherlog. in Cantic. tom. 2. p. 166.

SER-

SERMAM

Das lagrimas da

MAGDALENA,

PREGADO

No Recolhimento das Conuertidas.

Lachrymis cæpit rigare pedes ejus. Luc. 7. 38.

NAM ha couſa no mundo mais ordinaria, nẽ juntamente mais prodigioſa, que as lagrimas. São as lagrimas, tão cõmuas no mundo, q̃ a primeira acção do homẽ em nacendo, he chorar; a penas abre os olhos â luz, quando os ſomerge no pranto, & ſe as lagrimas, ſaõ o tributo, que na entrada da vida ſe paga, he tributo de tão pouco valor, que a meſma infancia, ainda que nũa, & deſpida, tem cabedaes pera o pagar com largueza. Lâ fingirão os Antigos, que o mar era o berço, & o ſepũlcro do Sol, pera nos darem a entender, que a noſſa vida começaua cõ as lagrimas, & que nas lagrimas acabaua; & não he muito, que as lagrimas ſejão tão cõmuas, pois ſaõ tão cõmuas as deſgraças; que ſe eſte mũdo ſe chama valle de lagrimas, he porq̃ não he outra couſa mais que hum valle de miſerias. Mas cõ ſerem as lagrimas

tão ordinarias no mundo, não ha couſa no mũdo mais prodigioſa que as lagrimas. O maior prodigio do Nilo, he encobrir ao Egipto a origem das ſuas agoas; & o mayor milagre das lagrimas, he occultar aos homẽs o berço do ſeu nacimento; que os meſmos olhos, que as derramão, não podẽ ver a fonte dõde nacẽ. Chora a Filoſofia à ſua cegueira, na inueſtigação dõ principio, donde as lagrimas ſe originão; huns, ſe perſuadẽ, que as lagrimas ſe formão n'humas inuiſiueis concauidades, que a natureza fez junto aos olhos, pera receptaculos deſte humor melanconico; tempera ſi outros, que o centro das lagrimas he o cerebro, a que Hipocrates chamou a Metropoli das humidades; & outros affirmão, que as lagrimas ſe concebem no coração, pella dôr que o aperta, quando os olhos as derramão, & ſe as Eſcolas diſtinguem tres generos de almas, a vegetatiua, a ſenſitiua, & a racional, não ſabem definir qual deſtas almas ſeja o verdadeiro principio das lagrimas, porque todas tres naturalmente chorão; chora a alma vegetatiua, nos gomos das aruores, & nos olhos das plantas; chora a alma ſenſitiua, pellos olhos dos animaes; que tambem os veados tem ſuas lagrimas, & os crocodilos os ſeus prantos; chora a alma racional, pellos olhos dos homẽs; atè as paixoẽs, que ſaõ crueis tyrannas da rezão, tanto ſe enternecem, que chorão; chora o Amor, as auſencias do objecto, a que ama; chora o odio, as aſſiſtencias do ſogeito, a que abomina; chora a auareza, as perdas; chora a ambição, os deſprezos; chora a compaixão, à viſta dos males alheyos; chora a meſma alegria, na exceſſiua complacencia dos ſeus triunfos; finalmente he a natureza das lagrimas, tão prodigioſa nos ſeus principios, que a meſma natureza, não alcança os prodigios, que por ellas ſe obrão. Na ſagrada Eſcritura, acho ſempre as lagrimas vnidas com os mayores prodigios. Hum dos mayores prodigios da ley antiga, foi o Manâ: & a reſurreição de Lazaro, foi hum dos mayores prodigios da [illegible] da graça. Com o primeiro prodigio, as lagrimas ſe vnirão, pois he opinião de graues Expoſitores, que o Manâ cahia do Ceo em forma de lagri-

mas,

mas, & com grande myſterio, porque deſprezando os Iſraelitas eſte manjar milagroſo, parecia razão que o Ceo chorasſe os deſprezos que a terra fazia dos ſeus milagres; tambem ſe vnirão as lagrimas com o ſegundo prodigio, porque o Senhor chorou quando houue de reſucitar a Lazaro, que as lagrimas mais enternecidas, de ordinario ſaõ as artifices dos mayores prodigios. E he iſto tanto aſſim, que ſendo a Magdalena hum monſtro de vaidade: *Mulier in Ciuitate peccatrix*, as lagrimas fizerão da Magdalena hum prodigio de penitencia. Suppoſta eſta verdade, determino de dar hoje às lagrimas da Magdalena o titulo de prodigioſas, prodigioſas por repentinas, prodigioſas por ardentes, prodigioſas por perpetuas; ſaõ as lagrimas da Magdalena prodigioſas por repentinas, porque tanto que ſe lhe abrirão os olhos da alma para o conhecimento da verdade, ſe lhe deſatarão os olhos corporaes em torrentes de pranto: *Vt cognouit: lachrymis cæpit.* Tambem ſaõ prodigioſas por ardentes, porque ſendo a agoa a materia das lagrimas, tomou eſta agoa alimẽto dos incendios do ſeu amor: *Dilexit multum.* Finalmente ſaõ prodigioſas por perpetuas, porque ſe lhe apontão os principios, & não ſe lhe alcança o fim: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Repartamos todas eſtas lagrimas em tres Rios, pois ſe originão de tres fontes, as repentinas, da fonte da penitencia, cõ que a Magdalena ſe afaſtou do mũdo; as ardentes da fonte do Amor, com que ſe vnio com Deos, & as perpetuas da ſempre manancial fonte da conſtãcia, com que ſe formou o diadema da eternidade; ſigamos o prodigioſo curſo deſtes tres Rios lagrimoſos, pois todos tres correm para o mar da graça.

Aue Maria.

I. PARTE.

Lacrimis cæpit rigare pedes ejus. Saõ as lagrimas da Magdalena tanto mais prodigioſas, quanto mais repenti-

nas, porque ſendo a natureza humana taõ precipitada em obrar mal, ſempre foi vagaroza em ſe arrepender do mal que obra: Nace eſta tão pernicioza ſuſpenſaõ de lagrimas, de duas enganozas eſperanças, com que a maior parte dos homens ſe liſonjea; huma he a eſperança de viuer muito, & outra a eſperança de bem morrer; eſperaõ os homens viuer muito, porque nunca reparão no muito que jà viuerão, & porque fexão os olhos no oriente da vida, quando os houuerão de pôr no ocaſo; nunca lhe ſobem aos olhos as lagrimas da penitencia. Que miſterioſa he a Metafora, com que o Monarca dos pacientes declara eſta tão deſprezada verdade, diz Iob no Capitulo quarenta & hum, que os olhos do Demonio ſaõ ſemelhantes à Aurora: *Oculi ejus vt palpetræ diluculi.* Imaginaua eu que hauendo Iob de nos pintar os olhos do Demonio, formaria dous Cometas prenuncios de calamidades, ou dous rayos ameaçadores de ruinas, & não me perſuadia, que ſe podeſſem apropriar a hum monſtro Infernal os olhos da Aurora, que ſaõ primicias da luz, precurſores do dia, meſſageiros do Sol, & luminoſos enfeites do Oriente. Porem como eſta Metafora he penſamento do Eſpirito Santo, hauemos de buſcar alguma acomodação a eſta Metafora. Iob na minha opinião, não quer dizer que o Demonio tem olhos de Aurora, pella ſemelhança que tem com ella, ſenão pello encanto com que nola repreſenta, porque o maior empenho deſte inimigo das noſſas almas, he buſcar artificios para nos repreſentar a Aurora, quando nos houuera de deſcobrir o ocaſo. Demos maior luz ao penſamento: a Aurora nos homens he a flor da idade, aſſim como no mundo a Aurora he a flor do dia; & os homens por engano do Demonio nunca reparão no ocaſo da velhice, ſempre tem diante dos olhos a Aurora da mocidade, não queremos entender que a noſſa vida acaba, ſempre nos perſuadimos que a noſſa vida principia, & deſuiando a viſta das ſombras do ocaſo, ſempre fixamos os olhos nos albores do Oriente: *Oculi ejus vt palpebræ diluculi.* Mentido Oriente?

te! Enganoſa Aurora, que ſendo mãy da eſperança, es homicida da penitencia, & deſpertando o juizo para as confianças, ſepultas o arrependimento para as ruinas! Là vio o Profeta Ezechiel muitos homens que ſe deſuelauão na ſuperſticioſa veneração dos ſeus idolos, & como ſe quizeſſe o meſmo profeta manifeſtar a cauſa dos abominaueis ſacrificios deſtes idolatras, diz que no meſmo tempo que adorauão as ſuas ficticias diuindades, punhão os olhos no Oriente, & virauão as coſtas para o Templo: *Dorſa habentes contra Templum, & facies ad Orientem.* Iſto que ao Profeta pareceo viſaõ, me parece a mim euidencia da verdade que prego, viramos as coſtas ao Templo da penitencia, porque pômos os olhos no Oriente da vida, he o mundo o Idolo da noſſa cegueira, porque a vida he o objecto da noſſa eſperança, fechemos os olhos âs lagrimas, porque os abrimos aos enganos, & enleuados na fantaſtica repreſentação de hum oriente lizonjeiro, atrazamos a rezolução de hum verdadeiro arrependimento; *Dorſa habentes contra Templum, & facies ad Orientem.*

Aquelle precioſo vnguento com que a Madalena entrou em caſa do Fariſeo foi hum obſequio antecipado à ſepultura do ſeu ſenhor: *Præuenit vngere corpus meum in ſepulturam.* Logo não vos admireis ſe os olhos deſta generoza amante ſe deſatão em lagrimas de penitencia, pois ella traz nas maós os aparelhos para a ſepultura: *Attulit alabaſtrum vnguenti; Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Oh? que poderozas ſaõ as inſignias do ſepulchro, para nos obrigarem às lagrimas do arrependimento, a morte he cega, mas a imagem da morte he o remedio de toda a cegueira, abre os olhos para o pranto, quando repreſenta aos olhos o ſepulchro & as meſmas lagrimas com que nos banha, ſaõ as luzes com que nos alumea: poz a Magdalena os olhos nas ſombras da ſepultura, & logo lhe ſahirão pellos olhos os reſplãdores da penitencia, que como ja tinha o entendimento illuſtrado da graça: *Vt cognouit.* Não podia ignorar, quaõ contraria he a

Marc.14. 8.

esperança de viuer muito, âs resoluçoens do arrependimento; Mas não he menos inimiga das lagrimas da penitencia, a esperança de bem morrer. O peccador, por arriscada que seja a sua saluação, espera na vltima hora hum instante, em que se arrependa, não reparando que os assaltos que a morte dà â vida, saõ muitas vezes tão improuisos, que não deixão nem hum momento para huma lagrima, nem hum instante para hum suspiro. Quando a molher de Loth, atreuidamente curiosa olhou para o incendio em que a sua patria lastimosamente ardia, não imaginou o golpe da morte tão impetuoso, que não o podesse preuenir com hum instãte de arrependimento; mas ahi? que no mesmo instante em que virou a cabeça, exhalou a alma, & feita cadauer, sepulchro, & Epitafio de si mesma, toda se conuerteo em sal; sal nos olhos, que lhe secou as lagrimas; sal na lingoa, que lhe cortou as palauras; sal nas veas que lhe congelou o sangue; sal no coração que lhe represou os suspiros; nunca ouue molher com tanto sal, nem tanto sal, com huma tão repentina corrupção da vida, sem o minimo sabor de penitencia.

Arde o mundo em maiores incendios que a patria de Loth, incendios de guerras que a ambicão fomenta, incendios de vinganças que o odio atiça, incendios de lascíuias que o amor profano acende: *Mementote vxoris Loth*, díz o Senhor em S. Lucas; guardaiuos ô mortaes, curiosos contempladores destes incendios, & não retardeis as lagrimas, confiados no tempo, que o rayo da morte cairá talvez com tanta furia, que não vos concederà nem hum instante para huma lagrima, nem hum momento para hum suspiro, nem hum atomo de tempo para o menor final de arrependimento. Ardia no tempo da Magdalena toda a Cidade de Ierusalem, porque todos por Magdalena se perdião, & como tinha desuiado o carro triunfal das suas prendas da carreira da virtude, era o segundo Faetonte que abrazaua o mundo; nunca houue tantos incendios em Ierusalem, porque nunca houue tantos incendios para o Amor, & se a Feniz nace das suas cin-

cinzas, ſendo Magdalena a Feniz da belleza, ſempre mais ſe auiuaua eſta Feniz, nas cinzas dos coraçoens, que no ſeu amor ſe abrazauão: *Mulier in Ciuitate peccatrix*; mas logo que a graça lhe alumeou o entendimento: *vt cognouit*, nunca mais olhou para os incendios do mundo, mas antes procurou de apagar a violencia deſtes profanos ardores com a repentina inundação das ſuas lagrimas: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Imaginou o Filoſofo Antiſtenes, que a primeira Eſtrella que luzio no Firmamento, nacera de hum rayo, que deſpedido da Esfera do Sol para o inſenſiuel corpo de hum penedo, o transformou em Aſtro, & da terra o arrebatou para o Ceo. Prodigioſa transformação, ſe fora tão verdadeira como engenhoſa. Era o coração de Magdalena empedernido, deſpenhouſe do trono da graça, o rayo da penitencia, & com tanta actiuidade o penetrou, que logo o transformou em Eſtrella, q̃ tem a graça por esfera, os pès de Chriſto por Polo, affectuoſas palpitaçoens por mouimentos, & copiſas lagrimas por influẽcias: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Mas ſe as lagrimas da Magdalena ſaõ prodigioſas por repentinas, tambem ſaõ prodigioſas por ardentes, pois a fragoa do Amor he a fonte donde nacem: *Dilexit multum.* Eſta he a ſegunda prerogatiua deſtas lagrimas, & a ſegunda parte deſte diſcurſo.

II. PARTE.

A Segunda fonte donde ſe originão as lagrimas da Magdalena, he o Amor, chora a Santa Magdalena porque ama, dos ſeus ardores ſe occaſionão os ſeus prantos, & contra todas as leys da natureza, as meſmas agoas que lhe arrazão os olhos, ſaõ demonſtraçoens do ſecreto incendio em que ſe abraza, que o fogo do Amor diuino por oculto que ſeja, ſempre na agoa das lagrimas ſe manifeſta. No ſegundo dos Macabeos mandou o Sacerdote ſe cauaſſe a terra, & que nas ſuas entranhas ſe buſcaſſe o fogo celeſte, que os antepaſſados tinhão eſcondido; obedecerão logo os Miniſtros, penetrá-

rão

rão as mais profundas concauidades da terra, & em lugar do
Macab. 2. 1. fogo que buſcauão, acharão agoa : *Non inuenerunt ignem, ſed aquam* ; mas era eſta agoa de tal calidade, que logo que a puzerão ſobre o Altar ſe conuerteo em fogo : *Accenſus eſt ignis magnus, ita vt omnes mirarentur*. Diz hum graue Expoſitor, que neſta agoa ſe ſimbolizauão as lagrimas, & neſte
Chal. tom. 2. p. 347. 1. fogo o Amor diuino : *Aduerte ex aqua ſacram hanc erupiſſe flammam, quæ lachrymarum imbre accenditur ignis* ; que o fogo do Amor diuino por oculto que ſeja, as lagrimas em que rompe, ſaõ as lingoas com que ſe publica. Eſte he o prodigio, que hoje tanto ſe admira nas lagrimas de Magdalena Santa ; eſtà o fogo do Amor diuino eſcondido no ſeu coração, & as agoas que lhe banhão o roſto, ſaõ euidencias deſte fogo. Prodigioſa illuſaõ ! myſterioſo engano ! moſtrão os olhos da Magdalena aparencias de agoa, & eſcondem realidades de fogo ; chorão porque ardem, & equiuocando os incendios em diluuios, alimentão as agoas em que ſe deſatão, com as inuiſiueis lauaredas donde nacem ; que as lagrimas ſaõ tão proprias de hum coração abrazado, que até o meſmo Deos (ſe fora poſſiuel) oſtentaria nas torrentes das ſuas lagrimas o abrazado dos ſeus affectos. O Eſpirito Santo [ſe bem aduertirdes] tres vezes ſe manifeſtou ao mundo, a primeira nos primeiros dias da criação, a ſegunda no Bautiſmo de Chriſto, & a terceira no Cenaculo ; & he muito mais para aduirtir, que eſte Eſpirito em todas eſtas appariçoens eſcolheſſe as agoas por domicilio, & as lagrimas por trono :
Tertul. lib. de Baptiſm. *Nunquam ſine aqua Spiritus Sanctus*, quiz dizer ao meu intento o grande Tertulliano. Nos primeiros dias da criação, reſidio o Eſpirito Santo nas agoas : *Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas* ; no Bautiſmo de Chriſto preſidio eſte meſmo Eſpirito âs agoas do Iordão em figura de pomba ſimbolo das lagrimas, & jeroglyfico dos gemidos : *Vidit Spiritum Dei deſcendentem ſicut columbam* ; & no Cenaculo, ainda que parece ſe afaſtou das agoas, para ſe vnir com o fogo, não ſe apartou das lagrimas, porque aquellas meſmas lauaredas

em

em que se transformou sobre as cabeças dos Apostolos, tinhão figura de lagrimas, & erão lagrimas de todo o valor, porque erão lagrimas de fogo.

E que razão hauera para o Espirito Santo sempre se vnir com as agoas, & as lagrimas: a razão a meu ver, he, ser o atributo deste diuino Espirito, o amor, & se o amor diuino se podera fazer visiuel aos olhos, tomaria sem duuida as lagrimas por galas, & os suspiros por trofeos. Eu bem sei que este diuino amor por priuilegio da sua essencia, he incapaz de chorar, mas se não chora immediatamente por si mesmo, derrete em lagrimas os coraçoens em que assiste, & quando reside em huma alma, he força que o liquido cristal das lagrimas, seja o mais fiel espelho dos seus ardores. Confirma S. Agostinho a minha proposição com huma authoridade de S. Paulo. Diz S. Paulo escreuẽdo aos Romanos que o Amor diuino com lagrimas perennes, & com gemidos inexplicaueis, desafoga os seus incendios: *Spiritus Santus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus.* Notauel encarecimento na verdade, & tanto mais digno de ponderação, quanto mais contrario aos principios da Theologia. Saõ as lagrimas, & os gemidos tão repugnantes às inalteraueis felicidades da diuindade, que destas poucas palauras do Apostolo, tomarão os Arrianos motiuo para dizerem que o Espirito Santo não era Deos; porque conforme elles argumentauão: quem chora não está satisfeito, quem não está satisfeito não he bemauenturado, & quem não he bemauenturado, não pode ser Deos; logo que entendeo S. Paulo com este modo de fallar tão contrario à Fè, & tão repugnante à razão: *Spiritus Sanctus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus.* A Aguia dos Theologos Santo Agostinho o dirâ; o amor diuino não pode obrigar a Deos a que chore, porèm em se apoderando o amor diuino de hum coração, força he se derreta este coração em choros, não he o amor diuino o que derrama as lagrimas, o amor diuino he o que as occasiona, não saõ os prantos desafogos da sua pena, saõ os prantos euiden-

Rom. 8.

cias da ſua preſença : *Non eſt Spiritus Sanctus qui poſtulat cum gemitibus, ſed ipſe cum auxilijs gratiarum nos poſtulare, & gemere facit.* Dizei-o vòs, que com tão grande ventagẽ o experimentais, ô glorioſa Magdalena ! ſejão os voſſos choros os interpretes dos voſſos aliuios, que ſe tendes os olhos afogados em lagrimas, he porque tendes a Deos entronizado no coração. Tributais aos pés de Chriſto os prantos, porque acendeo no voſſo peito os incendios, chorais porque amais, chorais os voſſos peccados, porque amais a Deos, & que acertadas ſaõ as emprezas do voſſo amor, pois eſſas lagrimas que ſe deſatão dos voſſos olhos, ſaõ os vinculos que mais intimamente vos vnem com Deos. São as lagrimas tão poderoſas para vnirem a Deos com huma alma, que ſe Deos por impoſſiuel ſe pudera auſentar do Ceo para ficar na terra vnido cõm os homens, ſeriãc as lagrimas os motiuos deſte deſterro, & as medianciras deſta vnião. Prouo eſta verdade com hum caſo que ſuccedeo â Magdalena depois da Reſurreição do Senhor.

Chorou a Magdalena a laſtimoza morte do ſeu amorozo Ieſu com tão eſtremado ſentimento, que os meſmos Anjos o eſtranharão : *Dicunt illi Angeli, mulier quid ploras ?* *Ioan. 20.* Reſuſcitou pois o Senhor, & voando a Magdalena com as azas do amor para ſe lançar a ſeus pès, não a quiz o Senhor admitir, mandou lhe que ſe afaſtaſſe : *Noli me tangere.* Deſditoſa Amante ! a quem depois da tão ſuſpirada recuperação de hum bem perdido, não he licito ſer admitida para aliuio das ſuas ſaudades, & para remedio dos ſeus tormentos ; mas donde ſe origina eſta tão ineſperada eſquiuança do Senhor, que pareceo a maior tirania aos affectos da Magdalena, & o mais cruel martirio a ſuas finezas ; dà o meſmo Senhor a razão deſta aparente aſpereza do ſeu amor : *Noli me tangere, nondum enim aſcendi ad patrem meum.* Não me queiras tocar Magdalena porq̃ ainda não ſobi ao trono de meu Pay ; pois o ſer o Senhor tocado da Magdalena erão por ventura impedimentos, para que Chriſto ſobiſſe ao Ceo ?

Si,

Si, porque naquelle inſtante eſtaua a Magdalena toda banhada em lagrimas, & derretida em choros, & quaſi que receaua o Senhor que eſtas amorozas cadeas não lhe embargaſſem os paſſos, que ſe ha cadeas no mundo capazes de ar-rem a Deos, & ſe na terra ha grilhoens que o poſſaõ prender, ſó os olhos podem formar eſtas cadeas, com as meſmas lagrimas em que ſe dezatão: *Oh humilis lachryma*, exclama Santo Agoſtinho ao meu intento: *Oh humilis lachryma, tua eſt potentia, vincis inuincibilem, ligas omnipotentem.* Eſta ſem duuida he a razão porque o Euangeliſta reparou na circunſtancia do lugar, em que hoje a Magdalena chora: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Chora a Magdalena, & o lugar em que chora, não he outro mais que os pès de Chriſto; o chorar he effeito da ſua penitencia, mas o chorar aos pès de Chriſto antes que em qualquer outro lugar, he o eſtratagema com que o ſeu amor ſe acautela para os futuros deſemparos do ſeu diuino Amante; preuia a Magdalena que o Senhor ſe auzentaria hum dia da ſua viſta, & para ſe opor a eſta tão penoſa auzencia, lança a ſeus pés os grilhoens forjados na officina de ſeus olhos: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Todas as conquiſtas da Magdalena ſaõ arteficios dos ſeus olhos, que ſe antes erão armados de ſettas, hoje não ſe armão mais que de lagrimas, mas ceda a ternura das lagrimas, â violencia das ſettas, que ſe Magdalena rendeo aos homens a poder de ſettas, hoje a Magdalena rende ao meſmo Deos a poder de lagrimas; nos olhos enxutos da Magdalena a innocencia ſe affogou, & nos diluuios das ſuas lagrimas hoje triunfa a innocencia; formão os olhos da Magdalena huma fonte não menos prodigioza que aquella que Sãto Aguſtinho faz menção no liuro 21. da Cidade de Deos: eſta fonte a que os antigos chamarão a fonte do Sol, produz no meſmo tempo dous effeitos contrarios, apaga as tochas aceſas, & acende as apagadas; ſe ſe puzer nas ſuas agoas huma tocha aceſa, a extingue, & ſe ſe puzer nella huma tocha extinguida, a acende; leuaua a Magdalena duas tochas nas

August. in Psal. 42.

maõs, huma aceſa, & outra apagada, a tocha do amor profano aceſa, & a tocha do amor diuino apagada, formou das ſuas lagrimas huma fonte, & apagando naquellas agoas milagroſas a tocha do amor profano, acendeo nomeſmo inſtãte a inapagauel tocha do diuino: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus, dilexit multum.* Mas ſe as lagrimas da Magdalena vos parecerão prodigiozas por repentinas, prodigiozas por ardentes, não me parecem menos prodigiozas por perpetuas; eſte he o terceiro prodigio deſtas lagrimas, & a terceira parte deſte diſcurſo.

III. PARTE.

O Terceiro, & na minha opinião o maior prodigio deſtas lagrimas, he a conſtancia com que a Magdalena as derrama, que ſe a penitencia as occaſionou, & ſe as encendeo o amor, a conſtancia he o diadema que as coroa. Chorauа a Santa Magdalena, & no meſmo tempo que vertia as lagrimas aos pẽs de Chriſto, as enxugaua; mas que razão tendes, ô glorioſa Penitente, para enxugares as lagrimas que derramais, que ſe he proprio dos pès de Chriſto pizar Eſtrellas, não apagueis nos pès de Chriſto as luzes, que as Eſtrellas dos voſſos olhos lhe tributão; & ſe as lagrimas ſaõ perolas, razão he ſe vejão as perolas aos pès de Chriſto, que ſempre atropellou as riquezas; oh! que a Magdalena não he menos diſcreta que amante; enxuga as lagrimas no meſmo tẽpo que as derrama, para que não lhe ficando diante dos olhos, torne a chorar de nouo, & para que o principio das lagrimas lhe não embarace os progreſſos dellas; não repara nas primeiras, ſegunda com outras mais vehementes, ſempre torna a chorar, por lhe parecer que ainda não principiou, & enganandoſe a ſi meſma com eſta pia diſſimulação, procura de eternizar a ſua dôr, para coroar a ſua conſtancia, & que mayor coroa podia a Magdalena conſeguir neſte mundo, que aquellas meſmas lagrimas, com que banhaua os pès

de

de Chriſto? A diſcrição da Magdalena não ſó conſiſtio em enxugar as ſuas lagrimas para as multiplicar, ſenão tambem em enxugalas com os ſeus proprios cabellos, para ſe coroar com ellas: *Capillis capitis ſui tergebat.* Soltou Magdalena as gadelhas, & recolhendo as lagrimas naquelles laços dourados, com que dantes encadeaua os coraçoens, formou o ſeu diadema com as inſignias da ſua dôr, & eſmaltou a ſua coroa com as reliquias do ſeu pranto: *Capillis capitis ſui tergebat.* Não me admiro pois que ſe não eſgotaſſe a fonte deſtas lagrimas, porque recolhidas nos cabellos, ſobião dos pés de Chriſto à cabeça da Magdalena, que era fonte donde erão nacidas, para dahi tornarem a ſair pellos regiſtros dos olhos, & do meſmo modo que os rios perpetuão as ſuas correntes, porque ſempre tornão para o mar donde nacerão, aſſim eſtes rios de lagrimas tornando para a ſua origem, perpetuauão o ſeu curſo, tanto mais auentajadas na gloria, quãto mais eternas na duração.

Eſte, fieis, he o mayor credito das lagrimas, & o mayor ſegredo da penitencia, que para hũa alma cõpenſar os danos dó peccado, he neceſſario q̃ procure de eterniſar o arrependimẽto. A razão he Theologica. Sabeis vós, diz S. Ieronymo, porq̃ as penas dos danados não tẽ fim? porque quãdo viuião neſte mũdo, deſejauão hũa vida ſem fim, para não porem fim aos ſeus peccados: *Ideo ſine fine pœnas luãt, quæ volũtatem habuerunt ſine fine peccandi, ſi naturam haberent ſine fine viuendi.* O peccador deſeja eternizar os annos para eternizar os delitos, & pera Deos caſtigar os deſejos deſta impia eternidade, condena ao peccador a huma eternidade de tormentos: donde eu infiro, que para os peccadores igualarem a duração da ſua mà vontade, he neceſſario procurem de eternizar as lagrimas, pois deſejarão de eternizar as culpas. Muitas prouas trazem os Prègadores para confirmação deſta verdade, huma quero trazer (na minha eſtimação) mayor que todas. A Paixão de Chriſto (ſe bem repararmos) não he outra couſa mais que huma inſigne penitencia, que o Filho de Deos

S. Hieron. in Ch 1 2. p. 1 pag. 223. col. 2.

fez dos peccados dos homens: *Languores nostros ipse tulit,*
Isai. 57. v. 4. *& dolores nostros ipse portauit.* Principiou esta tão necessaria penitencia no Horto de Gesemaní, & acabou no Monte Caluario, de tal modo porèm se cõfundio nestes dous Theatros da Paixão o fim com o principio, que parece quiz Christo perpetuar as suas lagrimas, & eternizar os seus prantos. No Horto, este impeccauel penitente suou sangue, no Caluario rompeo em lagrimas, que na opinião de S. Cypriano, a agoa que lhe rebentou da ferida do peito, erão lagrimas do coração, & para me valer das mesmas palauras do Santo Padre, pois parecem escritas ao meu intento, erão lagrimas de compuncção, & de penitencia: *Ex fonte lateris compunctionis, & lachrymarum perennes effluunt riui.* Mas se o chorar
S. Cyprian. de Resurrect. he o preludio da penitencia, & se o derramar sangue he o vltimo esforço do penitente, que razaõ teue o Senhor para derramar o sangue no Horto, & reseruar as lagrimas para o Caluario? Já disse a razão; começou o Senhor pello fim, & acabou pello principio, derramou o sangue quando hauia de verter as lagrimas, verteo lagrimas quando hauia de derramar sangue, & equiuocando por este modo o fim da sua penitencia, com o principio, deu a entender, que se os homens intentauão de se eternizar nos delitos, tambem pretendia eternizarse nos prantos.

Que generosamente obseruou Magdalena Santa os preceitos desta riguroza Theologia, pois tantas vezes repetio a effusaõ das suas lagrimas; chorou na casa do Fariseo, chorou ao pè da Cruz, chorou no enterro de seu Senhor, chorou no seu Sepulchro, chorou depois da sua Ascensaõ, chorou no deserto, em que acabou os seus dias, & se ha no Euangelho quem dîga que a Magdalena começara a chorar: *Lachrymis cæpit.* Não ha quem nos assegure que acabasse, para que conheça o mundo, que se a Magdalena affectou de ser eterna nos vicios: *Erat peccatrix.* Dezejou de ser eterna nos choros: *Lachrymis cæpit.* Oh incomparauel Magdalena, prodigioso exemplar da penitencia! já não sei como seguir o incã-

çauel

çauel curſo das voſſas lagrimas, pois eſgotão todas as fontes da eloquencia, & deixão todos os diſcurſos em ſeco: ſó direi que as voſſas lagrimas forão imitadoras dos relampagos, & emulas dos rayos, pois com tanta preſſa cahirão para a deſtruição da culpa: *Vt cognouit; Lachrymis cæpit.* Direi que as voſſas lagrimas forão ſettas penetrantes forjadas na fragoa do amor diuino, pois derramadas aos pès de Chriſto chegarão a lhe treſpaſſar o coração; *Dilexit multum.* E que cõpetindo na duração com a meſma eternidade illuſtrarão a terra, & alegrarão ao Ceo: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* Na fonte da penitencia forão prodigiozas por repentinas, na fonte do amor prodigiozas por ardentes, & na ſempre manancial fonte da conſtancia prodigiozas por perpetuas: mas ja q̃ o entẽdimento não alcança o inexcrutauel deſtes prodigios, ſuprão os olhos as faltas do diſcurſo, vnamos as noſſas lagrimas com as lagrimas da Magdalena, & proſtrados aos pès do amoroſo Jeſu a quem com tanto deſamor offendemos, peçamos com todo o affecto, com todo o coração, & com toda a alma, o perdão das noſſas culpas. Sejão as noſſas lagrimas repentinas, pois andamos tão precipitados em offender a hum Deos que tanto nos ama; ſejão as noſſas lagrimas ardentes no ſeu amor, pois tanto nos deſcuelamos no amor do mundo, finalmente ſejão as noſſas lagrimas perpetuas, pois deſejamos de perpetuar os dias para eternizar os peccados; que aſſim chorando os noſſos deſatinos, & deteſtando as noſſas ingratidoens, paſſaremos deſte laſtimoſo valle de lagrimas para o centro das eternas felicidades. *Ad quas nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM DO MANDATO,

PREGADO

NA SANTA CASA DA Misericordia de Lisboa.

Venit hora ejus. Ioann. 13.

FABRICOV Deos o mundo a modo de hum relogio, em que os orbes celestes tem lugar de rodas, os elementos de pesos, o firmamento de mostrador, os doze signos do Zodiaco das doze horas do dia, & o sol de mão que mede os velozes passos do tempo; mas desde que anda este grande relogio do mundo, desde que as rodas celestes sobre as cabeças dos mortaes se voluem, desde que os elementos pendem para o seu centro, desde que o firmamento mostra na luzente variedade dos seus caracteres o temperamento da natureza, desde que os signos do Zodiaco predominão aos mezes do anno, finalmente desde que o sol correndo a ecliptica mede as horas da nossa

noſſa vida ; não acho que houueſſe hora, que Deos cõ maior razão podeſſe feſtejar como ſua, que eſta, em que depois de ter lauado os pès a ſeus Diſcipulos, ſe ſacrificou a ſi meſmo ſobre o Altar do Amor: *Venit hora ejus.* Eſta he propriamente a hora do amoroſo Ieſu, que a quem o Amor ſerue de Relogio, a hora mais querida, he aquella em que mais ſe ama: *hora ejus.* Nas occaſioens de Chriſto acreditar o ſeu Amor, reparo que a Eſcritura falla ſempre em horas, nas bodas de Caná, quando conuerteo a agoa em vinho: *Nondum venit hora mea* ; quando reſtituío a ſaude ao filho do Centurião: *Sanatus eſt puer in illa hora* ; quando ſe entregou nas maõs dos Iudeos: *Venit hora, ecce filius hominis tradetur in manus peccatorum* ; & quando chegou a derramar o ſangue ſobre o Altar da Cruz: *Venit hora, vt clarificetur filius hominis* ; donde eu infiro, que o Amor he hum Relogio , em que os momentos ſe medem pellos affectos, & as horas pellas finezas: *Venit hora ejus.* As tres partes que compoem o Relogio, ſaõ os tres attributos do Amor, os pezos, as rodas, & a mão ; primeiramente o Amor he hum pezo , ou como dizem cõmummente, he huma inclinaçaõ que faz pender a vontade para o objecto amado: *Amor meus pondus meum*, diſſe Agoſtinho, & que grande pezo he eſte do Amor , debaixo do qual gemeo catiua a ſoberanía dos mais imperioſos coraçoens ; abateo eſte pezo amoroſo a ſoberba de Holofernes aos pès de Iudith, a valentia de Sanſaõ ao poder de Dalila, a ſantidade de Dauid aos encantos de Berſabê , & a ſabedoria de Salamão aos idolos das ſuas ſuperſticioſas amantes : *Amor meus pondus meum.* Em ſegundo lugar do meſmo modo que no Relogio todas as rodas obedecem ao mouimento da primeira, aſſim todas as paixoens dependem dos impulſos do Amor : *Nulla eſt paſſio quæ non ſupponat amorem*, diſſe o Anjo das Eſcolas ; todas as paixoens, a eſperança, a deſeſperaçaõ, a alegria, a triſteza, o medo, até o meſmo odio; todas ſaõ reguladas pello Amor, eſperamos de alcãçar o q̃ amamos, deſeſperamos de conſeguir o que amamos,

as hõras nos alegrão, porq̃ amamos a gloria, as doẽças nos entristecem porque amamos a saude, temos medo da morte, porque amamos a vida, temos odio ao peccado, porque amamos a Deos: *Nulla est passio quæ non supponat amorem*: Em concluſaõ neſte myſterioſo Relogio, as obras ſeruem de mão, que o intenſo do Amor não ſe manifeſta ſenão pella calidade das obras, & não ſe calrifica o affecto de hum coração ſem o demonſtratiuo dos effectos: *Si operari renuit, amor non est*, diz o Santo Pontifice Gregorio. Eſtas meſmas partes tem o Relogio do Amor diuino, como veremos nas tres partes deſte Sermão; os pezos, a mão, & as rodas; os pezos ſaõ o meſmo Amor de Chriſto que o abate a lauar os pès dos ſeus Diſcipulos: *Cæpit lauare pedes discipulorum*, a mão que aponta as horas, ſaõ as meſmas maõs de Chriſto, cõ que moſtra no paõ ſacramentado o compendio das ſuas finezas: *Accepit panem in manus suas*, & as rodas ſaõ a eternidade, que o amor de Chriſto em quanto Deos, não teue principio, & em quanto homem não ha de ter fim: *Cum dilexisset, dilexit.* He o Amor o Monarca dos coraçoens, onde ſe o trono de Iehû em ſua exaltação a Rey de Iſrael foi aſſentado em hum Relogio, razão he demos ao Amor diuino neſte dia da ſua exaltação hum Relogio por trono: *Venit hora ejus.*

Aue Maria.

I. PARTE.

OBſeruo com S. Gregorio Niſſeno na peſſoa de Chriſto dous amores, o amor de Deos, & o amor dos homens, que como peſos de hum bem concertado relogio produzem dous mouimentos contrarios; hum de eleuação, & outro de abatimento, o de eleuação regulado pello amor de Deos, & o de abatimento dirigido pello amor dos homens; o amor dos homens abateo a Chriſto à vileza de hum preſe-

pio,

pio, onde entre palhas escondido roubaua coraçoens, o amor de Deos o leuantou às glorias do Tabor, onde transfigurado em luzes, ardia em affectos: *Hic est filius meus dilectus, ipsum audite.* O amor dos homens arrastou a Christo pellas casas dos Fariseos para a conuersaõ das almas, o amor de Deos o leuou aos montes para conuersar com o pay: *Ascendit in montem solus orare*, & se no Caluario o amor dos homens obrigou a Christo, a que morresse com a cabeça inclinada para a terra, depois de resuscitado, o amor de Deos o leuou ao monte Oliuete, & do monte Oliuete ao mais alto dos Ceos: *Super omnes cælos ascendit.* Prodigiosos mouimentos de eleuação, & de abatimento, originados das competencias do amor de Deos, & do amor dos homens! mas porque o maior abatimento de Christo, he (a meu ver) o maior triunfo do seu amor, nunca me pareceo Christo mais amante, que no dia de hoje, porque nunca o vi mais abatido; no presepio, nas casas dos Fariseos, & no Caluario, vejo sempre alguem prostrado aos pès do Senhor: no presepio os tres Reys, nas casas dos Fariseos a Magdalena, & no Caluario S. Ioão, & a Virgem ao pè da Cruz, mas no Cenaculo vejo ao Senhor prostrado aos pès de todos; quãto mais abatido tanto mais amante: *Venit hora ejus; amor meus pondus meum.* Formou Deos ao arco celeste em final da paz que concluia com os homens: *Erit signum fœderis inter me, & inter terram.* Mas-ay! quantas vezes tornou Deos a tomar as armas contra a terra? & senão diga-o a desgraciada Pentapolis, que hum diluuio de fogo reduzio a hum mar de cinzas, & não o dissimule o Egypto fulminado com dez pragas, cada huma das quais era capaz de aniquilar hum mundo; o verdadeiro final da indissoluuel reconciliação de Deos com os homens, he o amoroso Iesu nesta humilde acção em que hoje o adoramos, que se o Arco celeste nace em tempo de chuua, & se estende a pompa das suas cores na superficie das nuuens, a toalha com que Christo està cingido, he huma nuuem que o cerca, as agoas que lança na bacia com as lagrimas

que juntamente derrama, saõ a chuua, & nos braços arqueados ao redor dos pés dos Apostolos, se figura o Arco ; com esta differença, que o Arco celeste que Deos suspendeo no âr, quando muito em final de huma suspensaõ de armas que o Ceo fazia com a terra, mas este que vemos hoje tão abatido, he huma euidencia, de como o poder do Amor rendeo para sempre as armas do Ceo aos pès dos homens : *Arcum meum ponam in nubibus, eritque signum fœderis inter me , & inter terram.*

Sendo as agoas na doutrina dos Egypcios o jeroglifico do odio, pois do mesmo modo que a agoa apaga o fogo , assim o odio apaga o amor, não ha duuida que me causara admiração, ver ao meu amoroso Iesu debruçado nas agoas , se não aduirtira que neste mysterioso naufragio , a agoa he o espelho do seu Amor. No Psalmo vinte & hum Christo se comparou com a agoa : *Sicut aqua effusus sum*, & esta semelhança lhe compete hoje mais que nunca , porque se a agoa he o mais alto, & juntamente o mais baixo dos Elementos, he hoje Christo o mais leuantado, & juntamente o mais abatido dos homens : *Summus omnium , vltimus factus est omnium*, exclama S. Bernardo , declaremos o mysterio desta noua Filosofia ; o mais alto dos Elementos , qual imaginais que seja ? o fogo ? não: o mais alto dos Elementos he a agoa , que a Esfera do fogo não passa do concauo da Lua , & parte das agoas que alagauão este mundo inferior no segundo dia da criação se virão leuantadas sobre o conuexo do Firmamento : *Fiat Firmamentum in medio aquarum , & diuidat aquas ab aquis* ; & o mais baixo dos Elementos qual imaginais que seja ? a terra ? não, tambem a agoa he o mais baixo dos Elementos ; pois affirma Dauid, que Deos fundou a terra sobre as agoas : *Qui firmauit terram super aquas* ; não he logo sem razão, se chegue às agoas esta Feniz do Amor, pois nellas diuisa os realces da sua gloria, & os extremos da sua fineza, que se a agoa he o primeiro, & o vltimo dos Elementos, he hoje Christo o primeiro, & o derradeiro dos homens,

o pri-

o primeiro em razão da Diuindade que o leuanta ſobre os coros dos Anjos, & o derradeiro em razão do Amor que o derruba aos pés dos ſeus diſcipulos: *Sicut aqua effuſus ſum; amor meus pondus meum.* Repreſentaſeme neſte myſterioſo lauatorio, o chaos, & a confuſaõ em que ſe achou o mundo nos primeiros dias do ſeu nacimento, que ſe então os Aſtros ſe virão miſturados com os Elementos, os Planetas com as plantas, & o Ceo com a terra; no breue golfo deſta bacia vejo os olhos do Senhor Ieſu (viuas Eſtrellas de hum Ceo animado) pegados a plantas humanas; vejo os ſeus cabellos (rayos dourados do Sol diuino) metidos no lodo, & ſe no chaos da natureza o Eſpirito Santo não paſſou da ſuperficie das agoas: *Ferebatur ſuper aquas*, neſte chaos do Amor vejo ao meu Senhor delicioſamente ſomergido, que hũ amor de tanto pezo, não podia deixar de ir ao fundo; No theatro das primeiras agoas deu o Amor á vela com proſpera nauegação: *Ferebatur*, mas neſte humido labirinto achou o Amor o naufragio, & no naufragio o triunfo: *Amor meus, &c.* Agora entendo eu a razão da contenda do Amor de Chriſto com a reſiſtencia de Pedro: *Quod ego facio, tu neſcis modo*; ah Pedro! as tuas porfias ſaõ necedades, & os teus reſpeitos ignorancias; mas ſe não entendes agora os myſterios deſte meu abatimento, ao depois os entenderàs: *Scies autem poſtea*, pois quando chegarà S. Pedro a entender a razão deſte aſſombro de rendimentos, com que vos proſtrais a ſeus pès, Amoroſo Ieſu? *Cum me videris in Cœlum aſſumptum*, reſponde Euthimio; quando depois da Aſcenſaõ o Eſpirito Santo decer à terra, então perceberà S. Pedro a razão deſte meu abatimento; como ſe diſſera: vê Pedro neſta profunda humildade o grande pezo do meu Amor, o Eſpirito Santo quando muito ſe aſſentarà ſobre a tua cabeça, & eu determino de me lãçar hoje a teus pés. Naquelle dia ſerà o Amor diuino a tua coroa, mas tû ſerás oje a coroa do meu Amor, & ſe o Eſpirito Santo triunfará então por ſoberano, quero triunfar hoje por abatido: *Quod ego facio, tu neſcis modo, ſcies autem poſtea.*

Naõ me parecem menos poderosas as razoẽs, que obrigaõ a Christo a que tambem se abata aos pés de Iudas, & se todos os que hoje sobem ao pulpito se espantaõ deste inesperado abatimento; confesso contra a opiniaõ de todos, que naõ me causa assombro ver ao meu Deos derrubado aos pês deste infame discipulo, & dou a razaõ, diz o texto sagrado, que o Demonio se tinha apoderado do coraçaõ de Iudas: *Cum Diabolus misisset in cor*, Ah, si, tem Iudas ao Demonio no coraçaõ, logo forçoso he, tenha a Deos debaixo dos pés; que quando triunfa o Demonio, razaõ he se veja a diuindade abatida. Alem do que desejando Christo de conquistar o coraçaõ de Iudas, tinha razaõ para se lançar a seus pés, para os chegar ao peito, para os lauar com suas lagrimas, & esquecido dos esforços do seu poder, empregar sô as finezas do seu Amor, porque naõ he tam gloriosa a Deos a victoria de hum coraçaõ violentamente rendido, como a entrega de huma vontade suauemente catiua. Entre tantas victimas que Deos pedio ao pouo de Israel, reparo que nunca o quiz obrigar a que lhe sacrificasse coraçoens, & a razão [a meu ver) he esta; nos sacrificios, a morte das victimas não he voluntaria, he violenta; não he a setta do amor que lhes abre as veas, he a crueldade do ferro que lhas rompe, & se o Sacerdote como racional he liure, sempre a victima como irracional he forçada; logo para os Israelitas sacrificarem a Deos hum coração, era necessario que o arrancassem do peito em que estaua, & não se deleita Deos de coraçoens arrancados com violencia, coraçoens offerecidos com amor saõ os que mais lhe agradão; & este para mim he sem duuida hum dos maiores segredos da predestinação; bem podera Deos saluar todos os homens com lhes alumear a cegueira, & render a obstinação a poder de castigos, mas não aplica estes violentos remedios, porque não quer coraçoens entregues por força; temos o exemplo neste traidor, que podendo-o Deos render a ameaços, só intenta de o ganhar a fauores; vem cá Iudas, diz Christo, dame esses pès, que ja que entregaste o cora-

coração ao Demonio, razão he não negues os teus pès a hũ Deos; poemnos no meu peito, que se ainda hes capaz de sentimento, pelo anfioso palpitar deste coração, conhecerás a grande dor que tenho da tua perda; nesta grande empreza da tua conuersaõ combate o meu poder contra o meu amor; o poder se empenha em desfazer o Ceo em rayos para te meter horror, mas o amor me obriga a que derreta os meus olhos em lagrimas para abrandar a tua dureza; o poder tem forças para derrubar do trono do teu coração o Demonio, mas o amor me persuade que te faça do meu coraçaõ hum trono, & assim este amor que naõ triunfa da tua obstinaçaõ, chega a triunfar do meu poder, que se te naõ posso vẽcer por obstinado, eu me quero vencer a mim mesmo pór humilde, naõ reparando em parecer menos poderoso, para que me experimẽtes mais amante: *Amor meus pondus meum.* Outra circunstancia acho neste lauatorio mui digna de reparo, & he q̃ não saõ mais né menos que doze discipulos a cujos pès se prostra o senhor, & a razão he manifesta; o Amor diuino emenda neste dia o que o amor proprio errou no principio do mundo; no principio do mundo o amor proprio intentou leuantar a Adão doze degraos mais do que cõpetia â sua natureza, leuandoo pellos noue Coros dos Anjos a emular a independencia das tres pessoas diuinas, & o Amor diuino para condenar os arrojos desta ambicioſa temeridade, abate hoje o segundo Adaõ aos pès de doze pescadores; senão queremos dizer para tornarmos â metafora do relogio, que sendo as noue Ierarquias com as tres pessoas diuinas, as doze horas do relogio do Ceo; & sendo tambem os doze Apostolos, as doze horas do relogio da Igreja, conforme a doutrina de Santo Ambrosio: *Horæ diei duodecim, sunt duodecim Apostoli.* Do mesmo modo que a soberba para desconcertar o relogio do Ceo fez diantar a Adão doze horas mais do que conuinha, assim a humildade fez retroceder a Christo doze horas para concertar o relogio da Igreja: *Amor meus pondus meum, venit hora ejus.*

II. PARTE.

NA repartição dos assuntos disse, que neste misterioso relogio, a mão que aponta as horas, saõ as mesmas mãos de Christo, com q̃ no pão sacramentado mostra as suas finezas: *Accepit panem in manus suas.* Prouo o que tenho dito. A que horas imaginaes que Christo instituio esse diuino Sacramento? diz o Euangelista que já era noite: *Erat autem nox.* E a Espoza dos Cantares na pergunta que fez, dà a entender que foi ao meio dia, *Dic mihi vbi pascas in meridie?* para intelligencia desta contradicção, hauemos de distinguir dous relogios, o relogio do mundo; & o relogio do amor; o relogio do mundo he o que se gouerna pello curso do Sol, & o relogio do amor he o que se regula pellos mouimentos do coração, soltemos a duuida. Quãdo Christo se sacramentou era noite; & era dia; era noite no relogio do mundo, & era meio dia no relogio do amor, era noite no relogio do mundo, porque o Sol estaua já nas sombras do occaso, & era meio dia no relogio do amor, porque o coração de Christo estaua no Zenith das finezas; era noite no relogio do mundo, porque as Estrellas luzião na ausencia do Sol, era meio dia no relogio do amor, porque em presença do Sol Euchariſtico, não luzião as Estrellas; era noite no relogio do mundo, porque o firmamento vigiaua com tantos olhos, quantos erão os Astros que nelle cintillauão, era hora de sesta no relogio do amor, porque o Amado discipulo dormia encostado no peito de Christo: *Supra pectus domini in cæna recubuit*, & se he meio dia quando o Sol está no maior auge das suas luzes, & na maior efficacia dos seus ardores, quem não confessarà que quando se instituio este diuino sacramento, estaua o Sol da Igreja Christo Senhor nosso no mais intenso dos seus rayos, & no mais abrazado do seu amor, *Dic mihi vbi pascas in meridie; meridies.*, diz S. Ambrosio, *significat ardorem charitatis.* Tendo dado Deos tão

Ioannis 13.

gran-

grandes prouas do ſeu amor aos antigos Patriarchas, não entendo porque neſte triunfo do amor diuino, o Euangeliſta ſò encareça o amor, que Deos teue aos Apoſtolos, & naõ pondere tambem o amor que teue aos Patriarcas: *Cum dilexiſſet ſuos qui erant in mundo.* Segue Deos por ventura o eſtilo dos homens, a quem pellos amigos nouos eſquecem os velhos, & ſe aſſim não he, pergunto eu, porque dizendo o Euangeliſta que Deos amou aos que eſtauão neſte mundo, não diz que amára tambem aos que eſtão no outro: *Cum dilexiſſet ſuos qui erant in mundo.*

A razão he tão clara como o Sol do meio dia, o Sol do meio dia alumea no meſmo tempo os dous emiſferios, mas com luzes mui diuerſas, ao noſſo emiſferio com luzes directas, ao emiſferio dos Antipodas com luzes reflexas; alumea ao noſſo emiſferio com luzes directas, porque lhe communica immediatamente os meſmos reſplandores, com que elle ſe coroa no centro da ſua Eſfera; mas porque no meſmo tempo manda ſuas luzes às Eſtrellas, que depois as reuerberão na parte da terra que eſtà oppoſta a noſſos pès, não alumea ao emiſferio dos Antipodas, ſenão com huma luz reflexa. Para me valer deſta Mathematica, reparto a Igreja militante em dous emiſferios, no emiſferio do nouo teſtamento, & no emiſferio do antigo; a eſtes dous emiſferios communicou o Sol da diuindade as ſuas luzes, mas com grande differença; que ao emiſferio do antigo teſtamento não communicou ſenão luzes reflexas, & ao emiſferio do nouo luzes directas; erão as luzes do antigo teſtamento luzes reflexas, porque não repreſentauão mais que as ſombras, & as figuras deſte diuino Sol ſacramentado, quaes erão o cordeiro Paſcoal, os paens de propoſição, & o Manà; mas eſtas do nouo teſtamento ſaõ luzes directas, luzes immediatas, porque influem toda a eſſencia, & a ſubſtancia da meſma diuindade; onde aſſim como em chegando o Sol ao ponto do meio dia, ſe vão diminuindo as ſombras, razão he que eſtando o Sol ſacramentado no maior auge da ſua luz, ſe eſcondão de reue-

rentes as sombras do antigo testamento, & que não se falle no amor que Christo antigamente mostrou aos Patriarchas, quando esse que hoje manifesta aos Apostolos he o Eclipse de todas as finezas: *Cum dilexisset suos qui erant in hoc mũdo.* Contra esta comparação que faço entre Christo sacramentado, & o Sol do meio dia, vejo que se arma huma grãde objecção; & he esta. Em tres partes se diuide o curso do Sol, no Oriente em que amanhece, no meio dia em que arde, & no ocaso onde morre; o meio dia he a parte mais alta do Ceo, & por consequencia he igualmente distante do Oriente, & do ocaso; logo se Christo Senhor nosso teue o Oriente no presepio em que nasceo, o meio dia no Cenaculo em que se sacramentou; & o ocaso no Caluario em que expirou; porque razão hauendo hum interuallo de 33. annos do presepio ao Cenaculo, não houue mais que hum dia do Cenaculo ao Caluario, se Christo viueo 33. annos antes de se sacramentar, porque não viueo outros 33. depois de sacramentado, para que o meio dia do seu amor distasse igualmente do Oriente da vida, & do occidente da morte?

Darei huma reposta digna da vossa attenção; no Cenaculo afinou Christo os extremos do amor: *In finem dilexit*, & por isso tratou logo de acabar a vida: *Venit hora ejus, vt transiret ad patrem.* Porque sendo as finezas com que se assinala o amor, os alentos com que respira, & sendo tambem este diuino sacramento a maior fineza, a que podia aspirar o coração diuino, determinou este Deos todo amoroso, de se entregar à morte, vendo que não podia dar maiores alentos ao amor. O relogio da vida de Christo como era regulado pello amor, sempre foi cursando atê que o amor deu a vltima hora na demonstração da maior fineza; & esta se bem aduirtirdes, he a razão porque Christo que não tinha medo de morrer, fogio varias vezes a morte; quando Herodes intentou de lhe tirar a vida no berço, retirouse para o Egipto; & no Templo quando os Iudeos o quizerão apedrejar, tratou logo de se esconder: *Iesus autem abscondit se*; que he isto,

meu

meu Deos, ſe a voſſa morte he tão neceſſaria para a Redempção dos homens, & ſe a valentia do voſſo coração he ſuperior à crueldade dos tormentos, porque fogis a morte com diſcredito do voſſo esforço, & com deſcuido da noſſa Redempção? Ah fieis, Chriſto não dilatou a vida para prolongar os dias, ſenão para apurar as finezas, antes de Chriſto ſe ſacramentar não eſtaua ainda o ſeu amor ſatisfeito, porque ainda não tinha chegado ao mais valente acto do ſeu coração, mas hoje que ſe eſgotão todas as finezas, que cabem em hum amor infinito: *In finem dilexit; ſcilicet in infinitum*: diz S. Lourenço Iuſtiniano, he força ſe eſgote todo o ſangue, que lhe corre nas veas, & que deça a vida para o ocaſo, jà que não pode ſobir mais de ponto o amor; arma logo o cruel apparato dos teus tormentos ô Iudaica barbaridade, tece as cordas, fabrica as cadeas, leuanta a columna, prepara os azorragues, aruora a Cruz, & forja os crauos; que Chriſto não reparara em ſacrificar a menhaã a vida no Caluario, pois hoje ſatisfez ao amor no ſacramento: *In finem dilexit, venit hora ejus.* Daqui ſe infere a razão porque preſidindo a todos os mais miſterios o Eterno Pay, ou o Eſpirito Santo; na inſtituição deſte diuino Sacramento, ſe não falla em nenhuma deſtas duas diuinas peſſoas; na encarnação preſidio o Eſpirito Santo pella fecundidade que deu à Virgem: *Spiritus Santus ſuperueniet in te*, & na Paixão preſidio o Eterno Pay pello preceito que tinha poſto a Chriſto de morrer: *Factus eſt obediens uſque ad mortem.* Eu bem ſei que Chriſto não deminue a gloria do ſeu amor com fazer na Cruz a vontade do Eterno Pay, mas tambem ſei que toda a Theologia ſe cança em confederar neſta occaſião a liberdade da ſua eleição com a neceſſidade da ſua obediencia, & ſe conſta que Chriſto deſde o primeiro inſtante da ſua Cõceição teue do Eterno Pay preceito de morrer, não achareis em toda a ſagrada Eſcritura, que tiueſſe tambem preceito de ſe ſacramentar; eſta foi huma traça excogitada pello ſeu amor, & eſte foi hum triunfo reſeruado à ſua gloria, que ſe no Orien-

te da vida o Eſpiritu Sãto lhe fez ſõbra cõ o corpo q̃ lhe formou: *Spiritus Sãctus obũbrabit tibi*, & ſe no occidẽte da meſma vida Chriſto ſe poz debaixo da ſombra do Eterno Pay: *In manus tuas commendo Spiritum meum.* Neſte meio dia do amor, nenhuma das diuinas peſſoas faz ſombra âs ſuas luzes, porque nenhuma preſide às ſuas finezas; donde eu argumento para concluſaõ deſta 2. parte, que ſe Chriſto ſacramentado he na Igreja como o Sol no meio dia, para eſta ſanta Caſa ſe conformar com o relogio do amor diuino, he razão que ao contrario das mais Igrejas celebre a eſtas horas eſte miſterio: *Venit hora ejus.*

III. PARTE.

PAra a cabal compoſição do noſſo Relogio, hauemos de lhe buſcar as rodas, & eſtas ſaõ a eternidade, que ſe a roda por não ter principio nem fim, he figura da eternidade, na eternidade com que Chriſto em quanto Deos nos amou, ſe nos repreſentão as rodas do Relogio do ſeu amor: *Cum dilexiſſet, dilexit.* Aquellas duas rodas que Ezechiel vio colocadas de modo, que a mais pequena eſtaua no meyo da mayor: *Rota in medio rotæ*, ſignificão (a meu ver) Deos, & o mundo; o mundo he huma roda pequena, & Deos he huma grande eſphera, que por todas as partes abraça ao mundo: *Rota in medio rotæ*; abraça Deos ao mundo com todos os attributos, com a immenſidade todos os lugares occupa, cõ a prouidencia acode a todas as neceſſidades, com a Omnipotencia preſide a todas as producçoens, & ſobre tudo com os dous attributos do amor, & da eternidade, ama a todos ſem diſtinção de peſſoas, & ama ſempre ſem limitação de tempo, por onde diſſe Dauid, que eſtaua Deos ao redor do ſeu pouo: *Dominus in circuitu populi ſui*, cerca Deos ao mũdo por todas as partes, por todos os tempos o ama, o que parece entenderão os Egypcios quando pintarão o amor voando em hum circulo, que o amor de Deos como perfeito, he cir-

circular, & como circular he eterno : *Dominus in circuitu populi ſui ; illa circulatio*, diz Santo Thomas, *conuenit æternitati diuini amoris.* Mas ſe Deos nos amou igualmente por toda a eternidade, porque diz o Euangeliſta, que nos ama mais na hora da morte: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos* ; ſe as horas da eternidade ſaõ infinitas , porque na eternidade do ſeu amor não ſe conta mais que huma hora? *hora ejus.*

Reſpondo ; para o Euangeliſta moſtrar que Deos nos amou por toda a eternidade, baſtaua dizer ; que não nos amou mais que huma hora ; a razão eſtà fundada na differẽça que ha entre o Relogio da eternidade , & o Relogio do tempo ; no Relogio do tempo ſaõ muitas as horas, porque o preſente ſuccede ao paſſado, & o futuro ao preſente ; no Relogio da eternidade não ha mais que huma hora, porque não ha paſſado, nem futuro, todos os tempos eſtão preſentes no meſmo tẽpo: *Æternitas*, diz Boetio, *eſt interminabilis vitæ tota ſimul, & perfecta poſſeſſio* ; no Relogio da eternidade não ha horas, porque não ha variedades ; no Relogio do tẽpo tudo ſaõ horas, porque tudo ſaõ inconſtancias ; logo não ſe conte mais que huma hora na eternidade do Amor diuino, porque o Amor diuino foi ſempre igual a ſi meſmo em toda a eternidade : *hora ejus* : os homens cujo amor he deſigual, ſaõ os que amão por horas , o que conhecendo o Senhor, não ſe contentou com perguntar huma ſô vez a S. Pedro, ſe o amaua, repetio ſegunda, & terceira vez a pergunta: *Dixit ei tertio, amas me ?* que o temperamento do amor dos homens, he tão facil de ſe alterar de huma hora para outra, que apenas proteſtou Pedro que amaua a Chriſto , quãdo Chriſto ſe moſtrou duuidoſo do amor de Pedro : *Dixit ei tertio, amas me ?* Sô no Relogio do Amor diuino não ha variedade nas horas , nem deſigualdade nos affectos , nem diſſonancia nos primores, nem mudança nas finezas , nem moderação nos extremos, nem tibieza nos ardores , nem alteração nos deſuelos ; & a razão Theologica deſta inuariauel

conſtancia do Amor diuino, he que Deos ama aos homens com o meſmo acto de amor, com que ſe ama a ſi meſmo; porque ſendo todos os actos de Deos infinitos, ſe houuera em Deos dous actos de amor, nenhum delles fora infinito, porque nenhum delles cõprehendera todos os actos cõ que Deos pòde amar; o acto com que ſe ama a ſim, não cõprendera ao acto com que nos ama, nem o acto com que nos ama a nôs, comprendera ao acto com que elle ſe ama; logo ſe o acto do amor com que Deos ſe ama, he eterno, he força ſeja tambem eterno o acto de amor com que nos ama; porque como enſina Santo Thomas, não pòdem dous objectos ſer amados com mayor intenſaõ hum que outro, quando ſaõ amados com hum ſô acto de amor: *Licet Deus, vni velit majus bonum quam alteri, tamen non poteſt vnum diligere intenſiori voluntate, cum actus ille non ſuſcipiat magis, & minus*; o que parece confirmou Chriſto quando diſſe: *Sicut dilexit me pater ego dilexi vos*; do meſmo modo que o Eterno Pay me ama, eu vos amo, o Eterno Pay com me amar, ſe ama a ſi meſmo, & com o meſmo amor com que amo ao Pay, eu vos amo a vòs, onde ſe o amor do Pay para cõmigo he eterno, força he que o meu amor para com voſco ſeja infinito: *in finem dilexit, ſcilicet in infinitum, ſicut dilexit me pater, ego dilexi vos.*

D. Thom. 1. p. q. 11.

Ioan. 15.

Fieis reſta agora, que o Relogio do noſſô amor ſe conforme com o Relogio do Amor diuino, nos pezos, na mão, & nas rodas; ſe os pezos do amor abaterão a Deos aos pês dos homens, leuantem-ſe os homens pellos pezos do meſmo amor ao trono de Deos; mas ay; que os noſſos affectos não pendem ſenão para a terra; amamos a todos os objectos que ſaõ dignos de odio, ſô os que ſaõ dignos de amor, não os amamos; amamos ao mundo que nos engana, amamos a gloria que nos deſpenha, amamos a vaidade que nos cega, amamos ao peccado que nos catiua, amamos ao Demonio, que nos aborrece, & não amamos a Deos que tãto nos ama. A mão que neſte Relogio aponta as horas, ſaõ as meſmas

mãos

mãos de Chriſto, com que moſtra no pão ſacramentado as ſuas finezas, & nôs com que finezas acreditamos ao noſſo amor, com que agradecimentos correſpondemos aos beneficios que Deos nos faz, & que proueito tiramos de tantas cómunhoens que fazemos; ah fieis, que os noſſos coraçoens não ſaõ menos inſenſiueis, que os eſpinhos da ſarça que vio Moyſes, ardia Deos nos eſpinhos, & os eſpinhos não ſe abrazauão neſte amoroſo incendio; arde Deos no noſſo coração com todas as chamas do ſeu amor, & o noſſo coração lhe reſiſte com todos os eſpinhos da ſua ingratidão; finalmente ama Deos aos homens por toda a eternidade, & não ſei, ſe alguem de nôs amou bem a Deos hum ſô dia da ſua vida; Chriſtãos não quer Deos que lhe empreſtemos o coraçam, quer que lho demos: *Præbe mihi cor tuum*; não empreſtemos logo o noſſo coração a Deos para lho tornarmos a pedir, mas antes façamoslhe hoje hum holocauſto dos noſſos affectos, & hum ſacrificio dos noſſos amores, para que em dando a hora da noſſa morte: *Venit hora ejus*, ſe immortalize a noſſa vida no Relogio da eternidade. *Ad quam nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM
DO
MANDATO,
PREGADO
No Mosteiro da Esperança.

In finem dilexit. Ioann. 13.

PARA celebrar os triunfos do Amor diuino, que limitados saõ os encarecimentos da humana eloquencia! & que fracas saõ as cores da Rhetorica da terra para pintar ao viuo os incendios do Ceo! Na doutrina do Discipulo mais amado não he outra cousa Deos que o mesmo Amor: *Deus charitas est*, & sendo a diuina Essencia incomprehensiuel aos homens, como poderão os homens comprender as excellencias do seu Amor? Quando na pessoa do Espirito Santo o Amor diuino se manifestou ao mundo, diz a Escritura, que se assentàra sobre as cabeças dos Apostolos: *Sedit super capita eorum*, para mostrar [a meu ver] que este mesmo Amor, que realçaua sobre as suas cabeças, excedia a sua capacidade, & que a vehemencia dos seus ardores, sobrepujaua a perspicacia dos seus enten-

entendimentos : ſe não queremos dizer,que no meſmo inſtante que o Amor diuino eſcolheo ao coração dos Apoſtolos por trono, appareceráo lingoas ſuſpendidas no âr , que razão he, que quando o Amor diuino ſe aſſenta no ſeu trono, fiquem todas as lingoas ſuſpenſas, emmudecidas as vozes, & embargados os diſcurſos. O Amor a que o diſcurſo alcança, não he grande Amor , ſó as chamas do Amor ſam grandes, quando não ha palauras que as exprimão. Eſta propriedade tem o Amor diuino, ſoberano Monarca de todos os Amores, em admiralo conſiſte o exprimilo, & quem ſe atreuer a chegar a ſeus ardores para os retratar, acharà labyrintos no juizo, & naufragios no diſcurſo. Lâ na infancia do mundo, quando o Amor diuino fez pompa dos ſeus incendios no meyo das agoas, tudo erão naufragios,& labyrintos ; labyrintos na natureza pella confuſaõ em que ſe achauão naquelle dia os Elementos, & naufragios na profundidade daquellas agoas , em que eſte diuino Amor andaua fluctuando ; com que nos dáua a entender , que não ſe podia chegar a deſcobrir as lauaredas em que ardia , ſem entrar em hum labyrinto, ou experimentar hum naufragio. Logo não eſpereis, que vos retrate os reſplandores do Amor diuino nas ſombras deſte diſcurſo, pois neſta myſterioſa pintura, os mais mudos penſamentos, ſaõ os pinceis mais proporcionados. Mas ſe me não he poſſiuel definir os attributos da ſua Eſſencia,ponderarei as circunſtancias da ſua peregrinação, que como o Amor de Deos foi ſempre tam deſconhecido no mundo, não he marauilha, que hoje volo repreſente peregrino. Deu o Amor diuino principio à ſua viagẽ naquellas agoas, em que andaua no principio do mundo,& continuando a jornada nas agoas do Lauatorio , & no Caliz do ſeu ſangue ſacramentado ; entra finalmente no peito dos homens, ſuſpirado centro dos ſeus affectos, & delicioſo termo da ſua nauegação : *In finem dilexit.* Debaixo deſta metafora da nauegação, determino de vos repreſentar as emprezas deſte diuino Amor, porque (ſe bem aduirtirdes) o

amar, não he outra couſa que nauegar ; hum coração que ama, he hum baixel que nauega ; as eſperanças ſaõ as velas, os ſuſpiros ſaõ os ventos, & as lagrimas as correntes ; as deſconfianças ſaõ as tormentas, as eſquiuãças ſaõ os cachopos, & as ingratidoens os naufragios ; a diſcrição he o leme , a conſtancia he a ancora, & o coração do objecto amado, he o porto em que o coração do Amante deſcança. Neſta pois tão prodigioſa nauegação do Amor diuino, temos que ponderar tres notaueis circunſtancias, a ſaber , o mar por onde nauega, os cachopos em que dâ, & o porto aonde chega ; o mar por onde nauega, ſaõ as agoas do Lauatorio ; os cachopos, & os penedos em que dâ, ſaõ as reſiſtencias de Pedro, & as ingratidoens de Iudas ; & o porto aonde chega, he o peito dos Apoſtolos, que o recebem no Sacramento. Eſtas tres admiraueis circunſtancias encerra o Euãgeliſta nas tres myſterioſas palauras do meu thema : *In finem dilexit.* Chega hoje o Senhor ao tão ſuſpirado fim da ſua nauegação, porque o ſeu Amor chega ao fim das ſuas emprezas no mar deſte mundo : *In finem dilexit nos Chriſtus, hoc eſt in finem amoris* , diz ao meu intento o grande Chriſoſtomo. Chega hoje o Amor diuino ao fim de tres grandes emprezas, chega ao fim das ſuas humilhaçoens, chega ao fim das ſuas finezas, chega ao fim das ſuas conquiſtas : *In finem dilexit*; chega ao fim das ſuas humilhaçoens pellas agoas do Lauatorio, abatendo a Mageſtade de hum Deos aos pès dos homens ; chega ao fim das ſuas finezas, pello meyo dos penedos, que ſe lhe opoem nas reſiſtencias de Pedro, & nas ingratidoens de Iudas ; chega ao fim das ſuas conquiſtas pella communicação do ſeu ſangue ſacramentado, com que toma poſſe do coração humano amoroſamente rendido : *In finem dilexit.* Pellos impulſos do Amor chegou o meu Senhor ao fim deſtas tres emprezas, & para eu chegar ao fim deſtes tres diſcurſos neceſſito dos impulſos deſte meſmo Amor , & dos auxilios da graça.

Aue Maria.

A pri-

I. PARTE.

A Primeira empreza do Amor neſta myſterioſa nauegação, foi abater a Deos aos pès dos homés, & ſomergir a ſua grandeza no breue golfo de huma bacia : *Cæpit lauare pedes diſcipulorum.* No Pſalmo 68. diz Chriſto noſſo Amor que ſe engolfára no mar , & que a tempeſtade o ſomergira : *Veni in altitudinem maris , & tempeſtas demerſit me* ; pois que mar foi eſte, meu Deos, que armou contra vòs a braueza das ſuas ondas, & que tempeſtade foi eſta, que vos ameaçou o naufragio ? quando conſta que os mares mais indomitos ſe aplacarão à voſſa preſença , & que as mais obſtinadas tempeſtades ſe tornarão, à voſſa viſtaem bonanças: no mar de Galilea, ao imperio da voſſa voz emmudecerão os ventos, no mar de Tyberiadis à poderoſa impreſſaõ dos voſſos pès, ſe congelarão as ondas, tanto mais obſequioſas quãto mais empedernidas , & ſe o mar he o campo em que de ordinario batalhão os Elementos, ſempre o mar foi o theatro em que mais campearão os voſſos prodigios : *Qualis eſt hic, quia venti, & mare obediunt ei.* Não acho fieis outro mar, em que Chriſto fizeſſe naufragio, mais que eſtas agoas em que hoje nauega o ſeu amor : *Veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me.* Entra hoje o Senhor neſte mar myſterioſo , & o meſmo Amor que o leua , leuanta huma tão terriuel tempeſtade, que do meſmo modo que hum nauio na mayor furia da tormenta, ſe precipita nos abyſmos, no meſmo inſtãte que leuado das ondas parece querer deſafiar as Eſtrellas. Aſſim neſta ſagrada tempeſtade que hoje ſe leuanta no Cenaculo, eſte meſmo Deos que ſobrepuja as mais ſublimes Gerarquias , arrebatado do amor, ſe arrojou aos pès de huns pobres peſcadores : *Cæpit lauare pedes diſcipulorum.* Neſta amoroſa tormenta os Anjos, & os homés perdem ao ſeu Deos de viſta ; os homens o perdem de viſta por leuantado, & os Anjos o perdem de viſta por abatido,

os homens o perdem de vista por leuantado , pois sobindo ao solio da diuindade alcança as mais soberanas independécias : *Sciens quia omnia dedit ei pater in manus* , & os Anjos o perdem de vista por abatido , pois lançandose aos pés dos homens, se exercita nos mais desprezíueis ministerios : *Cæpit lauare pedes Discipulorum.* Mas reparai com S. Hieronymo , que he muito menos perder a Deos de vista por grande, que perdelo de vista por humilde : *Minus est non pertingere nos ad Dei cognitionem propter altitudinem ejus , quam propter ejus humilitatem* ; que os homens percão a Deos de vista por grande, he priuilegio da sua incomprehé-siuel Essencia , mas que os Anjos, & os homens percão a Deos de vista por humilde, he excesso do seu amor infinito , as excellencias da Diuindade saõ os naufragios da nossa cegueira, mas as suas humilhaçoens , saõ os naufragios da sua propria grandeza. Não disse bem , sendo estes naufragios occasionados das tormentas do Amor , mais saõ triunfos q̃ naufragios, que as humilhaçoẽs do Amor saõ as suas coroas, & os abatimentos os seus trofeos.

He a romaã Rainha dos frutos, a coroa com que nace, he a insignia do seu imperio ; & he muito para aduertir , que o Sũmo Sacerdote trouxesse a hum fruto tão soberano na estremidade das vestiduras Pontificaes, antes que em qualquer outro lugar mais proporcionado aos luzimentos da sua nobreza : *Posuerunt malogranata in extrema parte Tunicæ* , dâ hum grande Expositor a razão deste mysterioso abatimento. Se a romaã he Rainha dos frutos pello diadema cõ que nace, tambem he o simbolo do Amor , pella milagrosa vnião dos bagos que encerra. Cada bago parece hum Planeta engastado no seu Epiciclo, com esta differença porèm , q̃ na suaue disposição destes saudaueis Planetas , não ha dissonancias nos mouimentos, nem contrariedades nas influencias, pois todos pacificamente habitão nos repartimentos da sua vegetatiua Esphera : logo vejase aos pès do Summo Sacerdote aquelle Monarca dos frutos, que sendo simbolo do

Amor

Amor ; mais ſe ha de inclinar para os rendimentos, que para os brios , que o Amor nos ſogeitos mais ſoberanos, ſempre ſe ſogeitou aos maiores abatimentos ; *Charitas enim per illa adumbrata omnium pedibus ſubjici, & ſub ipſis calcari deſiderat.* Na cabeça do meu Senhor todas as Coroas ſe aſſentão: *In capite ejus diademata multa.* Nas ſuas maõs diuinas todos os ſceptros ſe entregaõ: *Omnia dedit ei pater in manus.* E a feus ſagrados pés todos os imperios ſe ſometem: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus.* Porem nauegando o Amor por eſte mar de grandezas, leuanta a tempeſtade, dà com todas eſtas preeminencias nos baixos, & ſomergindo todas as coroas, os ſceptros, & os Imperios nas agoas do Lauatorio, tributa aos pês dos homens os theſouros da diuindade: *Veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me.* Nunca nauegou o Amor com maior pompa, porque nunca fez maior pompa da ſua humilhação, que as humilhaçoens da gloria, ſempre foraõ os triumfos da fineza ; aos pés dos Apoſtolos hauião os fieis de tributar hum dia os bens da fortuna: *Afferebant pretia eorum quæ vendebant, & ponebant ante pedes Apoſtolorum;* preuio o amor diuino eſte generoſo deſprezo da gloria temporal, engolfouſe no mar das ſuas finezas, & conſiderando que tinha todos os thezouros do Ceo nas mãos, com huma milagroſa preuenção todos os lançou aos pés dos ſeus Diſcipulos, que o amor verdadeiro ſempre ſe antecipa aos deſuelos da peſſoa amada , & ainda que ſe lhe ſogeite nos obſequios da vontade, ſempre affecta de ſe lhe auentajar nas demonſtraçoens da fineza. Duas vezes moſtrou o Sol a fineza do ſeu amor para com Chriſto, na Paixão, & na Reſurreição, na Paixão eclipſando as ſuas luzes: *Sol obſcuratus eſt* , & na Reſurreição deſpertando os ſeus reſplandores : *Valde mane orto jam ſole.* Não podia o Sol exceder a Chriſto na demoſtração do ſentimento, porque he inſenſiuel, procurou de ſe lhe adiantar na precedencia do tempo, porque na Paixão , não eſperou que Chriſto expiraſſe para ſe amortalhar em ſombras, mas antes preue-

nio a sua morte com hum repentino eclipse; & na Resurreição affirma S. Pedro Chrisologo, que o Sol entrára pizando sombras, & desterrando escuridades pellas rayas da noite, mais cedo do que costumaua, para assistir ao triunfo do seu Criador; & assim apressando este Monarca do dia o seu Occaso, na Paixão; & accelerando o seu nacimento, na Resurreição, intentou de se anticipar aos dous mayores empenhos do Amor diuino, ao empenho da morte precipitandose para as sombras, & ao empenho da Resurreição, madrugando para os resplandores: *Valde mane orto jam sole.*

Que solîcito, que ancioso foi o Amor do meu Senhor, em preuenir todas as emprezas dos Apostolos, & em os preceder em todas as suas jornadas no mar deste mundo. Erão os Apostolos destinados do Ceo para correrem todas as terras, & para lauarem ao mundo com as agoas do Bautismo; hauia S. Andre de bautizar a Cappadocia, S. Bertolameu a Armenia, S. Felipe a Scythia, San-Tiago as Espanhas, S. Iacome a Palestina, S. João a Asia menor, S. Matheus a Macedonia, S. Tadeo a Mesopotania, S. Thome as Indias, S Simão a Persia, & o Princepe dos Apostolos S. Pedro a Bythinia, a Galacia, Antiochia, & a cabeça do mundo Roma. Que faria o amoroso Iesu para preuenir estas emprezas, & para se anticipar a estes desuelos? Oh admirauel estratagema do Amor! Leuantase o Senhor da Cea, despe os vestidos, cinge huma toalha, debruçase nas agoas, abraça, beija, laua aquelles pés Apostolicos, que superando a altura dos montes mais empinados, & penetrando o interior das mais incultas soledades, hauião de correr todos os Reynos, & atraueſſar todos os Imperios para a dilataçaõ da Fee, & para a propagação da Christandade. Fauorece este meu pensamento a sentença de hum Padre da Igreja Grega: *Pedum hæc lotio, est præparatio ad opus Apostolicum*, os mysterios do lauatorio forão preludios para o Bautismo. Nesta mysteriosa ceremonia, preuenio o Amor diuino os intentos dos Apostolos, no mesmo tempo que lhe estaua lauando os pès, porque desejou

Chrisolog. Serm. 2 de Resurre Etinne in Barrad. Euangel. t. 4 l b 8. c. 5 p. 295. in hac die vult. solem proper sse, & tres horas illas, quas dici Eclipsis o ripuerat restituisse Sol, inquit, vt mone faceret, manica uit, & qui ante noctẽ fugerat, nunc ipse noctẽ pre uenit fugaturus, vt reddat luci nox horas, quas terror Dominicæ Passionis inuaserat.

Ex Theat. vit. humanæ. lit. C. conuersio p. 463. col.

desejou de bautizar todos os Reynos, & os Imperios, que elles hauião de lauar com as agoas do Bautismo. Venturosos Apostolos, sobre cujos pès hoje se derrama o Elemento que haueis de pôr hum dia sobre as cabeças dos Monarchas; bẽ afortunados Discipulos, cujas plantas hoje se lauão por aquellas mãos que dourarão as Estrellas: *Quam speciosi pedes Euangelizantium*, disse a vosso respeito o Apostolo S. Paulo. Prostrouse o Senhor aos vossos pès, porque haueis de exaltar o seu nome, santificou com suas mãos as agoas, com que haueis de santificar ao mundo, & considerando que as poucas horas que lhe ficauão para viuer, não lhe dauão tempo para vos acompanhar, rematou as vossas tam dilatadas viagens no breue destricto do Cenaculo, compendiou a vastidão dos mares que nauegastes, nas angustias de huma bacia, & assinalando ao seu amor nas anticipaçoens do seu cuidado, apurou os extremos da mais profunda humildade: *In finem dilexit.* Mas ay! que a esta tão prospera nauegação do Amor, se oppoem incuitaueis penedos nas resistencias de Pedro, & nas ingratidoens de Iudas; não suspende porèm o Amor o seu curso, não amaina as velas, não pâra, não arriba, mas antes vencendo resistencias, & atropellando ingratidoens, chega ao fim das suas finezas: *In finem dilexit.* Esta fieis he a segunda circunstancia desta nauegação, & a segunda parte deste discurso.

1 & ex Baronio Anno Christi 44. n. 24. & 25.

Apollinarius in Catena græca citatus à Nouarin. in Ioannẽ. p. 164. n. 592.

II. PARTE.

NAo ha pena que mais tyrannize hum coraçáo generoso, que o impedimento de huma victoria, tambem não ha gloria, que assim o alente, como a victoria deste impedimento. Anhelaua Ionathas â destruição dos Filisteos, & já estaua para os inuestir nos seus alojamentos, quando no mais arduo da empreza, encontrou dous horriueis penedos, que lhe atalhar ão o caminho, hum da parte do Meio dia, & outro da parte do Septentrião: *Vnus scopulus prominens ad*

Aqui-

Lib. 1. Reg. c. 14. v. 5.

Aquilonem, & alter ad meridiem. A que ſe reſolueria Ionathas neſte fatal empenho, em que a natureza lhe fazia maior guerra com as aſperezas dos penedos, que a meſma guerra com as armas dos Filiſteos? *Aſcendit*, diz a ſagrada Eſcritura, *Aſcendit autem Ionathas, manibus, & pedibus reptans*; formou Ionathas dos eſtoruos da ſua gloria, os incentiuos do ſeu esforço, & ſe os penedos lhe cortarão os paſſos, nam lhe cortarão as eſperanças, porque abraçandoſe com as brenhas, engatinhando pellos rochedos, acometendo ruînas, & deſafiando precipicios, ſobio ao mais empinado daquelles penhaſcos, rompeo as lanças, desbaratou os eſquadroens, penetrou os alojamentos do inimigo, & alcançou huma victoria, tanto mais digna de admiração, quanto mais difficultoſa de conſeguir: *Aſcendit autem Ionathas; & factum eſt miraculum in Caſtris.* Dous incontraſtaueis penedos ſe oppoem hoje às victorioſas emprezas do Amor diuino, Pedro, & Iudas, & tanto mais ſe oppoem, quanto mais ſe afaſtão, afaſtaſe Pedro por obſtinado, afaſtaſe Iudas por ingrato, mas a tudo chega o Amor, porque nas reſiſtencias ſe anîma, & nas tibiezas ſe encende. Tem o amor a calidade dos rayos, que de ordinario fazem mayores eſtragos, aonde achão mayores oppoſiçoens, & do meſmo modo que os Elementos, por antiperiſtaſis do contrario, tal vez mais ſe vnem; aſſim o Amor mais anhela à vnião, quando mais ſe affectão os apartamentos, & das durezas de hum coração empedernido, toma motiuos para mais apurar as ſuas finezas: *Amor*, diſſe lâ hum Antigo, *ſi cogas, ſolet intendi*: logo he força, que determine Pedro de quebrar a propria vontade, ou que ſe reſolua a quebrar com Chriſto. E tu Iudas, afronta do genero humano, & oprobrioſo parto da natureza, ſe te não renderes às ſuaues violencias do Amor, ſerà força que hum dia te arrebente o peito, que ſe finalmente ſe não abrãdar de amoroſo, ſe deſpedaçará de endurecido, que o coração, a que o Amor tomou por aluo dos ſeus tiros, ou ha de conceber ternuras, ou ſe ha de fazer em pedaços. Conſide-

Menand. in Stibæo.

remos

remos em primeiro lugar as reſiſtencias de Pedro, & as victorias do Amor: *Non lauabis mihi pedes in æternum*, diz Pedro ao Senhor. Perdoaime meu Deos, que me não he poſſiuel conſentir neſte aſſombro de rendimentos tão indignos da voſſa Mageſtade, & tão ſuperiores à minha vileza, & ainda que eſtejais inſiſtindo por toda a eternidade, por toda a eternidade hei de replicar: *Non lauabis mihi pedes in æternum.* Notauel reſolução! E ſerá poſſiuel, que Pedro opponha a eſtas tão amoroſas inſtancias do Senhor huma eternidade de porfias; ſi, porque eſtas porfias de Pedro (conforme diſſe o meſmo Senhor) ſaõ necedades: *Quod ego facio tu neſcis modo*, & os neſcios, huma vez que começarem a porfiar, hão de porfiar por toda a eternidade: *Non lauabis mihi pedes in æternum.* Mas de tudo triunfa o Amor, & ſaõ as ſuas victorias tão repentinas, que ſabe vencer eternidades n'hum inſtante. Ameaçou o Senhor a Pedro, & logo Pedro ſe rendeo, & ainda que as ameaças do Senhor pareção rigores da ſua juſtiça [pois ſentenceão a Pedro à priuação da ſua graça por huma reſiſtencia originada da humildade, mais q̃ da obſtinação) tenho para mim, que ſaõ argumentos do mayor amor, & demonſtraçoens da mayor fineza. Para proua deſta verdade, ſuponho outra muy celebre entre os amãtes, porque muy experimentada.

No Tribunal do Amor, todas as culpas ſaõ graues, todas as imperfeiçoens ſaõ delitos, & todos os peccados ſaõ mortaes, & a razão deſta tão riguroſa juſtiça he, porque as offenſas contra o Amor, não ſe pezão tanto pella graueza q̃ tem, como pello tormento que cauſaõ. Queixaſe o diuino Amante de huma ferida mortal, que recebeo da Alma ſua Eſpoſa: *Vulneraſti cor meum, amica mea ſponſa*; mas com que armas ſe fez eſta ferida, de que tanto ſe queixa o Eſpoſo; elle meſmo que o ſente o dirà: *Vulneraſti cor meum, in uno crine colli tui*; minha querida Eſpoſa, vos me feriſtes o coração com hum cabello, pois hum cabello foi ſufficiente pera fazer huma ferida? ſi, que na opinião de Origenes, pellos

Origenes homil 8. in Leuitic. 13.

cabellos se significão as culpas mais leues, os descuidos, os disprimores, as resistencias, & para hum coração que ama, estes cabellos saõ lanças, estas venialidades saõ homecidios, porque saõ feridas que se fazem no coração, & todas as feridas do coraçaõ saõ mortaes: *Vulnerasti cor meum in vno crine colli tui.* A resistencia de Pedro considerada em si, não passaua de huma venialidade, mas causou huma dôr tão viua ao coração do Senhor, que determinou de a manifestar no rigor dos castigos que lhe ameaçou: *Non habebis partem mecum*; descobrio o Senhor a chaga para solicitar o remedio, rompeo em ameaços para dar lugar às finezas, mostrou não querer mais amar, para amar com mayor empenho, & logo na consideração deste amoroso martyrio, Pedro que era mais que pedra na resistencia, abrandou de obediente, & se dantes porfiou em retirar os pès da bacia, offereceo as mãos, & a cabeça, que nas enchentes do amor, & nas monçoens da graça, o deixarse lauar da agoa, he sempre a mais segura nauegação. Assim triunfou o Amor das resistencias de Pedro, mas o triunfo que alcançou das perfidias de Iudas, me parece ainda mayor: porque na pessoa de Pedro o triunfo do Amor consistio em vencer as suas resistencias, & pello contrario na pessoa de Iudas, o triunfo do Amor consistio em não poder triunfar das suas ingratidoens: o Amor de Christo para com Pedro aliuiou as suas penas, com as esperanças de o render, & desafogou a sua dôr com os ameaços que lhe fez; mas o amor de Christo para com Iudas, nem teue esperanças com que se pudesse aliuiar, nem fez ameaços com que mostrasse que se queria vingar, foi hum amor desfalecido, sem esperança, foi hum amor agrauado, sem vingança; & estes saõ os mayores triunfos, a que póde anhelar a gloria de hum amante, não esperar nos desfalecos, & não se vingar nos agrauos. Vamos ao primeiro. Nas nauegaçoens do Amor succede o mesmo que nas nauegaçoens do Oriente; em quanto os nauios se detiuerem no Promontorio da Boa Esperança, não hão de leuar boa viagem, he necessario dobrē o ca-

o cabo, para chegarem ao cabo da jornada. Naõ de outra sorte nas naueguçoens do Amor, se não virardes as costas ao promontorio do interesse, não tomareis porto nas Indias do merecimento, & se naõ dobrardes o cabo da esperança, não haueis de chegar ao Oriente da fineza, que para o amor chegar a ser verdadeiramente fino, se ha de ostentar generosamente desinteressado. Estando Iacob para exhalar o vltimo suspiro, pedio a Ioseph seu filho, que não deixasse ficar os seus ossos no Egypto, mas que os leuasse para a terra de Chanaan no antigo sepulcro de seus pays, & que estimaria esta fineza por misericordia, & por verdade: *Facies mihi misericordiam, & veritatem.* Que o Patriarcha Iacob estimasse esta fineza de Ioseph por misericordia, naõ me admiro, que he obra de misericordia enterrar aos defuntos: *Facies mihi misericordiam*; mas que razaõ tinha para dizer, que tambem a estimaria por verdade? *& veritatem.* Oh que discreto andou Jacob no estylo desta petição; o fauor que elle pedia, era hum obsequio aos seus ossos: *Asportate ossa mea vobiscum*, & fazer obsequios a ossos de que se naõ pòde esperar nenhum genero de agradecimento, naõ só he misericordia, senaõ tambem verdade, porque he amor verdadeiro, & só quem ama com este desinteresse, ama com verdade: *Misericordiam, & veritatem.*

Genes. 47. v. 29.

Genes 50. v. 25.

Tal foi o Amor de Christo para com Iudas nesta vltima hora de sua vida; tinha Iudas as entranhas mais duras q̃ os ossos de Iacob, & com tudo as durezas deste penhasco animado foraõ o aluo das ternuras de Christo. Era Iacob morto â natureza, era Iudas morto â graça, & por isso foi o amor de Christo para com Iudas tão viuo, porque não se pòde esperar nada de hum morto; encareço mais o pensamento. Era Iudas sogeito taõ incapaz de dar boas esperanças de si, que desesperou de si mesmo, nada se podia esperar de Iudas, porque ja estaua sacrificado à desesperaçaõ, & empregar Christo todas as suas finezas n'hum sogeito em que estauão todas as esperanças perdidas, isso foi ser fino com

verdade, porque foi ser fino sem esperança : *In finem dilexit.* Mas se este diuino Amor se singularizou na pessoa de Iudas com não esperar nada dos seus desuelos, ainda mais se assinalou com não se querer vingar dos agrauos. Pozse o Senhor de joelhos diante de Iudas, lauoulhe os pés com mais lagrimas que agoas, assentouse com elle à mesa, & qual Pelicano amoroso alimentou-o com o seu sangue ; & no mesmo tempo estaua Iudas preparando na officina do coração o veneno que hauia de lançar contra o seu Bem-feitor. Sahio pois do Cenaculo, porque jâ estaua fôra de si mesmo, concertouse com os Iudeos, que só os Iudeos podião aceitar os concertos de hum Judas, reduzio a vil preço o thezouro do mundo, entregou a innocencia aos algozes, & conuencido do riguroso juiz da propria conciencia, verdugo, & homecida de si mesmo, se agenceou n'hum patibulo a mais ignominiosa das mortes : *Laqueo se suspendit.* Valhame o Ceo! exclama Santo Ambrosio. Que razão teue o Senhor para permittir q̃ Iudas se matasse a si mesmo, pois parecia mayor credito da diuina Iustiça, permittir que hũ rayo o abrazasse, que o despedaçasse huma fera, ou que a terra se abrisse debaixo dos seus pês paro o sepultar viuo no Inferno. Assim o pedia o rigor da diuina Iustiça, diz Santo Ambrosio, mas ao rigor da Iustiça, se opoz a clemencia do Amor, ou para melhor dizer, o Amor com esta clemencia acreditou a sua justiça, porque se algum destes desastres acontecera a Iudas, pudera imaginar o mundo, que o Amor diuino agrauado da execrauel aleiuosia deste infame traidor, lhe aparelhara o castigo com o ministerio dos Elementos ; & para o Amor diuino mostrar que não ha de encorrer para a morte de Iudas, deixarà ao mesmo Iudas a eleição da sua morte ; dissimularâ os agrauos para se não empenhar nos castigos, & alcançarâ este diuino Amante tanta gloria da sua piedade, & da sua dissimulação, que o mesmo patibulo de Iudas, virà a ser o trofeo da sua fineza : *Laqueo se suspendit*, diz Santo Ambrosio, *vt dum suo reus judicio damnatur, pietas Domini qui se*

Ambros. in Luc.

ipsum

ipsum nollet vloisei probaretur. Eu me enganei, ficis, a morte de Iudas não ſerâ outra couſa mais que huma vingança do Amor; mas que innocente ſerâ eſta amoroſa vingança, porque ſe o peito lhe ha de arrebentar depois de comungado: *crepuit medius*, he [a meu ver] porque tão grandes ſerão as reſiſtencias que elle farâ âs ſuaues violencias do Amor, que ſe ſentirâ o coração deſpedaçado, antes que enternecido, que como jâ diſſe no principio deſte ſegundo diſcurſo, o coração a que o Amor eſcolheo por centro das ſuas ſettas, ou ha de conceber ternuras, ou ſe ha de fazer em pedaços. Continuai logo a voſſa tão glorioſa viagem, ô diuino Nauegante, que ſe Pedro, & Iudas ſaõ os dous penedos que vos fazem as mayores reſiſtencias, jà hum ſe abrandou de amoroſo, & outro ſe deſpedaçarâ de endurecido; não ſe romperâ o baixel do Amor nas durezas do penedo, ſerâ o meſmo penedo o que ſe romperâ aos poderoſos encõtros deſte baixel, & as meſmas durezas com que hoje vos reſiſte, ſerão hũ dia os principios da ſua ruîna, & os fataes inſtrumentos do ſeu eſtrago. Mas he tempo que tomeis porto nos coraçoẽs dos homens, & q̃ acciteis os deſcanços, pois na inſtituição do Sacramento chegais ao fim das voſſas conquiſtas: *In finem dilexit.* Eſta, ficis, he a terceira circunſtancia deſta nauegação, & a terceira parte deſte diſcurſo.

III. PARTE.

COntra o aſſumpto deſta terceira parte, vejo que ſe me arma huma grande objecção. O aſſumpto he, que neſte dia o Amor chega ao fim da ſua nauegação, & a objecção que ſe pôde fazer contra eſte aſſumpto, he, que as nauegaçoens do Amor, não hão de ter fim. Não he verdadeiro amor aquelle que pâra, que o amor verdadeiro não deſcança: o Amor he hum mar ſem praya, he hum Sol ſem Occaſo, & hum Planeta ſem Orizonte; o Amor he huma flor que ſempre nace, he hum rio que ſempre corre, & huma chama que

ſempre arde; & eſta, na opinião do Abbade Ruperto, he a razaõ, porque no Leuitico Deos mandou ao Sacerdote, que não apagaſſe o fogo que ardia no Templo, que as chamas do Amor hão de ſer eternas, & não ſe paga Deos de hum amor que ſe apaga: *Ignis autem in altari ſemper ardebit.* Logo ſe os progreſſos do Amor não hão de ter fim, como poſſo eu prouar que neſte dia o Amor diuino chega ao fim dos ſeus progreſſos: *In finem dilexit.* Prouo a propoſição, & ſolto a difficuldade; he hoje o Amor tão engenhoſo, que ſabe pôr limite aos ſeus progreſſos, ſem limitar os ſeus deſuelos, o ſeu fim he não ter fim, porque atè quando acaba, então com mayor ardor principia; o mais eſtremado amor de Chriſto para com os homens ſe encerra em dous ſoberanos myſterios, no myſterio da Encarnação, & no myſterio da Paixão, a Encarnação foi o principio, & a Paixão o termo: *Conſumatum eſt*, diſſe o Senhor na Cruz. Que faria o Amor para perpetuar os ſeus ardores, & para eternizar os ſeus incendios? Vnio o Amor o fim com o principio, vnio a Encarnação com a Paixão, que ſe o Sacramento da Euchariſtia he (conforme enſinão os Padres) huma extenſaõ da Encarnação, & ſe o meſmo Sacramento he huma tacita repreſentação da Paixão do Senhor: *Recolitur memoria Paſſionis ejus*; com ſe vnirem eſtes dous myſterios no Sacramẽto; o principio ſe vne com o fim, & o Oriente com o Occaſo, o Oriente da Encarnação, com o Occidente da Paixão; não ſe contentou o Senhor com nacer huma vez polos homens, nem menos ficou ſatisfeito com morrer huma ſô vez por elles, inſtitue hoje o Sacramento para repetir os nacimentos, & para multiplicar os occaſos; todos os dias nace, & morre, nace pellas palauras do Sacerdote que o conſagra, morre pello myſterio da Paixão; que no Sacramento ſe repreſenta, & fazendo do Altar o ſeu berço, & o ſeu ſepulcro, perpetua os nacimentos para perpetuar os affectos, & eterniza as mortes para eternizar as finezas: *In hoc myſterio quotidie natus, veraciter immolatur*, diz ao meu intento S. Paſ-

Leuit. 6. v. 12. Rupert. in Leuit. lib. 1. cap. 29.

caſio.

caſio. Iſto he amar ſem fim , porque he vnir o fim com o principio, o nacimento com a morte , & o Preſepio com o Caluario. No Preſepio naceo o amoroſo Ieſu por trinta & tres annos de vida, & no Caluario morreo por tres dias, depois dos quaes reſucitou , mas no Sacramento eſtà ſempre nacendo, & morrendo, nacendo na conſagração,& morrendo na repreſentação ; no Preſepio começou a nauegação do Amor, no Caluario acabou, no Sacramento ſe eternizou , q̃ ſe o mundo duràra eternamente, eternamente hauia de durar o Sacramento, não acabará o Sacramento por falta do amor, faltarâ o Sacramento, porque ſe acabarâ o mundo : *In finem dilexit.*

Que glorioſas ſaõ as conquiſtas do Amor neſtes vltimos eſforços da ſua fineza. A mayor conquiſta que Deos pode fazer no imperio do mundo, he o coraçaõ do homem, porque como affirma S. Bernardo , nenhuma couſa mais ſe parece com Deos que o coração humano : *In omni creatura nihil humano corde Deo ſimilius reperitur.* Imita o coraçaõ humano os mayores attributos da diuina Eſſencia , imita a diuina Eternidade, porque na fabrica do mundo pequeno, he o coração o primeiro a nacer, & o vltimo a morrer. Imita a diuina independencia , porque as mayores violencias dos Tyrannos, não pòdem mudar a menor das ſuas reſoluçoens. Imita a infinidade, porque tudo abraça , imita a immenſidade, porque a tudo ſe eſtende, & ſe as perfeiçoens da diuina Eſſencia ſaõ incomprehenſiueis aos Anjos da mais ſublime Gerarchia, não pòdem as mais ſublimes intelligencias penetrar os penſamentos que o coração occulta : *In omni creatura nihil humano corde Deo ſimilius reperitur.* Deſta grande ſemelhança que o coração do homem tem cõ Deos, nace o grande deſejo que Deos tem de ſe vnir com o homẽ, que ſe Deos fora capaz de trabalho, ſô no homem hauia de tomar deſcanço. O dia ſeptimo entre todos os dias da primeira ſomana do mundo, foi o vnico dia em que a Eſcritura diz que Deos deſcançara: *Requieuit die ſeptimo* ; deſcanço ſu-

Bernard. lib. meditat. c. 7.

ſupoem o trabalho, na criação do mundo Deos não trabalhou, logo porque diz Moyſes que Deos deſcançou: *requieuit*, & ſe ſe pudera admitir trabalho em Deos, que priuilegios tem o ſeptimo dia para ſer o dia em que Deos deſcança? *die ſeptima*; dá Santo Ambroſio a razão, no dia antecedente ao ſeptimo, tinha Deos criado ao homem, & vendo Deos ao homem no mundo, logo achou em que tomar deſcanço. Tão facil foi a Deos o criar ao homem, como criar ao mundo, porque a criação de hum não lhe deu mayor trabalho, do que a criação de outro, pois nem hum, nem outro lhe deu trabalho, porèm como o mundo he compoſto de Elementos, que ſaõ ſogeitos incapazes de o amar, não deſcança Deos nos Elementos do mundo; pello contrario deſcança Deos no homem, porque o homem tem hum coração capaz de amor, & aonde Deos acha hum coração capaz que o ama, conſtitue o centro em que deſcança; Santo Ambroſio: *Lego feciſſe Solem, Lunam, & Stellas, non lego requieuiſſe, lego feciſſe hominem, & tunc inuenio requieuiſſe, fecit enim hominem rationis capacem, imitatorem ſui, cupidum cæleſtiũ gratiarum.*

Ambroſ. lib. 6. c. 19.

Mas que inſtantaneo foi eſte deſcanço de Deos no coração do homem, pois o homem logo no principio do mundo lançou a Deos de ſi, & tão longe ſe afaſtou da ſua graça, & da ſua viſta, que o meſmo Deos o buſcou no Paraiſo terreal, como ſe ignorara aonde ſe eſcondera: *Adam vbi es?* Apartado pois o homem do ſeu Deos, tornou Deos a buſcar meyos para ſe vnir com o homem, deceo do trono da ſua gloria, encarnou nas entranhas da Virgem, identificouſe cõ a natureza humana, & deſejando de ſe vnir com todos os indiuiduos da meſma natureza, entra hoje ſacramentado nos coraçoens dos homens, em que poem a baliza às ſuas empreſas, o non plus vltra às ſuas conquiſtas, & o glorioſo termo à ſua tão dilatada nauegação: *In hac diſpenſatione myſterij*, diz admirauelmente ao noſſo intento S. Cyrillo Alexãdrino, *in hac diſpenſatione myſterij, terminum nauiganti præ-*

Cyril. Alexand. lib. 2. in Iſai.

præfixit: Descançai, ò diuino Amante, que se p vosso descançar he amar, sendo os coraçoens o centro do amor, só os coraçoens pòdem ser o centro do vosso descanço. Mas ay, que Deos não ha de descançar no coração humano, se tambem o coração humano não descançar em Deos; & se no mar deste mundo nos não resoluermos a tomar porto no seyo da diuindade, não hauera para nòs descanço no mar deste mundo. No tempo do diluuio o mundo todo era hũ mar, sahio a pomba da Arca de Noé, mas não achando onde firmar os pès, voltou para a Arca; & se na liberdade achou o naufragio, no catiueiro recuperou o descanço; que he o mundo mais que hum mar tão fluctuante nas inconstãcias da fortuna, como procelloso nas tormentas da culpa: voltai para a Arca pombas errantes, almas vagabundas, infelices peregrinas que tanto aspirais ao descanço, voltai para o principio donde saistes, que se saistes das mãos de Deos, só no coração do mesmo Deos achareis os aliuios que buscais; no mar deste mundo não ha onde firmar os pès, nem onde ancorar os coraçoens; & porque Deos he o principio da vossa origem, só elle póde ser o fim da vossa bemauenturança: *Fecisti nos Domine ad te*, Dizia Agostinho, *& inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te.* Já chegamos ao fim da nauegação, recolhamos logo as velas, mas tambẽ recolhamos os affectos para os consagrarmos todos ao mais amoroso, & mais amante Esposo das nossas almas. Amantissimo Iesu, centrò dos nossos amores, deposito das nossas esperanças; que ingratidaõ serà a nossa, & que sentimento serà o vosso, se despois de tantos annos empregados no amor do mundo, não começarmos a vos sacrificar o nosso amor neste dia, em que o vosso chegado jà ao fim das suas emprezas, inteiramente se nos sacrifica: *In finem dilexit*. Chegastes ao fim das vossas humilhaçoens pellas agoas do lauatorio, abatendo a Mágestade de hum Deos aos pés dos homens; Chegastes ao fim das vossas finezas pello meyo dos penedos que se vos opuzerão nas resistencias de Pedro, &

nas ingratidoens de Iudas ; chegaſtes finalmente ao fim das voſſas conquiſtas, tomando poſſe do coração humano pella communicação do voſſo ſangue ſacramentado. Demos logo principio âs noſſas humilhaçoens, âs noſſas finezas, & âs noſſas conquiſtas, demos principio às noſſas humilhaçoens, ſogeitando as noſſas liberdades ao imperio das voſſas leys, & aos arbitrios da voſſa vontade; demos principio às noſſas finezas, offerecendouos os noſſos affectos por tributo , & as noſſas almas por ſacrificio, demos principio às noſſas conquiſtas , anhelando com huma ſanta ambição ao trono da voſſa Mageſtade, & ao centro da voſſa gloria. *Ad quam nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM

Na Profiſſam de

D. VIOLANTE. MARIA. GAETANA DE CASTRO.

No dia da Viſitação

No Moſteiro de Odiuelas.

Exultauit infans in vtero. Luc. 1. 41.

LIBERDADES empenhadas ſem offenſa do aluidrio, & aluidrios catiuos ſem prejuizo da liberdade, ſaõ os empenhos da Feſta, & os aſſumptos da Oraçáo. Eſtà hoje empenhada a liberdade de Deos humanado, do Bautiſta concebido, de Chriſto ſacramẽtado, & da Eſpoſa de Chriſto que profeſſa, porque todos eſtão hoje em clauſura; a clauſura de Deos humanado, he o ſeyo de Maria, a clauſura do Bautiſta concebido, he o ventre de Izabel; a clauſura de Chriſto ſacramentado, he o peito do Chriſtão, & a clauſura da noua profeſſa, ſaõ os muros déſte Real Moſteiro, em que tantas almas apartadas do mũdo paſſarão felicemẽte do valle de miſerias para Val de Flo-

res. E não me cauſa admiração a clauſura de ſogeitos tam ſoberanos como ſaõ Deos, o Bautiſta, & o Sacramento, pois vejo eſtão em clauſura as melhores producçoens da natureza. Na terra brota a roza encerrada no botão, no mar nace a perola fechada na concha, & no Ceo rodea o Sol encaixado no circulo da ſua luminoſa Eſphera; por onde ſendo Deos humanado huma perola formada das mais puras influencias do Ceo, & da melhor ſubſtancia dos elementos, he o ſeyo de Maria a concha em que eſconde o theſouro da ſua incomparauel belleza; & ſendo o Bautiſta huma roza que ſae aos primeiros albores da ley Euangelica para depois no occaſo da ſua vida rubricarſe com a purpura do ſeu ſangue, he o ſeyo de Izabel o botão em que milagroſamente florecendo, forma huma permanente Primauera de graças; ſendo finalmente Chriſto ſacramentado o Sol miſtico da Igreja, he o peito do Chriſtão a eſfera em que deſpende ſuas luzes, & porque a noſſa profeſſa imita hoje o candido da perola pello voto da caſtidade, pello voto da pobreza a modeſtia da roza, que ainda que Rainha das flores, tem ſó eſpinhos por ornato, & pello voto da obediencia os primores do Sol, que ainda que Rey dos Aſtros, parou, & retrocedeo obſequioſo às vozes dos homens, he o habito religioſo o botão deſta roza, he a cella a concha deſta perola, & deſta imitadora do Sol, he o claustro a Eſphera: muitas razoens tem logo a noſſa profeſſa de ſe alegrar na clauſura da Religião, pois nella aſſegura a ſua gloria no meſmo tempo que empenha a ſua liberdade; tudo neſta clauſura ſaõ motiuos de alegria, porque tudo ſaõ felicidades neſta clauſura; & que mayor felicidade que nos apertos de hum claustro emular a gloria do Verbo nas entranhas de Maria, o triunfo do Bautiſta no ſeyo de Izabel, & as finezas do Sacramento no peito do Chriſtão; na clauſura do ventre de Maria aſſombra Deos a natureza com o inexcrutauel de tão profundo myſterio, & na clauſura que celebramos fica a natureza admirada das circunſtancias de tão generoſa reſolução, & eſte he a primeira felicidade da noſſa

profeſſa,

professa, & o primeiro motiuo da sua alegria: *Exultauit*; na clausura do ventre materno triunfa o Bautista do Demonio com as armas da recuperada innocencia, & na clausura da Religião vence a nossa professa ao mundo pella efficacia da graça que a esforça, & esta he a segunda felicidade, & o segundo motiuo da sua alegria: *Exultauit infans*; na clausura finalmente do peito humano satisfaz Christo ao seu amor, descontando o mayor apartamento com a mayor vnião, & no claustro satisfaz a nossa professa ao ardente do seu affecto, deixando ao mundo para mais se vnir com Deos, & esta he a terceira felicidade, & o terceiro motiuo da sua alegria: *Exultauit infans in vtero.* Aqui temos toda a materia do Sermão; na primeira parte veremos a natureza admirada, na segunda o mundo vencido, na terceira, & vltima o amor satisfeito.

Aue Maria.

PRimeiramente, admirase a natureza, que sempre emprezas grandes occasionão assombros, & os successos que excedem a esperança, excedem tambem o credito, parecendo tal vez illusaõ do entendimento o que he motiuo da mayor admiração; affirma S. Paulo na Epistola primeira a Timoteo, que o mysterio da Encarnação apparecera aos Anjos: *Magnum pietatis Sacramentum, quod apparuit Angelis*, chama o Apostolo Aparição, o q̃ he mysterio, *apparuit*, porque não o podendo os Anjos alcançar, & não percebẽdo como na Encarnação o Verbo comece a ser o que não era, a saber homem, sem deixar de ser o que era, a saber Deos, como o Filho, que he huma mesma cousa com o Pay, & o Espirito Santo, se faça carne, & não tome carne tambem o Espirito Santo, & o Pay, como se achem duas naturezas em hũ supposto, & finalmente como a diuindade, para cuja grandeza he limitado theatro a vastidão do mundo, se reduza á breue esfera do ventre materno, ficão de tal modo attonitos, & assombrados, que lhes parece ser tão soberano mysterio hũa

apparição, huma viſaõ, huma illuſaõ : *Magnum Sacramentum quòd apparuit Angelis, apparuit* , diz Santo Thomas, *quia ſuper virtutem Angelicam, eſt ſcire hoc myſterium* ; verdadeiramente que ſe repararmos nas circunſtancias cõ que eſta eſpoſa de Chriſto entrou no Moſteiro, nos parecerà ver huma viſaõ, *apparuit*, porque meter o mundo debaixo dos pés em huma idade em que todos o trazem na cabeça, buſcar no aſpero da penitencia o deſcanço da vida, & nos apertos da obediencia o deſempenho da liberdade, apartarſe dos pays com os olhos enxutos, deſterrarſe da Corte ſem ſaudades, & ſobre tudo, não fiar de ninguem o ſegredo de hũa tão grande acção, ſaõ ſucceſſos que ſuſpendem os animos, & aſſombrão os entendimentos. A alma das grandioſas emprezas he o ſegredo, & mais realção as virtudes com o que tem de oculto que com o que manifeſtão de prodigioſo. Prometteo Chriſto aos Apoſtolos , que hauião de obrar mayores prodigios que os ſeus : *Qui credit in me, maiora horum faciet*. Eſtranha promeſſa ! Chriſto não deu falla aos mudos, viſta aos cegos, ſaude aos enfermos,& vida aos mortos ? Chriſto não refreou os ventos, não aplacou ás tempeſtades, não abalou a terra, não eclipſou o Sol, não perturbou a natureza,não confundio os Elementos ? pois que milagres fizerão os Apoſtolos, que leuaſſem ventagem a eſtes milagres de Chriſto ?

Reſponde com grande agudeza Dioniſio Cartuſiano, deſempenhou Chriſto eſta tão celebre promeſſa na peſſoa de S. Pedro, cuja ſombra obraua prodigios ; os milagres de Chriſto eſtauão patentes a todo o mundo, mas Pedro ocultaua com a ſombra os prodigios que fazia , & ocultar hum prodigio, tal vez he mais difficultoſo do que obralo, por onde cobrindo Pedro com a eſcuridade de ſua ſombra o reſplãdor dos ſeus milagres,quãto derogaua à luz, tanto acrecentaua à admiração : *Maiora horum faciet, Chriſtus enim non euidenter legitur vmbra ſua curaſſe infirmos* ; ex ahi como a noſſa profeſſa illuſtrou o prodigio da ſua vocação ao eſtado

Dionif. Carthuſ. in Ioan. 14 12.

Re-

Religioso, ocultou a empreza para que mais luzisse a acção, deixou o mundo primeiro que o mesmo mundo o soubesse, & bem se pudera dizer que tambem fez milagres cõ a sombra, porque â sombra de querer ver o Mosteiro, virou as costas ao mundo, entrou como leuada da curiosidade, sendo que era estimulada da graça, o pretexto era huma visita, & o intento era hum sacrificio, entrou como hospeda de poucas horas, para ficar victima consagrada a Deos todos os dias de sua vida. O segredo que se deue guardar com mayor recato, he o da vocação religiosa; nacco o Redemptor do mundo no mais profundo silencio da noite: *Dum medium silentium tenerent omnia*, transfigurouse na presença dos mais queridos discipulos, inculcandolhes o segredo: *Nemini dixeritis visionem hanc*, sacramentouse de noite: *In qua nocte tradebatur*, & morrẽdo na Cruz cubrio toda a terra com treuas: *Tenebræ factæ sunt super uniuersam terram*, logo se entrar na Religião he nacer ao Ceo, morrer ao mundo, sacramentarse em certo modo, & transfigurarse em Anjo, não se manifestem as excellencias deste nacimento, não se publiquem as glorias desta transfiguração, não se reuelem os mysterios deste sacrificio, & não se vejão os trofeos deste glorioso occaso. Escreue Plinio no liuro outauo da sua historia natural, que os veados fogem sempre com o vento, para que o pô que leuantão correndo encubra ao caçador as suas pizadas, & para o virtuoso liurarse das ciladas do Demonio, & dos enredos do mundo, ha de encubrir as causas do seu apartamento, & os sinaes da sua fugida, o que parece confirma o Profeta Rey no Psalmo dezasete: *Perficit pedes meos tanquam ceruorum*; fingem os Antigos que o generoso Perseo na contenda que teue com Medusa, saîra armado de hum capacete que o fazia inuisiuel aos olhos da contraria, carregauão os golpes sem que se visse o braço que os lãçaua, multiplicauãose as feridas, & não apparecia o offensor, por isso inuenciuel porque inuisiuel; abraçar o estado Religioso he pelejar com Medusa, porque he contrastar com a carne, & mouer

Plin. lib. 8. cap. 32.

moura guerra à natureza, & o segredo he o capacete cõ que os diseretos se fazem inuisiueis, ocultando as traças, & disfarçando os pensamẽtos para saîrem da peleja com successo; não he logo marauilha de que a nossa profissa saîsse victoriosa, pois nella esteue sempre encuberto o segredo, & tam encuberto, que nem com seus pays o communicou, sabendo q̃ nos sacrificios que se fazem a Deos, não se ha sempre de consultar o parecer dos parentes, & que as emprezas que mais nos acreditão, tal vez sa̅o diuertidas por aquelles mesmos q̃ mais nos amão.

Quando Deos mandou a Abraham lhe sacrificasse a Isaac, partiose elle com o filho, sem que desse conta a Sara. Que he isto Abraham? huma de duas, ou vos não lembra que sois o esposo de Sara, ou não aduertis que Sara he mãy de Isaac; se vos conheceis por esposo de Sara, para que he encubrirlhe hum segredo tão releuante? quando não admitte desconfianças o reciproco amor dos esposos: & se reparais em que Sara he mãy de Isaac, porque não lhe apresentais o filho para que lhe dê os vltimos abraços? que se he grande desconsolação para huma mãy ver o filho condenado à morte, tambem he grande aliuio para a sua pena o concederemlhe as vltimas prouas do seu amor nas demonstraçoens do seu sentimento. Que diseretamente desculpa esta acção o grande Chrisostomo, considerana Abrahão as razoens com que Sara se podia opôr à execução de tam riguroso mandamento, & temeroso de que não estalasse o coração de huma mãy tam affectuosa na cruel despedida de hum filho tão benemerito, leuantouse denoite, & à vista das Estrellas (que só os olhos do Ceo erão dignos de tão grande espectaculo) caminhou com grande constancia para o monte. Verdade he; que o amor de Abrahão para com Isaac não era inferior ao de Sara, mas como a alma de hum pay animoso pode mais com o excessiuo da dôr do que o coração de hũa mãy sentida, encubrio Abrahão a morte de Isaac a Sara, que como mulher sendo mais sogeita à violencia do sentimento,

Abraham jussus immolare filium, facinus tam audax Saram celat, neque ad matrem effert mã-

ha-

hauia de contaminar a pureza do sacrificio, acompanhando ao filho com lagrimas, que as lagrimas profanão os sacrificios, & huma victima pera ser agradauel aos olhos de Deos, ha de ser como Isaac sacrificada com olhos enxutos, ouçamos a S. João Chrisostomo: *Non vxorem animaduertebat Abraham, adeò omni ex parte integrum, Deo offerre sacrificium studebat, vt ne lachrymis quidem illud aut contentione aliqua inquinaret.* Fez a nossa professa com seus pays, o que Abraham fez com Sara, dissimulou o intento para enganar ao amor, desuiouse dos conselhos para euitar as resistencias, escusou as despedidas para não ver as lagrimas; em conclusaõ guardou o segredo para assegurar o sacrificio, & com admiração do mundo empenhou a liberdade antes de empenhar a palaura, & esta he a primeira felicidade, & o primeiro motiuo da sua alegria na clausura da Religião: *Exultauit infans in vtero.*

data; dei amantem nouit mulierẽ sed matrem; veretur ne pueri furto materiam subtrahat obsequẽdi Deo jubẽti; ne lachrimis sacra fædet, ne puero cum lorato injuriam imperãti arroget S. Basil. Seleuc. orat. 7. Chris. tom. 5. Serm. quod dispensatio rerum terrenarum.

II. PARTE.

VArias saõ as opinioens dos Padres em determinar a causa dos improuisos assaltos com que o Bautista perturba hoje o silencio das entranhas maternas; dizem algũs que saõ suaues violencias com que o menino procura sair ao encontro da inuisiuel Magestade que no seyo de Maria o visita: querem outros que estes saltos sejão pronosticos da sua morte, porque se o Bautista dà saltos no primeiro passo da vida, serà a sua morte o premio dos saltos de huma mulher desenuolta: *Pretium saltatricis mors est prothetæ:* ou digamos que o Bautista tão pouco medo tem da morte, que busca a saltos aquella que a todos assalta. Tem pera si Origenes, que estes inesperados mouimentos saõ demonstraçoens de jubilo, & argumentos de como o Bautista està solto dos grilhoens da culpa original, & eu das palauras de S. Basilio de Seleucia tomo motiuo para dizer, que preuendo o Bautista as honras que se lhe hão de fazer depois de nacido, mo-

ſtra de as querer pizar aos pès, & com deſprezos anticipados atropellar as grandezas do mundo : prodigioſa victoria! triunfa o Bautiſta do mundo antes de entrar no mundo, dâ de roſto ao contrario antes de lhe ver o roſto, como entendendo que o mundo he hum inimigo, que não ſe vence ſenão com eſtar apartado da ſua viſta, & que neſte genero de peleja a retirada occaſiona a victoria, & a auſencia aſſegura o triunfo. Duas prouas tenho deſta verdade. Eis a primeira. Ajuntou Ioſuê hum poderoſo exercito, poz com elle ſitio â Cidade de Hai, & como eſtiueſſe jà junto aos muros, em lugar de dar o aſſalto, leuantou o campo, recolheo os ſoldados, & fugio para as inhabitadas aſperezas de hum deſerto : *Ioſue, & omnis Iſrael ceſſerunt loco ſimulantes metum , & fugientes per ſolitudinis vias* ; vendo os moradores de Hai q̃ Ioſuê daua as coſtas, ſaîrão logo da Cidade como ſeguros da victoria, ſeguirão aos fugitiuos , alcançarãonos , apertarãonos, quando Ioſuê dando final à batalha virou com todos os ſoldados ſobre o exercito inimigo , rompeo pellas lanças , desfez os batalhoens, rebateo as violencias , desbaratou os eſquadroens, & reparou com huma inſigne victoria os aparentes eſcandalos da ſua fugida. Pois não era mais conueniente acometeſſe Ioſuê ao inimigo no ſeu forte, & não era mayor gloria ſua romperlhe as trincheiras , derrubarlhe os muros, arrazarlhe as fortalezas, ſaquearlhe as caſas , & ſepultalo debaixo das ruînas daquella meſma Cidade em que oſtentaua o ſeu valor, & fomentaua a ſua ambição. Reſponde o doutiſſimo Origenes na homilia outaua : *Hai interpretatur chaos, chaos autem habitaculum eſſe nouimus contrariarum virtutum, quarum Rex, & Princeps diabolus eſt* ; he a Cidade de Hai a figura do mundo , porque Hai quer dizer Chaos, & que outra couſa he o mundo mais que hum chaos em que todas as couſas andão laſtimoſamente deſordenadas, & confuſas ; ou digamos que neſta palaura Hai ſe no⁶ ſignifica o mundo, em que tudo ſaõ ays de queixoſos, & ſuſpiros de deſgraciados. Eſta Cidade pois de Hai, eſte chaoss

eſte

este labyrinto, este mundo, não se toma por assaltos, vencese com retiradas, as distancias saõ os aproxes, & as ausencias as enuestidas, quem a elle mais se chega, mais se chaga, & quẽ delle mais se aparta, mais o aperta; nesta traça engenhosa estribou a nossa professa a sua victoria, afastouse da Cidade de Hai, apartouse de Lisboa, desterrouse do mundo para o acometer com mayor esforço, deu as costas para dar a batalha, recolheose no Mosteiro para sair ao campo, cedeo para vencer, & fugio para triunfar. Venha a segunda proua da mesma verdade.

Saîrão os filhos de Israel do Egypto, abriose o mar vermelho pera lhes abrir o caminho, seguio-os Faraô com barbaro furor, engolfouse no estreito daquellas agoas milagrosamente suspendidas, quando tornando o mar a se vnir, ficou Faraô soçobrado nos horrores de huma repentina tempestade, que a hum tyranno tão sequioso de sangue, sô deuia seruir hum mar vermelho de sepulcro; mas o que mais he para aduertir, he que os Israelitas alcançassem huma tão insigne victoria no mesmo instante em que saîão do Egypto: em quanto se detiuerão na Corte de Faraô, forão catiuos, em se apartando della, saîrão victoriosos, & Moyses que em quanto morou no Paço não pode reduzir a obstinação de Faraô, deu fim às suas tyrannias, quando se encaminhou para o deserto; o Faraô das nossas almas he o Demonio, & o Egypto he o mundo, onde pera a nossa professa vencer a este Faraô, era preciso saîsse deste Egypto; passou tambem com pê enxuto pello mar vermelho, pois passou com desapego pellas obrigaçoens do sangue, & assim como os Israelitas ganharão a batalha estando como claustraes fechados entre duas paredes de cristal: *Erat enim aqua quasi murus à dextra eorum, & læua*, assim alcançou esta alma religiosa a victoria nos solitarios retiros de hum claustro, & a gloria a q̃ todos buscão na Corte, acompanhou-a no desterro; não saõ os homens como os Planetas que tenhão mayor virtude quando nas proprias casas se achão, que o mesmo Abrahão,

a quem Deos como a Planeta ſuperior tinha prometido huma poſteridade de Eſtrellas, foi obrigado a deixar a caſa pera acrecentar a gloria: *Exi de terra tua, & de cognatione tua*, mas antes ha de ſeruir a caſa paterna aos virtuoſos como o Oriente ao Sol de berço pera nacer, & não de eſfera pera luzir, lá hão de tomar as primeiras faiſcas pera na Religião deſpenderem as luzes, lá hão de nacer à natureza pera no clauſtro viuerem â graça, ou pera melhor dizer lá hão de morrer ao mundo, pera na clauſura nacerem ao Ceo, que ſe o meſmo Monarca das luzes morre a hum Emiſferio pera nacer a outro, juſto he morrão ao Emiſferio do ſeculo pera nacerem ao Emiſferio da Religião. Huma virtude por cõſtante que ſeja participa ſempre as inſtabilidades do Emiſferio em que viue, aſſim as Eſtrellas que os Aſtronomos chamão fixas, na minha opinião ſaõ errantes, porque ſeguem a perpetua volubilidade dos ſeus orbes; em quanto ellas ſe conſeruão na diſtancia em que a natureza as poz, ſaõ fixas, mas em quanto ſe deixão arrebatar daquellas rodas celeſtes em que eſtão encrauadas, ſaõ errantes. Oh roda do mundo, que de Aſtros ſeuas, que de Eſtrellas arrebatas, que ſe por atadas de algum bom deſejo parecem fixas, por eſtarem ſogeitas as vertigens da tua inconſtancia, ſe fazem errantes; o temor de Deos as refrea, a violencia porèm dos teus impulſos tal vez os precipita, era logo rezão, que pera a noſſa profeſſa ſe conſeruar Eſtrella fixa no centro da virtude, ſe deſataſſe com esforço da ſempre voluuel Eſfera do mundo?

Não reparaſtes nunca nas continuas variedades da Lua, como hora he noua, hora he cheà, & hora mingoante, como a deſfigurão as manchas, como a amortalhão os eclypſes? Pois tantas inconſtancias em hum Planeta, & tantos defeitos em hum corpo celeſte? Sim, que ſendo a Lua o mais baixo dos Planetas, mais participa à variedade dos Elementos; & como ſe póderà conſeruar illeza huma innocencia nas diſſoluçoens de hum ſeculo deprauado, quando atè os corpos celeſtes contrahem as imperfeiçoens dos ſogeitos a que

ſe

se chegão. Eu, dizia Seneca, não sou ambicioso : *Non ego ambitiosus sum*, mas na Corte de Roma em que assisto parece faltar às obrigaçoens de racional, quem se não deixa leuar dos estimulos da ambição : *Sed nemo aliter Romæ viuere potest* ; não me inclino a pompas superfluas : *Non ego sumptuosus sum*, mas em huma tão soberba Cidade não luz quẽ não gasta, & não estâ com credito, quem não viue com ostẽtação : *Sed vrbs ipsa magnas expensas exigit.* Ex ahi como nos desconcertos do mundo a mayor pureza se corrompe, a mayor constancia se abala, & a mayor santidade se peruerte. N'hum deserto antes que n'huma Cidade quiz Deos dar a ley ao pouo de Israel ; sabeis porque, pergunta Filo Hebreo; porque nas Cidades toda a ley he não guardar nenhuma ley, nellas domîna o luxo, reina a ambição, & triunfa o apetite, & se ha lugar no mundo pera a obseruancia das leys diuinas, só nos desertos se acha, & que mayor deserto do que o claustro, em que cada alma he huma solitaria, & cada cella hum ermo : neste deserto, nesta solidão duas vezes entrou a nossa professa, a primeira quando na mais tenra idade lhe procurarão os pays a melhor criação, & a segunda quando com inopinada resolução deu de rosto ao mundo ; a primeira vez entrou por obediencia, & a segunda por eleição, & esta segunda entrada leua ventajem à primeira, pois he voluntaria, que não ha catiueiro mais glorioso que o de huma vontade liuremente entregada. Na arca de Noê duas vezes entrou a pomba, a primeira a diligencias do Patriarca que a fechou, a segunda a impulsos da propria natureza, quando desaguado o diluuio, tornou com o ramo da oliueira. Que de pombas entrão na arca da Religião por instancia dos parentes mais que por eleição da sua vontade; mas não trazem estas pombas o ramo de oliueira em final de paz, que a paz he sô de aquellas que por sua vontade se catiuão ; onde pera a nossa professa mostrar a independencia da sua vontade na eleição da sua clausura, não se contentou com a primeira entrada, sahio, & assim como a pomba vendo os estragos do

diluuio, montes desfeitos, valles leuantados, & Cidades ſepultadas em mares de areas, tornou da liberdade dos campos à eſtreiteza da arca, do meſmo modo conſiderando a noſſa profeſſa os naufragios do mundo, como a proſperidade tem ſuas tormentas, a gloria ſeus ſobreſaltos, a Corte ſuas voltas, & a fermoſura ſeus eclypſes, tornou a ſe encerrar neſta arca myſterioſa, trazendo o ramo verde de ſuas eſperãças, que conſagrado a Deos, ſe conuerte em palmas pera a coroar vencedora de ſi meſma, & triunfadora do mundo, & eſta he a ſegunda felicidade, & o ſegundo motiuo da ſua alegria na clauſura da Religião: *Exultauit infans in vtero.*

III. PARTE.

A Terceira, & vltima excellencia deſta clauſura, he que aſſim como o amor de Deos para com os homens fica ſatisfeito pella vnião que com elles tem no Sacramento, aſſim o amor da noua profeſſa para com Deos ſatisfaz as ſuas anſias com a vnião que com elle neſta clauſura alcança; o Amor anhela ſempre à vnião: *Amor eſt affectus vnionis*, diſſe la o filoſofo, por onde introduz Platão nos ſeus Dialogos dous amantes pedindo a Vulcano que os lance ambos na fornalha, pera que reduzidos a cinzas componhão huma ſó ſubſtancia, & com permanente felicidade fiquem vnidos por meio da morte que a todos aparta; de muitas maneiras ſe vnio Deos com os homens, na criação, na encarnação, & na redempção, na criação communicandolhes o bafo, na encarnação tomando a natureza humana, & na Redempção concedendolhes a ſua graça, mas no Sacramento fica mais ſatisfeito o amor, porque he mais eſtreita a vnião no Sacramento, que neſte ſacroſanto myſterio não ſomente communica Deos o ſeu bafo aos homens, como quando os criou, ſenão tambem o corpo, a alma, & a diuindade, não ſomente lhes concede ſua graça como quando os remio; ſenão tambem a fonte de todas as graças, & não ſomente ſe vne com

a na-

a natureza humana, como quando tomou carne, senão tambem com todos os indiuiduos da mesma natureza; Deos na encarnação acreditou o seu amor, mas não o satisfez de todo, ostentou as finezas, não desafogou os desejos, porque là não se vnio senão com a alma, & o corpo de Christo; & aqui se vne com as almas, & os corpos de todos os Christaõs, aquella foi vnião de naturezas, & esta he vnião de pessoas, là acomodouse Deos à capacidade de hum sò sogeito, aqui communicase a diuindade a tantos sogeitos quantas saõ as almas que na comunhão o recebem; & tanto se agrada Christo desta vnião, que se lhe fora possiuel deixar ao Eterno Pay no Ceo, o deixara, para estar com os homens no Sacramento.

Tomo a proua deste encarecimento no capitulo segundo do Genesis; forma Deos a Eua, entrega-a a Adaõ, & Adão com estas primeiras palauras acredita o seu amor; esta he minha espoza, deixarà o homem seu pay, & sua mãy para nelle empregar todo o seu amor: *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea, quamobrem relinquet homo patrem, & matrem, & adhærebit vxori suæ.* Aqui reparo com Tertulliano que não se podem entender estas palauras da pessoa de Adão, pois Adão não tinha pay nem mãy a quem deixar para asistir a Eua, logo quem serà este homem que deixarà pay, & mãy para viuer com sua espoza? S. Paulo põderando este lugar diz: Christo he o homem, & a espoza a Igreja: *Relinquet homo patrem, & matrem, & adhærebit vxori suæ, sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo, & in Ecclesia.* Mas aperta mais a difficuldade, porque se Christo deixou taluez de asistir a sua mãy para acudir á sua Igreja, não podia nunca deixar ao Eterno Pay com quem està indissoluuelmente vnido por identidade de essencia: *Ego, & pater vnum sumus.* Responde S. Geronimo, para S. Paulo exagerar os incendios do amor diuino, supoem hum impossiuel, como se dissera, tão extremado he o amor que Christo tem à Igreja sua esposa que se por impossiuel

Ephes. c. 5 num. 32.

Ioan. 10. n. 30.

poſſiuel ſe pudera apartar do Eterno Pay, ſe apartara delle para viuer com os homens, deixaria ao pay no Ceo, & aſſiſtiria só às almas ſuas eſpozas no Sacramento : *Argumentatur Apoſtolus de exemplo Adæ tanquam de impoſſibili.* A mãtiſſimo Ieſu, diuino eſpozo das noſſas almas, bem ſei que não ha paga nos homens que ſeja igual ao voſſo amor ; & que os exceſſos da voſſa liberalidade não achão ſatisfação nas limitaçoeus do noſſo agradecimento, porém não poſſo deixar de aplaudir a ditoza correſpondencia de huma alma, a quem foi facil o executar por amor de vos, o que por amor noſſo não póde alcançar o voſſo poder infinito, não vos he poſſiuel apartaruos do Eterno pay por amor dos homens, & ella por amor voſſo ſoube apartarſe de ſeus pays, no meſmo inſtante que entrais ſacramentado no peito do Chriſtão, no Ceo do Eterno Padre fiquais glorioſo, & ella ſe auſentou da caſa paterna logo que vos eſcolheo por eſpozo, que o amor não fica ſatisfeito ſenão com a maior vnião, & para huma alma ſe vnir com Deos, ſe ha totalmente de apartar do mundo.

D. Hieronim. apud Coſtade Sacram. Euchariſt.

Enſina a Filoſofia que dous ſogeitos de diferente natureza não ſe podem vnir ſe hum não ſe deſpoja das proprias qualidades para transformarſe no outro, para as agoas ſe leuantarem no ar, ſe exalaõ em vapores, & para os vapores tornarem à terra ſe reſoluem em chuuas ; para Deos ſe vnir com os homens ſe fez corporeo, & para o homem ſe vnir cõ Deos, ſe ha de eſpiritualiſar ; & aſſim quando os Apoſtolos ſe conhecerão deſapegados da terra: *Ecce nos reliquimus omnia*, então ſe chamarão ſequazes de Chriſto, *& ſecuti ſumus te.* Que a vnião que ſe alcança com Deos, he ſempre conſequencia do deſapego da terra, iſſo meſmo enſinarão ja os Platonicos dizendo, que as almas dos defuntos voauão ao Ceo, mas que não chegauão ao trono de Deos, ſenão depois de ter paſſado pello centro de cada Planeta para apurarſe nelle de todas as ſuas imperfeiçoens ; de maneira que deixauão na Lũa as inconſtancias, em Mercurio os enganos, em

Venus

Venus as laſciuias, no Sol a ambição, em Marte as inimizades, em Saturno a enueja, & no reſtante dos Aſtros todos os mais defeitos. Os Planetas em cujo centro a noſſa profeſſa ſe deſpoja das qualidades terrenas para ſe vnir cõ Deos, ſaõ os tres votos da Religião, pobreza, caſtidade; obediencia; com a pobreza ſe deſpoja dos bens da fortuna, com a caſtidade dos bens do corpo, com a obediencia dos bens da alma; no deſpojo dos bens da fortuna ſacrifica as riquezas, no deſpojo dos bens do corpo ſacrifica as delicias, no deſpojo dos bens da alma ſacrifica o aluidrio, com o ſacrificio das riquezas vence a cobiça, com o ſacrificio das delicias mortifica a concupiſcencia, com o ſacrificio do aluidrio catiua a vontade; pella victoria da cobiça, triunfa do mundo, pella mortificação da concupiſcencia, triunfa da carne, pello catiueiro da vontade triunfa de ſi meſma; o triunfo do mundo a faz ſuperior aos homens, o triunfo da carne a igualla aos Anjos, o triunfo de ſi meſma a vne com Deos. Oh vẽturoſo deſapego, oh glorioza vnião, venturoſo deſapego da terra, glorioza vnião com Deos; troquemſe logo os ſentimentos em parabens, & as lagrimas em applauſos: *Exultauit infans in vtero.* Tudo neſta clauſura ſaõ motiuos de alegria, porque tudo ſaõ felicidades neſta clauſura; admiraſe a natureza, veſe o mundo vencido, fica o amor ſatisfeito; admiraſe a natureza das extraordinarias circunſtancias de huma tão grande acção; veſe o mundo vencido pello feliz ſucceſſo de huma tão glorioza fugida, fica o amor ſatisfeito com a poſſe de huma tão eſtreita vnião com Deos. *Ad quam nos perducat.*

SERMAM
DA
PAIXAM,
PREGADO
Na Capella Real.

Silete à facie Domini, quia præparauit Dominus hostiam. Sofoniæ 1.

Muito Altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos.

Philo Hebr. de plantat. Noe.

IMAGINOV a Hebraica Filosofia, que acabadas as obras da criação, chamára Deos aos Anjos a conselho, & que lhes perguntára se a fabrica do mundo lhes parecia cabalmente perfeita. Por todos respondeo hum dos Anjos, que a fabrica do mundo tão varia na sua vnião, & tão vnida na sua variedade, ostentaua tantos prodigios, quantas erão as partes que a compunhão; mas que pera o seu vltimo complemento necessitaua de huma tão poderosa voz, que fazendose intelligiuel em todas

das as partes do vniuerſo, manifeſtaſſe com eloquencia o poder, & a ſabedoria de hum tão grande Architecto; o que na eſtimação dos Anjos, ſe requeria no mundo pera conſeguir o cabedal de ſuas prendas, me parece hoje neceſſario â Igreja pera exprimir o lamentauel de ſuas dores; neceſſitaua o mundo de hum Orador pera os applauſos, neceſſita hoje a Igreja de hum Prégador pera os ſentimentos: não hauia voz que manifeſtaſſe os prodigios que Deos fez na criação do mundo, & não ſe achão hoje lingoas ſufficientes pera exprimir os tormentos que Chriſto padece pella Redempção do meſmo mundo. Com hum aſſumpto de tanta laſtima nam pòdem acertar os homens por magoados, que ſempre as magoas do coração ſaõ deſconcertos do entendimento, & ſentio pouco quem ſoube diſcorrer muito. Pera repreſentar huma tão laſtimoſa Tragedia ſaõ tambem incapazes os Anjos, pello que de ſentidos chorão amargamente: *Angeli pacis amare flebant*: ſendo certo o ſecaremſe as correntes da eloquencia, quando manão as fontes das lagrimas: finalmẽte tambem a Diuindade parece que emmudece â viſta de hũ tão triſte eſpectaculo, porque ſe o Filho he a palaura do Pay: *Verbum Patris*, pello ſilencio de hum Filho tão paciente, eſtâ como emmudecida a palaura do Pay: *Sicut mutus non aperiens os ſuum.* Eſta he a cauſa pola qual entre todos os aſſumptos, que pera eſta funebre Oração me offerece a Eſcritura; tomei eſtas quatro palauras do Profeta Sofonias, com que em hum dia de tanta pena, elle nos exhorta mais ao ſilencio, que ao diſcurſo, *Silete à facie Domini, quia præparauit Dominus hoſtiam.* Que as palauras do Profeta ſe hajão de entender da Paixão de Chriſto, o affirma Hugo Cardeal: *Præparauit Dominus hoſtiam acceptabilem, filium ſuum vnigenitum immolandum in cruce.* E que a Paixão de Chriſto ſeja mais pera admiraçoens emmudecidas, que pera lingoas eloquentes, eu o prouo com tres razoens tiradas de tres circunſtancias que em hum ſacrificio ſe requerem: & niſto me conformo com as palauras do meu Thema, em que o Profe-

Iſai. 33.

Hugo Cardeal tom. 5. in hac verba Sofonia.

ta chama a Christo victima, & a sua Paixão sacrificio: *Silete quia præparauit Dominus hostiam*, ou segũdo a lição dos Setenta: *Præparauit Dominus victimam suam.* As tres partes que compoem hum sacrificio, saõ a victima sacrificada, os ministros que a sacrificão, & os assistentes ao sacrificio: a victima deste sacrificio he Christo, os ministros saõ os Iudeos, & os assistentes saõ os fieis que me ouuem. A todos tres representarei neste Sermão por tres differentes razoẽs emmudecidos: Christo que he a victima emmudece por affligido: os Iudeos que saõ os ministros, calãose por confusos: & os Christãos, que saõ os que assistem, não fallão por compassiuos; a afflicção he causa do silencio de Christo: esta he a primeira parte, a confusaõ he causa do silencio dos Iudeos, esta he a segunda, a compaixão he causa do silẽcio dos Christãos, esta he a terceira; & era bem justo que sendo este o mayor sacrificio: *Præparauit Dominus victimam suam*, a este se cõsagrasse o mayor silencio: *Silete.*

I. PARTE.

ACabada a Ceа caminha Christo com seus Discipulos pera o Horto de Getsemanì Da estreiteza do Cenaculo lhe Christo â liberdade do Horto a tomar ar contra o ardente da amoroza febre, em que se abrazaua; mas sendo ainda este desafogo remedio pouco pera tão augmentado ardor, começou a entrar em ansias mortaes, & apertos do coração: *Cæpit contristari.* Ou digamos que qual flor do campo: *Ego flos campi.* Mudandose hoje pera o ameno do Horto, imita bem a natureza das flores, que transplantadas pera os jardins, ou cahem desmayadas, ou se murchão desfalecidas: *Cæpit contristari, & mæstus esse.* Entre rigurozas penas, & mortaes afliçoens começou Christo a temer, & a tremer, sem duuida diz o Padre S. Cypriano, que no Horto vio Christo debuxados todos os instrumentos das dores que na paixão hauia de padecer; os objectos, que pera os olhos

olhos dos mais podião ſeruir de aliuio, ſe lhe repreſentauão crueis verdugos, que lhe hauião de tiranizar o corpo: *Dolorum omnium viua illi objecta eſt in Horto imago.* Via Chriſto no encarnado das roſas a purpura, com que por ignominia lhe cobririão os hombros; nos eſpinhos diuiſaua a Coroa, que por eſcarneo lhe porião na cabeça; no roxo das violetas aduertia eſtampados os vergoens dos açoutes, & na copa dos lirios ſe lhe formaua o Calix das ſuas amarguras; contemplaua nos troncos das aruores o peſado madeiro da Cruz, parecialhe que aſſim como ellas eſtendião os ramos, lhe eſtenderião nella os braços; là achaua nos crauos, os com que lhe hauião de pregar as maõs, & nas canas a lança, com que lhe treſpaſſarião o lado; preuia no mouimento das folhas, a inconſtancia de Pedro; no fugitiuo das fontes a fugida dos diſcipulos no ruido das agoas, o alarido dos algozes, & o que mais que tudo o magoaua era conſiderar no retirado daquella ſoledad a ſoledad, em que hauia de ficar ſua Mãy: *Dolorum omnium viua illi objecta eſt in horto imago.* Aſſombrado o Senhor com huma tão viua repreſentação de ſuas dores, emmudeceo, que as dores quando ſaõ intenſas no ſilencio com que ſe encobrem, tem a Rhetorica com que ſe explicão: *Cæpit contriſtari, & mæſtus eſſe.*

Confeſſo, com os Euangeliſtas, que Chriſto fallou no Horto, mas ſe reparares, forão as palauras que diſſe, mais pera moſtrar o zelo que tinha da gloria do Pay, que pera manifeſtar a dôr que padecia da cruel morte, que ſe lhe repreſentaua; & ſenão vede-o nas meſmas palauras com que ora o Pay: *Pater mi ſi poſſibile eſt tranſeat à me calix iſte*; ao Pay chama ſeu, *Pater mi*, mas não chama ſeu ao calix, *calix iſte*, como ſe diſſera a Deos, Senhor vôs ſois meu Pay, *Pater mi*, mas o calix não he ſô meu, he tambem voſſo eſte calix: *calix iſte*, he meu porque ſou homem, & he voſſo porque ſou homem Deos, pello que tenho de homem padecerei os tormentos, mas pello que tenho de Deos, participareis vôs tambem dos agrauos, & aſſim não me queixo dos tormẽtos;

porque saõ meus como homem (que occupado o coraçam com o excessiuo das dores, não deixa liure a lingoa pera as queixas) representouos só os agrauos, que pello que tenho de Deos, saõ vossos: de sorte que chegar Christo a fallar, he mais por zelo da gloria que se deue a seu Pay: *Pater mi*, que por sentimento das penas que o atormentão, *calix iste*, falla por zeloso, porque o zelo não he efficaz se não he eloquente, não falla por sentido, porque o sentimento não he eloquente, se não he mudo, *Silete*. Supposto isto era força que rotas as veas, & rasgadas as arterias lhe sahissem de todo o corpo correntes de sangue, porque se costumauão os Hebreos rasgar o vestido em detestação dos agrauos q̃ se fazião a Deos, como entre outros fez o Princepe dos Sacerdotes, imaginãdo ter dito Christo huma blasfemia injuriosa â diuindade, quando protestou ser filho de Deos: *Tunc Princeps Sacerdotum scidit vestimenta sua dicens, blasphemauit*. Iusto era, que Christo rasgasse tambem o seu vestido, em demonstração do sentimento, que tinha das blasfemias, que dirião os Iudeos contra o decoro da sua diuindade; & como o vestido de Christo seja o corpo com que traz encuberta, & disfarçada a magestade de hum Deos homem: *Pelle, & carnibus vestisti me*, he razão se rasgue logo este vestido, abrindoselhe o corpo por muitas partes, que não he bem se conserue inteiro o vestido da sua humanidade, quando os homens cottão pella honra que se deue a Deos; & nesta occasião mais que em qualquer outra se assinalou o grande zelo que Christo tinha da gloria do seu Eterno Pay (affirma o grande Taulero) porque se os Iudeos não rasgauão mais que o insensiuel dos vestidos, rasgou Christo o mais viuo do coração em tantas partes, quantas forão as fontes de sangue que por todo o corpo lhe rebẽtarão: *Neque enim vt Iudæi vestimenta scidit, sed omne perrupit corpus suum, ita vt sudor sanguineus ex cunctis membris illius erumperet.*

Tayler. de vita Christi cap. 7.

Por outra circunstancia do que sucedeo no Horto de Getsemanì, consta que Christo fallou mais pera exagerar

os

os agrrauos, que na ſua morte ſe fazião a Deos, que pera encarecer as penas que elle meſmo hauia de padecer. Affirma S. Mattheus que Chriſto eſtaua proſtrado em terra, no meſmo tempo que falaua com o Pay : *Procidit in faciem ſuam orans.* A voz de Chriſto feria o Ceo : *Pater mi*, & a ſua boca tocaua na terra : *Procidit in faciem ſuam.* Porque pera os intereſſes do Pay era tudo voz, & pera as moleſtias que os homens lhe hauião de dar na terra, era tudo ſilencio, confederaua neſta acção a actiuidade do zelo com o paſmo do ſentimento, moſtraua pellas palauras que proferia, que era filho de Deos : *Pater mi*, & que não parecia juſto, que a innocencia de hum Deos foſſe ſacrificada â maldade dos homens, eſta he a actiuidade do zelo, & da outra parte, pondo a boca em terra : *Procidit in faciem ſuam.* Significaua, que a barbaridade dos homens executada na innocencia de hum Deos lhe cauſaua hũa dor inexplicauel, & eſte he o paſmo do ſentimento. Se a juſtiça diuina foſſe capaz de errar no caſtigo dos delinquentes, diſſera que ſegue neſta occazião o eſtylo da humana ; a juſtiça dos homens caſtiga os reos em eſtatua, quando os não póde punir em peſſoa ; aſſim o delinquente que foge diſfarçado, ſofre ſempre na aparencia do retrato, as penas que hauia de padecer na realidade do corpo, o meſmo acontece hoje na peſſoa de Chriſto ; o homem, que anda diſfarçado com a ſemelhança que tem com Deos : *Fecit Deus hominẽ ad ſimilitudinẽ ſuam.* Eſcapa das mãos da diuina juſtiça, mas Chriſto ; que ſe manifeſta com a ſemelhança que tem de peccador : *In ſimilitudinem carnis peccati, & habitu inuentus vt homo*, experimenta os rigores da meſma juſtiça ; não ſe caſtiga hoje a peſſoa do peccador, a figura do peccador he a que ſe caſtiga hoje, padece em eſtatua o homem, que hauia de padecer em peſſoa, onde porque parecia, que a juſtiça diuina deſacertaua a execução deſte caſtigo ; affirma Chriſto que he Filho de Deos, ainda que tenha a figura do peccador, *Pater mi* ; a voz que Chriſto lãça ao Ceo, declara que he Filho de Deos, & a boca que poé

Rom. 3.

em

em terra manifesta que he figura do peccador, mas cõ esta differença; que pera se declarar Filho de Deos, falla, *Pater mi*, & pera se manifestar figura do peccador, não falla: *Procidit in faciem suam*, pera se declarar Filho de Deos falla, porque manifesta a sua innocencia, & a innocencia fica desemparada quando não tem orador que a patrocine: *Pater mi*, mas pera se mostrar figura do peccador não falla, porque quer declarar a sua pena, & huma pena quando he excessiua não ha lingoa que a declare: *Procidit in faciem suam*. Estaua Christo no mais profundo da contemplação, & do silencio, quando huma esquadra de soldados o assalta, & com inaudita violencia o leua pera as casas dos Princepes dos Sacerdotes. A afflicção como temos visto nesta primeira parte, foi causa do silencio de Christo, victima innocente deste sacrificio, mas as razoens com que determino de confundir a fereza dos ministros que a sacrificão, serão tambem a causa do seu silencio, & materia desta segunda parte: *Silete à facie Domini qui a præparauit dominus victimam suam.*

II. PARTE.

QVatro forão os principaes ministros deste sacrificio, a saber Iudas, os Soldados, os Iuizes, & os Algozes: Iudas entregou Christo aos Soldados, os Soldados o leuarão pera os Tribunaes dos Iuizes, os Iuizes o entregarão aos Algozes, & os Algozes o pregarão na Cruz. A tão grandes excessos se estende a violencia destes quatro ministros, que não tem desculpa nenhuma, como consta claramente pellas razoens que dão quatro dos mais inclitos Doutores da Igreja S. Epiphanio, S. Agostinho, S. Ambrosio, & S. Bernardo. A Iudas conuence S. Epiphanio, aos Soldados confunde S. Agostinho, aos Iuizes processa S. Ambrosio, & aos Algozes condena S. Bernardo; & sã̃o tam poderosas as razoẽs destes quatro Doutores, que os quatro ministros se verão obrigados a hum oprobrioso silencio, porque não tem a mal-

dade

dade argumentos contra as concluſoens da rezão : *Silete.* Comecemos por Iudas : o mais rico, & o mais prodigo mercador que atè agora houue no mundo foi Iudas. Foi Iudas o mais rico mercador do mundo, porque teue na peſſoa de Chriſto o thezouro em que Deos tinha depoſitado as ſuas mayores riquezas : *In quo ſunt omnes theſauri ſapientiæ, & ſcientiæ Dei* ; foi tambem o mais prodigo, porque em lugar de encarecer hum thezouro de tão infinito valor, o reduzio a tam vil preço, que o largou por trinta reaes : *Conſtituerunt ei triginta argenteos.* Vem cá ô ſacrilego diſperdiçador dos theſouros celeſtes ; ſe a falta de dinheiro te obriga a vender a Chriſto, porque o entregas a ſeus inimigos, que como o não conhecem, não o eſtimão ? Se o apreſentares â Magdalena, ſou certo que ſe não contentaria de comprar a liberdade, & a vida de ſeu diuino Eſpoſo com trinta reaes, quando conſta que ſó pera lhe vngir os pés, gaſtou trezentos : *Poterat enim vnguentum iſtud venundari pluſquam trecentis denarijs* ; & ſe a tua cobiça paſſaſſe mais adiante, bem o podias offerecer â Virgem ſua Mãy, que ſem duuida o reſgataria da cruel tyrannia dos Iudeos, ou com o exceſſiuo valor das perolas que derramaria de ſeus olhos, ou com o preço ineſtimauel dos rubîs de ſeu ſangue, pera o que ſe abriria a mina de ſuas veas; mas ay ! exclama S. Epiphanio , que nam he a falta de dinheiro a que obriga a Iudas a eſta venda, pois tinha a bolſa do Apoſtolado, exceſſo he do odio que ſacrilegamente o precipita : *Iudæ Dominus tradidit marſupium, vt inexcuſabilis eſſet :* Oh impio, ô ingrato, ô inhumano, entregas o innocente aos culpados, o Senhor aos ſeruos, o Iuiz aos reos, & hum vniuerſal Bemfeitor a tantos malfeitores ; que reſponderâs a tantas ſemrazoens, quando nunca pera a ſemrazão, nem houue rezão, nem houue deſculpa : emmudece pois confuſo, & aſſombrado, que ha obras raes, que cabendo na maldade, pera que ſe executem, não cabem por enormes na lingoa, pera que ſe deſculpem : *Silete.*

Marc. 14. 5.

Epiphan. lib. cõtra. hæreſ. 38.

Vejo porèm que a impiedade dos ſoldados cegos, & a-

 creui-

treuidos, & por iſſo atreuidos, porque cegos, arremete ao manſiſſimo Ieſus; atãolhe as mãos; lançãolhe cordas ao peſcoſſo, & com furor mais que de feras o arraſtão pelas ruas ſem dor, ſem laſtima, & ſem piedade; parai barbaros, parai, não vos alembra, que eſſe homem que leuais preſo, he o meſmo a cuja viſta no Horto de Getſemanì, ou aſſombrados da mageſtade, que nelle viſtes, ou confuſos do horror da maldade que intentaueis, cahiſtes por terra amortecidos; o meſmo he que então compadecido vos leuantou, querendo antes obrigaruos com o beneficio, do que caſtigaruos com o poder: *Oh inſenſati Judæi.* Conclue S. Agoſtinho: *Interrogaſtis, & cecidiſtis, leuati eſtis, & ingrati eſtis, qua vos concuticmini commiſeratione vel tremore.* Ah! inhumanos, he o voſſo crime inexcuſauel, porque nem vos atemorizão os rigores da juſtiça, nem tam pouco vos ganhão as branduras da miſericordia: *Silete.* Deſejara, de que ſe acabaſſe aqui o diſcurſo, pera não ſer teſtemunha das deſcompoſtas vozes, & infernal deſatino, com que eſta infame ſoldadeſca tratou a Chriſto nas caſas dos pontifices; das bofetadas que lhe derão, dos crueis açoutes com que no atrio de Pilatos o ferirão, & de todos os mais tormentos, afrontas, & injurias, cõ que por toda a noite o magoarão, que ſegundo o ſentir de S. Ieronimo forão tantas, que sò no dia do juizo ſe poderà ſaber quantas forão, ficando o cabal conhecimento de todas reſeruado ſó a Deos, ſegundo o do Pſalmiſta: *Tu ſcis improperium meum.* Não poderei com tudo deixar de ponderar a rezão, que teria Pilatos pera que a Coroa que mandou por a Chriſto na cabeça, foſſe de eſpinhos, porque ſe os Romanos coſtumauão de proporcionar a qualidade das coroas cõ a grandeza das façanhas, Pilatos que era Romano, & que conhecia a innocencia de Chriſto, porque ſe eſquece de hũ tão louuauel coſtume com tão grande diſcredito da juſtiça? Não ſabeis Pilatos, que a Chriſto he deuida a coroa de louro como ao triunfador do peccado, a coroa de carualho como ao libertador não de hum ſó Cidadão, ſenão de todos os Ci-

Auguſt. ſerm. 46. in ſer. 3. Palm.

da-

dadoens do Mundo: a coroa de oliueira como ao author das pazes concluidas entre Deos, & o homem, a coroa de murta como ao deſtruidor dos piratas infernaes; & a coroa de ouro como ao Primogenito dos Monarcas, porque logo lhe dais a coroa de eſpinhos: deuida ſó ao maior dos malfeitores? Oh miſterioza crueldade, que declara o maior priuilegio na eleição do maior tormento! de todas as coroas a mais firme, & a mais conſtante na cabeça de quem a traz, he a coroa de eſpinhos: coroas de louro, coroas de murta, coroas de oliueira, o que tendes de menos picantes, iſſo tendes de menos ſeguras: ſó a coroa de Chriſto he permanente, porque lança raizes, & como podera lançar raizes, ſe naõ fora compoſta de eſpinhos: iſto parece quiz dizer S. Ambroſio com eſtas palauras: *Honoratum exitum produnt cum pungentes coronant.* *Ambroſ. lib. 10. ſc. 23. Luc.*

O que poderia de algum modo deſculpar a Pilatos das feridas, que permitio ſe fizeſſem no ſagrado corpo de Chriſto, he a tenção que tinha de abrandar a furia do pouo com a repreſentação de hum tão laſtimoſo objecto: mas vejo que a ambição, que tem de ter a Ceſar por amigo, lhe cauſa huma irreparauel ruina. A hum pouo por rude, que ſeja não faltão eſtratagemas, quando medita eſtragos: pera empenhar a Pilatos a que condene a Chriſto, excogita hoje o pouo Iudaico huma traça, com que ſó podião encontrar as mais profundas eſpeculaçoens dos Politicos: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris.* Olhai dizem os Iudeos a Pilatos, que ſe perdoais a Chriſto offendeis a Ceſar, porque Chriſto ſe intitula Rey dos que ſaõ vaſſalos do meſmo Ceſar: nada temẽ mais os miniſtros que perder a graça dos Princepes, que he tão diffidultoſa de conſeguir; pello que vendoſe Pilatos em perigo de cair da graça de ſeu Princepe, conſentio na morte de Chriſto. Mas vê bem, ô Pilatos, vê que eſtá em teu poder conſeruar a vida de Chriſto, & a amiſade de Ceſar, porque ſe bem te alembra, diſſe já Chriſto [& o diſſe em tua preſença, porque o não pudeſſes ignorar] que o ſeu Reyno não

era deſte mundo: *Regnum meum non eſt de hoc mundo.* Reſponde logo a eſte pouo inſolente, que não pretende Chriſto vſurpar o Imperio de Ceſar, antes que o Imperio de Ceſar, & o Imperio de Chriſto ſaõ tão diuerſos, quão differente he eſte mundo do outro: *Quid Cæſarem gravari times de affectata potentia cujus Regnum non eſt de hoc mundo*: eſcreue S. Leão Papa. Mas ay! que o medo que te puzerão os Iudeos he tão grande, que pronuncias a ſentença antes de examinar a cauſa: *Tradidit eum voluntati eorum.* Dece do Tribunal, ô maluado Juiz, deixa o trono, renuncia o cargo, que mereces eſtar com os verdugos, antes que aſſiſtir entre os Iuizes, pois pera liſongear a ambição de hum Principe Romano, não reparas em derramar o ſangue do Redẽptor do mundo: *Silete.*

Leo ſerm. 10. de Paſſione.

Triunfa finalmente de Chriſto a Iudaica tyrannia, pegão delle os Algozes, cingem-no com duas cordas, derribão-no em terra, pizão-no, atraſtão-no, até que leuantandoſe eſte diuino Anteo com nouas forças pera nouas penas, abraçaſe com o duro madeiro que lhe poem aos hombros, & caminha pera o monte Caluario a repreſentar o vltimo acto daquella lamentauel tragedia de que ſe admirará o Ceo, tremerá a terra, & ſe confundirá o meſmo inferno. Chegado Chriſto ao Caluario, o deſpem os Algozes, & o eſtendem na Cruz, & nella a grandes marteladas o encrauão. Exercitais o voſſo furor, ô inhumanos, mas aſſegurais tambem a noſſa dita, porque ſe no mundo os mayores bens ſaõ fugitiuos, em pregando a Chriſto na Cruz, fazeis firme no mundo o mayor bem que temos. Mas porque rezão exhortais ao Senhor a que ſe deſencraue da Cruz: *Deſcendat de Cruce?* Não ſabeis (diz S. Bernardo) que ſe Chriſto decera da Cruz, deceriamos todos pera o inferno; não quer Chriſto largar a Cruz, porque não quer deſemparar aos homens: *Neſcitis ô impij actum de nobis omnibus, ſi de Cruce deſcendat?* Vede a multiplicada ignorãcia deſtes crueis miniſtros, quando pregão a Chriſto na Cruz, não ſabem o que fazem,

Bernard. ſerm. 7. de Sig.

&

& quando o ſolicitão a que deça della, não ſabem o que dizem: *Silete.*

III. PARTE.

SE Chriſto, que he a victima deſte ſacrificio, emmudece por affligido, & ſe os Iudeos, que ſaõ os miniſtros ſe calão por confuſos, rezão he que os Chriſtãos que aſſiſtem, emmudeção por compaſſiuos, que as vozes ſaõ injurias de hũa entranhauel compaixão, & as palauras ſaõ afrontas de huma dôr exceſſiua. Referẽ os liuros dos Reys do Sacerdote Heli, que em ouuindo dizer, q̃ a arca de Deos eſtaua nas mãos dos inimigos: *Arca Dei capta eſt*, cahio logo em terra amortecido: *Cecidit retrorſum*; moſtrou o bom velho, que huma grande dôr, que apenas cabe no coração, não pòde caber no diſcurſo, & que os caſos laſtimoſos melhor ſe explicaõ morrendo do que fallando: *Et mortuus eſt.* O filho de Deos, o Redemtor do Mundo, o Eſpoſo das noſſas almas, o bom Ieſu com os olhos eclypſados, com a boca amargada, com o roſto deſfigurado, com os pès, & as maõs encrauadas, & cõ todo o corpo ſomergido em hum mar de ſangue, deſpido â viſta de todo hum pouo, leuado ſobre a eminencia de hum monte, afligido, deſemparado, deſpedaçado, eſtà na Cruz entre dous ladroens exhalando a alma? Ah! fieis, & aonde acharemos vozes tão lamentaueis, & palauras tão tragicas, que poſſaõ repreſentar hum tão laſtimoſo objecto; vejo aos pès da Cruz a Virgem ſua Mãy feita huma cifra de penas, mas por muitas que ſejão as penas que lhe atormentão o coração, não lhe ouço dizer palauras com que deſafogue as ſuas penas. Antes reparo que nem reſponde ao filho que entre as agonias da morte ſe deſpede della: *Mulier ecce filius tuus.* Pode a lingoa de Chriſto com as penas que padece, mas não pòde o coração da Virgem com a viſta das penas de Chriſto; chegar Chriſto a fallar a ſua mãy he effeito de hum animo generoſo que não ſabe deſmaiar no maior dos tormen-

tos , não reſponder a Virgem a ſeu filho , he argumento de hum coração piadoſo , que à viſta de tão crueis tormentos desfalece.

Oh , ficis ? que ardua empreſa he pôr em eſtilo ſentimẽtos , quando os ſentimentos explicados com acerto , ſaõ diſcreditos da dor , & não explicados como conuem, ſaõ eſcandalos da rezão ; a que logo nos reſolueremos em hum dia de tanta laſtima , ſe exprimirmos a dor , que temos da morte de Chriſto com diſcurſos elegantes , faltamos âs finezas de cõpaſſiuos : & ſe com rezoens mal concertadas explicarmos eſta dor , deſmentimos o attributo de racionaes ; o remedio o dà o Profeta Ieremias, callemſe as lingoas, mas fallem os olhos : *Non taceat pupilla occuli tui.* Conuertãoſe hoje os olhos em bocas, as meninas em lingoas , & as lagrimas em palauras ; que a Rhetorica da dor ſaõ as lagrimas , & os caſos, quando ſaõ tão laſtimoſos , como eſte de hoje , em choralos conſiſte ſó o exprimilos : *Non taceat pupilla occuli tui.* Aſſim vejo, que todas as criaturas tão racionaes, como irracionaes, chorão a morte do ſeu criador ; chora o Ceo no Eclipſe dos ſeus olhos o Sol , & a Lua, chorão os Elementos , chorão os Diſcipulos , os Apoſtolos , & os Anjos ; chora Chriſto depois de morto pera que choremos a ſua morte : he muito para aduirtir , que da ferida do coração de Chriſto ſahia ſangue , & agoa , & que eſta agoa não ſeja miſturada com o ſangue , porque doutra maneira , não ſe hauia de ver ; ſahe a agoa viſiuelmente ſeparada do ſangue: *Exiuit ſanguis , & aqua* , & que agoa pòde ſer eſta que rompe com tanta copia das veas deſte ſagrado peito ? ſerão a meu ver todas aquellas lagrimas , que a natureza queria derramar , & que Chriſto deteue pera mais diſſimular os tormentos que padecia.

Sahem tambem eſtas lagrimas pera prouocar as noſſas , & chora Chriſto depois de morto para confuzão da humana inſenſibilidade ; vnamos logo as noſſas lagrimas , com as lagrimas de Chriſto, as lagrimas dos noſſos olhos com as lagrimas

mas do ſeu coração, ſeja tão copioſo o noſſo chorar que chegue a formar hum mar de lagrimas, porque ſe o Sol material acabado o ſeu curſo ſe ſepulta nas ondas do mar, rezão he que eſte Sol diuino que acaba hoje a vida, em hum mar de lagrimas ſe ſepulte: Ah que confuzão ſeria a noſſa exclama S. Bernardo, que confuzão ſeria a noſſa, ſe negaſſemos as lagrimas aos olhos, quando Chriſto pera nòs ſe entrega às ſombras da morte: *Quanta confuſio Dei filium ingratis oculis cernere morientem.* Oh! que dureza de coração ver com os olhos enxutos o filho de Deos, & o Eſpozo das noſſas almas com a cabeça inclinada, com os olhos fechados, com o peito raſgado, com o coração aberto, & com tantas feridas quãtas ſaõ as partes do ſeu corpo, ſem luz, ſem ſer, ſem fermoſura? Oh! que impiedade, conſiderar o noſſo bom Ieſu derramar ſangue de todas as veas, & não verter dos olhos huma ſó lagrima de compaixão: *Quanta confuſio Dei filium ingratis oculis cernere morientem?* Chorem logo todos os que aſiſtem a eſte cruento ſacrificio, ou por compaſſiuos das penas da victima ſacrificada, ou por queixoſos da crueldade dos miniſtros que a ſacrificão; offereçamos ao cadauer do noſſo diuino eſpozo as noſſas triſtezas por mortalhas, os noſſos coraçoens por ſepulchros, & por funebres oraçoens o aſſombro, & o ſilencio: *Silete à facie domini quia præparauit dominus victimam ſuam.*

SER-

SERMAM

NA PROFISSAM

de duas Irmaãs em dia de

SANTONIO

No Moſteiro de

SANTA CLARA

Eſtando expoſto o

Smo. SACRAMENTO

Vos eſtis Lux Mundi. Matth. cap. 5.

DEbaixo da luminoſa ſombra de hũ Sol, duas Eſtrellas ateagora eclipſadas, deſembargaõ hoje a pompa das ſuas luzes. Eſtas Eſtrellas ſaõ duas irmaãs, que buſcando nos Orizontes da graça a vniaõ que ja conſeguirão no Oriente da natureza, de tal modo irmanão as vontades, que ſe ja nacerão irmaãs pella affinidade do ſangue hoje tornão a nacer outra vez irmaãs pella conſanguinade

guinidade da Religião. O Planeta pois que predomina no ſegundo nacimento deſtas duas Eſtrellas, he o glorioſo Sãto Antonio, luz de Portugal, & Sol do mundo ; & ſe o Sol material he tam ambicioſo de luzir, que reſeruando para ſi todos os reſplandores, eclypſa na ſua preſença todas as Eſtrellas, eſte Sol da Chriſtandade Santo Antonio, he tam benignamente ſoberano, que até no zenith da ſua gloria, admitte duas Eſtrellas por competidoras dos ſeus luzimentos. No Propiciatorio eſtaua a Arca do Teſtamento entre dous Cherubins, irmãos da meſma Ierarquia,& ſendo Santo Antonio a Arca do Teſtamento (que aſſim lhe chamou o Sũmo Pontifice Gregorio Nono) neſte dia do ſeu triunfo tem por lados duas irmaãs, Eſtrellas da meſma Eſfera. Naquellas onze eſtrellas que o Patriarca Ioſeph vio em ſonho, ſe figuraũo os ſeus onze irmaõs, & eu neſtas duas irmaãs vejo cifrada toda a gloria das Eſtrellas ; que ſe as Eſtrellas ſe parecem como irmaãs, eſtas duas irmaãs todas ſe parecem com as Eſtrellas. As Eſtrellas que Deos encerrou nos ſeus Orbes,como Religioſas nos ſeus clauſtros, na ſagrada Eſcritura ſe me repreſentão myſterioſamente irmanadas para a obſeruancia das virtudes que no eſtado Religioſo ſe profeſſaõ, pobreza, caſtidade, obediencia ; vejo as Eſtrellas irmanadas para a pobreza no dia do juizo, pois deſpenhandoſe do Trono das ſuas luzes, & accõmodando ſua grandeza ao breue deſtricto da terra, encobrirão à mageſtade de ſeus reſplandores com as cinzas de hum mundo abrazado : *Stellæ cadent de Cælo*: no Apocalipſe vejo as Eſtrellas irmanadas para a pureza, porque aſſentadas na maõ de hum Anjo, afinão os rayos, & apurão as luzes, que ſó as mãos dos Anjos pòdem ſeruir de Trono âs Eſtrellas : *Habebat in dextera ſua ſeptem Stellas* ; & naquella tam celebrada batalha que Debora deu a Siſara, vejo as Eſtrellas irmanadas para a obediencia, porque repartidas em ordenança militar guardão os ſeus poſtos, & generoſamente obſequioſas, conformão os ſeus mouimentos cõ os impulſos das mais bellicoſas intelligencias : *Stellæ manen-*

tes in curſu, & ordine ſuo, aduerſus Siſaram pugnauerunt; de maneira que temos na ſagrada Eſcritura tres generos de Eſtrellas, Eſtrellas pobres, Eſtrellas caſtas, Eſtrellas obedientes, Eſtrellas pobres nos apertos de hum valle, Eſtrellas caſtas nas mãos de hum Anjo, & Eſtrellas obedientes às leys da diſciplina militar, prodigioſos Ieroglificos de duas Eſtrellas da terra, que emulando aos Aſtros celeſtes, hoje ſe irmanão para a pobreza nos apertos de hum clauſtro, para a caſtidade no deſpoſorio da ſua alma com o Rey dos Anjos, & para a obediencia no ſacrificio da ſua liberdade aos rigores da milicia eſpiritual; glorioſas Eſtrellas! que ſeguindo as pizadas do mais illuſtre Planeta da Chriſtandade Santo Antonio, & imitando a gloria das virtudes com que elle ſe aſſinalou no mundo, tomais parte nos encomios com que hoje a Igreja o aplaude no Euangelho: *Vos eſtis lux mundi.* Foi Santo Antonio a luz do mundo, porque não quiz nada das ſuas luzes, & com não admitires nada das luzes do mundo, todas vos tranformais em luz: *Vos eſtis lux mundi*; vòs ſois a luz do mundo, porque como pobres deſprezais o luzimẽto das ſuas imaginadas riquezas; ſois a luz do mundo, porque como caſtas fechais os olhos âs luzes da ſua apparente belleza, ſois a luz do mundo, porque como obedientes não vos quereis gouernar pellas luzes da ſua enganoſa diſcrição; a pobreza he huma luz que vos enriquece, a caſtidade he huma luz que vos apura, a obediencia he huma luz que vos coroa. Eſtes ſaõ os tres realces da voſſa gloria, & os tres aſſumptos do meu Sermão.

Aue Maria.

I. PARTE.

VOs eſtis lux mundi. Foi Santo Antonio a luz do mundo, porque deſprezou as ſuas luzes. As luzes do mũdo, ſaõ as ſuas riquezas, o ouro he o ſeu Sol, a prata tem lugar de Lua, & os diamantes de Eſtrellas, & o glorioſo Sãto

An-

Antonio foi tão perito na arte de luzir, que eclypſando a todos eſtes ficticios Planetas com a eſcura nuuem de hum burel, chegou a ſer a mais brilhante luz do mundo, que no mũdo não he luz o que mais reſplandece, ſó quem deſpreza os reſplandores do mundo, he luz. No capitulo 8. de S. Ioão, fallando o Senhor com os Farizeos, diz que elle he a luz do mundo: *Ego ſum lux mundi*; nega a Farizaica ignorancia eſta propoſição do Senhor: *Teſtimonium tuum non eſt verũ*; & para o Senhor perſuadir aos Farizeos eſta tão infaliuel verdade, que razão imaginais que dà? o mais efficaz argumento de que Chriſto ſe val para prouar que elle he a luz do mundo, he dizer q̃ abſolutamente não he deſte mundo: *Ego non ſum de hoc mundo*, como ſe diſſera o Senhor, eu ſou a luz do mundo, porque o mundo não he a eſfera da minha luz, o meu luzir he deſprezar os ſeus luzimentos, & porque tenho debaixo dos pès hum mundo de luzes, por iſſo ſou a luz que no mundo mais realça: *Ego non ſum de hoc mundo, ego ſum lux mundi.* Notauel propriedade he eſta, que eu ſempre reparei na luz: a luz (ſe bem aduertirdes) tudo alumea, nada poſſue, alumea ao mar, & não ſe apodera das ſuas perolas, alumea as minas, & não ſe enriquece com os ſeus metaes, alumea a terra, & não ſe faz ſenhora dos ſeus thezouros, mas antes ſaindo tam pobre dos Palacios dos Reys, quanto das cabanas dos Paſtores, & retirandoſe todas as noites para o funebre Emiſpherio dos Antipodas, deixa em poder das ſombras os theſouros, que a natureza parece queria encerrar debaixo da chaue d'ouro dos ſeus rayos. Eſte, a meu ver, foi o timbre da gloria de Santo Antonio, alumear ao mundo todo, & naõ poſſuir nada no mundo; alumeou Santo Antonio a Igreja, pella doutrina com que deſterrou as ſombras da heregia, alumeou às Republicas, pella inuenciuel conſtãcia com que ſe opoz à barbaridade dos Tyrannos, alumeou ao Vaticano pella eſtupẽda energia com que prègou na preſença dos Pontifices, alumeou a Chriſtandade pellos infinitos prodigios que nella obrou, & continuamente obra, ele-

uando os ſeus rayos aos mais florentes Imperios da terra, he tam amigo da pobreza ainda depois de morto, que renunciando atê o proprio nome da ſua tão eſclarecida Patria, mêdiga dos Eſtrangeiros o apellido com que hoje lhe chamam Santo Antonio de Padua;não querendo ſer hoje conhecido no mundo por Santo Antonio de Lisboa. Supoſta a eleição deſte eſtrãgeiro apellido, parece que ſe pudera queixar Portugal, ou quando menos admirar, que Santo Antonio preferiſſe os eſtranhos aos naturaes ; & que deſemparaſſe aos ſeus Portuguezes, para ſe pôr da parte dos Italianos. Mas ſuſpende as tuas queixas, ô Portugal, & diſſimula as tuas admiraçoens, que ſe Santo Antonio não ſe manifeſta no ſeu nome por teu filho , he porque as tuas meſmas grandezas deſmerecem eſta grandeza, que ſe Lisboa fora menos pompoſa, & opulenta, ſe prezara Santo Antonio de ſer conhecido no mundo por filho de Lisboa.

Não vos pareça aerea eſta propoſição, pois eſtá fundada na Eſcritura. Lâ no caminho de Ieruſalem para a Cidade de Damaſco, quando o Senhor depois da ſua glorioſa Aſcenſaõ apareceo a S. Paulo(que naquelle tempo era o maior tyranno da Chriſtandade) perguntando quem era : *Quis es Domine ?* Reſpondeo que era Ieſus de Nazareth : *Ego ſum Ieſus Naſarenus* ; mas pergunto eu, para o Senhor ſe dar a conhecer, por ventura não baſtaua dizer que era Ieſus ? certo que ſi; que o nome de Ieſus he tão celebre no mundo,que os Anjos no Ceo, os homens na terra, & atè os meſmos demonios no inferno o conhecem, & o adorão : *In nomine Ieſu, omne genu flectatur, Cæleſtium,terreſtrium, & infernorũ* ; logo ſe para o Senhor ſe dar a conhecer baſtaua que manifeſtaſſe o ſeu nome : *Ego ſum Ieſus*, que razão teue para oſtentar o nome da ſua Patria : *Ego ſum Ieſus Nazarenus* , eu ſou Ieſus de Nazareth ?

Act. Apoſt.c.22.

A razão, a meu ver, he eſta. Huma das terras mais pobres da Prouincia de Galilea,era Nazareth : *A Naſareth poteſt aliquid boni eſſe ?* E o Senhor era tão amigo da pobreza,

Joan.1. 46

ain-

ainda deſpois de reſucitado, que atè nas glorias da Bemauẽturança que lograua, quiz fazer menção das faltas,& das miſerias da terra onde ſe criara: *Ego ſum Ieſus Nazarenus.* não aſſim a illuſtre Patria de Santo Antonio ; huma das mais ricas terras do mundo, he a Patria do noſſo Santo, & o genio da ſua pobreza não ſe pôde cõformar com as riquezas da ſua terra: Logo não ſe chame Santo Antonio de Lisboa, que Lisboa he a terra a que as Indias tributão os ſeus diamantes; chameſe Santo Antonio de Padua, que Padua he a terra onde o noſſo Santo depoſitou as ſuas cinzas; & Santo Antonio mais reſplandece com as cinzas da ſua pobreza, que com os diamantes da ſua Patria. Venturoſa Italia, que ficando com enueja de todas as naçoens depoſitaria deſtas cinzas, não tẽs que enuejar às Indias de Portugal os ſeus diamantes. Tornemos à noſſa primeira propoſição, & para mayor gloria do noſſo Santo, & das noſſas Profeſſas, ponderemos com mais attenção, a grande ſympatia que a luz tem com a pobreza, & as Eſtrellas com as cinzas, No dia do juizo cahirão as Eſtrellas ſobre a terra: deixadas as muitas razoens que os Eſcripturarios dão deſte fatal deſpenho dos Aſtros celeſtes, oução huma eſpeculação minha. No dia do juizo cahiràm as Eſtrellas ſobre a terra,porq̃ a terra naquelle dia ſe verà reduzida a hũ mar de cinzas,aonde ſe amõtoaràõ as cinzas; lâ ſe ajũtaràm as Eſtrellas, ahi ſerà mayor a clari dade, aonde ſerâ maior a pobreza,& tãto q̃ a terra(ainda q̃ cõ repugnancia)ſe deſpirá das ſuas riquezas,cõcorrerão os Aſtros,para a reueſtirẽ de luzes. Prodigioſo retrato dos reſplandores da pobreza do noſſo Santo. No ſepulcro de Santo Antonio vejo as Eſtrellas cahidas do Ceo para a terra, porque ſe as Eſtrellas ſaõ as lingoas do Ceo, & ſe conforme teſtemunhão as hiſtorias,a lingoa de Santo Antonio ſe achou entre as reliquias do ſeu ſagrado cadauer milagroſamente incorrupta, que outra couſa he eſta lingoa, mais que hũa Eſtrella deſatada do Ceo da ſua boca, & enuolta no pô em que o ſeu corpo eſtà deſfeito. Nunca ſe vio Santo Antonio mais pobre, que no ſe-

pulcro em que ficou despojo da morte, & trofeo do nada, porém que lumizosa me parece neste estado a sua pobreza, pois reuerberando os rayos da sua lingoa incorruptiuel em todos aquelles atomos das suas cinzas, se conuerte a sua sepultura em huma officina de Estrellas. Na pobreza das nossas Professas, renouase o milagre deste luminozo sepulcro; que se os Mosteiros saõ os sepulcros em que os homẽs morrem ao mundo, na sepultura da Religião achão estas duas almas hum Oriente de luzes, porque no mesmo tempo que a pobreza as amortalha, Santa Clara as coroa, & sepultando debaixo das sombras de hum burel todas as luzes, & as riquezas da terra, se transformão em Estrellas, & não he muito q̃ hoje nação duas Estrellas, aonde se sepultão todas as luzes do mundo.

Iâ me não admira ver no Apocalipse aquella tam celebrada Matrona com huma coroa de Estrellas, pois tem debaixo dos pés a Lua: *Luna sub pedebus ejus.* Na Lua hora chea, & hora mingoante se representão os bens da fortuna, que sempre estão fluctuando entre o crecer, & o minguar: *Luna significat res temporales*; diz a este proposito o Abbade Ruperto; forme logo esta Matrona dos resplandores que piza, as Estrellas com que se coroa, que as riquezas da terra, pizadas, saõ o mais illustre diadema da pobreza: *Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.*

Rupert. 2. sect. Apoc. in Syln. Allegor. verb. Luna. p. 64.

Que incompatiueis saõ as luzes do Ceo, com os luzimẽtos da terra? tam grande inimizade tem huma luz com outra, que quando a luz da terra se ostẽta, sempre a luz do Ceo se eclypsa. Tanto que os Reys do Oriẽte entrarão no Paço de Herodes, retirou a Estrella os seus rayos, & logo q̃ estes purpurados peregrinos chegàrão â lapa de Belem, suspẽdeo a mesma Estrella o seu curso, & com agradauel magestade estendeo a dourada gala dos seus resplandores: *Stetit supra vbi erat puer.* Na opinião de Santo Agostinho, & Damasceno, não era esta Estrella do numero daquellas, que criadas no principio do mundo, contrahirão as corrupçoens cõ que o pec-

o peccado de Adão inficionou o temperamento da natureza: *Non erat ex illis Stellis, quæ ab ipſo mundi ortu conditæ ſunt*; huma pois tam peregrina Eſtrella formada por mãos Angelicas, & preſeruada da corrupção dos Elementos, não quiz contaminar a pureza dos ſeus rayos no Paço de Herodes, aonde a cobiça amontoaua os thezouros da terra; reſeruou a pompa das ſuas luzes para a lapa de Belem, aonde a pobreza tinha aſſentado nas palhas o ſeu Trono: *Cohæret ſtella cum Præſepis paupertate*, diz com agudeza hum graue Expoſitor da minha Religião. No Paço de Herodes luzia a vaidade com todo o eſmero dos ſeus fantaſticos apparatos, & & aonde a vaidade luz, não tem o Ceo Eſtrella; mas no Preſepio em que os Reys hauião de tributar os ſeus thezouros ao berço do Senhor, era força conſtituiſſe eſte Aſtro celeſte o centro das ſuas luzes, que aos que ſe deſapoſſaõ dos thezouros do mundo, coſtuma Deos abrir o thezouro das ſuas luzes. Naquella tam celebrada ſarça de Moyſes, abrio Deos hum thezouro de luzes nos ardores de hum incendio. Era eſte incendio hum thezouro; porque na brilhante eſfera das ſuas lauaredas encerraua as riquezas de huma Primauera. Tudo naquella precioſa planta erão rubîs, & eſmeraldas, rubîs no ardente das chamas, & eſmeraldas no verde das folhas, & ſe o tempo conſome os mayores thezouros do mundo, não conſumia o fogo as riquezas deſte vegetatiuo thezouro: *Ardebat, & non comburebatur*; mas notai, que para chegar a eſte portentoſo erario dos reſplandores diuinos, mandoulhe Deos ſe deſcalçaſſe: *Solue calceamentum de pedibus tuis*; deſcalcarſe, na opinião de Santo Iſidoro, he o meſmo que deſapropriarſe de todas as grandezas humanas, & ſó quem deixa os luzimentos da terra pode participar os reſplandores do Ceo: *Solue calceamentum*, diz Santo Iſidoro, *quia ſcilicet nullus Deum videre poteſt, niſi cuncta terrena deponat*. Eſte, no meu juizo, he hum dos principaes motiuos que obrigou a Santo Antonio a que da Religião de Santo Agoſtinho, em que já hauia viuido pello eſpaço de onze annos,

Aug. l. 2. cõt. Fauſt. cap. 5. Damaſc. lib. 1. c. 7.

Nouarin. in Matth. cap. 2. ſect. 4. n. 103. p. 25. col. 1.

Iſidor. apud gl.

nos, paſſaſſe para a Religião de S. Franciſco, em que morreo. Na Religião de Santo Agoſtinho, parece não eſtaua ainda ſatisfeita a innocente ambição do noſſo Santo, que como anhelaua com ſagradas impaciencias ao trono das luzes diuinas, era neceſſario que qual outro Moyſes caminhaſſe com pês deſcalços, & ſeguindo as pizadas do Serafico Patriarca, paſſaſſe pellos apertos da mais riguroſa pobreza: *Solue calceamentum de pedibus tuis.* Para a cabal acommodação deſte lugar, reſta que vejamos a grande vnião, que a pobreza das noſſas Profeſſas alcança hoje com Deos, & com Deos ſacramentado. Na opinião dos Padres, a ſarça de Moyſes era figura do Sacramento; que ſe na ſarça verdejauão os eſpinhos entre as chamas, no Sacramento entre as chamas do amor, reuerdecem os eſpinhos da Paixão: *Recolitur memoria Paſſionis ejus*; na ſarça, Deos ſe cobria com purpuras de fogo, no Sacramento Deos ſe diſfarça com candores de neue, mas eſta neue excede os incendios daquelle fogo; & ſe a ſarça (como jà o diſſe) era hum thezouro de luzes, que outra couſa he o Sacramento mais que hum ſagrado depoſito dos reſplandores da alma, & do corpo de Chriſto, deſpojaiuos logo dos luzimentos do mundo, vôs que deſejais de chegar à luminoza ſarça do Sacramento, retirai os voſſos rayos dos Orizontes da terra, para os fixares na radiante Eſphera da diuindade, deixai de luzir, para mais luzires, deixai de luzir aos olhos do mundo, para luzires aos olhos de Deos; do eclypſe dos voſſos luzimentos, ſe originarão as voſſas luzes, & das voſſas luzes as voſſas riquezas, que as riquezas das Eſtrellas não ſaõ outra couſa mais que as ſuas luzes; mas ſe a pobreza que profeſſais he hũa luz q̃ vos enriquece, a caſtidade que prometeis he huma luz que vos apura, & aſſim paſſando como filhas de Santa Clara de huma claridade para outra mayor, podeis dizer com S. Paulo: *Transformamur de claritate in claritatem*; & eu tornarei á dizer, que ſe ſois a luz do mundo como pobres, tambem como caſtas ſois a luz do mundo: *Vos eſtis lux mundi.* Eſte he o ſegundo realce da voſſa

Hic eſt vere Rubus quẽ Moyſes viderat ardere neque cemburi, ardet namque caro ſanguis, & anima Chriſti, ardet Chriſtus totus charitate, ardet mage ſtate. ardet Deitatis potenta reque comburiur in illo hac, ſed integra manent. Vigerius Chraa 7. c. 40. in Agn. Euchariſt. n. 662

Qui ad hũc Rubũ

vossa gloria, & o segundo assumpto do meu Sermão.

II. PARTE.

QVe a luz seja o mais viuo retrato da castidade, he mais claro que a mesma luz. A Astrologia, que com curiosas especulaçoens descubrio na natureza dos Astros, a calidade das virtudes a que os homens se inclinão, attribue a virtude da castidade, a huma das mais luzidas Estrellas do Ceo, a que os Mathematicos chamão Estrella Regia, & com muita razão, que sendo a castidade Rainha das virtudes, não podia nacer senão da Rainha das Estrellas: & se quizermos inuestigar os principios da Genealogia do mundo, acharemos que a luz, & a castidade andárão sempre tão vnidas, que o mesmo Sol, soberano Monarca das luzes, não começou a alumear a terra, senão quando o Ceo se achou no auge da sua pureza. Para proua desta verdade, quero soltar huma questão, muitas vezes ventilada, sobre o tempo em que Deos criou o mundo. A mais cõmua opinião, he dos que dizem, que Deos criára o mundo no mez de Março, no mais florẽte da Primauera; & esta opinião se funda nas mesmas palauras de Deos, que nos primeiros dias da criação mandou à terra, que se abrisse em flores, & aos campos que se reuestissem de verdura: *Producat terra herbam virentem*, porém não acho este fundamento sufficiente, pois Deos no mesmo tempo mãdou à terra que tambem se desentranhasse em frutos: *Lignumque pomiferum faciens fructum*, & os frutos não saõ partos da Primauera, saõ producçoens do Outono; por onde seguindo eu o parecer de Ioseph entre os Hebreos, de Eutimio entre os Gregos, & entre os Latinos, a opinião de S. Ieronimo no capitulo primeiro sobre Ezechiel, digo que o mundo naceo no Outono no mez de Setembro, & na circunstancia deste tempo, em que o mundo naceo, descubro a secreta vnião que houue entre a pureza, & a luz desde a infancia do Sol. No mez de Setembro estão os doze signos do

accedit calcemẽta ponat rerũ terrenarum. Novari. in Agn. Euchar. n. 662.

Castitas fit ex sola Stella Regia natura Iouis, & Veneris quãdo est in Ascendente. Cardan. sect 6. Aphor. 123.

Zodiaco de tal modo diſpoſtos, que o ſigno de Virgem he o que predomina no Ceo; debaixo deſte puriſſimo ſigno começou o Sol a luzir, vnio os ſeus rayos com as mais puras influencias do Ceo,& como era criado pera o mais luzido dos Planetas, teue o mais puro dos Aſtros por aſcendente, tam neceſſariamente influe a pureza,no nacimento da luz. Na ſagrada Eſcritura de modo ſe equiuoca a luz com a pureza,que os Padres Santo Agoſtinho, & S. Gregorio, affirmão que por aquella luz que Deos criou no primeiro dia, ſe ha de entender a natureza Angelica : *Lux primo die facta deſignat naturam Angelicam*; pella luz ſe ſignificão os Anjos, porque os Anjos excedem a todas as criaturas na pureza, & hũa pureza tam exceſſiua, não ſe pòde ſignificar ſenão por huma criatura como a luz, que excede a todas as criaturas na claridade. Suppoſto iſto, digamos, que Santo Antonio foi luz, porque foi Anjo, foi luz na claridade, porque foi Anjo na pureza, & ſe a luz do Sol he mayor que a das Eſtrellas, tambem a pureza de Santo Antonio me parece mayor que a dos Anjos.

Auguſt. in Chalu. t. 4. p. 124. col. 2.

Gregor. 29 Mora. 3. in Sylu. All ger. ve. b. lux.

Bem ſei que a pureza dos Anjos em quanto aos dotes da ſua natureza, he mayor que a dos homens,porque ſaõ puros eſpiritos deſapegados de toda a materia, porèm conſiderada a pureza dos homens em ordèm às difficuldades que ſe hão de vencer pera a conſeguir, leua a pureza dos homens ventagem á pureza dos Anjos, que como diſſe Sam Pedro Chriſologo: *Angelicam gloriam acquirere, maiùs eſt quam habere.* Nacer Anjo, he priuilegio da Eſſencia, mas de homem fazerſe Anjo, he o troféo da virtude, & he muito mais alcançar troféos pello ſeu eſforço, que recebelos no ſeu nacimento. Perguntai aos Politicos qual merece mayor gloria na memoria da poſteridade, Ceſar, ou Alexandre ; ambos forão Reys, mas com grande differença ; Alexandre como filho de Phelippe nacco Rey, Ceſar filho de hum homm priuado, ſe fez Rey ; era Alexãdre Rey primeiro que o mereceſſe, Ceſar pellos ſeus merecimentos chegou a ſer Rey,â

Chriſolog. Serm. 43

par-

parcialidade da fortuna deue Alexandre a sua Coroa, agradece Cesar o Sceptro ao valor da sua espada. A mesma differença observo na pureza dos Anjos, & dos homens; a pureza dos Anjos he hum diadema com que se vem apenas nacidos, & logo coroados, a pureza nos homens, he huma coroa, que com incessaueis conflictos se alcança; a ventura dos Anjos he mayor, porque logrão as honras da victoria sem experimentarem as penas do combate, mas he mayor a gloria dos homens, porque nos seus combates se estribão as suas victorias. Em conclusaõ a pureza n'hum homem ainda que mortal, & corruptiuel despende de si tantas luzes, que parece que os mesmos Anjos se enuergonhão de apparecer na sua presença. Entro na proua desta proposição cõ hum reparo de Tertulliano; Christo Senhor nosso nas mayores emprezas da sua vida sempre teue os Anjos presentes; Anjos no Presepio, Anjos no deserto, Anjos no Horto, Anjos no sepulcro: *Numquam Christus sine Angelis*; mas com licença de Tertulliano, no monte Thabor aonde Christo se transfigurou, não diz a Escritura que apparecessem os Anjos. A este portentoso espectaculo da humanidade de Christo glorificada, concorrerão os Patriarcas, os Profetas, & os Apostolos; os Patriarcas na pessoa de Moyses, os Profetas na pessoa de Elias, & os Apostolos nas pessoas de Pedro, Diogo, & Ioão; sô faltarão os Anjos; & na verdade não sei, ô Espiritos celestes! com que rezão podeis justificar huma tão desprimorosa ausencia, que se sois Estrella dos Empireo aqui tendes o vosso Sol na mayor ostentação das suas luzes: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*, & se vos sentis abrazados nos incendios do amor, aqui não falta neue pera aliuio dos vossos ardores: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.*

Diz Santo Thomas, que os Anjos se ausentarão do Tàbor pera acudirem ao seu credito; & isto em que maneira? notai; Entre os Discipulos que assistirão a Christo transfigurado, estaua o Euangelista, retrato da castidade, & espe-

lho de toda a pureza; conſiderarão os Anjos do Ceo, que eſte Anjo da terra, era por esforço da ſua virtude, o que elles erão por priuilegio da natureza, & quaſi que receauão que na amoroſa competencia das ſuas luzes, o Euangeliſta nam leuaſſe a palma, pera ſuſtentarem os intereſſes da ſua gloria, não ſe quizerão achar na ſua companhia: *Prudenter ſibi conſulunt Angeli, timentes ne contentio aliqua ſuboriretur quis eorum videretur eſſe maior, Virgo, an Angelus.* Oh ſoberanas excellencias da caſtidade, que transformando aos homens em Anjos, obriga aos meſmos Anjos a que cedão a victoria aos homens, & que ſe afaſtem da ſua viſta, pera ſe não empenharem na contenda: verdade he que a Santo Antonio muitas vezes aſſiſtirão os Anjos, mas não lhe aſſiſtirão pera as competencias, aſſiſtirãolhe pera os obſequios. Leuauão os Anjos ao noſſo Santo de hum Reyno pera outro, de Italia pera Portugal, & de Portugal pera Italia, & prezandoſe de o trazer nas palmas, dauão a entender que Santo Antonio era hum Sol na pureza, porque do meſmo modo que as intelligencias celeſtes arrebatão ao Sol por todos os climas do mundo, aſſim era Santo Antonio milagroſamente arrebatado pellas mãos dos Anjos por todos os Imperios da Chriſtandade, & que marauilha he que os Anjos trouxeſſem a S. Antonio nas palmas, quando Santo Antonio trazia ao meſmo Rey dos Anjos nas ſuas. Sempre eſtaua o noſſo Santo, ou com Ieſus, ou com os Anjos, & logrando ainda hoje a meſma dita na aſſiſtencia que lhe fazem as noſſas Profeſſas, Mariana de Ieſus, & Antonia dos Anjos; parece que na primeira, Ieſus ſe lhe entrega, & que os Anjos ſe lhe auaſſallão na ſegunda; ſe não queremos dizer que na pureza deſtes dous ſobrenomes de Ieſus, & dos Anjos, ſe ſignifica o parenteſco que eſtas duas Religioſas hoje contrahem com o Ceo. Iá não tem as noſſas Profeſſas affinidade com a terra, ſaõ eſpoſas de Ieſus, & irmaãs dos Anjos; ſaõ irmaãs dos Anjos pello voto da caſtidade, que aſſim chamou a eſta virtude Angelica S. Cypriano: *Virginitas eſt ſoror Angelorum*, & ſam

Thomas Aquin. in Euangel. tom. 2. cap. 2.

Cyprian. l. de Virgin.

eſ-

eſpoſas de Ieſus no Sacramento, porque como filhas de Santa Clara, & herdeiras das ſuas luzes, ſô pòdem ter ao Sol ſacramentado por Eſpoſo. A luz nos primeiros dias da criação, era huma Princeza ſem eſpoſo, que ainda não hauia criatura no mundo que com ella ſe pudeſſe igualar na calidade para ſe vnir cõ ella no deſpoſorio; no quarto dia pois criou Deos ao Sol, & he opinião dos Padres, que Deos vnio, & encorporou a luz com eſte Princepe dos Planetas, donde ſe collige, que a luz naceo pera eſpoſa do Sol, & que o Sol naceo pera eſpoſo da luz: he Chriſto ſacramentado o Sol da Igreja, logo ſe ſois luz pella pureza que profeſſais: *Vos eſtis lux mundi*, ſeja eſte Sol diuino o voſſo eſpoſo, que para a luz caſar bem, não ha de caſar ſenão com o Sol, mas jà que eſtais deſpoſadas com o Rey dos Aſtros, razão he ſe vos dé huma coroa de luzes, & porque a luz ſempre ſe aſſinalou na obediencia, ſerà a obediencia a voſſa coroa; eſte he o terceiro trofeo da voſſa gloria, & o terceiro aſſumpto do meu diſcurſo.

III. PARTE.

VOs eſtis lux mundi. A primeira criatura que obedeceo à voz de Deos, foi a luz: tirou Deos a luz dos abiſmos do nada: *Dixit Deus fiat lux*, & ainda q̃ eſta vox de Deos, como affirma Santo Ambroſio, não ſe ha de entender por hum ſom material formado no âr, ſenão por hum imperceptiuel decreto da diuina vontade; não ſe acha na Eſcritura, que Deos começaſſe a fallar, ſenão quando determinou de criar a lux. Logo a primeira palaura de Deos foi dirigida à lux, & com grande myſterio, porque a lux (ſe bem aduirtimos) he ſempre a primeira em obedecer às palauras de Deos. Todas as mais criaturas poem tempo em ſe deſempenharẽ das obediencias a que Deos as deſtinou no inſtante da ſua criação. A obediencia das flores, hé enfeitar os prados com a louçania das ſuas galas, & não ſe deſuelão as flores neſte delicioſo exercicio, ſenão no tempo da Primauera; a obediẽ-

Ambroſ. in Haxem.

cia das plantas, he produzir frutos pera regalo dos homens, & as plãtas reseruão estes saborôsos aliuios pera o Outono; a obediencia dos Planetas, he correr toda aquella extensaõ das Esphcras em que Deos os encerrou, & os Planetas leuados do seu mouimento natural não acabão senão depois de muito tempo o seu curso; não corre a Lua o giro da sua Esphera senão no espaço de hum mez, Mercurio, Venus, & o Sol em hum anno; Marte em hum anno trezentos & vinte & hum dia; Iupiter em onze annos; Saturno em vinte & noue annos cento & cincoenta & sette dias & vinte & duas horas, & pera as Estrellas do Firmamento acabarem a sua carreira, não ha mister menos que quarenta & noue mil annos; não assim a luz; foi a luz tam primorosa no cabal desempenho do officio a que Deos a destinou, que desde a sua primeira entrada no mundo, chegou ao non plus vltra da sua obediencia; toda a obediencia da luz, he luzir, & no mesmo instante que a luz naceo, luzio; ainda estaua a luz no berço do seu nacimento, quando espalhandose pellos àres, repartindose pellos Elemẽtos, & derramando sobre a terra hum diluuio d'ouro, estendeo n'hum instante os incomprehensiueis alentos da sua actiuidade a todas as partes do mundo. Era logo razão que Deos dirigisse a suas primeiras palauras à luz, pois a luz era à vnica criatura que não hauia de pôr tempo em se desempenhar cabalmente da obediencia q̃ Deos lhe daua: *Vnde vox Dei in Scriptura debuit inchoare, nisi à lumine?* diz Santo Ambrosio: *Repente per vniuersa mundi, fulgor lucis infusus.* Verdadeiramente que quando considero a Santo Antonio partirse da sua Patria pera a Africa, de Portugal pera Marrocos; da arribada de Marrocos pera Hespanha, de Hespanha pera Italia, de Italia pera Frãça, de França pera Veneza, de Veneza outra vez pera França; outra pera Italia; quãdo considero que este glorioso Santo andou em poucos annos a Europa com os pès; a Africa com os desejos do martyrio, & ao mundo todo com as azas da fama, pareceme que assim como excedeo aos Astros celestes

na

na luz, aſſim excedeo a meſma luz na ligeireza, & que não tẽ o vniuerſo criatura que ſe poſſa anticipar aos glorioſos impulſos da ſua incançauel actiuidade.

O Sol, que na opinião dos mais celebres Mathematicos, corre no breue eſpaço de huma hora, mais de trezecentas mil legoas, nunca foi taõ alentado no ſeu curſo, que chegaſſe a occupar no meſmo interuallo de tempo dous lugares diferentes; & Santo Antonio foi tão precipitadamente arrebatado pera onde o zelo, & a obediencia o chamaua, que ſe achou huma vez no meſmo inſtante em dous Emiſferios, em Italia, & em Portugal, em Italia pregando a palaura de Deos, & em Portugal, liurando ao ſeu Pay das afrontas dos calumniadores, & he couza notauel, que no meſmo tempo, que o amor paterno leuou ao noſſo Santo à Corte de Liſboa, a obediencia o obrigaſſe a aſiſtir nos pulpitos de Italia: hum dos maiores prodigios da Euchariſtia, he a pontualidade com que Chriſto obedecendo igualmente à voz de todos os Sacerdotes, multiplica a ſua preſença ſacramental em todas as Igrejas, porque na verdade parece que eſte diuino amante deleja de ſe apartar de ſi meſmo, pera ſe vnir com os homens, & que multiplica as preſenças, ſó a effeito de repetir as obediencias, não de outra ſorte o glorioſo Santo Antonio, afaſtouſe de ſi meſmo pera acudir ao ſeu ſangue, acudio ao ſeu ſangue em Lisboa ſem deixar de acudir à ſua obrigação em Italia, duplicou a preſença pera ſe ſingularizar na obediencia, & ainda que não ſe admitão no mundo dous Soes, vio o mundo naquelle inſtante dous Antonios, de que como de dous Aſtros ſe formou hum Sol, por iſſo vnico, porque multiplicado. Demos maior luz à obediencia do noſſo Santo com a meſma Metafora do Sol: foi a obediencia do noſſo Santo Antonio tão prodigioſa que parece cauſou admiração ao meſmo Deos, & ſe no tempo de Ioſue o Sol parou em virtude da obediencia, até o meſmo Deos parou huma vez com demonſtraçoens de admirado vendo a obediencia do noſſo Santo: conuerſando o menino Ieſus com

San-

Santo Antonio, tangeo o ſino da Communidade, & logo partindoſe o noſſo Santo com a palaura na boca, deixou ao ſeu diuino hoſpede pera acudir à ſua obediencia; tornado pois o Santo Padre â cella, achou ao diuino Infante no meſmo lugar aonde o deixara, & admirandoſe de hum tão ineſperado encontro; não te admires Antonio, lhe diſſe o Senhor, que ſe tu te não foras, eu me fora, o primor da tua obediencia foi a cauſa da minha detença, *Abijſſem, niſi abijſſes*, de maneira que no meſmo tempo que Santo Antonio ſe apartou do ſeu Sol com deſuelos de obediente, parou eſte Sol diuino com ſuſpenſoens de admirado, que ſe no Mundo ha objectos capazes de enleuarem os olhos de Deos, & de lhe embargarem os paſſos, ſó os primores de huma Religioſa obediencia podem occaſionar eſtas demoras, & eſtes aſſombros: ſemelhante aſiſtencia a eſta que o Sol material fez a Ioſué, & o Sol diuino a Santo Antonio, faz neſte dia o Sol ſacramentado âs noſſas Profeſſas, que para mais auultarem eſtas duas Eſtrellas no triũfo da ſua obediẽcia, não era neceſſario menos que a preſença de hum Sol quanto mais disfarçado, mais luminoſo. Ditoſas vòs que eclypſando na cegueira da obediencia, a luz da rezão, empenhais ao meſmo Deos a que ſuſpenda na esfera das Eſpecies ſacramentaes, o inuiſiuel trofeo das ſuas luzes.

Tenho moſtrado a inſeparauel amizade da luz com a obediencia, & ainda a confirmo com outra Eſcritura, & com ella acabo o Sermão: he a luz tão amiga da obediencia, que na caſa de Deos não luz, quem não obedece, & quem mais ſe deſuela na obediencia, ſempre mais ſe apura na luz. Sonha Ioſeph, que hum Sol, huma luz, & onze Eſtrellas o adorão: no Sol ſe ſignifica ſeu pay Iacob, na Lua ſe repreſenta Balâ ſua Madraſta, & ſeus onze irmãos nas onze Eſtrellas; & não me admira, que aos pays, & aos irmãos de Ioſeph neſta põpoſa demonſtração da ſua obediencia, ſe apropriem os nomes dos Aſtros celeſtes, pois he proprio da obediencia trãſformar os homens em Eſtrellas; o que me cauſa mayor admira-

miração, he que obedecendo todos com igual deſuelo, reſplandeção com tanta deſigualdade, que logrando huns a mageſtade do Sol, & a eſpecioſidade da Lua, os outros não alcancem mais que o ſcintillante das Eſtrellas ; que ſe todos treze ſe moſtrão igualmente reſpeitoſos, & obedientes, porque não diz Ioſef que treze Soes, ou treze Luas, ou outras tãtas Eſtrellas o adorão? A repoſta não he menos futil que o reparo. Diſtinguem os Meſtres da vida eſpiritual tres degraos de obediencia; o primeiro he obedecer aos ſuperiores, o ſegundo obedecer aos iguaes, o terceiro, & o mais perfeito de todos he obedecer aos inferiores, porque obedecer aos ſuperiores, he obrigação; obedecer aos iguaes, he fineza, mas obedecer aos inferiores, he exceſſo: no ſonho de Ioſeph acho eſtes tres degraos de obediencia: obedecem os onze irmãos ao ſeu ſuperior, porque ainda que Ioſeph ſeja inferior na idade, he ſuperior aos ſeus irmãos nas prendas ; obedece Balâ ao ſeu igual, porque não ſendo mais que madraſta de Ioſeph, não lhe he tão ſuperior como ſe fora ſua mãy verdadeira; finalmente obedece Iacob ao ſeu inferior, porque obedece ao ſeu filho Ioſeph: logo era razão que os degraos da luz ſe mediſſem pellos degraos da obediencia; & que os irmãos de Ioſeph ſe contentaſſem com a luz das Eſtrellas, pois obedecião ao ſeu ſuperior, que Balâ não paſſaſſe da Eſfera da Lua, pois obedecia ao ſeu igual, mas a Iacob que ſe ſogeitaua ao ſeu filho , & que obedecia ao ſeu inferior , juſto era ſe communicaſſe toda a pompa, a belleza, & a mageſtade de hum Sol. Oh almas Religioſas, que apurada ſae a voſſa luz dos abatimentos da voſſa obediencia; que ſe neſte generoſo ſacrificio da voſſa liberdade vos ſogeitais âs voſſas Preladas, âs iguaes, & as inferiores, tanto ſe leuanta a eſfera do voſſo luminoſo imperio, que abraçando toda a gloria dos Aſtros celeſtes, vós appropriais os encomios com que hoje a Igreja aplaude o mayor dos Santos, Santo Antonio: *Vos eſtis lux mundi.* Sois a luz do mundo, porque atropellais todos os ſeus luzimentos, os luzimentos da ſua ambição pel-

lo voto da pobreza, os luzimentos da ſua belleza pello voto da caſtidade, & aos luzimentos da ſua diſcrição pello voto da obediencia, & com pizares eſtes vãos luzimentos, lograis as excellencias da verdadeira luz ; a pobreza he huma luz que vos enriquece , a caſtidade he huma luz que vos apura , a obediencia he huma luz que vos coroa ; por onde ſe jâ ſois irmaãs na affinidade do ſangue, & na conſanguinidade da Religião,eſpero que tambẽ ſereis hum dia irmaãs,na participação da gloria. *Ad quam, &c,*

SER-

SERMAM

PREGADO

NA PROFISSAM DE HVMA
Religioſa em dia do

ESPIRITO SANTO

No Moſteiro do Caluario.

Ad eum veniemus, & manſionem apud eum faciemus. Ioann 14.

NÃO he o Caluario, triſte hoſpicio das ſombras, & funebre officina da morte, pois dece nelle o Eſpirito Santo com tão grande copia de luzes, que hoje pode o Caluario competir com os reſplandores do Cenaculo; Là no Cenaculo baixou o Eſpirito Santo em lingoas como de fogo: *Diſpertitæ linguæ tanquam ignis*, & ſendo eſtas lingoas como de fogo, tinhão ſó do fogo as apparencias; mas no Caluario exprimenta huma alma, as realidades deſte diuino fogo com tanta euidencia, que atè no burel do habito que profeſſa, ſe diuiſaó as cinzas, demoſtra-

doras do amoroſo incendio em que ſuauemente ſe abraza. No Cenaculo deceo o Amor diuino ſobre os Apoſtolos cõ eſtrondoſa vehemẽcia, que o Amor não ſabe calar, & ſempre faz oſtentação de que o vejão arder : *Factus eſt repente de Cælo ſonus tanquam aduenientis Spiritus vehemẽtis.* Mas no Caluario entra hoje eſte diuino Amor ſem eſtrondos, pera moſtrar a meu ver, que o Caluario he o ſeu centro, & não era preciſo, que pera Deos ſe fazer ouuir, entraſſe com ruido, aonde todas eſtão tão attentas à ſua voz, & tão deſueladas no ſeu Amor. No Cenaculo repartio o Amor as ſuas luzes com todos aquelles felices congregados : *Sedit ſuper ſingulos eorum.* Mas no Caluario lança eſte diuino Amor a huma ſó parte todos os ſeus reſplandores, & com tanta parcialidade illuſtra a huma Religioſa, que parece deixa em eſcuridades as outras, communicando todos os ſeus rayos, àquella que hoje lhe ſacrifica todos os ſeus affectos. Chama a Igreja ao Eſpirito Santo, dom do Altiſſimo : *Altiſſimi Donum Dei*, & com muita rezão, porque aſſim como o verbo por nacer do entendimento apropria a ſi tudo o que ao entendimento pertence, como ſer ſabedoria, ſer repreſentatiuo das criaturas, & eſpelho da diuina eſſencia, aſſi o Eſpirito Sãto por proceder da võtade como Amor produzido do Pay, & do filho, apropria a ſi tudo o que à vontade pertence, como ſaõ os affectos, os beneficios, & as dadiuas, & por iſſo pertence ao Eſpirito Santo o ſer dom; & o comunicar doẽs : *Altiſſimi donum Dei.* Abrãoſe logo os coraçoens, para receberem eſte diuino Author de todas as graças : *Hoſpitem hunc apertis januis cordis ſuſcipiamus*, diz Santo Auguſtinho, que o Eſpirito Santo he hum hoſpede que enriquece aos que o hoſpedão, & o coração que eſcolhe por ſeu domicilio, he o theatro da ſua liberalidade : *Non pigeat hoſpitem ſuſcipere qui venit non torquere, ſed paſcere, non expoliare, ſed veſtire*, ſupoſto pois que o Eſpirito Santo quer hoje fazer das noſſas almas a ſua habitação, como conſta das palauras do meu thema : *Apud eum veniemus, & manſionem ad eum fa-*

Auguſt. Serm. infra Hebdom. Pẽteces.

faciemus, vejamos que grandes ſaõ os doens, & que exceſſiuas as riquezas que eſte ſoberano hoſpede communica a eſta Religioſa que com entranhauel hoſpitalidade o agaſalha no ſeu coração, & com os ſagrados vinculos dos tres votos amoroſamente o abraça: â noſſa Profeſſa que hoje ſe aparta do mundo communica o Eſpirito Santo as riquezas de tres mũdos, a ſaber do mundo elemental, do mundo celeſte, & do mundo Archetipo que he Deos; as riquezas do mundo elemental, ſaõ os Reynos, & os Imperios da terra, as riquezas do mundo celeſte ſaõ as excellencias dos Anjos, & as riquezas do mundo Archetipo que he Deos, ſaõ a ſoberania & a independencia da diuindade; todas eſtas riquezas alcãça a noſſa venturoſa Profeſſa pellos tres votos com que hoje ſe conſagra a Deos, pello voto da pobreza, toma poſſe dos Imperios da terra, que ſaõ as riquezas do mundo elemental, pello voto da caſtidade, goza da pureza dos Anjos, que he o thezouro do mundo celeſte, & pello voto da obediencia, participa em certo modo a ſoberania da diuindade, que he o thezouro do mundo Archetipo; eſtes ſaõ os tres aſſumptos do Sermão, & as tres dadiuas com que o Eſpirito Santo enriquece a eſta ditoſa alma, em que para nunca mais ſe deſpedir, ſe hoſpeda: *Apud eam veniemus, & manſionẽ apud eam faciemus.*

Aue Maria.

I. PARTE.

O Primeiro dom que o Eſpirito Santo cõmunica a eſta alma Religioſa ſaõ as riquezas do mundo elemẽtal, toma a noſſa Profeſſa poſſe deſtes bens terrenos porque os atropella, que os bens da terra não ſaõ noſſos quando os poſſuimos, ſó quando os piſamos ſaõ noſſos. Ao pouo de Iſrael prometeo Deos a enueſtidura de hum grande Imperio, com eſtas enfaticas palauras: *Omnis locus quem calcauerit pes veſter, veſter erit.* Toda a terra que pizardes ſerà voſſa, notai a clauſula da doação, aos Iſraelitas faz Deos hum donatiuo *Deuter.* 11.

de toda a terra: *Omnis locus.* Mas com condição que a pizem: *Quem calcauerit pes vester.* No pizar se significa o desprezo, & parece quer Deos dizer, que as riquezas da terra se não possuem, senão quando se desprezão; documento he este, que a mesma natureza nos dá no naciméto do ouro, possue a natureza o ouro que nas entranhas da terra se gera, porèm tão pouca estimação faz a natureza deste Sol dos metaes, que com a baixeza do seu nacimento inculca aos homens o seu desprezo; nace o ouro debaixo da terra, não por outra razão, diz o Philosopho moral, senão para q̃ os homens o pizem: *Pedibus aurum, & argentum natura subjecit calcandum.* Assim despreza a natureza as mesmas riquezas que possue, & por isso as possue porque as despreza, que o ouro não pertence à natureza senão em quanto fica debaixo da terra, que logo que a nossa cobiça o desenterra pera o leuantar a pomposos empregos, já não estâ o ouro na jurisdição da natureza, entra o ouro no poder da vaidade, & não se enuergonhão os homens (conclue o Seneca) de pôr sobre a cabeça, o metal, que a natureza lhes poz debaixo dos pès:

Seneca Ep. 95. *Non erubescimus summa apud nos esse, quæ fuerunt ima terrarum.* Para corroborar as prouas da minha proposição, não me quero valer de argumentos vulgares, fundando a gloria da pobreza sobre a desestimação das riquezas, não chamarei ao ouro, incentiuo da cobiça, feitiço da razão, tyranno da justiça, & contagio da innocencia; sô direi, que as riquezas sã̃o tanto mais preciosas, quanto mais desprezadas, & que o mũdo anteposto a Deos não tem nenhum valor, mas postposto a Deos, abatido, & aniquilado, excede o valor de todos os thezouros. Prouo esta verdade com huma demonstraçam aritmetica; todos sabem que a cifra, a que vôs figurais com a letra o, posta antes de hum 1, por exemplo, não significa nada, posta depois do mesmo 1, significa dez, & se se ajuntar outra cifra, faz cento, & se outra, faz mil, de maneira que tã̃o mais crece o numero, quanto mais fica distante, & atrazada a cifra. Não de outra sorte na Aritmetica do Ceo. A

letra

letra 1, ſymbolo da vnidade repreſenta a Deos, & a cifra que tem figura circular he o retrato do mundo ; a cifra antes da vnidade, quero dizer, o mundo antepoſto a Deos, he huma figura ſem ſignificação, & huma entidade ſem ſubſtancia, pello contrario o mundo poſpoſto a Deos, regeitado,& abatido, he hum erario de riquezas, & hum thezouro que nam tem preço. Que profundamente entendia Dauid o ſegredo deſta diuina Aritmetica : *Subſtantia mea,tanquam nihilum, ante te*, Senhor, dizia Dauid, ſe quero antepor os intereſſes da minha coroa â gloria do voſſo nome, & os bens da fortuna aos thezouros do Ceo, fica a minha gloria huma cifra, & a minha fortuna hum nada : *Subſtantia mea,tanquam nihilum, ante te* ; mas ſe me reſoluo a deſprezar eſtes bens terrenos, ſe lhes dou o vltimo lugar na minha eſtimação, & ſe os conſidero como caracteres improprios, & cifras impertinentes, ô que de riquezas acho no centro da voſſa grandeza: *Subſtãtia mea, apud te eſt.*

Esforcemos o penſamento, & vejamos mais particularmente como o deſprezar as riquezas he artificio para ſe enriquecer. Não ha lugar em que ſe logrem maiores riquezas que no Ceo, com tudo, o Ceo (ſe bem aduirtirdes) he o lugar em que mais ſe deſprezão as riquezas. No Apocalypſe eſcreue S. Ioão que ha ouro, perolas, & pedras preciosas no Ceo ; o ouro ſe acha em tão grande abundancia, que delle eſtão calçadas as ruas : *Platea ciuitatis, aurum mundum.* As perolas que no Ceo ſe achão, ſaõ de huma tão extraordinaria grandeza, que doze dellas baſtão para a fabrica das doze portas : *Duodecim portæ duodecim margaritæ*, & as pedras precioſas ſaõ em tão exceſſiuo numero que com ellas ſe eſmalta a immenſa maquina dos alicerſes : *Fundamenta muri ciuitatis, omni lapide pretioſo ornata.* Mas reparai que todas eſtas riquezas não ſe lograõ no Ceo, como ſogeitos de eſtimação, ſenão como objectos de deſprezo, & pera proua diſſo, vede que humilde he o lugar em que ſe empregaõ ; o ouro não reſplandece rebocado nas paredes, pi-

pizaſe o ouro lançado nas ruas: *Platea ciuitatis auru mundu.* As perolas não luzẽ encaixadas nas coroas, ficão as perolas deſterradas às portas, & por portas (como cà dizeis) *Duodecim portæ duodecim margaritæ*, & as pedras precioſas não ſe ſublimão à altura dos tectos, mas lançãoſe no profundo dos alicerſes: *Fundamenta muri omni lapide pretioſo ornata.* Com eſte deſprezo ſe tratão no Ceo as riquezas, que a noſſa cegueira idolatra no mundo, donde podemos inferir que a deſeſtima dos metaes que na terra ſe adoraõ, he huma participação da Bẽauenturança, & q̃ maior gloria ſe alcança deſprezando que poſſuindo ao mundo. Na opinião dos ſabios, mais glorioſo foi o filoſofo Diogenes, que o Emperador Alexandre, porque os Trofeos de Alexandre, não erão outra couza mais que os deixados, & os repudios de Diogenes, atropellou a generoſa pobreza deſte Philoſofo os theſouros a que anhelaua a inſaciauel cobiça daquelle Emperador, & o meſmo mundo que eſtaua nas maõs de Alexandre, idolo da ſua ambição, eſtaua aos pès de Diogenes, victima do ſeu deſprezo. Mas melhor que os antigos Philoſofos autenticão eſta verdade todas aquellas Raynhas, & Emperatrizes, que preferirão à mageſtade da ſua purpura, o habito da noſſa Profeſſa. A vos ſe dirige o meu diſcurſo Ines de Bohemia, Ioana de Nauarra, Cunegunde de Suecia, Salome de Polonia, Catarina de Saboya, Margarida de Auſtria, & Iſabel de Portugal, todas filhas de S. Franciſco, diſcipulas de Chriſto crucificado, & Profeſſas do Caluario, moſtraí como no deſapego das voſſas grandezas achaſtes o artificio de as acrecentar, & deſenganai a noſſa vaidade, manifeſtando que mais auultou a voſſa gloria no deſprezo, que no logro do mundo. Mas porque quero eu perturbar o ſagrado ſilencio das voſſas cinzas, quando tenho diante dos olhos o retrato das voſſas virtudes; pello voto da pobreza renuncia a noſſa Profeſſa tudo o que ſe pode lograr na terra, & ſe a fortuna não lhe deu ceptros, & coroas que poſſuir, da-

lhe

lhe a graça coroas, & ceptros que desprezar, ditoza alma! que se naceo ao mundo com soberanias de Princeza, triunfa hoje no Caluario com preminencias de soberana.

Em huma alma pois como esta, em que a pobreza depozita os seus thesouros, constitue o Espirito Santo o seu domicilio: *Apud eam veniemus, & mansionem apud eam faciemus.* Que o Espirito Santo he tão amigo da pobreza, que ló aonde a pobreza habita, ahi o Espirito Santo se aposenta. Tanto que os Reys do Oriente entrão no Paço de Herodes, ocultou a Estrella os seus rayos, & logo que estes purpurados peregrinos chegarão à lapa de Belem, suspendeo a Estrella o seu curso, & com agradauel magestade estendeo a dourada gala dos seus resplandores: *Stetit supra vbi erat puer.* Escreue o Author dos prodigios da Sagrada Escritura (obra que anda no terceiro tomo das obras de Santo Augustinho) que esta milagrosa Estrella era o Espirito Santo: *Author ille*, escreue o Maldonado no seu Comentario sobre os Euangelhos, *Author ille de mirabilibus sacræ Scriptura & alij, Spiritum Sanctum fuisse putant, qui post baptismum specie columbæ, ita nunc specie Stellæ ad demonstrandũ Christum descenderit.* Supposto pois que este Astro celeste que guiaua aos Magos, era o Espirito Santo, porque razão se eclypsou à vista do Paço, & não â vista do Presepio: *Cohæret Stella cum Præsepis paupertate.* Responde hum graue Expositor; retirou o Espirito Santo as suas luzes do Paço, porque nos Paços amontoa a cobiça os thezouros da terra, mas no Presepio, augusto theatro da pobreza de Christo recem nacido, derramou o Espirito Santo os seus resplandores, que sô aonde a pobreza escolhe o seu hospicio, ahi assenta o Espirito Santo o seu trono: *Stetit supra vbi erat puer*; reseruai ô diuino Espirito a pompa das vossas luzes para o Caluario, em que hoje huma alma modestamente soberba, despreza os thezouros da terra, lançai os vossos rayos aonde o mundo padece os seus eclypses, & pegai os vossos incendios em hum coração em que todas as grandezas humanas

Maldon. in Euãh.

ſe reduzem a cinzas ; & vôs alma Religioſa , tomai poſſe das riquezas que deſprezais, que aos que ſe deſapoſſaõ dos thezouros do mundo, entrega o Eſpirito Santo a poſſe de todos os thezouros. Reparo que Chriſto Senhor noſſo , nunca poſſuio mayores riquezas , que no Preſepio , em que no oriéte da ſua vida, vio tributados a ſeus pès os thezouros do Oriente ; pois porque razão ſe offerecem ao Senhor tantas riquezas no Preſepio, ſenão porque no Preſepio ſe deſapoſſou o Senhor de todas as riquezas, & he muito para aduirtir, que o Eſpirito Santo em figura de Eſtrella leuaſſe os portadores deſtas riquezas ao Preſepio, porque aonde todas as riquezas ſe regeitauão, ahi quiz o Eſpirito Santo ajuntar todas as riquezas ; & com iſto tenho prouado , que o Eſpirito Santo cõmunica á noſſa Profeſſa os thezouros do mũdo elemétal pello voto da pobreza; vejamos agora como o Eſpirito Santo commnnica a eſta ſua Eſpoſa os thezouros do mundo Angelico pello voto da caſtidade, eſte he o ſegundo aſſumpto do Sermão, & a ſegunda dadiua do Eſpirito Santo , magnifico Bem-feitor da caſa em que ſe hoſpeda : *Apud eam veniemus, & manſionem apud eam faciemus.*

II. PARTE.

O Thezouro dos Anjos, he a pureza do ſeu ſer deſapegado de toda a materia ; chamo a eſta pureza Angelica thezouro, & com as palauras de Iob, thezouro de neue: *Nũquid ingreſſus es theſauros niuis?* he a pureza dos Anjos hũ thezouro pellas excellencias que encerra, & he thezouro de neue, porque a neue he o ſymbolo da pureza. Lograõ os Anjos eſte incorruptiuel theſouro deſde o primeiro inſtante da ſua criação, & a ſua criação foi , ao meu ver , a mina do theſouro que logrão, que entre os Anjos, & os homens ha eſta differença, que os homens como gerados nacem entre as îmmundicias do ventre materno, & os Anjos como criados nacerão liures das corrupçoens da natureza. Para mayor intelli-

telligencia desta doutrina, suponho cõ Aristoteles no quarto da Physica, que as cousas criadas nacem mais puras que as que se gerão, porque o que he criado, sae a luz com toda a sua perfeição cabal, & o que he gerado, chega com successivos progressos à sua cabal perfeição: *Omne generatum prius est imperfectum, quam perficiatur.* Exemplo: a luz naceo perfeita, porque foi criada, toda a perfeição da luz he luzir, & no mesmo instante que a luz naceo, luzio; sahio a luz das mãos de Deos pisando sombras, desterrando treuas, & atropellando escuridades; as plantas pelio contrario nascem imperfeitas, porque saõ geradas, ou para melhor dizer, produzidas da terra; brota huma aruore com fraquezas de menina, primeiro que se empine para o Ceo com esforços de gigante, hoje amanhece encerrada no botão, à menhaã aparece aberta em folhas, depois se ostenta dilatada em ramos, mostrase finalmente licencioſa nas flores, & saborosa nos frutos; não de outra sorte as criaturas racionaes; os Anjos nacerão cabalmente perfeitos, porque forão criados; não lhes apurou o juizo a madureſa da idade, & o curso dos annos nam lhes alentou as forças; não assim os homens; nacem os homens imperfeitos, porque saõ gerados, gemem os Reys encolhidos no berço primeiro que subão magestosos ao trono; chora o varão enfaixado nas mantilhas, antes que se ostente inuenciuel nos conflictos; experimenta o entẽdido as ignorancias da infancia, primeiro que se assinale no imperio das letras, & para tudo resumir em duas palauras, o que nace por via de criação, sae cabal nas prendas, & o que por via de geração se produz, nace sogeito a defeitos. Supostas todas estas razoens, parece que para hum coração ser inteiramente puro, ha de ser milagrosamente criado, o que na minha opinião, entendeo Dauid, quando pedio a Deos o dom da pureza: *Cor mundum crea in me Deus.* Notai: não diz Dauid, fazei Senhor este meu coração puro, senão, criai dentro de mim outro coração, como se dissera, o coração que me palpita no peito, he o que a natureſa me deu nas entranhas

maternas, & porque não póde este coração sarar das enfermidades com que naceo, necessito de hum coração nouamente criado: *Cor mundum crea in me Deus*

Apliquemos esta doutrina ao nosso intento, & vejamos como a nossa Professa alcança por huma especie de criação o thesouro da pureza Angelica. Ao Espirito Santo dà a Igreja o nome de criador: *Veni creator spiritus*, & da Escritura consta que o nome de criador só ao Eterno Pay compete: *Vnus est Altissimus creator omnipotens.* Bem sei que este soberano titulo conuem a todas as pessoas diuinas, por serem todas igualmente poderosas, porem considerando as criaturas em dous estados, no estado da natureza, & no estado da graça, no estado da natureza o Eterno Pay pello attributo do poder cria as nossas almas em quanto racionaes, & no estado da graça o Espirito Santo pello attributo da sanctidade cria as nossas almas em quanto puras; na primeira criação nacem as almas pera as operaçoens do entendimento, & na segunda nacem as mesmas almas pera a continencia dos appetites; pello que considero nesta Religiosa dous generos de criação, o primeiro quando naceo ao mundo, & o segundo neste dia em que morrendo ao mundo nace ao Ceo; no primeiro nacimento Deos a criou nas enfirmidades do ser humano, & no segundo o Espirito Santo a torna a criar nas eminencias do Angelico; encerra pois o nome da nossa Professa as circunstancias destes dous nacimentos, Antonia, Arcangela da Conceição, Antonia nome humano, Arcangela nome Angelico, como humana, està composta de elementos, como Angelica està aparentada com os Espiritos, com os elementos que a compoem se materializou a sua alma, mas com os espiritos com que se aparenta, se espiritualiza o seu corpo; esta Metamorfosi do corpo em Espirito explica a eloquencia de Tertulliano com a comparação do vidro, que formado das ervas, & outras grosserias da terras, aos repetidos assopros do Artifice se sutilisa em cristallinas transparencias; nos pri-

Tertull. lib. de anima c. 9. Recogita

mei-

meiros dias da criação era o corpo de Adão hum pedaço de barro, deu o diuino Artifice hum assopro: *Insufflauit in faciem ejus*, & logo a espessura do barro se conuerteo em animado cristal: *Factus est homo in animam viuentem.* Que milagrosamente se renoua neste dia o sagrado artificio desta transformação, pois aos diuinos alentos do Espirito Santo se apura em Angelicas claridades o opaco de hum corpo corruptiuel, & com espanto da natureza passa para a esfera dos Anjos huma criatura nacida nas grosserias dos Elementos. A huma alma pois que o Espirito Santo escolheo para sua habitação: *Apud eam veniemus, & mansionem apud eam faciemus*; era tam preciso o ornato desta Angelica pureza, que sem a pureza deste ornato, não lhe agradara esta habitação, tão proprio he do Espirito Santo não colocar o seu solio, senão aonde a pureza leuanta o seu trofeo; grande lugar se me offerece para a prova desta verdade; disse Christo aos Apostolos, que para o Espirito Santo se lhes communicar, era preciso que elle os desemparasse: *Si non abiero, paraclitus nõ veniet ad vos*; desenganaiuos Discipulos meus, diz Christo, que se eu me não for, o Espirito Santo não ha de vir, que sô na ausencia da minha vista, se vos pôde conceder o bem da sua presença. Mas que opposição, ou que antipathia pôde hauer entre estas duas diuinas Pessoas, perguntão aqui Santo Agostinho, & S. Bernardo: *Itane inuisa Paraclito præsentia Christi, aut contubernium dominicæ oannis Spiritus Sanctus horrebat?* Se o Espirito Santo está inseparauelmente vnido com a Pessoa do Verbo, & se ambos se compadecẽ desde a Eternidade no centro da mesma essencia, porque não poderàm juntamente viuer nos limites da mesma casa? & que razão pode obrigar os Apostolos a sentir as ausencias do primeiro para merecerem as assistencias do segundo? Responde com grande agudeza Santo Agostinho: os Apostolos amauão a Christo ao humano mais que ao diuino, deleitauaõse com a sua presença corporal, & recreauão a vista com os aggradaueis encantos da sua celeste belleza, &

cũ Deus flasset in faciem hominis flatum illum per faciẽ, vsque in interiora transmissum, & per vniuersa corporis spatia diffusum, simulque diuinâ aspiratione dẽ fatum, & velut in forma gelasse.

Bernard. serm. 6. de Ascens.

ainda que foſſe innocente, & ſanta eſta affeição dos Apoſtolos, como empregada em hum tam diuino objecto, nam os julgou o Eſpirito Santo dignos da ſua communicação, que o Eſpirito Santo he tam cioſo dos luzimentos da ſua pureſa, que não quer habitar nos coraçoens em que ſe acha a menor ſombra dos affectos da terra ; os Apoſtolos amauão a Chriſto materialmente como homem, & não o amauão puramẽte como Deos, & era tam incompatiuel a pureſa do Eſpirito Santo com a groſſeria deſte amor, que foi preciſo auſentarſe Chriſto dos Apoſtolos, & negarlhe os aliuios da ſua viſta, para o Eſpirito Santo lhes entregar os theſouros da ſua pureſa; admirauelmente Santo Agoſtinho : *Quid ergo eſt? niſi abiero, Paraclitus non veniet ad vos, niſi non poteſtis capere ſpiritum, quamdiu ſecundum carnem perſiſtitis noſſe Chriſtum.*

Aug. tra Etat. 94. in Ioann.

Eſta duuida ſatisfeita, nace outra mayor. Neſte dia em que celebra a Igreja a vinda do Eſpirito Santo, adoramos neſte Altar o Corpo de Chriſto ſacramentado, logo ſe o Eſpirito Santo não ſe communicou aos Apoſtolos em quanto tiuerão a Chriſto preſente, com que razão preſume a noſſa Profeſſa lograr a preſença de Chriſto, & juntamente a aſſiſtencia do Eſpirito Santo? Reſpondo; no tempo dos Apoſtolos era o corpo de Chriſto viſiuel, & neſte eſtado podia o attractiuo da ſua belleſa enleuar os ſentidos, como objecto proporcionado à rudeſa deſtas materiaes potencias, mas no Sacramento eſtà o corpo de Chriſto a modo de eſpirito, inuiſiuel aos olhos da carne, & ſómente viſiuel aos olhos da Fè, & neſta eſpiritual preſença ſe acredita a pureſa do amor, porque amandoſe o que ſe não vè, ficão ſatisfeitas as potencias da alma, & não ha ſatisfação nenhuma pera os ſentidos, ſendo pois o corpo de Chriſto no Sacramento objecto de hum amor tam puro, a huma alma que adora neſte ſagrado corpo immaterialidades de eſpirito, ſe communica o Eſpirito Sãto com fineſas de Eſpoſo : *Apud eam veniemus, & manſionem apud eam faciemus.* Eſta pois he huma das mayores vẽ-

tajens

tajens que hoje o Caluario leua ao Cenaculo. No Cenaculo não se vnirão juntamente Christo, & o Espirito Santo, porque naquelle sagrado theatro da diuina munificencia, Christo se deu aos Apostolos no caliz do seu sangue, primeiro q̃ o Espirito Santo lhes communicasse os ardores do seu fogo; mas no Caluario, de maneira se vnem este fogo, & este sangue, que no mesmo tempo que có o sangue de Christo chouem diluuios de graças, arde em incendios de amor o fogo do Espirito Santo. Bemafortunada criatura, que nas asperezas do Caluario chegou a lograr hum fauor que os Apostolos não poderão conseguir nas delicias do Cenaculo, & razão era excedesse aos Apostolos na ventura, huma alma q̃ se iguala com os Anjos na pureza. Esta consolação deu hoje a hum espirito Angelico, o Espirito consolador: *Spiritus Paraclitus*, & que justamente se vne neste dia a consolação có a pureza; huma das mayores felicidades dos Anjos he a cõsolaçao, & a alegria com que viuem: *Gaudent Angeli, lætãtur Archangeli.* Pello contrario huma das mayores pensoẽs do Matrimonio, saõ as ansias, & as desconsolaçoens que o acompanhão; não tem os casados dia de alegria sem sua nuuem, nem colhem flor de contentamento sem seu espinho: *Tribulationem carnis patientur hujusmodi*, affirma S. Paulo, & o que he mais pera sentir, he que o mayor pezo do jugo matrimonial cabe na parte mais fraca, que he a mulher. Retrato desta verdade foi o casamento de Isaac com Rebecca; Isaac em lingoa Hebraica significa, Riso, & Rebecca, quer dizer, paciencia; todas as vezes que se celebra hum casamẽto, casa o riso com a paciencia; o marido senhor da sua võtade, arbitro das suas acçoens, distrahido nos jogos, & diuertido nos passatempos, he o riso, a mulher sogeita às dores do parto, à criação dos filhos, & aos embaraços da familia, he a paciencia; que consonancia pois póde fazer o prazer com a dôr, a alegria com o sentimento, & a paciencia cõ o riso; ô matrimonio, se a Fê me não obrigára a vos respeitar como Sacramento, dissera que sois hum inuisiuel naufragio

gio de coraçoens enganados, priſaõ do aluedrio, eſtrago da belleza, berço da diſcordia, & ſepultura da liberdade; mas ô caſtidade Angelica, centro de prazeres, & officina de cõtentamantos: *Gaudent Angeli, lætantur Archangeli*; das almas que conſagrão a Deos a ſua pureza, diſſe Chriſto em S. Matheos, que ſaõ ſemelhantes aos Anjos, que não ſe caſaõ nunca: *Sunt ſicut Angeli Dei qui nec nubent nec nubentur*, proua euidente, que o caſar he couſa humana, & o nam caſar propriedade Angelica, & que quanto vai de hum homem a hum Anjo, vai de huma ſecular a huma Religioſa, & de huma eſcraua do mundo a hum Serafim do Caluario. Temos viſto neſte ſegundo diſcurſo como a noſſa Profeſſa alcãça pello voto da caſtidade as riquezas do mundo Angelico, reſta que vejamos como pello voto da obediencia participa em certo modo as riquezas do mundo Archetipo, que ſaõ a ſoberanîa, & a independencia da diuindade; eſte he o terceiro aſſumpto do Sermão, & o terceiro dom que o Eſpirito Santo communica a eſta ſua querida Eſpoſa: *Apud eam veniemus, & manſionem apud eam faciemus.*

III. PARTE.

HVm dos mayores thezouros da diuindade, he a ſuprema independencia do ſeu querer; chamo a eſta ſoberana vontade thezouro, porque nella ſe encerraõ as grandezas da diuina Omnipotencia, faz Deos tudo o que quer, & juntamente quer tudo o que faz: *Deus omnia operatur*, diz S. Paulo; *ſecundum conſilium voluntatis ſuæ*. Neſte abſoluto imperio da vontade diuina eſtà fundada a ſemelhança do homem com Deos; que ſe Deos he Deos pella ſoberanîa do ſeu querer, he o homem ſemelhante a Deos, pella participação deſta diuina ſoberanîa. Ponderando aquellas tam celebradas palauras do Geneſis, que affirmaõ que Deos criára ao homem ſemelhante a ſi: *Fecit Deus hominem ad ſimilitudinem ſuam*; pergunta Santo Agoſtinho, em que conſiſte eſta ſe-

semelhança : *Vbi est ista imago :* Deos não communicou ao homem a sua eternidade, porque he mortal , não lhe deu a sua infinidade, porque he limitado , não lhe communicou a sua omnipotencia, porque he fraco, não o illustrou com a sua sabedoria, porque he ignorante, logo que semelhança tem o homem com Deos ? *Vbi est ista imago ?* Responde a si mesmo Santo Agostinho : *Est in mente, est in libero arbitrio*, toda a semelhança do homem com Deos consiste no aluedrio, & na vontade, he o homem tam absoluto senhor do seu querer, que a mayor violécia dos tyrannos não he capaz de lhe fazer mudar a menor das suas resoluçoens ; por isso chamarão os Antigos á vontade humana, primeiro mouel das operaçoens do Microcosmo, Rainha do mundo pequeno , herdeira da diuina liberdade, & successora da sua independencia; participa hoje a nossa Professa as excellencias desta diuina semelhança por hum meyo tanto mais prodigioso, quanto mais parece desproporcionado ; alcança a independencia da sua vontade pella sogeição, a soberanîa pello catiueiro, & a liberdade pella obediécia. Pera proua deste paradoxo suponho com os doutos, que a necessidade não sempre repugna ao voluntario, & que a mesma acção que he naturalmẽte preciza, póde ser absolutamente voluntaria ; gera o Eterno Pay ao Verbo necessariamente , mas sem violencia , os Bemauenturados vendo a Deos, não pòdem deixar de o amar, este amor he preciso juntamente , & voluntario ; rendese Christo na Hostia à voz dos Sacerdotes obediente, esta assistencia he necessaria, porque he desempenho da sua palaura , tambem he voluntaria , porque he desempenho do seu amor, que se a liberdade se não compadecera com a obediencia, não podera Christo obedecer â voz dos Sacerdotes sem desdouro da sua gloria. Pello que reparo , que Christo resucitado não pode tornar a morrer : *Mors illi vltra nõ dominabitur*, porem ainda pòde obedecer, como em effeito obedece âs palauras da cõsagração ; mas porque razão Christo no estado da gloria he capaz de obedecer , se no estado

da gloria he incapaz de morrer, ſe a obediencia he hum ſacrificio da vontade, & ſe a morte he hum ſacrificio da vida, porque razão Chriſto não pode ſacrificar a vida, aſſim como ſacrifica a vontade? direi, o ſacrificio da vida deſtrue o ſer da peſſoa que morre, & o ſacrificio da vontade, acrecenta a liberdade da peſſoa que obedece, tanto aſſim, que ao noſſo modo de entender, logra Chriſto mayor liberdade no Sacramento, aonde eſtà com ſogeiçoens de obediente, que no Empireo aonde viue com independencias de reinante; Chriſto reſucitado, sò à mão direita do Eterno Pay tem o ſeu aſſento: *Sedet ad dexteram Patris*, Chriſto ſacramentado aſſenta em todas as partes do mundo o ſeu Trono; no Empireo Chriſto he eſſencialmente vnico, no Sacramento Chriſto eſtà milagroſamente replicado; na gloria eſtá Chriſto com vbi circumſcriptiuo, que he proprio dos corpos, na Euchariſtia eſtà com vbi definitiuo, que he proprio dos eſpiritos. Mude logo a humana ſoberba a lingoagem, & o que impropriamente ſe chama obediencia, chameſe liberdade; chameſe independencia o que parece ſogeição, & não imagineis que a noſſa Profeſſa catiua a ſua liberdade pello voto da obediencia, pois a meſma obediencia a que voluntariamente ſe obriga, glorioſamente a liberta. Todas as vezes q̃ o Religioſo obedece, entendo que ſatisfaz a ſua vontade, porque como o voto da obediencia foi voluntario, tambem ſaõ voluntarios os actos que dependem deſtes votos, fazendoſe por eſte modo de duas vontades huma, da vontade de quem manda, & da vontade de quem obedece. Neſte ſentido dizia Dauid fallando na peſſoa de Chriſto: *in capite libri ſcriptum eſt de me vt facerem voluntatem tuam, Deus meus volui.* Aqui faz Chriſto menção de duas vontades, da vontade do Eterno Pay: *voluntatem tuam*, & da ſua propria vontade. *Deus meus volui*; mas ſe a vontade de Chriſto eſtaua ſogeita à vontade do Eterno Pay, com que razão podia Chriſto dizer que ſatisfazia a ſua propria võtade, *volui*, que parece não ſatisfaz a ſua vontade, quem a ſogeita, ſenão

quem

quem a executa ; Aſſim parece, mas não he aſſim ; ſatisfazia Chriſto a ſua vontade ainda que a ſogeitaſſe, porque a vontade de Chriſto era fazer a vontade do Eterno Pay, queria Chriſto o que Deos queria, & com eſta perfeita conformidade ſe identificauão duas vontades, a vontade de Chriſto homem, & a vontade de Deos Pay, & não pòde hauer mais liure, & independente acto, que aquelle em que Deos, & o homem querem pella meſma vontade : *Voluntatem tuam, volui.*

A quem pois ſe ha de attribuir eſta glorioſa transformação de vontades, ſenão ás ſagradas influencias do Eſpirito Santo, he opinião do Padre Soares na terceira parte tom. 2. que Chriſto Senhor noſſo deſde o primeiro inſtante da ſua conceição no ſeyo de Maria, fizera ao Eterno Pay voto de obediencia, o que parece prophetizou Dauid com eſtas palauras: *Iurauit Domino, votum vouit Deo Iacob*, & em outro lugar, *de ventre matris meæ Deus meus es tu*, de maneira que no parecer deſte Doutor , he prouauel que Chriſto ſe aſſinalou no exercicio da obediencia, primeiro que ſahiſſe à luz do dia, ſacrificãdo a liberdade nas meſmas entranhas em que recebeo a vida: *Probabiliter adſtruendum eſt, filium Mariæ in vtero matris , primo inſtanti conceptionis ſuæ ſe voto conſecraſſe Deo ad redimendos homines*, & ſe perguntar alguem a razão deſta tam anticipada obediencia nas entranhas maternas, não acho outra mais propria ao noſſo intento que eſta ; no ſeyo de Maria foi Chriſto concebido por obra do Eſpirito Santo : *Spiritus Sanctus deſcendet in te*, em huma conceição pois em que influîo a virtude do Eſpirito Santo, força era reſplandeceſſe a virtude da obediencia, & a pureza da conformidade ; que ſendo o Eſpirito Sãto o ſagrado vinculo, com que no Ceo, a vontade do Pay, & do Filho ſe vnẽ pella igualdade dos affectos, na terra, eſte diuino Eſpirito he o laço inuiſiuel, com que o homẽ ſe vne com Deos pella conformidade das võtades. Na Aurora da mais tenra idade buſcou a noſſa Profeſſa as ſagradas ſombras do Caluario , pera

Pſal. 131.

Suar. 3. p. tom. 2. de vita Chriſti diſp. 28 ſect. 2. & de ſtatu Religioſo tom. 6 l. 3 de voto c. 1.

colher nos mais verdes annos os frutos da obediencia, fogeitou a vontade logo que teue o vſo da razão, & não ſe pòde negar, que eſtes anticipados rendimentos foſſem effeitos do Eſpirito Santo, pois neſte dia em que ſolemnemente ſacrifica a ſua liberdade, dece o Eſpirito Santo do Ceo pera a coroar com ſuas luzes: *Apud eam veniemus, & manſionem apud eam faciemus*; lograi por muitos annos, ô alma Religioſa, as riquezas que eſte diuino hoſpede com tanta liberalidade vos communica, & jâ que vos apartais de hum mũdo pella profiſſaõ de tres votos, recebei da mão de hum Deos as riquezas de tres mundos; pello voto da pobreza tomai poſſe dos Imperios da terra, que ſaõ os thezouros do mundo elemental, pello voto da caſtidade gozai a pureza dos Anjos, q̃ he o thezouro do mundo celeſte, & pello voto da obediencia participai a independencia da diuindade, que he o thezouro do mundo Archetipo, em que ſe lograõ os thezouros da gloria. *Ad quam nos, &c.*

SER-

SERMAM

PREGADO NA

CAPELLA REAL

Na terceira quarta feira da Quaresma.

Dic vt ſedeant hi duo filij mei. Mat 20.

PARA patrocinar ao vicio, de que ſe originão todos os mais vicios, ſubo hoje a eſte lugar, Muito Altos, & muito poderoſos Principes, & Senhores noſſos; para patrocinar ao vicio, de que ſe originão todos os mais vicios, ſubo hoje a eſte lugar, mas antes que o dê a conhecer pello ſeu nome, determino de fazer o ſeu retrato: Teue eſte vicio o Ceo por berço; a terra por trono, & o inferno por ſepulcro; teue o Ceo por berço, porque naceo entre os Anjos; tem a terra por trono, porque reyna entre os homens; tem o inferno por ſepulcro, porque nos demonios perſeuera; he hum monſtro que agrada, huma peçonha que alimenta, & hum frenezî que encanta. As promeſſas que faz ſaõ enganos, as eſperanças que dâ ſaõ ficçoẽs, as honras a que ſublîma ſaõ precipicios; não guarda fee com ninguem, & todos lhe dão credito, não gratifica aos beneme-

ritos, & todos lhe tributão os coraçoens,& pera não ter mais os voſſos animos ambiguamente ſuſpenſos, chamaſe Ambição, vicio tam familiar nas Cortes, que não neceſſita de ſer nomeado pera ſer conhecido ; pois quem ha de prometter patrocinio a hum vicio, que merece caſtigos ? como ſe ha de repreſentar fogeito digno de louuores, o que foi ſempre objecto de abominaçoens ? Direi, muitas acçoens ha, que tem como o Jano dos Romanos dous roſtos ; olhadas de huma parte ſaõ imperfeiçoens, conſideradas da outra , ſaõ virtudes. Ira-ſe Deos contra nôs : *Iratus eſt Deus* , mas eſta ira *Zach.* 1.2 que nos homens he hum deſacerto da rezão,he em Deos hũa demonſtração de zelo, vingaſe Deos dos peccadores : *Mihi vindicta* ; mas eſta vingança que nos homens ſeria hum effeito da ſua colera, em Deos he o mayor empenho da ſua juſtiça ; pois ſe ha huma ira virtuoſa, & huma juſta vingança , porque não hauerà tambem huma ambição innocente ? para confederar a ambição com a innocencia, hauemos de emendar hoje a da mãy dos Zebedeos, que ſe repreſenta no meu thema por tres cauſas culpauel ; he culpauel a ambição deſta mulher por precipitada, por ocioſa, por intereſſada ; he culpauel por precipitada,porque não poem tempo de permeyo entre a petição, & o deſpacho : *Dic*, he culpauel por ocioſa, porque eſcolhe o trono por hum lugar de deſcanço , *vt ſedeant*, he culpauel por intereſſada, porque trata ſó da commodidade de ſeus filhos , *filij mei*, ſegueſe diſto, que pera ſer a ambição inculpauel, hà-ſe de mudar de precipitada em vagaroſa, de ocioſa em ſolicita, de intereſſeira em deſapegada ; & daqui formo pera as tres partes deſte diſcurſo,tres degraos neceſſarios pera ſubir a huma cadeira com innocencia ; o primeiro he o vagar,o ſegundo he o cuidado, & o terceiro he o deſintereſſe ; o vagar he neceſſario pera tomar noticia do emprego, o cuidado pera bem adminiſtrar o officio , o deſintereſſe pera ſatisfazer ao publico ; o vagar ſe opoem â preſſa deſta mulher , *dic*, o cuidado acuza a ſua inercia , *vt ſedeant* , & o deſentereſſe condena a ſua cobiça, *filij mei* ; ponha-

nhamos o pè no primeiro degrao, que hè o vagar, condição neceſſaria pera tomar noticia do emprego.

I. PARTE.

A Arte menos ſabida, & a mais exercitada no mundo, qual imaginais que ſeja? he a arte de mandar; deſta arte das artes não ha aprendizes, todos ſe prezão de meſtres. Não emprende de fazer retratos, quem não ſabe de pintura, não ſe atreue a correr mares, quem não eſtudou a carta de marear; mas iſto a que chamais gouernar, agrada de tal modo a todos, que difficultoſamente ſe acharà peſſoa, que para liſongear a ſua preſunção, não deſatenda â ſua incapacidade. Temos a proua no Euangelho, dous filhos de peſcadores aſpirão hoje ao titulo de ſoberanos, & ſua mãy duas vezes cega, & por amante, & por ambicioſa, procura de lhes mudar o barco em trono, & as redes da peſca nas redeas do Imperio: *Dic vt ſedeant hi duo filij mei*; mal aconſelhada ambição que ſolicita o cargo, ſem ponderar o talento, & que trata do comodo ſem atender â capacidade do ſogeito; as dignidades não ſe hão de procurar com preſſas, haõ-ſe de conſeguir cõ vagares, que as ſubidas quando ſaõ repentinas, ſaõ ordenadas pello demonio, & quando ſaõ vagarolas, ſaõ dirigidas por Deos. Duas ſobidas temos na Eſcritura ſagrada, huma que Deos ordenou, outra que traçou o demonio; moſtra Deos a Iacob a ſobida do Ceo, faz o demonio que Chriſto ſuba ao pinaculo do templo; o Ceo, & o pinaculo ambos ſaõ lugares eminentes, parece que as ſobidas deuião ſer as meſmas, mas não forão ſenão muito differentes; a ſobida do Ceo figura Deos a Jacob na eſcada que lhe moſtra: *Vidit Iacob ſcalam*, pera Chriſto ſobir ao pinaculo não offereceo eſcada o demonio, vſa de huma arrebatada violencia: *Aſſumpſit eum diabolus*, não vos eſpanteis da differença deſtas duas ſobidas, diz aqui hum moderno, porque aquelles a q̃ Deos ſublîma, ſobem pellos degraos do merecimento figurados na

vaga-

vagarosa sobida da escada, os que lcuanta o demonio sáõ arrebatados pellos impulsos de sua ambição apressada : *Deus per gradus ascendentem deducit, dæmon vero sine scala effert*; se sobirdes pellos degraos do merecimento â dignidade, lograreis nella as permanencias de hum paraiso, se vos deixares arrebatar inconsideradamente da ambição, certo haueis de ter o precipicio: *Mitte te deorsum*; vede como deixarà de ser innocente a sobida vagarosa, pois he diuina ? como deixarà de ser culpada a que se faz com pressa, pois he diabolica ? Oh ambicioſos ! acabai jâ de aduirtir que o vosso perigo não està na sobida, estâ no modo com que sobis, sobi com vagar se não quereis cair com pressa. Mas se o homem naturalmente apetece gloria, como affirmou Platão : *Homo est animal gloriæ cupidum*, como poderâ reprimir hum estimulo tão violento ? quando o coração humano em não alcançando logo o que deseja, ou morre desfalecido, ou viue magoado.

Velasq. Phil. p. 1. 376. col. 1 n. 5.

Plato in Chal 6. 548. col. 2

S. Ioão Chrisostomo na Homilia 66. ensina ao pouo Antiocheno, o modo com que deue reprimir semelhantes affectos : Vòs, diz o Santo Padre, os que pretendeis dignidades, não considereis o que ellas ostentão de luzido, senão o que encerrão de pezado ; na fortuna dos grandes não se ha de olhar pera o numero dos criados que lhes assistem, ha-se de ponderar a multidão dos cuidados que os atormentão : *Non satellitum cateruam respicias, sed multitudinem molestiarum*, que se puzermos os olhos no trabalhoso da pensaõ antes que no esplendido da pompa, o mesmo cargo que hauia de lisongear o gosto, occasionarà aborrecimento. Moyses Barcefa Bispo de Siria, escreue da primogenita dos ambicioſos Eua, que tres vezes olhou pera a aruore da vida, a primeira quãdo Deos lhe prohibio de comer dos frutos que produzisse ; a segunda, quando o demonio lhe persuadio, q̃ os comesse ; a terceira depois de os hauer comido ; da primeira vez não lhe pareceo a aruore formosa, nem fea : *Primo neque pulchra, neque fœda visa est*, da segunda lhe agradou muito por formosa : *Mox vero pulcherrima*, & da terceira

Chrisost. hom. 66. ad popul. Antioch.

Moyses Barcefa de Parad. cap. 26.

ceira ſe lhe repreſentou deforme enormemente : *Poſtremò plane deteſtabilis eſt habita* ; quando Deos negou o pomo a Eua, moſtrouſe Eua indifferente, cuidando que não lhe podia fazer dano, nem proueito ; quando o demonio lho apreſentou, ficoulhe affeiçoada, imaginando que lhe podia communicar a immortalidade, mas depois de o ter comido, chorou arrependida , conſiderando que lhe tinha apreſſado a morte. Eſte he o engano dos ambicioſos , tres vezes olhão pera as grandezas do mundo , a primeira com indiferença, a ſegunda com affecto, a terceira com arrependimento ; olhão com indiferença pera as dignidades quãdo as não pretendem, com affecto quando as procurão , com arrependimento quando as poſſuem, na primeira viſta atentão ao emprego, na ſegunda reparão no proueito , na terceira experimentão o trabalho, pois logo examinem as penalidades antes que ſe deixem liſongear dos luzimentos; q̃ quem obſeruar atentamente todas as penſoens do poſto a que aſpira, não ſobirâ a elle com deſuanecimentos de preſumido, ſenão com moderaçoens de diſcreto ; quem ſe apreſſara na pertenção dos cargos, ſe os conſideràra como cargas ? quem ſe deſuelâra por adquirir Imperios, ſe preuira que ſaõ catiueiros; não reparaſtes nunca porque os Monarcas trazem huma coroa , & hum ſceptro, a coroa he neceſſaria, porque lhes adorna a cabeça, mas o ſceptro parece ſuperfluo , porque lhes embaraça a mão ; Eu o direi, he tão grande pezo o de huma coroa, que quem a traz na cabeça por authoridade , he obrigado a tomar o ſceptro na mão, pera ſuſtentar o pezo da coroa.

Outra circunſtancia faz a ambição ainda mais vagaroſa, & por conſequencia mais innocente, a ſaber , huma perfeita noticia do officio, que ella ſolicita ; ſe o pretendente neceſſita de forças pera reſiſtir ao trabalho, muito mais neceſſita de ſciencia pera bem adminiſtrar o cargo. Temos a proua no Sol, que na opinião do Padre Anaſtaſio Sinaita , foi criado na terra como plebeo antes de reynar no Ceo como ſoberano. Não me eſtendo agora em trazer os fundamentos deſta

opinião, só digo com o Padre que a sustenta , que se Deos poz o Sol no Ceo depois de feito, como affirma a Escritura: *Fecit Deus duo Luminaria magna, & posuit ea in Firmamẽto*, he prouauel que o Sol foi criado na terra, & que da terra foi transportado pera o Ceo: *Primum fecit, deinde supra posuit, non enim erat alius locus extra terram.* Tiremos a moralidade: Criou Deos o Monarca das luzes na terra pera que aprendesse dos Elementos, como hauia de gouernar o mundo, hauia o Sol de cõmunicar suas luzes âs Estrellas, & estãdo na terra, vio como ella repartia o melhor da sua substancia com as flores; hauia o Sol de rodear incançauel a vastidão das Espheras, & chegando ao Elemento da agoa, reparou que pera atender ao bem do vniuerso, não socegaua; hauia o Sol de seguir o mouimento das intelligencias superiores, & passando pello âr, obseruou que se rendia o âr ao impulso dos ventos, finalmente hauia o Sol de illustrar, & de aquentar o mũdo, & vio entrando na Esphera do fogo que o fogo era hum deposito de luzes, & hum centro de ardores; Assim aprendeo o Sol no estado de huma fortuna inferior, o que hauia de obrar na administração de hum cargo illustre: *Primum fecit in terra, deinde supra posuit.* Esta sobida do Sol he hum exemplar pera as subidas dos homens, pera ser a ambição innocente, ha de saber as obrigaçoens que tem o o cargo que procura. Suspirar pello lugar antes de conhecer o talento que pera elle tem, he presunção, mas tomar sobre si o pezo com força sufficiente pera o leuar, he acerto; logo não saõ culpaueis os ambiciosos que sabem medir o pezo com as forças; os que anhelão aos postos sem entender â sua capacidade, estes saõ os culpados ; tal se mostra hoje a mãy dos Zebedeos, procura de tirar dous moços das prayas do mar, pera os naufragios da Corte, & o aluoroço com que o procura, he tam grande, que em apresentando a petição, solicita o despacho: *Dic*, mas como lhe podia succeder o requerimento â medida de seus desejos, quãdo os seus desejos naõ tinhão medida. Iâ temos sobido o primeiro degrao, a saber,

Anast Sinait. l. 4 contempl. Anagogic in hexameron.

o va-

o vagar, condição neceſſaria pera tomar noticia do empre-go ; ponhamos o pè no ſegundo, que he o cuidado que ſe requere pera bẽ adminiſtrar o officio. A ambição da máy dos Zebedeos he culpauel por ocioſa, porque eſcolhe o trono por hum lugar de deſcanço : *vt ſedeant*, mas a ambição que patrocino, he innocente por cuidadoſa, porque não admitte o honrozo, ſenão com intenção de abraçar o moleſto, eſta he a ſegunda parte.

II. PARTE.

Dous ambicioſos acho na Eſcritura, que ainda que reos do meſmo delito, não receberão o meſmo caſtigo: o primeiro he Lucifer primogenito dos Anjos, o ſegundo he Adão primogenito dos homens ; Aſpirarão eſtes dous ambicioſos ao trono da diuindade, Lucifer liſongeado de hũa cega preſunção : *Similis ero altiſſimo*. Adão enganado de huma falſa eſperança : *Eritis ſicut dij*, o peccado de ambos foi igual, mas o caſtigo foi diferente, porque Deos ſentenceou a Adão com tenção de o remir hum dia, & Deos condenou a Lucifer cõ reſolução de lhe não perdoar eternamente ; pois que rezão teue a juſtiça diuina pera tratar ao primeiro dos homens cõ tão grande brandura, & pera vſar com o primeiro dos Anjos de hum rigor tam exceſſiuo? Varias ſaõ as repoſtas dos Padres, mas eu quero dar huma proporcionada ao meu intento; o peccado deſtes dous pretendentes foi igual em quãto ao objecto, mas não foi igual em quanto ao motiuo ; o objecto de ambos era o trono da diuindade, mas o motiuo de hum era o deſcanço, & o motiuo de outro era o deſuelo ; deſejaua o Anjo de ſobir pera ſe entregar ao ocio, mas o homem queria ſobir, pera ſe applicar ao gouerno. Que o Anjo anhelaſſe ao trono ſó pera ſe aſſentar, eu o prouo com as ſuas meſmas palauras. Vem cá, ô eſpirito ambicioſo, que pretẽdes de fazer na eminencia do lugar a que aſpiras? por ventura queres colocarte no ſolio da diuindade pera preſidir às

operaçoens da natureza, pera compaſſar o mouimento dos Orbes, pera compor as diſcordias dos Elementos? não, por ventura a tua tenção he criar nouos mũdos, fazer nouas leys, pedir nouos tributos, introduzir nouos coſtumes? nem tam pouco; Reſponderâs, que deſejas de alcançar hum Imperio pera viuer com deſcanço, que queres ſobir ao trono pera te aſſentares nelle: *Sedebo in monte teſtamenti*, & vòs Adaõ que determinais de fazer no officio que pretendeis? determino, dirá Adaõ, de pôr nelle todo o meu cuidado: *Scientes bonũ, & malum*, deſejo de ter noticia do bem pera premiar os virtuoſos, *ſcientes bonum*, & de ſaber o mal que ſe comete, pera caſtigar os culpados, *& malum*, quero ſobir pera ſaber reynar, que quem não ſabe do bem, & do mal, não reyna bem: *Scientes bonum, & malum*. Ex aqui o que dizia no principio, o objecto deſtes dous pretendentes era o meſmo, porque era a ſoberania, mas o motiuo era differente; deſejaua o Anjo de ſubir pera tomar deſcanço, *ſedebo*, & o homem deſejaua de ſubir pera exercitar o talento, *ſcientes bonum*; pois logo ſe o motiuo deſta ambiçaõ he differente, ſeja differente o caſtigo da meſma ambiçaõ, caſtigueſe Lucifer com todo o rigor, jâ que intentaua de reynar com todo o deſcanço; punaſe Adaõ com mayor brandura, quando queria imperar â cuſta dos trabalhos, era culpauel a ambição de Lucifer por ocioſa, *ſedebo*, naõ era tam culpauel a ambiçaõ de Adaõ, pois era mais dirigida ao trabalho, que ao ocio: *Scientes bonum*.

Iſai. 14. 13.

Grande difficuldade he eſta que ſe me offerece. Intẽto de prouar que os q̃ aſpirão âs dignidades pera deſcançar, ſaõ criminoſos, & vejo na Eſcritura que Deos deſcançou logo q̃ começou a ſenhorear o mundo: *Requieuit die ſeptimo ab vniuerſo opere quod patrarat*. Antes da criação, Deos não dominaua o mũdo, começou a dominalo depois da criação, adoraũono as creaturas racionaes, tributauãolhe obſequios as ſenſitiuas, obedeciaõlhe as inſenſiueis, pois logo como pode ſer que Deos tome deſcanço, quando principia o dominio, ſe he culpauel o ocio nos que imperão, porque affirma Moyſes,

Gen. 2.

ſes, que Deos teue ſocego em começando a exercitar Imperios: *Requieuit*, a reposta he de Santo Agoſtinho, deſcançou Deos, & não deſcançou, deſcançou em quanto creador, não deſcançou em quanto conſeruador, acabou Deos de criar, mas começou a conſeruar o que tinha criado: *Adhuc quotidie operatur ea conſeruando.* Santo Thomas diz ainda mais, porque affirma que Deos naõ deſcançou, nem como criador, ſendo que o conſeruar he huma cõtinuaçaõ do criar, & eu fundado neſta doutrina, eſforço mais o penſamento, porque affirmo, que Deos obra mais hoje como conſeruador, do que obrou antigamente como criador; as obras da criação acabaraõ em ſette dias, & as aſſiſtencias da conſeruaçaõ tantos dias haõ de durar, quantos ſubſiſtirà o mundo; criou Deos o Ceo em hum inſtante, & agora tantas vezes cria Deos o Ceo, quantos ſaõ os inſtantes em que o conſerua. Não he Deos como os noſſos Architectos, continua o meſmo Santo Thomas, os Architectos deſemparão as caſas tanto que acabaõ de as fabricar, mas Deos anda mais empenhado em conſeruar o que fez, que em fazer o que naõ era; pera fabricar o mundo, fallou huma vez, pera o conſeruar falla continuamente, porque ſe deixàra de ſuſtentar aquella meſma palaura com que tirou do nada o mundo, logo o mũdo ſe tornaria em nada: Oh que illuſtre deſengano pera as grandezas humanas, a mayores deſuelos obriga huma dignidade pera ſe conſeruar, do que pera ſe alcançar; pois logo aparelhaiuos a trabalhar, vós que determinais de ſubir, que huma meſma couſa ſaõ gloria, & trabalho, dignidade, & deſuelo, trono, & cuidado.

Aug. in lib. 4. de Geneſ. ad litter. cap. 12.

Coſtumauaõ os Hebreos de coroar aos Reys junto de alguma fonte, ou de algum rio, como entre outros aconteceo a Salamaõ, que perto da fonte de Sion foi coroado. Parece que os Hebreos queriaõ moſtrar na inconſtancia das agoas a inſtabilidade das coroas; mas o Abulenſe penetra o myſterio com mais profunda eſpeculação. Notai. Entre todos os objectos viſiueis, o que deſcança menos, he o elemento da

agoa. Parou o Sol aos mandamentos de Josuê, socegaraõ os Planetas, naõ continuaraõ o seu curso os Astros, mas naõ achareis em toda a Escritura que deixassem de manar as fontes, nem os rios de correr. Obrigou Eliseo ao Jordão a retroceder confuso, obrigou Moyses ao Nilo a se mostrar ensangoentado, mas ninguem fez com que se detiuessem ociosos os rios. Estâ o Elemento da agoa em continuo mouimẽto pera acudir âs necessidades da natureza; exhalase nos vapores, sublimase nas nuuẽs, precipitase nas chuuas, repartese nos ribeiros, diuidese nos rios, estendese nos mares; pois esta he a rezão, conclue o Abulense, pella qual os Hebreos coroauaõ aos Reys junto dos rios, porque he obrigaçaõ dos soberanos viuer em perpetuo desuelo, como as agoas em perpetuo mouimento: *Vngebatur Rex circa fluentes aquas, quasi non torpescentem nequitiâ vitam, sed in assidua populorum visitatione esset ducturus.* Pareceme fieis, que a prouidencia de Deos poz na Corte dos Reys de Portugal o remedio, que a sagacidade dos antigos buscaua nos campos pera os Monarcas da Palestina; leuauaõ os Hebreos aos Reys fóra da Cidade pera lhes mostrar no incançauel curso dos rios, a continua aplicação de seus cuidados, mas sem tirar os nossos Princepes do Paço que habitaõ, apresentalhes a natureza nas correntes do Tejo, o motiuo de seus desuelos, porque se o Tejo se coroa Rey dos rios quando corre mais caudaloso, he pera os assegurar que seraõ tanto mais soberanos, quanto mais se mostrarem cuidadosos. Supostо isto, concluamos có Santo Agostinho, que aspirar â soberania do Imperio pera sentir as molestias do gouerno, he zelo mais que ambição: *Potest appeti regimen ab his qui non imperant principandi superbia, sed prouidendi misericordia.* E com esta rezão tenho bem prouado (se me naõ engano) que o desejo dos cargos, das Prelazias, das priuanças, dos Imperios, pòde chegar a ser innocente. Mas que? ha huns homens no mundo, que apetecem a honra, como o Tantalo dos Poetas, a agoa; naõ alcança Tantalo a agoa que deseja, porque naõ moue mais

Tostat. in fin.

S. Aug. l. 19. de Civ. Dei c. 14.

que

que a boca ; assim muitos naõ sabem mouer mais que a boca pera pedir os empregos, naõ querem estender as mãos pera tomar as penalidades ; deste numero era a mãy dos Zebedeos, solicitaua o descanço dos filhos , mas naõ atendia ao cuidado : *Dic vt sedeant hi duo filij mei.* Tenho representado nestas duas partes a ambiçaõ innocente por vagarosa , & por solicita, agora determino de a representar innocẽte por desinteressada , & este he o terceiro degrao necessario pera sobir a huma cadeira , a saber o desinteresse, condiçaõ mais q̃ todas requisita pera satisfazer ao publico ; esta he a materia desta terceira parte.

III. PARTE.

QVe a mãy dos Zebedeos não atẽdesse ao bem cõmum, he tão euidente, que as palauras da sua mesma petição, o demostraõ : *Dic vt sedeant hi duo filij mei , vnus ad dexteram, & alius ad sinistram.* Fazei que dos meus filhos hum se assente à vossa mão direita , & outra à esquerda. A nosso modo de entender, Christo senhor nosso em quanto filho de Deos, & a segunda pessoa da Sãtissima Trindade, està entre o Pay , & o Espirito Santo, & assim o Eterno Pay asiste à mão direita de Christo , & o Espirito Santo à esquerda. Verdade he que diz o simbolo da fé, que Christo està assentado à mão direita do Eterno Pay : *Sedet ad dexteram Patris.* Mas então não considera a Igreja a Christo em quanto filho de Deos no eterno nacimento , senão em quanto homem no estado da gloria ; o estar Christo à mão direita do Eterno Pay como affirma o simbolo da Fè, he huma demonstração da humanidade glorificada , mas que o mesmo Christo tenha o Pay à sua mão direita (como affirmo eu) he effeito da geração diuina, pello que disse Anastasio Synaita ao meu intento, que Christo està no meio do Pay , & do Espirito Santo : *Medius Patris, & Spiritus Sancti*, porque considerada materialmente a ordem que tem entre si as tres pessoas diuinas, Christo

Anast. Sinait lib. 4 hexam. ad fin.

Chriſto como ſegũda peſſoa da Sãtiſſima Trindade tẽ à ſua mão direita a primeira peſſoa que he o Eterno Pay, & à ſua mão eſquerda eſtà a terceira peſſoa que he o Eſpirito Santo: *Medius Patris, & Spiritus Sancti.* Adminiſtrão eſtas tres diuinas peſſoas o gouerno do mundo com tres diferentes attributos, o Eterno Pay com o attributo do poder, o filho com o attributo da ſabedoria, & o Eſpirito Santo com o attributo do amor; ſupoſto iſto, ſe Chriſto ſenhor noſſo deſirindo â petição da mãy dos Zebedeos, admitia â ſua mão direita hum deſtes mancebos,(parece ao noſſo modo de falar) que excluia ao Eterno Pay, & ſe daua a eſquerda ao outro, lançaua fóra ao Eſpirito Santo, & que ſe ſeguia deſta deſordem? não menos que o deſconcerto do vniuerſo, porque faltando o poder na auzencia do Eterno Pay, & faltando o amor na auzencia do Eſpirito Santo, faltauão os dous polos em que ſe eſtriba o gouerno do mundo; permanecia a ſabedoria, mas a ſabedoria ſem poder eſtá ſogeita a rendimentos, & quando não tem amor exercita rigores, vede ſe o intereſſe cegaua eſta ambicioſa pertendente, quando pera acomodar a ſeus filhos, deſacomodaua ao mundo. Pois saibaõ os pertendentes que as dignidades não ſaõ pera augmẽtos proprios, ſenão tambem pera emolumentos alheos. Que ſeria da terra, ſe os vapores leuantados do ar, não tornaſſem mais pera ella desfeitos em chuuas? que farião as Eſtrellas ſe em chegando o Sol a ſeu auge, lhes negaſſe ſuas luzes; & que pareceria o Ceo ſe as eſtrellas illuſtradas do Sol occultaſſem ſeus reſplandores? não vos contenteis de luzir, eſcreue S. Bernardo; deſuelaiuos em alumiar: *Ita præſis, vt proſis*, luzir ſó pera ſi, he vileza, alumear aos outros, he gloria, tãto mais vos aplaudirão luzido, quanto mais alumiares officioſo.

Bern. l. 3 de conſid.

He muito pera aduirtir que Deos no principio do mundo concedeſſe aos Aſtros celeſtes o titulo de dominadores, antes que a nada do que produzio na terra: *Poſuit ea in firmamento cæli, vt lucerent ſuper terram, & præeſſent.* Entre

Gen. 1.

as

as creaturas ſoblunares, muitas ha que realção não menos que as Eſtrellas entre as celeſtes, como ſaõ o fogo entre os elementos, a palma entre as plantas, a romãa entre os fruitos, & a roſa entre as flores, logo ſe aos Aſtros cõmunicou Deos a prerogatiua de ſoberanos : *Poſuit ea vt præſſent*; porque não chamou ao fogo Rey dos elementos, à palma raynha das plantas, â romãa raynha dos fruitos, & â roſa raynha das flores? Eis aqui a rezão, no meſmo inſtante que as couſas celeſtes atendem ao proprio commodo, ſolicitão o alheo, logo que os Aſtros luzem em ſi alumcão ao mundo, logo que recebem a luz do Sol, a cõmunicão ao Ceo; naõ fazem aſſim as couzas ſublunares, atendem ao bem particular antes de procurar o cõmum; alimentaſe o fogo da lenha, antes de a conuerter em lauaredas; leuantaſe a palma pera o Ceo, antes de adornar a cabeça dos vencedores: naſce a romãa coroada, antes de offerecer os rubis que encerra; & a roſa ſe arma de eſpinhos, antes que ſe exhale em ſuauidades: indignas ſaõ logo as taes criaturas do illuſtre titulo de ſoberanas, que a ſoberania he mais pera o bem do publico, que pera o proueito dos particulares, & pello contrario merecem os Aſtros o titulo de Monarchas, porque derramão as luzes pera o bem do vniuerſo, no meſmo inſtante que as recebem pera proprio ornamento. Eſtà fundado eſte conceito na doutrina de hum grande Filoſofo deſtes tempos: *Omnes creaturæ ſublunares mouentur primo ob ſui perfectionem, cæleſtes vero ob perfectionem aliorum.* Iſto meſmo quizerão enſinar os antigos quando a cada hum dos ſeus fabuloſos Deoſes derão hum ſceptro ordenado â vtilidade do publico, mais que ao ornamento da ſua peſſoa. Na mão de Neptuno puzeraõ o Tridente pera q̃ reprimiſſe o impeto das ondas: na maõ de Marte a eſpada pera que triunfaſſe dos inimigos; na maõ de Hercules a claua pera que deſtroçaſſe os monſtros; na maõ de Iupiter o rayo pera fulminar os culpados, & na maõ do Amor a ſetta pera ferir os amantes. Do meſmo modo, naõ ha de tomar o Iuiz a vara pera o intereſſe, nem os Biſ-

Iuo Pariſienſ. tom. 1. 125. col. 1.

pos o Bago pera oſtentaçaõ, nem o Monarca o ſceptro pera o terror ; ha de ſer a vara do Juiz o açoute dos delinquentes, o Bago do Biſpo a columna da Igreja, & o ſceptro na maõ do Princepe ha de ſer huma eſpada de Marte, pera desbaratar exercitos, hum rayo de Jupiter pera caſtigar rebeldes, hum tridente de Neptuno pera compôr diſcordias ; huma claua de Hercules pera deſtruir os vicios, & huma ſetta de Amor pera render os coraçoens.

Quando ſe offerecem em hum Reyno fogeitos deſejoſos de ſatisfazer â obrigaçaõ que tem, em ordem ao bem cõmum, naõ ſó haõ de ſer leuantados âs dignidades quando as procuraõ, ſenaõ tambem collocados nellas por força quando as regeitaõ. Aſſim o enſinou Ariſtoteles no liuro ſegundo de ſuas Politicas: *Boni etiam nolentes ad magiſtratus gerendos debent adigi* ; & aſſim o fizeraõ os Romanos cõ Numa Pompilio, & cõ outros muitos, ſegundo o teſtemunhaõ as Hiſtorias. Huma ſó difficuldade poderia eſtoruar a ſobida dos ambicioſos que patrocino, a ſaber, o perigo da ſaluaçaõ, originado das antipatias que tem entre ſi o poder, & a ſantidade ; mas o Anjo das Eſcolas lhes tira eſta deſconfiança no liuro de *Regimine Principum*, quando affirma, póde huma peſſoa ſer tanto mais ſanta, quanto mais poderoſa. Laſtimoſa deſgraça ſeria a dos grandes, ſe pera lograr as dignidades da terra houueſſem de perder as eſperanças do Ceo Antes Santo Thomas affirma no meſmo lugar, que Deos aparelha recõpenſas mayores aos nobres, que aos plebeos, aos Princepes, que aos pouos, aos Monarcas, que aos vaſſallos: *Rectoribus majus præmium in Cælo Deus decernit*; a rezão he manifeſta, porque ſe na eſtimaçaõ dos homens, muito mais he nauegar os mares, que paſſar os rios ; contraſtar com a tempeſtade, que eſtar em calmaria ; do meſmo modo, muito mayor empreza he pera com Deos, adminiſtrar hum Reyno, que gouernar huma familia, ſenhorear a muitos, que dominar a hum ſó: *Facilius eſt in ripa fluminis quã in alto mari, in æconomica quam in politica regere*, conclue o meſ-

Ariſt. 2. Polit. dig. 1. c 64. Bodin. lib. 4. Reip. cap. 1.

D. Thom. in opuſcul. 20. de Regim. princip. cap. 9.

Idem S. Thom. Ib.

meſmo Padre; & com ſer iſto aſſim, naõ he fóra da rezaõ, affirmar que os ambicioſos, naõ ſômente pòdem deixar de ſer culpados, mas que pòdem chegar a ſer innocentes, ſantos, & bemauenturados. Atè agora chamei aos taes, ambicioſos, mas na verdade naõ ſaõ ſenaõ diſcretos, generoſos, caritatiuos; ſaõ diſcretos, porque ſobem deuagar pera tomar noticia do emprego, com que acuſaõ a preſſa da mãy dos Zebedeos, que inſta pello deſpacho em fazendo a petição: *Dic*, ſaõ generoſos, porque ſe expoem ao trabalho pera bem adminiſtrar o officio, com que cenſuraõ a inercîa deſta mãy, que pretẽdia as cadeiras pera que os filhos tiueſſem deſcãço, *vt ſedeant*; finalmente ſaõ caritatiuos, porque naõ abraçaõ o gouerno ſenaõ pera ſatisfazer ao publico, com que condenão o intereſſe deſta mulher que naõ trata mais que da commodidade de ſeus filhos, *filij mei*. De ſorte que os tres degraos que vos formei, do vagar, do cuidado, & deſintereſſe com que ſe deue ſobir a huma cadeira com innocencia, pòdem tambem ſeruir de eſcada pera ſobir ao Ceo com gloria. *Ad quam, &c.*

SERMAM

PREGADO NA

CAPELLA REAL

Na quarta quarta feira da Quareſma.

Quare diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionẽ ſeniorum, non enim lauant manus ſuas, cum panem manducant. Mat. 15.

QVE o mais neceſſario ſeja ſempre o mais difficultoſo, grande ſemrazaõ he da natureza, Muito altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos; Que o mais neceſſario ſeja ſempre o mais difficultoſo, grande ſemrazaõ he da natureza: que couſa mais neceſſaria pera a conſeruaçaõ do genero humano, que a vida? & que couſa mais difficultoſa de conſeruar, que a meſma vida? Contra a vida humana todos os Elementos ſe armaõ, o fogo a conſome, o âr a inficiona, a agoa a ſomerge, os Aſtros a deſtemperão, o Ceo a fulmina, & a terra a ſepulta: que couſa mais neceſſaria pera entretenimento da vida, que o ſaber? & que couſa mais difficultoſa de alcançar que a ſciencia? dar tratos ao juzo, tyrannizar o entendimento, conuerſar ſempre com mortos, entiſicarſe ſobre os liuros, apagar nas cinzas da anti-

guidade

guidade o calor natural, & perder nos inexcrutaueis labyrintos da Filoſofia o breue fio da vida , iſto he querer ſaber muito neſte mundo. Em concluſaõ, que couſa mais neceſſaria pera a boa adminiſtração de hum Reyno, que reprender delinquentes? & que couſa mais difficultoſa, que repréder bem aos que delinquem: *Excellentia, & rara magiſteria, correctores*, diſſe Santo Agoſtinho. Tam grande arte he eſta de cenſurar culpas alheas, que as tres Peſſoas diuinas a enſinarão ſucceſſiuamente ao mundo; o Eterno Pay a começou, o Filho a continuou, & o Eſpirito Santo a acabou; o Eterno Pay a começou no Paraiſo Terreal, o Filho a continuou no Preſepio, & o Eſpirito Santo a acabou no Cenaculo; no Paraiſo Terreal reprendeò o Eterno Pay ao homem, repreſentandolhe o lamentauel eſtado a que a ſua deſobediencia o tinha reduzido: *Adám vbi es?* eſta, diz Sãto Ambroſio, não foi pergunta, foi reprenſaõ; como ſe Deos diſſera a Adão, abre os olhos ô cego, & mal afortunado peccador, vé no exceſſo da tua miſeria a enormidade da tua culpa, & jâ que me não quizeſte conhecer por teu Deos, vè ſe te poderàs reconhecer a ti meſmo: *Adam vbi es? non ergo interrogatio eſt, ſed increpatio.* No Preſepio o Filho reprendeo ao homem, condenando com a pobreza das ſuas mantilhas a oſtentação das noſſas vaidades, & com a ternura das ſuas lagrimas a dureza dos noſſos coraçoens: *In his omnibus mundus judicatur*, diſſe Bernardo; & no Cenaculo o Eſpirito Santo reprendeo ao homem decendo ſobre os Apoſtolos em figura de lingoas, pera com a prégação do Euangelho reformar ao mundo: *Cum venerit Paraclitus arguet mundũ de peccato.* Logo ſe na Peſſoa do Eterno Pay realça o poder, na Peſſoa do Filho o ſaber, & na Peſſoa do Eſpirito Santo o amor, claro fica que pera bem exercitar eſta arte da repréſaõ, tres qualidades ſaõ neceſſarias, o poder, o ſaber, & o amor; o poder pera a authoridade, o ſaber pera o acerto, & amor pera o agrado; o poder ſem ſaber, he cego, o ſaber ſem poder he fraco, o poder, & o ſaber ſem amor, he injurioſo.

Aug. de morib. Eccleſ.

Amlr. l. de parad. c 14 mihi pa 920. B.

Ioan. 16. 8.

Vede agora ſe houue nunca reprenſaõ mais deſarrezoada do que eſta, que huns Eſcribas impertinentes fazem hoje ao Senhor, não hauendo nelles nem poder, nem ſaber, nẽ amor: *Quare diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum, non enim lauant manus ſuas cum panem manducant* : primeiramente, que não tenhão poder, he manifeſto, pois nenhuma juriſdição tem ſobre os Apoſtolos, & muito menos ſobre a peſſoa de Chriſto; mas porque as culpas dos ſeruos deſdourão tal vez o credito dos ſenhores, acuzão eſtes Farizeos aos diſcipulos, pera infamarem ao Senhor : *Diſcipuli tui* ; em ſegundo lugar, faltalhes o ſaber, porque eſtes tão repetidos lauatorios que preſumião ſer preceitos da ley de Deos, erão delirios da ſua ſuperſtição : *Superſtitionis ſuæ baptiſmata requirebant*, diz a eſte propoſito S. Paſcaſio. Demais do que ſendo os Apoſtolos muy parcos no comer, não ſe eſmerauão no aceo, lauar bem as mãos pera hum bom jantar, embora, mas tanta limpeza pera hum bocado de pão, de que ſerue: *Non enim lauant manus ſuas, cum panem manducant.* Finalmente não tem amor, porque acometem ao Senhor cõ termos tam deſabridos, que ſô huma paciencia como a ſua os podia ſofrer: *Quare diſcipuli tui tranſgrediuntur traditiones ſeniorum?* Logo ſe a cenſura dos vicios he tam neceſſaria pera o gouerno dos Reynos, & ſe tantos erros ſe cometem neſta arte de cenſurar, ſerà o Sermão de hoje, a cenſura dos que cenſurão: Politicos, Eſtadiſtas, homens Rèſpublicos, Zeladores de prematicas antigas, eſpeculadores de procedimentos alheos, ou acabai de cenſurar, ou juſtificai a voſſa cenſura cõ os tres requiſitos, do poder, do ſaber, & do amor; a cenſura ſem poder he nullidade, eſte he o primeiro aſſumpto; a cenſura ſem ſaber, he cegueira, eſte he o ſegundo aſſumpto, a cenſura ſem amor, he afronta, eſte he o terceiro. Ponderemos o primeiro.

S. Paſc. in hoc Euang.

I. PARTE.

Quare discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorũ.
Que o homem que tem o poder tão limitado, se atreua hoje a censurar a hum Senhor todo poderoso, estranhàra eu, se não soubera, que aquelles que menos podem, saõ os que mais censuraõ, & que foi sempre achaque de sogeitos humildes, o descubrir achaques nos maiores. Quem causa os Eclypses do Sol? a sombra da Lũa, & os Eclypses da Lũa quem os occasiona? a sombra da terra; eis ahi a Lũa, o mais baixo dos Planetas eclypsa ao Sol, & a terra, o mais baixo dos Elementos, escurece a Lũa; este he o destino dos Senhores na economia de sua casa, esta he a desgraça dos ministros na administração de seus cargos, esta he a pouca ventura dos Princepes no gouerno de seus Estados, os Planetas mais humildes, saõ os que lhe fazem maior opposição, & os Elementos mais baixos, maior sombra; sendo o Demonio o espirito da soberba, & o retrato da ambição, he muito de reparar, que pera falar com Eua, se abaixasse a tomar a desforme figura de huma Serpente, antes que a magestade de huma Aguia imperiosa, mas jà alcancei a rezão; o discurso que o Demonio fazia com Eua, era huma censura do preceito que Deos lhe tinha feito: *Cur præcepit vobis Deus?* Não seja logo a Aguia o instrumento desta censura, porque he Raynha das Aues, que sogeitos leuantados não se inclinão a censuras, seja-o a Serpente, porque he o mais rasteiro dos animaes, & quem he mais vil no ser, he sempre mais atreuido no censurar; o sangue fidalgo oculta os defeitos, o sangue plebeio os manifesta: duas vezes falou o sangue humano, a primeira na morte de Abel, & a segunda na morte de Christo, mas a voz do sangue de Christo era na opinião de S. Paulo, muito mais armoniosa que a do sangue de Abel: *Sanguinis aspersionem, melius clamantem quam Abel*, & dà Santo Ambrosio a rezão: *Ille prodidit crimen, hic texit.* O san-

gue

gue de Abel publicou o fratricidio de Caim, & o sangue de Christo dissimulou o Deicidio dos homens; mas se o sangue de Abel, & o sangue de Christo eraõ semelhantes na innocencia, pois hum, & outro foi injustamente derramado, como se diferençaraõ tanto nas vozes, que hum chegou a ocultar o que o outro manifestou? Respondo, erão estes dous sangues quanto mais semelhantes na innocencia, tanto mais differentes na calidade, o sangue de Abel, sangue plebeo; o sangue de Christo sangue fidalgo. Era Christo filho de Reys em quanto à geração temporal, & filho de Deos em quanto à eterna; & pello contrario era Abel filho de pays muy baixos; que o pay de Abel era hum laurador, & o seu auo qual imaginais que fosse? o auó de Abel era o nada; Abel filho de hum homem de nada manifesta o crime do irmaõ, Christo sangue de Reys, & filho de Deos, oculta os peccados dos homens, que o sangue plebeo descobre as faltas, & o sangue fidalgo as oculta, homens pera tudo, nada censuraõ, tudo censuraõ homens de nada: *Ille prodidit crimen, hic texit.*

Outra imperfeição acho no sangue de Abel, & he que não começou a dar vozes, senão quando se vio derramado em terra: *Clamat ad me de terra.* Se este sangue indinado leuantara a voz antes de rebentar das veas, podia com huma milagrosa suspençaõ alcançar de Deos a vida a Abel, mas mostrarse sentido depois de derramado, formar queixas quando ja faltaõ os remedios, que he isto, senão publicar o peccado de Caim, sem remediar a morte de Abel; este he o erro de muitos, que não tendo poder pera reparar as desordens que succedem, desafogão com a censura o seu zelo, naõ aduirtindo que os delitos a que se não acha remedio, se haõ de entregar ao segredo. Peccaraõ os Anjos, peccou tãbem o homem, o peccado do homem Deos o manifestou no Genesis com todas as circunstancias que o acompanharaõ, o peccado dos Anjos Deos o ocultou de modo que ainda não assentaraõ os Theologos, que genero de peccado foi este, se foi o peccado da soberba querendo estes espiritos ambiciosos

ſos igualarſe com Deos, como dizem alguns, ou verdadeiramente o peccado da enueja, anteuendo a gloria que o homem hauia de alcançar na Encarnação pella vnião hypoſtatica com o Verbo, como outros affirmão; pois que razão houue pera que Deos ocultaſſe o peccado dos Anjos, antes que o peccado dos homens? a rezão he eſta, era o peccado dos Anjos por duas cauſas irremediauel, a primeira por parte dos meſmos Anjos, que o cometerão, que ſendo os Anjos, como enſina Santo Thomas, immudaueis nas ſuas deliberaçoens, ſaõ incapazes de arrependimento; & a ſegunda por parte do meſmo Deos, que como affirma Alcuino no Geneſis, tinha determinado de não reparar a ruîna deſtes eſpiritos rebeldes: *Angelicum peccatum ſilentio in Geneſi abſconditum eſt, quia illud Deus non prædeſtinauerat curare, hominis vero patefactum, quia ſanare illud prædeſtinabat.* Eſte meſmo cuidado que Deos teue da reputação dos Anjos, deuem os homens de ter da fama de ſeus proximos, ocultar o delito quando lhe não achão remedio, & guardar o ſegredo com recato, pera não cauſar hum eſcandalo ſem proueito. Digamos tambem, que ſendo a natureza Angelica ſuperior à humana, quiz Deos ocultar ao homem o peccado dos Anjos, para ſuſtẽtar o credito de huma natureza ſuperior, tam perſuadidos hão de ſer os ſubditos da innocencia dos ſoberanos.

Sãto Thomas 1 p. quaſt. 63. art. 6.

Que cioſos crão os Romanos da reputação de ſeus Emperadores? Eſcreue Cardano, que em morrendo o Emperador, todo o cuidado empregauão em ocultar a ſua morte (que na opinião deſtes Gentios perdia o credito quem acabaua a vida;) formauão logo pera eſte effeito huma eſtatua que repreſentaua ao viuo, o jà morto Emperador, colocauão-na n'hum ſoberbo leito de Marfim, à mão eſquerda aſſiſtião as Matronas, à mão direita os Senadores, viſitauão-na os Medicos, tomauãolhe o pulſo, ordenauãolhe remedios, & cõm as apparencias de huma enganoſa cortezania, ſuſpẽdião a verdade da ſua morte; mas ſe acabar os dias, he obe-

decer à natureza, & ſe cometer delitos, he offender a razão, ſe o morrer não he peccar, antes ſe o peccar he o meſmo que morrer, que rezão hauerà pera que os fieis não ocultem a morte moral de ſeus Princepes, quando os Gentios ocultauão até a morte natural dos ſeus Emperadores? Demais do que, não querer ſofrer imperfeiçoens nos grandes, he querer que não haja grandes no mundo, com eſcandalo da natureza, que concede a ſoberanîa do ſceptro atè a ſogeitos que tem algum defeito; tem a roza ſeus eſpinhos, & he Rainha das flores, tem o fogo ſuas impaciencias, & he Rey dos Elementos, tem o Leão ſuas febres, & he Rey das feras, tem o Pauão ſuas deformidades nos pès, & he Rey das aues, tem a Balea a viſta muy curta, & he Rainha dos peixes, tem a palmeira o tronco muy toſco, & he Rainha das plantas, tem o ouro ſuas fezes, & he Rey dos metaes, tem o Sol ſuas manchas, & he Rey dos Planetas, tẽ o primeiro mouel ſuas vertigens, & he Rey das Eſpheras; ſabeis Grandes o que vos conuem pera ſocego da voſſa conciencia, & pera ſuſtento da voſſa authoridade, ter conta com a juſtiça, & não fazer caſo da cenſura; quando Moyſes ſagrou a Arão grande Sacerdote, depois de lhe ter poſto a tiàra na cabeça, diz a Hiſtoria ſagrada, que com o ſangue da victima jà morta, & ſacrificada lhe vntara os ouuidos, pera moſtrar (a meu ver) que os que trazem coroas na cabeça, não hão de ter ſangue viuo nos ouuidos, orelhas inſenſiueis às impertinencias dos cenſuradores, ſaõ neceſſarias aos q̃ mandão, q̃ pera os ſenhores agradaré a todos os ſeruos, os Prelados a todos os ſubditos, & os Princepes a todos os vaſſallos, houuerão de mudar mais vezes de roſtro que o Cameleão de cores, pera verem todos os ſucceſſos, houuerão de ter mais olhos que o Argos dos Poetas, pera abraçarem todos os negocios houuerão de ter mais braços que o Briareo das fabulas, & pera ſatisfazerem a todas as perguntas, mais bocas houuerão de ter do que os antigos derão â fama: *Quare diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?*

Leuit. 8. 23.

A ſe-

II. PARTE.

A Segunda calidade neceſſaria pera juſtificação da cenſura, he o ſaber, que a cenſura ſem ſaber he cegueira, onde ſe os Apoſtolos vendo a Chriſto paſſear pello mar de Teberiades, imaginarão que vião huma fantaſma : *Putauerũt fantaſma eſſe*, ſe os Apoſtolos digo por engano dos olhos tomarão a Chriſto, que he a meſma verdade, por hũa fantaſma ; muitos ha, que por erro do entendimento tomão as fantaſmas por verdades, & as verdades por fantaſmas. Nas Eſcolas da antiguidade muy celebrada he a ſecta dos Pyrronios, os quaes perſuadidos, que neſte mundo não ſe podia ſaber couſa nenhuma com certeza, a nenhuma queſtão reſpondião com aſſento, ventilauão eſtes Filoſofos as queſtoẽs pello deſejo que tinhão de ſaber, mas não as ſoltauão pello medo que tinhão de errar ; eſta meſma cautela quizera eu nos que aſſiſtem nas Cortes, ver, & não reſoluer, obſeruar tudo, & não cenſurar nada, que ſe a natureza na doutrina de Platão he hum enigma, que os mayores Filoſofos não entẽdem, he a Corte, na minha opinião, outro enigma ainda mais eſcuro, que os mais eſpeculatiuos não alcanção : deſenganaiuos Eſtadiſtas preſumidos, que canonizando delirios da fantaſia por oraculos da verdade, de tudo formais juizo ſem poderes dar rezão de nada, que aſſim na Politica, como na Filoſofia, não ſe pòde ſaber nada com certeza ; & ſenão ouui as queſtoens, que leuanto em materias politicas, & vede ſe tendes baſtante animo pera as ſoltar. Primeira queſtão : tenhão paciencia os Eſcriturarios : Qual deſtes dous partidos he o melhor pera a conſeruação de hum Reyno, fazer nouas leys, ou inculcar as antigas ? fazer nouas leys, he encontrar a natureza, que deſde o principio do mũdo guardou ſempre as meſmas, ſempre os Aſtros ſeguirão o meſmo móuimento, as Eſtrellas ſempre guardarão entre ſi a meſma diſtancia, o Sol nunca ſe apartou da Ecliptica, os

Elementos nunca mudarão de centro, & esta constancia da natureza tanto agradou a Platão, q̃ deliberou de a introduzir na sua Rèpublica, ordenando no liuro settimo das suas leys, que atè o mesmo modo antigo de jugar, & de bailar, indispensauelmente se obseruasse: logo direis vòs, melhor he guardar sempre as mesmas leys, mas isto tambem he encontrar a natureza, que estriba na veriedade das suas operaçoens o acerto do seu gouerno; não obseruastes com os Mathematicos nouos Astros no Ceo, ministros de nouas influencias, & não reparastes com os Cosmografos, que entrando a terra na jurisdição das agoas, com o andar dos annos, se formarão no mar nouas Ilhas, domicilios de nouos habitadores? demais do que se Platão ordenou que as suas leys fossem immudaueis, Solon, hum dos sette Sabios da Grecia, permittio que as suas de cem em cem annos se mudassem; qual destes dous Legisladores andou mais acautelado? Outra questão; qual he a melhor forma de gouerno, dar a superintendencia dos cargos pera toda a vida, ou limitala pera algum tempo determinado? Dar os cargos sem limite, he condenar a natureza, que limita aos Planetas, & aos Signos celestes o tempo do seu dominio; cada Signo do Zodiaco não domina mais que hum mez do anno, & hum dia da somana cada Planeta; alem do que nas dignidades que saõ perpetuas, ha perigo que os Ministros se fação tyrannos, o que receando os de Athenas, não quizerão que os cargos da Republica se lograssem em vida; logo direis vòs, melhor he limitar o tẽpo ao cargos, mas que he isto, senão cõdenar a natureza q̃ não tirou nunca ao primeiro mouel o gouerno dos Orbes inferiores; sempre os Astros presidirão às alteraçoens dos Elementos; & sempre os Elementos presidirão ao temperamẽto dos mixtos; alem do que o mais dilatado viuer de hum homem he sempre muy curto pera elle tomar experiencia do cargo que administra; & se a Rèpublica de Athenas ordenou que as dignidades não fossem perpetuas, definio o Areopago, era mais conueniente fossem perpetuas as dignidades.

dades, qual deſtes dous decretos ſerà mais em ordem ao bẽ commum?

Outra queſtão; qual he mais conueniente a hum Monarcha, ter hum priuado em cujo coração depoſite os ſeus cuidados, ou não fiar de ninguem os ſegredos do coração; ter o Monarcha hum priuado, he ir contra as ordens da natureza, que não comete deſigualdades nos beneficios, porque não faz diſtinção de ſogeitos; não menos ſe communicão as influencias do Ceo aos valles que aos montes, & às flores do campo que aos cedros do Libano; demais do que do meſmo modo que os vapores que o Sol leuantou â maior altura, ſaõ os que lhe fazem maior opoſição, aſſim os que mais lograrão a priuança dos Princepes, taluez ſaõ os que mouem aos Princepes maior guerra, temos o exemplo em Ieroboão que conuerteo os fauores que Salamão lhe tinha feito em motiuo de aborrecimentos; logo direis vos, melhor he que os Monarchas não tenhão validos, mas iſto tambem he ir contra as ordens da natureza, que não aſiſte com igual empenho em todas as partes do ſeu imperio; a alma que anima todas as partes do corpo, na opinião de Alberto magno, eſtà particularmente no coração, onde ſe a alma ſe erige trono no coração ſeu ſubdito, pode taluez o Monarcha depoſitar o coração no Vaſſalo; demais do que aſſim como os vapores que o Sol leuanta ſaõ taluez o Diadema cõ que ſe coroa, aſſim os ſubditos a que os Princepes mais fauorecem, taluez ſaõ aquelles que mais os acreditão, temos o exemplo em Ioſeph tanto mais zeloſo da gloria de Faraò, quanto mais ſeguro da ſua graça; qual deſtas duas opinioẽs ha de ſeguir o ſoberano? Eis ahi o aſſumpto das voſſas contendas, & juntamente o motiuo das minhas queixas, oh politicos, que ſe tiuera eu forças para dizer, & vòs paciencia para me ouuir, propuſera neſte Sermão todas as queſtoẽs que ſe pòdem tratar nas eſcolas da policita, & me atreuera a moſtrar, a pezar da voſſa curioſidade, que em ſemelhantes materias não ſe pòde ſaber nada com certeza; logo não vos

atreuais a cenſurar, o que não chegais a entender, que ſe a politica he hum enigma, ſerà a voſſa cenſura huma cegueira. A eſtes zeladores do gouerno ſe ſegue outro genero de cenſuradores, que à imitação dos Farizeos deferem mais ao tempo do que â rezão, condenando todo o nouo, & celebrãdo ſó o antigo. *Quare diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?* Eſta a meu ver he huma das maiores cegueiras que pode eclypſar a luz da rezão, que ſe quizermos medir a excellencia do ſogeito pella precedencia do tempo, ſerão as treuas melhores que a luz, o corpo que a alma, os animaes que o homem, & o mundo todo ſerà inferior ao nada, porque o nada he mais antigo que o mundo: Que ſe fallarmos nos coſtumes, quem os teue mais deprauados que os antigos? Donde trouxeraõ os ſete peccados mortaes a origẽ, ſenão dos dous homens mais velhos, que houueſſe no mundo Adão, & Caim; de Adão naſceo o peccado da ſoberba, da luxuria, da priguiça, & da gula, & de Caim ſe originou o peccado da auareza, da enueja, & da ira, peccou Adão de ſoberbo, quando anhelou a ſemelhança com Deos, peccou de luxurioſo quando liſonjeado da fermoſura do pomo fechou os olhos ao engano, peccou de preguiçoſo quando ſe moſtrou mais diligente em execu tar os conſelhos do demonio que os preceitos de Deos, peccou finalmente de goloſo quando com moſtruoſa voracidade deuorou todo o genero humano n'hum bocado; & por outra parte peccou Caim de auarento reſeruando para ſi os bens que hauia de tributar a Deos, pecou de enuejoſo vendo que os ſacrificios do irmão erão mais bem viſtos que os ſeus, peccou finalmente de iroſo, dando ao mais innocente dos homens a mais injuſta das mortes; Eis ahi o bom exemplo que nos deixaraõ os antigos.

E ſe quizermos dár huma viſta âs hiſtorias mais modernas, quando ſe vio a virtude mais abatida, & quando ſe oſtẽtou o vicio mais victorioſo q̃ neſtes vltimos tẽpos paſſados? Ha mil, ſeiſ-centos, & ſettenta, & hum anno, & tres mezes

que

que Chriſto naſceo ao mundo; & ſe bem aduirtirmos, acha-remos a pezar dos que tanto celebraõ a ventura dos antepaſſados, que eſta Era em que viuemos he a idade dourada da Chriſtandade, pois vemos rendidos a ſeus pès os tiranos & os Hereges, que nos mil, & ſeiſ-centos annos precedentes com tanta crueldade a perſeguiraõ. Nos primeiros duzentos annos que eſtragos naõ fizerão da Chriſtandade, Nero, & Domiciano; & q̃ falſas doutrinas naõ ſemearaõ doze Hereziarcas, & entre eſtes Simaõ Mago, & Diotrephe? na era de trezentos que perſeguiçoens não armou contra os Chriſtaõs o Emperador Galieno, & que venenos naõ vomitaraõ as bocas de quatorze Hereziarcas, & entre eſtes Origenes, & Tertuliano: na era de quatrocentos quanto ſangue Chriſtaõ ſe derramou reynando Maximino, & Galerio, & quãtos Reynos inficionou a Heregia dos Arrianos: na era de quinhentos naõ ſe vio a Igreja quaſi opreſſa da barbaridade de Attila tirano, & da execranda conjuração de onze Hereziarcas, & entre eſtes Neſtorio, & Fortunado: na era de ſeiſ-cẽtos naõ gemeo a Chriſtandade debaixo do cruel imperio de Theodorico, & da falſa doutrina do Hereziarca Seueriano? na era de ſettecentos naõ ſe admirou a Igreja qual outro Egypto atormentada com as dez pragas de dez Hereziarcas? na era de oitocentos experimentaraõ os Chriſtaõs o furor de Conſtantino Copronimo, & chorarão ſeus templos profanados da impiedade dos Iconoclaſtas? na era de nouecentos perturbaraõ a paz da Igreja dous tiranos, ſeis Hereziarcas, & quatro Ciſmas? na era de mil armouſe a Boemia contra a Igreja, & pera apagar a memoria dos Chriſtaõs leuantouſe o incendio dos Maniqueos? na era de mil, & cem annos contra a Chriſtandade tomaraõ os Reynos de Ruſſia, & Danemarca as armas, & com noue Hereziarcas noue rayos lançou a Heregia? na era de mil, & duzentos vioſe o campo da Igreja inundado com hum diluuio de Saracenos, & huma tempeſtade de Heregias? na era de mil, & trezentos intentou a Lũa Otomana de eclypſar o Sol da Fè

Ca-

Catholica, & com treuoas infernaes pertendeo escurecer a sua luz a ignorancia de noue Hereziarcas, & entre estes os flagellantes: na era de mil, & quatrocentos ameaçou maiores ruinas a praga dos Saracenos, & o Vaticano se vio assaltado de noue Hereziarcas, & tres Antipapas: na era de mil, & quinhentos tornou o Turco a acometer a Christandade na Africa, & da Europa sahiraõ treze Hereziarcas, & entre estes os Hussitas, & os Piccardos: finalmente na era de mil, & seis-centos triunfou a tirania nos inexoraueis decretos de Enrique, & de Isabel Raynha de Inglaterra, & perigou a nao de S. Pedro na horriuel tempestade que leuantou a Heregia de Lutero, & Caluino: mas neste seculo desasete, nesta era em que viuemos aplacou a tirania o seu furor, moderou a Heregia os seus excessos, acabou o Cisma os seus diuorcios, florece o culto diuino, reyna a piedade, & triunfa a Christandade: acabem logo as saudades dos seculos antpassados, & demos graças a Deos das felicidades que logramos no presente, que se foi temeridade em Roboaõ o dizer, que o seu dedo mais pequeno era maior que todo o corpo de seus pays, bem podemos dizer sem nota de jactancia, que mais ditoso he hu dia desta era, que todos os seculos da antiguidade, tanto mais que com este discurso condenamos a cegueira de huns velhos melanconicos, que censuraõ as imperfeiçoens do tempo presente, & naõ reparaõ nas enormidades do passado, imitando a estes Phariseos que preferem as sombras do antigo testamento, aos resplandores do nouo: *Quare discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorum?*

III. PARTE.

A Terceira, & a mais necessaria calidade pera justificaçaõ da censura, he o amor, que a censura sem amor he atrontosa, & não ha ninguem que se queira sogeitar â censura, com risco de receber huma afronta. Que prodigiosa me pareceo sempre a Piscina de Ierusalem em que todas

as

as doenças achauão ſucceſſiuamente o naufragio : mas não he iſto, o que mais me admira, pois parecia rezão, que a pedra ſe affundaſſe no meio das agoas, que n'huma alagoa ſe perdeſſe a gotta, & q̃ neſte humido elemẽto ſe apagaſſe o exceſſiuo calor da febre: o que me cauſa maior admiração, he que o Anjo reuolueſſe as agoas, primeiro que nellas entraſſe o enfermo, porque ſe a pureza he natural aos Anjos, que rezão tinha eſte para turbar o liquido criſtal daquella piſcina, que ſendo hum eſpelho de prodigios, hauia de ſer hum prodigio de pureza: Oh, ſabia o Anjo o quanto deſejão os homens, que ſe lhe não ſaibão os achaques, ainda quando ſe lhe applicão os remedios, & duuidando ſe aceitarião eſtes enfermos a mezinha, com o perigo de que ſe lhe deſcubriſſe a doença, turbaua a tranſparencia das agoas, para ocultar a deformidade das chagas dos que nellas entrauão, & com o meſmo Elemento com que curaua ao enfermo, encubria a enfermidade. Na cenſura dos vicios (que ſaõ as doenças da alma) ſe ha de proceder com a meſma cautela, que o Anjo na cura dos corpos, aplicar o remedio, & encubrir o achaque, dar a ſaude, & não difficultar a doença, & abrandar o rigor da reprenſaõ, pera facilitar a emenda do reprendido. Pera reſucitar ao filho da Sunamitide vſou o Profeta Eliſeu do ſeu bordão: *Tolle baculum meum*, mas não teue effeito eſte afrõtoſo remedio: *Non ſurrexit puer*, para que entendamos que quando hum Chriſtão eſtà morto à graça a poder de peccados, não reſucita á força de rigores: *non ſurrexit*. Logo ſe Eliſeu alcançou o intento, tanto que ſe abraçou com o corpo do defunto, & ſe o reſtituio à vida, tanto quo o tratou cõ brandura, reprendei ao delinquente com amor, & ſahirà a voſſa reprenſaõ com ſucceſſo, que ſe o zelo vos empenha a que cenſureis o vicio, obrigauos a caridade a que modereis a cenſura.

Aquelle Anjo do Apocalypſe q̃ trazia a eſpada na boca, tinha no meſmo tẽpo a mão chea de Eſtrellas, a eſpada na boca pera cortar pello delito, & as Eſtrellas na mão pera coroar

ao delinquente ; deceo o Eſpirito Santo em forma de lingoas pera reprender os peccados dos homens : *Arguet mundum de peccato*, mas reparai, que eſtas lingoas diuinas ſe aſſentarão ſobre as cabeças dos Apoſtolos, pera lhes enſinar q̃ com a meſma lingoa com que reprendião o peccado, hauião de coroar o peccador, & que ſe a reprenſaõ he hum rayo pera a deſtruição da culpa, a brandura com que ſe faz, o tranſforma em coroa pera conſolação do culpado : ha huns rayos [eſcreue Plinio] que produzem perolas nos lugares em que dão, tenha a reprenſaõ a actiuidade do rayo pera ferir, & a calidade da perola pera coroar aos que fere ; & pera concluſaõ deſtes tres diſcurſos, tenha ſempre a cenſura pera ſua juſtificação os tres requiſitos do poder, do ſaber, & do amor ; mas ſe eſtas tres calidades não ſe achão quaſi nunca vnidas n'hum ſó ſogeito ; ſe os que mais pòdem, taluez ſaõ aquelles que ſabem menos, ſe os que ſabem mais, de ordinario ſaõ os que menos pòdem, & ſe os mais poderoſos, & os mais ſabios de ordinario ſaõ os mais inſenſiueis ao amor, quem poderá exercitar còm juſtiça eſta tam neceſſaria arte da cenſura ? Ah fieis, tem cada hum de nôs o poder, o ſaber, & o amor, que he neceſſario pera ſe reprender a ſi meſmo ; temos o poder no dominio que nos dâ a razão ſobre os noſſos apperites, temos o ſaber no teſtemunho que a conciencia nos dà das noſſas culpas, temos finalmente o amor na inclinação natural com que cada hum procura as ſuas conueniẽcias, cenſuremos logo as noſſas acçoens, reprendamos os noſſos vicios, & com as meſmas palauras com que os Farizeos intentarão de agrauar a innocencia do Senhor, ſolicitemos a noſſa emenda.

Quare diſcipuli tui. O alma, remida com o precioſo ſãgue de hum Deos crucificado, porque lhe não ſacrificas as tuas potencias em agradecimento de ſeus beneficios : *Quare diſcipuli tui*; porque não refreas a liberdade dos teus penſamentos ô entendimento, & porque diuertido na vaidade dos objectos terrenos, te não deſuelas em contemplar a per-

manen-

manencia dos celeſtes: *Quare diſcipuli tui* : porque não acabas de conſagrar a Deos os teus affectos, coração deſamorauel & porque reſiſtindo aos impulſos da graça, reſeruas a penitencia pera o fim da vida, & arriſcas a tua ſaluação por toda a eternidade. Eſta, fieis, he huma cenſura authorizada com o poder, pois nella ſe eſtriba a noſſa emenda; Eſta he huma cenſura illuſtrada com o ſaber; pois com ella ſe alumea a noſſa cegueira : eſta finalmente he huma cenſura dictada pello amor, pois por ella ſe alcança a gloria. *Ad quam nos perducat, &c.*

SERMAM

PREGADO NA

CAPELLA REAL

Na quinta ſexta feira da Quareſma.

Ecce, quem amas, infirmatur. Ioann 11. 3.

IMAGINAVA eu, Muito Altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos, imaginaua eu que a morte era o mayor inimigo da vida, mas vejo que não tem a vida mayor inimigo que o amor. Nas hiſtorias profanas acho que o amor ſe hoſpedou hum dia com a morte, mas não pude achar em toda a antiguidade que o amor habitaſſe em nenhum tempo com a vida; antes tam grande opoſição tem o ſer amado com o ſer viuente, que quanto mais ſe amão os objectos, tanto mais pendem pera mortais; dous filhos tinha Abrahão, Iſaac, & Iſmael, mas porque Iſaac era o mais querido, foi deſtinado pera o ſacrificio: *Tolle filium tuum quem diligis Iſaac.* Si, que iſto he ſer amado, affirma S. Zeno, viua Iſmael em que não empprega Abrahão os ſeus cuidados, & morra Iſaac pera o qual ſe deſuela Abrahão em finezas: *Hic infans è cujus vita paternus*

In Emblem. Alciat.

Zen. veron. Ser. 1. de Abraha.

ternus pendebat affectus postulatur advictimam.

O Anjo a quem Deos cometeo a execução dos castigos, que mandaua ao Egipto, matou só aos primogenitos, porque os primogenitos de ordinario saõ os mimosos dos pays, vede, diz o Lipomano, como a espada fez trofeo do que mais estimaua o amor: *Quod erat amantissimum, amiserunt.* Atè no mesmo Deos teue lugar esta terriuel verdade, porque quando no Tabor se fallou da morte de Christo: *Loquebantur de excessu*, declarou o Padre Eterno o muito que lhe queria, como se quizesse dar a entender que a morte era consequencia do amor, & que o objecto mais amado, era sempre o menos durauel: *Loquebantur de excessu; hic est filius meus dilectus.* Mas para que he buscar prouas tam remotas, quando temos no Euangelho de hoje as euidencias. Enferma Lazaro, & as irmaãs (como discretas) não attribuem esta enfermidade às influencias dos Astros, nem à alteração dos humores, senão aos effeitos do amor, Senhor (dizem ellas a Christo) aquelle a quem amais, enfermou, si, aquelle mesmo a quem quereis tanto bem, adoeceo: *Ecce quem amas infirmatur*, se isto he em Deos, que serâ nos homens? se o que Deos ama propende pera a mortalidade, como ha de permanecer na vida o que amão os homens? Criou Deos no Paraiso Terreal a aruore da vida, mas logo que Eua se afeiçoou da sua fermosura: *Vidit mulier quod esset pulchrum*, deu a aruore da vida frutos de morte, *morte morieris*, & se este mundo em que viuemos està sogeito à corrupção, he porque lhe consagrarão os homens o seu affecto, que se não peccara o primeiro homem, não hauia o mundo de se corromper: *Ecce quem amas, infirmatur.* Senhores o enfermo que determino de vos pôr hoje diante dos olhos, não he Lazaro, he o mundo, que se o mundo na opinião dos Platonicos he hum homem grande, em que o espherico do Ceo serue de cabeça; o candido da via lactea, de testa; o encuruado do arco celeste, de sobrancelhas; o vistoso das Estrellas, de olhos, o frondoso das plantas, de cabellos; o ardente do Sol,

Lipom. in Catn.

de hac similitudine mũdi majoris cum minore vide Tertullianum in libro de carne Christi.

de coração, as calidades dos elementos; de humores; os rios, de veas,os penedos; de ossos,& os ventos; de respiração;que muito he, diga eu, participe o mundo os achaques do corpo humano, de quem parece ter as partes. Tres achaques tem o mundo, o achaque de ar, o achaque de vertigens, & o achaque de velhice; o achaque de âr, sáõ suas vaidades, o achaque de vertigens saõ suas inconstancias, & o achaque de velhice, he o fim a que se vai chegando ; vede ô amadores do mundo o que amais, amais a hum corpo vão, instauel, & caduco: *Ecce quem amas infirmatur.* Eu bem sei que Marta, & Maria representarão a Christo a enfermidade de Lazaro, pera què de Lazaro Christo se compadecesse, mas intento de vos mostrar hoje as enfermidades do mundo, pera que aborreçais ao mundo, & com isto não me aparto da materia do presente Euãgelho, porque na opinião de Santo Isidoro, as lagrimas que Christo derrama hoje na resurreição de Lazaro, se originão do sentimento que tem de ver a Lazaro tornar às miserias do mundo: *Lachrimatus est Iesus, nõ quod Lazarus esset mortuus, imò quod ad declarandam Dei gloriam cogeretur illum à portu ad tempestatem reuocare*; logo se o mesmo Christo se aplica a considerar os achaques do mundo na resurreição de Lazaro, rezão he que deixando a Lazaro resucitado, consideremos sô ao mundo enfermo; na primeira parte o veremos enfermo de âr, na segunda enfermo de vertigens, & na terceira enfermo de velhice ; serão estas tres ponderaçoens o motiuo do nosso desengano, que não me parece possiuel perseuerẽ os Palacianos, & os Cortezãos em amar a hum mundo de tantos modos enfermo: *Ecce quem amas, infirmatur.*

Isidor. eccles. in Caten. græca

I. PARTE.

PRouo q̃ o primeiro achaque do Mũdo he o de ar, com a Filosofia, & a Escritura; grande questão houue antigamente entre os Filosofos sobre difinir a primeira materia de

de que ſe cõpuzeſſe o mundo. Tem pera ſi Thales que foi a agoa, Heraclito o fogo, Parmenides o fogo, & a terra, mas a mais prouauel opinião de todas, he (a meu ver) a do Filoſofo Anaximenes, que affirmou ſer o ar principio de todas as couzas do mundo; a rezão eſta fundada no tão celebrado axioma de Ariſtoteles: *Corpora reſoluuntur in eadem principia, ex quibus componuntur*. Compoemſe os corpos da meſma materia, em que ſe reſoluem: logo ſe tudo em ar ſe reſolue, claro fica que tudo he compoſto de ar; prouo que tudo em àr ſe reſolue. O elemento que mais breuemente desfaz todas as materias, he o fogo; ora ſuponhamos que o muntodo ſe abraze nas vorazes lauaredas de hum vaſtiſſimo incendio: parte do mundo ſe reſoluerà em fumo, & parte em cinzas, & por conſequencia tudo ſe reſoluerà em ar, porque o fumo, he hum ar eſcuro, & as cinzas, as leua o vento pera o ar; onde não me admiro, de que padeça o mundo o achaque de ar, quando tem do meſmo ar a natureza. Confirmemos eſta Filoſofia com a Eſcritura. Affirma o Profeta Real no Pſalmo trinta, & dous, que Deos criou ao mundo com a efficacia da ſua palaura, & com o bafo da ſua boca: *Verbo domini cæli firmati ſunt, & ſpiritu oris ejus omnis virtus eorum*: que Deos criaſſe ao mundo com a efficacia da ſua palaura, he ſabido de todos, mas que na criação empregaſſe tambem o bafo da ſua boca, *Spiritu oris ejus*. Iſto como ſe ha de entender? Reſpondo com o Lirano, formaſe a palaura do meſmo ar com que reſpira o homem, onde diſſe o Filoſofo Arquelao, que a palaura não era mais que hum pouco de ar batido: logo ſe Deos criou ao mundo com huma palaura, tem o profeta razão de dizer que o formou de ar: *Spiritu oris ejus*: porque ſegundo o noſſo modo de entender não pode Deos fallar, ſem reſpirar: *Loquitur de Deo humano more, quia verbum progrediens de ore hominis, formatur ex aere reſpirato*, & que ſubſiſtencia pòde hauer em hum mundo que tem por fundamento do ſeu ſer, o ar: eſta (a meu ver, he a razão, porque o Eſpirito Santo depois de nomear

Laert. lib. 1 Id. lib. 9. Id. ibid.

Ariſt. 1. ph. text. 65

Pſalm. 32.

in Suidas ex Theatro vit. hum. lit. p. 37. col. 1 E.

Lyran. in Pſalm. 32 p. 664 col. 2.

ao

ao Demonio princepe deſte mundo : *Princeps hujus mundi*, o chama nas Epiſtolas de S. Paulo princepe do ar: *Princeps poteſtatis hujus aeris* ; que tudo o que encerra a vaſtidão do mundo não parece ſenão ar em diuerſas maneiras figurado; ſaõ os Aſtros, ar reſplandecente; as flores, ar eſmaltado; as Plantas, ar vegetatiuo ; os diamantes, ar congelado ; o Oceano, ar fluctuante ; o fogo, ar encendido ; a terra, ar amontoado, os animaes; ar ſenſitiuo, & o homem, ar animado : *Ventus eſt vita mea*, em concluſaõ tudo o que o mundo oſtenta, mais he aereo que airoſo : *Ecce quem amas, infirmatur.*

Vnemſe pera a confirmação deſta verdade dous ſogeitos ainda que opoſtos entre ſi, Chriſto, & o Antichriſto ; Chriſto triunfante no dia da Aſcenſaõ, & o Antichriſto agonizante no fim do mundo: ſobe Chriſto ao Monte Oliuete, leuantaſe no ar, & formando de huma nuuem o carro do ſeu triunfo, começa a caminhar pera o Ceo: *Nubes ſuſcepit eum.* Venturoſa nuuem, q̃ chegaſte a compôr o carro triunfal do Redemptor do mundo, porque ſe conſidero a tua origem, acho que naceſte da humidade de algum valle, & ſe reparo no conſtitutiuo da tua ſubſtãcia, vejo que não hes mais que hum vapor eſpalhado pellos âres, & mouido pellos ventos. Pera Chriſto ter hum carro proporcionado â mageſtade da ſua grandeza, hauia de formar de huma parte do Ceo criſtalino ; a caxa, dos dous polos, os exos, das azas dos Serafins, os tirantes ; da linha Equinocial, a lança, & dos rayos do Sol, os rayos das rodas; mas contentarſe com o leue trono de huma nuuem, iſto he querer diſfarçar a grandeza, ou deſprezar o triunfo : *Nubes ſuſcepit eum.* Mas vejo, que jà percebeſtes o myſterio ; coſtumão os triunfadores atar ao carro da ſua gloria os meſmos inimigos a que vencerão ; & como Chriſto tinha vencido ao mundo : *Ego vici mundum* , pera moſtrar que o mundo que tinha vencido, não era mais que hum pouco de âr, do âr condẽſado de huma nuuem , formou o carro do ſeu triunfo, leuando como por deſpojo

da

da batalha que vencera o meſmo mundo transformado em âr, porque âr ſaõ todas as couſas do mundo : *Ego vici mundum, nubes ſuſcepit eum.* Não he menos poderoſa a proua que temos deſta verdade na morte do Antichriſto : morrerâ, diz S. Paulo eſcreuendo aos Theſſalonicenſes , morrerà o Antichriſto ; pois de que morte morrerâ eſte monſtruoſo parto da natureza ? por ventura morrerâ o Antichriſto precipitado da altura de algum monte , abrazado nas chamas de algum incendio, ou leuado da furia de alguma tempeſtade ? não ; por ventura os Leoens o deſpedaçaràm , o conſumiràm os rayos, o afogaràm os diluuios ? menos ; morrerâ o Antichriſto de âr, porque Chriſto meſmo o matarâ com o bafo : *Dominus Ieſus interficiet eum ſpiritu oris ſui* ; affirma S. Paulo.

Eſtranho caſtigo na verdade , mas proporcionado ao delito ; o Antichriſto, conforme a profecia de Daniel no capitulo ſettimo, ſe fará ſenhor de todo o mundo , nelle empregarâ o ſeu affecto, nelle fundarâ a ſua gloria , nelle colocarâ ſuas eſperanças, onde tendo o mundo o achaque de âr (como temos dito] morrerá de âr o amador do mundo ; & como diſcretaméte obſerua S. Hieronymo , o bafo de Chriſto, ainda que principio de vida, por milagre da diuina omnipotencia, matarâ ao Antichriſto : *Interficiet eum ſpiritu oris ſui, diuina videlicet poteſtate*, que pera ſe proporcionar a calidade do caſtigo com o erro do delinquente , rezão he encontre a ſua ruína no âr, quem ſobre o âr eſtabelecco a ſua fortuna. Ex aqui o voſſo mundo : *Ecce quem amas* , o alicerſe em que funda a ſua gloria, he a vaidade , & os fundamentos que ſuſtentão o fantaſtico edificio das ſuas grandezas, ſaõ colũnas de âr. He muito pera aduirtir que paſſando os Iſraelitas pello deſerto, lhes moſtraſſe Deos todos os dias huma nuuem em forma de columna : *Præcedebat eos columna nubis* ; prodigioſa vnião de columna, & de nuuem; columna que com o inſenſiuel da ſua natural dureza reſiſte â valentia do ferro ; nuuem que de ſutil vapor compoſta ce-

& Apoc. 13.

Hyeron. Epiſt. 152.

de a qualquer ſopro de vento ; columna que qual imagem da conſtancia ſe quebra mais facilmente do que ſe rende: *Frangar, non flectar* ; nuuem que qual Protheo inconſtante em todas as figuras ſe transforma ; prodigioſa vnião, mas myſterioſa, pois por ella nos auiſa Deos, que os Reynos, & Imperios do mundo, no deſerto deſta vida mortal, ſaõ colũnas de nuuem, & piramides de âr : *Præcedebat eos columna nubis* ; & he iſto tanto aſſim, que a mayor ſabedoria de hum Monarca conſiſte em penetrar o profundo deſta verdade ; no capitulo 24. do Eccleſiaſtico, affirma a Sabedoria , que ſobre huma columna de âr ſe ſuſtenta o ſeu trono : *Thronus meus in columna nubis*, não por outra razaõ, a meu ver, ſenão pera moſtrar que a ſabedoria de hum Princepe conſiſte em conſiderar que naõ tem o ſeu Imperio firmeza , & que ainda que veja o ſeu trono fundado na beneuolencia dos pouos, na vigilancia dos Miniſtros, na multidaõ das fortalezas, no poder dos exercitos, & na fidelidade dos vaſſallos, ſe ha ſempre de perſuadir, que por firmes que pareção eſtes fundamentos, ſaõ columnas que tal vez ſe desfazem em nuués, & ſe reſoluem em âr : *Tronus meus in columna nubis* ; *Ecce quem amas, infirmatur*.

II. PARTE.

O Segundo achaque do mundo, he o de vertigens , porque como eſcreue S. Hyeronimo, todas as couſas do mundo andaõ ſempre à roda : *Quidquid ſub humanam cadit intelligentiam ſuis rotis voluitur*. Das continuas voltas que dà o mundo, ſe originaõ dous males, o deſconcerto , & a inconſtancia, o deſconcerto, porque nos corpos que andão à roda, ſobem os pès ao lugar da cabeça , & a cabeça dece ao lugar dos pès ; a inconſtancia, porque o que ſempre ſe reuolue, eſtà em perpetuo mouimento ; vejamos em primeiro lugar como o deſconcerto do mundo conſiſte em que as cabeças ſe fazem pès, & os pès cabeças ; Chegão os pés a ſe fazerem

Hieron. in gloſ. ordinaria ad cap. 2. Ezech. in 6.

zerem cabeças, quando os homens naõ atendendo à ſua incapacidade ſe leuantão a couſas fóra da ſua esfera, ſem aduirtirem que por muito que ſe leuantem a cabeças, ſaõ ſempre cabeças ſem miolo; he a propoſiçaõ ordinaria, mas o reparo com que a prouo tem ſua nouidade. Eſtaua o Profeta Ionas no campo em o mais ardente do dia, ex que junto a elle brotou huma planta, que copando ſuas folhas, & inclinando ſeus ramos, lhe formou contra o abrazado da calma hum chapeo de Sol; perguntaõ os Doutores que planta foſſe eſta, & ainda que a Vulgata queira que foſſe huma Era: *Præparauit Deus hederam*, tem pera ſi Santo Agoſtinho cõ os Settenta, que naõ era ſenaõ huma cabaça: *Præparauit Deus cucurbitam*, Pois o Profeta Ionas que hauia de eſtar à ſombra das palmas pello zelo com que entràra na Cidade de Niniue, ou aos pès dos acipreſtes, pella penitencia que nella prègara, eſtà vilmente rodeado da ruſtica folhagem de huma cabaça? Sim, que naõ he eſta planta alimo pera a calma, he auiſo pera a emenda. Affligiaſe Ionas vendo que Deos eſtaua rezoluto de perdoar aos Niniuitas, & reprouãdo as deliberaçoens da miſericordia, ſolicitaua os primeiros decretos da juſtiça: *Miſertus eſt Deus ſuper malitiam, quam locutus fuerat vt faceret eis, & non fecit, & afflictus eſt Ionas.* Ah ſim, meteſe Ionas em couſas q̃ naõ ſaõ do ſeu officio, & quando ſó ſe deuia conformar com as ordens diuinas, chega neciamente atreuido a pór boca nos inexcrutaueis decretos de Deos; pois vejaſe a cabeça de Ionas cercada de huma cabaça, que como naõ tem a cabaça ſuſtancia, he o retrato de huma cabeça ſem miolo: *Præparauit Deus cucurbitam*, & daqui podemos inferir, que quando os ſubditos ſe atreuem a cenſurar os decretos dos Princepes, naõ tem juizo os ſubditos nos juizos que fazem. *Ion. 3. & 4.*

Ordenou a prouidencia diuina que na republica do corpo humano obedeceſſem os pès, & mandaſſe a cabeça, & por iſſo colocou na cabeça o juizo, & não nos pès: corraõ os pès, & não diſcorrão, reſoluãoſe, & não reſoluão, reſoluãoſe a

executar o que lhe mandão, & não reſoluão nada ſobre o q̃ ſe lhe mádou: obre cada hum o que ſe lhe ordena ſem queixa, & logo tudo ſe farà com acerto: corte o ſoldado com a eſpada pellos inimigos da patria, & não corte com a lingoa pellos decretos dos Generaes: gouerne o laurador a ſua lauoura, & não ſe meta no gouerno politico, qne não he o meſmo menear o arado que o leme da Republica: faça muito embora que a terra lhe pague o tributo que deue ao ſeu trabalho, mas não cenſure o que ſe lhe poz pera as neceſſidades do Reyno; canceſe o Filoſofo em auerigúar a verdade doEnte,que não lhe toca ſaber ſe tem ou não entidade as maximas do gouerno: forme ſylogiſmos pera concluſaó das ſuas diſputas, mas não diſpute ſobre as concluſoens dos miniſtros: finalmente deſueleſe o Religioſo na obſeruancia da ſua regra, & não queira dar regra aos tribunaes, trate do eſtado da ſua ſaluação, & não ſe meta nas rezoens de eſtado, que por Ionas,que ſó deuia obedecer, querer julgar dos decretos da ſuprema cabeça do Ceo, & terra, foi julgado por homem de pouca cabeça.

O ſegundo mal que das vertigens do mundo ſe origina, he a inconſtancia; naõ ha firmeza nas couſas terrenas, & he grande erro nos homens diuidir os bens do mundo, em bẽs moueis, & bens de raiz, porque todos os bens (ſe bem aduirtirmos) ſaõ moueis. Deſengano he eſte, a quem atẽdeo o meſmo Chriſto na ſolemne entrada que fez na Cidade de Jeruſalem, porque ſe permittio ſe adornaſſe o ſeu triunfo cõ ramos cortados das aruores: *Cædebant ramos de arboribus*, era pera nos auizar que os mayores bens do mundo naõ ſaõ mais que ramos cortados, mouediços, & ſem raiz: *Ramorum amænitati ſimilis eſt mundi gloria, caret enim radice*; os homens pois ſaõ ainda mais inconſtantes que os bens do mundo, porque andão em perpetuo circulo, conforme diz a diuina Sabedoria por Salamão: *In circuitu impij ambulant*, & na verdade que outra couſa he a vida de hum ambicioſo, que o andar em huma perpetua roda ſem jà mais parar no labi-

Barrad. tom. 3. in Euangel. lib. 7. cap. 7. p. 367. cap. 2.

birinto das ſuas quimeras; naõ ha tribunal a que não và, naõ ha miniſtro a que naõ cance, a todos corre ſem ſe correr de cançar a todos; naõ pàra, naõ ſocega, tudo ſaõ voltas, atè q̃ ſe lhe volta o juizo; vede eſte a quẽ chamais homem de Corte, que faz, ou que deixa de fazer pera que ſe introduza na graça do Principe? que traças não buſca, que enredos nam faz, que voltas não dà, pera que de huma, poſſa fixar no alto a roda da ſua fortuna, eu lhe chamàra antes roda de nora, q̃ ſe ſempre voltea, he pera que ſempre tire, do miniſtro a protecção, do Principe a merce, & de todos a eſtimação. Mas aduirtão bem os mũdanos o perigo em que eſtaõ, que o meſmo mundo com que hoje andão à roda, os arrojarà hum dia no mais profundo do inferno. Pergunta Santo Anſelmo, porque rezão manda Chriſto no Euangelho, ſe ate ao peſcoço de hum mao, huma pedra de moinho: *Expedit ei, vt ſuſpendatur mola in collo ejus, & demergatur in profundum maris*, pera afogar a hum homem no mar, não ſe ha de atender á figura da pedra com que o lanção, ſenão ao pezo, que o pezo faz ir os corpos ao fundo, & não a figura; he verdade, mas na pedra de moinho, que ſempre anda às voltas, ſe repreſenta a continua volubilidade do mundo; & aſſim ſe verà o mundano com hũa pedra de moinho atada ao peſcoço, em final de como o mũdo foi o pezo que o ſobmergio no pego infernal: *Per molam, ſæcularis vitæ circuitus exprimitur, & per profundum maris, extrema damnatio.* *Anſelm. in cap. 18. Matth.*

Pera os Egypcios ſe deſenganarem das inconſtancias do mundo, affirma Clemente Alexandrino que puzeraõ em todos os ſeus templos huma grande roda, que em perpetuo circulo ſe mouia: & na ſagrada Eſcritura acho que Samuel coroou a Saul Rey de Iſrael em hum lugar chamado Galgala, que em lingoa Hebraica ſignifica o meſmo que roda, não por outra rezão a meu ver, que pera lhe pòr diante dos olhos a ineuitauel reuolução das grandezas do mundo: huma ſó deſculpa tem os mundanos, & he que andando com o mundo às voltas, pode ca-

da hum esperar de ter sua volta nas felicidades do mundo: & com esta esperança se podem lisonjear os Portuguezes, mais que todas as naçoens da Europa, porque vejo que lhes ha de cahir hum dia o Imperio do mundo, não só pello que lhes promete o autentico das suas tradiçoens: *Volo in te, & semine tuo imperium mihi stabilire.* Senão tambem pellas leys da natureza, & pellas mesmas inconstancias do mundo: observa S. Boauentura no segundo liuro *de operibus conditoris*, que o Imperio naceo como o Sol no Oriente, & que correndo toda a terra habitauel, ha de finalmente chegar às partes occidentaes do mundo: *Ab Oriente incæpit; & terram habitabilem percurrit vsque ad occidentem.* Nasceo o imperio no Oriente porque nasceo entre os Assirios, dos Assirios passou aos Medos, dos Medos aos Persas, dos Persas aos Gregos, dos Gregos aos Romanos, & dos Romanos às partes do Norte aonde hoje florece, mas pera acabar o circulo ha de chegar ao Occidente, & por consequencia ha de vir a Portugal, o qual (como consta pella cosmographia) está situado na parte mais occidental deste hemisferio, por onde o mesmo Camoens chamou aos Portuguezes.

Os Varoens assinalados
Cant. 1. *Da occidental praya Luzitana;*

Pera bem seja Portuguezes, vosso será o Imperio do mundo, ao vosso solio tributarão os maiores Monarchas, & se coroará a vossa Lisboa cabeça do Vniuerso; mas aduirti que quando principiardes a senhorear ao mundo, então começará o mũdo a acabar, que o chegar o Imperio a essa praya occidental, será indicio de como estará o mundo no seu ocaso: & como não será então caduco, & decrepito o mundo, se o vejo ja enfermo, & velho; consideremos esta velhice por ser a terceira enfermidade do mundo, & o terceiro motiuo do nosso desengano: *Ecce quem amas, infirmatur.*

Antes

III. PARTE.

ANtes de vos moſtrar ao mundo, velho, quero que o vejais menino, mancebo, & homem, que eſtes tres eſtados ſaõ os tres degraos por onde ſe chega à velhice. Era menino o mundo, quando em ſahindo da mão do ſeu Creador teue o véo das treuas por mantilhas, & o profundo do abiſmo por berço: *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.* Abrio o mundo os olhos; & começou a ver quando Deos colocou o Sol, & a Lũa no Ceo: *Fecit Deus duo luminaria magna, & poſuit ea in firmamento.* Caminhou o mundo quando ſe mouerão as eſferas, aprendeo os nomes, & os verbos, quãdo Deos enſinou a Adão os nomes das criaturas: *Adduxit ea ad Adam vt videret quid vocaret ea.* Chegou pois o mũdo a mancebo, quando deſocupado; & liure de cuidados ſe deu ao eſtudo da muſica: *Erat pater canentium cithara*, ao exercicio da caça: *Nembroth robuſtus venator*, & à pratica das artes mecanicas, & liberaes; paſſou depois a homem, quando mais intelligente, & circumſpecto, ſe aplicou ao gouerno dos Reynos, â fundação das Republicas, & â erecção das Monarquias: mas finalmente enuelheceo o mundo, deſtemperouſe a armonia dos elementos, degeneraraõ as influencias dos Aſtros, entibiouſe a virtude dos ſimples, & jà não he tão robuſta nas ſuas producçoẽs a natureza; paſſou eſta corrupçaõ aos engenhos, & aos coſtumes, eſcreue Sam Cipriano, perdeo a Filoſofia os ſeus Platoens, os Ariſtoteles, os Senecas, & os Epictetos; já não tem a Politica os Catoens, os Lycurgos, & os Juſtinianos; faltão à Retorica os Ciceros, os Demoſtenes, & os Hortenſios; ſuſpira a Medicina pellos Galenos, Hipocrates, & Paracelſos; ſaõ os objectos dos Antigos as noſſas riquezas, & os ſeus deſperdiços o noſſo thezouro; o que nelles era mocidade, em nôs he velhice; em fim tudo ſe muda, tudo ſe corrompe, tudo vai acabando, & ſe o Gram Sacerdote da ley Araõ trazia no veſtido

ſtido a figura do mundo, era, na minha opiniaõ, pera moſtrar que o mundo hauia de fazerſe velho, não menos que hũ veſtido: *Omnes ſicut veſtimentum veteraſcent.*

Deſuelaſe a eloquencia de S. Cipriano em moſtrar n'hũa carta que eſcreue a Demetriano Procõſul de Africa, como ſe faz ſempre mais velho o mundo : *Scire debes ſenuiſſe jam mundum, non illis viribus ſtare quibus prius ſteterat, nec vigore eo valere, quo antea præualebat* ; mas deixando todas as mais authoridades, & razoens naturaes que militaõ pera eſta verdade, determino de a confirmar com huma razão moral, que traz o Abulenſe, por me parecer mais concludente, & forçoza de todas ; pergunta o Abulenſe na ſettima queſtam ſobre o Leuitico, porque não manda Deos jà ao mundo aquelles terriueis caſtigos, com que nos primeiros annos o punia, ſendo que tam deprauado he nos ſeus coſtumes como dantes o mundo. Afogou Deos aos contemporaneos de Noê em hum mar de diluuios, reduzio a infame Pentapolis a hum mar de cinzas, inundou ao Egipto com hum mar de ſangue, & viuendo os homens de hoje com mayor deſcuido que os contemperaneos de Noê, com mayor laſciuia que os moradores de Pentapolis, & com mayor obſtinaçaõ que os Egipcios, naõ os afoga Deos com diluuios naõ os reduz à cinzas, naõ os ſomerge em ſangue. Que he iſto meu Deos? tanto rigor pera os antigos, tanta piedade pera os modernos? ſe os delitos do mundo ſaõ os meſmos, porque não ſaõ meſmos os caſtigos? Cançouſe por ventura a voſſa juſtiça, & preualeceo a voſſa miſericordia ; mas ouçamos a razão do Abulenſe, digna do ſeu profundo entendimento ; quando o mundo era menino, caſtigaua-o Deos como mais docil, & obediente (que os vicios ſe atalhão ſò na infancia) *Tunc orbis, vt puer erat, facilius erat corrigibilis* , mas agora que enuelheceo na maldade, agora que a ſua obſtinação pello diſcurſo dos annos paſſou a natureza, tem Deos por ſuperfluo o caſtigallo (que hũa idade já robuſta, & prouecta, não admitte remedios) *Nunc autem pæne ad extremum ſenium deducto*

Pſal. 101. 27.

ducto disciplina conuenienter suscipi non potest, & esta só razão basta para prouar a velhice do mundo, porque he proprio dos velhos ser pertinazes, obstinados, & incapazes de emenda. *Alulens. quæst 7. in Leuitic. 10. n. 2.*

Desta verdade infiro outra ainda mais espantosa, & he, que se se achar alguém neste auditorio, que vendo ao mundo tão enfermo, achaquoso, & vesinho ao seu fim, não se resoluer a deixalo de todo, & aborrecelo, he absolutamente indigno de perdão; a proua he euidente: para reprimir a soberba de Faraò, applicou Deos tantos remedios, quantas foraõ as pragas do Egipto, que naõ foraõ menos de dez; & pello contrario para emendar os excessos de Nabuco aplicou Deos hum só remedio, & foi o mostrarlhe em sonhos na repentina ruina de huma aruore a breue duração do seu Imperio; valhame Deos! exclama aqui o Abade Ruperto, & Ricardo Victorino, dez vezes auisou Deos a Faraò, & a Nabuco não quiz dar Deos senão hum só auiso; atè o decimo castigo teue Faraò lugar para se arrepender, & tão desgraçado foi Nabuco, que Deos o condenou ao primeiro; sabeis porque; via Deos que as pragas com que castigaua a Faraò, quando muito se lhe descomponhão o Reyno, não lho acabauão, & por isso hia esperando de hum a outro castigo que Faraó se arrependesse; mas como vio que Nabuco vendo cortadas de hum golpe suas esperanças, & acabadas num pôto todas as glorias da sua grandeza no tronco cortado daquella aruore, & se não conuertia, & se não emendaua, o julgou totalmente por indigno de perdão: *Qui vidit regni sui gloriam cadentem, & adhuc superbit, indignus est venia.* Dõde infere o mesmo Doutor que não merece perdão, quem à vista da ineuitauel ruina do mundo, ainda perseuera em o amar. Isto intentei mostraruos nas tres partes deste Sermão, & se não tiuer a dita de o persuadir, chamarei do outro mundo hum prègador, que só quem do outro mundo vem, pòde descubrir os enganos deste mundo: *Lasare veni foras.* Leuantaiuos ô Lazaro da sepultura, desenuolueiuos das vos- *Bresa. t. 6. fol. 212. col 2.*

Epiphan. lib. 2. contra Hæreſes tom. 2. Hæreſ. 66 in Catalogo Hæreſiũ Manicheorum.

ſas mortalhas, & ſe jà reſuſcitaſtes pera conſolação da voſſa familia, reſuſcitai outra vez pera deſengano das noſſas confianças; Affirma Santo Epifanio, que Lazaro morreo de trinta annos, & que depois de reſuſcitado, viueo outros trinta, mas eſcreue Dioniſio Cartuſiano como couza certa, & digna de grande reparo, que não ſe vio nunca rir nos trinta annos da ſua reſurreição: *Legitur, quod Laſarus, poſt ſuam ſuſcitationem, non riſit.* Sahio Lazaro do ſepulchro, tão deſenganado do mundo, & de ſi meſmo, que não houue mais goſto nenhum, que lhe lizongeaſſe o apetite, & catiuaſſe a vontade; ſe Lazaro punha os olhos nos aparatos de ſua caſa, & nas riquezas do caſtello em que viuia, ſe lhe repreſentauão as treuas, & os horrores da coua, na qual em menos de quatro dias ſe corrompera, ſe o conuidauão os amigos para o plauſiuel das feſtas, & paſſatempos da vida; conſideraua o funebre das mortalhas em que ja ficara enuolto, preza do tempo, rapina da morte, & deſpojo do nada. Tudo lhe parecia, ſonhos, que enganão, illuſoens, que aſſombrão, ſombras, que deſaparecem, apparencias ſem ſubſtancia, & ſubſtancias ſem ſubſiſtencia; Em concluſaõ, aos ſentidos de Lazaro, todo o mundo ſe repreſentaua de morte-côr porque ſempre tinha diante de ſi, & dentro de ſi meſmo, a imagem da morte; Aos olhos a que ſe poem diante, hum vidro azul, todos os objectos parecem azulados, & à lingoa, que prouou o abſynthio, todos os comeres parecem amargoſos; não de outra ſorte a Lazaro, que ſempre trazia diante de ſi as cinzas da ſepultura, tudo o que prouaua, tudo o que via, tudo o que cheiraua, & tudo o que tocaua, lhe parecia cinza. Cinzas ao goſto, os manjares; cinzas aos olhos, os Palacios; cinzas ao olfacto, os perfumes; cinzas ao tacto, as proprias carnes; Aſſim audia o mundo, quem aſſim o experimenta, aſſim deſpreza a ſua grandeza, quem aſſim conhece a ſua vaidade: *Laſarus poſt ſuam ſuſcitationem, non riſit.* Ah! fieis, ſe eſte he o mundo, não amemos o mundo, amemos a Deos, porque ſe no mundo tudo he ar, em Deos

Dyoniſ. Carthuſ. in cap. 11. Ioan.

tudo

tudo he ſer, ſe no mundo tudo he inconſtancia, em Deos tudo he permanente, & ſe o mundo por velho, & caduco ſe vai chegando ao ſeu fim, Deos não teue principio, nem ha de ter fim, & ſe nôs o não tiuermos em o amar, ſem fim viuiremos com elle na gloria. *Ad quam nos perducat.*

ESCOLA DO CALVARIO,

Repartida em cinco Classes,

Em que Christo Senhor nosso nos cinco passos da sua sagrada morte, & Paixão ensina aos homens as artes, & as sciencias de que necessitão pera a saluação.

I. CLASSE.

O Horto de Getsemaní, em que Christo fazendo Oração ao Eterno Pay ensina aos fieis a Retorica do Ceo.

II. CLASSE.

O Pretorio, em que Chriſto prezo a huma columna, enſina aos virtuoſos a architectura do Palacio da ſanctidade.

III. CLASSE.

A varanda de Pilatos, em que Chriſto apparecendo com as inſignias de Rey, enſina aos Palacianos os dictames da verdadeira politica.

IV. CLASSE.

A Cidade de Ieruſalẽ, por onde Chriſto leuando hum pezado madeiro por hum mar de ſangue, enſina aos predeſtinados a arte da nauegaçaõ, para chegarẽ ao porto da Bẽauenturança.

V. E VLT. CLASSE.

O monte Caluario, em que Chriſto na cadeira da Cruz, enſina aos Chriſtãos a Theologia do amor.

RETORICA DO CEO.

Primeira ſciencia da Eſcola do CALVARIO.

Non judicaui me ſcire aliquid niſi Ieſum Chriſtum, & hunc crucifixum.

Não julguei que ſabia alguma couſa fôra de Chriſto crucificado.

São palauras de S. Paulo na primeira Epiſtola aos Corinthios, que ſeruiràm de aſſumpto pera eſtas ſinco tardes, conſagradas à memoria da Paixão de Chriſto.

HE tão natural nos homens o deſejo de ſaber, que do meſmo modo que os olhos appetecẽ a belleza, & os ouuidos a conſonancia, aſſim appetece o humano entendimento as ſciencias, como belleza d'alma, & conſonancia da razão. Porèm eſta meſma propenſaõ pera o ſaber, que nos homẽs he tão natural, he tal vez tão contraria á natureza, que as meſmas ſciencias a que aſpira, ſaõ argumẽtos da ignorancia que a cega. Em dous vicios coſtuma dege-

nerar aquelle illustre genio com que os homens se inclinão pera o saber, o primeiro he desejar de saber, só pera saber, & o segundo he querer saber só pera luzir: desejar de saber só pera saber, he huma vaã curiosidade, & desejar de saber só pera luzir, he huma torpe ambição: *Sunt qui scire volunt*, escreue S. Bernardo, *eo fine vt tantum sciant, & turpis curiositas est, & sunt qui scire volunt, vt sciantur ipsi, & turpis vanitas est.* Estes dous defeitos teue aquelle impaciente desejo de saber, com que os nossos primeiros pays colherão sem fruto, os frutos da aruore da sciencia. Naceo este seu criminoso appetite da curiosidade juntamente, & da ambição; nacco da curiosidade, porque foi desejo de saber só pera saber, não tendo o saber de Adão outro fim mais que o conhecimento do bem, & do mal: *Scientes bonum, & malũ*: & quem conhece o bem, & o mal só pera o conhecer, & não pera abraçar a hum, & aborrecer a outro, mostra de querer saber, sô pera saber, & não pera se aproueitar do que sabe: *eritis scientes*: tambem naceo este desejo de huma temeraria ambição, porque foi desejo de saber só pera luzir, persuadindose Adão que chegaria a saber tudo o que Deos sabe: *Eritis sicut dij scientes*, sendo que da aruore da sciencia, não lhe ficarão a Adão mais que as folhas com que se cubrio, verdadeiro retrato dos fantasticos Letrados desta Era, que da aruore da sciencia tem muita folha nos liuros, & não tem fruto nenhum no entendimento.

Bernard. serm. 36. in Cantic.

Qual será pois o verdadeiro fim a que se ha de dirigir o saber dos homens? O verdadeiro fim que os homens hão de intentar no estudo das sciencias, he o amor de Deos, que saber amar aquelle que tudo sabe, he o remate de todo o saber, & quem isto não sabe, ainda que saiba tudo, não sabe nada: por onde diseretamente aduirtio Origenes, que Caifaz (ainda que contra sua tenção) fallou verdade quando disse aos Doutores da Synagoga que não sabião nada: *Vos nescitis quidquam*, porque como estes Sabios ignorantes não conhecião a Iesu Christo, que he a mesma sabedoria, não sabião

Ioan. 11. 46.

nada

nada do que mais lhe importaua: *Vos nescitis quidquam, verè enim nihil nouerant, qui Iesum Christum veritatem ignorabant.* Grande cegueira do humano entendimento anhelar sempre a saber o que não importa. Que importa saber como se mouem os Ceos, se não se sabe o caminho por onde se vai ao Ceo: que melhor he pizar as Estrellas com os Béauenturados, do que contemplar os Planetas com os Astrologos; de que serue saber como no seyo das nuuens se formão os rayos, se se não souber euitar no dia do juizo o rayo da cõdenação; de que aproueita saber como da sombra da terra se originão os eclypses do Sol, se não soubermos procurar que as treuas do peccado não eclypsem em nós a luz da graça: em conclusaõ, pera que he gastar os annos, & a vida na ociosa especulação de profanas sciencias, quando na sagrada Paixão de Christo todas as sciencias se encerrão: o thema que tomei, he a proua. Chamou S. Paulo ao supremo tribunal do seu juizo todas as sciencias, & considerando que enganosos saõ os seus principios, que sofisticas as suas definiçoés, & que erradas as suas consequencias, determinou comsigo, q̃ não sabia cousa algũa fora de Christo crucificado: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum; & hunc crucifixum.* Notauel determinação! Não foi S. Paulo aquelle q̃ sobindo ao terceiro Ceo, aprendeo de caminho na Escola dos elementos os segredos da Filosofia, na circumferencia dos Orbes, as dimensoens da Mathematica, os presagios da Astronomia, na Academia do Firmamento, & na Vniuersidade do Empireo os mais profundos mysterios da Theologia? Pois hum Santo cheo de tão peregrinas noticias, & cõ tão sublimes ideas illustrado, pode com rezão affirmar, que não sabe cousa alguma fóra da morte, & Paixão de Christo? Sim, diz S. Bernardo, porque na contemplação da morte, & Paixão de Christo se encerra, como em hum mysterioso cõpendio a noticia de todas as sciencias: *Sublimior Philosophia est scire Iesum Christum, & hunc crucifixum.* Supposto isto, determino de vos mostrar nas cinco tardes desta Quaresma

Orig. in Ioan.

Bernard. serm. 43. in Cantic.

a Eſcola do Caluario, repetida em cinco claſſes, em q̃ Chriſto Senhor noſſo enſina aos fieis as artes, & as ſciencias de que mais neceſſitamos pera a ſaluação: a primeira claſſe he o Horto de Getſemanî, em que Chriſto fazendo Oração ao Eterno Pay, enſina aos homens a Retorica do Ceo. A ſegunda claſſe he o Pretorio, em que Chriſto prezo a huma colũna, enſina aos virtuoſos a Architectura do Palacio da ſantidade. A terceira claſſe, he a varanda de Pilatos, em que Chriſto apparecẽdo com as inſignias de Rey, enſina aos Palacianos os dictames da verdadeira Politica. A quarta claſſe, he a Cidade de Jeruſalem, por onde Chriſto gouernando hũ pezado madeiro por hum mar de ſangue, enſina aos predeſtinados a arte da nauegação pera chegarẽ ao porto da Bẽauenturança. A quinta, & vltima claſſe, he o Caluario, em q̃ Chriſto na cadeira da Cruz enſina a todos, os myſterios da mais profunda Theologia. Vamos entrando na primeira claſſe, que he o Horto de Getſemanî, & vejamos neſte primeiro Sermão como Chriſto fazendo Oração ao Eterno Pay, enſina aos habitadores da terra a Rhetorica do Ceo. chamo â Oração Retorica do Ceo, porque do meſmo modo que cõ os artificios da Retorica o Orador perſuade aos ouuintes a que dem credito às verdades que repreſenta, aſſim com a poderoſa eloquencia da Oração os homens perſuadem em certo modo a Deos a que lhes conceda as graças que lhe pedem. Tres ſaõ as partes deſta diuina Retorica, a primeira he rogar, a ſegunda prorogar, & a terceira derogar; rogar a Deos com ſumiſſaõ, prorogar a oração com perſeuerança, & derogar ao proprio querer com conformidade. No Horto de Getſemanî califica o Senhor a ſua feruoroſa Oração com eſtas tres circunſtancias, roga, proroga, & deroga. Roga ao Eterno Pay com ſumiſſaõ, fallandolhe com a boca na terra com demonſtraçoens de eſcrauo: *Procidit in faciem ſuam*; proroga a Oração com perſeuerança, porque tres vezes torna a fazer com amoroſas inſtancias o meſmo requerimento: *Tertiò orauit eundem ſermonem*, & deroga ao pro-

Matth. 26. 39.

proprio querer, conformandoo com a vontade do Eterno Pay: *Veruntamen non mea, ſed tua voluntas fiat.* Neſtas tres partes da Retorica do Ceo que formarão as tres partes do Sermão, nos offerece Chriſto os tres meyos preciſos pera alcançarmos do Tribunàl da diuina miſericordia todos os bens da natureza, & da graça.

Aue Maria.

I. PARTE.

A primeira parte da Retorica do Ceo, he rogar a Deos com ſummiſſaõ, que como aduirtio Santo Ambroſio, Deos como infinitaméte liberal eſtà ſempre aparelhado pera dar, porem como infinitamente ſoberano, eſta eſperando que o roguem: *Deus & ſi vult ignoſcere, vult rogari.* As rogatiuas dos homens ſaõ os pregoens da diuindade, & ſe Deos (por impoſſiuel) não fora Deos por natureza, em hauendo homens qúe o rogaſſem, fora Deos na apparencia, neſte ſentido parece, dizia Dauid, Senhor quando cheguei a rogaruos, então conheci que erieis meu Deos: *In quacunque die inuocaui te, ecce cognoui, quia Deus meus es.* Pois Deos por vẽtura não era Deos de Dauid, primeiro que Dauid o rogaſſe? direi, era Deos por natureza, mas não era Deos na apparencia, porque como Dauid não rogaua a Deos, não parecia Deos ſuperior a Dauid, & por conſequencia não parecia ſeu Deos; Era Dauid Rey com independencia, & era peccador com obſtinação: Dauid como Rey indepẽdente, não rogaua aos homens, & como peccador obſtinado, nem ao meſmo Deos rogaua, abrio depois os olhos à luz da graça, & conheceo a Deos quando o rogou, porque então ſe conheceo inferior a Deos, que em nenhuma couza mais auulta a gloria da Diuindade, que no humilde abatimento dos que a rogão: *In quacumque die inuocaui te, ecce cognoui quia Deus meus es.* Condena hum antigo aos Romanos, que com pompoſas demonſtraçoens pretendião transferir nos ſeus Ceſares,

Ambroſ. in Pſal. 37.

Pſal. 55.

os

os caracteres da diuindade ; ô estolidos inuentores de superfluas necedades? para que cançais a arte a natureza, com a fabrica das estatuas, & com o apparato dos triumphos, não aduirtindo que os marmores, & os bronzes não podem communicar diuinas excellencias aos fogeitos que nelles se representão ; aparelhaiuos a pedir graças aos que desejais ver adorados, como diuindades, que atè huma estatua parece hum Deos, quando se chega a pedir graças a huma estatua, porque o pedir he indicio da dependencia, & na dependencia das creaturas estriba Deos a sua grandeza.

Martial. lib. 8. Epig. 24.

Qui fingit sacros auro vel marmore vultus,
Non facit ille Deos, qui rogat, ille facit.

Do mesmo modo pois que o nosso pedir he pera Deos a maior gloria, o não pedir nada, he pera Deos a maior afróta. Ao Rey Achaz prometeo Deos huma merce com condição que lha pedisse: *Pete tibi signum.* Mas respondeo Achaz que não lha queria pedir: *Et dixit Achaz non petam.* Tão caro se compra o que se pede, que não se pòde hum homem resoluer a pedir hum fauor que Deos lhe offerece ; porem não foi este o motiuo porque Achaz não quiz pedir a merce que Deos lhe queria fazer: *Non petam, & non tentabo dominum*, ou conforme outra versaõ: *Non petam, & non exaltabo dominum.* Como se o soberbo Rey disera, não quero pedir graças, porque não quero tributar rendimentos, desdoura a magestade da purpura hum Rey que pede, pedir beneficios, he dar gloria aos a quem os beneficios se pedem, pois pera não dar a Deos esta gloria não lhe quero pedir este beneficio ; S. Ieronimo: *Non humilitatis est sed superbiæ, quod non vult signum à domino postulare, non petam & non exaltabo dominum, quasi supplicatio, ejus à quo aliquid supplicat, gloriosa exaltatio sit.*

Isaiæ. 7. 12.

Ibid.

Ieronim. ad præfat. verba Isaiæ cap. 7. v. 12.

Daqui podemos inferir a grande gloria que hoje Chri-

sto

sto dà a Deos no Horto de Getsemani, humilhandose a pedir ao Eterno Pay, aceite os merecimentos do seu sangue em satisfação dos peccados do mundo, que este, na opinião de Guilhelme Parisiense, he o principal motiuo da oração de Christo: *Pater mi, transeat à me Calix iste, vt scilicet fluat in terram, & in corda credentium in me, ibi operando remissionem peccatorum.* Com este humilde requerimento reparte Christo com o Eterno Pay a gloria da Redempção, porque sem hauer respeito aos infinitos merecimentos do seu sangue, dezeja que o Eterno Pay lhe conceda como graça, o que se lhe deue de justiça; pede Christo o que està seguro de alcançar ainda que o não pedirà, porque? para dar ao Eterno Pay a gloria de lhe conceder o que pede, que se Christo alcançara a Redempção dos homens, sò em virtude dos seus merecimentos, & não em virtude dos seus rogos, ficara o Eterno Pay em certo modo agrauado desta forçosa Redempção, porque se Deos fora capaz de sentimento, sentira como graue afronta, alcançar hum homem por justiça do merecimento, o despacho de huma merce que não houuera de conseguir, senão com a summissaõ da rogatiua; ponderando S. Zeno as circunstancias do sacrificio de Abrahão, diz, que só Deos ficara sentido, & agrauado do felice successo deste sacrificio: *In illo sacrificio solus Deus doluit.* Dos amorosos encontros desta innocente batalha sahio Abrahão victorioso com a mesma espada, com que estaua sentenceado a ferir a melhor parte de si mesmo; tambem sahio Isaac triumphãte leuando pera trofeo a vida offerecida ja ao cutello; sô Deos (ao nosso modo de fallar) sahio triste, & sentido: *Solus Deus doluit.* E q̃ forçoso foi o motiuo desta misterioſa tristeza? pois se vio Deos como obrigado a dar a Isaac a vida sẽ q̃ Abrahão lha pedisse; para Abrahão apurar a obediencia, não quiz pedir a Deos a vida de Isaac, & por outra parte, justo era desse Deos a Isaac a vida pera premiar a obediẽcia de Abrahão: huma vida pois alcançada com o valor dos merecimentos, & não com a humildade dos rogos,

Guilelm. Parisiens. in Parascen 1. stat.

agrauou em certo modo a soberania da diuindade, mais realça concedendo como graça o que se pede, do que dando como premio o que se merece, S. Zeno: *In illo sacrificio solus Deus doluit; nam Abraham cum filio sic probatus à Deo est, ut non postulans misericordiam mereretur.* Supposto isto entendo que a oração do Horto foi huma especie de lisonja, que Christo quiz fazer ao Eterno Pay, como se dissera, bem sei, que cada gotta de sangue, que me corre das veas, he preço sufficiente pera o resgate de infinitos mundos, porêm sem attentar ao grande valor deste sangue, com os olhos banhados em lagrimas, & com este coração que com mortaes ansias palpita, vos rogo ô Eterno Pay, queirais deferir ao requerimento que vos faço pera a Redempção dos homens; não allego seruiços ao Tribunal da vossa justiça, por não attribuir aos meus merecimentos a merce que espero, offereço rogatiuas, & tributo suspiros, como se não merecera o despacho que sollicito, & se tanto nos agrada que os homẽs vos peção muito, ainda que não mereção nada, aqui tendes hũ Deos homem que vos pede como graça o resgate do mundo, que a effusaõ do seu sangue merece como recompensa: *Pater mi transeat à me calix iste, vt scilicet fluat in terram, ibi operando remissionem peccatorum.*

Zen. Veron. Serm. 1. de Abraham

Agora entendo eu a razão, porque disse S. Pedro Chrisologo que Christo remira ao mũdo com a Oração do Horto, primeiro que o resgatasse com o sangue do Caluario: *Ipse Dominus pernoctat in oratione Dei, vt nos oratione liberaret antequam redimeret passione.* De maneira que duas vezes remio Christo ao mundo, a primeira com a Oração, & a segũda com a paixão, & que precisas forão estas duas Redempçoens para a gloria do Eterno Pay! que se Christo remira ao mundo sô com o sangue do Caluario, reseruara pera si toda a gloria da Redempção, como fruto dos seus trabalhos; mas pedindo ao Eterno Pay aceitasse o sacrificio do seu sangue, repartio com elle a gloria deste sacrificio. Esta pois (a meu juizo) he a rezão porque cõmentando hum graue Expo-

Chrisolog. Serm. 24,

po-

positor as allegadas palauras de S. Pedro Chrisologo, diz, que pera a Redempção do mundo não pareceo menos efficaz a Oração do Horto, que o sangue do Caluario, porque no Caluario Christo sacrificou a vida, & no Horto sacrificou Christo a gloria, pois apresentando petiçoens ao Eterno Pay, reconheceo como Senhor, & como superior huma pessoa a quem elle, em quanto Deos era igual: *Æqualis Patri secundum diuinitatem*, & sollicitando a aceitação do preço do seu sangue, chegou em certo modo a pôr em duuida o infinito valor dos seus merecimentos: *Quasi ad salutẽ peccatorum non minoris esset efficaciæ Iesu pernoctantis oratio, quam tota profusio sanguinis.* Daqui nace huma graue questão, saber se no Horto de Getesemani Christo rogou ao Eterno Pay, em quanto Deos, ou em quanto homem? que Christo em quanto homem rogasse ao Eterno Pay, não he materia de duuida, pois Christo em quanto homem era inferior ao Eterno Pay: *Minor Patre secundum humanitatem.* Vede agora que precizo he que os homens peção a Deos os bens de que necessitão, quando o mesmo Deos, que não tem superiores a quem pedir, pede a si mesmo os bens que o mũdo necessita. Pede Deos a si mesmo a Redempção dos homens, pera q̃ aprendão os homens a pedir a Deos a sua saluação, & que muito peção os homens a Deos, o que por amor dos homens, Deos pede ao mesmo Deos: *Christus verè, & propriè qua Deus est rogabat Deum.* Temos visto neste primeiro discurso que precizo he o rogar, vejamos agora que necessario he o prorogar; não basta rogar a Deos com summissaõ, conuem prorogar a Oração com perseuerança, & esta he a segunda parte da Rhetorica celeste, primeira sciencia que Christo nos ensina no primeiro passo da sua Paixão: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

Baeza in Lucam

II. PARTE.

Laurent. Iuſtin. lib. de caſto connubio Verbi, & Animæ c. 22.

DEos, diz S. Lourenço Juſtiniano, eſtâ mais prompto para dar, do que o homem pera receber: *Paratior eſt Deus ad dandum, quam homo ad recipiendum*: porém de ordinario ſuſpende Deos o deſpacho das merces que lhe pedimos, por duas poderoſas razoens, a primeira para dar aos ſeus beneficios mayor eſtimação, & a ſegunda para fomentar os primores da noſſa correſpondencia. Em primeiro lugar acredita Deos os ſeus beneficios, com a ſuſpenſaõ das noſſas eſperanças, porque (como diſcretamente obſeruou Caſſiodoro) ſaõ os homens tam fantaſticos na ſatisfaçam dos ſeus apetites, que logo ſe enfaſtiam dos bens que logo alcançam: *Habet hoc humana conditio, vt celeriùs adepta faſtidio ſint.* A preſſa com que ſe faz o fauor, o faz deſenxabido, & a tardança ſaboroſo. Aquelle milagroſo vinho das bodas de Canâ, pareceo mais goſtoſo aos conuidados que o primeiro, nam ſó porque as maõs de Chriſto foraõ o lagar donde ſe eſpremeo, ſenaõ porque foi reſeruado para o fim do banquete: *Bonum vinum ſeruaſti vſque adhuc*, deſpertou o apetite a tardança do milagre, tanto importa a dilaçam do tempo para dar ſabor a hum beneficio, S. Agoſtinho: *Diu deſiderata dulciùs obtinentur.* Entre as merces de Deos & as dos homens acho eſta differença, que as merces de Deos ſe hão de deſpachar com vagar, & as dos homens com breuidade. Aos homens, que por muito que dem, nam dão nada, toca dar logo o que ſe pede, mas a Deos que por pouco que dê, ſempre dá muito, conuem dar tarde o que ſe deſeja. São os beneficios dos homens como as rozas, que ſe abrem com a Aurora, & com a tarde ſe murchão, & para que he ſuſpender o logro de hum bem, que por tam breues eſpaços ſe logra; pello contrario ſaõ os beneficios de Deos como os frutos da palmeira, que nacem com mageſtoſos vagares para eternizarem a duração; logo com que juſtiça pre-

Caſſiodor. lib. 9. Epiſt. 4.

ten-

tendemos conſeguir em poucas horas diuinos beneficios, q̃ leuando a todos os beneficios a palma, anhelão eternidades no vagar com que ſe concedem. Na esfera pois da humana liberalidade a oſtentação do beneficio he o deſdouro da fineza, mas na esfera da diuina magnificencia, acreditaſe a gloria de Deos com a pompa do beneficio, & a pompa com que Deos oſtenta os ſeus beneficios , he a tardança com que os differe. A proua he de Santo Thomas ; pergunta S. Thomas, porque razaõ Deos não encarnou logo depois do peccado de Adão, que ſendo a Encarnação do Verbo, remedio contra os eſtragos do peccado, parece era mais conueniente deſpedaçar eſte monſtro no berço da ſua infancia, do que eſperar a pizalo nos formidaueis augmentos da ſua agigantada eſtatura. Reſponde com Santo Thomas Suarez Granatenſe: o mayor beneficio que Deos podia fazer â natureza humana, era darſe a ſi meſmo aos homens na Encarnação do Verbo ; huma graça pois tão ſingular, & tão pouco merecida, não alcançaria credito na opiniaõ dos homens, ſe Deos a concedera logo depois da criação do mundo, para lhe conciliar mayor eſtimação, foi precizo ſuſpendela pello eſpaço de quatro mil annos, & em todo aquelle interuallo de tempo voarão os dias, & as horas, alentados com os ſuſpiros dos coraçoens, mais que com o curſo dos Planetas ; precederão os aſſombros dos Anjos, os votos dos Patriarcas, & os annuncios dos Profetas ; & quando eſtauaõ as ſaudades mais viuas, os deſejos mais ardentes, & as eſperanças mais duuidoſas; depois de queixas amoroſas, enuetcrados ſentimentos, lagrimas importunas, prolongadas ſuſpenſoens, ſollicitas perplexidades, & piadoſas impaciencias, deſconfiado jâ, & quaſi deſeſperado o mundo, encarnou finalmente o Verbo, acreditando o valor de tão inſigne beneficio çom o preço de huma tão cuſtoſa tardança: *Incarnatio Verbi non fuit facta initio mundi, quia pertinebat ad dignitatem myſterij, vt aliquando expectaretur.*

Suares de Incarnat. quæſt 1. art. 6. diſput 6. ſect. 2.

Outra razão não menos forçoſa obriga a Deos a que

prolongue o despacho dos nossos requerimentos, & he esta, conceder logo o que se pede, he querer acabar logo a correspondencia, que de ordinario naõ perseuera nos homens mais que em quanto reina o interesse. Saõ a maior parte dos pretendentes como aquelle aleiuoso discipulo. que em acabando de tomar o melhor bocado daquelle diuino banquete, com grande pressa sahio do Cenaculo virando as costas ao Senhor que o conuidara : *Cum ergo accepisset bu-*
Ioan. 13. 30. *cellam, exiuit continuo* ! Vendo pois Deos que com ingrata descortezia, lhe damos as costas em conseguindo o que pedimos, reprime os desafogos da sua liberalidade para perpetuar os primores da nossa correspondencia,& para nos ter sempre diante de si atados de nossos desejos, com amorosa auareza suspende os seus beneficios. Artificio he este, de que se valeo a diuina sabedoria logo na criação do primeiro homem. No primeiro homem infundio Deos a alma com
Genes. 2. 9. hum assopro: *Inspirauit in faciem ejus spiraculum vitæ.* Pozse Deos de cara a cara com Adão, & com os sagrados alentos da sua respiração lhe communicou a vida, não por outra razão, a meu ver, senão porque quis Deos mostrar que não queria dar a Adão o beneficio da vida senão assopro a assopro, porque? para obrigar a Adão a que sempre estiuesse cõ Deos de rosto a rosto; da respiração de Deos depende a vida de Adão, logo tenha sempre Adão os olhos em Deos para sempre receber nouos alentos, que se Adão virar a Deos as costas por hum instante, perderá a vida em hum assopro, faltandolhe naquella momentanea intercadencia o assopro de que depende a sua vida: *Inspirauit in faciem ejus spiraculum vitæ.* Com esta mesma cautela suspende Deos as graças que lhe pedimos, prolongando as nossas pretençoens para fomentar a nossa correspondencia; que não ha objecto mais agradauel aos olhos de Deos que a humilde dependencia de huma alma, que perseuera em lhe pedir o que deseja. E he isto tanto assim, que ainda que Deos difira à primeira instancia que lhe fazemos, mostra de não ter ainda difirido,

para

para nos obrigar a que ſegundemos com outra, retardando o deſpacho só a effeito de prolongar a dependencia. Chriſto no Horto de Getſemani com tres repetidas inſtancias tornou a fazer ao Eterno Pay a meſma petição: *Tertiò orauit eundem ſermonem.* Que he iſto meu Deos? a hum filho tão amado, & tão benemerito com eſſe vagar reſpondeis; iſſo he amar; iſſo he agradecer? que ſe determinaſtes de lhe conceder o que pretendia, para que he eſperar pella terceira inſtancia, quando abertos jà os poros do corpo, moſtra o Senhor com o ſangue das veas, que grande martirio he para hum pretendente, hum deſpacho dilatado por poucas horas; Tem para ſi os Padres que o Eterno Pay difirio à petição de Chriſto logo depois da primeira inſtancia; porem difficulto aſſim; ſe o Eterno Pay difirio à primeira inſtancia do Senhor; porque não lhe apareceo logo o Anjo para o aſſegurar do deſpacho? que como reparou o Alapide, o Anjo não appareceo a Chriſto ſenão depois da terceira inſtancia: *Angelus in tertia, & vltima oratione dumtaxat apparuit.* *Matth. 26.44.* *A Lap. in Lucam c. 22.*

Temos a ſolução da difficuldade em outro ſemelhante ſucceſſo. Ao Propheta Daniel que com dilatadas penitencias perſiſtia em pedir a Deos huma graça, no fim de tres ſomanas appareceo hum Anjo, que dandolhe os parabens da graça concedida, lhe diſſe, conſolate Daniel, que deſde o primeiro dia q̃ meteſte petição ao Senhor foi deſpachado o teu requerimento: *Ex die primo quo poſuiſti cor tuum ad intelligendum vt te affligeres in conſpectu Dei, exaudita ſunt verba tua.* Aqui ſe queixa S. Ieronimo da tardança do Anjo: *Si ſtatim exauditus eſt, cur non ſtatim miſſus eſt Angelus.* Se Deos deſpachou a petição de Daniel no meſmo dia em que lha apreſentou, porque razão o Anjo naõ veio logo a dar a Daniel auiſo da merce deſpachada, que deſpachar hũ requerimento no primeiro dia, & retardar a noticia do deſpacho ao fim de tres ſomanas, deixando a hum coração fluctuante entre duuidoſas eſperanças, mais parece caſtigo que mer-

merce; mas assim o pedem as leys da correspondencia de Deos com os homens; perseuerou Deos em não auisar a Daniel pello Anjo, para que Daniel perseuerasse em rogar a Deos; se o despacho da petiçaõ de Daniel viera logo do Ceo, não sobira mais ao Ceo a oração de Daniel, logo affecte o Anjo vagares no apparecer, para Daniel ter permanencias no orar. S. Ieronimo: *Data est ei per moram occasio amplius Deum precandi.* Esta pois he a razão, porque o Anjo não appareceo a Christo senão depois da terceira instancia, tarda o auiso do despacho para que mais se apure a perseuerança da oração, & com esta detença crecem os merecimentos de Christo, porque? porque Christo continua em pedir pello espaço de tres horas, o que ja lhe foi concedido desde o primeiro instante, & com permanente summissaõ perpetua os rogos; para eternisar a correspondencia: *Data est ei per morám occasio amplius Deũ precãdi.* Christaõs, aprẽdamos daqui a moderar as nossas impaciencias na dilação das nossas pertençoens, que se o mesmo filho de Deos perseuerou com tanta constancia, em requerer o que por tantos titulos merecia, com que razão esperas peccador prezumido de conseguir logo o que as tuas culpas desmerecem. Para alcançares a merce que pedes, não basta aquella Missa, não basta aquella esmola, nem he sufficiente aquella penitencia; com multiplicadas instancias, com repetidos jejuns, & com perseuerãtes desuelos alcançarás o que pretendes, que preuendo Deos os efimeros retornos do teu agradecimento, refrea a sua liberalidade para estimular a tua correspondẽcia: *Data est tibi per moram occasio amplius Deum precandi.*

Ieron. in. Daniel. 10 12.

III. PARTE.

NA primeira parte desta celeste Rhetorica temos visto que necessario he rogar a Deos com sumissaõ, & na segunda que importante he prorogar a Oração com perseuerança, resta que vejamos nesta terceira parte, que precizo he de-

derogar ao proprio querer com conformidade. Na Oração não hauemos de pedir a Deos o que queremos nós, senaõ o que Deos quer, porque (como aduirtio S. Ioaõ Chrisostomo) não sabemos o que nos está melhor: *Nescimus enim nos quid nobis conducat.* Por onde reparou S. Gregorio, que Deos se mostra tal vez mais misericordioso em negar, do que em conceder o pedido, porque as negatiuas de Deos tal vez saõ fauores, & as suas concessoens castigos: *Maioris iracundiæ est, cum tribuitur id quod malè desideratur.* Proua Sãto Agostinho esta verdade com huma notauel póderação. Pedio Satanaz licença a Deos para tentar ao Santo Iob, & logo Deos lha concedeo: *Petit Iob tentandum, & accipit,* por outra parte pedio S. Paulo a Deos que o liurasse de huma graue tentação que o molestaua, & não lho quiz Deos conceder; que he isto, exclama aqui S. Agostinho, mais defere Deos â petiçaõ de hum demonio, que aos rogos de hum Santo; pede o diabo, & alcança, & naõ alcança o Apostolo o que pede: *Exauditur diabolus, & non exauditur Apostolus.* Mas vede a differença, diz Santo Agostinho, ouuio Deos ao demonio para lhe dar mayores castigos, & naõ ouuio Deos a S. Paulo, para lhe occasionar mayores merecimentos: com a perseguiçaõ do paciente Iob acrecentou Satanaz suas penas, & alcançou o Apostolo mayor gloria com a perseguição das suas tentaçoens, saluouse o Apostolo por naõ ter cõseguido o despacho que pretendia, & grangeou o demonio mayores tormentos com o despacho que conseguio: *Exaudiuit eum quem disponebat damnare, & non exaudiuit eum quem volebat saluare.* Agora tirai a consequencia, sabeis porque Deos muitas vezes vos nega o que lhe pedis? porque em lugar de pedires a vossa saluaçao, solicitais a vossa ruîna; & senaõ dizeime, que he o fim que tem as vossas enganosas oraçoens? a que fim pedis as riquezas, para sustento da pobreza? ou para fomento da ambição? para o decoro da vossa familia? ou para o desdouro da vossa innocencia? mas se as riquezas não nos seruem mais que pera com-

Chrisost. homil. 30. in Genes.

Gregor 15. Moral. 12.

Augustin. in Psal. 85

Augustin. Ibid.

Idem Ibidem.

prar o inferno, com que razão quereis que Deos vos dê grãdes riquezas? com que motiuo pois pedis a Deos a ſaude? para emendar a vida? ou para perſeuerar na culpa? para ſeruir a Deos em huma Religião? ou para mais offender a Deos no mundo? mas ſe a ſaude temporal que pedis vos ha de occaſionar huma morte eterna, porque razão quereis q̃ Deos vos dê muita ſaude? Eſta he a razaõ, diz o Apoſtolo porq̃ naõ alcançais o que pedis: *Petitis, & non accipitis eo quod malè petatis*: pedis o que naõ vos conuem, & não vos quer Deos conceder ſenão o que vos eſtâ melhor; não queirais logo pedir a Deos ſenão o que Deos quizer, que ſô o que Deos quizer, ſerà ſempre o melhor.

Iacob. 4.

Mas quero que nas graças que pedis não tenhais outro fim mais que a gloria de Deos, por boa que ſeja a voſſa vontade, nenhum merecimento terá, ſe não ſe conformar com a diuina; houe por ventura vontade mais ſolicita da gloria de Deos, que a vontade de Chriſto, deſeja hoje Chriſto de ſacrificar a vida para ſatisfazer â diuina juſtiça, porém antes de dar ſatisfação a eſte tam ſanto deſejo, proteſta que nam quer ſeguir os impulſos do proprio querer, mas porque o ſeu intento he de obedecer aos decretos diuinos: *Veruntamen non mea, ſed tua voluntas fiat*: para a excellencia do ſacrificio, baſta eleger Chriſto a morte, mas para a excellencia do merito, he precizo ſacrifique Chriſto a vontade: dâ S. Bernardo a razão, a vontade que Chriſto tem de morrer por eleição, he boa, porèm a vontade que Chriſto tem de morrer por conformidade, he melhor, porque? Porque com a primeira vontade morre Chriſto, porque quer, & com a ſegunda morre Chriſto, porque Deos o quer, & não ha mais meritorio querer, do que querer morrer, porque Deos o quer; S. Bernardo: *Voluntas Chriſti bona erat, ſed ea qua dicebat, fiat voluntas tua, melior erat, quia communior erat non ſolum Chriſti, ſed etiam Patris*. Neſta ſagrada tranſformaçaõ de vontades eſtâ todo o artificio da Retorica do Ceo para alcançardes de Deos tudo o que quizerdes, não

Bernard. Serm. 3. de Reſurrect.

ha-

haueis de pedir a Deos outra couſa mais que o que Deos quer. Eſcreue Taulero, que huma ſerua de Deos com eſte diuino ſegredo alcançaua tudo o que ſe lhe pedia : vinhaõ muitos a encomendarſe âs oraçoens deſta ſanta molher , & ſupoſto que ella prometia de fazer oração pola tenção de cada hum, nunca pedia nada do que ſe lhe encomendaua ; ſô dizia a Deos : Senhor , ſeja o que voſſa diuina Mageſtade ordenar, que eu não peço outra couſa mais que a execução da voſſa ſuprema vontade ; admirandoſe pois a ſerua de Deos de que todos lhe vieſſem dar os agradecimentos das graças que por ella recebião , & eſtranhando que ſe attribuiſſe ao feruor das ſuas oraçoens a impetração de fauores que ella não procuraua, diſſelhe Deos: filha, á conformidade do voſſo querer todos deuem as graças que recebem , nas voſſas oraçoens não pedis ſenão o que eu quero, & quem aſſim ſe conforma com o meu querer, alcança de mim todas as graças que quer. Supoſto iſto para o acerto das noſſas petiçoens no Tribunal da diuina miſericordia , vejamos o que Deos quer de nós : Deos, diz S. Paulo, quer que todos os homens ſe ſaluem : *Deus omnes homines vult ſaluos fieri :* não quer Deos que todos ſejão ricos, porque não hauendo pobres no mundo, não houuera no mundo caridade. Não quer Deos que todos ſejão ſoberanos , porque ſe nas Monarquias não houuera dependencia, não houuera gouerno nas Monarquias ; o que Deos quer, he que todos ſe ſaluem, pois para eſte effeito encarnou, & pera eſte effeito morreo : *Deus omnes homines vult ſaluos fieri.* Eſta pois he a vnica graça que hauemos de pedir a Deos, porque he pedir ſó o que Deos quer ; & não poem Deos duuidas em deſpachar ſemelhantes petiçoens, porque ſendo ordenadas ao noſſo bem, & dirigidas à ſua gloria, ſaõ conformes ao ſeu querer.

1. *Timoth.* 2. 4.

Pois ſe iſto aſſim he, peça o ambicioſo as honras, peça o palaciano a priuança, & o curioſo a ſciencia ; peção os eſcrauos a liberdade, peção os enfermos a ſaude, & os moribundos a vida, que eu meu Deos não vos peço outra couza

mais que a ſaluação da minha alma : *Salua me domine, quoniam ſperaui in te.* Chriſtaõs eſta he a mais racional , & a mais importante petição que todos podemos fazer a Deos, a ſaluação das noſſas almas, que ſaluar a fazenda , ſaluar a hóra , & ſaluar a vida , pouco importa , ſe a alma não ſe ſalua. Mas ahi ! que nos falta o medianeiro que de noſſa parte apreſente a Deos eſſa noſſa petição. A maior dita de hum pertẽdente ; he achar hum poderoſo interceſſor que apreſente ao Princepe o ſeu memorial ; Lâ na Aſſyria , vendoſe os Iſraelitas injuſtamente condenados à morte ; tomarão a Raynha Eſther por valia pera com ElRey Aſſuero ; lançouſe Eſther aos pês delRey , que mouido dos rogos , & das lagrimas daquella piadoſa Princeſa , prometeo a graça que vinha a pedir , primeiro que ella lhe meteſſe nas maõs a petição : *Quæ eſt petitio tua, Eſther , vt detur tibi.* Tão eficaz foi para o pouo de Iſrael a authoridade da ſua medianeira ; mas aonde acharemos nós hum intereſſor tão poderoſo que apreſentando ao tribunal da diuina miſericordia a noſſa petição , mereça alcançarlhe o deſpacho. A quem tomaremos nós por medianeiro , & quem ſerà o Aduogado da noſſa cauſa ? Eis ahi ſieis o noſſo Intereſſor. Eis ahi o noſſo medianeiro. Eis ahi o noſſo Aduogado, Jeſu Chriſto filho de Deos ; Jeſu Chriſto igual ao Eterno Pay nos attributos da diuina eſſencia , Jeſu Chriſto Saluador dos homens , & Redemptor do Mundo : *Aduocatum habemus apud Patrem , Jeſum Chriſtum.* Nas voſſas maõs , meu bom Ieſu , pomos o noſſo requerimento , & no voſſo valimento as noſſas eſperanças , & ja que eſtais com os joelhos em terra com ſumiſſoens de quẽ roga , offerecei ao Eterno Padre os tormentos da voſſa Paixão para ſatisfação das noſſas culpas , & para a ſaluação das noſſas almas ; mas oh ! amoroſo Ieſu , que nenhum de nòs parece deſeja de ſe ſaluar, pois viuemos neſte mundo como ſe não houuera outro mundo mais que eſte em que viuemos ; para os bens da terra todas as anſias , & para os goſtos deſta vida todos os deſuelos , como ſe não houuera na outra vida.

Eſther. 57

Moſtraſe o paſſo

vida nem Ceo nem Inferno. Desenganemonos Christaõs, & desenganemonos todos, porque todos andamos enganados, pedimos a Deos muitos annos de vida, & não lhe sabemos pedir muitos annos de penitencia, pedimos a Deos que nos liure daquelle inimigo, & não instamos em que nos liure daquelle peccado, pedimos a Deos as prosperidades do mundo, & nos descuidamos de lhe pedir os auxilios da sua graça, em conclusaõ nunca pedimos o que Deos quer, porque nunca lhe pedimos a saluação; ora, fieis, já he tempo que desistamos das nossas vaãs, & profanas pretençoens, já he tempo que nos resoluamos a não pedir a Deos outra cousa mais que a saluação de nossas almas, saluainos meu Deos pois todos aqui estamos com o coração contrito, com hum verdadeiro arrependimento dos nossos peccados, & cõ hum firme proposito de nunca mais vos offender. Saluainos meu Deos pellos infinitos merecimẽtos de Iesu Christo que volo pede com tantas lagrimas, quantas saõ as gottas do seu sangue, & com tantas instancias quantos saõ os suspiros do seu coração; moua-vos oh Eterno Padre esta satisfação de hũ filho tão benemerito a nos conceder misericordia, misericordia meu Deos nesta vida mortal para seguirmos os impulsos da vossa graça, & misericordia na outra vida, para lograrmos os premios da gloria. *Ad quam nos perducat.*

ARCHITECTVRA

Do Palacio da

SANCTIDADE.

Segunda sciencia da Escola do

CALVARIO.

Non judicaui me scire al quid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.

NO Domingo passado ensinou Christo aos fieis na Oração do Horto a Retorica do Ceo, hoje com caracteres de sangue escreue Christo em huma columna as regras da celeste Architectura: hum dos mayores segredos da Architectura, he assentar na firmeza de huma só columna o pezo de hum grande edificio, & hoje se mostra o Senhor tam perito Architecto, que em huma só columna assenta o edificio do mundo. Duas vezes (se bem aduirtirdes) o mundo amcaçou ruîna, huma quando Christo morreo na Cruz, & outra quando o açoutarão no Pretorio. Quando Christo morreo na Cruz, o edificio do vniuerso

uerso ameaçou ruîna, porque naquelle funebre acontecimẽto se virão todos os finais do fim do mundo; os eclypses do Sol, os deliquios da Lua, os tremores da terra, o abrir dos sepulcros, & o resurgir dos mortos: *Aut Deus naturæ patitur, aut mundi machina dissoluitur.* Tambem quando açoutarão a Christo no Pretorio, estcue o edificio do mundo para cair, porque suposto o que foi reuelado a Santa Brigida, que ao primeiro golpe que os Verdugos descarregarão no Senhor, a Virgem que se achaua presente, teue hũa dôr mortal: *Ad primum ictum ego quæ adstabam propinquius, cecidi quasi mortua:* a este fatal desfalecimento da Virgem, parece se hauia de seguir a ruîna do mundo, pois [como ensina a Filosofia) cessante a causa, cessa o effeito, & sendo a Virgem (na opinião de S. Bernardo) a causa final porque Deos criou o mundo: *Propter Mariam totus mundus factus est*, razaõ era que estando a Virgem para acabar a vida, acabasse com ella o mundo: *Ad primum ictum cecidi quasi mortua.* Porèm foi o mundo preseruado destas duas ruînas, pella firmeza de duas columnas. Primeiramente não caîo o edificio do mundo quando Christo morreo, porque naquelle tempo estaua a Virgem em pé ao pé da Cruz, tendo mão no edificio do mundo para que não caîsse, que hũa tam grande ruîna sô se podia reparar com o sustento de huma columna tam firme: *Deficiente Deo, cur mundus omnino non ruerit, causam attende, stabat adhuc Maria, regendo mũdo potuit ista basis sufficere.* Tambem naõ caîo o edificio do mundo quãdo a Virgem teue grande dôr junto á columna, porque estaua Christo em pè mais firme que a mesma columna a que estaua prezo, & assim com prodigiosa Architectura seruio a Virgem de columna para sustentar o mundo na morte de Christo, & na mortal dor da Virgem foi Christo a columna que sustentou ao mundo. Duas columnas pois se nos offerecem hoje no Pretorio, huma columna de pedra, & huma columna de constancia, & columna de pedra he aquella a q̃ estã prezo o Senhor, & a columna de constancia he o mesmo

Dionis. Areopag.

Reuel. 5. Birgit. l. 1 cap. 10. & lib. 4. cap. 70.

Bernard. Serm. 1. super Salue Regina

Se-

Vidi corpus ejus vulneratũ vsque ad costas ita vt ciste ejus videẽtur Reuel. S. Birgit.

Senhor mais firme que a meſma columna de pedra ; pois como ſe fora inſenſiuel aos golpes com que ſeiscentos & ſeſſenta & ſeis ſoldados com varas, com cordas, & com cadeas lhe deſpedaçarão o corpo, quebradas jâ as veas, rotas as arterias, & os oſſos â viſta, com ſemelhanças de pedra mais que de homem, para ſe não equiuocar a viſta dos Iudeos, vio-ſe Pilatos obrigado a lhes aſſegurar, que Chriſto era homem, & não pedra: *Ecce homo, homo eſt non lapis*, cõmenta Paulo de Palacio, *flagella quæ ſuſtinuit vix credibile eſt, quomodo potuerit ſuſtinere.* Supoſto pois que o Senhor foi neſta tormenta de tormentos huma columna de conſtancia, vejamos como ſe fundaõ os principios da Architectura do Ceo na firmeza deſta columna. Todas as fabricas humanas [naõ fallo das fabricas materiaes, ſenaõ das fabricas do entendimento) todas as fabricas humanas de ordinario ſe arruinaõ por falta de huma columna. Declarome cõ hũ exemplo: fabrîca o amor, & pera o chão do ſeu edificio, eſcolhe a lhaneza da verdade; toma profundos rendimentos pera alicerſes, ciosas oppoſiçoens pera muros, & reciprocos preſentes pera repartimentos. As eſperanças lhe ſeruem de eſcadas, os deſuelos de janellas, as confianças de portas, os ſegredos de recameras, & os agradecimentos de remates, & no cabo depois de crueis deſaſſocegos, cuidados homecidas, anſias ſaudoſas, & inexplicaueis martirios, cahe o edificio do amor, porque? porque lhe falta a columna da conſtancia. Deſte vnico exemplo podem os diſcretos inferir a cauza de outras ſemelhantes ruinas, pois todas aquellas fabricas do entendimento que os homens leuantão pera o logro dos ſeus intentos, por falta da columna da conſtancia vacillão, pendẽ, & cahem ; por onde S. Gregorio Papa chamou à inconſtancia, madraſta das emprezas, verdugo dos deſejos, & morte das pertençoens : *Quid eſt mutabilitas, niſi mors quædam, quæ dum rem quamlibet in aliud mutat, quaſi occidit quod fuerat, vt incipiat eſſe quod non erat.* A eſtes mal fundados edificios da humana Architectura, acode hoje o Senhor no Pre-

Paul. de Palatio in cap. 27. Matthæi.

S. Gregor. l. 12. Moral. cap. 17

torio

torio fazendo de si mesmo huma columna de constancia em huma tempestade de açoutes; em que (se bem aduirtirmos, sostenta o senhor tres pomposos edificios, a saber, o templo da fortaleza, o theatro da liberalidade, & o palacio da fineza; no templo da fortaleza veremos a constancia de Christo no padecer, no theatro da liberalidade a constancia de Christo no dar, & no palacio da fineza a constancia de Christo no amar. Estes saõ os tres assumptos do Sermão, & os tres segredos da Architectura do Ceo, que he a segunda sciẽcia que Christo nos ensina na Escola da Paixão: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

Aue Maria.

O Primeiro edificio, que hoje Christo sustenta com a columna da sua constancia, he o Templo da fortaleza, pois podendo o Senhor despedaçar a columna a que os Iudeos o prenderão, pera assegurarem os trofeos da sua crueldade, perseuerou debaixo daquelle sanguinolento diluuio de açoutes, esforçando os alentos do seu valor com a generosa porfia do seu sofrimento. Na doutrina de Santo Thomas, dous saõ os effeitos da fortaleza, o primeiro he acometer, & o segundo he sofrer. Na opinião do vulgo mais esforçados parecem os que acometem ao inimigo com valor, do que aquelles que com paciencia sofrem as violencias do inimigo; porem na estimação dos entendidos, mais valente acto de fortaleza he o sofrer, que o acometer, & isto por duas razoens trazidas por Aristoteles no terceiro liuro da sua Filosofia moral. Primeira rezão, aquelle que acomete, fia das suas forças, por lhe parecerem maiores que as do aduersario; & aquelle que sofre, reziste a maiores forças que as suas; o Demonio presumindo das suas forças acometeo ao Santo Iob; mas rezistio Iob a maiores forças que as suas, vencendo ao Demonio com o sofrimento. Segunda rezão, quem aco-

mete, considera o mal como futuro, & quem sofre experimenta o mal como presente, & o mal que se espera he tão diferente do mal que se experimenta, como foi diferente a dôr de Isaac quando vio o arruorar da espada nas mãos de Abrahaõ, daquella que o Bautista sentio quando teue o cutello do Algoz attrauessado na garganta; logo o timbre do valor não consiste no alento com que se peleja, senão na paciencia cõ que se sofre; dous espelhos de fortaleza nos offerece a Escritura, Sansaõ, & Christo, obrou Sansaõ taõ valerosamente, que abraçandose com as columnas do Templo, com galhardos impulsos as derrubou, com morte de tres mil Filisteos, debaixo daquellas improuisas ruinas confusamente sepultados. Pello contrario houue se Christo com tão singular paciencia, que tendo mão naquella mesma columna a que tinha as maõs atadas, esperou que a desenfreada barbaridade dos Algozes chegasse ao termo dos seus sacrilegos desatinos. Agora pergunto eu qual destes dous varoens acreditou mais o seu valor, Sansaõ derrubando as columnas do Templo pera oprimir aos Filisteos, ou Christo Senhor nosso deixando a columna do Pretorio inteira para o triunfo dos verdugos; direi, derrubou Sansaõ as columnas do Templo, porque ja estaua vacillando a columna da sua constancia, fez cahir o edificio porque ja lhe cahira o animo, mostrou na ruina daquelles muros, os desmayos do seu coração, & não lhe valeraõ as suas forças mais que pera descubrir a sua fraqueza, que se Sansaõ se achara capaz de dissimular os aggrauos dos seus inimigos, não se empenhara em lhes procurar semelhãtes estragos; mas Christo Senhor nosso fundou sobre a columna do Pretorio o Templo da sua fortaleza, cimentou cõ o proprio sangue os alicerses daquelle edificio, & fazendo do seu corpo aluo das feridas, & termo das affrontas, cançou com huma inuenciuel paciencia o implacauel furor dos Iudeos, por isso victorioso porque paciente, que (como aduirtio o Propheta Rey) a paciencia em Deos, he o brazão da sua fortaleza: *Deus fortis, & patiens.*

No-

Notauel opposição da fortaleza humana com a diuina! mede-se a fortaleza dos homens pello valor com que combatem, mede Deos a sua fortaleza pella paciencia com que sofre. Assim o fez Deos antigamente com os Egipcios, & assim o faz hoje Christo com os Iudeos; de que meyos imaginais que Deos antigamente se valeo pera mostrar aos Egipcios os esforços do seu poder? por ventura assinalou Deos a sua omnipotencia com as agoas que conuerteo em sangue, com as luzes que trocou em sombras, com as tempestades que leuantou, com os rayos que despedio, com o contagio dos animaes, ou com a morte dos primogenitos? Oh, não se medem (diz S. Paulo a este proposito) não se medē os creditos da diuina omnipotencia pella execução destes portentosos castigos; & não realçou o infinito poder de Deos no rigor com que açoutou ao Egipto, senão na paciēcia com que sofreo os desacatos, com que os Egipcios açoutarão em certo modo a soberania da sua grandeza. Andou Deos muito espaço de tempo dissimulando perfidias, suspēdendo vinganças, & sollicitando remedios, quanto mais sofrido, mais poderoso, que se Deos, como Omnipotente, he capaz pera fazer tudo o que quer, tambem como todo poderoso, he sufficiente pera sofrer tudo o que se lhe faz; Sam Paulo: *Deus volens ostendere potentiam suam, sustinuit in multa patientia vasa iræ.* Quem hoje visse ao Redemptor do mundo açoutado pellos Judeos, imaginaria que jâ nam era aquelle poderoso Deos que açoutou aos Iudeos no Tēplo, mas he tanto pello contrario, que (se bem considerarmos) mais realça o poder de Christo nos açoutes que padece, que nos açoutes que deu, porque quando Christo açoutou aos Iudeos, parece não teue poder pera sofrer os illicitos commercios com que profanauão a santidade do Templo, mas permitindo aos Judeos, que o açoutem, mostra que tem poder pera sofrer os estragos do Templo da sua humanidade; no Templo não pode o Senhor com a impiedade daquelles sacrilegos negociadores, mas no Pretorio pode o Se-

Roman. 9 22.

nhor com a crueldade dos Algozes. Antes pode a paciencia do Senhor mais q̃ a violencia daquellas furias infernaes, pois a pezar da fereza com que o martirizão, conserua milagrosamente a vida pera mais prolongar o martyrio. Para a intelligencia desta verdade, suponho com muitos Doutores, que o supplicio dos açoutes foi mais riguroso que o supplicio da Cruz, pello numero das feridas, & pella aspereza do tormento. Primeiramente foi este supplicio mais riguroso, que o supplicio da Cruz pello numero das feridas, porque na Cruz não forão mais que cinco as chagas de Christo, & nos açoutes da columna recebeo Christo cinco mil & quatrocentas feridas, que como o açoutauão com ramaes de abrolhos, & com pelotas de aço, cada açoute fazia huma ferida, & cada golpe huma chaga. Tambem foi este supplicio maior que o da Cruz pella aspereza do tormento, porque na Cruz não teue Christo mais que os pès, & as mãos feridas, que como a ferida do lado foi feita depois de morto, foi ferida sem dôr. Mas no supplicio dos açoutes, forão tão crueis as chagas, que mais de seiscentos soldados lhe fizerão com varas cheas de espinhos, com cordas cheas de nôs, & com cadeas de ferro, despedaçandolhe as costas, os hombros, os braços, & o peito, que destroçadas todas as partes do corpo, ficou o Senhor huma anatomia de ossos descarnados, huma cifra de penas, & hum compendio de torméros, antes a mesma pena viua, & o mesmo tormento animado. Esta pois he huma grande ventajem, que o supplicio dos açoutes leua ao supplicio da Cruz; no supplicio da Cruz exhalou o Senhor a alma, pondo com as dores da morte limite às suas dores, mas no supplicio dos açoutes conseruou Christo a vida, tomando as penalidades da morte sem pôr fim àquella pena; na Cruz todos os tormentos de Christo acabarão cõ a morte, & hum tormento com que todos os tormentos acabaõ, desconta o que tem de aspero, com ser o vltimo dos tormentos, mas no supplicio dos açoutes morreo o Senhor com alentos de viuo, & viueo com circunstancias de morto, pro-

Reuel. S. Gertrud.

lon-

longando a vida pera perpetuar a pena, & perpetuando a pena pera eternizar a constancia.

Aqui se me offerece motiuo pera perguntar, porque Christo q̃ no Horto teue tam grande repugnãcia ao tormento da Cruz: *Transeat à me calix iste*, no Pretorio nenhuma repugnancia tem ao tormento dos açoutes, mas antes affirma pello Profeta Rey, que está prompto pera sofrer este genero de tormento: *Ego autem in flagella paratus sum.* Respondo com Santo Agostinho, no Horto naõ repugnou o Senhor a morrer, senão a morrer de huma morte, com que hauia de acabar a sua pena; considerava o Senhor que ao tormento da Cruz se hauia de seguir a morte, que he o aliuio de todos os tormentos, & não queria o Senhor aceitar hum tormento, que se lhe hauia de trocar em aliuio: *Non fugit mortem*, diz Santo Agostinho ao meu intento, *non fugit mortem, sed genus mortis; non fugit crucem, sed fugit occidi.* Sô ao tormento dos açoutes anhela o Senhor com sagradas impaciẽcias: *Ego autem in flagella paratus sum*; porque aquelle tormento, ainda que mortal, naõ lhe hauia de causar a morte: nos braços da Cruz, morreraõ as penas de Christo, mas naõ morreraõ as penas de Christo aos pès de huma columna, & por isso se enleua o Senhor com a consideraçaõ destas penas, porque saõ penas, que deixandoo viuo, estaõ sempre à sua vista: *Ego autem in flagella paratus sum, & dolor meus in conspectu meo semper.* Daqui nace outra questaõ naõ menos difficultosa; queixouse o Senhor nos tormentos da Cruz, *Deus, Deus meus, &c.* & naõ se queixou nos tormentos da columna; mas se os tormentos da columna, como jâ tenho prouado, excederaõ aos tormentos da Cruz, porque razaõ naõ se queixou o Senhor do excesso destes tormentos? diz Santo Ambrosio, que Christo se queixou na Cruz vendo q̃ a Diuindade se hauia de separar delle na sua morte: *Clamauit homo; diuinitatis separatione moriturus*; mas crece maiormente a difficuldade, porque he de fee, que a diuindade naõ se separou da alma, & do corpo de Christo ainda depois de

Psal. 37. v. 18.

Ambros. in cap. 27 Matth.

morto ; logo como se ha de entender, que a diuindade se afastasse da pessoa de Christo na hora da sua morte ; direi, da pessoa de Christo crucificado não se apartou a diuindade em quanto â conseruação da vniaõ hypostatica, senão em quanto à conseruaçaõ da vida, & assim morreo Christo, porque a diuindade consentio na sua morte, isto, a meu ver , quiz dizer Santo Ambrosio: *Clamauit homo diuinitatis separatione morituras.* Este pois he o motiuo das queixas do Senhor na Cruz, porque desejara que a Diuindade lhe conseruasse milagrosamente a vida, pera que mais durassem os trances da morte: *Deus, Deus meus, vt quid dereliquisti me* , como se dissera , naõ permitais, ô Eterno Pay, que a alma se aparte deste corpo, pera que o corpo se naõ aparte desta Cruz; torne a correr nestas veas o meu sangue, pera que naõ pàre a corrente das minhas dores, & jâ que estou com as maõs abertas, & com os braços estendidos, deixaime tomar nouas penas, & abraçar nouos tormentos ; pello contrario , naõ se queixa hoje o Senhor no supplicio dos açoutes , porque na opiniaõ dos Padres, a diuina Omnipotencia lhe conseruou milagrosamente a vida neste supplicio, fazendo dos mesmos açoutes dos verdugos, açoutes contra a morte, pera que nam entrasse por aquellas portas, que a concauidade das feridas deixaua abertas aos triunfos da sua tyrannia: *Naturaliter ex tot verberibus moriſæpius debuit Christus, ſed deitas carnem ſuſtentabat.* Assim Christo prezo à columna viueo entre penas, que sendo mortaes pello que tinhaõ de riguroso, naõ foraõ mortacs de calidade que puzessem fim à vida: com vida mortifera, & com morte viua alternou o Senhor as agonias com os alentos, tomou da morte o tormento sem o termo, tomou da vida a duraçaõ sem o descanço, recobraraõse os espiritos ao renouar das chagas, estremeceose aos golpes a columna, mas naõ se abalou a constancia , & se Christo fallando neste genero de tormento, disse, que nos estragos do seu corpo se fabricâra hum edificio : *Supra dorſum meum fabricauerunt peccatores*, naõ foi este edificio , a meu ver , outra

A Lapid. in c. 27. Math.

couſa mais que o templo da fortaleza, fabricado ſobre a columna da ſua paciencia : *Supra dorſum meum fabricauerunt peccatores.* Vejamos agora como eſte diuino Architecto ſuſtentou com a columna da ſua conſtancia o theatro da ſua liberalidade, eſta he a ſegunda parte do Sermaõ, & o ſegundo ſegredo da Architectura do Ceo, ſciencia que Chriſto nos enſina nas Eſcolas do Caluario : *Non judicaui me ſcire aliquid niſi Ieſum Chriſtum, & hunc crucifixum.*

II. PARTE.

COntinua Deos com tão inuariauel conſtancia os edificios da ſua liberalidade, que (como aduirtio Euſebio Emiſſeno) os primeiros beneficios que Deos faz, de ordinario ſaõ fundamẽtos pera outros maiores beneficios : *Præterita Dei bonitas, futurorum beneficiorum eſt fidejuſſor, & cautio.* Lançai os olhos à fabrica do mundo, & vereis como Deos foi ſempre pondo hum beneficio pera alicerſe de outro beneficio maior. E ſenão, que outra couza foi aquelle raſgo de luz que Deos criou no primeiro dia, mais que hum luminoſo alicerſe dos futuros reſplandores do Sol ? que foraõ as flores que no terceiro dia brotarão da terra, ſenão aggradaueis penhores das Eſtrellas, que depois hauião de luzir nos campos do Ceo ? Ao correr dos Planetas, ſe ſeguio o voar das aues, ao inſenſiuel dos Elementos, o vegetatiuo das plantas, ao ſenſitiuo dos animaes, o racional dos homẽs ; em concluſaõ foi Deos diſpondo no palacio da natureza os ſeus beneficios com tão excellente Architectura, que ſempre as primeiras dadiuas ſeruirão de alicerſe para as ſegundas, atè que acabado finalmente o edificio, poz Deos â conſtancia da ſua liberalidade a coroa do deſcanço : *Et requieuit die ſeptimo ab vniuerſo opere quod patrarat.* Não de outra ſorte na fabrica da noſſa Redempção : foi ſempre a primeira graça o alicerſe de outra graça maior ; no Horto de Getſemani ſuou o Senhor gottas de ſangue, & hoje no Pretorio ſe deſfa-

Euſeb. Emiſſen. hom. 2. de ſymbolo.

Gen. 2. 2.

ra-

ta o seu sangue em correntes, & no curso da paixão as correntes passarão a rios, os rios sobirão a mares, & os mares a
Ps.68.2. Oceanos : *Veni in altitudinem maris*, & não descançarà o Senhor na Cruz com a cabeça inclinada pera a terra, senão depois de ver acabado o edificio da Redempção do mundo: *Consummatum est, inclinato capite emisit spiritum.* Com a mesma constancia quer Deos que acabemos o edificio da nossa liberalidade, que offerecer a Deos o coração pera pedra fundamental de huma vida penitente, & deziſtir da obra antes de lhe dar fim, não he fabricar hum edificio, he edificar hum deserto pera habitação do Demonio. Entre as queixas que o paciente Iob faz desta vida, diz que ha homens no mundo que edificão desertos: *Ædificant sibi soli-*
Iob.3.14. *tudines.* Parece troca Iob os termos à Architectura, pois os desertos não se edificão, mas antes fazemse desertos, quando se desfazem edificios; logo que Architectos saõ estes, que com tão extrauagante artificio fabricão desertos, & edificão soledades? saõ aquelles, que depois de lançarem os alicerses da sua conuersaõ, deixão as obras imperfeitas, & retirandose do hospicio da penitencia, pera o antigo domicilio do peccado, desemparão o começado edificio; hum edificio pois como este, que não contem outra fabrica, mais que alicerses enterrados, he edificio com circunstancias de deserto, porque nem Deos o habita, nem os homens, & só pode seruir de habitação pera o Demonio: *Ædificant sibi solitudines.* Que de Christãos poem mão nas obras da penitencia, & logo a retirão pera as fabricas da vaidade? direi melhor, que de Christãos abrem a Deos a mão com demostração de liberaes, & logo a recolhem com nota de auarentos! mas que maior final pode hauer de reprobação, & da eterna desgraça de Deos, do que abrir a Deos a mão com liberalidade, & tornala a recolher com auareza.

Trazia Thamar dous filhos nas entranhas, Zarão, & Phares, Zarão impaciente de sahir à luz do dia, tirou fóra a

maõ

mão que a aſſiſtente ao parto atou com huma fita em final da primogenitura, mas tirou Zarão a mão, & dando a Phares a precedencia do nacimento, perdeo a primogenitura, pello que ficou excluſo da Genealogia de Chriſto, & juntamente da gloria do ſeu parenteſco; no nacimento da graça todos eſtamos aparentados com Chriſto, porém muitas vezes perdemos a prerogatiua deſte parenteſco, & juntamente a primogenitura do Ceo, porque? porque à imitação daquelle infelice minino, tiramos fóra a mão, & logo a recolhemos, pomos a mão no edificio da virtude, & logo a empregamos nas ruinas do peccado, chegamos a Deos com o coração nas maõs, & cegamente arrependidos do que deueramos de ter complacencia, tornamos a entregar o coração ao Demonio: *Multi ſunt qui dare incipiunt, ſed poſtea manum retrahunt*, & o que he mais pera ſentir, he que do meſmo modo que Zarão retirou a mão tanto que ſe lhe poz a fita, aſſim muitos fechão a Deos a maõ, tanto que ſe vem atados de huma vãa eſperança, & pera fallar mais claro, muitos ſe retirão do caminho da virtude por huma fita, ſacrificando a hum vil intereſſe o theſouro da ſua pureza: *Multi dare incipiunt, ſed poſtea manum retrahunt.* Eſta inconſtancia pois da noſſa liberalidade não ſó nos priua da graça de Deos, ſenão tambem da graça dos homens, que hum homem que hoje he liberal, & amenhãa auarento, nem he de Deos nem dos homẽs. Repara o Lyrano que não ſe ſabe a quem appropriar aquella tão celebre vara com que Moyſes obrou todos aquelles eſtupendos prodigios com que aſſombrou ao Egipto, porque Moyſes a chama vara de Deos: *Habens virgã Dei in manu mea*, Deos a chama vara de Araõ: *Tolle virgã tuam*, & Araõ naõ chama ſua a vara: *Tulit Aaron virgam coram Pharaone.* Pois que defeitos lhe achão neſta vara pera a lançarem de ſi, ſem hauer quem a queira conhecer por ſua, quando a reſpeito dos prodigios que obraua, todos a houueraõ de appropriar a ſi com emulaçaõ? Mas que importa foſſe eſta vara taõ fecunda de prodigios, quando era

Exod. 17. 9.

Exod. 7. 19.

Exod. 7. 10.

tam amiga de variedades? hoje liberal, & à menhaã auarẽta; agora delicioſa, & dahi a pouco peçonhenta, aqui caritatiua, & acolâ homicida; liberal, porque desfez os penedos em agoa pera alliuio dos ſequioſos, auarenta, porque conuerteo as agoas do Nilo em ſangue, pera que todos morreſſem de ſede; delicioſa, porque floreceo nas maõs de Araõ, peçonhenta, porque ſe transfigurou em ſerpente, caritatiua, porque abrio ao mar vermelho pera a paſſagem dos Iſraelitas, homicida, porque attrahio os rayos do Ceo pera fulminar aos Egipcios, huma vara pois, tam varia nos prodigios, & monſtruoſa nas variedades, que com cruel inſtabilidade ſubſtitue os infortunios às proſperidades, & as deſgraças aos fauores, nem he de Deos, nem he de Moyſes, nem he de Araõ, todos deſconhecem eſta vara por ſua, porque nem Deos, nẽ os homens fazem eſtimaçaõ de huma creatura varia nos primores, & inconſtante nos beneficios: *Nec Deus, nec Moyſes, nec Aaron illam apellant ſuam, ſed titulum poſſeſſionis in alium rejiciunt, & ſuam nuncupare refutant, ecquis enim rem incertam æſtimet?*

Celad. in Tobiam.

Segueſe pois deſte diſcurſo, que ainda que façais mais milagres, que a vara de Moyſes, ſe naõ tiuer a voſſa liberalidade perſiſtencia pera com Deos, & pera com os homens, nem Deos vos terá na ſua graça, nem os homens faraõ caſo de vos. Ex aqui toda a rezaõ porque Chriſto, he taõ conſtãtemente liberal, que como deſeja de attrair a ſi todos os affectos do noſſo coraçaõ, procura de perpetuar em nos os deſafogos da ſua largueza. Prodigioſo exemplo de conſtancia! deſde que o Senhor começou a derramar ſangue no Horto, foi crecendo nelle a ſede de o derramar de modo, que depois de o hauer derramado todo, neſte exceſſiuo tormento dos açoutes, he opiniaõ de muitos, que o recolhera milagroſamente pera o tornar a verter com indeficiente abundancia no diſcurſo da ſua Paixaõ. A razaõ natural, porque o mar, que dâ tam grande copia de agoas aos rios, nunca ſe eſgota, he porque os rios tornaõ a reſtituir ao mar as agoas que receberaõ,

beraõ, & a razaõ sobrenatural porque Christo, que hoje alagou ao Pretorio com rios de sangue, tem ainda tanto sangue que derramar, na coroaçaõ dos espinhos, nas ruas de Jerusalem, & no Monte Caluario, he porque todos estes rios de sangue entranhados já,& congelados na terra, se tornaõ milagrosamente a pôr nas veas de Christo; o que parece significa o Senhor por estas mysteriosas palauras de Iob, com que manda à terra que naõ encubra o seu sangue: *Terra, ne operias sanguinem meum*, dà cà o meu sangue, diz Christo à terra,pera que o torne a derramar com incessauel affluencia: *Terra, ne operias sanguinem meum*; de maneira que he hoje Christo tam liberal, que o que nelle parece auareza, he incentiuo da sua liberalidade, pois recolhe o seu sangue nas veas, pera repetir as effusoens do seu sangue. Na Cruz, reparo, que Christo ainda naõ tinha derramado todo o seu sangue quando expirou; pois amoroso Iesu, se vos prezais de liberal, pera que guardais parte do vosso sangue com nota de auareza? Oh! sabia o Senhor que lhe hauião de ferir o peito depois de morto, que se chegasse pois a bater à porta do coraçaõ de Christo, & que Christo não tiuesse nada que dar, fora discredito da sua liberalidade; logo reserue o Senhor este sangue,pera que se entenda que ainda depois de se lhe acabar a vida, naõ està a sua liberalidade acabada; alem de que quiz Christo parecer mais liberal na morte, que na vida, porque Christo viuo naõ deu mais que o sangue das veas, & deu o sangue do coraçaõ depois de morto; sendo pois o coraçaõ a fonte do sangue, deu Christo o sangue do coraçaõ, pera mostrar que ainda então começaua a corrente das suas liberalidades, que quando o sangue mana da fonte em que nace,he final,que ainda está nos primeiros alentos da sua morte. Este pois he o motiuo, que hoje Christo tem pera recolher o sangue derramado no Pretorio, ou pera o naõ derramar todo, como pedia a violencia do tormento; recolheo dentro de si aquelles liquidos rubîs com apparente auareza, pera os tornar a distribuir com generosa munificencia,

Iob 16. 19.

cia, & reseruando pera o Caluario as reliquias do seu sangue, dilatou com inflexiuel constancia o triunfo da sua inexhausta liberalidade: *Naturaliter ex tot verberibus mori sæpius debuisset Christus, sed Deitas carnem sustentabat, vt plura pati, & tandem crucifigi posset.*

III. PARTE.

NEsta celeste Architectura temos visto como Christo Senhor nosso sustentou com a columna da sua constancia o Templo da fortaleza, & o Theatro da liberalidade, vejamos nesta terceira parte como na columna da constácia de Christo se assenta o palacio da fineza: pera maior intelligencia deste vltimo assumpto, quero soltar huma graue questão ventilada jà nas Academias, a saber qual he maior fineza sacrificar a vida, ou sacrificar a honra. E porque não me dà o tempo lugar de apurar esta questão com dilatadas ponderaçoens, respondo em breues palauras, que o sacrificio da vida não he final de tão grande amor, como o sacrificio da honra, porque? porque a honra he mais pera estimada que a vida. No deserto pedio Moyses a Deos que lhe tirasse a vida: *Obsecro vt interficias me.* Mas que rezão tem Moyses pera desejar a morte? porque Moyses he mais amigo da honra que da vida. No deserto o pouo de Israel enfastiado jà do Manà, suspiraua pellas carnes do Egipto, vendo-se pois Moyses incapaz de remediar a causa das queixas, & dos prantos de toda aquella multidão de gente arriscada a morrer de fome, por não achar gosto naquelle tão continuado manjar, & ao seu parecer taõ desemxabido, & considerando que he obrigação de hum General de Exercito dar aos soldados os alimentos de que necessitão pera o trabalho das jornadas, desconfiado ja de não poder satisfazer a esta tão precisa obrigação pera aliuio daquelles pouos que militaõ debaixo do seu estandarte, em hum tão euidente risco do seu credito, pedio a Deos a morte: *Obsecro vt interficias me.*

Num. 11. 15.

me. Como se dissera tiraime Senhor do deserto deste mundo, pois periga neste deserto o credito do meu gouerno; que dirâ este pouo vendo que lhe falta o sustento, que lhe prometi fiado nos auxilios da vossa prouidencia? dirà que o trouxe a estas incultas soledades pera o matar â falsâfé, pois quero perder a vida antes de perder a reputaçaõ, quero acabar de viuer, jà que não posso viuer sem deshonra: *Non possum solus sustinere omnem hunc populum, obsecro vt interficias me.* Supposto pois, que a honra se ha de preferir à vida, não me serà difficultoso o prouar, que no suplicio dos açoutes ostenta o Senhor os extremos da sua fineza, pois este ignomioso suplicio, he o maior sacrificio da sua honra; mandauão as leys dos Romanos que o Cidadão Romano sentenceado à morte por algum delito, fosse açoutado primeiro que o leuassem a morrer, & dà Justo Lipsio a rezão; com este affrontoso tormento perdião os delinquêtes os caracteres da sua nobreza, & separados da companhia dos homens honrados, eraõ postos no numero dos infames; de maneira que o Cidadão Romano degradado da nobreza da sua geração pella infamia dos açoutes, perdia a honra primeiro que perdesse a vida, que parece não fora considerauel a perda da vida, senão a precedera a perda da honra: *Quia ab honestorum hominum societate separandus erat, legis Romanæ fuit, vt prius flagellis verberaretur.* Escreue S. Ieronimo que Christo foi açoutado conforme as leys dos Romanos: *Dominus fuit flagellatus secundum legem Romanorum*, que desejando os Iudeos de tirar a Christo a honra primeiro que a vida, condenaraõno às ignominias dos açoutes primeiro que o puzessem na Cruz, & assim Christo crucificado morreo em quanto à vida natural, mas Christo açoutado morreo em quanto à vida ciuil, que he a honra. *num.* 11. 14.

Dous generos de nobreza obseruo na pessoa de Christo, a nobreza de Christo em quãto Deos, & a nobreza de Christo em quanto homem, pois era descendente da real prosapia de Dauid; a nobreza de Christo em quanto Deos parecco

taõ enuilecida, & taõ aniquilada com eſte injurioſo ſuplicio, que depois de açoutado naõ foi conhecido por Deos, mas ſó foi conhecido por homem: *Ecce homo*, tambem a nobreza de Chriſto em quanto homem ficou neſta occazião taõ eſcurecida, & eclypſada, que elle meſmo affirma que os que o açoutarão, naõ o conheceraõ por quem era: *Congregata ſunt ſuper me flagella, & ignorani.* Lê Santo Agoſtinho conforme outra expoſiçaõ: *Congregata ſunt ſuper me flagelle, & ignorauerunt*, & claro eſtà, que os Iudeos que açoutaraõ a Chriſto naõ o conheceraõ por deſcendente de Reys, pois o tratarão como hum eſcrauo, & hum infame; ſupoſtas pois eſtas crueis affrontas com que os Iudeos pretenderaõ degradar a Chriſto da nobreza do ſeu eterno nacimento em quanto Deos, & da nobreza do ſeu nacimento temporal em quanto homem, entendo a rezaõ porque Santo Agoſtinho diz que toda a paixaõ de Chriſto ſe encerra no torméto dos açoutes: *Ipſa paſſio Domini, flagellatio fuit?* Si, achou Sãto Agoſtinho que com mais juſto titulo ſe pode apropriar a paixaõ de Chriſto à ignominia dos açoutes, que ao tormento da Cruz, porque na Cruz naõ perdeo Chriſto a nobreza da geração diuina, pois foi aclamado por Deos: *Verè filius Dei erat iſte.* Nem taõ pouco perdeo a nobreza da geraçaõ humana, pois foi intitulado Rey dos Iudeos: *Ieſus Naſarenus Rex Iudæorum.* Mas na ignominia dos açoutes, nem foi Chriſto conhecido por filho de Deos: *Ecce homo*, nem taõ pouco foi conhecido por deſcendente de Reys: *Congregata ſunt ſuper me flagella, & ignorauerunt.* Que prodigioſa pois foi a conſtancia com que Chriſto deſejou de perpetuar a fineza do ſeu amor neſte affrontoſo abatimento! Eſcreue Santa Brigida, que tanto que Chriſto entrou no Pretorio, ſe abraçara com a columna: *Chriſtus ſponte columnam amplexatus eſt.* Com a columna ſe abraçou o Senhor, pera multiplicar as cadeas com que o haujaõ de prender à columna; abraçouſe com a columna pera moſtrar que ainda que os verdugos o dezataſſem depois de cançados, ficaria preſo à columna

Pſal. 34. 15.

D. Aug. in Catena diui Thom.

Math. 27 54.

Ioan. 19 19.

Ioan. 19. 5.

lumna com os vinculos do Amor; abraçouse com a columna com penſamento de nunca a largar, que nunca Deos larga o que abraça; abraçouse finalmente com a columna pera fazer de ſi meſmo, huma columna de conſtancia no ſofrimento, na liberalidade, & no Amor.

Na Architectura do Ceo, eſtas tres virtudes ſaõ os fundamentos do edificio da noſſa ſaluaçaõ; o ſofrimento, a liberalidade, & o amor, o ſofrimento nos trabalhos, a liberalidade nas proſperidades, & o amor de Deos nas proſperidades, & nos trabalhos; mas naõ aproueita lançar os alicerſes, ſe naõ ſe der fim ao edificio; na Eſcritura naõ ſe louua Salamaõ ſó por hauer começado a fabrica do templo, ſenaõ por ter acabado a fabrica que começára: *Ædificauit Salomon domum, & conſummauit eam.* Mas antes nenhuma couſa mais merece a maldiçaõ de Deos, do que deixar o edificio da ſaluaçaõ imperfeito. No capitulo ſexto de Ioſué amaldiçoa Deos aquelles que fabricarem a Cidade de Iericô: *Maledictus vir coram Domino qui ædificauerit Ciuitatem Iericho.* Iericô quer dizer Lua, ſymbolo da inconſtancia, huma virtude pois como a Lua, hora crecente, & hora minguante, huma penitencia com arrependimento da emenda, & huma conuerſaõ ſem perſeuerança, que outra couſa he mais q̃ huma Cidade de Iericô, architectura de Lunaticos, fabrica de variedades, hoſpicio de ruinas, & centro de maldiçoens: *Maledictus vir qui ædificauerit Ciuitatem Iericho.* Demais do que, naõ procederia como homem ſem juizo, aquelle que pretendera de aſſentar a maquina de hum grande edificio na inconſtancia de huma roda? Diz o Eccleſiaſtico, que os coraçoens dos necios ſaõ ſemelhantes às rodas de hum carro: *Præcordia fatui, quaſi rota carri*; ſobem as rodas à lograr a pureza dos âres, & logo tornaõ a decer pera as immundicias da terra, rodas de carro ſaõ os coraçoens dos peccadores, leuantaõſe ao Ceo com o arrependimẽto das ſuas culpas, & logo ſe tornaõ a meter no lodo do peccado, & que mayor necedade pòde hauer, do que aſſegurar o edificio da ſaluaçaõ na roda

3. *Reg.* vi. 9.

Eccleſiaſt. 33. 5.

de

de huma tam perniciosa inconstancia: *Præcordia fatui quasi rota carri.* Na columna da constancia se ha de assegurar a fabrica da nossa saluaçaõ, que só quem com esta columna se abraça, se salua. Naquella tam celebrada noite, em que os Israelitas passarõ pellos temerosos golfos do mar vermelho, todos estauaõ com os olhos postos na columna de fogo, que os guiaua; q̃ desuiarse daquelle luminoso farol, era desuiarse do caminho, & arriscarse ao naufragio: Christaõs todos andamos no mar deste mundo entre mil perigos, & naufragios, naufragios da innocẽcia nas tormẽtas da culpa, naufragios de desesperaçaõ nos apertos da pobreza, naufragios de ambiçaõ na abundancia das riquezas, naufragios de imprudencia nos desares da mocidade, naufragios de obstinação nos depravados habitos da velhice, & o que faz o perigo maior, he, que não vemos o perigo em que estamos: andamos às cegas, pellas treuas do peccado, & pellos enganos do mundo, cõ tão grande risco da saluação, que serão mui poucos os que chegarão a saluarse: pois meu Deos naõ hauerà pera nòs huma columna de fogo, que desterre estas sombras pera que euitemos estes naufragios? Sim fieis, Christo Senhor nosso que he a luz do mundo, será a guia das nossas almas nesta tão perigosa jornada: Eis ahi fieis a columna de fogo, mas de fogo de Amor que nunca se apaga: as feridas que recebeo saõ os resplandores, com que nos alumea, & as chagas, que nos mostra, saõ as chamas, com que nos abraza: ponde fieis os olhos nestas feridas, & sentireis no coraçaõ as lauaredas; vede almas Christaãs o vosso Deos feito huma columna de fogo pera despertar as vossas tibiezas, & huma columna de constancia, pera emmendar as vossas inconstancias, quantas vezes prometestes a este amoroso Deos de nunca mais o offender, & quantas vezes tornastes a fazer nouas offensas pera renouares os açoutes, com maior crueldade que os Judeos, que o açoutaraõ porque naõ o conhecerão; Valhame o Ceo, & será possiuel que sendo tão constantes na culpa, não queiramos ser constantes na emmenda, a nòs meu Deos

Mostra-se o passo.

a nòs

a nós ſe deuem de dar eſtes açoutes, pois obramos como meninos, & mentecautos, ſem conſideração, ſem juizo, & ſem amor: mas atè quando ha de ſer iſto? diz Deos queixandoſe das noſſas inconſtancias, Chriſtão atè quando has de ſer vario, & inconſtante, quando ſe ha de acabar a tua inſtabilidade, & quando ha de ter fim a tua inconſtancia? *Vſquequo diſſolueris, filia vaga?* Vos Senhor que hoje vos moſtrais tão conſtante nos tormentos, concorrei com os auxilios da voſſa graça pera que hoje ponhamos fim às noſſas inconſtancias; hora fieis, tomemos diante do retrato do noſſo amante Ieſu huma conſtante reſolução de nunca mais o offender, nunca mais, meu Deos nunca mais, façamos hoje as pazes, mas pazes duraueis, pazes indiſſoluueis, pazes eternas, perdoai meu Deos o paſſado, & jà que de nós não pertendeis mais que hum firme propoſito de nunca mais vos offender, todos eſtamos com eſta reſolução, & todos temos eſperança de a executar, & pera eſte effeito imploramos a voſſa diuina miſericordia, miſericordia meu Deos, miſericordia meu Ieſu, miſericordia neſta vida, & gloria na outra. *Ad quam nos perducat, &c.*

Hierem. 31. 22.

POLITICA
DA INNOCENCIA
Terceira sciencia da Escola do
CALVARIO.

Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.
Epist. 1. ad Corinth.

A TERCEIRA sciẽcia que Christo Senhor nosso nos ensina nas Escolas do Caluario, he a Politica do Ceo, & não aquella a que os Estadistas chamaõ sem nenhuma razaõ, razaõ de Estado. Por tanto naõ fallo aqui no Macchiauelismo, doce veneno do Paço; suaue cõtagio da Corte, secreta idolatria dos Reinos, & occulto atheismo das Monarquias; saõ os dictames desta falsa Politica ignorancias, saõ as suas ideas delirios, os seus conselhos ignorancias, as suas resoluçoẽs chimeras, & as suas leys tyrannias, porque solicitando com crueis artificios o desterro da verdade, & a morte da innocencia, toda se desuela em dar agasalho às lisonjas, asilo aos fingimentos, immunidade

às

às mentiras, amparo aos enganos, & patrocinio aos delitos: Sendo Chriſto a meſma verdade, nenhuma ſciencia faz a Chriſto mayor oppoſiçaõ do q̃ eſta infernal doutrina, deteſtauel homicida de todas as verdades, & pera fazer eſta ſciécia odioſa a todos os ſeus ſequazes, baſta dizer que o mais enorme monſtro do peccado que atègora ſe vio no mundo, naceo no cego labyrinto da mais enredada Politica, o mais execrauel delito que nos ſeculos antepaſſados ſe cometeo, & que ſe cometerâ nos futuros, qual imaginais que foi? foi a morte de Chriſto; que naõ pode a maldade dos homens obrar mayor deſatino, do que condenar o ſeu proprio Deos à morte; donde ſe originou pois a execuçaõ deſte abominauel deicidio, ſenaõ da impia ſagacidade de hum Eſtadiſta? Deſejaua Pilatos liurar a Chriſto da morte, porque conhecia a ſua innocencia, & querendo pera eſte effeito aplacar o furor do pouo com alguma riguroſa demõſtraçaõ do ſeu zelo, permitio aos Judeos que o àçoutaſſem, & hoje conſente que lhe ponhaõ huma coroa de eſpinhos na cabeça, que ſendo Chriſto a cabeça do mundo: *Conſtitues me in caput gentiũ*, parece houuera o mundo de ſentir as dores da ſua cabeça, occaſionadas dos eſpinhos deſta coroa; vendo pois os Iudeos que Pilatos fauorecia a cauſa de Chriſto, acometeraõ o tribunal da ſua juſtiça com as armas da Politica: *Si hunc dimittis non es amicus Cæſaris*; Pilatos, huma de duas, ou cõſentir na morte de Chriſto, ou cair na deſgraça de Ceſar; grande abalo pera a conſtancia de hum Iuiz politico, o receyo de perder a graça de ſeu Rey. Era Pilatos Cortezam de Tiberio Ceſar, & pera ſe acreditar de Cortezão, não reparou em ſe fazer Deicida; entregou o Senhor aos Iudeos, não porque mudaſſe a opinião (como agudamente reparou o Cardeal Toledo) ſenão porque mudàra a vontade, ſempre teue Pilatos a meſma opinião da innocencia de Chriſto, porèm mudou a vontade pera aſſegurar a fortuna: *Mutata jam propter Cæſarem, non opinione, ſed voluntate*, armou Pilatos a vontade contra a propria opinião, & desfazendo com

Pſal. 17. 43. *Ioan.* 19. 12. *Tolet. in Ioan.* 13. 12.

a injustiça da sentença a estimação que fazia da innocencia do Senhor, seguio o estylo dos Politicos, que de ordinario obrão contra o que entendem, pera conseguirem o que intétão. Exahi como a Politica foi causa do mayor peccado do mundo na injusta morte de Christo. Todos os homens saõ peccadores, mas os mayores politicos mais peccadores que todos, porque a sua diabolica sutileza chega a obrar excessos, de que se sabe retirar a mais grosseira ignorancia. A proua he do Cardeal Gaetano. Ao Redemptor do mundo tratárão de tirar a vida dous generos de homens, Rusticos,& Politicos; os Rusticos forão os moradores de Nazareth, que como todos sabem, era o mais despreziuel lugar da Prouincia de Galilea,& tam esteril de homens entendidos, que na opinião dos Iudeos daquelle tempo, não podia sair daquella agreste pouoação sogeito de prendas: *Numquid potest a Nazareth aliquid boni exire?* Contra a vida de Christo conspirarão estes auilanados Cidadoens, & com rustica violencia o leuarão pera a altura de hum monte pera o precipitarem: *Ejecerunt illum vsque ad superficiem montis, vt præcipitarent eum.* Pois que succedeo? acalmou aquelle primeiro furor, desistirão do seu sacrilego intento, & diz o Euangelista S. Lucas, que o Senhor andaua passeando entre elles, sem que lhe fizessem algũ danno: *Ipse autem transiens per medium illorum ibat.* Os politicos que se conjurarão cótra o Senhor, forão os Sacerdotes da Synagoga, os Doutores da ley, & o Presidente Pilatos com seus adherentes, & sô estes chegarão a executar o seu dãnado intento; porque? porque não ha quem se liure da perseguição de hum politico inimigo; nem o mesmo Filho de Deos com todas as demonstraçoens dos seus inculpaueis procedimentos; o Cardeal Gaetano: *Nec tempore passionis sæuierunt in Iesum, nisi mediantibus ministris Curiæ*, não teue effeito a conspiração dos Rusticos, porque a furia de huma plebe ignorante facilmente se abranda, pello contrario effeituouse a conjuração dos Politicos, porque não ha lenitiuos pera a entranhauel crueldade de hũ

Luc. 4. 29.

Caiet. in Luc. 4. 29.

Po-

Politico apaixonado, sendo pois a morte de Christo o mais enorme dos delitos; pera Christo morrer, foi precizo esperar que a Politica se interessasse na execução deste delito: *Summum omnium flagitium*, continua o Cardeal Gaetano, *quale fuit mors Christi, perpetrandum erat à solis curialibus, tantũ enim Deicidium asseruabatur ministris Curiæ.* Grande oposição faz hoje a doutrina do Senhor aos dictames desta impia Politica, pois renunciando o Senhor aos interesses da propria coroa, só ostenta a sua grandeza nos espinhos que o coroão, para que entendamos, que os Cortezãos do Ceo, não hão de pôr a sua agudeza na flor da discrição, senão nos espinhos da penitencia, que na Corte do Ceo o Estadista mais agudo, he o peccador mais penitente, por isso celebrou Dauid os espinhos da sua penitencia, & com grande razão, pois picarão tam alto, que chegarão ao coração de hum Monarca: *Conuersus sum in ærumna mea dum configitur mihi spina.* *Id. Ibid.*

Na coroação dos espinhos que hoje celebramos, se encerrão tres generos de Politica, a Politica dos Grandes, a Politica dos pequenos, & a Politica dos pequenos juntamente com a dos Grandes; a Politica dos Grandes, he pôr na propria cabeça os espinhos dos pequenos, a Politica dos pequenos, he fazer dos proprios espinhos coroas, & a Politica dos pequenos, & a dos Grandes, he julgar as coroas por espinhos. Vamos descobrindo nas tres partes do Sermão os mysterios desta celeste Politica, terceira sciencia que Christo nos ensina na Escola da sua Paixão: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

Aue Maria.

I. PARTE.

O Primeiro assumpto do Sermão, he que a politica dos grandes cõsiste em pôr na propria cabeça os espinhos dos pequenos; os espinhos dos pequenos saõ as asperezas

dos seus trabalhos, sintaõ os grandes estas asperezas como proprias, compadeçãose os Reys das miserias dos seus vassalos, os prelados das penas dos seus subditos, & os senhores das queixas dos seus seruos, ponhão na propria cabeça todos estes espinhos, & estes mesmos espinhos serão o mais precioso esmalte da sua coroa, que nenhuma couza mais illustra a gloria de hum soberano, do que sentir as molestias do seu vassalo; a Moyses appareceo Deos huma vez todo cercado de espinhos, & parece ser a razão porque naquelle tempo estaua o pouo de Deos entre os picantes espinhos da aduersidade; Quando Deos appareceo na sarça, viuia o pouo de Israel debaixo do tiranico Imperio de Faraò, & pera Deos mostrar que se compadecia das miserias do seu pouo, lançouse nos penetrantes abrolhos de hum espinheiro: *Sciens dolorem ejus, veni vt liberem eum.*

Nesta sarça pois ostentou Deos a sua gloria, porque nella manifestou o seu sentimento; coroaraõse os espinhos daquella planta com agradaueis resplandores, porque da cõmiseração das penas, nasce o resplandor das coroas, aprendão os grandes a se compadecer dos trabalhos dos subditos, & serà o seu trono o centro dos luzimentos: *Apparuit Dominus de flamma ignis, in medio rubi*: diz Santo Athanasio que os espinhos, que hoje Christo traz na cabeça, significão os cuidados da nossa vida: *Spineam coronam gestare videri posset, vt solicitudines vitæ nostræ extirparet.* Tirounos o Senhor os espinhos do coração, pera os pôr na cabeça, siruãolhe pois estes espinhos de coroa, que a coroa de hum Monarcha, saõ os cuidados da sua Monarchia. Nem por outra rezão (a meu ver) se chama a rosa rainha das flores, senão porque tirou da plebe das flores todos os espinhos, pera os engastar no seu trono. Na republica das flores conseguio a roza o diadema, porque reseruou pera si toda a aspereza, que só quem solicita o aliuio dos subditos, merece as preeminencias do Imperio. Naquellas romãs que o Sũmo

S. Athanas. de Passion. & Cruce

Sacer-

Sacerdote trazia na estremidade das vestiduras Pontificaes, diz S. Cirillo Alexandrino, que se figurauão todos os Imperios do mundo : *In ora autem vestis malogranata habebat, quibus Regna notabantur* ; com grande razão, pois he a romaã jeroglifico dos Imperios, não só porque nace com a coroa na cabeça, senão tambem porque rasga o seyo pera aliuio dos bagos que encerra ; saõ os bagos da romaã os subditos que a natureza lhe deu , & como compadecida do aperto com que todos estão encerrados sem culpa, abre o peito pera remediar as angustias da prizão, este he o verdadeiro reynar, abrir as entranhas à commiseração das penas, & rasgar o seyo pera agasalhar aos vassallos. Que bem parece hum peito rasgado com huma cabeça coroada ; na Cruz recebeo Christo huma lançada no peito , porque ? porque estaua Christo na Cruz com a coroa na cabeça , que parece nam quiz Christo lograr as insignias de Rey, sem mostrar entranhas de compassiuo ; vejaõse pois no coração de Christo as feridas do amor, pois realça na sua cabeça o brazão da sobe-

Cirill. Alex. lib. 11. de adorat. in spiritu,

rania.

Imaginais por ventura, que a lança que serio o peito de Chisto, foi totalmente mouida pello braço desse impio soldado, de que falla o Euangelho : *Vnus militum lancea latus ejus aperuit*, não, diz S. Bernardo, Christo foi o que attrahio pera si a lança, & he muito conforme ao succesSo este pio encarecimento de tam grande Padre ; porque sepultada a terra nas treuas de huma profunda noite : *Tenebræ factæ sunt super vniuersam terram*, não parece podia o soldado em huma tam densa escuridade acertar o golpe ; com que bem se pòde dizer com S. Bernardo, que o mesmo Senhor foi o que atrahio pera si a lança, que lhe serio o peito : *Non lancea aperuit cor Domini, sed cor Domini ad se lanceam attraxit*, & que motiuo teria Christo pera attrair pera si a lança? direi, as culpas dos homẽs que antes da morte de Christo erão espinhos, de maneira se augmentarão com a execução deste execrauel deicidio, que de espinhos se conuerte-

Bern. de passione

rão

rão em lanças, querendo pois o Senhor manifestar ao mundo, que não menos se compadecia das mayores culpas, que das menores, trazendo jâ na cabeça os espinhos em que as menores offensas se significão, attraîo pera si a lança em que se representão os mayores excessos, & pera que crecesse a sua compaixão à medida da nossa cegueira, com o ferro que lhe trespassou o coração, monstrou que sentira no coração a desgraça, em que os homens caîrão pella injusta execução da sua morte: *Non lancea aperuit cor Domini, sed cor Domini ad se lanceam attraxit.* Oh! que grande politica he esta, assim humana como diuina! Sabeis porque de ordinario se fazem odiosos, os que tem o officio de mandar? porque não se sabem compadecer das culpas dos que tem o trabalho de seruir; que não ha meyo mais efficaz pera conciliar o amor dos que obedecem, do que a commiseração, & a piedade dos q̃ mandão. Quando Iupiter se queixou, de que Cupido não lhe ensinasse a Arte de se fazer amar, respondeolhe com discrição este fabuloso Deos do amor: lançai de vòs os rayos, com que sempre andais armado, que não pòdem os coraçoens humanos afeiçoarse a hum Deos fulminante: do mesmo modo digo eu, satisfazendo às queixas que de ordinario fazem os Grandes da justa esquiuança dos que lhe estão sogeitos, se o sceptro do Monarca he hum rayo que sempre anhela estragos, se a vara do Iuiz he huma espada que sollicita homicidios, & se o Bago do Prelado he huma fouce que sempre ameaça ruînas, que amor pòdem os vassallos ter a hum Monarca tam deshumano, os delinquentes a hum Iuiz tam inexoraùel, & os Ecclesiasticos a hum Prelado tam riguroso. No mysterio deste dia em que Christo Senhor nosso chega a tomar o scepto na mão, toma por sceptro huma cana, pera exemplar de todos os sceptros; dobrase a cana aos impulsos do vento, rendase o sceptro do Monarca aos suspiros dos vassallos; nace a cana entre as agoas, inclinese a vara do Iuiz pera as lagrimas dos innocentes; lança a cana raizes entre as areas, lance o Prelado os olhos pella cinza da pobreza;

pobreza; que bom Rey, que bom Juiz, & que bom Prelado temos em Christo! pois pondo os espinhos na cabeça pera nos aliuiar dos nossos cuidados, toma na mão huma leue cana por sceptro, pera moderar os seus castigos; quem será pois tam ingrato, que não queira tributar todos os affectos do seu coração a hum Rey tam benigno, á hum Iuiz tam clemente, & a hum Prelado tam compassiuo?

Antigamente não parecia Deos no gouerno do mundo tão amauel às criaturas, como depois da Encarnação, porque antes que Deos encarnasse, não tinha corpo passiuel, & sogeito às miserias da natureza humana; obedecião as creaturas a hum Deos, que sendo por natureza impassiuel, tambem era incompassiuel por natureza; conhecia Deos os trabalhos que os homens padecião, & ainda que os podesse remediar como misericordioso, não os podia porem sentir como compassiuo; porque a compaixão he huma dor das dores que outros sentem, & não póde Deos em quanto Deos ter dor alguma das dores que sentimos.; por isso dizia Iob daquelles que o perseguião sem compaixão, que o perseguião como Deos: *Quare persequimini me sicut Deus?* que ha homens no mundo, que ainda que não sejão impassiueis como Deos, saõ como Deos incompassiueis, não saõ impassiueis pera o sentimento das proprias penas, mas fazemse incompassiueis pera a commiseração das penas alheas: *Quare persequimini me sicut Deus?* huma criatura pois sogeita a trabalhos, com tão grande repugnancia obedece a quem logra os priuilegios da immortalidade, que atè do mesmo Deos parece fogião antigamente as creaturas, por não obedecerem às leys de hum Monarcha impassiuel; a proua he de S. Cirillo Hyerosolymitano: ao apparecer da arca do testamento em que se figuraua a presença de Deos, retrocedeo o Rio Jordão os passos: *Jordanis conuersus est retrorsum.* Pello contrario no Bautismo de Deos hinmanado, seguio o Iordão com magestuoso socego o seu curso; não sei se notais a desigualdade dos tempos: de maneira q̃ no antigo testamẽto

Iob. 19. 2.

fogio de Deos o Iordão; mas não fogio de Deos no nouo testamento, porque? porque no antigo testamento Deos ainda não hauia tomado carne humana exposta às inclemencias dos ares, & às injurias dos elementos, & parece não querem as creaturas sogeitarse a quem não padece os trabalhos a que ellas estão sogeitas; mas no nouo testamento, sogeitou o Iordão as suas agoas aos pés de hum Deos Homem, passiuel, & mortal como nós, que todos folgamos de obedecer aos que estão capazes de sentir, & de se compadecer das penas que sentimos: S. Cirillo Hyerosolimitano: *Ante carnis assumptionem Iordanis conuersus est retrorsum; assumpsit corpus Dominus, vt Iordanis sine timore illũ susciperet; nec putat graue subjici ei, qui humanis passionibus subest.* Posto isto, com muito maior rezão merece Deos a nossa obediencia, & o nosso amor, com a coroa de espinhos que hoje traz na cabeça, do que com os abrolhos da sarça em que antigamente se lançou, porque como Deos naquelle tempo não era ainda humanado, não sentia como homem as asperezas daquella planta, mas hoje pello que tem de humano sente com dor excessiua os espinhos da coroa: *Non enim tunc spinas Deus sensit, sensit autem homo Deus spinis coronatus.* Daqui infiro eu pera documento dos politicos, que pera sogeitar coraçoens, não ha meio mais efficaz, que sogeitarse aos espinhos; ponhaõ os que tem o officio de mandar, os espinhos na cabeça pera o cuidado, que os que tem a obrigaçaõ de obedecer lhe poraõ nas maõs os coraçoens pera o agradecimento, que a affeiçaõ dos que obedecem, he o trofeo da piedade dos que mandaõ, & se como ja tenho dito as creaturas ainda que irracionaes sogem em certo modo do mesmo Deos, quando não está semelhante a ellas na experiencia das penas, se o Prelado fogir às queixas dos subditos, o General ao trabalho dos soldados, & o Senhor às afflicçoẽs dos seruos, fogiràm os subditos do seu Prelado, os soldados do seu General, & os seruos do seu Senhor, & não farão os pequenos estimação das coroas dos Grandes, por não acharem

Hyeros. Cyrill. Catech. 12.

nestas coroas espinhos pera o sentimento dos seus trabalhos. Esta pois he a primeira ley da celeste Politica que o Monarca do mundo nos ensina neste terceiro mysterio da sua Paixão: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

II. PARTE.

A Segunda ley da Politica do Ceo, he fazer dos espinhos coroas. Dous generos de espinhos acho no mundo, os espinhos da conciencia, & os espinhos da natureza; os espinhos da conciencia, saõ os peccados, & os espinhos da natureza, saõ os achaques; destes dous generos de espinhos póde o discreto formar dous generos de coroas, dos espinhos da conciencia, que saõ os peccados, huma coroa de penitencia, & dos espinhos da natureza, que saõ os achaques, huma coroa de paciencia. Primeiramente dos espinhos da culpa, podem os homens formar huma coroa de penitencia, & por isso Christo Senhor nosso coroado com espinhos, conuerteo os instrumentos da penitencia em coroa; os espinhos (se bem aduirtirdes) forão os primeiros instrumentos da penitencia, porque nacerão logo depois do peccado de Adam: *Spinas, & tribulos germinabit tibi*, tanto que Adam sentio na conciencia os espinhos do peccado, produzio a terra espinhos para instrumentos da sua penitencia, & como Christo, por ser a mesma santidade, não pode ser peccador de culpas, fazendose hoje peccador de penas, toma as penas do peccado, que saõ os espinhos, & os poem na cabeça por coroa; Origenes: *In spinea illa corona accepit spinas peccatorũ nostrorum intextas in capite suo*; grande energia tẽ (a meu ver) estas vltimas palauras de Origenes, *intextas in capite suo.* De todos os instrumentos da Paixam nenhum teue no corpo de Christo mais auẽtajado lugar que os espinhos, poz Christo a Cruz nos hombros, nos pés, & nas mãos, os crauos, & a lança no peito, mas os espinhos sobirão à mais alta *Gen. 3. 18*

parte do corpo de Christo, que he a cabeça, *intextas in capite suo*, porque a Cruz, os cravos, & a lança, saõ instrumentos que os homens inventarão pera desafogo da sua crueldade, mas os espinhos, saõ os estimulos com que Deos solicitou ao primeiro peccador do mundo ao exercicio da penitẽcia, & como Christo faz hoje a figura de peccador penitente, toma nos espinhos as insignias da penitencia por coroa, que a penitencia dos peccados, he huma coroa de espinhos, penoza sim, pello que mostra de aspero, mas deleitauel pello que tem de glorioso. A mais gloriosa victoria de hum Christão, he o arrependimento dos seus peccados, os seus suspiros saõ o seu triunfo, & as suas lagrimas a sua coroa; chorava a Santa Magdalena seus peccados aos pès de Christo, & com os proprios cabellos enxugava as lagrimas que vertia: *Capillis capitis sui tergebat*; mas se as gadelhas da Magdalena desatadas em mudas correntes, imitauão o ondear das agoas, como se podia a agoa dos olhos enxugar com as ondas dos cabellos, & que mvio nunca estancar se huma fonte com as enchentes de hum mar, ou secar se hum rio com as inundaçoens de hum diluuio; mas quero dar a razão deste mysterio; erão as lagrimas da Magdalena as testemunhas da sua penitencia, & os trofeos da sua dôr, recolheo pois com os cabellos estes cristalinos trofeos pera se coroar com elles, & adornando a cabeça com as prendas dos seus olhos, formou o seu diadema com as insignias do seu arrependimento. Ex aqui o artificio com que os espinhos se trocão em coroas, arranque o peccador, do deserto do seu coraraõ os espinhos da culpa, pera os transplantar no jardim da penitencia, regue os com huma fonte de lagrimas, para que brotem em estimulos de contrição, & assim formará com os espinhos da penitẽcia, huma coroa de espinhos: *Spinea corona, ipsa quidem est pœnitentia circumponenda capiti*, diz a este proposito o Papa Innocencio Terceiro.

Innocen. III. serm. de vno mar.

Outro genero ha de espinhos, cõ q̃ o discreto pode formar a sua coroa, & saõ os espinhos da natureza, os espinhos da natureza

reza saõ as deformidades do corpo, os labeos da geração, os achaques da idade, & todas aquellas imperfeiçoens, q̃ a politica humana neciamente oculta, não reparando q̃ as mesmas cautelas, com que affecta de encobrir os defeitos que tem, saõ demostraçoens que os publicão. Pergunta Santo Ambrosio, porque a Escritura não nota a nenhuma outra pessoa de pequeno, senão a Zaccheo: *Quid sibi vult, quod nullius alterius staturam Scriptura, nisi hujus exprẽssit?* Por ventura não haueria outros homens no mundo tão pequenos como Zacheo? & se os houue (como he mui prouauel) que couza fez Zacheo pera ser o vnico, que o Euangelho notasse de pequeno: *Staturâ pusillus erat*, dâ o mesmo Euangelho a rezão: *Ascendit in arborem*, pera Zacheo alcançar a ver a Christo, sobio á huma aruore, suprindo astutamete com a altura daquella plãta, a pequenez da sua estatura; mas o mesmo foi pera Zacheo o querer sobrepujar aos maiores, q̃ publicarse inferior á todos, porque se não affectara de parecer maior do que era, ninguem atèagora soubera que fora tão pequeno, pertendeo desse ostentar gigante, & hoje todo o mundo o conhece por hum pigmeo: *Ascendit in arborem sycomorum, quia statura pusillus erat.* Não de outra sorte, os que poem todo o seu cuidado em encobrir aquellas faltas, que a pezar da sua industria, por si mesmo se descobrẽm; pera que he ocultar aquelle espinho atrauessado na aruore da descendencia, ou na aruore da vida, se o mesmo veo com que parece encuberto he o espelho que o representa? Agudamente diz o Seneca, que as artificiosas mentiras com que disfarçamos os nossos defeitos, saõ vidros transparentes, que no mesmo tempo que os encobrem, os manifestão: *Tenue est mendacium, & si diligentius inspexeris pellucet*; quando Adão sahio cuberto com folhas escondendose dos olhos de Deos que o buscaua, diz a Escritura, que era meio dia, & que corria viração pellos aruoredos do Paraizo: *Ad auram post meridiem.* Grande iocura do nosso primeiro pay, querer furtar o corpo à vista, na luz do meio dia, & andar vesti-

Seneca Ep. 80

do de folhas, quando fazia vento: Taes como estes saõ os artificios, com que os filhos de Adão pertendem de ocultar os seus defeitos, sombras ao Sol, & folhas ao vento, basta hum sopro de ar pera os descubrir, & huma luz mediana pera os ver. Escreue Valerio Maximo que os Lacedemonios sahiraõ ao campo vestidos de purpura, pera que não vissem os inimigos o sangue das suas feridas, equiuocandose a purpura do sangue com a gram do vestido; que errada me parece a politica destes soldados, pois disfarçauaõ hum defeito com outro defeito maiôr, cobrindo ao sangue humano com o sangue de hum animal, que a gram (como todos sabem) se forma com o sangue de hum peixe; demais do que no mesmo tempo que pretendião mostrar, que nenhum delles sahira ferido da batalha, com a mesma purpura com que andauão cubertos, parecia que todos nadauão em sangue. Semelhante desacerto a este, he o de certas pessoas, que vãmente escrupulosas encobrem leues imperfeiçoens com monstruosas desformidades; algumas ha, que pera emmendarem os imaginados defeitos da belleza, poem no rosto artificiosos sinaes com maior desconcerto, que artificio, & não faltão outros, que ocultando as neues da veneraue l velhice com hum matto volante de cabellos, mostraõ no mesmo tempo com espanto da natureza, as galas da primauera, na cabeça, & nas rugas da cara, o Inuerno.

Valer. Maxim. l.2 c.1.

Mas tornemos à Metafora dos espinhos; os espinhos que de ordinario com maiôr cautela se encobrem, saõ os annos, chamo aos annos, espinhos, porque os annos armão contra nòs tantas pontas, quantos saõ os instantes da nossa vida; cada instante que passa, he hum espinho que nos pica, por isso vio S. Ioão a morte, que vinha picando sobre hũ cauallo, valendose a meu ver das horas pera espóras, & dos momentos pera picadas, com que nos vai continuamente incitando na carreira da vida pera o precipicio da sepultura. Sendo pois os annos, os espinhos com que o tempo rasga o veo da humanidade, não ha no meu juizo mayor delirio do

que

que querer ocultar a euidencia deſtes eſtragos. Nota o Abbade Ruperto a Adam de louco, porque depois de hauer poſto a todos os animaes os nomes que lhes conuinhão, poz à propriá mulher hum nome taõ improprio como o de Eua; Eua no Hebraico ſignifica vida, & foi Adam tam imprudẽte, que deu à mulher eſte nome depois do peccado; chamoulhe vida, quando jà eſtaua ſentenciada à morte, como ſe pretendera reſtituirlhe a flor dos annos, quando jà trazia nas entranhas os eſpinhos, diſfarçando as ruînas da mortalidade com hum fantaſtico nome de viuente, o Abbade Ruperto: *Quid inſanius, quam in tali articulo, Euam dicere eam quæ non habet vitam.* Que bem ſe apropria eſta reprenſaõ de Ruperto à cega induſtria dos que eſtando vezinhos à morte, andão preſumidos da vida, cortando galas ao corpo quãdo lhe houuerão de aparelhar mortalhas, & encobrindo com fictícios enfeites os eſpinhos da caduca idade? O modo pois de conuerter eſtes eſpinhos em coroas, he fazer gala deſtes meſmos eſpinhos, trazendoos diante dos olhos pera incentiuos da virtude, & deſenganos da vida; na opinião de Vatablo, fabricou Abſalão o ſeu ſepulcro a modo de arco triũfal; mas ſe no ſepulcro tudo ſaõ eſtragos, eſtragos da belleza na deformidade do cadauer; eſtragos da diſcrição no ſilencio das ſombras; & eſtragos da grandeza na vileza das cinzas, com que razão erigio Abſalão a ſua ſepultura em trofeo? Oh! parece que quiz Abſalão fazer gala daquellas perdas de que os mortaes neciamente ſe enuergonhão, honrou cõ hũa pompoſa architectura o funebre hoſpicio da morte, & fabricando o ſepulcro a modo de arco; coroou aquelle meſmo lugar, em que ſe hauião de eclypſar os eſplendores da ſua coroa; iſſo he fazer dos eſpinhos coroas; & conuerter em glorioſos diademas, os achaques da natureza; mas muito melhor exemplo que eſte de Abſalão temos hoje na Peſſoa de Chriſto, pois deixando os frutos da aruore da vida aos cobiçoſos, aos delicioſos as flores, & as folhas aos deſuanecidos, reſeruou pera ſi os eſpinhos das miſerias, & dos trabalhos, q̃ po-

Rupert. in Geneſ. 3. 20.

Vatabl. citatus ab A Lapid. in lib. 2. Reg. c. 18.

postas na sua cabeça, se transformarão em coroas: *In honorẽ exire triumphi, etiam instrumenta supplicij*; saõ palauras de S. Leão Papa, com que dou fim a este segundo discurso.

III. PARTE.

NA primeira parte desta celeste politica, temos visto a obrigação que tem os grandes de pôr na cabeça os espinhos dos pequenos, & na segunda tenho mostrado o artificio, com que os pequenos podem trocar os seus espinhos em coroas, resta que vejamos o modo com que os grandes, & os pequenos hão de fàzer das coroas espinhos; trocãose as coroas em espinhos pello desprezo da gloria do mundo, julgando as suas prosperidades por miserias, & as suas grandezas por desgraças. Aos grandes pois, & aos pequenos he necessaria esta politica, aos grandes pera não estimarem as dignidades que possuem, & aos pequenos pera não appetecerem as preminẽcias que não tem. Quem estimâra a dignidade que logra, & quem appetecéra a preminencia que não goza, se reparára nos trabalhos que comsigo traz esta preminencia, & nos espinhos que ha nesta dignidade. Muy celebrada he a este proposito a parabola da Escritura no liuro dos Iuizes. Ajuntouse hum dia a vegetatiua republica das aruores, com intento de eleger hum Rey, que com suprema authoridade a gouernasse. *Ierunt ligna, vt vngerent super se regem.* Naquella dieta eleitoral, ou pera melhor dizer, naquellas rusticas cortes, varios foraõ os votos das aruores; humas quizerão dar à oliueira o sceptro: *Dixerunt oliuæ impera nobis.* Mas a oliueira q̃ he o symbolo da paz, & da concordia, não quiz alterar a sua quietação cõ os litigiosos embaraços do gouerno; outras offerecerão â figueira o Imperio, mas escusouse a figueira, allegãdo por desculpa a melliflua doçura dos seus frutos, & conhecẽdose mãy de tão boas entranhas, entẽdeo não poderia conceber aquelles rigores, cõ q̃ a justiça dos soberanos castiga os delinquentes: *Numquid*

possum

possum deserere dulcedinem meam, fructusque suauissimos? Em conclusaõ depois de se escuzarẽ da administração do gouerno quem com huma rezaõ, & quem com outra, todas concordaraõ em que se offerecesse ao espinheiro a coroa, que logo a aceitou sem repugnancia : *Dixerunt omnia ligna ad Ramnhum, veni, & impera super nos :* pois o espinheiro Rey das plantas? Sim, porque o espinheiro he o martir dos campos ; planta infelice, aruore desgraciada, nascida só pera as penas, & por isso destinada pera as coroas, de que te aproueita lograr o reinado das aruores, se te não podes liurar do martirio dos espinhos? aprenda daqui o politico ambicioso, que o posto ao que anhela, não he outra couza mais que hum espinheiro ; verseha no meio dos espinhos, tanto que alcançar as honras que appetece ; queixas de mal contentes, que lhe ferirão os ouuidos, cuidados proprios, que lhe trespassarão a alma ; requerimentos de benemeritos, que sollicitarão recompensa ; delitos de facinorosos, que pedirão vingança ; anfias nos perigos, desmayos nos trabalhos, desconfianças no valimento, soçobros na emulação, disfarces no sofrimento, quedas na priuança, precipicios na exaltação, pezares na aduersidade, desesperaçoens na desgraça, & por todas as partes, espinhos ; foi Salamão o mais venturoso Monarca do mundo, & delle escreuem graues Authores, que trazia por armas huma coroa de espinhos entalhada no anel com que sellaua os despachos, era este mysterioso sinete o pregão dos seus inuisiueis tormentos, & ainda que fosse o mais venturoso dos Monarcas, conhecia que a sua coroa era tecida de espinhos. Nunca lestes o que succedeo àquelle Bispo de Constãtinopla, na coroação de Leão Armeno Emperador do Oriente. Iurou aquelle Santo Prelado, que em pegando da coroa pera a pôr na cabeça do Emperador, se sentio picar as maõs, como se as puzera nos espinhos ; oh! se quizerão os homens apalpar com aduertencia os espinhos da dignidade que possuem, ou daquella a que cegamente aspirão, que depressa recolherião as maõs, enfastiados daquel-

la poſſe, ou deſenganados daquella eſperança.

Outro genero ha de eſpinhos, que ſe armão contra os grandes, & ſaõ as lingoas dos detractores, que publicão os defeitos que naquella altura ſe deſcobrem.

No auge da dignidade ſe fazem patentes ao mundo os defeitos, que nos baixos de huma mediana fortuna eſtauão ocultos, tanto aſſim, que não ha teſtemunha mais autentica contra os vicios dos grandes, do que a ſua propria grandeza. Neſte ſentido entendo aquellas myſterioſas palauras da Eſcritura na coroação de Ioas Rey de Judâ: *Poſuit ſuper eum diadema, & teſtimonium.* Diz a Eſcritura que o Sacerdote poz na cabeça de Ioas, o diadema, & o teſtemunho, notauel modo de fallar! que ſemelhança tem huma coroa com huma teſtemunha? muita, a teſtemunha que depoem dos coſtumes de hum ſoberano, he a ſua propria coroa, porque como eſtà à viſta de todos, todos poem nella os olhos pera inueſtigarem os defeitos do que a traz; & ſenão dizeime, quem teſtemunhou nas Hiſtorias, que Baltazar foi ſacrilego, Faraô contumaz, Saul ingrato, Dauid adultero, Salamaõ idolatra, Antioco tyranno, & Herodes inceſtuoſo, ſenão aquellá meſma coroa, com que fazendoſe mais conhecidos no mundo, ficarão na opinião do mundo mais infamados, pello contrario, quantos, ainda que reos dos meſmos delitos, ſepultarão nas ſombras de huma vida priuada a infamia dos ſeus procedimentos? ſô aquelles que a fortuna leuantou aos cumes da ſoberania, profanarão as memorias da poſteridade, não ſeruindo ſua grandeza mais que pera fazer auultar a ſua ignominia: *Poſuit ſuper eos diadema, & teſtimonium.* Inconſiderado ambicioſo quanto melhor fora pera o teu credito, não aceitar aquelle cargo, & não ſobir àquella dignidade; todo o cuidado poens em te alleuantar, não reparando nos teſtemunhos que a ti meſmo te leuantas, huns vendote naquellá altura, deſcobrirão a baixeza da tua geração, & outros publicarão a vileza dos teus coſtumes; vede (dirá aquelle) vede aquelle vapor da terra, como ſe transformou em rayo, ful-

fulminando decretos, & pizando tribunaes, quem dantes andaua debaixo dos pès de todos deſprezado, & deſconhecido; vede aquella era raſteira, que arrimandoſe ao fauor alheo, chegou a ſobrepujar os cedros da Monarquia, valhame o Ceo, como creceo de repente, deue de ſer porque não tinha profundas raizes no merecimento; em concluſaõ cada hum dirà o que ſente. Eis alli como na eminencia dos poſtos mais ſuperiores ſe fazem mais viſiueis ao mundo as faltas dos que os occupão: *Poſuit ſuper eos diadema, & teſtimonium.* Ora conhecidos os enganos da humana politica, que com tam mal empregados deſuellos ſollicita as coroas, & as dignidades do mundo, vejamos em que ſe fundão os dictames da politica do Ceo. A politica do Ceo, he fazer das coroas do mundo, eſpinhos, deſprezando aquellas grandezas que a noſſa ambição cegamente idolatra; temos o exemplo em Chriſto Senhor noſſo; vio S. Ioão ao Filho de Deos com muitas coroas na cabeça: *In capite ejus diademata multa*, mas conſta da Eſcritura, que nunca teue Chriſto na cabeça outra coroa, mais que a coroa de eſpinhos; pois ſe nunca trouxe Chriſto mais que huma ſô coroa, como podia o Euangeliſta ver muitas coroas na cabeça de Chriſto? *In capite ejus diademata multa*: Reſpondo, muitas coroas ſe encerrão nella vnica coroa, que hoje Chriſto traz na cabeça, porque? porque he coroa compoſta de muitos eſpinhos; todos eſtes eſpinhos ſignificão as coroas do mundo, & hoje fazendo o Senhor de todos eſtes eſpinhos huma coroa, moſtra que aualia as coroas do mundo por eſpinhos: cada eſpinho na cabeça de Chriſto he huma coroa, porque na eſtimação de Chriſto cada coroa he hum eſpinho, logo tem o Euangeliſta muita rezão de dizer, que vira na cabeça de Chriſto muitas coroas, pois teue Chriſto na cabeça muitos eſpinhos: *Plectentes coronam de ſpinis poſuerunt ſuper caput ejus, in capite ejus diademata multa.* Verdade he, que quando o Euangeliſta vio todas eſtas coroas na cabeça de Chriſto, já não o erão eſpinhos, crão verdadeiras coroas, porq então eſtaua Chriſto no Ceo

logrando os triunfos da bemauenturança, porèm (como agudamente aduirtio hum graue Expositor) eraõ estas coroas effeitos dos espinhos que Christo trouxe na cabeça, porque na cabeça de Christo os espinhos do sofrimento, se conuerterão em coroas de gloria, & assim sahio Christo com muitas coroas nos triunfos da bemauenturança, porque se puzeram na cabeça de Christo muitos espinhos nos conflictos da vida: *Corona spinea Christi, multas protulit coronas.* Esta pois he a razão, porque tantos Christaõs remidos com o sangue de Christo saõ justamente excluidos do Ceo, & condenados ao inferno; perdem estas almas desgraciadas a coroa da bẽauenturança, porque não querem pôr na cabeça os espinhos do sofrimento; todo o seu cuidado poem em colher flores no jardim do mundo, & por justa sentença de Deos saõ lançados nos espinhos do deserto do inferno.

Sylueir. in Euãg. tom. 5. p. 518.

No liuro da Sapiencia introduz Salamão as almas de todos aquelles infelices politicos, que hoje estão ardendo nos infernaes incendios, queixandose com horriueis gemidos das infinitas penas que estão padecendo: *Errauimus à via veritatis.* Tristes de nos, que andando tão presumidos da nossa discrição, erramos o caminho da verdade; sahimos com credito dos enredos da corte, & viemos a cahir nos abismos da eternidade; trabalhamos pello augmento das coroas da terra; & não soubemos alcáçar a coroa da bemauẽturança; de q̃ nos seruirão as cautelas da nossa prudẽcia, & de q̃ nos valerão os artificios da nossa politica, se nos não soubemos aproueitar dos documẽtos da Fé, & dos Sacramẽtos da Igreja; cruel destino q̃ nos obriga a estar entre mil mortes, sẽ morrer, ô eternos incendios, ô treuas perpetuas, ô mar sem praya; ô abysmo sem fundo, ô morte sem fim, ô eternidade.

Jà disse que todas estas penas dos danados se originão de hauerem errado o caminho: *Errauimus à via.* Agora pergunto que caminho foi este que os danados errarão? elles mesmos o dizem no jà allegado liuro da Sapiencia: *Coronemus nos rosis, & non prætereat nos flos temporis.* Quando

os

os danados viuião neste mundo, em lugar de andarem pello caminho dos espinhos, tomarão o caminho das flores: *Non prætereat nos flos temporis.* Vamos dezião elles, vamos colhendo as flores do mundo, primeiro que se nos murche a flor da idade, agora que estamos na primauera dos annos, demos satisfação aos appetites, gosto aos sentidos, liberdade às paixoens, & deixando aos escrupulosos os espinhos da penitencia, reseruemos pera nos as rosas do prazer nos diuertimentos da vida: *Coronemus nos rosis.* Oh cega eleição, oh discrição mal entendida, não vai o caminho das flores, pera a gloria, vai pera a perdição, pera a condenação, pera o inferno; pedio o profeta Rey ao Senhor que lhe mostrasse o caminho da saluação: *Vias tuas domine demonstra mihi, & semitas tuas edoce me.* Senhor, dizia Dauid, desejo de me saluar pera eternamente louuar o vosso santo nome com os Anjos, mas não sei que caminho tomar pera este effeito: *Vias tuas domine demonstra mihi.* Christaõs quereis ver o caminho por onde haueis de ir ao Ceo, eu volo mostrarei, mas aduirti que he hum caminho cheio de espinhos, apparelhaiuos logo a vos despir dos affectos do mundo, pera vos pores no caminho da penitencia: *Vias tuas domine demonstra mihi.* No Euangelho diz o Senhor que elle he o caminho: *Ego sum via*, & hoje mais que nunca he Christo o caminho do Ceo, porque está cercado de espinhos: almas, & almas Christaãs, se por desgraça alguma de vòs errou o caminho da saluação, vede o caminho da saluação, vede o caminho do Ceo na aspereza destes espinhos, que coroaõ a cabeça do vosso Deos: ah meu Iesu, & meu Redemptor, busquem outros vossas glorias, que hoje só buscamos os vossos espinhos; pois só com elles se abre o caminho da bemauenturança; nada mais do mundo, Christãos, pois todas as suas flores se conuertem em espinhos, tomai exemplo em cabeça alhea, & seja nesta diuina cabeça que os Anjos adoraõ; vede como o mundo que pouco dantes hauia lançado ramos verdes aos pès do Senhor, hoje lhe poem na cabeça pe-

Mostrase o Passo.

netrantes espinhos. Eis ahi as flores do mundo: Eis ahi em que vem a parar os seus mentidos aplausos; perguntai agora a vòs mesmos que fruto colhestes das flores que vos offereceo o mundo; mundo ingrato, mundo infiel, que premios atèagora me destes pello cuidado com que me desuelei na idolatria das tuas vaidades, & que outra couza cheguei a alcançar em te seruir, mais que apertos do coração, desasocegos dalma, remorsos de consciencia, & sinaes de reprobação, & que desculpa poderei eu dar a Deos, quando me chegue a pedir conta dos auxilios da sua graça, dos Sacramentos da Igreja; & do sangue da sua sagrada morte, & paixão. E a pois Christaõs, cheguemonos a Deos cõ os coraçoens, ao Ceo com as ansias, ao amoroso Iesu com todos os affectos, & digamos entre amorosos suspiros, & lagrimas caudalosas, dai cà meu Iesu a cada hum de nos hum espinho dessa coroa, pera que a ponhamos no coração pera o sentimento das nossas culpas; nossos peccados, meu Deos, vos puzerão na cabeça esses espinhos, dai cà logo esses espinhos pera a contrição dos nossos peccados, que assim os espinhos se trocarão em flores, & se como peccadores merecemos o castigo da vossa justiça, alcançaremos como arrependidos o perdão da vossa misericordia, misericordia meu Iesu, misericordia nesta vida chea de espinhos, & coroas de gloria na outra. *Ad quam nòs perducat, &c.*

NAVTICA CELESTE,

Quarta sciencia da Escola do

CALVARIO.

Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.
Epist. 1. ad Corinth.

A Quarta classe da Escola do Caluario, he a Cidade de Ierusalem, pellas ruas da qual leua hoje o Senhor, o sagrado baixel da Cruz por hum mar de sangue, ensinãdo aos predestinados a arte da nauegação pera chegarem ao porto da bemauenturança. A mais engenhosa, & juntamente a mais arriscada sciencia do mundo, he no meu juizo a Nautica, ou arte da nauegação; nesta artificiosa sciencia parece se apurou a infelice sutileza do engenho humano, em multiplicar os perigos da vida, pois cõspirando jà a mayor parte dos elementos contra a sua duração, o fogo com os incendios, a terra com os terremotos, & o âr com os contagios, buscarão os homens os naufragios no mar,

mar, para que não houuesse Elemento, que não fosse instrumento das suas penas , & funebre theatro dos seus estragos. Discretamente dizia a este proposito hum antigo, que os nauegantes não saõ do numero dos viuos , nem dos mortos , porque anda a sua vida tam chegada à morte, que não está distante della mais que da grossura das taboas do nauio em que andão. Grande cegueira de hum homem, meterse sô com dous dedos de vida, nos braços da morte, & se o homem como diz o Apostolo , não he outra cousa mais que hum leue vapor: *Vapor est ad modicum parens*, com que confiança se entrega este temerario vapor à furia dos ventos, que desbaratão com hum assopro os esquadroens dos mais orgulhosos vapores? Atè na carta de marear, pódem os nauegantes lêr o prognostico das suas desgraças , porque se nesta carta os ventos se pintão como linhas, & os penedos como pontos , parece que assim como todas as linhas acabão em hum ponto, assim todos os vêtos vão leuando os nauios ao naufragio. Reparo, que os antigos fabricarão os seus nauios à modo de Cisnes, & com grande acordo, porque se he verdade o que escreuem os Naturaes, que o Cisne canta, quando anda no mar, daqui podem os mareantes arguir, que chegados estão à morte, pois só o Cisne canta, quando morre. Escreue Plutarco, que de tres cousas tiuera o Sabio Catão grande pezar, a primeira que sendo a hora da morte tam incerta , ainda se não resoluera a fazer testamento, a segunda, que sendo a lingoa das mulheres tam dizidora, fiara de huma mulher hum segredo, & a terceira, que sendo as jornadas do mar tam perigosas, se arriscara a ir por mar, aonde podera chegar por terra. E na verdade, he o nauegar tam arriscado , que o Sabio , só se ha de pôr neste risco, quando Deos lho manda. A proua he da Escritura ; por terra vierão os Sabios do Oriente a Belem, & depois voltarão pera a Pátria por mar , nas naos de Tharsis, fallando o Euangelista neste successo , diz que tomarão os Sabios este caminho por secreta ordem diuina : *Responso accepto in somnis per aliam viam reuersi sunt in Regionem*

Iacob. 4. 15.

gionem suam; & he tradição dos Padres, que esta ordem não foi dada aos Reys do Oriéte por hum Anjo, mas que o mesmo Deos foi o que lha manifestou com huma efficaz inspiração: *Notandum est, quod non per Angelum hæc responsio facta dicitur, sed Sanctorum Patrum traditio est, ab ipso domino imbutos fuisse*; mas era por ventura precizo que o mesmo Deos significasse a estes purpurados peregrinos, que andassem por mar, si? porque erão Sabios, & o Sabio não se ha de expôr a hum tam euidente risco da vida, ainda que hum Anjo lho aconselhe, ha de esperar, que o mesmo Deos lho signifique: *Adeo difficile est se mari committere, vt à Deo immediatè admonerentur, vt mari se dederent, non autem id Angelum suadere posse, præsumi posset.* Daqui se póde inferir, que criminosa he a temeridade, dos que leuados só da cobiça, & do interesse se engolfaõ nos mares, desprezando a propria vida, com grande sentimento da natureza, pois, como imaginou hum graue Filosofo, aquelle estrondoso rugir dos ventos, aquelle confuso bramir das ondas, & toda aquella furia das tempestades, não saõ outra cousa mais que ancias, & indinaçoens da natureza contra os homens, que sendo compostos de terra, querem contra toda a razão fazerse homens de mar, arriscando na instabilidade do mais infiel dos Elementos, o mais precioso thesouro do mundo: *Hinc ille vẽtorum impetus, ille fluctuum fragor, illa procellarum vis, se vtique bello vlciscitur, & à nobis curiosi animi pœnas exigit, quasi dicat, cum sis terrestris, maritimus ne fias.* Supostas estas, & outras muitas razoens, que militão contra a temeraria curiosidade dos nauegantes, aprendamos hoje na sagrada Academia do Caluario os preceitos da celeste nauegação, em que tendo a Christo por Argonauta, estaremos seguros do naufragio. O nauio pois que hoje se nos offerece, he a Cruz: *Datum est nobis lignum quo nauigamus*, diz Santo Agostinho ao meu intento, & o mar he o sangue de Christo, que com sagradas inundaçoẽs alaga a Cidade de Ierusalem. Nesta mysterioſa nauegação temos que ponderar tres nota-

Vieg. tom. 2. in Ind.

Id. Ibid.

Calius Calcagn. lib de re nautica.

ueis circunstancias, a carga, a bonança; & as conquistas. A carga he o peccado, a bonança, he a graça, & as Indias do Ceo, saõ as conquistas, primeiramẽte poem Christo no baixel da Cruz a carga dos nossos peccados: *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum*: em segundo lugar com a bonança da graça aplaca as tormentas da culpa: *Pacificans per sanguinẽ Crucis, sive quæ in terris, sive quæ in Cælis sunt*, & continuando a viagem, chega a conquistar o Imperio do Ceo: *Oportuit Christum pati, & ita intrare in gloriam suã.* Ponderemos na primeira parte a immensidade desta carga, na segunda, a serenidade desta bonança, & na terceira, a gloria da conquista; saõ os tres assumptos deste discurso, & as tres circunstancias da celeste nauegação, que he a quarta sciencia que Christo nos ensina na Escola do Caluario: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

Petr. Ep. 1.

Paul. coloss. 1. 20.

Aue Maria.

I. PARTE.

COnsiderando Santo Thomas de Villa-noua a Christo Senhor nosso com a Cruz às costas, diz com grande acordo, que o peso da carga que Christo toma sobre si, não está na grossura do madeiro; senão na graueza do peccado: *Non est pondus in jugo, sed in peccato*; anda Christo inuisiuelmẽte carregado cõ todos os peccados dos homẽs, no mesmo tempo q̃ está visiuelmente oprimido cõ o peso da Cruz, & nesta inuisiuel carga se encerraõ todas as penas, porq̃ não ha pena mais excessiua, nẽ carga mais pesada, q̃ o peccado, & he isto tãto assim q̃ o mar quenão sente o peso dos mais carregados nauios, não póde cõ o peso de hũ só peccador. Nauegando o Senhor cõ seus discipulos pello mar de Galilea, leuãtouse hum temporal com tão furiosa vehemencia, que soçobrado jà o barco com as ondas, ficaraõ todos soçobrados com o medo do naufragio; mas donde se origina esta temeraria al-

Thom. Villanou. concion. 4. de vno mart.

alteração do mar, & porque rezão não modera as suas orgulhosas impaciencias à vista do seu Criador? Diz Santo Ambrosio, que neste dia se achara Judas em companhia dos Apostolos, que se embarcarão com o Senhor, não podendo pois o mar com a enormidade dos peccados que este aleiuoso discipulo trazia no coração, todo se perturbou de ansioso, & com alternadas agitaçoens commoueo as ondas, como se quizesse sacudir o jugo que o molestaua, Santo Ambrosio: *Turbatur ista nauis quæ Judam habet, & si multa illic discipulorum merita nauigabant, tamen adhuc eam perfidia proditoris agitabat.* Notauel doutrina he esta, que estou pera dizer, não ha cousa no mundo mais leue que o peccado, porque como ensina Santo Agostinho, o peccado he hum nada: *Peccatum nihil est, & nihil faciunt homines cum peccant*, o peccado pois he hum nada porque he huma negação de bondade, porem como este nada, & esta negação encerra na doutrina dos Theologos huma maldade infinita, pella offensa que faz a hum Deos infinito, he tão pesado este nada, que derruba a huma criatura do mais alto dos Ceos na mais profunda voragem do Inferno; dos peccadores, que morrem em desgraça de Deos, diz o Santo Iob, que cahem nos infernaes abysmos em o breue espaço de hum instante: *In puncto ad inferna descendunt*, & bem o experimentou Lucifer, que da mais sublime Ierarquia dos choros Angelicos cahio em hum instante no centro da terra, que na opinião dos Doutores, he o lugar destinado de Deos pera o tormento dos danados; dizem os Mathematicos, que se do Ceo das Estrellas se despenhara huma pedra com tão impetuosa velocidade, que em cahindo fizesse cada hora mil legoas, não chegaria à terra no espaço de vinte, & cinco annos, porque ha mais de vinte-cinco milhoens de legoas, do Ceo das Estrellas à terra, sendo pois o Ceo Empirco aonde estaua Lucifer infinitamente mais distante do Inferno, do que o Ceo das Estrellas o he da superficie da terra, que tão grande, que tão excessiua carga teue Lucifer sobre si, que com hum instanta-

Amb. l. 4 in Lucam c. 13.

August. tract. 1. in Ioan.

neo precipicio o obrigasse a medir huma taõ exorbitante distancia? o peccado, sim o peccado, que por sua natureza, he a mais leue cousa do mundo, porque he hum nada, & que por ser peccado de vaidade, & de presumpção, era o mais vão, & o mais leuiano dos peccados, fez a Lucifer ainda que puro Espirito tão carregado, & tão excessiuamente pesado, que n'hum instante cahio do mais sublime trono das celestes Ierarquias no mais profundo abysmo do Inferno: *Vnico superbiæ peccato, Lucifer, quo nihil leuius, omnis enim spiritus ales, adeo grauis effectus est, vt in puncto, è Cælo ad inferna descenderit.*

Tertull. in Apolog.

Mas se o peso de hum só peccado mortal derrubou a Lucifer no centro da terra, que muito que Christo Senhor nosso que no madeiro da Cruz leua todos os homicidios, todos os furtos, todas as blasfemias, todos os sacrilegios, & todos os peccados dos homens: *Posuit super illum omnes iniquitates nostras*, que muito digo, que opprimido com hum tão grande peso cahia muitas vezes por terra, se não quizermos dizer com S. Bernardo q̃ taõ fóra está o Senhor de cahir có a carga que leua, que antes encurua o corpo pera que lhe acrecentem a carga: *Dorsum incuruare videtur*, como se dissera o Senhor, hâ mais peccados no mundo? & desde que ando carregado com essa Cruz, está por ventura o mundo complice de nouas culpas? pois deite o mundo este peso de si, que eu agora inclino os ombros pera tomar sobre mim este peso: *Dorsum incuruare videtur, & tuam ipse portare ignominiam.*

Bernard. de pass.

Reparo, que não diz a Escritura, que aquelles dous malfeitores, que com Christo hiaõ a morrer leuassem como Christo a sua Cruz, sendo que [como aduirtio Plutarco] mandauão as leys dos Romanos, que todo o malfeitor sentenceado à morte leuasse às costas a Cruz atè o lugar aonde se hauia de executar a sentença: *Facinorosus quisque vltimo affligendus supplicio, corpore suo propriam fert crucem*; pois que priuilegio tem estes dous ladroens pera não leuarem âs costas a sua Cruz? Oh! não he priuilegio, he mysterio; a Cruz

Plutarc. lib. de sera numin. vindicta.

he

he a pena do peccado, & como Chriſto quiz neſte dia tomar ſobre ſi todos os peccados dos homens, não permitio que ſe viſſem nos hombros dos que o acompanhauão as ignominias do peccado; na Cruz de Chriſto todas as cruzes ſe encerraõ, logo não ſe ponhão outras cruzes às coſtas dos peccadores, vejaoſe os mais facinoroſos homens do mundo ſem o peſo do peccado, no dia em que todos os peccados do mũdo carregão nos ſagrados hombros do ſeu Redemptor. Huma graue circunſtancia acrecentou (a meu ver) neſta occazião a pena do Senhor, & he, q̃ ſendo Chriſto a meſma innocẽcia, & a meſma ſanctidade, muito mais inſofriuel lhe hauia de parecer a carga dos peccados, que não erão ſeus, do que aos meſmos peccadores o peſo dos proprios peccados. He axioma Philoſophico, que os elementos em quanto eſtão na propria eſfera não peſaõ: *Elementa in proprio non grauitant elemento.* Hum homem por exemplo que eſtâ no fundo do mar, não ſente o pezo daquelles montes de agoa, que tẽ ſobre a cabeça, & a terra que parece oprimida com o pezo dos montes não ſe encurua debaixo da graueza daquelle pezo; pello contrario hum jarro de agoa tirado do mar carrega a mão de quem o leua, & huma pedra lançada nos ares, moſtra o pezo que tem na velocidade com que cahe. Não de outra ſorte os peccados; na conſciencia do peccador, os peccados não pezão, porque ſaõ elementos na ſua eſfera, mas nos hombros do Senhor, que he a ſanctidade eſſencial, tem os peccados hum pezo infinito, porque ſaõ elementos fóra do ſeu centro. Eſſa pois he a razão porque os homens que tem tanto de ſenſitiuo pera os minimos achaques do corpo às maiores chagas da alma parecem inſenſiueis, donde nace que as pedras moſtraõ taluez maior contrição, & maior ſentimento dos peccados dos homens, que os meſmos homens dos proprios peccados.

Temos a proua no terceiro liuro dos Reys: ſobre o Altar do Templo tinha Ieroboão deixado as cinzas das victimas que ſacrificara aos Idolos, veio hum Profeta, & em lu-

gar de reprender ao Rey Idolatra do seu delito, começou a fallar com o Altar, reprendendoo de que sustentasse os sacrilegos sobejos daquelle sacrificio; Notauel acontecimento! às primeiras vozes do Profeta, o Altar se estremeceo, descõjuntaraõse as pedras, despedaçaraõse os marmores, & as cinzas das victimas se espalharão pello pauimento do Templo: 3. *Reg.* 13. *Altare scissum est, & effusus est cinis de Altari.* Mas se o Ieroboão era o culpado, & se o Altar era innocente, porque razão o Profeta reprendeo ao Altar, quando hauia de fulminar todas as suas reprensoens contra Ieroboão? A razão he de S. Ioão Chrisostomo. Sabia o Profeta que o coração deste Rey sacrilego era mais insensiuel que as pedras do altar, como em effeito se vio, pois não podendo o altar sofrer o pezo daquellas sacrilegas cinzas, se abrio de sentimento, & lançandoas de si com repentina violencia, mostrou que não era capaz de sustentar as infames reliquias do peccado; pello contrario não se commoueo o idolatra, que sendo o seu coração o elemento do delito cometido, nenhum pezo tinha este delito no seu elemento, S. Ioão Chrisostomo: *Chrisost. homil. 3. de penit.* *Lapis audiuit, & fractus est, quomodo non audiuit homo? quia lapide ipso insensibilior est.* Mas tornemos à metafora da nauegação, & vejamos como o excessiuo pezo do peccado faz cair os homens no inferno. Compara Santo Hilario ao homem com hum nauio, & com grande rezão, porque (se bem aduirtirdes) na fabrica do corpo humano, a cabeça tem lugar de popa; os pès de proa, & as costas de casco; soltaõse os cabellos como vellas, luzem os olhos como faroes, mouemse os braços como remos, & a lingoa he o leme que gouerna o discurso; exercita o entendimento o officio de Piloto, tem a memoria a carta de marear, & a vontade he a agulha, que sempre pera o Norte dos seus desejos se volta. Engolfase pois esta nao racional no mar do mundo, & oprimida com a carga que leua, naufraga nos golfos da eternidade; valhame o Ceo! que tam exhorbitante carga he esta, que faz ir este tam poderoso baixel a pique? o peccado: *Iniquitates*

meæ

meæ supergressæ sunt super caput meum, diz Dauid vendose no Occano das suas culpas, *& sicut onus graue grauatæ sunt super me.* Confirmemos esta verdade com a Escritura. Nauegando Ionas contra a vontade de Deos pera a Cidade de Tharsis, leuantase huma horriuel tempestade, enfurecemse os ventos, embraueceinse as ondas, quebrãose os mastos, despedaçase o leme, & estando jà a nao pera ir a pique, botão os Marinheiros as mercadorias ao mar pera alijar a nao: *Miserunt vasa quæ erant in naui in mare, vt alleuiaretur ab eis*: Oh estolidos nauegantes, que ignorãdo a causa do naufragio, não podeis acertar com o remedio, não he o pezo das mercadorias que faz ir a nao ao fundo, he o pezo dos peccados; lançai a Ionas no mar, desfazeiuos da carga deste peccador, & logo ficarà a nao aliuiada do pezo, & liure do naufragio, S. Ioão Chrisostomo: *Miserunt vasa in mare, nauis verò nequaquam alleuiabatur, nihil enim tam oneroſum, & graue, quam peccatum.* Appliquemos este succesſo ao nosſo intento, andão os homens no mar deste mundo naufragando com a carga das suas culpas, buscão aliuios no jogo, na conuersação, nas comedias, nos banquetes, & nos passatempos do mundo, mas sempre trazem o coração pezado, a conciencia inquieta, & a alma sem socego, que he isto fieis? senão o pezo dos vossos peccados, que impedindouos o dar à vela pera o Ceo, dà com vosco nos baixos da terra, & nos abismos da reprobação; pois vinde cà, diz hoje Christo aos peccadores, lançai nessa Cruz a carga com que oprimidos calis: *Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati estis*, desfazeiuos do pezo das vossas culpas, que eu as quero tomar sobre meus hombros, que sô os hombros de hum Deos pòdem com o pezo de huma tam grande carga: *Ipse pertulit peccata nostra in corpore suo super lignum.*

Pſal. 37. v. 5.

Chriſoſt. homil. 1. de panit.

Na

II. PARTE.

NA primeira parte desta misterioſa nauegação, temos viſto como Chriſto Senhor noſſo poz no baixel da Cruz a carga dos noſſos peccados, vejamos na ſegunda como ſe tornaõ as creaturas a vnir com Deos na bonança da graça, que deſta meſma Cruz ſe origina: *Pacificans per ſanguinem Crucis, ſiue quæ in terris ſiue quæ in cælis ſunt.* As tormentas da culpa cauſaraõ no mundo todos aquelles deſconcertos, que as tempeſtades do mar occaſionão nos elementos, & do meſmo modo, que os nauios que andão em conſerua ſe apartão hũs dos outros desbaratados da tempeſtade, aſſim com a tempeſtade do peccado, ſe apartarão as criaturas do ſeu criador, & o meſmo criador das criaturas. Quatro notaueis apartamentos cauſou a tempeſtade do peccado; primeiramente, o peccado apartou ao homem de Deos, em ſegundo lugar apartou a Deos do homem, em terceiro lugar apartou ao homem do meſmo homem, finalmente apartou em certo modo a Deos do meſmo Deos; primeiramente o peccado apartou ao homem de Deos, como claramente conſta da Eſcritura na peſſoa de Adão, que atropellando as leys diuinas, tão longe ſe afaſtou da graça de Deos, & da ſua viſta, que o meſmo Deos o buſcou entre os aruoredos do Paraizo terreal, como ſe ignorara aonde ſe eſcondera: *Adam vbi es?* Outra proua temos deſta verdade no Euangelho; diz o Euangeliſta S. Matheus que os Phariſeos fizerão conſelho contra o Senhor no meſmo tempo que ſahiraõ: *Exeũtes autem Phariſæi conſilium fecerunt aduerſus eum.* Grande energia tem eſta palaura: *Exeuntes*, de maneira que os Fariſeos, ſahiraõ, quando fizeraõ conſelho contra o Senhor, pois de donde ſahiraõ eſtes mal aconſelhados conſelheiros? ſahirão de Deos, reſponde Theophilacto, afaſtaraõſe do ſeu criador, & no meſmo tempo que ſe vnirão naquella ſacrilega junta, cegamente ſe apartaraõ do primeiro principio de to-

Math. 12 14.

todos os bens, que he Deos: *Exierunt à Deo cum voluerũt perdere eum.* Do mesmo modo o peccador se afasta de Deos, quando se vne com as criaturas para o offender, & fogindo do author da graça, vai para o caminho da perdição; por onde S. Ieronimo chama ao peccado, porteiro do Inferno, o que parece significou Deos a Caim, quando o reprendeo do seu peccado: *Nonne si bene egeris, recipies, si autem male, statim in foribus peccatum aderit.* Não vés, disse Deos a Caim, que tanto que chegas a offenderme, asiste o peccado à tua porta: *Statim in foribus peccatum aderit.* Pois que porta he esta de Caim a que o peccado asiste, quando he certo, que Caim, que naquelle tempo andaua errando pellos campos, nem tinha casas aonde morar, nem portas por onde sahir. S. Ieronimo: a casa de Caim era o Inferno, & o peccado era o porteiro desta infelice casa: *Quod si male egeris illico peccatũ ante vestibulum tuum sedebit, & tali janitore comitaberis quasi peccatum janitor sit orci*, de modo que tanto apartou o peccado ao homem de Deos, quanto dista o Ceo do Inferno.

Theophil. cap. 12. in Matth.

Hieron. tom. 3. in quæst. Hebr.

Em segundo lugar o peccado aparta a Deos do homem. Eis aqui a proua; quando o Anjo ordenou a S. Ioseph que com o Menino Iesu fogisse pera o Egypto, diz Sam Pedro Chrisologo, que podera S. Ioseph estranhar com rezão a causa de huma tam indecorosa fogida, dizendo, se Christo he Deos, pera que foge de Herodes, que he homem? se Christo naceo pera morrer, pera que foge da morte em nacendo? & se vem a saluar ao mundo, como não se salua a si mesmo? Oh que mysterioſa he esta fugida de Christo, diz S. Pedro Chrisologo, poucos dias hauia que Christo viuia no mundo, & parece não estaua ainda acostumado a viuer entre peccadores, sabendo pois que hum tam detestauel peccador o buscaua, fugio com toda a pressa, não porque quizesse por este modo liurarse da sua tyrannia, que não lhe faltauão outros meyos milagrosos com que eximirse da morte, mas viroulhe as costas fugindo, como se lhe não quizesse ver

a cara, não fugio Christo porque tiuesse medo de Herodes, fugio porque abominaua a sua presença, & retirandose da Iudea pera os desertos do Egypto, mostrou que antes queria viuer entre feras, que verse entre peccadores, S. Pedro Chrisologo: *Herodes hostis naturæ, omnibus malus, quem Christus non vt euaderet, sed ne videret, aufugit.* Mostra pois Christo tam grande sentimento desta forçosa ausencia, que o verse obrigado a apartarse dos homens, he o mesmo que receber huma lançada no coração; depois de Christo expirar na Cruz, dous notaueis successos acontecerão quasi no mesmo interuallo de tempo, rasgouse o veo do Templo em duas partes: *Velum Templi scissum est*, & logo empregou hum soldado a lança no peito de Christo: *Vnus militũ lancea latus ejus aperuit*, diz o Padre Euthimio, que o rasgarse o veo do Templo, foi final de que Deos se apartaua da Synagoga, em detestação dos seus peccados: *Velum Templi scissum est, puta inimicitiam inter Deum, & hominem per peccatum*; pois já que o veo está rasgado em duas partes, quero dizer, já que Deos se aparta dos homens pello peccado que cometerão, vejase neste mesmo instante o coração de Christo trespassado com a lança, que o mesmo he pera Christo o apartarse dos homens, que receber huma lançada no coração, que bem declarado está o conceito nas Allegorias de Titelmano: *Quid est, quod vnus Euangelista ait, velum Templi scissum est, alter verò, vnus militum lãcea latus ejus aperuit, nisi quod quando homo per peccatum à Deo separatur, tunc lanceâ cor Christi aperitur.* Em terceiro lugar o peccado em certo modo fez sair a Deos do mesmo Deos, & por isso chamou Christo á encarnaçaõ, que foi o remedio do peccado, saîda de Deos pera o mundo: *Exiui à Deo, & veni in mundum.* E na verdade que outra cousa foi tomar o Verbo Eterno carne humana, senaõ sair em certo modo do seyo do Eterno Pay, decer do trono da gloria, & arriscar os creditos da sua Diuindade na opiniaõ do mundo, que vendoo com a figura de homem, naõ se podia persuadir que era Deos,

Chrisol. serm. 153.

Euthim. in Ioann.

Goffred. in Allegor. Titelman.

Ioan. 16. 27.

Deos, Santo Athanasio : *Tantum fuit Dei studium tuæ salutis, vt propemodum de sua periclitaretur, dum te lucraretur.* *S. Athan. lib. 1. de Iacob c. 6.*

Em conclusão, o peccado apartou ao homem do mesmo homem, pello que disse Cain a Deos, conforme a versão dos Settenta : *Ecce me ejicis ab imagine tua*; Senhor eis aqui que estou fóra da vossa imagem. Pois que diuina imagem he esta de donde o desgraciado Cain se vio tam indecorosamente apartado? he o mesmo Cain, porque Cain em quanto homem, era imagem de Deos : *Faciamus hominem ad imaginem nostram.* Cain antes de peccar, era imagem de Deos, com os lineamentos da innocencia, mas tanto que offendeo a Deos, conhecco que jà não tinha os lineamentos deste diuino retratto, de maneira que o peccado desfez em Cain o paynel da diuindade, & por consequencia o apartou de si mesmo, tirandolhe a prerogatiua desta diuina semelhança, em que consistia o seu ser, & a sua vida : *Ecce me ejicis ab imagine tua.* Tambẽ anda o peccador desterrado de si mesmo, porque como aduirtio o Seneca, não pòde o peccador viuer dentro de si : *Secum esse non potest.* Andão os peccadores fóra de si buscando a quietação, & o descanço que na propria conciencia não achão, & do mesmo modo, que conforme as leys dos sagrados Canones, não logra o malfeitor a immunidade, no tẽplo em q̃ cometeo o delito, sendo o homẽ o tẽplo de Deos : *Vos estis templum Dei*, & offendẽdo a Deos em si mesmo, não pòde gozar a immunidade neste tẽplo, mas anda fóra de si pera o socego, como incapaz de viuer dentro de si pello tormẽto. Eis aqui fieis o melhor do Ceo, & da terra desbaratado pella tempestade do peccado: o homem apartado de Deos, Deos apartado do homem, Deos apartado do mesmo Deos, & o homem apartado do mesmo homem. Mas graças a Deos, exclama Santo Agostinho, graças a Deos, que hoje todas as criaturas se tornão a vnir com o seu Criador no sagrado baixel da Cruz, que triunfando das tormentas da culpa, continua o curso da celeste naucgação. S. Agostinho :

Mineturlicet mare, tumeat, procellasque parturiat, datum eſt nobis lignum quo nauigamus. Aqui perguntarà alguem, & não ſem fundamento, ſe no madeiro da Cruz ſe repreſenta hum nauio de carga, porque razão contra o coſtume dos nauegantes anda Chriſto com eſte nauio às coſtas? quem vio nunca pôrſe o baixel nos hombros do Capitão, ou carregarſe a nao ſobre as coſtas do Piloto que a gouerna? Reſpõdo cõ outra pergũta, qual he o lugar em q̃ o Paſtor poem a ouelha deſgarrada depois de a achar? *Cum inuenerit eam*, diz S. Lucas, *imponit in humeros ſuos*; o lugar, & o aſſento proprio da ouelha perdida, ſaõ os hombros do Paſtor: *Imponit in humeros ſuos*. Logo carregar Chriſto o nauio da Cruz aos hombros, foi pôr o nauio no ſeu proprio lugar, porque neſte ſagrado madeiro deſcanção todas aquellas almas, que como ouelhas perdidas, andauão apartadas do ſeu Paſtor, deſuiadas do caminho da ſaluação, & ſomergidas no mar das ſuas culpas, S. Gregorio Nazianzeno: *Venit Dominus, & balantem inuenit ouem, inuentam eiſdem humeris, quibus & crucis lignum, ſuſtulit* Neſta myſterioſa nauegação temos viſto a immenſidade da carga na graueza do peccado, & a ſerenidade da bonãça na vnião das criaturas com o ſeu Criador, reſta que vejamos a gloria das conquiſtas na terceira, & vltima parte deſta ſciencia, que Chriſto nos enſina na Eſcola do Caluario: *Non judicaui me ſcire aliquid, niſi Ieſum Chriſtum, & hunc crucifixum.*

Gregor. Naz. oration. 21. in paſc.

III. PARTE.

GRande fama alcançarão nas memorias da poſteridade aquelles primeiros nauegantes, que deſafiando os vẽtos, ſojugando os mares, & contraſtando com todos os elementos, chegarão a aruorar os eſtandartes dos ſeus Monarcas nas portas do Oriente, obrigando a Aſia a que tributaſſe os ſeus Theſouros aos pès da Europa: *Sane laude digni, qui primi in Indiam nauigantes per immenſa, & incognita Ocea-*

Pinto Chriſtus crucifixus tom. 1. p. 402.

ni

ni spatia, viam nouam aperuerunt. Primeiro que a Cruz de Christo se engolfasse no mar do seu sangue, erão as Indias do Ceo desconhecidas ao mundo, pello que os homens taõ fóra estauão de se empenhar na conquista deste Reyno encuberto, que antes lhes parecia não hauer outro mundo mais que este em que viuião, pois viuião neste mundo como se não houuera outro, destinado pera os logros de huma eterna bemauenturança: pera remediar a esta tão lastimosa cegueira, entra hoje o Senhor com o nauio da Cruz em hum mar de sangue, & abrindo aos mortaes o caminho da vida pello caminho da morte, estabelece com huma noua nauegação hum perpetuo comercio entre o Ceo, & a terra: *Sic ergo Christus*, diz o mesmo Author, *primus ad Indiæ cælestis Thesauros, viam aperuit, eamque nouam viam, seu nauigationem.* Supposto pois que a Cruz de Christo nos abre o caminho do Ceo, vejamos como hauemos de andar por este caminho com a nossa Cruz. Grande diferença observo entre a Cruz de Christo, & a Cruz do Christão. A Cruz de Christo saõ os nossos peccados, & a Cruz do Christão saõ os Mandamentos da Ley de Deos: diz o Cardeal Damião, que naquellas taboas do antigo testamento, em que estauão escritos os dez Mandamentos da Ley, se representaua o Mysterio da Cruz: *Tabulæ quæ Dei digito scriptæ sunt, Crucis protulerunt sacramentum.* Mas que semelhança tem os dez Mandamentos com a figura da Cruz; dà o mesmo Cardeal Damião a rezão desta semelhança, o numero dez com a letra X, se escreue, & na letra X, se representa a figura de huma Cruz: *Decem præcepta in tabulis scripta sunt, & denarius numerus per X, literam quæ crucis exprimit speciem, designatur.* Tambem saõ os dez Mandamentos da Ley, a Cruz do Christão, porque saõ o pezo que sobre elle carrega, logo se o Senhor nos precede a nòs com a Cruz dos nossos peccados, sigamos nos a Christo com a Cruz dos seus preceitos, que não se conquistão as Indias do Ceo, senão com as armas desta Cruz. Escreue S. Matheus que no dia do Iuizo appa-

Id. Ibid.

Cardinal. Damian. de inuent. Crucis.

recerà a Cruz de Christo no ar : *Tunc apparebit signum filij hominis.* Mas se no juizo se ha de ostentar o rigor da justiça, & se na Cruz que foi o instrumento da nossa Redempção, mostrou o Senhor a sua misericordia, porque razão apparecerà a Cruz no dia do Iuizo ? A verdadeira rezão sabe-à Deos. Porèm he opinião dos Padres que a Cruz apparecerà no dia do Iuizo, pera a consolação dos Santos que por meio da Cruz alcançaraõ o Ceo : *Ad consolationem Sanctorum, qui per illam saluati fuere,* no dia do Iuizo, trocarà a Cruz o lugar, pondose sobre a cabeça daquelles que viuendo a carregaraõ sobre os hombros ; & se os Santos nesta vida mortal leuarão a Cruz às costas como pezo, naquelle dia apparecerà no ar a Cruz sobre a cabeça dos Santos, como coroa ; senaõ quizermos dizer que hauendo os corpos dos predestinados de sobir naquelle dia ao Ceo, se collocarà a Cruz no meio dos ares pera lhes mostrar o caminho ; affirma Tertulliano, que no dia do Iuizo serà muy difficultoso o caminho do Ceo, & com muita rezão, porque como naquelle dia o Sol, & a Lũa se escurecerão, & todas as Estrellas se desencaixaraõ dos orbes : *Stellæ cadent de Cælo*, nas sombras de huma tão vniuersal, & tão profunda noite, ficarão todos os caminhos do Ceo encubertos : Notauel acontecimento ! nunca me pareceo o resplandor dos astros mais preciso que no dia do Iuizo, pois he o dia em que se abrirão aquellas portas celestes por onde os corpos dos Santos resuscitados haõ de entrar a tomar posse dos thesouros da gloria ; logo por que razão permite Deos que se eclipsem todos os planetas, como se quizera prohibir todas as entradas, & de que aproueita estarem às portas do Ceo patentes, quando por falta da luz se naõ enxergaõ os caminhos ? direi, saõ as luzes dos astros incapazes de descobrir aos homens o caminho do Ceo, logo venha a Cruz, & constituindose entre o Ceo, & a terra, sirua aos santos de farol pera os alumear nas sombras desta profunda noite, que não se descobre o caminho do Ceo senão com os resplandores da Cruz. Santo Ephrem:

T hom. & Chrisost. in A Lap. in Math. cap. 24. p. 445.

phrem: *Hæc sancta Crux in consummatione sæculi apparebit in Cælo, fideles illuminans?* Eis aqui a razão porque naquelle dia nenhum planeta se atreuerà a entrepor os seus criminosos resplandores no caminho da innocencia: *Stellæ cadent de Cælo.* Não luzira o Sol, figura dos ambicioſos, porque não se vai ao Ceo pellos precipicios da ambição; não apparecerà a Lũa, Ieroglifico dos incoſtãtes, porque nao chegão ao centro da eternidade as ſuperficiaes circunferencias da inconſtancia, & não ſe verà o planeta de Venus, ſymbolo dos laſciuos, porque não ſe dirigem pera a fonte da pureza as immundicias da laſciuia; deſaparecerâ Mercurio artifice dos enganos, porque as mentiras, & os fingimentos deſuião da patria da verdade, & não ſe deixaraõ ver os Planetas de Marte, & de Saturno, porque as vinganças de hum, & as enuejas de outro, atalhaõ o caminho do Ceo, que he a fragoa do amor, & o domicilio da caridade; eclypſadas pois as luzes de todos eſtes infelices Planetas; brilhará a Cruz ſobre a cabeça dos predeſtinados, para lhes moſtrar o caminho do Ceo, que não ſe podia deſcobrir com os enganoſos luzimentos do mundo: *Stellæ cadent de Cælo: Hæc ſancta Crux in conſummatione ſæculi apparebit in Cælo fideles illuminans.* Continua pois o Euangeliſta dizendo, que ao apparecer da Cruz, todos os danados começarão a chorar: *Tunc plangent omnes Tribus terræ, id eſt*, commenta o A Lapide, *omnes reprobi, & damnati plangent.* Pois porque chorarão os danados à viſta da Cruz, Santo Agoſtinho: *Plangent omnes tribus terræ videntes accuſatorem ſuum, id eſt Crucem, & in ipſo arguente cognoſcent peccatum ſuum.* A viſta da Cruz começarão os danados a derramar lagrimas de fel, lagrimas de ſangue, & lagrimas de fogo, conhecendo que errarão o caminho do Ceo, por não haucrem tomado o caminho da Cruz; Chriſtãos queremos nos aſſegurar a noſſa ſaluação, tomemos ſobre nós a Cruz da Ley de Deos; leua o Senhor às coſtas a Cruz dos noſſos peccados, carreguemos ſobre nòs a Cruz dos ſeus diuinos Mandamentos, vai o Senhor a morrer

S. Ephrẽ de Cruce.

Auguſtin. ſerm. 130 de Tẽpore.

rer para nos saluar, façamos de nossa parte algũa couza para nos não perder: por ventura queremos que Christo pague quanto nòs deuemos sem que haja da nossa parte alguma ajuda de custo, não pode ser, he impossiuel, que não nos hão de aproueitar os merecimentos da Cruz de Christo senão tomarmos sobre nòs a Cruz da sua Ley.

Sabeis diz Santo Agostinho, que temeraria he a presumpção dos que pretendem passar desta vida para a gloria sem esta Cruz, he esta presumpção tão temerarîa, como presumida a temeridade hum louco que se arrojara a passar o mar sem nauio: *Mare transeundum est, & lignum contemnis?* Quereis gozar de Deos no Ceo, & não quereis seruir a Deos no mundo, pretendeis de pôr na cabeça o Diadema da gloria, & não quereis pôr sobre os hombros a carga dos diuinos preceitos, que he isso, senão querer passar o mar sem nauio; & alcançar a gloria sem Cruz: *Mare transeundum est, & lignum contemnis.* Grande desgraça, grande cegueira! que ponhaes todo o vosso cuidado em seguir os dictames do mundo, o mundo vos traz, o mundo vos leua, o mundo vos aconselha, o mundo vos gouerna, & não aduirtis que vos traz, que vos leua, que vos aconselha, & que vos gouerna o mundo, para vos lançar a perder, & para dar com vosco nò Inferno; ora não seja assim, & ja que desejamos de passar das tempestades deste mundo para as bonanças do Ceo, abracemonos todos com a Cruz de Iesu Christo, vede Christãos o que chega a sofrer a paciencia de hum Deos, para assegurar a nossa saluação que merecendo os nossos peccados que Deos nos condene a mil Infernos, he tão grande o seu amor, & a sua misericordia tão excessiua, que hoje nos vai abrindo o caminho do Ceo pello mar do seu sangue. Mas oh! meu Deos, que paga podeis esperar da ingratidão dos homens, & de que aproueita tomares com essa Cruz as penas dos nossos peccados, se nòs com nouos peccados vos tornamos a dar nouas penas? Oh! acabemos ja algum dia de offender a Deos, & não queiramos apurar a sua paciencia, com a obstinação

Mostrase o Passo.

das

das noſſas culpas; ſe Deos diſſimula com noſco hum dia, & outro dia, hum anno, & ourro anno, he porque eſtà eſperando por noſſo arrependimento, mas ahi; que finalmente chegarà o anno, chegarà o dia, & chegarà a hora em que aſſim o cancem as noſſas offenſas, que não as queira mais diſſimular; mas quero que Deos diſſimule a continuação das noſſas culpas, quero que nos perdoe na hora da morte, por iſſo não hauemos de deziſtir do peccado? por iſſo não haue-de emendar a vida? não fieis, que iſſo he vſar mal da paciencia de Deos, & agrauar o ſeu amor, que ſupoſto que Chriſto quer leuar a noſſa Cruz, conuem que tambem o ajudemos a leuala; não hauemos de deixar a eſte amoroſo Senhor o remedio da noſſa ſaluação por ſua conta, ſem que ponhamos alguma couza de noſſa parte, Chriſto poem as dores, poem as penas, poem o ſangue, & eſtà aparelhado para tambem pôr a vida, para nos leuar ao Ceo, ponhamos nòs tambem alguma diligencia para que lâ cheguemos, & para eſte effeito tomemos ſobre nos a Cruz da ſua Ley, com reſolução de antes padecer mil mortes, que quebrantar a obſeruãcia de hum ſó Mandamento; meu Ieſus, & meu Deos, dainos a todos a graça de perſiſtir neſta ſanta reſolução atè o vltimo ſuſpiro da noſſa vida; peçouos meu Deos eſta graça por parte de todas eſtas almas, que aqui aſiſtem, & pedindo todos com lagrimas amoroſas, & com huma verdadeira contrição o perdão dos peccados paſſados, imploramos a voſſa miſericordia, miſericordia meu Deos, miſericordia meu Ieſus.

THEOLOGIA DO AMOR

Quinta ſciencia da Eſcola do

CALVARIO.

Non judicaui me ſcire aliquid niſi Ieſum Chriſtum, & hunc crucifixum.
Epiſt. 1. ad Corinth.

ATE agora nos foi Chriſto enſinando na ſagrada Eſcola da ſua Paixão, as artes, & as ſciencias mais domeſticas, a ſaber, a Retorica, a Architectura, a Politica, & a Nautica: a Retorica do Ceo, a Architectura da ſantidade, a Politica da innocencia, & a Nautica da ſantidade, na Oração do Horto, enſinou a Retorica do Ceo, a Architectura da virtude na columna do Pretorio, a Politica da innocencia na coroação dos eſpinhos, & na Cidade de Ieruſalem, pellas ruas da qual leuou o ſagrado baixel da Cruz por hum mar de ſangue, a Nautica da ſantidade pera o porto da bemauenturança. Neſta quinta pois, & vltima claſſe que he o Caluario, ſobindo o noſſo diuino Meſtre

à ca-

à cadeira da Cruz, sobe de ponto, & com euidentes demonstraçoens declara os mysterios da mais sublime sciencia do mundo, a Theologia. Pera mayor clareza deste assumpto, suponho com os Doutores, que ha duas especies de Theologia, a Especulatiua, & a Pratica ; a Theologia Especulatiua alumea o entendimento pera o conhecimento da Diuindade, & a Theologia a que chamão Pratica, acende a vontade no amor da Diuindade conhecida ; a primeira abre os olhos à consideração, & a segunda abre o peito ao amor ; mas porque he mais facil aos homens amar a Deos, do que entendelo, mayor estudo ha de pôr o Christão na Theologia Pratica, que consiste no amor, do que na Especulatiua, que só anhela ao saber. Ao Princepe dos Apostolos naõ perguntou o Senhor se elle penetraua os attributos da sua diuina Essencia, só perguntoulhe, se o amaua : *Simon Ioannis diligis me ?* porque fica Deos mais satisfeito com o nosso amor, que com o nosso saber, em rezaõ de que nosso amor abraça, o que o nosso saber naõ alcança ; com os vinculos do amor abraçamos a Deos, a que não podemos chegar com a perspicacia do saber ; por isso na ordem das Ierarquias celestes, ao trono de Deos, mais chegados estaõ os Serafins, que os Cherubins, porque os Serafins voão com as azas do amor, & os Cherubins sobẽ pellos degraos do saber, & naõ chegaõ os degraos da sabedoria a Deos, porque he incomprehensiuel ; só as azas do amor alcançaõ a Deos, porque he summamente amauel. Quereis chegar a Deos com mayor ventagem que os mayores Theologos do mundo, largai as velas ao coração & reprimi os voos do entendimento, amai em Deos o que naõ entendeis, & naõ procureis de entender o que amais, q̃ como aduirtio Santo Agostinho, os que naõ pòdem ser grãdes Theologos na especulaçaõ, chegaràõ a ser grãdes Theologos na experiencia, abraçando com o affecto aquelle Deos que naõ pòdem comprehender com o juizo : *Non licet omnibus scrutari scripturarum secreta, ille tenet, & quod latet, & quod patet in diuinis sermonibus, qui charitatem tenet.*

Joan. 21. 15.

Concil. Magunt. tit. c. can. 3.

Supoſto pois que a melhor Theologia, he amar à Deos, vejamos aonde hauemos de tomar lição deſta tam importante Theologia. Theophanes, Padre da Igreja Grega, chama Meſtre de Theologia à Cruz: *Neceſſe erat vt Crux velut Theologi munere fungeretur*; mas que proporção tem os tormentos da Cruz com os myſterios da Theologia? aponta o meſmo Padre a proporção: *Tanquam omnem creaturam ſpecie ſua repreſentans.* Todas as criaturas (ſe bem aduirtirdes), repreſentão a figura da Cruz; neſte mundo elemental fazem os homens huma cruz abrindo os braços, voão as aues em cruz eſtendendo as azas, & os rios correm cruzando as ſuas correntes. No Ceo paſſão as Eſpheras humas ſobre outras, entretecendo cruzes ao meſmo paſſo que andão; corta o Zodiaco a linha Equinocial a modo de cruz, & ſe do Oriente ſe tirar huma linha pera o Occidente, & outra linha do Meyo dia pera o Setentrião, ſerà a cruz a medida do mundo: *Omnem creaturam ſpecie ſua repræſentans.* Mas que Theologia ſe aprende neſta myſterioſa repreſentação da Cruz em todas as criaturas? direi; a verdadeira Theologia, he ſaber amar a Deos, & pera as criaturas darem ao mundo huma publica, & continua lição deſte amor, todas formão em ſi o retrato da Cruz, porque a Cruz, he a mais euidente demonſtração do amor, que Deos teue ao mundo, & aſſim todas as criaturas parecem crucificadas no theatro da natureza, pera que à ſua imitação todos os homens ſe crucifiquẽ na Eſcola do amor. Neſte ſentido parece quiz dizer S. Paulo eſtas myſterioſas palauras, muitas vezes ponderadas nos pulpitos, mas nunca (a meu ver) trazidas a eſte intento: *Mihi mundus crucifixus eſt, & ego mundo*, como ſe diſſera o Apoſtolo: todo o mundo me repreſenta a figura da Cruz: *Mihi mundus crucifixus eſt*, tambem quero formar de mim meſmo hum retrato da Cruz pera o moſtrar ao mundo, *& ego mundo*, & ſe as creaturas ſe crucificão pera me enſinarem a amar a Deos crucificado, determino de me crucificar, pera me graduar na Theologia do amor: *Neceſſe erat vt Crux*

Theolo-

Theoph Archiep Ceram. apud Greſerum tom. 2.

Ep. 6. ad Galat. 14

Theologi munere fun eretur, apud illos qui perspicaciori sunt ingenio, tanquam omnem creaturam specie sua repræsentans. O amor de Christo pera com os homens; he o exemplar do amor dos homens pera com Christo: *Ambulate in dilectione, sicut & Christus dilexit nos*; logo pera sabermos amar a Christo na cruz dos nossos trabalhos, vejamos como Christo nos amou a nòs na Cruz dos seus tormentos; com tres mysteriosas circunstancias, acredita Christo o seu amor na Cruz, respira, suspira, & expira; respira Christo na Cruz, tomando os tormentos pera aliuios: *Proposito sibi gaudio sustinuit Crucem*, suspira Christo na Cruz, anhelando a mayores tormentos: *Sitio, id est sitio maiora tormenta*, finalmente, expira Christo na Cruz, acabando com os tormentos a vida: *Emissa voce magna expirauit.* Estes saõ os tres mysterios da Theologia do amor, respirar, suspirar, & expirar, respirar nos tormentos, suspirar por mayores tormentos, & expirar no meyo dos tormentos. Vamos apostilhando as clausulas desta amorosa Theologia, quinta, & vltima sciencia q̃ Christo nos ensina na Escola do Caluario: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

Ep. 5. ad Ephes.

Hib. 12. 2.

Aue Maria.

I. PARTE.

O Primeiro mysterio da Theologia do amor, he respirar nos tormentos, & alegrarse nas penas, que do mesmo modo que o coração se alarga, & se alegra com a respiração que toma, assim se ha de alegrar o coração, que ama, com as penas, que pella pessoa amada, padece. No meio daquelles tres mancebos, que Nabuco mandou lançar na fornalha de Babilonia, appareceo hum Anjo, atrahindo a si as lauaredas, & bebendo os incendios: *Excussit flammam ignis.* Lê Tertuliano conforme outra versaõ: *Exhausit flammam ignis.* Mas por que rezão atrahe o Anjo pera si aquelle fogo? pera

reſpirar com aquelle meſmo fogo em que por amor daquelles tres innocentes mancebos ſe lãçara ; bebeo o Anjo aquellas fogoſas exhalaçoens, & as conuerteo em Zephiros , por iſſo diz a Eſcritura, que corria huma ſuaue viração na fornalha, em que dantes dominaua a violenta actiuidade do fogo : *Fecit medium fornacis , quaſi ventum roris flantem.* De modo que tomou o Anjo em ſi as penas dos amigos , & com ellas formou a ſua reſpiração, que o coração (ſe bem aduirtirdes.) reſpira com dous diferentes mouimentos, com o primeiro mouimento atrahe pera ſi o ar , & com o ſegundo o lança de ſi , não de outra ſorte o Anjo, prodigioſo exemplar de hum verdadeiro amigo, atrahio pera ſi as lauaredas em que os amigos ſe abrazauão , & as lançou de ſi conuertidas em refrigerios, bebeo chamas, & exhalou viraçoens , ſorueo penas, & ſuſtituio aliuios , conſumio tormentos , & reſpirou delicias : *Exhauſit flammam ignis , & fecit ventum quaſi roris flantem.* Foi a fornalha de Babilonia a figura do mundo, em que a culpa pegou o incendio , veio pois o Senhor atrahindo as noſſas almas condenadas ao fogo do Inferno : *Ioan. 12. 32.* *Cum exaltatus fuero â terra omnia traham ad me ipſum* , & com os vltimos alentos da ſua reſpiração , apagou os incendios do Inferno a que todos eſtauamos juſtamente condenados, Tertulliano : *Tertull. in lib. 4. contra Marcion. cap. 22.* *Verbum in fornacem deſcendens, flammam ignis exhauſit, pœnas hominum ſitiens.* Eſta , a meu ver, he a rezão , porque o Euangeliſta não diz que Chriſto na Cruz exhalou a alma , ſenão que exhalou o eſpirito : *Emiſit ſpiritum.* Na Eſcritura tomaſe a palaura eſpirito pello ar que ſe reſpira : *Pſ. 118. v. 113.* *Os meum aperui , & attraxi ſpiritum.* Logo pera o Euangeliſta moſtrar que a Chriſto pareceo tão ſuaue o morrer como o reſpirar , não diz que exhalou a alma , *Emiſit animam* : diz, que lançou a reſpiração : *Emiſit ſpiritum.* Como ſe continuara o Senhor a reſpirar , no meſmo tempo que expirou , tomando por aliuio aquella meſma morte que os homens lhe dauão por tormento ; chama Santo Agoſtinho ao Eſpirito Santo alegria , & ſuauidade do

Pay,

Pay, & do Filho, & parece ser a rezão, porque o Espirito Santo he huma amorosa respiração lançada do peito do Eterno Pay pera o peito do Filho, cõ que vnindose estas duas diuinas pessoas na correspondencia do amor, ficão eternamente vnidas na communicação da alegria: *Spiritus Sanctus, genitoris, genitique, suauitas.* Desta Theologia se infere a grãde alegria de Christo na Cruz; porque aquelle vltimo suspiro que lançou, foi huma especie de respiração, com que tornou a vnir ao homem com Deos; Là no principio do mũdo, vniose Deos com o homem com aquella sagrada respiração com que lhe communicou a vida: *Inspirauit in faciem ejus spiraculum vitæ.* Apartouse o homem de Deos pello peccado, & por falta daquelles diuinos assopros, morreo: *Non permanebit spiritus meus cum homine, quia caro est.* Mas pera restaurar esta perda, torna Deos a respirar na Cruz: *Emisit spiritum*, & com esta noua respiração, torna a vnir ao homem com Deos, logo se o Espirito Santo he a alegria do Pay, & do Filho por ser a respiração com que o Pay, & o Filho se vnem na reciproca armonia do amor, digamos que esta vltima respiração de Christo na Cruz, foi hum desafogo da sua alegria, vendo que com ella se tornaua o homem a vnir com Deos pera os logros de huma vida immortal.

Augustin. lib. 6. de Trinit. c. 10.

Genes. 6.

Confirma Santo Ambrosio este pensamento com huma curiosa aduertencia. Repara Santo Ambrosio, que no mesmo instante em que Christo lançou o espirito; se estremeceo a terra: *Simul enim vt emisit spiritum, terra mota est.* Pois que significão as horrendas commoçoens deste elemento; por ventura saõ ameaços da natureza contra os sacrilegos authores da morte de Christo? ou saõ repugnancias da terra que se conhece indigna de agasalhar no seu gremio o corpo do seu Criador? Diz Santo Ambrosio que estas improuisas agitaçoens saõ misteriosos esforços com que a terra procura de lançar de si os mortos, animados jà com a poderosa respiração de Christo moribundo, respira Christo quando morre, pera que os que jà morrerão, respirem, influe os principios

Ambros. libro de fi. de Resurrect.

pios

pios da futura Resurreição com os vltimos alentos da vida, & por isso a terra se commoue como se quizera lançar das sepulturas aquelles cadaueres que jà se hião eximindo da jurisdição da morte, Santo Ambrosio: *Simul vt emisit spiritũ, terra mota est, vt ostenderet se pro nostra resurrectione mortuum*; daqui infiro eu, que se Christo morre respirando, & se respira pera que tornemos a viuer huma vida eterna, mais alentada parece a respiração de Christo com desmayos de moribundo, do que a respiração do mesmo Deos com alentos de immortal, porque aquella vida que Deos immortal communicou a Adão, respirando, foi hum assopro de vida, que se perdeo em hum assopro: *Non permanebit spiritus meus in homine*, mas a vida que hoje Christo moribundo cõmunica aos homens com esta vltima respiração, he tam felice, & tam permanente, que tem por alicerse a gloria, & a eternidade por limite: *Vitæ æternæ munus exhalans*, diz ao meu intento Santo Ambrosio; mas que marauilha he que Christo respire com tam grande alento quando morre, se continua a respirar ainda depois de morto; & na verdade q̃ outra cousa foi a ferida, que Christo depois de morto recebeo no coração, senão huma mysteriosa abertura por onde respirou o amor. Huma ferida feita com hum ferro sutil, & penetrante, não se pòde curar se não se alarga, porque não achando o sangue extrauazado saîda, afoga o coração do ferido; desde a eternidade estaua Deos ferido de amor, & tão sutil foi o instrumento desta ferida, que o mesmo Deos o cõparou com hum cabello: *Vulnerasti cor meum in vno crine colli tui*, o estar pois Deos ferido do amor de huma vil creatura, era o mesmo que se a sutileza de hum cabello, chegara a ferir o coração de hum gigante; Trouxe pois Deos por muito espaço de tempo esta inuisiuel chaga sem lhe applicar remedios, atè que se resolueo a abrila com a ponta dos espinhos, & com o penetrante dos crauos, mas não lhe parecẽdo que estaua ainda bem curado desta amorosa ferida, alargou-a finalmente com o ferro da lança, lançando fôra aquelle

Ambros. lib. 2. de Spirit. sancto.

Cantic. 4.

sangue

sangue extrauasado, que lhe tiraua em certo modo a respiração, & mostrando, como aduirtio S. Bernardo, a inuisiuel ferida do amor, com a inuisiuel ferida do coração: *Patent arcana cordis per foramina pectoris, vt per vulnus visibile, vulnus amoris inuisibile videretur.* Assim respirou Christo ainda depois de morto, sustituindo os alentos do amor, aos desmayos da vida, & ensinando aos homens que o coraçam que ama, só com as penas respira. Na segunda Epistola aos Corinthios, traz S. Paulo à memoria todos os trabalhos que padeceo, os carceres em que o prenderão: *In carceribus abundantiùs*, as feridas com que o magoarão: *In plagis supra modum*, os trabalhos das jornadas: *In itineribus sæpe*, os perigos do mar: *Periculis in mari*, as emboscadas dos ladroes: *Periculis latronum*, os riscos da vida: *In mortibus frequenter*, & depois da enfatica narração dos seus trabalhos, protesta o Apostolo que nunca respirou o seu coração cõ maior alento: *Cor nostrum dilatatum est.* E pois, em tam grandes apertos, naõ se apertou o coração de S. Paulo? não, dilatouse sim de contente, & satisfeito, desabafou com mayor liberdade, & respirou com mais galhardo mouimento: *Cor nostrum dilatatum est*, porque nenhuma cousa he capaz de encolher as azas de hum coração que ama; as angustias o alargaõ, os apertos o dilataõ, & as mesmas oppressoens, que houuerão de lhe occasionar desmayos, corroboraõ a sua respiração: *Dilatatum est cor nostrum, dilatamini, & vos*, continua o Apostolo, Christaõs, naõ desfaleçais de animo nos trabalhos, & não vos affijais com a morte dos amigos, com as perseguiçoens dos contrarios, com a porfia das doenças, & com as desgraças da fortuna, mas com estas penas, augmẽtai as penas ao amor, alentando os voos, & esforçando os alentos: *Dilatamini, & vos.* Este fieis, he hum dos mayores mysterios da Theologia do amor, declarado jà na profana Theologia dos Antigos, em q̃ fingio Platão, que a Deosa da pobreza fora a mãy do amor, nacco o amor nos braços da desgraça, & no gremio da aduersidade, lá começou a respirar,

Bernard. de Pass. cap. 3.

Corint 2. c. 6. n. 14

pirar, & eſtender as azas, myſterioſo jeroglifico de Chriſto no Calvario, onde abre as azas ao amor, no meſmo tempo que eſtende os braços na Cruz. Advirtio S. Ieronymo, que as aues parecem crucificadas, quando voaõ, porque na extenſaõ das azas, repreſentaõ a figura da Cruz: *Aues, quando volant ad æthera, formam Crucis assumunt*; pera a Aguia ſe remontar pera o Ceo, forma a imagem da Cruz alentando os voos com a figura dos tormentos, he o amor de Deos a Aguia dos coraçoens, naõ voa ſe naõ ſe crucifica, & naõ reſpira ſe naõ quando expira: *Emisit spiritum*; mas o Senhor naõ ſó reſpira nos tormentos, como temos viſto neſta primeira parte, ſuſpira o Senhor por mayores tormentos, como veremos na ſegunda, em que ſe deſcobre o ſegundo myſterio da Theologia do amor: *Non judicaui me scire aliquid nisi Iesum Christum, & hunc crucifixum.*

II. PARTE.

Senec. Ep 119. ADmirouſe o Seneca, de que na terra ſe achaſſe hum homem, que ſendo ſenhor de toda a terra, ſuſpiraſſe por alguma couſa mais do que poſſuia: *Inuentus est, qui concupisceret aliquid post omnia*; quem ſeria pois eſte homem taõ monſtruoſamente ambicioſo, que poſſuindo tudo, ſuſpira por alguma couſa, como ſe naõ poſſuira nada? foi Alexandre: *Omnia habet, & plus aliquid appetere denuò incipit Alexander*: chegou Alexandre a ſogeitar ao ſeu poder todos os Imperios, mas parecendolhe pequeno o mundo, que conquiſtara, ſuſpirou por nouos mundos pera fazer nouas conquiſtas, que baſtando pera muitos homens hum mundo, naõ baſtauaõ muitos mundos pera hum Alexandre: *Quod naturæ satis est, homini non est*, conclue o Seneca. Semelhante prodigio a eſte ſe nos offerece na Cruz, pois baſtando pera huma vida, huma morte, parece deſeja Chriſto muitas mortes pera huma vida, ou muitas vidas pera huma morte, ſuſpirando por mayores penas, pera mayores prouas do ſeu amor.

Id. ibid.

Id. ibid.

amor. Duas vezes (se bem aduirtirdes) suspirou o Senhor na Cruz , a primeira quando se queixou do Eterno Pay: *Deus* , *Deus meus, vt quid me dereliquisti* , & na segunda quando proferio estas vltimas palauras: *Consummatum est* , que na versaõ Grega estaõ escritas com ponto de interrogaçaõ, como se dissera o Senhor, suspirando por nouos tormẽtos: *Consummatum est* ? jà estaõ acabadas as minhas penas? jà naõ tenho mais nada que sofrer? *Consummatũ est* ? Mas *Ioan. 19 v. 30* que significão estes dous suspiros de Christo na Cruz? significaõ o desejo que o Senhor tem de padecer dous generos de tormentos, que lhe faltauaõ pera o complemento da sua Paixaõ, porq̃ todas as partes do sagrado corpo de Christo, hauiaõ padecido o seu particular tormento; pera a cabeça houue espinhos, cordas, & crauos pera as maõs, grilhoẽs, & crauos pera os pès, cadeas pera os braços , bofetadas pera as faces, vendas pera os olhos, açoutes pera as costas , & o madeiro da Cruz pera os hombros , porèm em hum tam grande numero de tormentos, ainda ficauaõ duas partes do corpo de Christo sem tormento , a saber, a lingoa, & o coraçaõ, ao tormento pois destas duas partes, até entaõ illezas, anhelou o Senhor com estes dous mysteriosos suspiros; primeiramente suspirou pello tormento da lingoa , Dizendo: *Deus, Deus meus, vt quid me dereliquïsti* , porque na opiniaõ de S. Cypriano, & de Santo Agostinho, com estas palauras, naõ se queixou o Senhor do desemparo da Diuindade, que a Diuindade era inseparauel da pessoa de Christo, mas queixouse o Senhor de que atè entaõ naõ houuesse tormentos pera a lingoa, o que parece consta do mesmo sentido litteral das palauras: *Quare dereliquisti me* ? como se dissera a lingoa de Christo queixandose do Eterno Pay , Senhor fauorecestes todas as partes do corpo de Christo com particulares tormentos, só eu fiquei atè agora intacta, sem pena, & sem dôr, pois que razaõ hauerà pera eu lograr hũa izençaõ tam prejudicial à minha gloria, & tam opposta aos meus desejos: *Quare dereliquisti me* ? mas logo foi deipa-

chada a petição da lingoa. porque no mesmo instante, que acabou de fazer a sua queixa, acudio hum soldado com huma esponja cheа de amarguras, oferecendo fel, & vinagre a esta sagrada lingoa: *Deus, Deus meus, vt quid dereliquisti me?* *& continuò currens vnus ex eis, acceptam spongiam implenit aceto, & dabat ei bibere*, ex ahi como Christo suspirou pello tormento da lingoa, vejamos agora como suspirou o Senhor pella ferida do coraçaõ.

Math. 14 n 46 & 48.

Supposto o que jà tenho dito, que estas vltimas palauras de Christo na Cruz: *Consummatum est?* escritas no Grego com ponto de interrogação, foraõ huma especiede pergunta que Christo fez aos Iudeos, como se dissera, jà està o vosso furor aplacado? jà naõ hei de receber mais feridas? *Consummatum est?* Diz S. Cypriano neste lugar, que Christo com esta pergunta solicitara aos Iudeos a que lhe ferissem o coraçaõ, que atè então ficàra illezo: *Adhuc cruciari sitiens dixit, consummatum est? ergo pro corde finiere tormenta?* que he isto? diz o Senhor suspirando por mayores tormentos; naõ hauerà feridas pera este coração, que me palpita no peito impaciente de derramar as vltimas gotas de sangue que o animão: *Ergo pro corde finiere tormenta?* Oh acabai jà de empregar a lança nesta fonte da vida, pera que a vida acabe de se apartar da sua fonte; esta pois na opinião de S. Agostinho, he a rezaõ porque Christo inclinou a cabeça pera o peito, como se quizera apontar ao Centuriaõ o lugar destinado pera a ferida que desejaua: *Inclinato capite vocauit Longinum*, & Santo Athanasio, *caput inclinauit, vt videret an maiora adessent amaritudinum fluenta*; mas naõ chegou o Senhor a ver este seu desejo satisfeito, porque naõ recebeo a ferida no coraçaõ senaõ depois de morto, quando jà extinctos todos os sentidos, naõ hauia lugar pera o sentimento; porèm suprio o Senhor com postumos sentimentos a falta da dôr, por que suspiraua na vida, porque se naõ sentio o golpe da lança, chorou de sentimento de o naõ sentir, acõpanhãdo ao sangue com lagrimas, que na opiniaõ de Theo-

doreto, aquella agoa que sahio da ferida do lado, erão lagrimas, com que o Senhor chorou em certo modo de não sentir dór alguma desta vltima ferida: *Exiuit sanguis, & aqua, agnosce in aqua lachrimas*; notauel successo de todas as mais feridas do corpo do Senhor, da cabeça coroada com espinhos, das maõs encrauadas, & dos pès trespassados, sahio sangue puro sem mistura de agoa, porque? porque erão feridas que causarão a Christo huma dôr excessiua; só da ferida do coracão sahio agoa misturada com o sangue, porque nenhuma dôr causou a Christo esta ferida; alegrouse o Senhor com as mais feridas, porque as sentio, & por isso mostrou na pureza do seu sangue a viueza da sua alegria, mas da ferida do coração, sahio sangue misturado, sangue agoado, sangue lagrimoso, porque era ferida sem dôr, & pareceo tam grande em Christo o desejo de padecer, que deu principio ás lagrimas, quando se poz fim às dores: *Exierunt sanguis & aqua, agnosce in aqua lachrimas.* Daqui se tira por infaliuel consequencia da Theologia do amor, que não respira com alentos de amante o coração, que por continuas penas não suspira; não basta sofrer penas transitorias por amor de Deos, hauemos de desejar, que se perpetue o sofrimento, pera que se eternize o amor. Que valerosamente defendeo S. Paulo o riguroso axioma desta Theologia nos sotterrancos horrores da sua prizão: estando S. Paulo prezo nos carceres da Cidade de Felipe em Macedonia, pella meia noite tremeo a terra, abrirãose as portas da prizão, quebrarãose as cadeas, despedaçarãose os grilhoens, ao estrondo pois deste prodigioso acontecimento, acordou o carcereiro, leuantouse de ancioso, vio as portas da prizão abertas, & imaginando que S. Paulo lhe fugira das mãos, com furor de desesperado poz mão à espada pera se matar. *Theodor. n. 10. 15.*

Mas logo acudio S. Paulo, pedindo ao carcereiro, q̃ suspendesse o golpe; tem mão, furioso homicida, embainha a espada, & não imagines, que solicitei a fugida pera que se castigasse o teu descuido, porque ainda estou neste carcere

debaixo da tua jurisdição: *Nihil tibi mali feceris, vniuersi enim hic sumus*; & como, deixouse S. Paulo ficar na prizão com portas arrombadas, com cadeas soltas, & com os grilhoens em pedaços? Sim, porque na prizão estaua S. Paulo prezo com os vinculos do amor, que lhe embargàrão os passos â fogida, no mesmo tempo, que se soltàrão as cadeas da justiça. Assim recuzou o Apostolo a liberdade que o Ceo lhe offerecia, pera dilatar o catiueiro em que o puzera o amor, & suspirando por mayores tormentos, ficou no carcere, até que os ministros da justiça conuertidos â vista do milagre, o tomarão por força, & o tirarão daquellas angustias em que se dilatava a esfera do amor com a permanencia do sofrimento: *Miserunt magistratus, vt dimittamini, nunc igitur exeuntes ite in pace, Paulus autem dixit eis non ita, sed veniant, & ipsi nos ejiciant.* Assim obra, quem assim ama, assim obra pera a perpetuidade das penas, quem assim ama pera a eternidade das finezas; mas não assim obramos nòs nas tribulaçoens que Deos nos manda, ou pera proua do nosso amor, ou pera castigo dos nossos peccados, pois buscamos aliuio nas queixas, desafogos na impaciencia, remedios na desesperação, & com criminosos artificios procuramos de nos tirar da Cruz dos nossos trabalhos, não reparando q̃ Christo Senhor nosso nunca quiz decer da Cruz, nem à instancia dos verdugos, que nella o puzerão, mas antes affirma o Padre Tauleiro, que se fora possiuel, & se o Eterno Pay o consentira, ficâra o Senhor pregado na Cruz atè o dia do juizo, pera que só com o fim do mundo acabassem os seus tormentos: *Etenim si fieri posset, & si patri gratum foret, ad extremum judicij diem in hisce miserijs doloribusque pendere optarem*; como se dissera o Senhor, tam estremado he o desejo que tenho do continuo augmẽto das minhas penas, que se dependera da minha vontade, quizera que em quanto corrẽ os rios pera o mar, corressem das minhas veas rios de sangue pera a terra, desejàra que se não tirassem dessas mãos os crauos, senão quando no dia do juizo cairão do

Act. Ap. 16. n. 17.

Ioannes Tauler. de passion. Domini.

Ceo

Ceo as Estrellas, quizera que nesta cabeça permanecessem os espinhos em quanto brotarão as plantas dos campos em flores,& desejàra de ficar dependurado nesta Cruz, em quãto ficarà a terra suspendida no meyo do mundo ; que outra cousa pois significa este meu excessiuo desejo de padecer, senão o excesso do meu amor: *Quid enim æstuantissima hæc sitis mea loquitur, nisi flagrantissimum amoris mei incendiũ?* Respirou o Senhor nos tormentos , como temos visto na primeira parte, suspirou por mayores tormentos como acabamos de ver na segunda, vejamos na terceira como o Senhor expirou no meyo dos tormentos: *Emissâ voce magna expirauit.* *Tauleir. ibid.*

III. PARTE.

QVe discreto, que eloquente, & que entendido he o amor! todos os Mestres, todos os Letrados, & todos os liuros, naõ pòdem ensinar aos homens em todo o tempo da vida, hũa sciencia que o amor he capaz de ensinar aos seus sequazes na primeira lição , & no primeiro instante ; mas que sciencia he esta, que o amor em tam breue tempo ensina? he o desprezo da propria vida ; não pódem os mais agudos Filosofos, nem os mayores Theologos do mundo , persuadir a hum homem a que na primauera dos annos, se desfaça da vida,& se entregue à morte , só aquelle que tiuer ao amor por mestre, no mesmo tempo que sentir o ardor das suas lauaredas no coração, renderâ o entendimento à força das suas razoens, offerecendo a vida pella pessoa a que ama: *Vt vitam contemnere discamus, vix satis est tota vita, hæc difficilis doctrina, prima amoris rudimenta sunt* ; sô quem souber amar, saberá sacrificar ao amigo a vida, porque só pera o sacrificio da vida, se erigio o Altar do amor, por que razão imaginais, dizia o Seneca, que desejo ter neste mundo hum amigo : *In quid amicum paro?* vou buscando neste mundo hum amigo pera lhe consagrar a vida que logro, viuo pera amar, & amo pera morrer, que só quem ama o morrer, mostra que nelle *Euseb. Nierèb. strom. sac. 7. n. 44.*

viue

Senec. Ep. 9. viue o amor: *In quid amicum paro? vt habeam pro quo mori possim.* Em definir qual he a mayor fineza do amor, grandes engenhos se cançârão com mayor sutileza, que acerto; só aquelle que soube amar com a mayor fineza, soube definir em que consiste a mayor fineza do amor: *Maiorem hâc dilectionem nemo habet* (diz Christo no Euangelho) *vt animam suam ponat quis pro amicis suis*; o mais valente acto do amor he morrer pella pessoa que se ama, esta he a definição da mayor fineza, confirmada com a authoridade do mais fino amante; mas pergunto eu agora, por que razão o sacrificio da vida he a mayor fineza do amor; respondo, o sacrificio da vida he hum donatiuo que não se póde restituir, na impossibilidade desta restituição se estriba a victoria do amor, porque dando ao amigo, o que o amigo não me póde tornar a dar, impossibilito o agradecimento com que se houuera de desempenhar da diuida, em que me está; não assim a fazenda, a liberdade, & a honra, porque saõ donatiuos que com o tempo se pódem restituir com mayores augmentos; dou a fazenda, entrego a liberdade, & sacrifico a honra, mas quando dou a fazenda, posso prezumir de a tornar a cobrar, quando entrego a liberdade, tenho esperanças de a tornar a recuperar, & quando sacrifico a honra, não desespero de a poder hum dia alcançar, mas huma vez que cheguei a sacrificar a vida, perdi todas as esperanças da restauração desta perda; verdade he que o amigo a quem offereci o sacrificio da minha vida, me póde fazer hum sacrificio da sua, não me póde porèm restituir aquella vida de que me desfiz, por isso disse là Quintiliano, encarecendo a fineza de hum amigo, q̃ por outro morrera, que se desfizera de hum bem que se lhe não podia tornar a restituir: *Dedit beneficium, quod nunquã reciperet*, & assim fica prouado, que o mayor aléto do amor está naquelle vltimo suspiro da vida, com que o amigo apaga em certo modo as lauaredas, com que a pessoa amada houuera de ostentar os reciprocos incendios do seu amor no cabal desempenho de seu agradecimento: *Maiorem hâc dile-*

Ioan. 15. v. 13.

Quintil. declam. 9.

ctio-

Eiionem nemo habet, vt animam suam ponat quis pro amicis suis. Ioan. 15. v. 13.

Supposto pois, que na impossibilidade, que ha, em restituir a hum defunto a vida, se cifra toda a gloria de hum amante, claro está que o amor de Christo sobio ao auge da fineza, quando Christo sobio ao Altar da Cruz, em que sacrificou a vida: *Dedit beneficium quod nunquam reciperet.* Inuestigando pois eu a razão, porque os homens fazem tão pouca estimação desta tão estremada fineza, acheí que este ingrato desprezo se origina da igualdade com que Christo por amor de todos morre; se Christo pera huns morrera, & pera outros não, tiuera esta fineza maior credito na opinião do mundo, pella singularidade com que se obrara, mas porque Christo morre por todos sem excituara ninguem, ninguem parece, faz caso de hum beneficio tão commum, que como aduirtio Seneca, saõ os homens tão neciamente auarentos dos bens que logrão, que não estimão suas, as prerogatiuas que outros possuem, como se com o logro alheo, se diminuira a propria satisfação: *Stulta mortalium auaritia possessionem, proprietatemque discernit, nec quisquam suum esse credit, quod publicum est.* Sen. ec. Ep. 34. Na estimação dos homens, não parece digno de estimação, o beneficio que a todos se communica, se o Sol não alumeara mais que a huma só prouincia do mundo, & se a terra não produzira alimentos mais que pera o sustento de huma só familia, que agradecida se mostrara esta prouincia ao Sol, & que obrigada fora esta familia à terra, mas porque o Sol alumea todas as partes do mundo, & a terra sostenta todos os seus habitadores, ninguem poem os olhos no Sol, agradecido à liberalidade dos seus resplandores, & todos pizaõ a terra como desprezando a abundancia dos frutos, em que para mor de todos, se desentranha. Esta, meu Deos, he a excelente imperfeição, que a cega ingratidão dos homens acha na vossa morte, se só pellos grandes, & potentados da terra, morrereis, & se por huma só nação derramareis o sangue, maior credito adquiria

a effusão do vosso sangue na opinião do mundo, mas porque morreis, tanto pollos Judeos, como pollos Christãos, pollos Gentios, pollos Barbaros, pollos Turcos, pollos Hereges, pollos predestinados, & pollos prescitos, & geralmente por todos, ninguem parece faz estimação de hum beneficio tão commum, não aduirtindo que em morrendo por todos os homens em geral, naõ vos fica menos obrigado cada hum de nós em particular, que se por cada hum de nòs em particular, sacrificareis a vida; Christãos, desejara de vos imprimir esta verdade no coraçaõ pera perpetuo incentiuo do vosso agradecimento; de maneira que piamente presumo da infinita misericordia de Iesu Christo, que por qualquer de nos morrera este amoroso Senhor com tão grande amor, como pella vniuersal Redempção de todo o mundo; tenho a proua no Euangelho: depois da Resurreição penetrou o Senhor as portas do Cenaculo, em que estauão os Apostolos congregados, & chegandose a Thomè que entre todos os alumnos daquelle sagrado Collegio era vnico na obstinação, & na incredulidade, disselhe com amorosos accentos, que lhe meteste os dedos nas chagas das maõs, & a mão na ferida do lado: *Infer digitum tuum huc, & mitte manum tuã, in latus meum*; que he isto, meu Deos, parece que obrais contra os priuilegios de immortal, permitindo que se abraõ outra vez as vossas chagas, & que se tornem a renouar as vossas feridas? se estas feridas já se abrirão no Caluario, porque rezão procurais, que se tornem a romper no Cenaculo? mas já entendo a rezão; no Caluario, se abrirão as chagas de Christo polla Redempção de todos os homens em geral, mas no Cenaculo, quer Christo, que se tornem a abrir estas chagas polla conuersaõ de hum Apostolo em particular, & desejando Christo desofrer só por amor de Thome, os tormentos, que já sofreo por amor do mundo, mostra que não he menos sollicito da conuersaõ de hum só pecador, que da saluação de todos; logo se Christo passiuel morreo por amor de todos no Caluario, Christo impassivel torne por amor

de

de hum particular, arenouar os caracteres da morte no Cenaculo, admiraúelmente S. Pedro Chriſologo ao meu intẽto: *Thomas Apoſtolus, vt Chriſtum Deum crederet, immiſit manum, injecit digitos, patefecit vulnera, & vt Chriſtum crederet, iterum pati compulit Chriſtum.* Chriſtaõs, aprendamos daqui, que Chriſto Senhor noſſo, aſſim morre pera todos em geral, como ſe morrera pera cada hum de nos em particular, aſſim ſomos todos amados, que cada hum ſe pòde ter por preferido, porque na Cruz de ſorte nos abraça Chriſto a todos com igualdade, como ſe a cada hum de nos eſtimara com preferencia. Chriſolog. Serm. 35.

Supoſta eſta tão vniuerſal, & taõ ſingular fineza de Chriſto na Cruz, vejamos como ſe pòde o noſſo amor ſingularizar no agradecimento deſta fineza. A maior finẽza do amor (como já tenho prouado) he ſacrificar a vida pella peſſoa que ſe ama: com eſte cruento ſacrificio procuraraõ os martyres de ſe deſempenhar em algum modo das infinitas obrigaçoens, que tinhão ao Redemptor do mundo; offereceraõ a cabeça às eſpadas, o peito às ſettas, os pés aos grilhoens, as mãos às cadeas, o corpo aos patibulos, & a vida aos tormentos; inundaraõ os theatros com as correntes do ſeu ſangue, ſaciaraõ com ſuas carnes a voracidade das feras, & lançados no fogo, cobrirão com ſuas cinzas a terra, oſtẽtando com as palmas do martirio, os trofeos do amor; Beni afortunados martyres, que na crueldade dos tirannos achaſtes o deſempenho do voſſo agradecimento! triſtes de nòs, que por falta de verdugos, faltamos às correſpondencias de agradecidos, mas ſupra o amor a falta dos tirannos, ſeja o meſmo amor o inuentor das noſſas penas, & o artifice dos noſſos tormentos, & jà que não ſomos dignos de acabar no martirio a vida, aparelhemonos a ver o retrato de Chriſto crucificado, que pera hum coração que ama, naõ ha maior martirio, que ver ao amoroſo Ieſu pregado em huma Cruz: Reparo que nenhum dos que aſiſtirão à morte de Chriſto padeceo o martirio. S. Pedro S. Paulo, Santo Andre, & S.

Iacome, com aquelles Apostolos, que não se acharão presentes à morte do Senhor, forão martirizados; pello contrario a Virgem Senhora nossa, a Magdalena, & o Euangelista, que assistirão a este sanguinolento espectaculo, não morrerão martirizados: *Nullus eorum qui ad Crucem domini adstitisse memoratur, martyrij posteà gladio percussus occubuit.* Mas sea Virgem, era Máy de Christo, se a Magdalena era a sua mais querida espoza, & se o Euangelista era o discipulo mais amado, porque rezão, não permitio o Senhor que estas tres pessoas que com maior desuelo o amauão, acreditassem a valentia do seu amor nos tormẽtos de hũ riguroso martirio? Eis aqui a rezão; assistirão estas tres pessoas ao pe da Cruz no Caluario, & que maior martirio podia hauer pera huma máy tão amorosa, como a Virgem, do que ver os estragos do corpo de seu filho na Cruz? que maior tormento podia sentir huma espoza tão querida, como a Magdalena, do que ver a belleza de seu espozo, desfigurada, & que mais excessiua pena podia sofrer hum discipulo tão amado, como o Euangelista, do que ver a lingoa de seu diuino Mestre, em mudecida? Aos Apostolos, que não assistirão à morte de Christo, foi preciso o martirio pera proua do seu amor, mas aos que virão a Christo morrer, seruio esta funebre vista, de martirio, quanto mais inuisiuel, mais riguroso: *Adeo vehemens fuit illis Crucis gladius, adeoque piarum animarum teneritudinem trãsueberauit, vt fuerit illis pro martirio computatus.* Logo, se não ha maior martirio pera huma alma, que ama a Iesu Christo, do que ver este diuiuino espozo das nossas almas pregado em huma Cruz, siruanos esta lastimosa vista, de martirio, & fazendo o amor com pia crueldade o officio de verdugo, sustitua as lagrimas dos olhos ao sangue das veas, pera que vejamos o retrato de Christo crucificado com huma dor deuida a huma tão luctuosa representação; vede Christãos o retrato do vosso Deos, & correspondei com o sentimento mais viuo ao vosso bom Jesus morto, se se vos representara vosso Pay com o coração ferido, & se se vos puzera

Paul. de Palac. c 27. in Matth.

Id. Ibid.

Mostrase o passo.

diante

diante dos olhos, vosso irmão, com os pés trespassados, não estalàra o vosso coração com dôr, vendo as feridas de vosso irmão, & as chagas de vosso pay? mas muito mais digna de compaixão he a morte do vosso Deos, que sendo vosso pay no estado da natureza, & vosso irmão no estado da graça, todas estas penas sofre pera vos restituir à custa do seu sangue, os bens da graça, & da natureza? Oh! meu Iesu, & meu Redemptor, quanto deuemos às finezas do vosso amor, & com quanta ingratidão corespondemos a estas finezas? Respiraste nos tormentos, tomando as maiores penas por aliuio, & não respiramos senão nos aliuios, tomando as menores penas por tormento; suspiraste por maiores tormentos, & nós só pellos gostos da vida suspiramos, expiraste finalmente no meio dos tormentos, eternizando a fineza com o fim da vida, & he a nossa cegueira tão grande, que desejamos de perpetuar a vida, só pera que se eternize a culpa. Christaõs, abramos os olhos pera nos emendar, jà que Christo fechou os olhos pera não ver os nossos peccados, & se nos não moue a piedade, obriguenos o receo da nossa condenação, considerando que Christo julgarà ao mundo, com esta mesma Cruz com que o remio? Oh meu Deos! não permitais, que se malogrem em nòs, os trabalhos da vossa vida, & os merecimentos da vossa morte, & pera este effeito, ponde os olhos da vossa misericordia, nestas almas remidas com o vosso precioso sangue, misericordia meu Deos, misericordia meu Iesu, misericordia nesta vida, & gloria na outra. *Ad quam nos perducat, &c.*

INDEX.

DOS LVGARES DA SAGRADA Escritura.

Ex Genesi.

CAP. I. *n.* 1. *In principio creauit Deus cælum, & terram. p.* 8. & 16.
Ibid. *n.* 2. *Spiritus Domini ferebatur super aquas p.* 104. 117.
Ibid. *Tenebræ erant super faciem abyssi. p.* 155.
Ibid *n.* 3. *Dixit Deus fiat lux. p.* 189.
Ibid. *n.* 4. *Diuisit lucem à tenebris. p.* 44.
Ibid. *n.* 6. *Diuisit aquas ab aquis. p.* 44.
Ibid. *Fiat firmamentum in medio aquarum p.* 116.
Ibid. *n.* 11. *Producat terra herbam virentem, lignumque pomiferum faciens fructum p.* 185.
Ibid *n.* 17. *Posuit ea in firmamento cæli, vt lucerent super terram, & præssent. p.* 224.
Ibid. *n.* 27. *Fecit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam p.* 41. 167. 208.
Cap. II. *n.* 1. *Requieuit die septimo ab vniuerso opere, quod patrarat p.* 220. 293.
Ibid. *n.* 7. *Inspirauit in faciem ejus spiraculum vitæ p.* 276.
Ibid. *Factus est homo in animam viuentem. p.* 205.
Ibid. *n.* 11. *Nomen vni Phison, ipse est qui circuit terram Heluiath, vbi nascitur aurum. p.* 65.
Ibid. *n.* 17. *Morte morieris. p.* 245.

Ibid.

Ibid. *n.* 19. *Adduxit ea ad Adam, ut vocaret ea p.* 255.
Ibid. *n.* 23. *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea, quam ob rem relinquet homo patrem, & matrem, & adhæreb t uxori suæ. p.* 159.
Cap. III. *n.* 1. *Cur præcepit vobis Deus p.* 231.
Ibid. *n.* 16. *Fecit Deus duo luminaria magna. p.* 275.
Ibid. *n.* 5. *Eritis sicut Dij scientes bonum, & malũ. p.* 219. 220
Ibid. *n.* 6. *Vidit mulier quod esset pulchrum. p.* 245.
Ibid. *n.* 8. *Cumque audisset vocem domini Dei, abscondit se Adam p.* 45.
Ibid. *n.* 9. *Adam ubi es? p.* 144. 229.
Ibid. *n.* 18. *Spinas, & tribulos germinabit tibi. p.* 313.
Cap. IV. *n.* 7. *Nonne si bene egeris recipies, si autem male, statim in foribus peccatum aderit. p.* 337.
Ibid. *n.* 10. *Vox sanguinis Abel clamat ad me de terra. p.* 74. 232.
Ibid. *n.* 21. *Erat pater canentium cithara. p.* 255.
Cap. VI. *n.* 3. *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est. p.* 351.
Cap. IX. *n.* 13. *Erit signum fœderis inter me, & inter terram. p.* 113.
Cap. X. *n.* 9. *Nembroth robustus venator. p.* 215.
Cap. XXII. *n.* 16. & 17. *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut Stellas Cœli. p.* 57.
Cap. XXVIII. *n.* 12. *Vidit Iacob scalam, summitas ejus cœlos tangebat. p.* 46.
Cap. XLIV. *n.* 10. *Apud quemcumque fuerit inventum moriatur. Fiat juxta sententiam vestram, ipse erit servus meus. p.* 7.
Cap. XLVII. *n.* 29. *Facies mihi misericordiam, & veritatem. p.* 139.
Cap. L. *n.* 25. *Asportate ossa mea vobiscum. p* 139.

Ex

Ex Exodo.

Cap. III. *n.* 2. *Apparuit Dominus de flama ignis in medio rubi. p.* 308.
Ibid. *Ardebat, & non comburebatur. p.* 183.
Ibid. *n.* 5. *Solue calceamentum de pedibus tuis. p.* 184.
Cap. VII. *n.* 10. *Tulit Aaron virgam coram Pharaone. pag.* 295.
Ibid. *n.* 13. *Induratum est cor Pharaonis p.* 88.
Ibid. *n.* 16. *Dimitte populum meum. p.* 11.
Ibid. *Vt sacrificet mihi. p.* 14.
Ibid. *n.* 19. *Tolle virgam tuam. p.* 295.
Ibid. *n.* 21. *Constitui te Deum Pharaonis. p.* 29. 62.
Cap. XII. *n.* 13. *Erit vobis sanguis in signum, nec erit in vobis plaga disperdens. p.* 26.
Cap. XVII. *n.* 6. *Stabo ibi super petram, & exibit ex ea aqua, vt bibat populus. p.* 32.
Ibid. *n.* 9. *Habens virgam Dei in manu mea. p.* 295.

Ex Leuitico.

Cap. VI. *n.* 12. *Ignis autem in altari semper ardebit. p.* 142.

Ex Numeris.

Cap. XI. *n.* 14. *Non possum sustinere omnem hunc populum. p. p.* 299.
Ibid. *n.* 15. *Obsecro vt interficias me. p.* 298.
Cap. XXIV. *n.* 17. *Orietur Stella ex Iacob. p.* 47.

Ex Deuteronomio.

Cap. XI. *n.* 24. *Omnis locus quem calcauerit pes vester, vester erit. p.* 197.

Ex libro Iudicum.

Cap. V. *n.* 20. *Stellæ manentes in cursu, & ordine suo, aduersus Sisaram pugnauerunt. p.* 178.
Cap. IX. *n.* 8. *Ierunt ligna vt vngerent super se Regem, dixerunt oliuæ, impera nobis. p.* 318.
Ibid. *n.* 11. *Nunquid possum deserere dulcedinem meam, fructusque suauissimos. p.* 319.
Ibid. *n.* 14. *Dixerunt omnia ligna ad Rhamnum, veni, & impera super nos.* Ibid.

Cap. XI. *n.* 29. *Factus est ergo super Iephte spiritus Domini, & votum vouit Domino. p.* 57.

Ex lib. I. Regum.

Cap. II. *n.* 8. *Domini sunt cardines terræ, & posuit super eos orbem. p.* 30.

Cap. IV. *n.* 11. *Arca Dei capta est. p.* 173.

Ibid. *n.* 18. *Cecidit retrorsum, & mortuus est.* Ibid.

Cap. XIV. *n.* 5. *Vnus scopulus prominens ad Aquilonem, & alter ad meridiem. p.* 136.

Idid. *n.* 13. *Ascendit autem Ionathas pedibus, & manibus reptans.* Ibid.

Ibid. *n.* 15. *Et factum est miraculum in castris. p.* 129.

Ex lib. III. Regum.

Cap. IV. *n.* 28. *Tolle baculum meum. p.* 241.

Ibid. *n.* 31. *Non surrexit puer.* Ibid.

Cap. VI. *n.* 9. *Ædificauit Salomon domum, & consummauit eam. p.* 301.

Cap. XIII. *n.* 3. *Altare scissum est, & effusus est cinis de altaxi. p.* 332.

Cap. XX. *n.* 35. *Percute me. p.* 68. 69.

Ex lib. IV. Regum.

Cap. XI. *n.* 12. *Posuit super eum diadema, & testimonium. p.* 320.

Ex lib. Esther.

Cap. V. *n.* 6. *Quæ est petitio tua, Esther, vt tibi detur. p.* 282.

Ex lib. Iob.

Cap. III. *n.* 14. *Ædificant sibi solitudines. p.* 294.

Cap. VII. *n.* 17. *Ventus est vita mea. p.* 248.

Cap. XVI. *n.* 19. *Terra, ne operias sanguinem meum. p.* 297.

Cap. XIX. *n.* 22. *Quare persequimini me sicut Deus. p.* 311.

Cap. XXXVIII. *n.* 22. *Numquid ingressus es thesauros nius. p.* 202.

Cap. XLI. *n.* 9. *Oculi ejus vt palpebræ diluculi. p.* 100.

Ex Psalmis.

Ps. VII. *n.* 12. *Deus fortis, & patiens. p.* 168.

Pſ. XI. *n.* 7. *Filius meus es tu, ego hodie genui te. p.* 19.
Pſ. XVII. *n.* 34. *Perficit pedes meos tanquam ceruorum. p.* 151.
Ibid. *n.* 43. *Conſtitues me in caput gentium. p.* 305.
Pſ. XXI. *n.* 11. *De ventre matris meæ, Deus meus es tu. p.* 211.
Ibid. *n.* 15. *Sicut aqua effuſus ſum. p.* 116.
Pſ. XXIV. *n.* 4. *Vias tuas, Domine, demonſtra mihi. p.* 323.
Pſ. XXXI. *n.* 4. *Conuerſus ſum in ærumna mea, dum configitur ſpina. p.* 307.
Pſ. XXXII. *n.* 9. *Ipſe mandauit, & creata ſunt. p.* 6.
Ibid. *n.* 6. *Verbo Domini Cæli firmati ſunt, & ſpiritu oris eius, omnis virtus eorum. p.* 247.
Pſ. XXXIV. *n.* 15. *Congregata ſunt ſuper me flagella, & ignoraui. p.* 300.
Pſ. XXXVII. *n.* 5. *Iniquitates meæ ſupergreſſæ ſunt caput meum, & ſicut onus graue grauatæ ſunt ſuper me. p.* 333.
Ibid. *n.* 14. *Sicut mutus non aperiens os ſuum. p.* 163.
Ibid. *n.* 18. *Ego autem in flagella paratus ſum, & dolor meus in conſpectu meo ſemper. p.* 291.
Pſ. XXXVIII. *n.* 6. *Subſtantia mea tanquam nihilum ante te. p.* 199.
Pſ. XXXIX. *n.* 9. *In capite libri ſcriptum eſt de me, vt facerem voluntatem tuam, Deus meus volui. p.* 210.
Pſ. L. *n.* 12. *Cor mundum crea in me Deus. p.* 203.
Pſ. LV. *n.* 10. *In quocunque die inuocauero te, ecce cognoui, quia Deus meus es. p.* 269.
Pſ. LXVIII. *n.* 3. *Veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me. p.* 131. & 294.
Ibid. *n.* 26. *Tu ſcis improperium meum. p.* 170.
Pſ. CI. *n.* 27. *Omnes ſicut veſtimentum veteraſcent. p.* 256.
Pſ. CX. *n.* 4. *Memoriam fecit mirabilium ſuorum, eſcam dedit timentibus ſe. p.* 84.
Pſ. CXVIII. *n.* 113. *Os meum aperui, & attraxi ſpiritum. p.* 350.

Pſ. CXXIV. *n.* 2. *Dominus in circuitu populi ſui. p.* 124.
Pſ. CXXXI. *Juravit Domino, votum vovit Deo Jacob. p.* 211.
Pſ. CXXXV. *n.* 6. *Qui firmavit terram ſuper aquas. p.* 116.

Ex Prouerbijs.

Cap. XXIII. *n.* 2. *Quando ſederis, ut comedas cum Principe, statue cultrum in gutture tuo. p.* 78.

Ex Eccleſiaſte.

Cap. XXXII. *n.* 5. *Præcordia fatui quaſi rota carri. p.* 301.

Ex Sapientia.

Cap. II. *n.* 8. *Coronemus nos roſis, & non prætereat nos flos temporis. p.* 322.
Cap. VII. *n.* 8. *Diuitias nihil eſſe duxi in cõparatione illius. p.* 11.
Ibid. *n.* 26. *Speculum Majeſtatis Dei. p.* 85.
Cap. XIV. *n.* 13. *Neque enim ab initio erant idola. p.* 82.

Ex Canticis.

Cap. I. *n.* 7. *Dic mihi ubi paſcas in meridie. p.* 120.
Cap. II. *n.* 1. *Ego flos campi. p.* 165.
Cap. IV. *n.* 9. *Vulneraſti cor meum amica mea ſponſa. p.* 137.
Ibid. *In uno crine colli tui. p.* 138. 352.

Ex Eccleſiaſtico.

Cap. XXIV. *n.* 7. *Thronus meus in columna nubis. p.* 250.

Ex Iſaia.

Cap. VII. *n.* 11. *Pete tibi ſignum. p.* 270.
Ibid. *n.* 12. *Et dixit Achaz, non petam, & non tentabo Dominum.* Ibid.
Cap. XI. *n.* 1. *Flos de radice ejus aſcendet. p.* 83.
Cap. XIV. *n.* 13. *Sedebo in monte teſtamenti. p.* 220.
Cap. XXXIII. *n.* 7. *Angeli Pacis amarè flebant. p.* 163.
Cap. LVII. *n.* 4. *Languores noſtros ipſe tulit, & dolores noſtros ipſe portauit. p.* 110.

Ex Hieremia.

Cap. II. *n.* 18. *Non taceat pupilla oculi tui. p.* 174.

Ex

Ex Ezechiele.
Cap. VIII. *n.* 16. *Dorsa habentes contra templum, & facies ad Orientem. p.* 101.
Ex Daniele.
Cap. I. *n.* 12. *Cum ablatum fuerit juge sacrificium. p.* 15.
Cap. V. *n.* 5. *Aparuerunt digiti quasi manus hominis scribentis. p.* 66.
Cap. VII. *n.* 16. *Accessi ad unum de assistentibus, & veritatem quærebam de omnibus his, qui dixit interpretationem sermonum. p.* 50.
Ex Joele.
Cap. II. *n.* 31. *Sol convertetur in tenebras, & Luna in sanguinem. p.* 77.
Ex Sophonia.
Cap. I. *n.* 7. *Silete à facie Domini, quia præparavit Dominus hostiam. p.* 162.
Ex Zacharia.
Cap. I. *n.* 2. *Iratus est Deus. p.* 214.
Cap. IV. *n.* 4. *Quid sunt hæc Domine mi. p.* 50.
Ex lib. II. Machabæorum.
Cap. I. *n.* 22. *Non invenerunt ignem, sed aquam: Accensus est ignis magnus, ita ut omnes mirarentur. p.* 104.
Ex D. Matthæo.
Cap. II. *n.* 9. *Stetit supra, ubi erat puer. p.* 182. 201.
Cap. III. *n.* 3. *Ego vox clamantis in deserto. p.* 45.
Ibid. *n.* 5. *Exibat ad eum Hierosolima, & omnis Judæa, & omnis regio circa Jordanem. p.* 52. 53.
Ibid. *n.* 17. *Hic est filius meus dilectus, ipsum audite. p.* 115. 245.
Cad. IV. *n.* 1. *Ductus est in desertum à spiritu. p.* 21.
Cap. IV. *n.* 5. *Assumpsit eum Diabolus. p.* 215.
Cap. V. *n.* 12. *Merces vestra copiosa est in Cælis p.* 41.
Ibid. *n.* 14. *Vos estis lux mundi. p.* 176. *& seqq.*
Cap. VIII. *n.* 13. *Sanatus est puer in illa hora. p.* 113.
Ibid. *n.* 27. *Qualis est hic, quia venti & mare obedirent ei. p.* 131.

Cap. XI. *n.* 10. *Ecce ego mitto Angelum meum. p.* 66.
Ibidem. *n.* 11. *Inter natos mulierũ non surrexit major Ioanne Baptista. p.* 62.
Ibid. *n.* 18. *Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati estis. p.* 333.
Cap. XII *n.* 14. *Exeuntes autem Pharisæi consilium fecerũt aduersus eum. p.* 334.
Cap. XIV. *n.* 13. *Quod cum audisset Iesus secessit in desertum. p.* 77.
Ibid. *Ascendit in montem solus orare. p.* 115.
Cap. XV. *n.* 2. *Quare discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorum, non enim lauant manus suas cum panem mãducant. p.* 228. *& seqq.*
Cap. XVII. *n.* 2. *Resplenduit facies ejus sicut Sol. p.* 36. 187.
Cap. XIX. *n.* 27. *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. p.* 160.
Cap. XX. *n.* 21. *Dic vt sedeant hi duo filij mei. p.* 213. *& seq.*
Cap. XXIV. *n.* 29. *Sol obscurabitur. p.* 37.
Ibid. *n.* 30. *Tunc apparebit signum filij hominis. p.* 342.
Ibid. *n.* 48. *Et continuo currens vnus ex eis, acceptam spongiam impleuit aceto. p.* 356.
Cap. XXVI. *n.* 6. *Tunc Princeps Sacerdotum scidit vestimẽta sua, dicens: blasphemauit. p.* 166.
Cap. XXVI. *n.* 26. *Accepit panem in manus suas. p.* 120.
Ibid. *Hoc est corpus meum. p.* 54.
Ibid. *n.* 37. *Cæpit contristari, & mæstus esse. p.* 164.
Ibid. *n.* 38. *Transeat á me Calix iste. p.* 291.
Ibid. *n.* 39. *Procidit in faciem suam orans. p.* 167.
Ibid. *Pater si possibile est transeat à me calix iste. p.* 165.
Ibid. *Veruntamen, non mea, sed tua voluntas fiat. p.* 169.
Ibid. *n.* 44. *Tertiò orauit eundem sermonem. p.* 268.
Cap. XXVII. *n.* 14. *Laqueo se suspendit. p.* 140.
Ibid. *n.* 18. *Consummatum est, inclinato capite emisit spiritum. p.* 294.
Ibid. *n.* 29. *Plectentes coronam de spinis posuerunt super caput ejus. p.* 321.

Ibid.

Ibid. *n.* 45. *Tenebræ factæ sunt super vniuersam terram.* p. 309
Ibid. *n.* 49. *Deus, Deus meus, vt quid me dereliquisti.* p. 54. 282.
Ibid. *n.* 50. *Clamans voce magna.* p. 54.
Ibid. *n.* 52. *Corpora quæ dormierant surrexerunt.* p. 54.
Ibid. *n.* 54. *Vere Filius Dei erat iste.* p. 54. & 300.
Cap. XXVIII. *n.* 19. *Euntes docete omnes gentes.* p. 4.
Ibid. *Baptisantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti.* Ibid.
Ibid. *n. vltim. Ecce ego vobiscum sum vsque ad consummationem sæculi.* p. 14. & *seqq.* & 90.

Ex D. Marco.

Cap. VI. *n.* 16. *Decollauit eum.* p. 61. & *seqq.*
Ibid. *n.* 20. *Herodes enim metuebat Ioannem.* p. 45
Ibid. *n.* 25. *Volo vt des mihi in disco caput Ioannis Baptistæ.* p. 63.
Ibid. *n.* 49. *Putauerunt phantasma esse.* p. 235.
Cap. VII. *n.* 38. *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.* p. 107.
Ibid. *Capillis capitis sui tergebat.* p. 109.
Cap. XIV. *n.* 5. *Poterat enim vnguentum istud venundari plusquam trecentis denarijs.* p. 169.
Ibid. *n.* 8. *Præuenit vngere corpus meum in sepulturam.* p. 101.
Ibid. *n.* 41. *Venit hora: Ecce filius hominis tradetur.* p. 117.
Ibid. *n.* 72. *Non noui hominem: respexit Petrum, & recordatus est Petrus.* p. 87.
Cap. XV. *n.* 32. *Descendat de Cruce.* p. 172.
Ibid. *n.* 37. *Emissa voce magna expirauit.* p. 349.
Cap. XVI. *n.* 2. *Valde mane orto jam Sole.* p. 133.
Ibid. *n.* 15. *Euntes in mundum vniuersum.* p. 4.
Cap. XXV. *n.* 35. *Esurini, & dedistis mihi manducare, sitini, & dedistis mihi bibere.* p. 33.
Ibid. *Venite benedicti Patris mei, possidete Regnum, &c.* p. 39. 40.

Ex D. Luca.

Cap. I. *n.* 35. *Spiritus Sanctus superueniet in te.* p. 123.

Ibid.

Ibid. *Et Spiritus Sanctus obumbrabit tibi. p.* 124.
Ibid. *n.* 41. *Exultauit infans in vtero. p.* 51. *&* 147. *& seqq.*
Ibid. *n.* 66. *Quis putas puer iste erit. p.* 43. *& seqq.*
Ibid. *Etenim manus Domini erat cum illo. p.* 60. 66.
Cap. III. *n.* 16. *Non sum dignus soluere corrigiam calceamentorum p.* 51.
Cap. IV. *n.* 9. *Mitte te deorsum p.* 216.
Cap. VII. *n.* 18. *Lachrymis cœpit rigare pedes ejus. p.* 97.
Ibid. *n.* 37. *Mulier in Ciuitate peccatrix. p* 99.
Ibid. *n.* 47. *Dilexit multum. p.* 100.
Cap. X. *n.* 4. *Ascendit in arborem Sychomorum, quia statura pusillus erat. p.* 315.
Cap. XII. *n.* 35. *Lucernæ ardentes in manibus vestris. p.* 29.
Cap. XV. *n.* 5. *Cum inuenerit eam, imponit in humeros suos. p.* 340.
Cap. XVII. *n.* 28. *Memores estote vxoris Loth. p.* 102.
Cap. XXII. *n.* 41. *Veruntamen non mea, sed tua voluntas fiat. p.* 280.
Cap. XXIII. *n.* 25. *Tradidit eum voluntati eorum.* 172.
Ibid. *n.* 46. *In manus tuas commendo spiritum meum. p.* 124.
Cap. XXIV. *n.* 26. *Oportuit Christum pati, & ita intrare in gloriam suam. p.* 238.
Ibid. *n.* 29. *Ejecerunt illum vsque ad superficiem montis. p.* 306
Ibid. *n.* 30. *Ipse autem transiens per medium illorum ibat. p.* 306.

Ex D. Ioanne.

Cap. I. *n.* 6. *Fuit homo. p.* 53. 62.
Ibid. *n.* 11 *In propria venit, & sui eum non receperunt. p.* 53. *&* 90.
Ibid. *n.* 29. *Ecce Agnus Dei. Ecce qui tollit peccata mundi. p.* 47. 51.
Ibid. *n.* 32. *Vidit spiritum Dei descendentē sicut columbam p.* 104.
Ibid. *n.* 46. *A Nazareth potest aliquid boni esse? p.* 180. 306.
Ibid. *n.* 34. *Ego vidi, & testimonium perhibui, quia hic est Filius Dei. p.* 51.

Cap.

Cap. II. *n.* 4. *Nondum venit hora mea. p.* 113.
Ibid. *n.* 10. *Bonum vinum seruasti vsque adhuc. p.* 274.
Cap. III. *n.* 30. *Illum oportet crescere, me autem minui. p.* 71.
Cap. IV. *n.* 16. *Deus charitas est. p.* 26.
Cap. V. *n.* 31. *Testimonium meum non est verum. p.* 179.
Cap. VI. *n.* 54. *Qui mnuducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam æternam; & ego resuscitabo eum in nouissimo die. p.* 93.
Ibid. *n.* 55. *Caro mea vere est cibus. p.* 64. 79. *& seqq.*
Ibid. *n.* 58. *Hic est panis qui de Cælo descendit. p.* 91.
Ibid. *Qui manducat hunc panem, viuet in æternum. p.* 16.
Cap. VIII. *n.* 12. *Ego sum lux mundi. p.* 179.
Ibid. *n.* 23. *Ego non sum de hoc mundo. p.* 179.
Ibid. *n.* 59. *Jesus autem abscondit se. p.* 122.
Cap. X. *n.* 30. *Ego, & Pater vnum sumus. p.* 159.
Cap. XI. *n.* 3. *Ecce quem amas infirmatur. p.* 244. *& seqq.*
Ibid. *n.* 46. *Vos nescitis quidquam. p.* 166.
Cap. XII. *n.* 23. *Venit hora, vt clarificetur filius hominis. p.* 113.
Ibid. *n.* 32. *Cum exaltatus fuero à terra, omnia trahan ad me ipsum. p.* 350.
Cap. XIII. *n.* 1. *Cum dilexisset suos qui erant in mũdo p.* 121.
Ibid. *Cum dilexisset, dilexit.* Ib.
Ibid. *Venit hora ejus vt transiret ad Patrem. p.* 122. 125.
Ibid. *n.* 2. *Cum diabolus misisset in cor. p.* 118.
Ibid. *n.* 3. *Sciens quia à Deo exiuit. p.* 54.
Ibid. *Omnia dedit ei pater in manus. p.* 133.
Ibid. *n.* 5. *Cœpit lauare pedes discipulorum. p.* 114. 131.
Ibid. *n.* 7. *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea. p.* 117.
Ibid. *n.* 8. *Non lauabis mihi pedes in æternum. p.* 137.
Cap. XIV. *n.* 12. *Qui credit in me majora horũ faciet. p.* 150.
Ibid. *n.* 23. *Ad eum veniemus & mansionem apud eum faciemus. p.* 193. *& seqq.*
Cap. XV. *n.* 9. *Sicut dilexit me Pater, ego dilexi vos. p.* 126.

Ibid. *n.*13. *Majorem dilectionem nemo habet, vt animam ſuã ponat quis pro amicis ſuis. p.*360.
Cap. XVI. *n.*7. *Si non abiero, Paraclitus non veniet ad vos. p.*205.
Ibid. *n.*9. *Cum venerit Paraclitus, arguet mundum de peccato. p.*4.229.242.
Ibid. *n.*27. *Exiui à Deo, & veni in mundum. p.*338.
Cap. XVIII. *n.*36. *Regnum meum non eſt de hoc mũdo. p.*172
Cap. XIX. *n.*19. *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris. p.*171.305.
Ibid. *n.*19. *Ieſus Nazarenus Rex Iudæorum. p.*300.
Ibid. *n.*26. *Mulier, Ecce filius tuus. p.*173.
Ibid. *n.*34. *Vnus militum lancea latus ejus aperuit. p.*309.
Ibid. *Exiuit ſanguis, & aqua. p.*174.
Cap. XX. *n.*13. *Dicunt illi Angeli, Mulier quid ploras. p.*106
Ibid. *n.*17. *Noli me tangere, nondum enim aſcendi ad Patrẽ meum. p.*106.
Ibid. *n.*27. *Infer digitum tuum huc, & mitte manum tuãm in latus meum. p.*362.
Cap. XXI. *n.*15. *Simon Ioannis diligis me. p.*347.
Ibid. *n.*17. *Dixit tertiò: amas me. p.*225.

Ex Actis Apoſtolorum.

Cap. I. *n.*6. *Nubes ſuſcepit eum. p.*248.
Cap. II. *n.*3. *Sedit ſuper capita eorum. p.*128.
Cap. III. *n.*2. *Factus eſt repente de Cælo ſonus, tanquam aduenientis ſpiritus vehementis. p.*196.
Ibid. *n.*3. *Sedit ſuper ſingulos eorum. p.*196.
Cap. IV. *n.*34. *Afferebant pretia eorum quæ vendebant, & ponebant ante pedes Apoſtolorum. p.*133.
Cap. IX. *n.*5. & 6. *Quis es? Ego ſum Ieſus. Domine quid me vis facere. p.*89.
Cap. XVI. *n.*28. *Nihil tibi mali feceris, vniuerſi enim hic ſumus. p.*358.
Ibid. *n.*37. *Miſerunt Magiſtratus, vt dimittemini, nunc igitur exeuntes ite in pace: Paulus autem dixit ad eos, non ita, ſed*

ſed veniant,& ipſi nos ejiciant. pag. 358.
Cap. XXII. *n.* 8. *&* 9. *Quis es Domine? Ego ſum Ieſus Nazarenus. p.* 180.

Ex S. Paulo.

Ex Epiſtola ad Romanos.

Cap. V. *n.* 5. *Charitas diffuſa eſt in cordibus noſtris per ſpiritum Sanctum, qui datus eſt nobis. p.* 17.
Cap. VIII. *n.* 3. *In ſimilitudinem carnis peccati, & habitu inuentus vt homo. p.* 167.
Cap. IX. *n.* 21. *Deus volens oſtendere potentiam ſuam, ſuſtinuit in multa patientia vaſa iræ. p.* 289.

Ad Corinthios. I.

Cap. II. *n.* 2. *Non judicaui me ſcire aliquid niſi Ieſum Chriſtum, & hunc Crucifixum. p.* 265. *& ſeqq.*
Cap. XI. *n.* 29. *Qui enim manducat indigne, judicium ſibi manducat. p.* 64. 79.
Ibid. *n.* 23. *In qua nocte tradebatur. p.* 90.
Cap. XIII. *n.* 12. *Nimper ſpeculum in ænigmate, tunc autem facie ad faciem. p.* 46.
Cap. XV. *n.* 21. *In Adam omnes moriuntur. p.* 93.

Ad Corinthios. II.

Cap. VI. *n.* 16. *Vos eſtis templum Dei. p.* 341.
Cap. XI. *n.* 23. *In carceribus abundantius, in plagis ſupra modum, in itineribus ſæpe, periculis latronum, in mortibus frequenter: cor noſtrum dilatatum eſt. p.* 351.

Ad Galatas.

Cap. VI. *n.* 14. *Mihi mundus crucifixus eſt, & ego mundo. p.* 348.

Ad Epheſios.

Cap. I. *n.* 11. *Deus omnia operatur ſecundum conſilium voluntatis ſuæ.* 208.
Cap. V. *n.* 2. *Ambulate in dilectione, ſicut Chriſtus dilaxit nos. p.* 349.
Ibid. *n.* 23. *Chriſtus eſt caput Eccleſiæ. p.* 73.
Ibid. *n.* 42. *Relinquet homo patrem, & matrem, & adhæ-*

rebit uxori suæ, Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo, & in Ecclesia. p. 159.

Ad Philippenſis.

Cap. II. *n.* 8. *Factus est obediens usque ad mortem. p.* 125.

Ibid. *n.* 10. *In nomine Jesu omne genu flectatur cælestium, & infernorum. p.* 180.

Ad Coloſſenſes.

Cap. I. *n.* 20. *Pacificans per sanguinem Crucis ejus, sive quæ in terris, sive quæ in Cœlis sunt.* 328.

Cap. II. *n.* 3. *In quo sunt omnes thesauri sapientiæ, & scientiæ Dei. p.* 169.

Ad Theſſalonicenſes. II.

Cap. II. *n.* 8. *Dominus Iesus interficiat eum spiritu oris sui. p.* 249.

Ad Thimoteum I.

Cap. II. *n.* 4. *Deus omnes homines vult salvos fieri. p.* 281.

Ex Epiſtola Iacobi.

Cap. IV. *n.* 3. *Petitis, & non accipitis, eo quod male petatis. p.* 280.

Ibid. *n.* 15. *Vapor est ad modicum parens. p.* 326.

Ex Epiſtola Petri. I.

Cap. II. *n.* 24. *Peccata nostra ipse pertulit super lignum. pag.* 328. 333.

Ex Epiſtola Joannis. I.

Cap. IV. *n.* 16. *Deus Christus est. p.* 128.

Cap. V. *n.* 6. *Christus est veritas. p.* 70.

Ex Apocalipſi.

Cap. I. *n.* 16. *Habebat in dextera sua septem stellas p.* 177.

Cap. VI. *n.* 9. *Vidi sub altari animas interfectorum. pag.* 94.

Ibid. *Clamabant voce magna dicentes: usquequo Domine non vindicas sanguinem nostrum de his qui habitant in terra. p.* 95.

Ibid. *n.* 13. *Stellæ cadent de Cœlo. p.* 177.

Cap. XII. *n.* 1. *Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim. p.* 187.

Cap.

Cap. XIX. *n.* 12. *In capite ejus diademata multa. pag.* 64. 321.
Ibid. *n.* 15. *De ore ejus procedit gladius. p.* 64.
Cap. XXI. *n.* 11. *Lumen ejus ſicut criſtallum p.* 85.
Ibid. *Duodecim portæ duodecim margaritæ. p.* 199.
Ibid. *n.* 19. *Fundamenta muri Ciuitatis, omni lapide precioſo ornata. p.* 199.
Ibid. *n.* 21. *Platea Ciuitatis aurum mundum. p.* 199.

IN

INDICE

DAS COVSAS MAIS NOTAVEIS deste Liuro.

A

Abel.

SVspirou o sangue de Abel, pello sangue de Christo. p. 75

Qual foi o auô de Abel. p. 232.

Abrahão.

Porque razão, prometeu Deos grandes recompensas a Abrahão, por lhe ter offerecido o filho em sacrificio, & não deu nenhuma remuneração a Iephte, que lhe sacrificou a filha. p. 57.

Porque razão, não reuelou Abrahão a Sara, o intento que tinha de sacrificar a Isaac. p. 152.

Porque razaõ, quiz Deos q̃ Abrahão lhe sacrificasse a Isaac, antes que a Ismael. p. 244.

Absalão.

Porque fabricou Absalão o seu sepulcro â maneira de arco? pag. 317.

Açoutes.

Mais realçou o poder de Christo nos açoutes que padeceo, que nos açoutes que deu. p. 289.

O supplicio dos açoutes de Christo foi mais riguroso que o

su-

-ſuplicio da Cruz, & as cauſas porque. pag.290.
Chriſto no tormento dos açoutes, conſeruou milagroſamente a vida pera mais prolongar o martyrio. *Ib.*
Porque Chriſto no tormento da Cruz ſe queixa ao Eterno Pay, & nenhuma queixa lhe dà no tormento dos açoutes? pag.291.
Razão porque Chriſto no Horto teue tanta repugnãcia ao tormento da Cruz, & no Pretorio nenhuma teue ao tormento dos açoutes. *Ib.*
Porque Chriſto, alagando o Pretorio de Pilatos, com o diluuio de ſangue que correo dos açoutes, lhe ficou muito mais ſangue que derramar, nos mais paſſos da ſua Paixão? pag. 297.
Chriſto crucificado morreo em quanto à vida natural, & Chriſto açoutado, morreo em quanto à vida ciuil.p.299.
No ſuplicio dos açoutes oſtenta Chriſto os extremos da ſua fineza. *Ib.*
O Cidadão Romano ſentenciado à morte, era primeiro açoutado, & a razão deſta ley. *Ib.*
Toda a Paixão de Chriſto ſe encerra no torméto dos açoutes. p.300.

Adam.

Adam, ainda que morto, & ſepultado muitos ſeculos primeiro que Chriſto naceſſe, ſentio debaixo da terra a virtude do ſangue de Chriſto, & a efficacia do Sacramento. pag. 93.
Cabeça de Adam enterrada no Caluario. *Ib.*

Agoa.

A agoa he o jeroglifico do odio. pag.116.
O Elemento da agoa, he o mais alto, & o mais baixo dos Elementos. *Ib.*
Para acudir às neceſſidades da natureza, eſtà o Elemento da agoa em continuo mouimento. p.221. & 222.

Alexandre.

Qual merece mayor gloria na memoria da poſteridade, Ce-
[illegible],ou Alexandre. p.186. Ale-

Alexandre, posposto a Diogenes. p. 200.

Ambiçam.

Retrato da ambição. p. 213.
Não he sempre a ambição culpauel; póde hauer huma ambição innocente. p. 214.
Ambição da máy dos Zebedeos, por tres causas culpauel, pag. 214.
Remedio pera reprimir os estimulos da ambição. p. 216.
Não foi a ambição de Adão, tam culpauel, como a de Lucifer. p. 219. & 220.
O ambicioso, pera se acómodar, não repara em desacómodar ao mundo. p. 223. & 224.
A vida de hum ambicioso, he huma roda em que anda. pag. 252.

Amor.

Amor, fonte das luzes. pag. 26.
Quem verdadeiramente amou, nunca dissimulou a verdade. pag. 67.
Não ha sustento mais proprio pera hum amor abrazado, que a lembrança de hum beneficio recebido. pag. 85.
Artificio com que o amor venceo as resistencias de hum coraçam desamorauel. pag. 90. & 91.
Amor diuino, fonte das lagrimas. p. 103. 104. 105. & 106.
Se o amor diuino se pudera fazer visiuel aos olhos, tomaria as lagrimas por galas, & os suspiros por troseos. pag. 104. & 105.
O amor he o primeiro mouel de todas as paixoens humanas. pag. 113.
O amor, he hum Relogio, em que as horas se medem pellas finezas. *Ib.*
No relogio do amor, as obras seruem de mão. *Ib.* & p. 120.
Teue o amor de Christo dous mouimentos, hum de eleuação, & outro de abatimento. pag. 114. & 115.
As finezas com que o amor se assinala, saõ os alentos com q̃ respira. p. 122.

Porque razão os Egipcios pintârão o amor voando em hũ circulo. p. 124.
Porque razão tres vezes perguntou o Senhor a Pedro se o amaua. pag. 125.
O temperamento do amor dos homens, he tam facil de se alterar, que de huma hora pera outra se destempera. *Ib.*
Deos ama aos homens, com o mesmo acto de amor, cõ que se ama a si mesmo. p. 126.
O relogio do nosso amor se ha de conformar com o relogio do amor diuino, nos pezos, na mão, & nas rodas. p. 126. & 127.
Não tem a eloquencia humana palauras, com que explique as excellencias do amor diuino. p. 128. & 129.
Porque razão, o amor diuino no principio do mundo fez pompa dos seus incendios no meyo das agoas. p. 129.
O amar, não he outra cousa que nauegar. *Ib.* & p. 130.
Nauegação do amor diuino. pag. 130.
O amor, nos sogeitos mais soberanos, sempre se sogeitou aos mayores abatimentos. 132. & 133.
O verdadeiro amante, se ha de anticipar aos desuelos da pessoa amada. pag. 133.
O amor, nas resistencias se anîma, & nas tibiezas se acẽde. p. 136.
No tribunal do amor, as menôres culpas, saõ delitos. p. 137 & 138.
Nauegaçoens do amor, semelhantes às nauegaçoens do Oriente. *Ib.*
Só quem ama com desinteresse, ama com verdade. p. 139.
O coração, a que o amor escolheo por aluo dos seus tiros, ou ha de conceber ternuras, ou se ha de fazer em pedaços. p. 141.
O fim do amor, he nam ter fim. *Ib.* & p. 142.
Não se paga Deos de hum amor, que se apaga. p. 142.
Dous amantes pedem a Vulcano, que os lãce ambos na fornalha. pag. 158.

O amor

O amor, anhela sempre à vnião. p. 158.
A censura sem amor, he afronta. p. 240.
O objecto mais amado, he sempre o menos durauel. p. 244. & 245.
Qual seja mayor fineza, sacrificar a vida, ou sacrificar a honra? p. 298.
Antigamente, não parecia Deos às criaturas tam amauel no gouerno do mundo, como depois da Encarnação, & o porque. p. 311.
Deos, mais se paga do nosso amor, do que do nosso saber. p. 347.
O primeiro mysterio da Theologia do amor, he respirar nos tormentos, & alegrarse nas penas. p. 349.
O amor de Christo pera com os homens, he o exemplar do amor dos homens pera com Christo. *Ib.*
Porque fingião os Antigos, que a Deosa da pobreza fora a mãy do amor? pag. 353.
O coraçaõ que ama, sò com as penas respira. *Ib.*
No amor naõ respira o coraçaõ com alentos de amante, senaõ suspira por continuas penas. p. 356.
Só pera o sacrificio da vida, se erigio o altar do amor. p. 359
O amor, ensina o desprezo da propria vida. *Ib.*
Que Chisto Senhor nosso ama tanto aos homens, que por qualquer delles morréra com o mesmo excesso de amor, que por todo o genero humano. p. 362.

Anjos.

Os bons Anjos separados da companhia dos maos, no primeiro instante da sua criação, & porque. p. 18. & 19.
Leua a pureza dos homens veintajem â pureza dos Anjos. p. 186.
Porque razaõ, apparecendo os Anjos no Presepio, no deserto, no Horto, & no sepulcro, naõ appareceraõ no móte Thabor, quando Christo se transfigurou. pag. 187. & 188.
Porque razaõ, naõ manifesta a Escritura o peccado dos Anjos,

jos, assim como manifestou o peccado do homem. p. 232.

Antichristo.

Antichristo, no fim do mundo prohibirà aos Christaõs o Sacramento da Eucharistia. p. 15. & 16.

O Antichristo, morrerà de âr, & porque. p. 249.

Antigos.

Costumes dos Antigos mais deprauados, que os dos modernos. p. 238.

Antipodas.

No mesmo tempo, que o Sol alumea ao nosso Emisferio com luzes directas, alumea ao Emisferio dos Antipodas com luzes reflexas. p. 121.

Santo Antonio.

Foi Santo Antonio a luz do mundo, porque desprezou as suas luzes. p. 178. & 179.

Santo Antonio, amigo da pobreza, ainda depois de morto. pag. 180.

Porque razaõ Santo Antonio se chama Santo Antonio de Padua, & naõ Santo Antonio de Lisboa. *Ib.* & p. 181.

Sepultura de Santo Antonio officina de Estrellas. pag. 181. & 182.

Porque razaõ passou Santo Antonio da Religiaõ de Santo Agostinho, pera a de S. Francisco. p. 183. & 184.

Santo Antonio duplicou a presença, pera se singularizar na obediencia. p. 191.

Apostolos.

Os doze Apostolos, saõ as doze horas do relogio da Igreja. p. 119.

Enumeraçaõ das Prouincias, & Imperios, que os Apostolos lauaraõ com as agoas do Bautismo. p. 134.

Ar.

O Elemento do âr, he o principio, & o fim de todas as cousas do mundo. p. 247.

Arco celeste.

Arco celeste, figura de Christo no Cenaculo. p. 115. & 116.

Arithme-

Arithmetica.

Segredo, da Arithmetica do Ceo. p. 198. & 199.

Arte.

Qual he a arte menos sabida, & a mais exercitada. p. 215.

Ascensaõ.

Porque razão no dia da Ascensaõ formou o Senhor cõ hũa nuuem o carro do seu triunfo. p. 248.

Auareza.

Os homens, saõ tam neciamente auarentos dos bens que lógraõ, que não estimão suas as prerogatiuas que outros possuem. p. 361.

B

Bautismo.

O Bautismo he huma especie de redempção. p. 4.

Beneficio.

A lembrança dos beneficios de Deos, he o preseruatiuo dos peccados dos homens. p. 83.
Deos acredita os seus beneficios com a suspensaõ das nossas esperanças. p. 274.
Importa muito a dilação do tempo pera dar sabor a hum beneficio. *Ib.*
Qual seja a differença entre os beneficios de Deos, & os dos homens. *Ib.*
Os primeiros beneficios que Deos faz, saõ de ordinario fundamentos pera outros mayores beneficios. p. 293.
Na estimaçam dos homens, naõ he digno de se estimar o beneficio que a todos se cõmunica. p. 361.

Bens do mundo.

Vide verb. *Riquezas.*
Não ha no mundo bens de raiz, todos os bens do mundo saõ moueis. p. 252.
A desestima dos bens da terra, he hũa participação da Béauenturança. p. 199. & 200.

C

Cabeça.

TOda a perfeição do homem, eſtà recopilada na cabeça. p.74.

Caifaz.

Caifaz (ainda que contra o que intentaua) fallou verdade quando diſſe aos Doctores da Sinagoga, que não ſabiaõ nada. p.266.

Caluario.

Caluario, comparado com hum deſerto. p.53.

No Caluario, foi enterrada a cabeça de Adão. p.93.

Canna.

Permittio Chriſto lhe meteſſem nas mãos huma canna por ſceptro, pera que foſſe exemplar de todos os do mũdo. p. 310.

Cargo.

Vide verb. *Dignidade.*

Qual he a melhor forma de gouerno, dar a ſuperintendencia dos cargos pera toda a vida, ou limitala pera algum tempo determinado. p.236.

Carta de marear.

Na carta de marear pódem os nauegãtes lêr o prognoſtico das ſuas deſgraças. p.326.

Caſar.

Vide verb. *Matrimonio.*

Todas as vezes que ſe celebra hum caſamento, caſa o rizo com a paciencia. p.207.

Caſtidade.

Caſtidade, repreſentada nas Eſtrellas, que o Anjo do Apocalipſe trazia na mão. p.177.

Na virtude da caſtidade predomina a Eſtrella, a que os Mathematicos chamão, Regia. p.185.

A caſtidade nos homens, he mais digna de louuor, que nos Anjos. p.186.

Catão.

As tres couſas de que Catão teue pezar, ſegundo refere Plutarco. p.326.

Ca-

Catiueiro.

As tres peſſoas da Santiſſima Trindade remirão a tres mũdos de tres differentes catiueiros. p.2.3. & 4.
Catiuo, ſemelhante ao nada. p.7.
Ser catiuo, he o meſmo que ſer morto. *Ib.*
Catiueiro, das tres diuinas Peſſoas no mundo. p.12. & 13.
Catiueiro de Chriſto ſacramentado no fim do mundo. p. 15.

Cenaculo.

No lauatorio do Cenaculo, ſe renouou o antigo chaos do mundo. p.117.
Emprezas do amor diuino no Cenaculo, repreſentadas debaixo da metafora da nauegação. p.130.
Chriſto no Cenaculo lauando os pès aos diſcipulos, comparado como arco celeſte. p. 11. & 116.
No Cenaculo, as agoas do lauatorio, forão o eſpelho do amor de Chriſto. *Ib.*
No Cenaculo, o amor diuino emendou os erros que o amor proprio fez no principio do mundo. p.119.

Cenſura.

As tres Peſſoas diuinas enſinàrão ao mundo a arte de cenſurar as culpas alheas. p.129.
Tres calidades neceſſarias pera bem exercitar a arte da cenſura. *Ib.*
Os que menos pódem, faõ os que mais cenſuraõ. p. 231.
A cenſura ſem ſaber, he cegueira. p.235.
Se o zelo vos obriga a que cenſureis o vicio, obriga-uos a caridade a que modereis a cenſura. p 241. & 242.
Temeridade dos ſubditos, que ſe atreuem a cenſurar os decretos dos Princepes. p.251.

Ceptro.

Que ſignifica o ceptro nas mãos de hum Monarca. p.217.
Ceptros dos fabuloſos Deoſes da antiguidade ordenados à vtilidade do publico mais que ao mantimento da propria peſſoa. p.225.

Ce-

Ceſar.

Deſcripção do Triunfo de Ceſar. p.80.& 81.

Foi Ceſar mais digno de louuor,que Alexandre.p.186.

Chagas de Chriſto.

Chriſto com a ferida viſiuel do lado, moſtrou a inuiſiuel ferida que o amor lhe tinha feito no coração. p.353.

Porque de todas as feridas do corpo de Chriſto, ſaîo ſômẽte ſangue, & da ferida do lado ſaîo ſangue,& agoa. p.356.

Chriſto.

A preſença de Chriſto ſacramentado, he o mayor aliuio de hum catiuo. p.13.

Porque razão Chriſto, que não tinha medo de morrer, fogio muitas vezes a morte. p.122.

Chorar.

Vide verb. *Lagrimas.*

Chorou Chriſto depois de morto, para que choraſſemos a ſua morte. p.174.

Clauſura.

Nacem condenadas à clauſura, as melhores producçoens da natureza. 148.

Columna.

Porque Chriſto quando entrou no Pretorio de Pilatos, ſe abraçou com a columna em q̃ auia de ſer açoutado.p.300

Porque razão os Iſraelitas quando paſſarão o mar vermelho todos puzerão os olhos na columna de fogo que os guiaua? p.303.

Comer.

Tres ſaõ os effeitos do comer, nos corpos humanos. p.82.

Companhia.

Companhia dos maos, capaz pera inficionar não ſó aos homens, mas tambem aos Anjos. p.17.& 19.

Na companhia dos maos, ſó a ſanctidade, & a pureza de hũ Deos ſe póde conſeruar illeza, & intacta. p.19.& 20.

Compaixão.

Porque dizia Iob, que os que o perſeguião ſem compaixão, o perſeguião como Deos. p.311.

Nenhuma couſa illuſtra mais a gloria de hum ſoberano, do

que

que ſentir as moleſtias dos ſeus vaſſallos. p. 308.

Conformidade.

Por boa que ſeja a noſſa vontade , nenhum merecimento terà, ſe ſe não conformar com a vontade de Deos. p. 280.

Conſtancia.

Só quem ſe abraça com a columna da conſtancia, aſſegura a ſaluação. p. 302.

Todas as fabricas do entendimento, que os homens leuantão pera o logro dos ſeus intentos , arruînão por falta de conſtancia. p. 286.

Coraçam.

Hum coração que ama, he hum baixel que nauega. p. 130.

Coração do homem, retratto da diuindade. p. 143.

A mayor conquiſta , que Deos póde fazer no Imperio do mundo, he o coração do homem. *Ib.*

Pera hum coração ſer inteiramente puro, ha de ſer milagroſamente criado. p. 203.

Os dous differentes modos, cõ que o coração reſpira. p. 350.

Nenhuma couſa he capaz de fazer encolher as azas de hum coração que ama. p. 353.

Porque razão, entre as muitas victimas que Deos pedio ao pouo de Iſrael, não lhe mandou que lhe offereceſſe coraçoens em ſacrificio. p. 118.

Coroa.

Coroas dos Antigos proporcionadas com a calidade das façanhas que obrauão. p. 170.

Mereceo o Senhor todas as eſpecies de coroas, que os Romanos antigamente dauão aos benemeritos da patria. p. 170.

Na coroa de eſpinhos ſe repreſenta a firmeza do Reyno. p. 171.

Porque razão ſe coroauão antigamẽte os Réys junto de alguma fonte, ou de algum rio. p. 221.

Os que traz em coroas na cabeça, não hão de ter ſangue viuo nos ouuidos. p. 234.

A coroa de eſpinhos, que Chriſto teue na cabeça, ſignifica os cuidados que tem da noſſa vida. p. 308.
Bem parece hum peito raſgado, com huma cabeça coroada. pag. 309.
De todos os inſtrumentos da paixão, nenhum teue no corpo de Chriſto mais auentajado lugar, que os eſpinhos. p. 313.
Salamão, trazia huma coroa de eſpinhos entalhada no ſinete das ſuas armas, & o que com iſſo queria ſignificar. p. 319.
Intentando hum Biſpo de Conſtantinopla pôr a coroa na cabeça do Emperador Leão Armeno, ſe ſentio picar as mãos como de eſpinhos. *Ib.*
A politica do Ceo, faz das coroas do mundo eſpinhos. p. 321.
Na coroa de eſpinhos que Chriſto tem na cabeça, ſe encerrão muitas coroas. *Ib.*
As coroas que S. João vio que eſtauão no Ceo em a cabeça de Chriſto, erão effeitos dos eſpinhos com que na terra coroárão a Chriſto. p. 322.

Correſpondencia.

Conceder logo o que ſe pede, he querer acabar logo a correſpondencia. p. 276.

Corte.

Porque razão os Paços ſe chamão Cortes. p. 62.

Credito.

Os ſucceſſos, que excedem à eſperança, de ordinario excedem o credito. p. 149.

Criar, & criaturas.

A criação, he huma eſpecie de redempção. p. 8.
Couſas criadas nacem mais perfeitas, que as. que ſe gerão pag. 203.
As criaturas, ſaõ os eſpelhos em que ſe repreſentão as perfeiçoens da Diuindade. p. 46.
Deos o mundo no Outono no mez de Setẽbro. p. 185

Porque razão criou Deos ao mundo com a sua palaura, & a alma do homem com o seu bafo. p. 247.

Cristal.

Cristal, he o symbolo da ingratidão. p. 86.

Cisne.

Porque os antigos fabricarão os seus nauios a modo de Cisnes. p. 326.

Cruz.

A Cruz de Christo he a nao em que nauegamos. p. 327.
O Cair Christo com a Cruz às costas tantas vezes, não foi effeito do peso da Cruz, & qual fosse. p. 330.
Se as leys dos Romanos mandaua que os malfeitores leuassem às costas as Cruzes em que hauião de padecer, que causa haueria porque os dous ladroens, que forão crucificados com Christo não leuarão as suas. *Ib.*
Na Cruz de Christo, se tornarão a vnir todas as creaturas com o seu Creador. p. 339.
Nos dez Mandamentos se representa o misterio da Cruz, & qual seja a semelhança que os dez mandamentos tenhão com a Cruz. p. 341.
O Ceo não se conquista senão com as armas da Cruz. *Ib.*
Differença que ha entre a Cruz de Christo, & a Cruz do Christão. *Ib.*
Primeiro que a Cruz de Christo se engolfasse no mar do seu sangue, erão as Indias do Ceo desconhecidas no mundo. *Ibid.*
A Cruz de Christo abre aos homens o caminho do Ceo. *Ib.*
Porque razão, no dia do Iuizo ha de aparecer no Ceo a Cruz de Christo? p. 342.
Porque no dia do Iuizo haó de chorar os reprobos à vista da Cruz de Christo? p. 243.
Todas as creaturas representão a figura da Cruz. p. 348.
A Cruz de Christo, he mestre de Theologia. *Ib.*
Noua explicação das palauras de S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo. Ib.*

Na Cruz, parece deseja Christo muitas mortes pera huma vida, ou huma vida pera muitas mortes. p. 354.
Escritas as palauras *consumatum est*, que Christo disse na Cruz, na versaõ Grega com ponto de interrogação, que significuem. *Ib.*
Razão porque Christo na Cruz inclinou a cabeça pera o peito. p. 355.
Se fora possiuel, & o Eterno Pay o consentira, ficara Christo pregado na Cruz atè o dia do Iuizo. p. 358.
Para hum coração que ama, não ha maior martirio, que ver Christo pregado na Cruz. p. 363.

D

Dar, & dadiuas.

O Dar a quem não necessita, he propriedade diuina. pag. 41.

Defeitos alheos.

He acção de plebeo, o manifestar os defeitos do proximo. p. 131.
Os defeitos a que se não acha remedio, se hão de entregar ao segredo. p. 232.
Não querer sofrer defeitos nos grandes, he querer que não haja grandes no mundo. p. 234.
Não querem os homens, que se lhe descubrão os defeitos, ainda quando se lhe aplicão os remedios. p. 241.

Defeitos proprios.

A mesma cautela, com que cada hum trata de encobrir seus defeitos, os publica. p. 315.

Demonio.

Os olhos do Demonio saõ semelhantes à Aurora. p. 100.
Porque razão tomou o Demonio a figura de huma serpente pera fallar com Eua. p. 231.
Por que razão, S. Paulo chamou ao Demonio, Princepe do ar. p. 238.

Deos.

O mais glorioso empenho da omnipotencia diuina, foi tirar ao mundo do catiueiro do nada. p. 8.

Excellencias da diuindade. *Ib.*

Atributos da diuina essencia representados nas criaturas. p. 46.

Deos depois da criação do mundo, descançòu, & não descançou. p. 221.

Descanço.

Porque razão, diz Moyses, que no dia septimo, depois da criação do mundo, Deos descançara, p. 143.

Deserto.

He proprio de Deos fallar em hum deserto, & atrahir pera si todo o mundo. p. 52.

Em tres differentes delertos, mostrou Christo Senhor nosso que era Deos. p. 53.

O Sacramento he hum deserto. *Ibid.*

O Caluario comparado com hum deserto. p. 53. & 54.

Porq; e razão quiz Deos dar a Ley ao pouo de Israel n'hum deserto antes que n'huma Cidade. 157.

Desuelo.

A maiores desuelos obriga huma dignidade pera se conseruar, do que pera se alcançar. p. 221.

Dignidade.

As dignidades não se hão de procurar com pressas, hão se de conseguir com vagares. p. 215.

Os que pretendem dignidades, não considerem o que ellas ostentão de luzido, senão o que encerrão de pesado. p. 216.

Tres vezes olhaõ os pretendentes pera as dignidades, a que aspirão. p. 217.

Antes de sobir a huma dignidade, ha se de saber primeiro as obrigaçoens que comsigo traz esta dignidade. p. 217. & 218.

O porque de ordinario se fazem aborrecidos os que tem officio de mandar. p. 310.

Ninguem eſtimàra a dignidade que logra, ſe reparàra nos trabalhos que conſigo traz. p. 318.
O poſto, & dignidade a que hum ambicioſo anhela, não he outra couſa que hum eſpinheiro. p. 319.
No auge da dignidade, ſe fazem patentes os defeitos, que nos baixos de huma me diana fortuna, eſtão occultos. p. 320.

Diogenes.

Diogenes, preferido a Alexandre. p. 200.

E

Edificio.

NEnhuma couſa he mais merecedora da maldição de Deos, do que deixar cada hum imperfeito o edificio da ſua ſaluação. p. 301.

Elementos.

Não he o fogo, o mais alto dos elementos, nem a terra o mais baixo. p. 116.

Encarnação.

Figuras enigmaticas com que os Profetas ſignificarão a Encarnação do Verbo. p. 46.
Porque razão diz S. Paulo, que o myſterio da Encarnação apparecera aos Anjos. p. 149.
Porque não encarnou Deos logo depois do peccado de Adão. p. 275.

Era.

A Era em que viuemos, he a idade dourada da Chriſtandade. pag. 239.

Eſmola.

Recebe Chriſto a eſmola que ſe faz aos pobres, como agradecimento da Eſmola que elle nos faz no Sacramento pag. 33. & 34.
[illegible]res, faõ Sacerdotes, & como. p. 34. & 35.

Eſ-

Esmola, seguro da Bemauenturança. p.35.36. & 37.
No dia do juizo, os esmoleres alcançaràm primeiro que todos a coroa da gloria. p.39. & 40.
Nenhuma cousa faz ao homem mais semelhante a Deos, do que o dar a quem necessita. p.41.

Espelho.

O espelho, he o jeroglifico do agradecimento. p. 86.

Esperança.

Esperão os homens viuer muito, porque nunca reparão nó muito, que jà viuerão. p.100.
A esperança de bem morrer, de ordinario he causa de hũa mà morte. p. 102.

Espinheiro.

As aruores elegerão ao espinheiro por Rey, & o porque. p. 319.

Espiritu Santo.

Porque razão, o Espirito Santo deceo sobre os Apostolos, transfigurado em lingoas de fogo. p. 17.
Porque razão, o Espirito Santo, se chama Espirito de verdade. pag. 67.
Tres vezes o Espirito Santo se manifestou ao mũdo. p. 104.
Porque razão, o Espirito Santo escolheo as agoas por domicilio, todas as vezes que appareceo ao mundo. pag. 104. & 105.
Porque razão, os Arrianos imaginàrão que o Espirito Santo não era Deos. p. 105.
Porque razão, se assentou o Espirito Santo sobre as cabeças dos Apostolos. p. 128.
Porque razão, deceo o Espirito Santo sobre os Apostolos com estrondo. p. 196.
Porque razão, o Espirito Santo se chama, dom do Altissimo. *Ib.*
Entrega o Espirito Santo a posse dos seus thezouros, aos q̃ se desapossaõ dos thezouros do mundo. p. 201. & 202.
Porque razão dà a Igreja ao Espirito Santo o nome de C[illegible] dor. p. 204.

He o Eſpirito Santo tam cioſo dos luzimentos da ſua pureza, que não quer habitar nos coraçoẽs, em que ſe acha a menor ſombra dos affectos da terra. p. 205.
Porque Santo Agoſtinho, diz que o Eſpirito Sãto he a ſuauidade do Pay, & do Filho. p. 350. & 351.

Eſquecimento.

O eſquecimento dos beneficios, he o pay da ingratidão, & o verdugo da fineza. p. 82.
O eſquecimento do beneficio da criação, foi a primeira origem da idolatria. p. 83. & 84.

Eſtatua.

Eſtatua de Nabuco, retrato da eſtatua do mundo. p. 31.
No caîr da eſtatua de Nabuco, ſe figurou a degolação do Bautiſta. p. 63.

Eſtrella.

A Eſtrella, a que os Mathemeticos chamão Regia, influe nos homens a virtude da caſtidade. p. 185.
Eſtrellas do Firmamento, em quantos annos acabão a ſua carreira. p. 190.
Origem da primeira Eſtrella q̃ luzio no Firmamento. p. 92.
Não ha Eſtrellas fixas, todas as Eſtrellas ſaõ errantes. p. 155.
Eſtrellas, jeroglificos da pobreza, caſtidade, & obediencia. pag. 177.
Porque razão, no dia do juizo, caîrâm as Eſtrellas ſobre a terra. p. 181.

Eſtrella dos tres Reys.

Porque razão, retirou eſta Eſtrella os ſeus rayos, tanto que chegou ao Paço de Herodes. p. 182. & 201.
Não era eſta Eſtrella do numero daquellas, que foraõ criadas no principio do mundo. p. 182. & 183.
A Eſtrella, que appareceo aos Reys do Oriente, era o Eſpirito Santo. p. 201.

Eternidade.

Porque razão, as penas dos danados, ſaõ eternas. p. 109.

Eu-

Euchariſtia.

Vide verb. *Sacramento.*

F

Fabulas.

MOralidade das fabulas, permitida nos Sermoẽs. p. 25.
Myſterios da Fée Catholica, debuxados nas fabulas dos Gentios. p. 24. & 25.
Fabuloſo eſtratagema do amor, pera triunfar de hum coração eſquiuo. pag. 90. 91.
Fabuloſo nacimento da primeira Eſtrella, quẽ luzio no firmamento. p. 92.
Por que razão, fingirão os poetas que o mar era o berço, & o Sepulchro do Sol. p. 97.

Firmamento.

Cahindo huma pedra do firmamento, em quantos annos chegará à terra. p. 329.

Fogo.

O fogo, he o Redemptor dos elementos. p. 17. & 18.
Por que razão, mandou Deos que não ſe apagaſſe o fogo, que ardia no Templo. p. 142.

Fonte.

Fonte milagroſa, em que ſe apagão as tochas aceſas, & as apagadas ſe acendem. p. 107.

Fortaleza.

Mais valente acto de Fortaleza he o ſofrer, que o acometer. p. 287.
Deos, mede a ſua fortaleza, pello que ſofre. p. 289.

H

Hai, Cidade.

Traça com que Iosuè alcançou victoria dos moradores da Cidade de Hai. *Ib.*
Cidade de Hai, figura do mundo. p. 154.

Heregia.

Motiuo, que os Arrianos tomarão pera dizerem que o Espirito Santo, não era Deos. p. 105.
Diuersidade de Hereges que perseguirão a Igreja desde o primeiro seculo, atè a era de mil, & seis centos. p. 239.

Herodes.

Herodes, monstro de tres cabeças. p. 63.
O golpe, com que Herodes mandou tirar a cabeça ao Bautista, deu na cabeça do mesmo Herodes. p. 63.
Tirou Deos a Herodes o Reyno pera vingar a innocencia do Bautista. p. 76.
Christo não fugio de Herodes porque tiuesse medo delle, mas fugio delle como de peccador abominauel. p. 338.

Homem.

Se Deos fora capaz de trabalho, sô no homem hauia de tomar descanço. p. 143. & 144.
Em que consiste a semelhança do homem com Deos. p. 209.
Semelhanças da fabrica do corpo humano com a fabrica do mundo. p. 245.
A razão porque Santo Hilario compara o homem a hum nauio. p. 332.

Honra.

O sacrificio da vida não he final de tão grande amor como o sacrificio da honra, & o porque 298.

Horto de Getsemani.

Nas flores, & nas plantas do Horto de Getsemani, vio o Senhor debuxados todos os tormẽtos da sua Payxão. p. 164
Causas da tristeza do Senhor no Horto de Getsemani. pag. 164.

No Horto raſgou o Senhor o veſtido em deteſtação das blasfemias dos Iudeos. p. 166.
No Horto foi o Senhor tudo voz, & tudo ſilencio. p. 167.
Qual foi o motiuo da oração de Chriſto no Horto. p. 271.
Se no Horto rogou Chriſto ao Eterno Pay em quãto Deos, ou em quanto homem? p. 273.
Para a Redempção do mundo, não pareceo menos efficaz a oração do Horto, que o ſangue do Caluario. p. 273.
Porque defirindo o Eterno Pay à primeira inſtãcia q̃ Chriſto lhe fez no Horto, lhe naõ apareceo o Anjo ſenaõ na terceira? p. 277.
Porque razão, na oraçaõ do Horto, Chriſto continûa em pedir ao Eterno Pay por eſpaço de tres horas, o que jà ſe lhe tinha concedido deſde o primeiro inſtante. p. 278.
Deſde que Chriſto no Horto começou a derramar ſangue, foi creſcendo nelle a ſede de o derramar. p. 296.

Humildade.

Mais he perder a Deos de viſta por humilde, que perdelo de viſta por leuantado. p. 132.
As humilhaçoens do amor, ſaõ as ſuas coroas, & os abatimentos, os ſeus trofeos. *Ib.*

I

Idolatria.

DAs ſombras do eſquecimento, naceo o monſtro da idolatria. p. 82. & 83.
Numero dos Idolos que Roma antigamente adoraua. p. 84.

Iephte.

Porque razão, ſendo Iephte, & Abraham iguaes no ſacrificio dos filhos, naõ foraõ iguaes na ſatisfação dos premios pag. 57.

Igreja.

Igreja militante, repartida em dous emiſferios. p. 121.

Ioab.

Porque razaõ naõ ſe nomea o valeroſo Ioab no numero dos varoens, que floreceraõ no Reynado de Dauid. p. 59.

Ionas.

Cabeça de Ionas cercada de huma cabaça, & porque. p. 251 & 252.

S. Iõão Bautiſta.

A voz do Bautiſta poderoſa, deleitoſa, & prodigioſa. p. 43. & 44.

O Bautiſta, voz de Deos, reformou ao mundo myſtico da Igreja, com as meſmas circunſtancias, com que a voz de Deos formou ao mundo material em ſeis dias. p. 44.

Em tres coros differentes ſoa a voz do Bautiſta. p. 45.

Profecias do Bautiſta mais claras, que as dos Profetas do antigo teſtamento. p. 46. & 47.

O Bautiſta, com o ſalto, que deu no ventre materno, ſe virou pera o Senhor pera o adorar. p. 49.

Porque rezão o Bautiſta profetizou antes de nacer, pag. 48. & 49.

Os Profetas do antigo teſtamento comparados com o Bautiſta, não ſabião o que dizião. p. 49. & 50.

A ſuauidade da voz do Bautiſta, attraîo pera ſi todo o mundo. pag. 52.

Porque razão, nenhum dos Apoſtolos foi aclamado Deos, como o Bautiſta. pag. 55.

O Bautiſta competio em certo modo com a diuina Omnipotencia. pag. 52.

No deſerto de Paleſtina, obrou o Bautiſta hum prodigio ſemelhante ao que Deos obrou no deſerto do mundo. p. 55.

Frutos da prègação do Bautiſta no deſerto. p. 56.

Ao Bautiſta compete o primeiro papel na ſolta da Bemauẽturança, porque na terra entroou a letra da penitencia. p. 56. & 57.

Na peſſoa do Bautiſta ſe achão tres generos de primazia. pag. 58.

O

O Bautiſta foi tres vezes Precurſor. *Ib.*
O Bautiſta ſe adiantou a todos os Santos no exercicio das mais heroicas virtudes. *Ib.* & p. 59.
Nos coros dos Santos, o Bautiſta conſtitue por ſi ſó, hũa Ierarquia. p. 59.
A terceira peſſoa que no Ceo auemos de ver com os olhos corporaes, he o Bautiſta. p. 60.
Prègou o Bautiſta com mayor zelo, & confiança, que todos os Prègadores do antigo teſtamento. p. 61. & 62.
Degolação do Bautiſta figurada no caîr da eſtatua de Nabuco. p. 63.
Não degolou Herodes ao Bautiſta, o Bautiſta foi aquelle, que degolou a Herodes. *Ib.*
Ficou a cabeça do Bautiſta no meſmo inſtante coroada, que degolada. p. 64. & 65.
Deceo o Eſpirito Santo ſobre o Bautiſta, primeiro que deceſſe ſobre os Apoſtolos. p. 67. & 68.
Todas as palmas, que os martyres colherão no jardim da Igreja, faõ frutos do ſangue do Bautiſta. p. 71.
Na degolação do Bautiſta, teue o mũdo dous Bautiſtas. p. 72
Ao corte da eſpada, diminuîo o corpo do Bautiſta, para que creceſſe o corpo da Igreja. p. 71. & 72.
Cõ a cabeça de Chriſto, trocou o Bautiſta a ſua cabeça. p. 73.
O Bautiſta degolado, em dous mundos exaltou a Fè. p. 74.
Cabeça do Bautiſta degolado, comparada com o Sol. p. 77.
Varias razoens, porque o Senhor ſe retirou pera o deſerto, logo que os diſcipulos lhe trouxerão a noua da degolação do Bautiſta. p. 77. & 78.
Varias opinioens ſobre os prodigioſos mouimẽtos do Bautiſta, nas entranhas maternas. p. 153.

S. Iõão de Deos.

Na peſſoa de S. Iõão de Deos cõmunicou o amor diuino as ſuas luzes a tres Eſferas. p. 26.
S. Iõão de Deos, ſubſtituto da Diuindade na Economia do mundo. p. 29.

S. Ioão de Deos, ſuſtentando aos pobres, acudio aos creditos da diuina Omnipotencia. p.30.
S. Ioaõ de Deos, Reſtaurador das ruinas do mundo. p. 31.
Porque razaõ, deſcançou o Menino Ieſus nos braços de S. Ioão de Deos. p.32.
A virtude da Caridade, poz na cabeça de S. Ioaõ de Deos a coroa de todas as virtudes. p.33.
Os Religioſos de S. Ioão de Deos, todos ſaõ Sacerdotes, & em que maneira, p.34.
Agazalhou S. Ioão de Deos ao meſmo Deos diſfarçado na peſſoa de hum pobre. p.35.
Esforço de S. Ioaõ de Deos, na aſſiſtencia que fez aos moribundos. p.37.
Por que razaõ ſe vio o hoſpital em que aſſiſtia Sam Ioam de Deos, transfigurado em luzes. *Ib.*
Prudencia de S. Ioaõ de Deos. p.38.
Religiaõ de S. Ioaõ de Deos, celebrada pello Sãtiſſimo Padre Pio Quinto. *Ib.* & p.39.
S. Ioaõ de Deos, excedé a todos os Santos nos reſplandores da gloria. p.39.40.& 41.
Numero dos pobres enfermos, que actualmente ſe curaõ, & ſe alimentaõ nos hoſpitaes da Religião de Sam Ioam de Deos. p.40.
No dia do juizo darà Deos a S. Ioaõ de Deos o Ceo, como em ſatisfaçaõ dè huma diuida que lhe paga. pagin. 41. & 42.

S. Joaõ Euangeliſta.

S. Ioaõ Euangeliſta comparado com o Bautiſta, naõ entendeo, o que profetizou. p.51.
Foi tam grãde a pureza do Euangeliſta, que os Anjos ſe enuergonhàraõ de aparecer na ſua preſença. pagin. 187. & 189.

Joſuè.

Eſtratagema, com que Joſuè venceo os moradores da Cidade de Hai. p.154.

Judas.

Porque razaõ, Iudas não cõmungou na vltima Cea. pag. 91. & 92.

Razaõ era, que no Cenaculo Chriſto ſe viſſe derrubado aos pẽs de Iudas. p. 118.

Mais ſe acreditou o Senhor empregando pera o conuerſaõ de Iudas as finezas do ſeu amor, do que ſe empregara as armas do ſeu poder. *Ib.* & p. 119.

Porque razaõ permittio o Senhor, que Iudas ſe mataſſe a ſi meſmo. p. 140.

Foi Iudas o mais ricõ, & o mais prodigo mercador do mundo. p. 169.

Juſtiça.

Definição da juſtiça. p. 27.

A juſtiça he a coroa dos Reys, & a gloria das coroas. p. 76.

L

Lacedemonios.

PORque, os Lacedemonios ſahiaõ a pelejar veſtidos de purpura. p. 316.

Lagrimas.

Naõ ha couſa mais ordinaria, nem juntamente mais prodigioſa, que as lagrimas. p. 97. & 98.

Varias opinioens dos Filoſofos ſobre o lugar onde as lagrimas ſe formaõ. p. 98.

Tres generos de almas, a vegetatiua, a ſenſitiua, & a racional tem ſuas lagrimas. p. 98.

Porque razão cahia o manà em forma de lagrimas. pag. 98. & 99.

As lagrimas mais enternecidas, de ordinario ſaõ as artifices dos mayores prodigios. p. 99.

O fogo do amor diuino, na agoa das lagrimas ſe manifeſta. pag. 103. & 104.

As lagrimas saõ o trono do amor diuino. p. 104. & 105.
As lagrimas, saõ os vinculos, que nos vnem com Deos. pag. 106.
Em que sentido, se pòde dizer, que a agoa que juntamente sahio com o sangue do lado de Christo, fossem lagrimas. p. 355. & 356.

Lança.

A lança que ferio o peito de Christo, mais a atrahio Christo a si, do que a moueo o soldado que deu a lançada. p. 309.

Lauar.

Competencias do amor de Christo no lauatorio, com o amor do Espirito Santo no Cenaculo. p. 117.
Lauou o Senhor os pès aos Apostolos, porque os Apostolos hauião de lauar ao mundo com as agoas do Bautismo pag. 134. & 135.

Lazaro.

Por que rezão, chorou o Senhor na resurreição de Lazaro. pag. 246.
Quantos annos viueo Lazaro depois de resucitado. p. 357
Lazaro, depois de resucitado, nunca se rio. p. 358.

Lembrança.

A lembrança, he o antidoto da ingratidão. p. 83.

Ley.

Qual he o melhor pera a conseruação de hum Reyno, fazer nouas leys, ou inculcar as antigas. p. 235.

Liberalidade.

Deos reprime os desafogos da sua liberalidade, pera perpetuar os primores da nossa correspondencia. p. 276.
Hum homem, que hoje he liberal, & à manhaã auarento, nẽ he de Deos, nem dos homens. p. 295.
Christo pareceo mais liberal na morte, que na vida. p. 297.

Liberdade.

Perder a liberdade, he o mesmo que perder a vida. p. 7.
Liberdade, mais preciosa que todos os thezouros do mundo. p. 10. & 11.

Costu-

Coſtume dos Romanos quando daũão a liberdade a hum catiuo. p.21.
Liberdade ſe alcança pella obediencia. p.209.

Lisboa.

Lisboa ſerà hum dia cabeça do vniuerſo. p.254.

Liſonja.

Liſonja, filha do intereſſe, & do medo, p.65.& 66.

Loth.

Deſcripção da mulher de Loth conuertida em huma eſtatua de ſal. p.102.

Lua.

Cauſa das continuas variedades da Lua. p.156.
Na Lua, ſe repreſentão os bens da fortuna. p.182.

Lucifer.

Por que razão, caſtigou Deos o peccado de Lucifer com mayor rigor, que o peccado de Adão. p.219.

Luz.

Luz, ſymbolo da pobreza, porque tudo alumea, & nada poſſue. p.179.
No mundo, não he luz, o que mais reſplãdece, ſó quem deſpreza os reſplandores do mundo, he luz. p.179.
Antipathia das luzes do Ceo, com os luzimentos da terra. pag.182.
Nos primeiros dias da criação, caſou a luz com o Sol.p.189.
Foi a luz, a primeira criatura, que obedeceo à voz de Deos. *Ibid.*
Todas as criaturas poem tempo no cabal deſempenho do officio a que Deos as deſtinou, ſó a luz não poem tempo em ſe deſempenhar cabalmente da obediencia, que Deos lhe deu. pag. *Ib.* & p. 190.

M

Magdalena.

LAgrimas da Magdalena, originadas de tres fontes. p. 99
Lagrimas da Magdalena, prodigiosas por repentinas. pag. 99. 100. & 101.
Coração da Magdalena, transformado em Estrella. p. 103.
As lagrimas, que banhárão o rosto da Magdalena, erão finaes das lauaredas, que lhe abrazauão o coração. p. 104.
Porque razão o Senhor depois de resucitado não quiz que a Magdalena o tocasse. p. 106.
Porque razão a Magdalena derramou as suas lagrimas aos pês de Christo, antes que em qualquer outro lugar. p. 107.
Lagrimas da Magdalena, comparadas com as agoas da fonte do Sol. *Ib.*
Com os proprios cabellos enxugou a Magdalena as suas lagrimas, pera se coroar com ellas. p. 108. & 109.
Procurou a Magdalena de perpetuar a effusaõ das suas lagrimas, pera eternizar a penitencia das suas culpas. p. 110.

Manà.

Por que razão, cahia o manà em forma de lagrimas. p. 98. & 99.

Mar.

Por que razão fingirão os Antigos, que o mar era o berço, & o sepulcro do Sol. p. 97.

Martyrio.

Por que, nenhuns dos que assistirão à morte de Christo, padecerão martyrio? p. 364.

Matrimonio.

Matrimonio do Sol com a luz. p. 189.
Pensoens do Matrimonio p. 207.

Medusa.

Combate de Perseo com Medusa. p. 151.

Moinho.

Por que razão, manda Chriſto no Euangelho, ſe ate ao peſcoço de hum mao, huma pedra de moinho. p. 253.

Moribundos.

Aſſiſtir aos moribundos, he o mais valente acto do esforço. pag. 37.

Morte.

Repreſentação da morte, incentiuo pera a penitẽcia. p. 101.

Moyſes.

Por que razão Deos conſtituîo a Moyſes Deos de Faraò. p. 29. & 61.

Por que razão ſe valeo Moyſes das joyas dos Iſraelitas pera a fabrica do Tabernaculo. p. 38.

Por que razão, mandou Deos a Moyſes que ſe deſcalçaſſe pera chegar à ſarça. p. 183.

Porque razão, nem Deos, nem Moyſes, nem Arão chamão ſua a vara, com que no Egipto obrarão tantos prodigios. pag. 295.

Mundo.

Mundo repreſentado na eſtatua de Nabuco. p. 31.

Se buſcais ao mundo, o mundo foge de vós, & ſe fogis do mundo, o mundo vos buſca. p. 55. & 56.

Mundo, ſemelhante a hum relogio. p. 112.

O mundo, he hum inimigo, que não ſe vence ſenão fugindo. p. 154. & 155.

Engenhoſa eſpeculação da Hebraica Filoſofia pera a cabal perfeição da fabrica do mundo. p. 162.

O mundo antepoſto a Deos, não tem nenhum valor; poſtpoſto a Deos, excede o valor de todos os thezouros. pag. 198.

O mundo, he hum homem grande, em que todas as partes do corpo humano ſe achão. p. 245.

Tres achaques tem o mundo ſemelhantes aos achaques de hum corpo enfermo. p. 246.

Todo o mundo he compoſto de âr, & todo em âr ſe reſolue p. 247.

Vertigens do mundo. p.250.
Foi o mundo, menino, mancebo, varão, & agora he velho. pag.253.
Imperio do mundo reſeruado pera Portugal. p.254.
Por que razão não manda Deos jà ao mundo aquelles terriueis caſtigos,com q̃ nos primeiros annos o punia. p.256

N

Nabuco.

Porque razão, dez vezes auiſou Deos a Faraó, & a Nabuco não deu ſenão hum ſó auiſo. p.357.

Nada.

Antes da criação do mundo, o nada era o tyranno da natureza. p.5. & 6.
O nada, foi o primeiro que obedeceo à voz de Deos.p.6.
Deſcripção da pobreza do nada. p.7.
Catiuo comparado com o nada. p.7.

Nauegação.

Naucgação do amor humano. p.129. & 130.
A mais engenhoſa, & a mais arriſcada ſciencia do mundo, he a arte da naucgação. p.325.
O homem ſabio, ſó ſe deue arriſcar, a nauegar, quãdo Deos lho mande. p.326. *Necedade.*

Os necios, huma vez que começarem a porfiar, hão de porfiar por toda a eternidade. p.137.

Neceſſidade.

O mais neceſſario,he ſempre o mais difficultoſo. p.218.

O

Obediencia.

A Primeira criatura que obedeceo à voz de Deos, foi a luz. p.189.

Obe-

Obediencia Religioſa, repreſentada nas Eſtrellas, que ſe repartirão em ordenança militar na batalha que Debora deu a Siſara. p. 177.
Tanto mais realça a obediencia, quanto he mais inferior a peſſoa, a que ſe obedece. p. 193.
Tres ſaõ os degraos da obediencia. p. 193.
Pella ſogeição da obediencia, alcança o Religioſo a indepẽdencia da ſua vontade. p. 209.
A obediencia, faz de duas vontades, huma. p. 210.
No ſeyo de Maria, fez Chriſto deſde o primeiro inſtante da ſua conceição, voto de obediencia. p. 211.
A virtude da obediencia, he effeito da aſſiſtencia do Eſpirito Santo. p. 211.

Obſtinação.

Não ha dureza ſemelhante à de hũ coração obſtinado. p. 87
A conquiſta de hum coração cegamente obſtinado, he hum trofeo reſeruado pera a preſença da diuindade. pag. 87. 88. & 89.

Oraçam.

A oração, he Retorica do Ceo, & o porque. p. 268.
As rogatiuas dos homens, ſaõ pregoens da diuindade. pag. 269.
Se Deos fora capaz de ſentimento, ſentira como graue afrõta, alcançarem os homens por juſtiça do merecimento, o deſpacho da merce, que não houuerão de conſeguir ſenão com a ſumiſſaõ da rogatiua. p. 271.
Chriſto, primeiro remio ao mundo com a Oração do Horto, do que o reſgataſſe com o ſangue do Caluario. p. 272.
A Oração do Horto, foi huma eſpecie de liſonja, que Chriſto quiz fazer ao Eterno Pay. *Ib.*
Por que razoens, ſuſpende Deos o deſpacho das merces que lhe pedimos? p. 274.
Não ha objecto mais agradauel aos olhos de Deos, que a humilde dependencia de huma alma, que perſeuera em lhe pedir. p. 276.

Na oração, não haucmos de pedir a Deos o que nós queremos, senão o que Deos quizer. p. 279.
Deos mostrase tal vez mais misericordioso em negar, do que em conceder o que lhe pedimos. *Ib.*

Ouro.

Porque razão, se gera o ouro debaixo da terra. p. 198.

P

Paciencia.

A Paciencia em Deos, he o brazão da sua fortaleza. pag. 288.
O timbre do valor, não consiste no alento com que se peleja, senão na paciencia com que se sofre. *Ib.*

Paço.

Porque razão o Paço, se chama Corte. p. 62.

Paixão de Christo.

Christo no theatro da sua Paixão, principiou pello fim, & acabou pello principio. p. 110.
Na Paixão deteue Christo as lagrimas pera dissimular os tormentos. p. 174.
A Paixão de Christo, he mais pera o silencio que pera o discurso. p. 163.
A Paixão de Christo, he hum sacrificio, em que a victima, os ministros, & os assistentes, por differentes razoens, emmudecem. p. 164.
Na Paixão de Christo, seguio a justiça diuina, o estylo da humana. p. 167.
Quatro forão os principaes ministros do sanguinolento sacrificio da Paixão de Christo. p. 168.
Todas as sciencias se encerrão na Paixão de Christo. p. 267.

Paixoens humanas.

Todas as paixoens humanas, sáo filhas do amor. p. 113.

S. Paulo.

Porque razão o coração de Paulo ſe abrandou de amoroſo, & o coração de Faraò ſempre ſe endureceo de obſtinado pag. 88.

Porque razão Deos triunfou da obſtinação de Paulo, & não reduzio a obſtinação de Faraò. *Ib.*

Pera huma alma remediar os exceſſos do peccado, he neceſſario, que procure de eternizar o arrependimento. p. 109.

Peccado.

O mar, que não ſente o pezo dos mais carregados nauios, não póde com o pezo de hum ſó peccador. p. 328.

O peccado, he hum nada. p. 329.

As pedras moſtrão tal vez mayor ſentimento dos peccados dos homens, que os meſmos homens, dos proprios peccados. p. 331.

Muito mais inſofriuel foi pera Chriſto, que he a meſma innocencia, leuarás coſtas o pezo dos peccados alheos, do que ſeria pera os peccadores o pezo dos proprios peccados. *Ib.*

Quatro apartamentos cauſa o peccado em Deos, & no homem, & quaes ſejão. p. 334.

Porque S. Ieronimo chama ao peccado, porteiro do inferno. p. 337.

O peccado em certo modo faz ſair a Deos do meſmo Deos. pag. 338.

De Adaõ, & Caim, naceraõ os ſete peccados mortaes. pag. 238.

Tem Chriſto tam grande ſentimento, em ſe apartar dos homens, que com ſeus peccados o offendem, que lhe o meſmo que huma lançada no coração o auſentarſe delles. p. 338.

O peccador, anda deſterrado de ſi meſmo. p. 339.

O peccado, aparta o homem do meſmo homem. *Ib.*

Pedro.

O coração de Pedro ſemelhante ao criſtal depois do pecca-

do, & na penitencia do peccado ſem elhante ao eſpelho. p. 86. & 87.
Obrou S. Pedro, mayores prodigios, que os do Senhor. p. 150.
A ſombra de Pedro illuſtraua os ſeus milagres no meſmo tempo, que os occultaua. p. 150.

Penitencia.

A eſperança de huma vida dilatada, he cauſa da dilação da penitencia. p. 100.
Deſejou o Senhor de eternizar a penitẽcia, que fez, dos peccados dos homens. p. 109. & 110.
Começar o edificio da penitencia, & não lhe dar fim, he edificar hum deſerto pera habitação do demonio. p. 295.
Na Corte do Ceo, o Eſtadiſta mais delgado, he o peccador mais penitente. p. 307.

Pharaò.

Porque não obrigou Deos a Pharaó a que reſtituiſſe aos Hebreos os bens, que lhe vſurpàra. p. 11.

Piſcina.

Porque razão reſoluia o Anjo as agoas da piſcina primeiro que nellas entraſſe o enfermo. p. 241.

Planetas.

Vide verb. *Sol, & eſtrellas.*
O centro dos Planetas, he o purgatorio das almas, ſegundo a opinião dos Platonicos. p. 160. & 161.
Em quanto tempo correm os Planetas, o giro da ſua eſfera. p. 190.
Porque razão Deos concedeo aos Planetas o titulo de Dominadores, antes que a nada do que produzio na terra. pag. 224.
Porque no dia do juizo ſe hão de eclipſar os Planetas. pag. 342. & 343.

Pobreza.

Deſcripção da pobreza do nada. p. 7.
Queixaõſe os pobres no Tribunal da diuina juſtiça da deſ-

igual-

igualdade com que Deos repartio os bens do mũdo. p. 27
Patrimonio dos pobres, depositado nas mãos dos ricos. pag. 28.
Os pobres, faõ os alicerses da fabrica do mundo. p. 30.
Do sustento dos pobres depende a conseruação do mundo. pag. 31.
Descança Deos naquelles, em que os pobres achão o seu descanço. p. 32.
Pobreza, representada nas Estrellas que caîrám do Ceo no dia do juizo. p. 177.
Quiz Christo parecer pobre, ainda depois de resuscitado. p. 180. & 181.
Com as riquezas da terra pizadas, forma a pobreza a sua coroa. p. 182.
Pobreza de Diogenes, digna de mayor estimaçaõ, que as riquezas de Alexandre. p. 200.
Aonde a pobreza escolhe o seu hospicio, alli assenta o Espirito Santo o seu Trono. p. 201.

Politica.

Questoens politicas, que os mayores politicos não sabem soltar. p. 235.
O mayor peccado que atègora se vio no mundo, naceo de huma errada politica. p. 305.
Todos os homens saõ peccadores, mas os politicos mais peccadores que todos. p. 306.

Porfia.

Huma vez, que o necio começara a porfiar, ha de porfiar por toda a eternidade. p. 137.

Portugal.

Aos Reys de Portugal, offerece a natureza nas correntes do Tejo, o motiuo de seus desuelos. p. 222.
O Reyno de Portugal està debaixo do patrimonio da Santissima Trindade ha mais de mil & seiscentos annos. p. 1. & 2.
Imperio do mundo reseruado pera Portugal. p. 254.

Possuir.

Aos que se desapossão dos thesouros do mundo, abre Deos o thezouro das suas luzes. p. 183.

As riquezas não são nossas quando as possuimos, só quando as desprezamos, são nossas. p. 197.

Pouo.

A hum pouo por rude que seja, não faltão estratagemas, quando medita estragos. p. 171.

Prègador.

Só quem lograr as independencias de hum Deos, se atteuerà a reprender as culpas de hum Rey. p. 61.

Primazia.

Quem foi o primeiro na execução de hum acto heroico, merece ser o primeiro na singularidade do premio. p. 57.

Priuado.

Qual he mais conueniente a hum Rey, ter hum priuado, ou não telo. p. 237.

Prophecia.

Prophecias enigmaticas da Encarnação do Verbo. pagin. 46.

O prophetizar he proprio dos velhos, & dos moribundos. pag. 47.

R

Rayo.

RAyo, symbolo do Sacramento, p. 62.

Rayo, symbolo do amor. p. 136.

Redempção de catiuos.

As tres Pessoas da Santissima Trindade remirão a tres mundos de tres differentes catiueiros. p. 3. & 4.

Religiosa.

Religiosa, na clausura, comparada com a perola, com a roza, & com o Sol. p. 148.

Não

Não fie de ninguem o ſegredo da ſua vocação, quem deſeja de ſe fazer Religioſo. p. 151. & 152.
A obſeruãcia dos tres votos da Religião figurada nas Eſtrellas. p. 177. & 178.
Com a profiſſam dos tres votos, alcança o Religioſo, as riquezas de tres mundos. p. 197.

Relogio.

Todas as partes de hum Relogio, ſe achão na fabrica do mundo. p. 112.
O Trono de Jehù Rey de Iſrael, foi aſſentado em hum relogio. p. 113.
Concertou a humildade de Chriſto o Relogio do Ceo, que a ſoberba de Adão deſconcertara no principio do mundo. p. 119.
Reprenſaõ. vide verb. *Cenſura.*

Reſpiração.

Porque com os alentos da ſua reſpiração, cõmunicou Deos a vida a Adão? p 276.
O vltimo ſuſpiro que Chriſto lançou na Cruz, foi huma eſpecie de reſpiração, & com que tornou a vnir o homem com Deos. p. 351.
Mais alẽtada parece a reſpiração de Chriſto com deſmayos de moribundo, do que a reſpiração do meſmo Deos com alentos de immortal. *Ib.*
Que não he muito, que Chriſto reſpire com grande alento quando morre, pois atè depois de morto continúa em reſpirar. p. 352.

Reſurreição.

A reſurreição dos corpos, he effeito do corpo de Chriſto no Sacramento. p. 92.
Porque razão, o Senhor depois da ſua Reſurreição prohibio à Magdalena que o tocaſſe. p. 106.

Rey, & Reynar.

O Rey, que não he juſto, não he Rey. p. 76.
Os Reynos da terra, ſaõ columnas de âr. p. 250.

O desconcerto dos Reynos, consiste em que as cabeças se fazem pés, & os pés cabeça. *Ib.* & p.251.
Como a Rèpublica das aruores, intentou de eleger hũ Rey que a gouernasse, & o que resultou. p.318.
A testemunha que hum Rey póde ter dos seus costumes, hé a sua propria coroa. p.320.
Serão os Reys tanto mais soberanos, quanto mais se mostrarem cuidadosos. p.222.

Rethorica.

Tres saõ as partes da Rethorica do Ceo, & quaes sejão. pag. 268.

Rico, & Riquezas.

Os ricos saõ os depositarios do patrimonio dos pobres. pag. 28. & 29.
Desprezár as riquezas, hé artificio pera se enriquecer. p.199.

Roda.

Nas duas rodas que vio Ezechiel, se representa Deos, & o mundo. p.124.
Roda, jeroglifico da eternidade. *Ib.*
Porque razão, puzerão os Egipcios em todos os seus Templos, huma roda. p.253.
Os coraçoens dos peccadores saõ como as rodas do carro, & o porque? p.301.

Rogar.

Se Deos (por impossivel) não fora Deos por natureza, em hauendo homens que o rogassem, fora Deos na apparencia. p. 269.
O não rogar a Deos, hé pera Deos a mayor afronta. p. 270.

Romaã.

Romaã, na estremidade das vestiduras do Summo Sacerdote, symbolo da humildade. p.132.
Romaã, jeroglifico do amor, & da vnião. p.132.

Ro-

Romanos.

Artificio com que os Romanos occultauão a morte dos seus Emperadores. p. 235.

Forão estolidos os Romanos em attribuirem a diuindade aos seus Cesares, com a adoração das Estatuas, que lhe leuantàrão. p. 270. *Rosa.*

Porque se chama a rosa, Rainha das flores. p. 308.

S

Saber.

VIde verb. *Sciencia.*

Por que razão, o saber, he o attributo do Verbo. p. 196

Sacramento da Eucharistia.

No sangue de Christo sacramẽtado està a vida d'alma. p. 12.

A presença de Christo sacramentado, he o mayor aliuio de hum catiuo. p. 13.

No fim do mundo Christo sacramentado se verà nos apertos de hum riguroso catiueiro. p. 15.

Està Christo mysteriosamente sacramentado no pobre, para que lhe agradeçamos a esmola que elle nos faz no Sacramento. p. 34. & 35.

Sacramento comparado com hum deserto. p. 53.

Sacramento, retrato da verdade. p. 69.

Pera o Christão se vnir com Deos no Sacramento, se ha de degolar a si mesmo. p. 78.

Deos no Sacramento, de nada faz tudo, de tudo faz nada, & vne o nada com o tudo. p. 85.

A instituição do Sacramento, foi o vltimo esforço do amor pera triunfar da ingratidão dos homens. p. 90. & 91.

Christo no Sacramento he huma setta despedida do Ceo, pera o aluo do coração humano. p. 91.

O Sacramento do Altar, conuerte os coraçoens dos fieis em Estrellas. p. 92.

Sacramento comparado com o rayo. *Ib.*

Do corpo de Christo sacramentado se origina a immortalidade dos corpos dos Bemauenturados. p. 93. & 94.
Quando Christo se sacramentou no Cenaculo, era noite no Relogio do mũdo, & era meyo dia no Relogio do amor. pag. 120.
O amor de Deos na instituição do Sacramento, eclipsou as mayores finezas obradas desde o principio do mundo, p. 121. & 122.
Depois da instituição do diuino Sacramento, determinou o Senhor de se entregar à morte, vendo que não podia dar mayores alentos ao Amor. p. 122.
Porque razão, tendo Christo do Eterno Pay preceito de morrer, não teue tambem preceito de se sacramentar. p. 123.
Porque razão presidindo a todos os mais mysterios o Eterno Pay, ou o Espirito Santo, nenhuma destas duas diuinas Pessoas presidio à instituição do Sacramento. p. 123. & 124.
Pera o Senhor perpetuar as finezas no Sacramento, repete os nacimentos, & multiplica os occasos. p. 142.
No Sacramento fica satisfeito o amor de Christo pera com os homens, porque está pessoalmente vnido com os homens no Sacramento. p. 158.
Se fora possiuel ao Senhor deixar ao Eterno Pay no Ceo, o deixara pera estar com os homens no Sacramento. pag. 159.
Logra Christo maior liberdade no Sacramento que no Ceo. p. 210.

Sacrificio.

Porque razão, não ordenou Deos aos Israelitas, que lhe sacrificassem coraçoens. p. 118.

Sangue.

Porque reserua Christo o sangue do lado, pera o derramar depois de morto. p. 297.

Sarça.

Sarça de Moyſes, figura do Sacramento. p. 184.

Saul.

Saul foi Rey atè a morte, & com tudo ceſſou de ſer Rey antes de morrer. p. 76.

Porque razaõ foi Saul coroado em Galgalà. p. 253.

Sciencia.

O verdadeiro fim que ha de ter o ſaber dos homens he o Amor de Deos. p. 266.

Em que vicios de genero o genio com que os homens ſe enclinão ao ſaber. *Ib.*

A cegueira do entendimento humano, que anhela ao que não importa. p. 267.

Segredo.

Segredo, alma das grandes emprezas. p. 150.

O ſegredo, que ſe deue guardar com maior recato, he o da vocação religioſa. p. 151.

Seraphin.

Porque razaõ, nas gerarquias celeſtes, mais chegados eſtão ao trono de Deos, os Seraphins que os Cherubins. pag. 347.

Singularidade.

Quem com a ſingularidade das prendas ſe aparta do commum, não ha de entrar no numero dos que em comum ſe aplaudem. p. 59.

Sol.

Porque rezão ſe eſcurecerà o Sol no fim do mundo. p. 37.

Engenhoſa pintura com que hum antigo repreſentou ao Sol principio do calor, principio do mouimento, & principio da vida. p. 81.

Tres generos de coraçoens recebem as ſaudaueis influencias do Sol Sacramentado. *Ib.*

Em tres partes ſe diuide o curſo do Sol. p. 122.

Porque razaõ, ſo Sol apreſſou o ſeu occaſo na Paixão, & na Reſurreição; accelerou o o ſeu nacimento. p. 133. & 134.

Estaua o Sol no signo de Virgem, quando começou a luzir. p. 186.
No principio do mundo, casou o Sol com a luz. p. 189.
Quantas legoas corre o Sol no espaço de hũa hora. p. 191.
Foi o Sol criado na terra, como plebeo, antes de reynar no Ceo, como soberano. p. 217. & 218.

T

Tantalo.

TAntalo, retrato dos sequiosos da gloria. p. 222.

Tempestade.

Nas agoas do Lauatorio, leuanta o amor diuino hũa tempestade, em que os homens, & os Anjos perdem a Deos de vista. pag. 131. 132. & 133.

Tempo.

Não se ha de medir a excellencia do sogeito pella precedencia do tempo. p. 238.

Testamento.

Ventagens, que o Testamento nouo leua ao antigo Testamento. p. 121.

Theologia.

Mayor estudo ha de pôr o Christão na Theologia practica, do que na especulatiua. p. 347.
Duas especies de Theologia. *Ib.*
A verdadeira Theologia, he saber amar a Deos. p. 348.

Transfiguraçaõ.

Porque razão preuenio o Senhor os triunfos da sua Resurreição com os resplandores do seu corpo transfigurado. pag. 35.
Tranfiguração, retrato do Sacramento. p. 36.

Trindade.

Explicação da independencia das tres diuinas pessoas no mysterio da Santissima Trindade. p. 2. & 3.

As tres peſſoas da Santiſſima Trindade, Redemptoras de tres mundos. p.3.

Religião da Santiſſima Trindade.

Religião da Santiſſima Trindade, ſemelhante às tres Peſſoas diuinas na Redempção de tres mundos. p.4. & 22.
Excellencias da Religião da Santiſſima Trindade. p.9.
Os filhos da Santiſſima Trindade, competidores da diuina Omnipotencia. p.10.
Zelo dos filhos da Santiſſima Trindade nos reſgates dos Chriſtãos catiuos, dirigido à frequentação dos Sacramẽtos mais que à recuperação da perdida liberdade. p.13
Religião da Santiſſima Trindade durarà atè o fim do mundo. p. 14.
No fim do mundo a Religião da Santiſſima Trindade remirà a Chriſto ſacramentado do catiueiro do Antichriſto. p. 16.
Os filhos da Santiſſima Trindade, preſeruão aos Chriſtãos, que reſgataõ, do catiueiro do peccado. p.18.
Por meyo da Religião da Santiſſima Trindade reſtitue o Eſpirito Santo ao mundo os furtos innocentes, que continuamente faz por meyo das outras Religioens. p.20.
Reynos em que a Religião da Santiſſima Trindade teue antigamente, & hoje tem muitos Conuentos. p. 21.

Triumpho.

Coſtume dos Romanos no dia do ſeu triunfo. p. 80.
Deſcripção do triunfo de Pompeo, de Ceſar, & de Octauiano Auguſto. p.80. & 81.

Tyranno.

Antes da criação do mundo, o nada era o tyranno da natureza. pag.5.
Enumeração dos tyrannos, que perſeguiraõ a Igreja nos ſeculos antepaſſados. p.239.

V

Valor.

VIde verb. *Esforço.*
O valeroſo, toma os eſtoruos da ſua gloria pera incẽtiuos do ſeu esforço. p.135. & 136.
Qual mais acreditou ſeu valor, Sanſaõ derrubãdo as colũnas do templo pera oprimir os Filiſteos, ou Chriſto Senhor noſſo deixando em pè a colũna do Pretorio, pera triũfo dos verdugos? p.288.

Veado.

Traça, com que os veados encobrem ao caçador as ſuas pizadas. p.151.

Velhice.

Velhice do mundo. p.255.
Saõ os velhos, incapazes de emenda. p.256.

Verbo diuino.

Porque razão, ſe attribue à peſſoa do Verbo o ſaber. p.196.

Verdade.

A quem traz a eſpada da verdade na boca, não pòdem faltar coroas na cabeça. p.64.
Quem diz aos Grandes a verdade, arriſca a vida. p.65.
Nas tres Peſſoas diuinas ſe achaõ tres generos de verdade. pag.67.
Porque razão, o Eſpirito Santo ſe chama Eſpirito de verdade. *Ib.*
As verdades naõ chegão aos ouuidos dos Reys, ſenão deſmayadas, ou mortas. p.68.
Sacramento do Altar, retrato da verdade. p.69.

Vida, & viuer.

A eſperança de viuer muito, ſuſpende as reſoluçoens do arrependimento. p.100.
Porq̃ razão, o ſacrificio da vida, he a mayor fineza do amor?

Virgem Senhora noſſa.

Porque razão, não reſpondeo a Senhora quando o Senhor lhe fallou na Cruz. p.173.

Vnião.

A vnião, he effeito do amor. p.158.
Traça de dous amantes, pera eſtar em vnidos ainda depois de mortos. *Ib.*
Dous ſogeitos de differente natureza não ſe pòdem vnir, ſe hum não ſe deſpoja das proprias calidades pera transformarſe no outro. p.160.
Opinião dos Platonicos, ſobre o modo com que as almas dos defuntos ſe vnem com Deos. p. 160.
A vnião que ſe alcança com Deos, he conſequencia do deſapego da terra. p.160.

Vontade.

No imperio da vontade, conſiſte a ſemelhança do homem com Deos. p.209.

Voz.

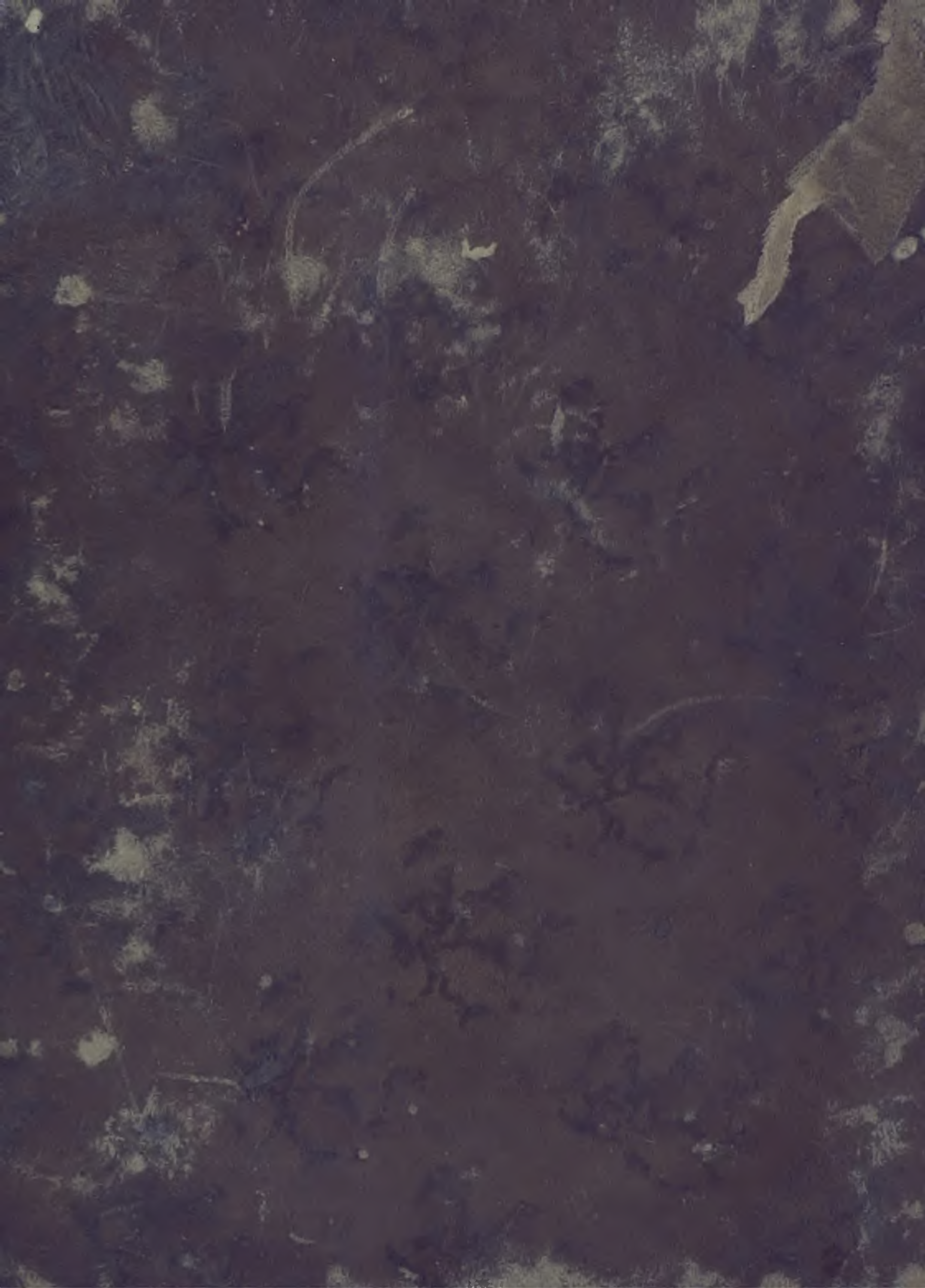
Perfeiçoens de huma boa voz. p.45.

Z

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Zacheo.

PORque Zacheo foi a vnica peſſoa, que o Euangelho notou de pequeno. p.315.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

025